This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

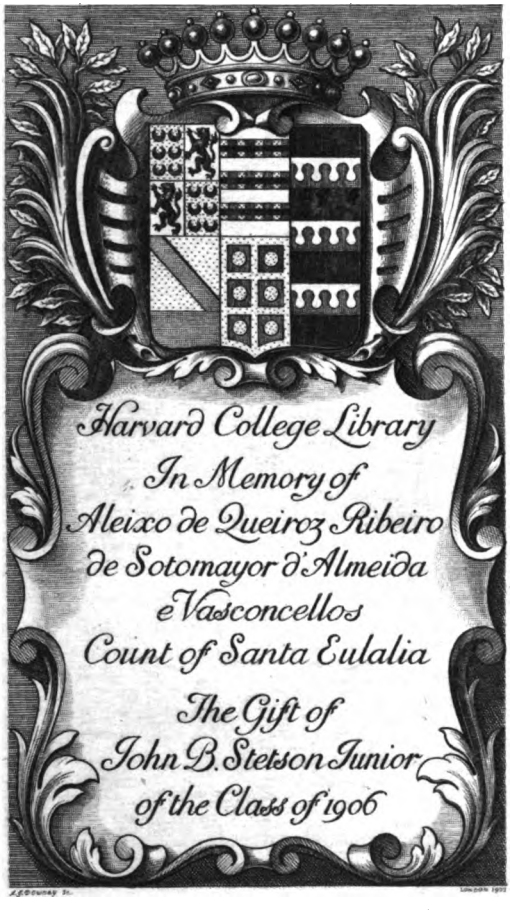
About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

WIDENER
HN ZL3T %

Digitized by Google

P Port 331.18



Digitized by Google

Digitized by Google

Contains parts of Memorias reanscitadas da Antiga Guimarães, by Torquato Peixoto d'Azevedo, and parts of Os Mysterios de Paris by Eugène Sue.

Digitized by Google

Digitized by Google

P Port 331.18

Revista litteraria

Digitized by Google

MEMORIAS RESUSCITADAS

DA

ANTIGA GUIMARÃES

PELO

P. Torquato Peixoto d'Azevedo.

EM 1692.

PORTO:

TYPOGRAPHIA DA REVISTA,

Rua dos Ferradores n.º 31.

1845.

Digitized by Google

HARVARD COLLEGE LIBRARY
FROM THE LIBRARY OF
FERNANDO PALHA
DECEMBER 3, 1928

Digitized by Google

Vamos publicar o seguinte inedito, intitulado — *Memorias resuscitadas da Antiga Guimarães*, por entendermos que a propagação de noticias dispersas, e até agora occultas sobre as cousas da nossa terra, tem sempre muito de proveitoso.

O MS. que damos á luz, não tem, segundo o nosso fraco entender, um grande merito litterario, nem mesmo, com franqueza o confessamos, um forte interesse de novidade; é além disso diffuso, em quanto emprega não pequeno numero de capitulos em assumptos estranhos ao proposito da obra, assim mesmo presumimos que algum serviço fazemos ás lettras e á historia, e por isso não hesitamos na sua *publicação*.

Para noticia do A. copiamos da Bibliotheca de Barboza o seguinte ,,

,, Torquato Peixoto de Azevedo, Presbitero do habito de S. Pedro, nasceu na celebre villa de Guimarães a 2 de Maio de 1622, sendo filho de João Rebello Leite, e Izabel Peixoto de Azevedo. Desde a primeira idade até á ultima se applicou ao estudo da Historia Sagrada, e profana não lhe devendo menos applicação a Genealogia, em que sahio eminentemente versado, como testemunham trinta e cinco volumes

Digitized by Google

de folha que deixou escriptos, dos quaes se conservam vinte e dous em poder de Manoel Peixoto de Guimarães Freitas e Miranda, parente do Author, com varios cadernos de importantes noticias, que podem formar tres volumes de folha. Falleceu a 23 de Junho de 1705, quando contava 83 annos de idade. Escreveu : ,,

" Memorias resuscitadas da antiga Guímarães, fol. M.S. Esta obra que vio o doutor Francisco Xavier da Serra Crasbeeck, Corregedor de Guimarães (de quem em seu lugar se fez memoria) a allega no prologo do Catalogo dos prióres móres de Guimarães, o qual sahio impresso no 6.° tomo da Collecção dos Documentos da Academia Real. ,,

" Os 22 volumes que conserva Manoel Peixoto, constam das vidas de diversos reis de Castella, e Portugal, duques de Lorena, e de Bragança; descendencia da casa de Austria, e da real de Castella, com uma censura contra Fr. Bernardo de Brito, e Manoel de Faria e Sousa, em defensa da cidade do Porto. Doze desses livros comprehendem a Genealogia das familias do nosso reino, examinada com judiciosa critica. Do author, como da obra faz breve memoria o padre D. Antonio Caetano de Sousa. Apparat. á Hist. Gen. da Cas. Real Portug. p. 129 — n.° 149. ,,

O Editor.

Digitized by Google

MEMORIAS RESUSCITADAS

DA

ANTIGA GUIMARÃES.

PREFAÇÃO.

Aquelle tão valoroso, como discreto, e grande Alexandre Magno, por disfarce da magestade, quando junto da *sepultura* de Achiles chorou, bem conheceram os circumstantes, que o excesso de suas lagrimas não fôra nascido de inveja ás excellencias de Achiles, porque nunca a soube ter de alheias emprezas por mais agigantadas que fossem: mas porque as de Achiles foram decantadas por Homero, que as fez permanecer vivas em todas as idades por meio da sua escriptura; por este ser o planeta que fere raios no monte da eternidade, cujo resplendor nella sustenta os poderes da morte, e desfaz toda a nevoa ao esquecimento, vestindo-o de uma luz clara para perpetua duração. Por suas muitas, e insignes partes de invicto, e liberal aspirava Julio Cesar a estas immortaes memorias, porque conhecia, que pela escriptura se segura o nome immortal dos Principes, e por essa rasão escrevia em um

Digitized by Google

livro de noite tudo o que obrava de dia maravilhoso; para que nas brandas folhas delle ficasse mais duravel sua fama, do que o Brazão esculpido no bronze mais duro, porque dura menos o forte fiado no poder do que o brando não aspira mais que a conservar-se. E assim foi costume uzado entre os antigos, entre principes, e cavalleiros de maior nome, para mais particular conhecimento, deixarem escripta para abono de sua descendencia, a acção mais gloriosa que tivessem obrado na maior empreza; tirando della as divisas e timbres, para com maior respeito ficarem vivas suas memorias na continuação do tempo, por lhe ter mostrado a experiencia, na sua pouca constancia, a breve ruina das cousas que delle se fiam. E se vio, por exemplo, naquelles, que fabricando Mausuléos, Estatuas, Piramides, Torres, e Solares para memoria que foram por virtude nobres, por valorosos insignes, e por justos invictos, a que tudo atalhou a violencia dos influxos dos tempos; porque vemos os Mausuleos quebrados, as Estatuas arrastadas da inveja: as Piramides feridas dos raios, as Torres minadas, e os Solares mudados. Isto era o que sentiam as lagrimas do Grande Alexandre, succedesse ás suas excellencias, grandezas, façanhas, e victorias, que ficando entregues ao dispôr do tempo, elle mesmo as amortalhasse, e mettesse no sepulchro do esquecimento: e assim houvera de succeder, se por suas excellentes obras não houvera de ser um dos nove da fama, que tomaram suas particulares divisas para conveniencia de seu valor, e immortal noticia de seu nome. Cousa muito sabida é, que os primeiros destes foram de nação Hebreos, em que se conta por primeiro, a Josué que trazia em seu escudo em campo vermelho, papagaios verdes, e David, que foi o segundo, trazia em campo vermelho uma harpa de ouro. Foi o terceiro Judas Machabeo, que trazia em campo de prata um dragão roxo.

Digitized by Google

Os segundos tres da fama foram de nação Gentios, dos quaes foi o primeiro Hector, que trazia em seu escudo em campo róxo dous leões de ouro levantados, olhando um para o outro; foi destes o segundo, o nosso Alexandre *Magno*, que principio nos deu a nossas queixas do inconstante tempo, que trazia em campo de prata duas serpes verdes; Julio Cezar, que foi o terceiro em campo de prata trazia uma aguia negra. Os ultimos tres mimosos da fama foram christãos, que com melhor fortuna fizeram o seu seculo mais ditoso: delles se conta por primeiro o imperador Carlos Magno, rei de França, que trazia o seu escudo feito em Pala, no primeiro em campo de ouro uma aguia negra, antiga divisa do Imperio; na segunda palla em campo azul tres lirios de ouro, que são as armas reaes do reino de França. Foi o segundo, Godofredo rei de Jerusalem, que trazia em campo de prata uma cruz de ouro, como conquistador da terra Santa. O terceiro foi Arthur, rei de Inglaterra, que trazia em campo azul tres corôas de ouro. Porem não foram estes escudos com suas honorificas divisas, fiadores de permanecer nas *idades futuras* o conhecimento de seus donos, se não abonaram com suas noticias os historiadores, e poétas, e chronistas tomando-as por assumpto de suas historias, para que em todos os seculos se achassem sempre vivas na repetição dos homens, porque como o escrever é o mesmo que dar vida, mal fizeram aquelles, que podendo-a dar a muitos sugeitos merecedores de eterna lembrança, os deixaram por falta de sua escriptora sepultados no esquecimento, pelo que desculpada fica a magestade de Alexandre em humilhar o seu poder ás lastimosas lagrimas, na consideração que os muitos tropheos, e victorias, que na vida alcançára, sendo do mundo espanto, e de seus inimigos terror, com elle ficassem esquecidos em uma sepultura. Com muita mais razão se está queixando

Digitized by Google

a minha muito amada patria, Guimarães, e seus habitadores, porque sendo a primeira do reino na nobreza, e sempre leal pela fidelidade de seus naturaes, e pelo seu valor muito notavel, de não ter quem deixasse em perpetua lembrança sua antiguidade, e excellencias: porque fiados os daquelles primeiros seculos, que as façanhas que obravam com a espada na defença da fé de Jesus Christo as não podia offender nunca os estragos do tempo; nos vindouros experimentavam a sua pouca constancia, que deixavam ás escuras as mais dignas memorias, de perpetua luz. As do sol divino implora a minha confiança me conceda com graça, a que me he necessaria para desempenho desta minha empreza, de Memorias resuscitadas da antiga Guimarães, para que meus naturaes com desculpavel agradecimento aceitem o desejo, que lhes offereço de os servir com uma vontade muito igual á de Homero, com seu amigo Achiles, para poder decantar emagradavel estilo as primeiras noticias da nossa antiga Araduza, e fundação da nova Guimarães, e sua igreja cathedral real, e como ella foi collocada á Virgem Santa Maria, e o motivo que houve para lhe darem o titulo de Oliveira; medindo sua grandeza, contando seus vizinhos, dinumerando as freguezias, de seu termo, concelhos, e coutos, e honras de suas comarcas; edificios, mosteiros, capellas, rios, pontes, e fontes suas vizinhas; Morgados, e casas de seus nobres povoadores, privilegios, isempções, e liberdades com que foram honrados de seus reis: casos, e successos que na sua defença, e do reino lhe succederam.

Digitized by Google

AO LEITOR.

Sempre a ociosidade, amigo leitor, foi mãe de vicios por inimiga da virtude, quem com ella se abraçou estragou a honra, e desamparou o credito, e abrindo-lhe as portas da vontade se sujeitou a elles para aborrecer o bom, e vestir de graça toda a maldade, e estimar em menos o amor de Deus, e do proximo: que as occasiões de offendel-o. Assim o tem mostrado immensos sugeitos, a quem esta inimiga das virtudes sujeitou a seu dominio, fazendo-lhe perder a alma, credito, honra, vida, e fazenda. O seu antidoto, e contrario é o trabalho que foi dado aos homens por lei, e preceito de Deus, porque sendo nosso primeiro pae Adão lançado do Paraizo terreal por não guardar o mandamento do seu creador, foi logo com o encargo de ganhar de comer com o trabalho, e suor de seu corpo, *ut gen. c.* 3.°, o qual encargo não foi limitado por tempo algum, senão por todo o tempo, *que durasse* sua vida: e esta sentença não comprehendeu sómente Adão, senão a todos aquelles, que delle descendessem, porque a todos abrangeu a culpa de sua ociosidade na vida do descanço, e dilicias do Paraizo, por ser o vicio que a virtude tem por maior inimigo: e é o seu dominio tão forçoso, que Christo Redemptor nosso trabalhou em contínuo exercicio até á morte para exemplo de todos os homens; mostrando-lhe, que o mesmo é estar ocioso, que não guardar os seus preceitos, como Adão fez no seu descanço, e nas suas parabolas reprehendia as virgens que dormiam, e aquelles que estavam ociosos na praça, e favorece aquelles que trabalham dizendo — Vinde a mim todos que trabalhaes — Math. 25, v. 20. E para não passar todas as horas do dia em

Digitized by Google

ociosidade, cousa tão abominada do mesmo Deos, me puz ao trabalho de escrever Memorias resuscitadas da antiga Guimarães, que supposto vos não sirvam de deleite na eloquencia, para o gosto, nem para o divertimento o alinho do estillo, achareis na tosca prosa alguma novidade, que não tereis lido desta notavel villa, e em seus naturaes alguns exemplos, assim para a conservação da vida humana, como para o conhecimento do perigo, de que nos devemos desviar para não chegar a perder a eterna, e procurar como bons amantes de Deus agrados para nos favorecer com a sua divina graça.

Vale.

Ao benigno agazalho com que o animo generoso, e antiga fidalguia de seu sangue, herdada pelos passados tem por antigo brazão amparar, e honrar a seus criados, se anima a confiança deste mais humilde capellão de V. m, a offerecer-lhe estas Memorias resuscitadas da antiga Guimarães; V. m. com a benignidade de tantas excellencias dotado, lhe não deve negar o patrocinio, por se dever ao assumpto, (como patria de tão excellente luzeiro) quando a não mereça o tosco da obra; porque a generosidade do sol, como principe dos astros na planta humilde favorece a belleza das flores, para que não desmereçam pelo rustico, o galante que dos raios do luminar tão nobre, agradecem: ás sombras do de V. m. deverá esta minha curiosidade o agazalho que pertende por trabalho deste seu capellão, estando favorecida de sua protecção, sahirá a campear livre dos temores da censura com que a inculca a incapacidade do sugeito.

Deus guarde a V. m. Guimarães 14 de Fevereiro de 1692.

Capellão de V. m.

Torquato Peixoto de Azevedo.

Digitized by Google

PROTESTAÇÃO.

Nestas Memorias resuscitadas da antiga Guimarães, tratarei de alguns naturaes seus, que vivendo, e acabando as vidas virtuosa, e penitentemente mereceram na morte (na fama vulgar) o nome de bemaventurado, para o que protesto humildemente como filho obediente, e servo da Santa Igreja Romana, que a minha tenção não é prejudicar aos servos de Deos, que tem legitima posse de serem já venerados, e que é venerar, e observar neste Tratado o Decreto do santo padre Urbano 8.º, passado a 13 de Março de 1625, confirmado depois aos 5 de Julho de 1634, os quaes, o mesmo Pontifice exceptuou desta lei. Nos sugeitos em que fallar guardarei a sua exposição, que deu ao proprio Decreto em 5 do mez de Julho de 1631. Pelo que torno de novo a protestar, que a estes servos de Nosso Senhor, de que disser suas virtudes, e prerogativas, não os quero com meu dizer qualificar por *santos bemaventurados*, por beatos, ou por martyres, nem pertendo attribuir-lhe culto, nem dispôr sua canonisação, senão com o conceito, que vulgarmente se tem daquelles que vivem bem; e finalmente não é tenção minha introduzir o que delles disser por approvado da Santa Sé Apostolica, senão deixal-os no mesmo estado, em que os achar; e com esta protestação, e declaração direi só dos que achar suas virtudes, não para os manifestar por santos (como tenho dito) senão para publicar sua penitente vida, e para tudo o mais de que tratar é meu firme, e verdadeiro intento não offender em cousa alguma o santo decreto, nem a nossa santa fé catholica, sendo acompanhado de um christianissimo desejo de augmentar, e honrar a meu Senhor Jesus Christo, e para que acerte em tudo em

Digitized by Google

agrado seu, imploro a Virgem Maria, sua Santissima Mãe, e Senhora Nossa, como fonte da divina graça, para soccorrer com ella a minha insufficiencia.

Torquato Peixoto de Azevedo.

Digitized by Google

MEMORIAS RESUSCITADAS

DA

ANTIGA GUIMARÃES.

CAPITULO I.

Em que se dà conta da primeira repartição do mundo, e limites da Europa.

Tem a antiguidade muitas sombras, porque são nella tantas as escuridades como os annos, e o que se soube bem esconder nunca se pode bem conhecer, pelo que acham os tempos testemunhas falsas nas historias, se os annaes não são verdadeiros, e he temeridade grande querer pôr á luz o seu principio, quando o descuido dos que viveram naquelles primeiros seculos não deixaram noticias de suas memorias; porque se a antiguidade vive dos movimentos do pulso, tambem se sepulta com as falsas intercadencias da mão; sendo ella o que mais acredita, é a que menos se sabe, e assim o disse o principe da eloquencia historica, *est testis temporum, lux veritatis; vita memoriæ. Cic. L. 2.° de Orat.* E é felicidade grande

Digitized by Google

para os modernos acharem para porte firme de suas emprezas, authores que escreveram as verdades de seus tempos, porque em materias de antiguidade, valem mais as tradições. A tradição, [illegible] assim o affirmam Gregorio Niceno: Orat. 3.ª contra Eunomium, que para vencer alguns da valia da tradição da antiguidade, porque se guiava. E assim para se tratar de pôr á luz as Memorias da muito antiga Araduza, e principio desta muito, e sempre leal villa de Guimarães, e sua collegiada real, e collocação da sempre Virgem Maria, a ella me valí dos authores da melhor nota, para que com sua verdade fique acreditado o assumpto, pois que a obra não poude vestir de agrados para o gosto dos leitores: e para tratar do lugar, e sitio desta nobre villa, farei uma breve descripção de Hespanha para lhe dar o primeiro sitio que teve nos seus limites.

Depois que na primeira idade do mundo aos 600 annos da vida do patriarcha Noé, noveno descendente de nosso pae Adão, pelos peccados dos homens gigantes, que senhoreavam de oriente a ponente, e opprimiam a todos, e se davam a todos os deleites, e não havia peccado, que não comettessem, sem terem respeito a Deus Nosso Senhor creador do ceo, e terra, permittio sua Divina Magestade, e ordenou o diluvio geral do mundo em que todos pereceram, e toda a cousa vivente excepto Noé, e sua mulher, e tres filhos, que foram Sem, Cam, e Japhet com suas mulheres, que foram oito pessoas, e as aves, e animaes que se salvaram na Arca, que por mandado de Deus foi para esse effeito fabricada. Tanto que o diluvio cessou, repartio Noé a seus filhos todo o mundo em tres provincias, Azia, Africa, e Europa, cercadas da redondeza do mar oceano.

A Azia por maior provincia deu Noé a seu filho mais velho Sem, a Cham deu a Africa, e a Japhet deu a Eu-

Digitized by Google

ropa, que é a que buscamos para nosso intento; a qual começa no estreito de Gibraltar, em fórma de mulher vestida, e sua cabeça é Hespanha, e vae correndo pela costa do mar para oriente até ao fim dos montes Pirineos, e cabo de Crus, França, e Italia até ao golfo do mar Adriatico, aonde fica Veneza, e vae costeando a Grecia, e Constantinopla, da qual, e de Roma ha tres vistas insignes: e de Constantinopla chega o mar Mediterraneo á bocca do mar do Helespponto, e á linha que atravessa o mundo do septentrião ao meio dia, e torna a dar a volta pelo mar maior até septentrião, e pelo mar Euxino, e lagôa Meothida, rio Labaçá, e rio Tanaes ao cimo dos montes Ripheos; que dividem Scithia de Azia até ao oriente, e a Scithia da Europa ao occidente, e chega á linha da divisão das Scithias até ao mar oceano septentrional.

Da Scithia de Azia foram naturaes as antigas Amazonas e os Turcos, e da Scithia da Europa foram naturaes os reis todos da Europa, e chega a linha, e divisão das Scithias até ao mar oceano septentrional, edificando na primeira provincia da Azia, os Tartaros, a insigne cidade de Samarcanda, patria do Grão Tarmelão, que a honrou com os tropheos, e despojos de suas famozas victorias, que teve de todo o Oriente, com ser coxo, e de baixo estado, chamado em sua lingua Themilang.

De Tartaria é a primeira provincia Moscovia na Europa, cujos moradores para o septentrião são tidos pelos ultimos da terra, e mundo, e baixando pela costa até o Occidente, se encontra com o mar coalhado, combatido com o vento Aquilo, e logo se segue o mar Antyco, em cuja paragem está a insigne cidade de Nogardia, e da terra firme do Moscovia ao poente, até Nodioxio seu derradeiro cabo, que toca em Zelandia, e outras Ilhas, no qual espaço se contém Noruega, e Suecia, provincias muito estendidas, nas quaes no inverno não dura mais o dia que

tres horas; e segundo Francisco Lópes de Gomara, na sua historia geral das Indias, na 1.ª Parte, dura ali o dia meio anno, em os seis mezes que o sol do Equinocio de Março ao de Setembro, que o não perdem de vista, e dura a noite outros seis mezes, que o sol abaixa do Equinocio de Setembro ao de Março.

Defronte destas provincias ha muitas ilhas, entre as quaes está o golfo de Livonia, e a ilha de Gothia, origem dos nossos reis Godos de Hespanha, e destruição de Roma, e ora se chama Gothlandia, a qual com pequena distancia de mar está apartada de Riga, cidade insigne de Livonia. E adiante na cidade de Riga está Zelandia, defronte da grande cidade de Rabóna, morada dos reis de Dacia, e dahi abaixa o Oceano ao occidente, costeando a provincia de Polonia, Alemanha, Flandres, França, Hespanha até tornar ao estreito de Gibraltar, donde fica escripta toda a Europa.

Donde entra o rio Vistola no mar septentrional, vôa correndo pelos confins da Scithia de Europa, contra o meio dia, e confina com a ultima parte da Germania, e ao oriente fica a lagôa de Meothis, o rio Tanaes, e os montes Ripheos até o oceano septentrional, e cabo da Moscovia, em a qual Scithia se contém a ilha de Galhia, ou Islandia, na terra firme della, que é muito estendida, ha grandes desertos, e grandes habitações de Moscovitas, Dacios, Hunos, Vandalos, Alanos, Suevos, Erulos, Lytuanios, Russos, Godos. Estas terras produzem muitos cavallos, e todo o genero de caça, e montaria, herva, mel, cêra, e gados, que he a principal fazenda, em algumas partes se colhe trigo, e cevada. Esta provincia está descoberta do monte Achilo, e por isso muito sadia: é abundante de chumbo, ferro, e perolas, esmeraldas, e zebelinas finissimas, pelles de castanhos, e gatos, preciosas vestiduras de Principes: mas não tem ouro, nem

Digitized by Google

prata, tem muito numero de gente, e todos inclinados a astucias.

CAPITULO 2.°

Em que se contém a descripção de Hespanha, e o que é descripção ou traça.

Descripção, ou traça é distincta em cinco partes; a primeira é Cosmographia, que é traça de todo o mundo, terra, e agoas, com a correspondencia que tem á parte do céo, e a figura deste é o Mappa mundi. A segunda parte é Hidrographia, que é a carta de marear. A terceira é Geographia, que é a traça da terra, e provincias, com as entradas, e sahidas, que o mar faz nellas. A quarta é Corographia, que declara os lugares, sitios, povoações, montes, vales, rios, campos, e costas do mar. A quinta, e ultima parte em que se divide a descripção é Topographia, que é traça particular de alguns lugares, e terras, de que usam os historiadores, da qual para melhor declaração desta historia, e gosto dos leitores se tocou no 1.° Cap., no qual só declarou a divisão das tres *provincias* Azia, Africa, e Europa repartidas, e possuidas, a primeira por Sem, a segunda por Cham e a terceira por Japhet, e seus successores.

Teve Japhet sete filhos, entre os quaes foi Tubal, unico deste nome, primeiro patriarcha, e principe da Hespanha, começou a reinar nella no anno de 1173, antes do Nascimento de Christo: durou a sua monarchia, e de seus filhos, e netos na Hespanha 370 annos, a qual é provincia da Europa; e diz Strab. no L. 3.° da sua Geographia, que a sua figura é quasi como um couro de vacca, deitando o pescoço á parte de França, da qual a dividem os montes Pirinéos, ficando de todas as mais partes rodeada de mar: tem ao oriente os montes Pirinéos desde Fonterabia até o cabo de Cruz, que são 80 le-

Digitized by Google

goas, para a parte meridional, tem o mar Mediterraneo, que corre entre Hespanha, e Africa até o estreito de Gibraltar, que são 230 legoas, e passado o estreito de Gibraltar tem o mar Oceano até ao cabo de S. Vicente, que são 40 legoas. A parte do occidente tem o mar Oceano desde o cabo de S. Vicente até ao cabo de Finisterra, que são 150 legoas, e do cabo de Finisterra da parte do septentrião até Fonterabia tem 124 legoas, com que vem a ter Hespanha com toda que roda em volta 624 legoas.

CAPITULO 3.°

Em que se dá conta dos portos de mar, que ha em Hespanha.

O primeiro porto de mar que ha depois dos montes Pirineos, e cabo de Crux para a parte do Meio dia é Colibre, e Rozas, Palafrigel, Pallamos, Samfitem, Blanhes, Cacella, Mortaro, Badalona, Barcelona, Sigues, Tarragona, Porto de Sallon, Cambrids, o castello de Miramar, a ponta de col de Vager, Templo de S. Jorge, Porto de Empola junto ao rio Ebro, os Alfaques, e aqui fenece o mar de Catalunha no rio Cirria.

Logo se seguem as marinhas do rio de Valencia, Porvinléiros, Filicarlon, Gonigela, o castello de Chiverta, serra de Oropeza, Castellon, a Povoa chinches, Canete de Mambredo, o grão da cidade de Valença, Culeira, Guandia, Denia, Tabnada, Venissa, Carpa, Bendorna, villa Sejoto, Alicante, e aqui dá fim o reino de Valencia.

Começa o reino de Murcia por Guardamar, a cidade de Cartagena com seu cabo de Palos, e pela fortaleza de Mocarron Portilha até ás Almerias, que é cidade do reino de Granada, e daqui vão as marinhas pelo cabo de Gatta, Porto Carvoeiro, Agaida, Almandra, Castello

Digitized by Google

das Roquettas, Adra, Berja, Bombel, Castello de Faramotril, Salobrenha, Almonsicar, Velles, Malaga, Castello de Girona, Barbella, Slapona, Gibraltar, aonde dão as portas do mar Mediterraneo de Hespanha. Agora se seguem os portos do mar Oceano Meridional, discorrendo pelas marinhas de Andaluzia; e logo por Tarifa, e os cabos de Prata, e Trafalgar, Conil, Ponta de S. Pedro; ilha de Cadiz, Porto Real, Porto de Santa Maria, Rota, Chapiona, S. Lucas de Barrameda, e aonde o rio Guadalquivir entra no mar, Tiqueira, ou Xarega, Val de Vacas, Pallos, Huelma, S. Miguel, Cartaya, Ayamonte aonde o rio Guadiana, entra no mar, e acaba o reino de Andaluzia.

Entram as marinhas do nosso reino de Portugal, sendo Castro Marim o primeiro porto, e logo se lhe segue Tavira, Faro, Cabo de Santa Maria, Alboreira, Alvor, Lagos, Sagres, Cabo de S. Vicente, aonde fenece o mar Meridional Oceano, começando em Gibraltar; logo se segue o Oceano Occidental discorrendo por Odemira Isceo de Pesegueiro, Sines, Setubal, Cezimbra, Cabo do Espichel, Cascaes, onde entra o rio Téjo no mar, Ericeira, Deriel, Pederneira, Selir, as Paredes, Buarcos, Ovar, Aveiro, S. João da Foz, aonde entra e Rio Douro, Mathozinhos, Leça, Leixões, Villa do Conde, aonde entra no mar o Rio Ave, Espozende, onde entra o Rio Homem, e Cavado, Vianna, onde entra o Rio Lima, Caminha, onde entra o Minho.

Seguem-se os portos de mar do reino de Galliza, e suas marinhas, em que daremos principio por Bayona, Vigo, Redondella, Ponte Vedra, Muros, Corvia, cabo de Finisterra, donde começa o mar oceano septentrional, de que é o primeiro porto Mengeia, Hays, Malpica, Cayou, Corunha, Pontedeimia, Ferrol, o cabo do Prior, Cadreira, os Aguilhões de Ortigueira, Ribeiro, S. Sibrão, Bosma, Richadeo, que é o ultimo porto de Galliza.

Digitized by Google

Entram depois as marinhas das Asturias de Ovodo, que é Castropol o primeiro lugar, Navia, Luaria, portos de Carneiro, Cadavedo, as Vathoutas, Artedo, Codilheiro, Aviles, as Penhas de Usso, e Gijon, Villa Viçosa, Ribadeulfa, Lhanes, que é o ultimo lugar das Asturias de Oviedo. Logo se seguem as ribeiras de S. Vicente de Barqueira, cabo de S. Martinho das Arcas, mosteiro de Santa Justa, que está meia legoa da villa de Santilhana, Santo André, cabo de Queixo, Laredo, Cabo de Ordialles, Vellas da costa de mar.

Seguem-se as marinhas de Biscaya em Portogalete, e Placencia, de Maydama, cabo de Macau, Bermeon' Mundaca, Lequeibo, Honradoa, ou Honrradoa onde fenece este Senhorio: e se segue Guipuscoa, Motrico, Deva, Cumaya, Gotaria, Orio, S. Sebastião, Passagem, Fonterabia, que é o ultimo porto do maritimo de Hespanha por terra, e por mar, que tem redondeza 624 legoas, de 4 milhas cada legoa.

CAPITULO 4.°

Em que trata da divisão de Hespanha, em tempo dos Romanos.

Os Godos como gente belicosa, sahiram de sua terra a conquistar muitas nações, e tendo muitos encontros de guerra em que foram vencedores, em alguns vencidos; em remate de tudo vieram a conquistar Hespanha, e tiral-a do poder dos Romanos, fizeram uma Monarchia, que durou 300 annos, começando em Ataulfo 1.° rei, até Rodrigo, que foi o ultimo, em que houve trinta e quatro reis Godos: no qual tempo sendo ganhada Hespanha pelos Mouros começou de haver muitos reis, e foi reduzida Hespanha a sete reinos, a saber: Castella; Leão, Navarra, Portugal, Aragão, Cordova, Granada. Outros jun-

Digitized by Google

tam Cordova, e Granada a Castella, e fazem cinco reinos, nos quaes havia quatorze conventos, audiencias, e chancellarias reaes em que se despachavam todos os negocios, e estavam situadas nas cidades seguintes: Tarragona, Çaragoça, Cartagena, Astorga, Lugo, Braga, Mérida, Badajoz, Santarem, Cadix, Cordova, Sevilha, e Sija. As grandes chancellarias duraram em tempo dos Romanos sómente, porque não ha liberdade possuida em muitos annos, que em poucos dias se não perca, se a fortuna se mostra favoravel aos contrarios.

CAPITULO 5.º

Em que se dá conta em como o reino de Portugal esta situado na ultima parte occidental da Hespanha, e comarca d'entre Douro e Minho.

Tinham por uso, e costume todas as nações do mundo quando esperavam alguma empreza de guerra, ou tinham occasião de jornada, antes de dar principio a qualquer destas cousas faziam sacrificios a Deus verdadeiro, ou a seus deuses, que lhes fossem favoraveis para terem em tudo bom successo. E se os Idolatras guardavam esta ordem, muito mais razão terei eu em pedir em meus sacrificios, e orações a Deus Nosso Senhor para poder sahir com as Memorias resuscitadas da antiga Guimarães á luz, como o espero de sua Divina Piedade, e favor de Sua Mãe Santissima, a quem o meu zelo o tem pedido para o seu desempenho. O reino de Portugal está situado na ultima parte occidental da Hespanha, a cidade de Lisboa, cabeça do reino, está situada em 39 gr. O reino está repartido em quatro comarcas, que hoje chamam provincias. A primeira é Alemtéjo, que comprehende toda a terra que está além do Téjo, em comparação de Lisboa, que está aquem do rio Téjo. A segunda é a Beira, e con-

Digitized by Google

tém de Lisboa até Coimbra. A terceira de Traz-os-Montes, e a quarta e ultima, é de entre Douro e Minho, que é de todas a mais pequena em sitio, porque não tem mais de nascente a poente de 13 legoas, e de norte a sul 18. E' esta comarca de entre Douro e Minho, uma ilha cercada de mar, e rios caudaes; porque do nascente tem o rio Tamega, de poente o mar Oceano, e do sul o rio Douro, e do norte o Minho, que todos são caudaes, e de nome

Com o rio Minho se dividem os dous reinos, Portugal, e Galliza, de modo que em comparação do reino de Portugal fica esta comarca d'entre Douro e Minho, como uma ilha cercada: em comparação do reino de Hespanha, é horta, é jardim, como lhe chama o jurisconsulto Manoel Barbosa nos seus manuscriptos. Está o meio della em 42 gr. e meio, tem em si duas cidades mui principaes, que é a cidade de Braga, primaz das Hespanhas, por se prégar nella o Sagrado Evangelho primeiro que em nenhuma outra parte das Hespanhas, Monarch. Lus. p. 3.ª l. 2.º c. 12 e 19. Sendo o seu primeiro prégador S. Pedro de Rates, discipulo de Sant-Iago, o 1.º arcebispo della. E' a segunda a cidade do Porto, que foi tão venturosa, que na sua muita antiguidade achou o reino o nome de Portugal, de que se honra, e é tão conhecido, e respeitado.

Tem mais esta ilha de entre Douro e Minho desasete villas acastelladas, e fortes. E' a primeira a nossa villa de Guimarães, Barcellos, Ponte do Lima, Viana, Caminha, Valença, Melgaço, Villa Nova de Cerveira, Monção, Nobrega, Lanhoso, Lapella, Giella, Lindoso, Castro Laboreiro, Cerolico de Basto, Villa do Conde, e além destas sobreditas Villas, tem outras desasete por cercar de grandes povoações; destas é a primeira S. João da Foz, Mathozinhos, Azurara, a Povoa, Fão, Espozende,

Digitized by Google

Rates, Prado, Ponte da Barca, Darque, Arcos de Val de Vez, Amarante, Entre ambos os Rios, Villa Nova de Famelicão: a estas (com licença de seu primeiro escriptor) tambem podemos accrescentar outras que na sua povoação e compostura não são de menos conhecimento, como cabeças de concelhos, é a primeira a villa do Arco de Baulhe, Aduana do Porto Sêcco, cabeçá do concelh de Cabeceiras de Basto, a Lixa, cabeça do concelho de Felgueiras, Villa Meãa, do concelho de Santa Cruz de Riba Tamega, Tufedo de Monte Longo, as quaes todas estão compostas em ruas para melhor se manifestarem por Villas, e por taes se dão a conhecer, e são nomeadas.

CAPITULO 6.°

Em que se dá noticia em como o reino de Portugal tomou o nome do Porto.

No capitulo atraz fallamos na cidade do Porto, por ser uma das principaes da Hespanha, a qual nesta idade imperiosa se denomina senão por primeira, por segunda, *pois até o sol* a sauda no sitio, e o ennobrece o Douro humilhando-se a seus pés, e a enriquece, e doura; e finalmente todo Portugal lhe gratifica o nome, que lhe deu pela maneira seguinte. Consta do antigo Itenerario, que o imperador Antonino nos deixou, contando as antigas povoações grandes que em seu tempo havia, de Coimbra, até Braga, nesta maneira, segundo o douto Diogo Mendes de Vasconcellos, interpreta escrevendo sobre as antiguidades de Portugal, que fez o mestre L. André de Rezendo.

Conimbrica	—	Coimbra.	Eminium	—	Agueda.
Talabrica	—	Aveiro.	Langobreia	—	a Feira.
Cale	—	o Porto.	Bracara	—	Braga.

Deste modo as nomêa o dito Imperador.

Digitized by Google

E porque a palavra, segundo nota no seu vocabulario Antonio de Nebrixa, vem de Calos, que significa porto bom, fresco e seguro, que é nome Grego, é que muitas cidades na nossa Europa, conservam, e se chamam Calles: assim esta conserva a interpretação de seu antigo nome, que é o porto derivado da palavra antiga Cale, que lhe deram os Gregos, seus primeiros fundadores: porque sabindo estes repetidas vezes a conquistar provincias, e muitas nações, vieram conquistar aquella nobilissima cidade de Troya, e seu rei Menelão, e se detiveram na conquista della 10 annos, no fim dos quaes foi assolada, e queimada, como largamente conta Homero, e Virgilio no tratado de suas ruinas.

Desta cidade de Troya os capitães Gregos se embarcaram, e navegando pela costa de nossa Lusitania, escandalisados da braveza do mar Oceano, buscaram arrimo na enseada e foz da barra do Porto. Entraram por ella, e vendo o monte de Gaya acommodado para seu descanço, no alto delle assentaram povoação, que vieram reclinando para o Douro, fugindo dos ventos para o mais agazalhado, quando não fosse para se valerem do sustento da pescaria; como ainda hoje vivem os que habitam naquella povoação, que teve seu principio, no anno de 1081 antes da vinda de Christo, como diz Faria fl. 37.

Os antigos, quando marcaram os sitios, que estão a par do mar e rios mui caudelosos, de ordinario se guiavam por suas figuras, e conforme a ellas lhe pozeram os nomes, segundo adverte Antonio Galvão no livro que imprimio dos descobridores das Ilhas, e assim aonde havia arêa em grande copia sem vaza para dentro lhe chamavam praia; aonde havia igualdade na terra mui comprida chamaram-lhe Bahia; aonde se abria alguma parte como meia lua diziam que lhe chamassem Angra; aonde se fazia alguma enseada fresca, escondida com penedos, e arvores, de modo que se podia communicar para dentro da terra

Digitized by Google

chamavam-lhe Cale, que é o mesmo que porto, que é o que nos serve para o nosso intento, demonstrar que este reino de Portugal tomou o nome desta cidade, e se a terra estava amontoada uma sobre a outra, e por onde quer que a tomamos retroeida em um cajado, chamavam-lhe Gaya, ou Gayta, que é o mesmo, e assim ha Gayeta em Italiano, e Gaieta ou Galheta na ilha da Madeira. E confirma com isto Strabão, quando no L. 5.º diz: *Cayetam sic esse appelatam a sinus curvitate, quia omnia curva locorum idiomate sic solent nominari.* Eis-aqui a palavra Gaieta diminutivo de Gaya, significa cousa curva como uma galheta; pelo que ainda que os Gregos fizessem seu ass nto em Gaya, nem por isso ficou a este lugar o nome de Cale, porque Gaya significa terra curva, mocissa, inteira, torcida; e Cale porto plano, fresco, e mettido pela terra dentro, e por isso são vocabulos contrarios, e junta a palavra porto com cale se pronunciam ambas juntas portucale, que com pouca corrupção ficou em Portugal, nome de que muito se honra este reino, pelo tomar de tal cidade, situada na enseada do Douro entre arvores, e penedos.

Temos visto ao imperador Antonino chamar ao Porto Cale, e no vocabulario de Antonio de Nibrixa significar a palavra Cale porto bom, fresco, e seguro; e pela demarcação dos antigos ter o mesmo nome, com que por muitas razões nunca a palavra cale se pode tomar em modo que signifique Gaya, como alguns authores cuidaram para lhe chamarem Portogale, derivado de Porto e Gaya. E reforçando mais a razão de que a cidade de Gaya cabe na Lusitania, que começa desde o Douro para Coimbra, e o Porto pertencia propriamente ás provincias das Gallizas, por onde não teve nunca por seu metropolitano o arcebispo de Merida, que o era das igrejas da Lusitania, senão ao de Braga que o era de ambas as Gallizas Lu-

Digitized by Google

cence, e Bracharense. E assim não devemos seguir aos que escreveram, que este reino de Portugal tomou o nome de Porto e Gaya, senão de Porto, e Cale, por este ser o verdadeiro nome da cidade, como affirma Fr. Luiz dos Anjos no seu jardim de Portugal.

Tão pobres viveram os Gregos na sua povoação de Gaya, que uzavam para as pescarias de jangadas, e canôas de um páo, como affirma Brito a fl. 107: e nesta miseria os acharam os Carthaginezes, quando com o seu capitão Emilion, sacudidos de uma tempestade tomaram porto na foz do Douro com a sua armada, em uma enseada que ainda hoje se chama S. João da Foz, e como procuravam saber onde estavam, não passaram muitos dias que se avistaram mais acima com os Gregos de Gaya, homens praticos, e de bom viver, e diz Brito a fl. 116, que foram delles bem recebidos, e providos para seguirem a sua viagem, e acceitaram os doentes de mar, e outras mais gentes Carthaginezas por não poderem hir na armada, em razão dos poucos vasos que della ficaram, pelo mar ter tragado a maior parte delles; despedidos que foram para o mar trataram de se acommodar na terra os que ficaram, cazando-se com a gente Grega de Gaya, com que ficaram todos parentes, e desta gente se fundou a cidade de Braga no anno de 431, antes da vinda de Christo.

Era Gaya logar de tão pouco nome, e de tão pouca conta que nem Strabo, nem Pomponio, nem Plinio, e Ptolomeu, que foram os authores antiquissimos, fizeram caso della, e se ella fôra cidade ou porto houveram de fallar della. Mas este nome Cale, ou Porto, foi dado pelos Gregos áquella enseada aonde desembarcaram, aonde muito depois apar della se fundou a cidade do Porto, que hoje existe, e por essa razão nenhuma acho em Brito em umas capitulações que fez entre a gente da cidade

Digitized by Google

de Braga e do Porto, dizer nellas, que 28 annos antes da vinda do Christo havia cidade do Porto, se sómente houve Gaya, fundação de Gregos depois da vinda de Christo 359 annos.

Diz o mesmo Brito, que o povo de Gaya depois da vinda de Christo se mudára para melhor sitio, que fôra para onde está desta banda a cidade do Porto, e diz que por ser o tal sitio em um valle, e entre dous montes, no que recebeu engano notavel, porque á vista dos olhos estamos examinando o contrario, em que toda a cidade do Porto está fundada em cima de penedía, e tão costa acima, que não consente valle. Porém supposto que não haja authores que fallem desta mudança, eu quero dar credito a Brito, e Faria, que neste particular o ajuda, no que dizem, mas em differente sitio, que elles não disseram, porque a fazer-se esta mudança foi para a Miragaya, que está em um valle tão deleitoso, que tudo nelle é fructa de espinho, e tão saborosa, que se cria com as agoas das Virtudes: os dous montes que elles dizem são Monchique, isto é, Monte Chico, ou pequeno, e o monte de S. João o *Novo*, que como consta das escripturas antigas dos religiosos de Santo Agostinho, que no alto delle tem hoje convento, se chamou S. João do Monte.

Tenho mostrado o sitio com clareza tão sem duvida, que quem a tiver á vista dos olhos a póde desfazer melhor, que os dous escriptores nomeados me hão-de mostrar, quando Miragaya foi cidade, e teve muros, como Brito diz nas suas capitulações, e para melhor corroborar, e esforçar a minha opinião, digo, que o martyr S. Pantaleão foi mandado martyrizar pelo imperador Diocleciano, que reinou nos annos de 283, depois do Nascimento de Christo, e lançado o sagrado corpo no mar veio dar á barra, e entrando pela foz do Douro aportou em Miragaya aonde viviam os Armenios, e ainda naquelle lu-

Digitized by Google

gar se passeia uma rua que se chama Armenta, e o collocaram na sua igreja de S. Pantaleão, e nella esteve muitos annos; pelo que se neste lugar, neste tempo houvera cidade, só nella o haviam de honrar, e venerar como hoje se venera na Sé da cidade do Porto, para onde foi trasladado da dita igreja de S. Pedro, ficando só nella um braço. No que se mostra, que Miragaya nunca foi cidade, nem teve Sé, nem foi cercada de muros.

A maior povoação de Gaya, e Miragaya foi quando entraram os Mouros em Hespanha por branda lastima de Cava, filha do conde Julião, e destruição d'el-rei Rodrigo: e se multiplicaria pelo tempo adiante d'el-rei mouro Aboazar, a quem Ramiro roubou a irmãa D. Urraca, historia que só da povoação de Gaya se conta, e é de crêr, que assistindo nesse tempo um Rei em Gaya seria grande sua povoação, e se lhe poderia chamar cidade com mais razão, do que antes da vinda de Christo 28 annos, sendo naquelle tempo seus moradores uns pobres pescadores, que nem um barco tinham por cabedal, nem alí se acham outros alicerces, nem muros de defença, mais que um castello de argamaça e tijolo, que os Mouros fizeram, quando elles deixaram em Hespanha sumptuosas obras de pedra principalmente entre Douro e Minho; tambem se podiam fortificar com a pedra dos muros, e da cidade, que Brito diz no tempo das capitulações. Porém o certo é que não faltam, nem faltaram em Gaya pedras para se fabricarem os muros, e fortalezas, mas faltariam pedreiros, pois ainda no tempo dos Mouros para fabricarem a fonte d'el-rei Ramiro, unico regalo de seu palacio, ainda hoje se vêem tres pedrinhas por parapeito de um charco, sem mostras de picão, e sendo isto nos annos d'el-rei Rodrigo depois do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 711 annos.

Gaya e Miragaya não são lugares que estejam jun-

Digitized by Google

tos um com outro, porque os divide o rio Douro, ficando Gaya em um monte alto da parte do sul, e por ser povoação mais antiga, e Miragaya ser edificada depois defronte della da outra parte do Douro para o norte, lhe pozeram na sua fundação o nome, que hoje observa de Miragaya, por estarem fronteiras uma da outra, sendo que Gaya é muito mais antiga, e com o ser ainda hoje conserva naquelle lugar em pé a sua Alfandega, em que se pode vêr, que seus moradores deixaram encarregado de paes a filhos a conservação della, para que em todos os seculos se possa conhecer na realidade, e não por vestigios, a que muitas vezes as tradições mudam o ser, que foram na sua realidade.

Temos mostrado o que foi Gaya, e Miragaya, e o engano que recebeu Brito no assumpto que deu á cidade do Porto, agora mostraremos a antiguidade sua, e o lugar do seu sitio. Foram os fundadores da cidade do Porto, que hoje existe mais que nunca populosa, os Suevos no anno de 982, depois da vinda de Christo, aonde antigamente estava uma villa que se chamava Testabales, que é o lugar onde hoje está situado o mosteiro das freiras de S. Bento, ficando-lhe de fóra a Teraza, e a antiga Testabale. Desta Teraza, e antiga Testabale nasce um rio que vae pelo meio da cidade, que é hoje a rua do Souto, e pelas Congostas, e Rua Nova a desagoar ao postigo das Taboas, e postigo da Ribeira, o qual não tem outro nome senão o rio da villa Teraza, o Testabale. Esta villa Teraza situada acima da villa de Testabale para entre o norte, e nascente, onde hoje chamam porta de Cima de Villa, onde está a Senhora da Batalha, que é uma das portas principaes desta cidade. E constava antigamente esta villa Teraza de muito pequena povoação, e tinha sómente uma rua, a que chamavam antigamente rua das Eyras, e hoje chamam a rua Chãa, e eram mais

Digitized by Google

antigas que a cidade, que hoje chamam Porto: porque o primeiro fundamento desta cidade foi um alto aonde hoje está a Sé, e a capella da Senhora de Vandoma, a qual no cunhal da parte do norte para onde se passa por um bêco de traz da camara, e torre, que hoje chamam das Feiticeiras, está escripto em letras gothicas estas palavras — Testabole Villa — a qual pedra foi trazida de outra obra da villa do Testabale no tempo de sua ruina; e a puzeram naquelle lugar quando se trabalhava naquella capella, e quando se continuou com os muros da cidade se abrio nelles uma porta a que chamam a porta da Vandoma, e outra o postigo de S. Sebastião, e por detraz do paço do Bispo, e portaria dos padres da Companhia está outra a que chamam a porta da Senhora do Postigo.

Depois dos Suevos darem principio a esta cidade do Porto foi ella possuida pelos Mouros; e depois D. Sizinando e seu irmão o general os botaram fóra della, no que ella sentio grandes ruinas que reedificaram os Gascões depois de ser possuida do dito D. Gonçalo irmão do dito D. Sizinando, a quem concedeu elle senhorio D. Bermudo, e seu sobrinho D. Affonso o casto, e quando o dito D. Sizinando, e seu irmão lançaram aos Mouros fóra della, pozeram a Senhora de Vandoma na porta da cidade em memoria da batalha que lhe deu contra os Mouros.

Como esta cidade foi fundada no sitio do territorio das villas Testabole, e Teraza, quando se fundou outra da parte d'além do Douro para a parte do sul, lhe pozeram a esta o nome de Villa Nova em razão de se differençar das primeiras que eram mais antigas, o qual ainda hoje observa com grande povoação.

Digitized by Google

CAPITULO 7.

Em que se dá noticia dos rios notaveis d'entre Douro e Minho, seu nascimento, e qualidades de agoas, e fortalezas que tem na costa do mar.

Fica dito atraz, como a comarca dentre Douro e Minho se divide e aparta com tres rios Douro e Minho que estão de norte a sul, e pelo rio Tamega, que está ao nascente; destes tres rios o Douro é o mais principal, por ser um dos mais notaveis da Hespanha, que são Ebro, Guadalquivir, Guadiana, Téjo, e Douro, o qual tem nascimento em Aguilar de Campos perto da cidade de Coria, em um povo, que antigamente se chamava Duracos, do qual com pouca corrupção tomou este rio Douro o nome; e dali vae atravessando muitas terras do reino de Castella, e de Leão, e de Portugal até se metter no mar Oceano em S. João da Foz, uma legoa pequena da cidade do Porto, que é uma das principaes de Portugal; tendo corrido de seu nascimento até á entrada do mar 120 legoas; e recebe em si muitos rios grandes, e de nome, e os mais principaes são Arlanca, Arlancão, Pissorga, Carrião, Duratão, Tormes, Tamega, Paiva, e outros muitos: corre este Douro muito fundo, e precipitado, por ser por entre rochas, e penedías, sempre suas agoas vão turvas, e cauzam enfermidades nas pessoas que dellas bebem, principalmente melancolia, e dôr de cabeça, não fazem bom carão ao rosto, e finalmente é a agoa deste rio de differente qualidade de todos os mais rios de Hespanha. Tem este rio Douro na entrada do mar uma fortaleza de S. João da Foz muito grande, com capitão, e soldados de prezidio; em tal modo, que nenhuma embarcação póde entrar na barra da cidade do Porto, que não possa metter no fundo.

Segue-se o rio Leça, que tem sua entrada no mar Oceano na villa de Mathozinhos, de qual faz menção Pom-

Digitized by Google

ponio Mella: tem este rio muita quantidade de peixe, e mais do que promette sua corrente. Depois do rio Leça se segue o rio Ave, a quem Ptolomeu tem por mais illustre que todos os mais notaveis de Hespanha, e lhe chama Avus: vem este rio do monte de Mação, e depois de visitar as ruinas da famosa Citania, se mette no mar Oceano na foz da Villa do Conde; é abundantissimo de peixe, lampreias, saveis, e trutas, bargos, bogas, e escallos; deixa na entrada do mar para a parte do sul a villa de Azurára com o seu mosteiro de religiosos da Piedade. Tem esta Villa do Conde na sua entrada um castello com capitão, e soldados para a defença.

Junto ao rio Ave para a parte do norte corre o rio Cavado, que tem o seu nascimento nas serras do Gerêz: são suas correntes furiozas, e tão repentinas suas enchentes que se fazem desgraçadas com as vidas que tiram a seus visinhos, que lhe não dão lugar o podel-as fugir, e lhes põe por terra suas moradas: entra no mar Oceano na villa de Fão, levando por companheiro o rio Homem, que sendo ambos filhos de uma mesma mãe, tiveram differentes correntes, até se irmanarem junto ao lugar do Val do Bico, afastado da cidade de Braga uma legoa para a parte do norte, donde vão ambos unidos lavar os pés á villa do Prado, a hir desagoar no mar. E' abundantissimo de variedade de peixe, porque nelle morrem salmões, saveis, lampreias, trutas de admiravel grandeza, e gosto, e outros mais.

Logo adiante para a parte do norte se espraia o rio Neiva, a quem os antigos chamaram Nebis, conforme se collige do itenerario de Ant. Pio, e delle tomou o nome aquelle povo e sua ponte, por onde passa.

Segue-se o rio Lima chamado dos antigos Lethis, segundo Sil. Ital. L. 1.° Strab. Belion. L. 3.° Tem este rio seu nascimento entre a villa de Monte Rey do seino de

Digitized by Google

Galliza, e Gico em uns lameirões grandes, onde alguns querem que tomou o nome Limia. Entra no mar Oceano na villa de Viana, é de grande criação de pescado, e nelle se pesca junto da barra polvo, lagostas, taínhas, lampreias, e por elle acima saveis, salmões, trutas excellentes e outra muita variedade de peixes; soffre embarcações meãs até duas, e tres legoas: de suas agoas se diz que são proveitosas para curar pano de linho, e lavar roupa branca: mas para beber são muito prejudiciaes, que tem qualidade pezada, e fria de seu nascimento a respeito das terras por onde passa. Tem este rio uma fortaleza grande, aonde se mette no mar em Viana, com governador, tenente, e presidio de soldados para guarda daquella barra.

O rio Minho divide esta comarca do reino de Galliza, Plinio, L. 4.° C. 21, e Just. L. 44 lhe chamam Minium, o qual nome dizem que tomou das muitas vêas de vermelhão que tem em sua corrente. E como este se chama em latim *minium*, dahi se derivou o nome do rio: Strabão L. 3.° com dous nomes nos dá noticia delle, que são Benis, e Minium. Tem o seu nascimento em Galliza acima da cidade de Lugo algum espaço, e depois de ter visitado diversos lugares de Galliza, e Portugal se mette no mar Oceano junto da villa de Caminha depois de ter corrido 35 legoas de seu nascimento até ao mar. E' rio abundantissimo de saveis, lampreias, salmões, salmonetes, solhos, trutas, mariscos, e toda a mais variedade de peixe que se cria na agoa doce. Navega-se muitas legoas por sua corrente com embarcações grandes: aonde se mette tem uma Insoa, e nella um convento pequeno de religiosos da Piedade, e uma fortaleza aonde assiste governador, e soldados para a sua defeza. Para dourar cabellos tem este rio e as suas agoas notavel virtude, porque sem outra mistura com ellas quentes em modo que se possam soffrer;

Digitized by Google

fazem seu effeito; e tambem são boas para tingir lãas, e toda a casta de panos.

Tenho tratado dos rios, que per si entram no mar Oceano na comarca dentre Douro, e Minho de norte a sul; resta agora saber como se parte da banda do nascente: pelo que se ha-de notar, que o rio Tamega, que divide esta comarca nasce junto do reino de Galliza, e vem correndo dividindo a praça forte de Monte Rey da villa de Verim em Galliza, dando communicação de uma para outra parte por uma ponte de pedra grande, e magestosa, e dali vem passar a mostra da veiga de Chaves, chamada Agoas Flavias, mimoza do imperador Trajano, em tanto que desta villa para a cidade de Braga mandou abrir uma estrada por entre serras grandes, e asperas, e mandou fazer um padrão, que foi baliza desta comarca: daqui vai correndo este reino para a banda do sul, por entre as serras do Gerêz, e serras do Marão até se avizinhar com a villa de Amarante, e passando pela ponte que lhe fabricou a de Canavezes vae desagoar no Douro na villa d'entre ambos os Rios; e por este modo fica partida a comarca d'entre Douro e Minho, e Tamega, como ilha. Ha nella outros muitos rios, que supposto por si não entram no mar, são grandes, e de nome, e tem muita pescaria.

Neste rio Tamega junto á villa de Chaves está uma ponte do tempo dos Romanos de pedra lavrada, que se começou em tempo do imperador Vespasiano, e se acabou em tempo de Trajano: e em casa de João Guedes, que vive na dita villa, estava uma pedra com um letreiro, que o declarava, e nella estão riscadas duas regras, que continham o nome do imperador Domiciano, por serem taes seus feitos, que depois de sua morte se mandaram riscar, e borrar todas as memorias que delle houvesse: para o gasto desta ponte contribuiram dés cidades com seus termos. O letreiro que na pedra se vê, diz o seguinte: —

Digitized by Google

Sendo Pretores de Hespanha, e legados dos Imperadores Cayo Calpetano, Rancio Quirinal, Valerio Festo, e Decio Cornelio Midiciano, e sendo Lucio Arunao Maximo Proconsul, e estando nesta terra por guarnição a Legião setima gemina, chamada Ditosa, dés cidades com seus póvos pagaram para a obra desta ponte, e, os Aquiflavienses, Aorbigenses, Bibalos, Golitinos, Equezes, Iteramicos, Limicos, Ebocosios, Guerquernos, Tamaganos.

Além desta ponte de Chaves ha nesta comarca d'entre Douro e Minho 218 pontes de pedras lavradas com seus arcos em lugares muito importantes, as quaes fizeram grandes gastos, e despezas, e as mais principaes são Ponte de Lima, Ponte da Barca, Ponte do Prado, Ponte de Barcellos, Ponte do Porto, Ponte de Ave, Ponte de Lagoacinha, Ponte de S. Thomé, Ponte de Canavezes, Ponte de Amarante, Ponte de Mondim, Ponte de Laves, Ponte de Cervas, Ponte de S. João, Ponte de Donim, Ponte de Margoterres, Ponte de Negrellos, Ponte das Caldas, Ponte de Pombeiro, Ponte de Bouças, Ponte de Ranha, e outras, assim nos rios principaes, como nos outros que adiante se nomearão.

Ha nesta ilha d'entre Douro e Minho seis fozes do mar de rios caudaes, que atraz ficam nomeados, com suas fortalezas, nas quaes entram, e sahem muitas náos grossas, navios, e urcas de Flandres, Inglaterra, Alemanha, França, Bretanha, e Biscaya, Galliza, Bilbáo, Hollanda, Zelanda, Veneza, e de outras partes, reinos, e provincias remotas, e todas tornam carregadas da mercadoria da terra, e de outras que os mercadores desta ilha vão buscar ao Brazil, e a outras partes, por ser abundantissima esta comarca de linha fina, panno de linho de toda a sorte, courama, burel, cêra, ferramenta, fitarias, sumagre, carnes assim de chacina, como de porcos, laranjas, limões, toalhas, guardanapos, baetilhas, e outras

Digitized by Google

muitas cousas: e póde-se esta comarca sustentar de todo o necessario sem ajuda de ninguem.

CAPITULO 8.º

Em que se dá noticia dos Gregos primeiros povoadores d'entre Douro e Minho.

Muito grande variedade de opiniões ha sobre qual seja a cousa, que por si dá mais fama aos homens, e os illustra, se as armas, ou as lettras, e qual dellas é preferida á outra? Marco Tulio representava o governo da República em lettras, e outros em armas, e todos mostram suas razões para fundar suas opiniões, e as defender; e outros dizem e tem por mais certa opinião, que a virtude prefere a todas. Mas os nossos Gregos d'entre Douro e Minho, foram mui afeiçoados ás armas, e lutas, correr, e lançar a barra; nos convites tinham sempre gaiteiros, e os convidados se levantavam da mesa, e davam suas voltas, e se tornavam a assentar, e assim hiam todos ao terreiro para festejarem os circumstantes; os moços faziam folias em que cantavam os louvores dos que morriam nas batalhas, o qual costume era mui uzado nos Espartanos, conforme conta Suidas Atheneo L. 16.º c. 8. Max. Tirio. Serm. 3. Tirag. L. 6. c. 29. Eram destrissimos na espada, e adaga, e nella todas as nações dão vantagem á gente Portugueza, que delles teve origem. O vestido, que usavam no tempo de paz era muito comprido, e faldrado, criavam o cabello da barba, e cabeça, e o que o tinha mais comprido e maior se prezava de mais gentil homem: e Julio Cezar por ser calvo trazia sempre uma coroa de ouro para encobrir aquelle defeito. Diz Laim que nestes tempos se não sabia o nome ao furto, nem a adulterio, porque todos viviam em muita honestidade.

Foi sempre a gente d'entre Douro e Minho, muito

Digitized by Google

inimiga de medicos, quando delles alguma pessoa adoecia a punham na rua ou caminho publico, e todos os que passavam informando-se da doença davam seu parecer, no remedio que se havia fazer ao enfermo, e desta maneira faziam tantos até que algum acertava, e sarava o doente, ou a outros acabava de matar.

Aos culpados em algum delicto, ou crime, e sentenciado, por elle á morte, os levavam fóra das cidades, e os apedrejavam, e os matavam, e depois cobriam seus corpos com pedras, e todos os que passavam tinham obrigação de botar uma pedra, e ainda ha poucos tempos se viam pelos caminhos muitos montões de pedras, que denotavam este antigo costume de castigo de malfeitores. Não havia neste tempo dinheiro amoedado, e todas as cousas que se compravam, e vendiam eram com umas barras d'ouro, ou prata: os bateis em que navegavam, e passavam os rios eram uns cepos grandes cavados por dentro, a modo de maceiras, e destes uzaram até que Decio Junio Bruto conquistou esta provincia.

CAPITULO 9.°

Em que se dá noticia dos segundos povoadores da provincia d'entre Douro e Minho.

Por morte del-rei Abidis veio sobre Hespanha um açoute, e perseguição a maior, que antes e depois do geral diluvio succedeu, porque começando de fazer excessivas calmas, deixou de chover 26 annos, pelo que se antes se despovoou Hespanha por aquelle geral diluvio, agora fez o mesmo, e chegou a tanto que a terra se seccou de tal maneira, e as fontes, que não havia rio que corresse com esta tão terrivel adversidade: os pobres que não podiam muito se acolheram em tempo, uns em França, outros á Africa, e á Italia, e a maior parte se aco-

Digitized by Google

lheu para a comarca d'entre Douro, e Minho, e Galliza, que com seus ventos septentrionaes se poderão sustentar, pela muita abundancia de fontes que nella havia, os rios, que ajudados de suas propriedades, conservaram suas agoas alguns tempos esperando o fim de tantas mizerias, em que todos pereceram lastimosamente: porque quando quiseram começar a caminhar acharam a terra toda cheia de aberturas da grande sequidade, e não poderam continuar seu caminho, nem acharam que comer, de modo; que excepto os lugares acima ditos, não ficou em toda a Hespanha animal vivente racional, ou irracional que não perecesse. Depois vindo grandes ventos, e trovões começou a chover, e Hespanha a povoar-se em breve tempo. Desta destruição de Hespanha trata Florião do Campo L. 1. C. 10. Brito L. 1. C. 24. Rezende nas Antiguidades Luz. Garibaes L. 5. C. 1.° De modo que tendo os Gregos povoado esta comarca d'entre Douro e Minho, os Hespanhoes que fugiram desta desventura se acommodaram com elles, e foi a segunda povoação, que nella houve.

CAPITULO 10.°

Em que se dà noticia em como os Gregos de Galliza, que vieram em companhia de Teucro entraram entre Douro e Minho.

Quem defende a fé, o reino, ou estado sem cobiça, nem interesse de tomar o alheio, nem fazer damno, ou uzar crueldades; não se pode dizer delle que faz guerra injusta: tambem é justa guerra quando com as causas sobreditas se procura paz tão encommendada por Christo: além do que toca ás almas para bem obrar, e merecer a gloria celestial, a qual é a que conserva os reinos, e republicas na companhia dos homens; mas fazer guerras com ambição, e interesse de fazer imperios de reinos alheios,

Digitized by Google

riquezas, honras, e fama, como Julio Cezar, Pompeo, e Marco Antonio não se tem por licitas, estas pela maior parte tem infelizes fins.

Quietos, e sem pensamentos de guerra estavam os nossos Portuguezes d'entre Douro e Minho, quando os Gregos que habitavam em Galliza, que vieram em companhia de Teucro, tendo inveja desta provincia, em tom de guerra passaram a ella pelo rio Minho, que a dividia do reino de Galliza, e começaram a se estender pela terra dentro aproveitando-se do que achavam, como cousa sua: a isto acudiram os moradores d'entre Douro e Minho, e se travou entre elles uma grande peleja, em que de uma, e outra parte morreu muita gente, e foi a primeira batalha, que até áquelle tempo houve em Portugal, e os Gallegos que ficaram vivos se tornaram a recolher á sua terra bem queixosos do ruim agazalho que lhes deu a gente Portugueza. Laym. L. 2. nos manifesta esta guerra com as palavras seguintes. — *Caleci ultra Miniensis melioris Provinciæ cupiditate fluvium transnatarunt, et cum Brachorum bona dissipassent, occurrentes cæteri committitur pugna dira, cruenta, sanguinosa, mortuorum hóminum repleta corporibus: quippe utrique græci bene morati, habiles ad pugnam, et sic nulla alia his temporibus lecta.*

Era esta gente d'entre Douro e Minho mui facil em advinhar o que havia de vir nas entranhas dos animaes que se sacrificavam, porque eram mui destros em comporem seus agouros. Nos convites nenhuma carne entre elles era de mais estima que a de bode, e com esta sacrificavam aos seus deuzes: o modo de suas mezas eram redondas, e ainda nestes nossos tempos se uza dellas entre lavradores; seu beber era agoa, e quando havia convidados cerveja; seus idolos a que tinham mais devoção era Marte, advogado das guerras, e Minerva da eloquencia, e a estes sacrificavam as mãos direitas dos inimigos,

Digitized by Google

que prendiam nas batalhas; aos quaes sacrificavam tambem quando determinavam começar a guerra por muito tempo, para saberem dos signaes que vissem se seriam vencedores, se vencidos: porque das cousas do mundo nenhuma se isempta de mudanças.

CAPITULO 11.°

Em que se dà conta como os Africanos vieram povoar a provincia d'entre Douro e Minho, e foram os terceiros povoadores della, e da fundação da cidade de Braga.

E' de tanta força nos homens a ambição, e desejo de reinar, e mandar, que por isso se quebram, e não guardam as leis divinas, nem humanas, e por assim o conhecer Euripedes, poeta dos Phenices, disse em um verso, que se as leis se haviam quebrantar havia ser por reinar e mandar, dando a entender que só para esse fim todos os homens animavam, e inclinavam seus desvarios, e desordenados apetites, como vimos em Hamilcon, capitão valoroso, que sendo mandado da cidade de Carthago com grande armada á Hespanha a descobrir terra, chegou ao Cabo de S. Vicente, aonde os moradores da terra o festejaram grandemente com as cousas possiveis, reconhecendo as mercês que nos annos passados haviam recebido de seu irmão Amon: e partindo-se dahi veio dar no Cabo do Espichel, e proseguindo sua viagem chegou a Lisboa, Berlengas, e Buarcos tomando lingua, e sabendo dos costumes da terra, e modo de viver dos Turdulos, que nella habitavam, até chegar a Vouga, e dahi foi ter ao rio Dourobom. Enfadado dos mares, e das tempestades quasi destroçado, com que lhe foi necessario tomar porto, e entrar com toda a frota pelo rio acima, aonde achou uma povoação de Gregos (de que atraz se faz menção)

Digitized by Google

com melhor estilo de viver, que a mais gente de toda a costa, dos quaes foram bem recebidos, e providos de todo o necessario para a sua viagem: e tal feição tomaram entre si, que muitos Gregos os quizeram acompanhar. Embarcado Hamilcon com todos os seus foi continuando com a sua armada por todos os portos do mar, que vão desde o Douro até o Minho, e com esta ordem foi sondando, e descobrindo todos os de Galliza, e Biscaya até os Montes Pirineos, durou esta navegação espaço de quatro annos, e concluida esta, Hamilcon se tornou pelos proprios mares a dar volta á costa de Portugal, aonde lhe deu uma tormenta, e com ella navegaram até o porto dos Gregos, e no entrar da barra se perderam muitas embarcações salvando-se a gente com muito trabalho, soccorridos dos bateis de pescar dos Gregos de Gaya. E consultando os capitães o remedio de seu naufragio, assentaram entre si, que deixassem ali gente daquella mais cançada do mar, com provimento, e dinheiro bastante até virem embarcações em que tornassem para a sua terra. Tanto que isto foi assentado entre os da armada tratou Hamilcon com os Gregos da terra de Gaya este negocio, pedindo-lhe que tivessem por bem darem entre si agazalhado áquella gente sua, que por falta de embarcações não podia levar em sua companhia, e permittissem que naquella povoação, e em outras de sua comarca estivesse aquella gente atè virem as embarcações buscal-a para sua terra. O que não foi difficultoso acabar com os Gregos; porque como gente nobre de boa tenção, lhe concederam tudo o que lhe foi pedido sem repugnancia alguma. Desta viagem trata Florião do Campo L. 3. C. 7.

Grande confuzão, e chóros foram os dos Carthagineses quando o seu capitão Hamilcon lhes disse, que ficavam na companhia dos Gregos até virem embarcações a buscal-os: porque a tempo da despedida uns choravam as

Digitized by Google

saudades dos companheiros e amigos, outros a desconsolação em que ficavam sem esperanças de tornarem mais a vêr sua patria. Outros blasfemando do capitão, porque não deixava com elles em terra algum capitão Carthaginense. Hamilcon por não ouvir mais lastimas de seus soldados, e companheiros que deixava, se fez á véla, e partio promettendo aos que ficavam de lhes mandar brevemente embarcações que os levassem á sua terra, e assim o fez: mas quando chegaram, os acharam já tanto de assento na terra, que não sómente não quizeram hir, mas fizeram com muitos dos que vieram ficassem com elles: e com esta resolução as embarcações se tornaram deixando feitas suas lianças, e amizades com os Gregos de Gaya.

Tanto que Hamilcon se embarcou, e partio os nossos Gregos de Gaya fizeram tão bom tratamento aos Carthaginezes, e com tanta benevolencia os admittiram á sua conversação, que esquecidos da sua patria, e desenganados de tornar a ella se cazaram na terra de Gaya, e se começaram de tratar com seus naturaes, até que de todo se resolveram, e acommodaram a viver juntos com os Gregos, cazando com suas filhas com partido que lhe haviam de dar terra na comarca d'entre Douro e Minho, aonde podessem fundar uma cidade a seu modo, a qual fosse isempta de tributos, e se governasse pelas leis, e costumes Africanos, sem que os Gregos nella pertendessem magistrados, nem senhorios.

Parecendo aos Gregos ser justa, e de razão a petição dos Carthaginezes, lhes deram o sitio que elles escolhessem, e caminhando da cidade do Porto para o norte, elegeram para fundarem a sua povoação o lugar onde agora vemos a cidade de Braga, por aprazivel, para nelle fazerem a sua cidade, e logo lançaram mão á obra, e fundaram para sua habitação, e honra da Lusitania, a inclita e augusta cidade de Braga, cabeça, e superior no espi-

Digitized by Google

ritual de todas as mais de Hespanha, e nas armas, e gloria militar igual ás mais famosas do mundo. Desta fundação trata Brito L. 2. C. 6.° Raymundo nas antiguidades da Lusit. L. 1. cujas palavras são as seguintes. — *Bracharam, vel Bradagam fundaverunt Afri qui undis jactati hic appullerunt, et in ipso fœdere cum Græcis postulaverunt sibi locum urbis, quo dato, Bragada exurgit indicto illi nomine afluvio Bragada, et opido unde originem traxerunt*, que querem dizer. — Braga foi fundada por gentes Africanas, que sahidas por tempestade nestas provincias, e feitas pazes com os moradores da terra alcançaram assento para fundarem uma cidade, á qual puzeram nome por lembrança do rio Bragada, que corre pelas terras onde estes Africanos eram naturaes. Deste parecer é o bispo de Girona no L. 3.°, e Claud. Otholm. L. 4. C. 3. Vasc. L. 1. C. 11. Maris L. 6. C. 13. a qual fundação de Braga foi no anno de 431 antes do Nascimento de Christo.

CAPITULO 12.°

Como os Gallos Seltas vieram povoar entre Douro e Minho.

No anno de 328 antes do Nascimento de Christo Nosso Redemptor, tendo os Hespanhoes noticia das invenciveis forças de Alexandre Magno rei de Macedonia, e de suas insignes victorias lhe mandaram offerecer dinheiro, e gente para suas guerras, pedindo-lhe os quizesse ter por amigos. Chegando Alexandre Magno de Babylonia victorioso das Indias do oriente, depois de fazer grandes mercês aos Embaixadores os despedio dizendo-lhes, que no anno seguinte havia de vir á Hespanha; como da dita embaixada trata Ariano L. 7., e Paulo Oserio L. 3. C. 20.

Tanto que os Gallos Seltas, que em Andalusia ha-

bitavam junto ao rio Guadiana tiveram noticia da vinda de Alexandre Magno recearam, que supposto viesse de paz os molestasse, e maltratasse, como costuma fazer gente de guerra, se ajuntaram todos, e feitas suas alianças se partiram de Andaluzia do rio Guadiana, mais de trezentas mil pessoas com suas mulheres, filhos, e gados, e mais fazenda, e toda esta multidão caminhou até á ribeira do Téjo, aonde fizeram algumas povoações, e nesta jornada se detiveram alguns annos, e passando adiante entraram pelas terras de Portugal fazendo povoações, aonde hiam ficando até chegarem ao rio Douro, aonde tiveram trabalho com os Gregos de Gaya, que lhes defendiam a passagem do rio, mas no fim de tudo se vieram a unir, e a viverem todos na sua nova cidade do Porto, que já a esse tempo andava bem governada, e com muita communicação com os Africanos de Braga.

Foram os Gallos Seltas recebidos dos Gregos, e entrados entre Douro e Minho, lhe acudiram com todas as cousas necessarias sem interesse algum, como trata de sua vinda Lain L. 2, Brito L. 2 ° C. 7: Garib. L. 5. C. 10. tem que esta gente edificára a povoação do Porto: mas a commum opinião foi dos Cascões, e com a vinda desta gente ficou mais ennobrecida.

CAPITULO 13.°

Em que se dá noticia como os Bracharenses sabendo da vinda dos Seltas se puzeram em armas, e do desbarate que houve na passagem do rio Limia.

Quando os Africanos de Braga tiveram noticia da vinda dos Seltas, e que tinham passado o rio Douro, tiveram para si que vinham tomar sua nova cidade, que já andava em termos de se acabar, e postos em armas, ordenados seus esquadrões mandaram reconhecer o campo

Digitized by Google

dos Seltas, que vinham marchando, e tanto que souberam sua determinação suspenderam as armas, e os receberam com muito amor, e os agasalharam comsigo, os quaes quizeram ali ficar, como ficaram no Porto, e os mais passaram adiante até chegarem ao rio Limia, na passagem do qual tiveram entre si tamanha discordia, que foi bastante para promover a uma cruelissima batalha, na qual morreu ao principio alguma gente, que governava este exercito: desta passagem, e desordem trata Strabão L. 3. Florião do Campo L. 2. C. 12. Plinio 14. C. 22. Volat. in Georg. L. 2. Vasc. L. 1. C. 11. Luc. L. 9. Accrescentam mais estes AA. que a cauza deste rio se chamar Lethes, ou letheo, que em lingua grega quer dizer esquecimento, foi porque vendo os moradores da terra a muita paz com que esta gente vinha caminhando por partes tão varias, e considerando como na passagem do dito rio ficaram totalmente esquecidos do amor antigo, e vieram a pegar das armas, tiveram para si que nas ondas do dito rio havia alguma virtude occulta para cauzar esquecimento, e durou muitos annos esta suspeita, até quando Decio Junio Bruto capitão Romano veio conquistar esta provincia.

CAPITULO 14.°

Em que se dá noticia como os Portuguezes d'entre Douro e Minho entraram em Galliza, e fundaram a cidade de Tui.

Convêm muito aos homens conhecer os tempos para obrarem as cousas, e não deixarem passar uma boa occasião que se offerece, porque se esta passa, tarde, ou nunca se cobra, e para advertir aos homens o que lhe convêm os sabios Gregos antigos, e os Romanos houveram a occasião por Deus, e lhe levantaram estatua, e imagem

Digitized by Google

de uma Donzella posta nas pontas dos pés em uma roda movel, desnuda, e sem cabello com azas nos pés, sómente com uma gadelha comprida de cabellos que lhe cobria o rosto, em que mostravam que quem pertender lance mão della em quanto a tem diante, porque em virando as costas não achará guedelha em que pegar.

E por isso vendo os nossos Portuguezes d'entre Douro e Minho os Gallegos descuidados, e mostrando-se offendidos de lhes entrarem em suas terras, e não contentes de estarem desbaratados, vendo tambem a occasião, concordaram entre si de lhe darem uma vista na sua terra, não tão sómente para os lastimar de passagem, mas de tal modo, que ganhando-lhes algumas terras podessem ficar por moradores dellas: e approvada esta deliberação da maior parte da gente, sahiram quinze mil homens de guerra com mulheres, e filhos da comarca d'entre Douro e Minho, porque são as mulheres della tão animosas nas armas como castas, e virtuosas na paz.

Chegada esta gente ao rio Minho se detiveram na passagem della alguns dias, não por lhe ser impedida, mas por falta de embarcações. E quando os Gallegos viram os Portuguezes nas suas terras com campo formado, ficaram bem assustados, mas não com animo perdido de defenderem a sua patria, e convocando um exercito copioso lhes sahiram ao encontro com tal furia, que os nossos Portuguezes se acolheram junto ao rio, e tendo com elles as costas seguras aguardaram a batalha, na qual as mulheres Portuguezas pelejaram com tanto esforço, que Laim chama a esta batalha empreza das mulheres, dizendo — *In hac pugna multus sanguis effusus est, et victoria fuit magis mulierum, quam hominum fortitudine*: que diz: Nesta batalha se derramou muito sangue, mas sahindo vencedores os Portuguezes se deu a gloria desta victoria ás mulheres, o que não é de espantar, pois nas guerras que

Digitized by Google

os Romanos tiveram nesta provincia, as mulheres eram igualmente temídas, como os homens. Desta batalha trata Brito L. 2.° C. 4. Apian. de bello L. 8. C. 5. Pineda L. 9. C. 25.

Vencendo os Portuguezes nesta batalha aos Gallegos ficaram tão contentes com este bom principio, que avisaram aos mais naturaes, que pois tinham a ventura prospera sem proveito, sendo occasião mandassem alguma gente para povoar aquella comarca de Galliza vizinha ao rio Minho, porque tinham a passagem delle segura. Não foram os outros tão negligentes que se não aproveitassem da occasião que lhe offereciam para que não escolhessem logo a gente mais sufficiente que acharam com tanta pressa, que os mensageiros foram em companhia dos novos povoadores.

Entrada esta gente em Galliza escolheram para a sua habitação um sitio junto a um rio acommodado para o intento que levavam, porque tendo guerras com os Gallegos, como esperavam ficasse livre a passagem do rio para lhe poder entrar soccorro de gente, e mantimentos sem impedimento algum: e lançando mão á obra edificaram uma cidade a que chamaram Thedeciano, que quer dizer Atide pequena, para se differençar da outra Atide, que edificou Diomedes: a memoria da qual se escureceu de maneira que se não sabe lugar certo da sua fundação: mas todos os AA. concluem, que foi entre o Limia, e o Minho em o lugar da qual nos ficou esta Theodiciana mui principal do reino de Galliza, que agora se chama Tui, fundada pelos nossos Portuguezes de entre Douro e Minho, na qual se começou a trabalhar no anno de 337 antes do Nascimento de Christo. Desta fundação Thedeciana trata Brito L. 6. C. 29. Pineda L. 1. C. 4. Flor. do Campo L. 1. C. 27.

Digitized by Google

CAPITULO 15.

Como os Portuguezes d'entre Douro e Minho, entraram por Galliza, e fundaram uma cidade a que chamaram Iria, e desbarataram aos Gallegos.

Quando os nossos Portuguezes d'entre Douro e Minho viram que a sua nova cidade Thedeciana hia já em termos de se acabar, e se poder defender de qualquer exercito, que a quizesse combater, deixaram para a sua defeza a gente menos proveitosa para as batalhas, e se partiram pelo interior de Galliza com boa fama: divulgada esta fama pela terra, convocaram os Gallegos os moradores, e se resolveram em dar batalha, e enfrear a soberba dos Portuguezes, que delles hiam triunfando, e para este fim lhes tomaram os passos de tal modo, que sem batalha os puderam desbaratar: mas os Portuguezes usaram de tal ardil, que foi causa de lhes tirarem as vidas, e foi que tanto que anoiteceu fizeram grande quantidade de fogos e luzes no lugar, onde estavam alojados, e deixando tudo accezo se sahiram delle, e venturosamente passaram pelo meio de uma serra, e ao romper do dia seguinte se acharam fóra do laço, e perto de um braço de mar, aonde fizeram costas para sua segurança.

Tanto que o outro dia amanheceu, e os Gallegos se acharam enganados desceram da serra com mais furia do que ordem, e dando nos Portuguezes acenderam uma cruelissima batalha, que o odio mais regia, que a disciplina militar. Foram os Gallegos tão desgraçados que em breve deixaram a victoria nas mãos dos Portuguezes, e muitas vidas perdidas por sua culpa.

Assim que os Portuguezes venceram os Gallegos mandaram aos povos de Galliza sua desculpa pedindo-lhes, que pois dos males passados lhes cabia a maior parte, fossem

Digitized by Google

dabi por diante amigos, pois tambem tinham a maior culpa, ajustaram as suas pazes, e os Gallegos consentiram que os Portuguezes d'entre Douro e Minho podessem morar no reino de Galliza aonde quizessem.

Tendo a gente Portugueza por bem afortunado o lugar desta victoria escolheram aquelle sitio para nelle fundarem uma cidade a que chamaram Iria, derivando-lhe o nome de Irion, pelavra antiga portugueza, que quer dizer esquadrão ou exercito de guerra. Desta fundação trata o bispo Pin. Anot. p. 1.ª Flor. L. 1. C. 8. Esta povoação é a que hoje se chama Villa do Padrão, como nota Morales L. 9. C. 7. Ptol. L. 1. C. 6. Vasc. L. 1. C. 20.

Foi esta povoação nos tempos antigos muito celebrada, e os moradores della mui politicos, e guerreiros, e estimaram sempre tanto o nome Portuguez, que a sua maior honra era trazerem delles sua origem, e descendencia, mas o tempo que tudo consome transportou a gloria desta cidade com sua cadeira episcopal a Compostella, cidade insigne pelo thesouro que em si tem depositado nas sagradas reliquias do bemaventurado apostolo S. Thiago, patrono, e defensor da Hespanha.

CAPITULO 16.º

Como Annibal, capitão de Carthago veio buscar gente de guerra á comarca d'entre Douro e Minho.

Era tão grande a reputação que tinha nas armas a gente d'entre Douro e Minho, que vindo Annibal, capitão de Carthago á Hespanha, tanto que teve ganhada a cidade de Sagunto, mandou a seu irmão Hamilcar para que costeasse as terras de Portugal, e levasse alguma gente de soccorro d'entre Douro e Minho, principalmente da ci-

Digitized by Google

dade de Braga, e suas vizinhanças, onde foi bem recebido, e festejado, por haver muitos annos, que gente de Carthago não tinha feito viagem a estas partes, e tudo quanto quiz negociou facilmente, levando suas náos carregadas de mancebos escolhidos, bem armados: e não sómente lhe acudiram os Bracarenses e seus vizinhos, mas tambem Gregos que viviam no rio Limia se lhe vinham offerecer como homens, que para as occasiões de guerra nunca se negaram, e sempre para ella tiveram a vontade prompta: mas Hamilcar que já tinha gente bastante, muito agradeceu a vontade dos que se lhe offereciam dando-lhes muitas dadivas, e fazendo-lhes grandes offerecimentos de seu amor, com que os Gregos se deram por satisfeitos, e desagravados de que os não levassem em sua companhia. Deste soccorro trata Brito L. 2. C. 18. sito lia. a 65.

CAPITUL 17.°

Em que se dá noticia como os Portuguezes d'entre Douro e Minho elegeram por capitão Apymano, e das batalhas que tiveram com os Romanos.

Sempre a fortuna favoreceu aos ouzados, e animosos, e dos cobardes se desvia; e quem não segue a ventura nunca póde enriquecer, e sempre acham o caminho da vida dilatado: conforme a isto grandes louvores merecem os nossos Portuguezes d'entre Douro e Minho, pois tão ouzada, e valorosamente começaram uma tão grande, e perigosa empreza contra tão poderosos inimigos, como eram os do imperio Romano.

Queixosos, e escandalisados os Portuguezes de alguns encontros que tiveram com os Romanos determinaram de se despicarem, para o que elegeram por seu capitão general Apymano natural da cidade de Braga, que trazia sua origem dos Carthagineses, homem insigne nas

Digitized by Google

armas, e na guerra mui experimentado, o qual tinha um odio natural aos Romanos; e com este capitão se partiram os Portuguezes d'entre Douro e Minho, na melhor ordem que lhe foi possivel, e passando em paz pelas terras que estavam á obediencia dos Romanos levaram novos soccorros de gente, e mantimentos, e engrossaram os esquadrões em tal maneira, que entrando pelas terras dos inimigos, não havia quem lhe resistisse; porque a fogo, e a sangue destruiam quanto se lhe oppunha diante sem perdoar a nada.

Vendo Marco Manlio capitão Romano, chamado da vergonha, que os Portuguezes lhe arruinavam, e destruiam suas terras, sahio de Andaluzia com a sua gente, e caminhando na volta dos nossos Lusitanos, em poucos dias tiveram vista uns dos outros, e as estavam os nossos tão carregados de despojos, e fazendas dos Romanos, que o capitão Apymano receou, que a sua gente perdesse a honra daquella batalha por conservar a riqueza que cada um delles levava, acudio com o remedio a este perigo, mandando a seus soldados, que queimassem quanto levavam sem lhe ficar mais do que as armas, e mantimentos para quatro dias: e elle foi o primeiro que queimou quanto tinha; e desembaraçada a gente com este ardil, e mais raivosa do que antes estava pela perda da fazenda que queimaram, sahiram os capitães no dia seguinte a dar batalha, na qual Manlio foi desbaratado, e ficou tanta de sua gente morta, que nunca mais ousou a lhe fazer cara: e os nossos Portuguezes com os despojos desta batalha ficaram restaurados do que tinham queimado quando nella entraram.

Apymano favorecido da fortuna, não perdia occasião de se aproveitar della em quanto a tinha da sua parte, e com ella venceu muitas vezes capitães Romanos que lhe sahiam ao encontro, como nota Julio L. 16 de Prodig.

Digitized by Google

e não havia Romano tão ousado que se attrevesse a sahir fóra de seus reparos para lhe dar batalha em campo aberto. Lucio Floro no L. das Abrev. de Tito Livio, confessa a contraria fortuna que neste anno aconteceu aos capitães Romanos.

Foi tal a destruição que os Portuguezes d'entre Douro e Minho fizeram aos Romanos que estavam em Hespanha, que chegando a nova a Roma, pôz toda a cidade em pranto, e revolta: e no campo Marcio fizeram seus comicios a que convocaram todos os senadores, e cidadãos Romanos, e mais povo; e consultaram seus Idolos sobre o remedio para tanto damno: assentaram que Calphurnio Pisam viesse como Pretor á Hespanha, e se lhe fizesse novo exercito para vir abaixar a soberba dos nossos Lusitanos: mas tudo lhe sahio ao contrario do que desejavam; porque deste atrevimento levou logo o desengano. Sahio Calphurnio tão confuso na sua valentia, como a soldadesca que levava a combater o campo dos Portuguezes. E peleijando de uma, e outra parte rijamente não tardou muito a victoria da parte dos Portuguezes, que desbaratando aos Romanos fizeram fugir seu capitão Calphurnio a unha de cavallo, deixando no campo mortos seis mil soldados.

Andavam os Portuguezes d'entre Douro e Minho tão animados com a prosperidade das batalhas, que dos Romanos tinham alcançado, e estes tão destroçados, e desanimados, que sem reststencia alguma saqueavam quanto achavam, e matavam todos quantos se lhe oppunham diante; pondo a fogo, e a sangue todas as terras que ha desde o rio Guadiana até ao estreito de Gibraltar no anno de 152 antes do Nascimento de Christo Senhor Nosso, Brito L. 2. C. 26.

Digitized by Google

CAPITULO 18.°

Em que se dá conta como Decio Junio Bruto veio contender com os Portuguezes d'entre Douro e Minho, e o que nisso passou,

A cousa, que mais incita aos homens, e que mais os incita a sustentar os riscos, effeitos de armas, é a fama, e o desejo de a ter boa no mundo, e isso mesmo os obriga a fundar novos edificios, e pela adquirir muitos fizeram nobres façanhas, como Hercules, e outros, que no mundo tiveram boa fama e nome o deveram a suas forças, e aos edificios como el-rei Xerxes da Persia, que fez romper o grande monte Athos de Thracia para passar sem rodeio com sua armada em Grecia, e o maravilhoso edificio entre as cidades Abido, e Sestio sobre o mar de Helesponto para ajuntar a Europa com a Azia, e o que fez a antiga Rhodes com seus colossos, de quem se chamaram colossaes, e principalmente um contado entre as sete maravilhas do mundo, que era uma estatua de homem, de bronze, tão grande que fixava um pé no muro da cidade, e o outro na torre do Porto, que passavam por entre as pernas mui grossas náos postas á véla sem tocarem nelle, e cahido depois por um terremoto, se carregaram do seu metal novecentos camellos: e outros muitos edificios, que a fama, e desejo della fez fazer no mundo a muitos homens para a terem nelle.

Tem a fama cem mil olhos para vêr os defeitos, e vicios do mundo, e outras tantas linguas para publicar nelle as virtudes, e engrandecer suas cousas. Para que ficasse perpetua a fama de nossos Portuguezes d'entre Douro e Minho, continuaram suas guerras contra o imperio Romano, e estando sem suspeita della pelas victorias passadas, Decio Junio Bruto, capitão Romano no anno de 135 antes do Nascimento de Christo, tendo rendidas mui-

Digitized by Google

as cidades na Luzitania á obediencia dos Romanos determinou passar á mão contra os Portuguezes, e entrando nesta comarca d'entre Douro e Minho pelo rio Caldo, onde hoje se vêem as estradas abertas, e se chamam as ruas de Santa Eufemia, e a cabeça de Francos, aonde fizeram uma fortaleza, de que ainda ha ruinas, e dahi desceram aos Arcos de Valdevez aonde fizeram muitos damnos, roubos, e mortes por acharem a gente desapercebida: mas nunca nelles conheceram cobardia, nem falta de animo para se defenderem, e sollicitar com suas forças, e animo a liberdade, antes cheios de ira, e desamparando suas casas se acolheram com mulheres e filhos aos montes, e dahi davam muitos assaltos de noite e dia tão repentinamente, que os Romanos se não sabiam entender com gente de tão terrivel condição, que sem dormir dés, e quinze noites, soffriam o pezo das armas; e não eram os que sómente tinham este trabalho os homens, mas mulheres, e meninos, que os paes, e maridos animavam a soffrer emprezas impossiveis ás forças humanas. Destas mulheres d'entre Douro e Minho, além de que Apiano conta, diz Laimund. L. 5. e Moral L. 8. na guerra de Numancia C. 5, que em muitos reencontros foram mortas algumas que pelejavam tão valorosamente, fomo seus maridos, e nunca se vio em nenhuma acção de cobardia, nem signal de tristeza, antes quando algumas em alguns reencontros ficavam captivas com os rostos alegres estendiam os pescoços aos cutellos, tendo a morte por mais bem afortunada, que a vida em captiveiro.

Vendo-se Decio Junio Bruto desbaratado sem batalha campal, só com os assaltos, que os Portuguezes lhe davam cada dia, determinou de mudar de estilo a fórma da guerra, e começou a destruir, desbaratar, e queimar os fructos da terra. Estes reçontros passados, fizeram pazes com os moradores da cidade de Labrica, que estava junto ao

Digitized by Google

rio Limia, que depois se chamou com pequena corrupção Labruja, e depois Flavia Cambria, e o bispo della subdito á metropolitana de Braga, como se póde vêr no Concilio Elebiritano, que se fez no tempo de Constantino Magno. Affirma Laimundo ser cousa notavel em toda este gente d'entre Douro e Minho, que nunca se poude acabar com ella, que militasse debaixo de bandeira de capitão Romano contra os naturaes, sendo isto cousa ordinaria em todas as mais partes de Hespanha.

CAPITULO 19.º

Como Decio Junio Bruto guiou o seu exercito para Braga, e do que lhe aconteceu.

Todas as virtudes se hão-de exercitar com exercicio, que seja acommodado a ellas; como com a oração meditar, e contemplar a justiça, e viver justamente, e na destribuição della dar a cada um o seu sem respeito a pessoa alguma: as armas uzar dellas continuamente em guerras justas; finalmente exercitar em todas as virtudes os actos licitos, para dellas ter o premio neste mundo e no outro. E por isso os Portuguezes d'entre Douro e Minho com o mais resto dos seus naturaes continuaram seu belicoso exercicio de armas contra os Romanos, vencendo-os em muitas batalhas, conservaram suas terras, fazendas, e liberdades para si, suas mulheres, e filhos, e defenderam sua terra da soberba de Decio Junio Bruto, e de seus capitães, como se verá neste discurso: porque passadas as cousas que acima ficam ditas dos moradores de Labrica, o capitão Decio Junio Bruto continuou sua conquista até chegar perto da cidade de Braga, roubando, e queimando quanto achava, e já neste tempo a cidade de Braga era populosa, e temida dos Romanos.

Tiveram os Portuguezes por grande afronta virem os

Digitized by Google

Romanos fazendo tantos damnos por suas terras, e brevemente se puzeram em armas; mas Bruto sendo avisado do apparelho dos Portuguezes, e lembrando-se das cousas passadas, e de quantas venceram os capitães Romanos, mandou aos seus soldados, que nenhum entrasse na comarca de Braga, nem roubassem cousas suas por authoridade particular, cuidando que com esta diligencia tinha seguros os moradores da cidade de Braga, para não soccorrerem aos seus naturaes: mas tudo lhe succedeu ao revez; porque sabendo os Bracarenses, que vinha muita gente de cavallo, e mantimentos em soccorro dos Romanos, lhe fizeram uma cilada em que nenhum escapou com vida, e lhes tomaram os mantimentos, e com esta victoria entraram em Braga com muito gosto, e contentamento de todo o povo.

Ficaram os Romanos muito quebrantados com a perda de sua gente e mantimentos, de que estavam necessitados, muitos foram de parecer que caminhassem logo para a cidade de Braga; mas o capitão Bruto, que pesava as cousas com mais consideração, quiz por então dissimular a sua perda, porque conhecia com certeza a fortaleza das armas Bracarenses. Mas o brio dos Portuguezes d'entre Douro e Minho, com o resto de seus naturaes, e vizinhos formaram seus batalhões da gente de cavallo em campanha, pondo aos Romanos em tanto aperto, e mêdo, que nenhum ouzava sahir fóra de seu arraial, porque tinha já recebido muita perda nas escaramuças que cada dia faziam, com que os Portuguezes cada dia se hiam melhorando.

Estava o capitão Romano tão apertado, e já em termos que lhe parecia, que ainda que comettesse pazes, lhas não haviam os Portuguezes de aceitar, e assim se aventurou a tudo o que succedesse, levantou seu campo, e partio com seu exercito para a cidade de Braga fazendo

Digitized by Google

algumas crueldades em homens, que andavam debandados fóra do arraial Portuguez, indignas de homem criado na côrte, e politica Romana: mas o mesmo que elle buscou para os espantar e atemorisar, lhes deu novo animo, e desejo de vingança, e sem aguardarem a que chegasse a pôr o sitio, diz Lain no L. 3.° das Antig. da Lus. que lhe sahiram os Bracarenses a receber o seu esquadrão duas legoas e meia da cidade de Braga, e pondo suas sentinellas em lugares convenientes formaram sua soldadesca em um campo descuberto, bem fortalecidos, e intrincheirados com os reparos que usavam naquelle tempo.

Quando Bruto viu aos Portuguezes em campo formados, receou a batalha, como claramente affirma Vigecio no L. de *remilit.* aonde confessa que em materia de fortaleza, esforço, e cortar bem com uma espada, nenhuma nação se póde comparar com a Portugueza, de modo que a batalha se dilatou para outro dia, e o dia se deteve com escaramuças, nas quaes os Portuguezes mostraram tanto animo, que causaram aos Romanos outro novo receio, por verem que os Portuguezes sempre ficavam de melhor: com *tudo Bruto* vencido da vergonha determinou dar batalha em campo aberto, e tirando suas gentes das trincheiras formou seu campo, que foi o mais lastimoso espectaculo, que até agora se vio, e começando o assalto durou grande parte do dia: os Romanos se sustentavam no esforço de seu capitão, e os Portuguezes no seu bom animo, braço, e corte de suas espadas, e diz Apiano, que nesta batalha, e nas mais que houve entre Douro e Minho, as mulheres se achavam sempre em companhia de seus maridos com iguaes armas, e esforço como que a constancia de seu pelejar era tanto para admirar, que não mudavam pé atraz, nem viravam o rosto com o mêdo do golpe de seus contrarios, e procuravam a satisfação com outros semelhantes: de modo que se foi conhecendo melhoria nos

Digitized by Google

Portuguezes, e os Romanos se foram acolhendo ao seu arraial sem que os detivessem as vozes, e gritos, que o capitão lhes dava para lhes fazer virar o rosto á peleja.

Os Portuguezes conhecendo a fraqueza dos Romanos, carregaram sobre elles com novo impeto, gritando em altas vozes, victoria, victoria. E nisto os Romanos encommendaram as vidas á ligeireza dos pés, e o capitão Bruto vendo-se desbaratado, reparou as trincheiras o melhor que poude, mas com tudo esteve em termos, que se os Portuguezes seguiram a victoria, nenhum Romano ficára com vida. E com esta victoria os nossos se recolherám a Braga e proveram á cidade de mantimentos, e outras cousas necessarias.

Ficaram os Romanos tão destroçados das mãos dos Portuguezes, que se deixaram estar muitos dias nos seus alojamentos, e tanto que descançaram guiou o capitão Bruto seu exercito para a cidade de Braga, e com tenção, que quando a não podesse render, constrangeria os moradores della a lhe pedirem pazes; mas chegando perto della acharam aos Portuguezes de mui differente tenção, porque em lugar das pazes, que os Romanos queriam que elles pedissem, lhes sahiram a campo, e deram com tanto esforço nos Romanos que andavam occupados em fortificar o arraial com cavas, e vallas, que foi necessario aos trabalhadores largar as enchadas, e pegar nas armas. Acudio o capitão Bruto com todo o resto do seu exercito, e os nossos Portuguezes se foram retirando em bom passo até junto da cidade: e vendo as mulheres, que ficaram em guarda della, que Bruto vinha de vencida, lhe sahiram ao encontro tão valorosas, que fizeram recolher o capitão Romano com toda sua cavallaria ao arraial com morte de muitos, e vendo Bruto que para conquistar a cidade se punha em maior perigo se resolveu a deixar a empreza, e começou a roubar, e assolar quantos edifi-

Digitized by Google

cios achava, e com esta invenção enriquecia aos seus, e empobrecia os Portuguezes, como diz Brito L. 3. C. 13. Andando Decio Junio Bruto assolando as terras de Portugal, teve noticia como os Gallegos passavam o rio Minho para se encontrarem com elle a impedir-lhe a entrada de suas terras, determinou Bruto esperal-os para isso, caminhou na volta do rio Lethis, ou letheo, que agora se chama Lima, de quem os soldados por antiga tradição sabiam que as agoas delle causavam esquecimento, e na praia delle se d teve a vanguarda, e nenhum soldado, nem capitão quiz experimentar a ventura, em passar o rio, Bruto, que nem com rogos, nem com ameaças, vio queriam passar, cheio de colera arrebatou uma bandeira da mão de um alferes, e assim como estava a cavallo se metteu no rio, e passou da outra banda, e bebeu da agoa delle, e levantando a voz, disse para os seus, que ainda se não esquecia de Roma, nem das batalhas, e victorias passadas: e com isto animou o exercito, e todos passaram o rio. Floro L. 2.° Sabel. Eneid. L. 9. Vasc. C. 12. Res. L. 3. Pin. L. 9. C. 15. Strab. L. 3. Moral. L. 8. C. 15. Garib. L. 6. C. 12.

Tanto que Bruto teve passado o rio em breve tempo foi ter com os Gallegos que tinham já passado o Minho, e o esperavam em campo formado: mas tanto que os Romanos chegaram em breve tempo foram os Gallegos desbaratados com morte de muitos, e querendo os que ficaram passar o Minho para se recolher a suas terras, os Romanos os seguiram: e topados junto do rio, que não poderam passar, nelles se vingou Bruto do odio que levava dos Portuguezes d'entre Douro e Minho. Neste rio Minho deu Decio Junio Bruto fim ás batalhas, que teve na Lusitania, e assim o diz Laym. referido de Brito no L. 3. C. 13. por estas palavras — *Hic expeditionis Bruti terminus est*: quasi dizendo que naquella batalha e rio deu Bruto fim a suas batalhas e victorias.

Digitized by Google

CAPITULO 20.

Como Decio Junio Bruto pôz cêrco á cidade de Acitania.

A ouzadia temeraria nunca foi de louvar se não ajuda a verdadeira fortaleza, que o meio entre o temer, e ouzar, o qual guia os ouzados e fortes nas suas acções para se effectuar o intento com causa, razão, e modo que sem perigo certo se possa alcançar victoria: e assim o devia considerar Decio Junío Bruto no acomettimento que fez á famosa cidade de Acitania sendo tão inexpugnavel.

Esteve esta cidade Acitania situada duas legoas da cidade de Braga para a parte do nascente, junto ao famoso rio Ave, um dos memoraveis da provincia d'entre Douro e Minho em lugar alto; a qual depois que o capitão Bruto desbaratou aos Gallegos, determinou de passagem de lhe dar uma avançada para molestar aos moradores della. Mas sabendo elles que os Romanos vinham cercar proveram a sua cidade de todas as cousas necessarias para a sua defensão, e chegando os Romanos os Citanenses a defenderam valorosamente fazendo algumas sahidas com que mataram alguns Romanos, e puzeram muitas vezes o campo de Bruto em confusão, em tanto, que elle se vio enfadado, e mandou embaixador á cidade dizendo, que bem viam os termos da guerra, e que era impossivel poderem-se defender muito tempo, pelo que lhes seria melhor, e mais barato aceitar pazes de quem tão liberalmente lhas concedia, podendo usar do rigor das armas para os opprimir, e que se amavam a sua liberdade, e aborreciam o infallivel jugo de serem vassallos do povo Romano lhe déssem um certo dinheiro para pagar os gastos do exercito, e elle os aceitaria em lugar de amigos, e os deixaria viver conforme as suas leis, e costumes.

Digitized by Google

Ouvida dos Acitanenses a embaixado de Bruto, e considerada sua tenção, diz Val. Maxim. L. 6. C. 4, que lhe responderam de commum conselho, que a herança de seus antepessados, e bens que delles possuiam eram armas para defenderem sua terra de tyrannos, e não dinheiro para comprarem sua liberdade a homens ambiciosos. Com esta resposta despediram os embaixadores, e tornou a ficar a guerra no estado em que antes estava, sem nenhuma esperança de melhoría, como diz Moral. na guerra de Numancia L. 6. C. 5. Desta cidade se vêem hoje as ruinas entre a cidade de Braga, e a villa de Guimarães.

CAPITULO 21.

Em que se dà noticia como Norbano Calveo capitão Romano, foi desbáratado, e morto pelos moradores d'entre Douro e Minho.

E' uma das grandes virtudes do homem a grandeza de animo porque tempera e satisfaz os desejos de cousas grandes, e como tal deve ser premiada com iguaes mercês, entre as quaes a principal é a honra, que do exterior do homem é o maior bem, esta é confirmada pelos catholicos, pelo costume que temos de honrar a um só Deus Nosso Senhor sobre todas as cousas, que é o que sua Divina Magestade quer de nós: a segunda remunerar com honra as cousas notaveis feitas por algum capitão, povo, ou reino, donde emanou o uzo das estatuas, das quaes a primeira foi em Athenas a Armonio, e Aristo Getton matadores de tyrannos, e se inventaram as coroas, que se davam aos que venciam uma cidade, ou áquelles, que valorosamente a defendiam de algum poderoso inimigo. Daqui nasceram os triunfos, que faziam os homens immortaes, e por estas acções, e outras muitas a

Digitized by Google

honra tem o primeiro lugar nas cousas exteriores do mundo: e em tal estimação foram postos os famosos Imperadores, Monarchas, Reis, Capitães, a quem chamaram Magnos ou Grandes, como Alexandre, Julio Cezar, Carlos Magno, e os nove da fama, e outros. E se os sobreditos tiveram tanta fama, e honra porque defenderam suas patrias, cidades, e reinos, com quanta mais razão se deve esta honra, e fama aos Portuguezes d'entre Douro e Minho, pois defenderam sua patria de tão poderoso inimigo, como era o imperador romano, porque estando os Portuguezes sem pensamento de guerra, Norbano Calvio capitão Romano, andava na Lusitania destruindo quantos lugares podia: e tendo noticia d'entre Douro e Minho determinou encontrar-se com elles, e começou a marchar para Braga.

Assim que os Portuguezes tiveram noticia do exercito dos Romanos, ajuntaram todo o resto de sua gente, e se pozeram todos em armas, e começaram a caminhar para o exercito do inimigo, levando comsigo muitas mulheres armadas, por não perderem estas o antigo privilegio, do que falla Strabão no L. 3.° e outros muitos, de hirem sempre nas batalhas muitas companhias de mulheres, as quaes se mostravam tão generosas, e com tanto valor pelejavam, que eram occasião de se vencerem as batalhas, e nunca o foram de se perder alguma, como veremos nesta em a qual os nossos Portuguezes se metteram em duas emboscadas distantes uma da outra, tendo espaço conveniente para seu intento, e mandando cento e quinze mil mulheres de cavallo com outros duzentos ginetes para convidarem aos inimigos a lhe sahirem, se deixou ficar toda a mais gente quieta nos valles. As mulheres, e os mais que hiam no batalhão com ellas se descobriram em tempo, e lugar, que podiam ser vistos dos Romanos, e logo lhes sahiram certas companhias de cavallo cuidando de se metter facilmente na escaramuça.

Digitized by Google

mas os nossos que levavam outro proposito, se deixaram estar á mira até que o capitão Norbano lhes sahio com todo o exercito, e os foi buscar ao sitio aonde estavam.

Não se moveram as illustres matronas Lusitanas vendo sobre si a potência Romana, e logo começaram a escaramuça em que se detiveram um pouco á custa de muitas lançadas, e depois que todo o exercito inimigo carregou sobre ellas, foram pouco a pouco levando-os para onde estavam as emboscadas, ora fugindo á rêdea solta, ora fazendo-lhe cara com muita galhardia. Hia o capitão Romano seguindo o alcance com todo o seu exercito. tão soberbo, que lhe parecia, que não haveria entre Douro e Minho quem lhe fizesse rosto, e de tal maneira se embebeu com as tropas femeninas, que entrou dentro das emboscadas Portuguezas, e hindo já bem seguro no meio dellas, levantaram as companhias das mulheres um alarido, que rompia as nuvens, e ao som delle sahiram os Portuguezes das suas emboscadas, e colhendo no meio aos Romanos se vingaram mui bem delles, e se satisfizeram de alguns recontros passados, e o capitão Norbano no melhor da batalha morreu nas mãos de uma mulher, que não foi pequena gloria para elle, por ser vencido dellas. nenhuma afronta recebeu o capitão maior do mundo. E assim Laim. quando escreve estas palavras. — *In ipso fervore belli in manu cujusdam feminæ occubuit Norbanus Calvius Augusti legatus ea gloria occisus, quod a femina Bracarensi victus in omnium gloria semper fuit.* — Quazi dizendo, que na força da peleja foi morto pelas mãos de uma mulher Norbano Calvio, legado de Augusto, acabando com gloria por perder a vida nas mãos de uma mulher de Braga.

Vendo os Romanos o seu capitão morto, e atalhados os caminhos do soccorro, se renderam aos vencedores em quem não acharam piedade, porque cada um queria vin-

Digitized by Google

gar a morte do parente, que em outros recontros lhe tinham feito, e assim se viam os montes cheios dé cadaveres, e outros feridos agonizando rompiam o ceo com lastimas. Os Portuguezes se aproveitaram bem desta victoria recolhendo os despojos do exercito vencido, se partiram para Braga com a cabeça, e mão direita de Norbano Calvio, e de outros capitães principaes, enchendo aos naturaes assim de contentamento com prendas tão importantes ao seu desejo: porque nunca a fortuna desampara aos esforçados, nem o cobarde póde fugir da morte com se guardar dos perigos. Desta victoria trata Brito L. 4. C. 25.

CAPITULO 22.

Como o imperador Octaviano mandou o seu exercito a Braga, e do que nisso se passou.

Ha grandes competencias sobre qual seja maior cousa, se conservar, se adquirir virtudes, honra, fama, imperios, reinos, riquezas, e outras cousas semelhantes deste mundo: ambas as partes se ajudam de muitas razões, mas eu não determino qual seja maior, se conservar, se adquirir, mas sem o principio, que é adquirir, não haveria que conservar! Trabalhavam os Romanos por adquirir a cidade de Braga, e os Portuguezes d'entre Douro e Minho pela defender. Ficaram os Romanos tão destroçados dos successos da guerra passada, que não havia capitão, que mais quizesse provar a mão com os Portuguezes d'entre Douro e Minho, até ao tempo do imperador Octaviano, o qual tanto que foi eleito, não faltou quem o aconselhasse que convinha muito a seu estado metter debaixo de seu jugo, e sugeição a cidade de Braga. O imperador que era de animo ambicioso, e não perdia ponto de se querer aproveitar de qualquer boa occa-

Digitized by Google

sião, determinou de mandar um copioso exercito a conquistar aos Portuguezes d'entre Douro e Minho.

Tanto que os Portuguezes tiveram noticia do intento do imperador temeram totalmente sua ruina, e destruição, conhecendo que havia muita differença deste exercito aos passados, e logo pozeram em execução proverem a cidade de Braga de mantimentos, e de todas as couzas necessarias para se poderem sustentar, e para os não acharem descuidados traziam cincoenta ginetes por exploradores do campo, que davam novas cada dia do exercito Romano. Não tardaram muito os Romanos, que se não avizinhassem com a cidade de Braga, com instrumentos bastantes para combaterem seus muros. Pareceres houve na cidade, vendo a grandeza do exercito Romano, que seria melhor esperal-os em campanha, que deixarem-se cerrar, mas outros com mais maduro conselho julgaram por menos perigo defenderem-se de muros a dentro, que expôrem-se ao perigo de uma batalha, em que os successos são duvidosos.

Chegado o exercito Romano junto da cidade de Braga um quarto de legoa, lhe sahiram os Portuguezes a dar o parabem de sua vinda, e saudaram de tal maneira aos da vanguarda, que pozeram todo o campo em confusão, mas como os Portuguezes eram desiguaes em numero carregou sobre elles tanta quantidade de Romanos, que lhes foi necessario retirarem-se, nesta revolta foi presa pelos Romanos uma mulher de Braga, chamada Catharina, de gentil parecer, a qual por admiração entregaram ao capitão Agripa, servindo a todos de espanto, e de cousa miraculosa poder uma donzella a cavallo sustentar o peso das armas, e uzar dellas como qualquer valente mancebo. O capitão Romano satisfeito da graça de Catharina a tratou com muitos mimos, e regalos, assim por sua muita formosura, como pela grandeza de animo, e varo-

Digitized by Google

nil coração com que se atrevera a seguir a guerra militando como valoroso soldado, mas a pobre Portugueza lastimada de se vêr em poder dos inimigos fazia pouco caso dos favores do capitão, e nunca de sua boca se lhe poude tirar uma palavra senão ais, e suspiros.

Passados alguns dias depois da prisão de Catharina, chegou um Romano diante della, e pedio ao capitão que ou lha entregasse como captiva sua, ou lha vendesse, ouvindo a donzella isto arremetteu a uma adaga que um soldado tinha na cinta, e com ella se foi ao Romano para o matar, e não lhe podendo chegar por se metterem outros em mejo, virou para si a ponta da adaga, e com ella se matou: ficou o capitão tão lastimado de vêr diante de seus olhos morta uma donzella de tanto animo, e primor, que fez notaveis excessos de sentimento, porque queria uzar com ella grandezas, e deixal-a hir livre para a sua patria; mas os bens, que lhe não poude fazer na vida, lhe fez na morte; porque lhe mandou fazer as mesmas exequias e honras que se fazem ás princezas Romanas E foi de tanta importancia este primor, e fidalguia do capitão Romano, que uzou com a donzella, que os seus parentes foram sempre medianeiros que se concluissem pazes entre Portuguezes, e Romanos.

Tanto que o capitão Agripa acabou de satisfazer com as honras da morte de Catharina foi chegando seu exercito até o plantar defronte da cidade de Braga, e se intrincheirou, e fortificou com grandes valles de terra, como homem que sabia ser-lhe necessario para sua defensão, toda aquella segurança, começaram os Portuguezes, e os Romanos a travar escaramuças entre uns e outros, e nellas se fizeram cousas dignas de memoria. E sendo em uma preso Cayo Antisto, capitão Romano, companheiro de Agripa, homem principal assim no esforço do braço, como na experiencia das batalhas, foi levado á cidade

Digitized by Google

com duas feridas mortaes : mas Bahiario pae de Catharina o tomou á sua conta, e levou para sua casa, livrando-o das mãos dos que o tinham preso, e o mandou curar, e tratou com tanto amor, como se fôra um amigo mui particular, e depois de estar são das feridas o despedio para o seu arraial, dando-lhe muitas peças de estimavel valor.

Obrigou tanto este feito aos Romanos assim em geral, como em particular, que dahi por diante afrouxaram na pertinacia do cêrco. Consentindo, que entrassem mantimentos na cidade, acharam Antisto, e Agripa tão obrigados aos Portuguezes, que escreveram ao imperador Octaviano tudo o que passava, e lhe pediram licença para tratarem pazes com elles.

Muito folgou o Imperador de saber a generosidade dos Portuguezes, e ficou tão prendado da sua cortezia, que mandou aos seus capitães que os não molestassem, e deixassém viver em sua liberdade, e sómente procurassem delles amizade na fórma, que melhor lhes parecêsse. Com esta resposta se começou a tratar das pazes, e as concluiram brevemente, com satisfação de ambas as partes com as condições seguintes.

CAPITULO 32.

Em que se dá conta das capitulações de pazes que os Portuguezes fizeram com os Romanos.

Primeiramente assentaram os Portuguezes d'entre Douro e Minho com os Romanos em suas capitulações de pazes, que dahi em diante os Portuguezes fossem amigos do povo Romano, e dessem de muros a dentro da cidade de Braga agasalhado aos Romanos, e os admittissem a officios, e carregos publicos, como se fossem naturaes.

Que quando fossem requeridos da parte dos capitães

Digitized by Google

do imperio Romano ajudassem com gente, armas, e mantimentos, e lhes obedeceriam, e os Romanos fariam o mesmo vendo-os em necessidade.

Que os capitães do Imperio concederiam aos Portuguezes da parte do Imperador privilegio de colonia Romana para a sua cidade de Braga, a licença para ter appellido de augusta, como lhe chama Plinio L. 4. C. 22. Ant. Pio no itenerario, Jacob. Mend. in Anot. Deste cêrco trata Brito L. 4. C. 24.

Tanto que foram feitas as capitulações acima ditas, foram logo mandadas ao imperador Octaviano, o qual as confirmou, e houve por boas, e com isto acabou a guerra dos Romanos com os Portuguezes, e os Romanos, entraram na cidade de Braga com grandes festas, e alvoroço dos Portuguezes, e o Imperador começou logo a entender no governo da justiça, que até áquelle tempo estava sepultada com as guerras: e ordenou em Braga uma colonia, que era como chancellaria, que tinha por jurisdicção toda a comarca d'entre Douro e Minho, na qual nesse tempo havia vinte e quatro cidades, que com seus termos tinham 275:000 vizinhos, foi esta reformação desoito annos antes do Nascimento de Christo. Desta historia trata Brito L. 4. C. 30, e L. 5. C. 9. Mor. L. 9. C. 33. Esta colonia de Braga rendia cada anno para os Romanos 20$ libras de ouro, que sendo (como então eram de 12 onças faziam peso de 28$000 marcos pouco mais, ou menos; e valendo, como valem mil marcos de ouro 80$000 cruzados de 10 reales, fazem somma de mais de 2 milhões e 200 mil cruzados, e por este rendimento se poderá vêr o grande proveito que os Romanos tinham na Lusitania.

Na comarca d'entre Douro e Minho todos os montes estavam cheios de rimas de ouro, e prata finissima, alem de Just. no L. 44 assim o affirma S. Bernardo no L. de concia ad Eug. L. 3.° Plinio L. 33. C. 3. alem dos quaes diz Strabão L. 5. e Sylv. Ital. L. 3, que no mundo não

Digitized by Google

de leite com pão; ella naturalmente ficou sem comer para o dar aos nossos pequenos...

— Pobre pequena. E' uma boa rapariga! Mas porque o é ella? porque sabe o que é a desgraça... E por isso eu digo sempre: Se os ricos soubessem! se os ricos soubessem!

— E aquella senhora, que veio ante-hontem com ar tão afflicto perguntar-nos se tinhamos precisão de alguma cousa, agora que ella sabe o que são desgraçados.... ainda cá não voltou... e que dirás tu agora?

— Que talvez ainda venha; porque apesar da sua grande agitação, havia no seu todo um não sei que de amabilidade e doçura, que me inspirou sympathia.

— Para ti todos os ricos são boas creaturas... Fazes crer que os ricos são feitos de melhor massa do que nós!

— Eu não digo isso — replicou Morel — antes pelo contrario sou o primeiro a confessar que elles tem defeitos, assim como nós tambem os temos. Todo o mal é elles não saberem... Todo o mal é haver muitos espiões para descobrir os criminosos, e não haver nenhum para descobrir os artistas honrados, cheios de familia, que estão na ultima miseria, e que talvez por falta de soccorro dado a tempo se vejam na necessidade de praticar alguma vileza.... E' bom punir o crime, mas quanto melhor não seria prevenil'-o... Mas não pensemos mais nestas cousas... Deixemos ir o mundo como elle vae...

Digitized by Google

Eu fallo assim porque sou pobre... se fosse rico fallaria de festas e praseres... Vamos ao que importa: como te sentes agora?

— O mesmo... Não sinto as pernas... Mas tu... tu estás a tremer... vae vestir a camisola... e apaga a vela que já não serve para nada... já faz dia.

E assim era na verdade: um pallido resplendor, atravessando a custo a neve que obstruia o vidro da clara-boia, começava a allumiar o interior daquelle aposento, e fazia ainda mais horrivel o seu aspecto... As sombras da noite tinham occultado alguma parte de tamanha miseria....

— Vou esperar que seja mais claro para continuar a trabalhar — disse o lapidario assentando-se nas palhas que serviam de cama a sua mulher.

Passados alguns instantes disse Magdalena:

— Quando virá a senhora Martha buscar as pedras qne estás a lapidar?

— Esta manhãa... Já me não falta por lapidar senão uma faceta de um diamante falso.

— Um diamante falso!... essa agora!... tu que só lapidas pedras finas, apesar de cá os de casa supporem o contrario!...

— Pois tu não sabias?... Ai! agora me lembro, que o outro dia, quando cá veio a senhora Martha, estavas a dormir... Ella trouxe-me dés diamantes falsos, dés seixinhos do Rheno para lapidar e fazer do mesmo tamanho e da mesma forma que outras tantas pedras finas, que elle tambem trazia, que são as que ali se veem misturadas com os rubis...

Digitized by Google

Nunca vi pedras tão perfeitas e de tão bella agua; aquelles dés brilhantes valem pelo menos vinte contos.

— E para que quererá ella outros tantos falsos que os imitem?

— A senhora, de quem elles eram, e que eu cuido ser uma duqueza, encarregou Baudoin de lhe vender o seu adereço, e que lhe fizesse outro de pedras falsas. A senhora Martha contou-me isto, trásendo as finas para eu dar ás falsas o mesmo tamanho e as mesmas facetas. Ella encarregou mais quatro ou cinco lapidarios de fazerem o mesmo, porque passam talvez de cincoenta as pedras que tem de ser imitadas... Eu não podia fazer tudo, porque se haviam de dar esta manhãa, para o ourives ter tempo de as encastoar. A senhora Martha disse mais que as senhoras do grande tom fazem disto muitas e muitas vezes.

— Ora ahi tens tu, meu homem, que as pedras falsas fazem o mesmo effeito que as finas; e essas senhoras a quem isso só serve de adorno, nunca se lembram de sacrificar um diamante para aliviar e soccorrer os desgraçados como nós!

— Pobre mulher! a tua afflicção não te deixa ser justa... Quem é que sabe que nós... que a familia Morel vive em penuria?

— Forte homem!... Se te cortassem em pedacinhos, parece-me que ainda por cima dirias: Muito obrigado.

Morel encolheu os hombros com gesto compadecido.

Digitized by Google

— Que dinheiro te ha-de esta manhãa trazer a senhora Martha?

— Nenhum; porque ella me adiantou cinco moedas...

— Nenhum! Mas já ante-hontem gastamos os ultimos cinco reis...

— E' verdade — confirmou Morel com ar abatido.

— E então que ha-de ser?...

— Eu sei?...

— O padeiro já nos não dá o pão fiado....

— Não... e por isso já eu hontem pedi emprestado um quarto de pão á porteira Pipelet.

— E a tia Galheta não nos emprestará algum dinheiro?

— Quem? ella!... depois de já lá termos tudo empenhado... Que lhe haviamos-de nós agora levar de penhor?... os nossos filhos?... — disse Morel com amargo sorriso.

— Mas minha mãe, tu, e os nossos filhos, apenas comestes hontem entre todos um arratel de pão!... está visto que assim não podereis morrer de fartos... Mas tu é que tens a culpa... eu bem te disse que te fizesses inscrever este anno na commisssão de caridade.

— Mas lá só se inscrevem os pobres que tem trastes de caza, e a nós consideram-nos como vivendo em caza alugada com os moveis. E' o mesmo que com as sallas de asylo, nas quaes não são admittidas crianças que não tenham blusas; e os nos-

Digitized by Google

sos filhos não tem senão farrapos. Alem disso para ser inscripto na commissão de caridade era preciso que eu fosse mais de vinte vezes ao escriptorio ... porque não tenho protecções ... e isto fazia-me perder um tempo precioso, que a minha simples admissão não podia ressarcir ... Não podia ... porque o que lá dão é um pão cada mez, e meio arratel de carne *todos os quinze dias* [1].

— Mas que havemos então fazer?...

— Talvez que aquella senhora que hontem nos veio visitar, se não esqueça de nós ...

— Se esperas por isso, estás servido... Mas a senhora Martha, para quem tu fazes obra ha mais de dés annos, não te emprestará ao menos meia moeda? ella não ha-de ter coração para deixar em tamanho apuro um artista como tu, tão sobrecarregado de familia.

— Eu creio que ella nada nos pode emprestar; porque já não fez pouco adiantando-me por vezes cinco moedas: e isto para ella já é uma somma consideravel. E ainda que seja corretora de brilhantes, e traga muitas vezes comsigo o valor de muitos contos de reis, nem por isso se pode dizer que é rica. Quando ella chega a ganhar as suas quatro moedas por mez, já se dá por multo contente; pois tambem tem seus encargos ... duas sobrinhas a educar.. E assim já vês que um crusado novo para ella é como quatrocentos e oitenta para

1 E' exactamente na sua generalidade a proporção das esmolas feitas pelas commissões de benificencia em consequencia do grande numero de pobres matriculados.

Digitized by Google

nós... e occasiões ha em que se não tem nada... tu bem o sabes. Portanto não devemos esperar que ella tire agora o pão da boca a si e aos seus, para o dar a nós.

— Ahi verás tu a differença que ha de trabalhar para corretores e não para os ricos joalheiros; estes de ordinario não são tão escrupulosos... Mas tu deixas-te sempre tosquiar... toma a culpa a ti só.

— Eu é que sou o culpado! — exclamou o infeliz, desesperado por tão absurda inculpação — pois não será tua mãe a causa unica de todas estas miserias? Se não tivessemos de pagar o diamante, que ella perdeu!... não estariamos assim atrasados; não teriamos comido já os meus jornaes; e ainda seriam nossos os dusentos mil reis que tinhamos na caixa economica, e que de lá fomos tirar para os juntar aos outros dusentos, que nos emprestou aquelle malvado Jacques Ferrrand!

— E tu estás ainda na teima de não pedir nada a este... Verdade seja que elle é tão avarento... que isso talvez de nada servisse... mas em fim não seria mao experimentar...

— A elle!... pedir-lhe nada a elle!... — exclamou Morel — era mais facil deixar-me eu morrer queimado a fogo lento... Olha, não me falles nesse homem... se não queres que dê em doido.

E ao proferir estas palavras a physionomia de Morel, naturalmente terna e resignada, tomou uma expressão sombria e terrivel; o seu rosto pallido, animou-se; ergueu-se com impeto, e começou a pas-

Digitized by Google

sear com agitação pela agua-furtada. Apesar da sua apparencia debil e disforme, translusia-lhe no aspecto uma generosa indignação.

— Eu não sou mao! — exclamou o lapidario — nunca em toda a minha vida fiz mal a pessoa nenhuma... mas áquelle tabellião... Deus me perdôe... desejo-lhe tanto mal como o que elle me fez!... — E depois desta exclamação, levando as mãos á cabeça, disse com voz lastimosa: — Oh Deus meu! porque permittistes que uma desgraça que eu não mereci, me tenha prezo de pés e mãos, eu e toda a minha familia, a este hypocrita? Será possivel que semelhante homem tenha direito para usar da sua riqueza corrompendo e enganando a quantos lhe apraz corromper e enganar?

— Assim, assim — acudio Magdalena — vira-te contra elle... e depois has-de ficar muito adiantado se te fizer prender... como pode quando queira, por causa daquella lettra dos dusentos mil reis, pela qual já obteve sentença contra ti... Elle tem-te seguro, como a um passarinho prezo ao cordel. Eu abomino-o tanto como tu; mas já que lhe estamos sujeitos... que remedio senão...

— Deixar deshonrar a nossa filha! não é assim? — interrompeu o lapidario com voz fulminante.

— Pelo amor de Deus! cala-te, essas crianças estão acordadas... e ouvem-te...

— Tanto melhor — replicou Morel com horrivel ironia — será um bom exemplo para as outras duas; vão-se assim preparando... basta que um dia

Digitized by Google

se lhe metta isso na cabeça ao tal tabellião!... Pois nós não lhe estamos na dependencia, como dizes continuamente?... Anda, repete que elle me pode metter na cadêa... andá! falla claro... não ha remedio senão abandonar-lhe a filha, não é assim?

Este desgraçado terminou a sua improcação vertendo numerosas lagrimas; porque dotado, como era, de bom natural, não podia sustentar por muito tempo este tom de doloroso sarcasmo.

— Oh meus filhos! meus pobres filhos! — proseguio elle — minha Luiza!... minha boa e formosa Luiza!... muito formosa... muito formosa... que pelo seres, é que somos tão desgraçados! Se ella não tivesse sido tão bella, esse homem não se offereceria para me emprestar aquella somma... Eu sou trabalhador e honrado, o joalheiro esperaria algum tempo, e eu não deveria obrigações áquelle monstro infame, e elle não abusaria do serviço que nos fez para deshonrar a minha filha... eu não a teria deixado ficar mais um dia em sua casa... Mas que ha-de ser?... Que remedio?.. elle tem-me debaixo da sua sujeição... Oh! miseria! miseria! quantos ultrajes nos fazes supportar!

— Mas que se lhe havia-de fazer? elle disse a Luiza: « Se tu sabes de minha caza, eu mando prender teu pae... »

— Assim lhe disse!... trata-a por tu, como á mais desprezivel das creaturas!...

— Se não fosse isso, facilmente se remediava tudo: mas se a rapariga deixa a caza do tabellião,

Digitized by Google

elle manda-te prender, e então, em quanto tu estiveres na cadêa, que será de mim, sósinha com os nossos filhos e com minha mãe? Dado mesmo que Luiza fosse para outra caza ganhar tres quartinhos por mez, o que era isso para seis pessoas?

— Sim; para nós vivermos, é que deixamos talvez deshonrar Luiza.

— Tu exageras tudo: o tabellião é verdade que a quer seduzir ... porque ella o confessou; mas tu bem sabes que ella tem muito bons sentimentos.

— Sim, bem sei que ella é honrada, intelligente e bôa!... Quando ella, ao vêr as nossas tristes circumstancias por causa da tua doença, disse que queria ir servir, para nos não ser pesada, eu não te declarei então o quanto me custou uma tal resolução!... Ella feita criada de servir... maltratada, humilhada!... ella que tinha um genio tão independente, que nós a rir... lembras-te? que ainda então podiamos rir, lhe chamavamos a *princeza*; porque ella dizia sempre que á força de aceio e limpeza havia-de de fazer do nosso humilde casebre um pequeno palacio... Querida filha! o meu maior gosto seria tel-a sempre em nossa companhia, ainda que para isso me fosse preciso passar todas as noites a trabalhar... E' verdade que quando eu via o seu engraçado rosto, e os seus lindos olhos ao pé de mim, aqui, junto a esta meza, e a ouvia cantar, o meu trabalho não me parecia penoso! Pobre Luiza, tão trabalhadeira, e ao mesmo tempo tão alegre!... Até tua mãe fazia tudo o que ella lhe pedia... Quan-

Digitized by Google

do ella fallava tinha um modo tal, que era impossivel não condizer com ella ... Pois a tratar de ti! a distrahir-te!... E de seus irmãos e irmãas?... parecia sua mãe!... Não lhe faltava tempo para nada. E na verdade depois que ella se foi, toda a nossa felicidade... e tudo desappareceu tambem.

— Morel! por quem és não me repitas essas cousas, que me despedaçam o coração — interrompeu Magdalena, chorando lagrimas bem dolorosas.

— E quando me lembro que aquelle velho monstro talvez... Oh! que esta idéa faz-me dar volta ao juizo... e dá-me vontade de o ir matar, e de me matar depois...

— E que ha-de ser de nós então? Mas, torno a dizer, tu és muito excessivo em tudo. Quem sabe se o tabellião teria feito aquillo a Luiza por brincadeira, ou para a experimentar? Elle vae á missa todos os domingos, anda sempre mettido com padres... E ha tanta gente que diz ser mais seguro depositar o dinheiro em caza delle do que na caixa economica ...

— Mas isso que prova? que elle é rico e hypocrita... Eu conheço bem a minha Luiza... Ella tem bons principios... mas ama-nos com muita ternura; a nossa miseria amargura-lhe o coração. Sabe que se não fosse eu, morrerieis de fome todos vós; e se o tabellião a ameaçasse com a minha prisão... a desgraçada seria talvez capaz... Ai! a minha cabeça!... que de certo dou em doido!

— Mas olha; se isso assim fosse, o tabellião

Digitized by Google

havia-de-lhe ter dado dinheiro e algumas prendas, que de certo ella não era capaz de arrecadar para si, porque havia-de querer que se convertessem em nosso proveito, e ...

— Cala-te ... custa-me a conceber como tenhas semelhantes idêas ... Luiza acceitar ... Luiza ...

— Não digo que acceitasse para si ... mas para nós ...

— Cala-te ... repito, cala-te! ... tu fazes-me estremecer ... Se eu não fosse o que sou ... não sei o que tu serias ... e tambem os meus filhos, á vista das idêas que tens.

— Pois em que digo eu mal?

— Em nada ...

— Então porque temes tu que ...

Aqui o lapidario perdeu toda a paciencia, e interrompeu sua mulher:

— Temo ... porque ha tres mezes tenho reparado que todas as vezes que Luiza nos vem visitar, faz-se vermelha ... quando me abraça.

— Será pelo gosto de te vêr.

— Ou por vergonha ... porque parece cada vez mais triste ...

— Isso é por que nos vê sempre mais desgraçados. E alem disso quando eu lhe fallo no tabellião, diz que elle agora já a não ameaça com a tua prisão.

— Isso sim; mas ella não diz o motivo porque elle a não ameaça? não, não o diz, e eu tenho reparado que se faz cérada quando me abraça ... Santo Deus! Se um amo disser a uma sua criada, ain-

Digitized by Google

da rapariga e de bons costumes, mas que depende das suas sôpas: « Cede a meus desejos, senão despeço-te; e se me vierem pedir informações, digo que és má, para te não tomarem para outra caza...» é claro que este amo commette um criminoso abuso. Mas dizer-lhe: « Cede, se não mando prender teu pae! » e dizer-lhe isto quando sabe que uma familia numerosa vive do trabalho desse pae... oh! isto é mil vezes mais criminoso ainda!

— E quando bastava só um desses diamantes para pagar ao tabellião, e tirar de lá a nossa filha, e trazel'-a para nossa caza... — disse Magdalena com voz pausada.

— Ainda que me repitas isso um cento de vezes, não fazes nada: não sei porque te estás a cançar?... de certo, que se eu fosse rico, não era pobre, forte novidade! — replicou Morel com dolorosa impaciencia.

A probidade era tão natural, e, para assim dizer, tão insita neste homem, que não se podia capacitar que sua mulher, abatida e irritada pela miseria, podesse ter algum mao pensamento, e quizesse tentar a sua irreprehensivel honradez.

E continuou com amargura:

— Não ha remedio senão resignar-nos. Feliz de quem pode ter ao pé de si seus filhos, para os defender de todas as ciladas que lhes podem armar: mas uma rapariga do povo, quem a protege? ninguem... Quando chega á idade de ganhar alguma cousa, sahe de manhãa para a sua officina, e re-

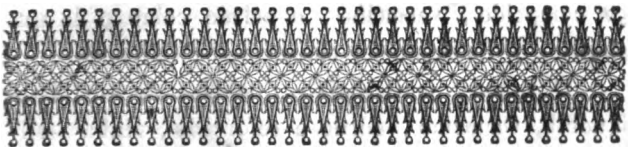
Digitized by Google

colhe-se á tardinha; e nesse entretanto a mãe trabalha para uma banda e o pae para a outra. O tempo é a nossa fortuna; e o pão é tão caro, que nem vagar podemos ter para vigiar por nossos filhos: e ainda bradam contra o mao proceder das raparigas pobres... como se seus paes tivessem meios para as guardar em caza delles, ou tempo para as vigiar quando ellas sahem... As privações não são nada em vista da pena de deixar a mulher, os filhos, ou os paes... Para nós, os pobres, é que o viver em familia seria salutar e consolador... E logo, por desgraça, apenas nossos filhos chegam á idade da razão, vemo-nos na precisão de nos separarmos delles!

A este tempo bateram com estrondo á porta da agua-furtada.

Digitized by Google

Digitized by Google



XVI.

A SENTENÇA.

ADMIRADO de um tal bater, o lapidario levantou-se, e foi abrir a porta.

Entraram dous homens pela misera vivenda.

Um delles, alto e magro, de rosto ignobil e engelhado, cingido de espessas suissas já branquejando, tinha na mão uma bengala grossa com castão de chumbo, e trazia um chapéo amassado, e uma comprida sobrecasaca verde, salpicada de lama e abotoada até ao pescoço, o qual por dentro da gravata postiça de velludo preto já rapada, se lhe

Digitized by Google

ço comprido, vermelho, e pelado como o de um abutre.... Este homem chamava-se Malicorne.

O outro, mais baixo, tambem de semblante ignobil, vermelho, gordo e reforçado, vinha vestido com uma especie de sumptuosidade grotesca. Na abertura da camisa de pregas, já amarrotada, trazia botões de brilhantes; no colete escossez de fazenda transparente pendia-lhe em innumeras voltas uma comprida cadêa de ouro, e por cima de tudo trajava um *paletó* de riço cinzento amarellado... Este homem chamava-se Bourdin.

— Oh! como isto aqui cheira a pobre! — disse Malicorne parando no limiar da porta.

— O caso é que não cheira a almiscar! Que freguezes! c'os diabos!... — acudio Bourdin com gestos de nausea e de desprezo; e depois encaminhou-se para o lapidario, que olhava para elle surprehendido e indignado.

Ao travez da porta que ficara entre-aberta, viose apparecer a cara maliciosa, espreitadora e astuta de Manquitó, que, seguindo após os desconhecidos sem que elles o vissem, olhava, espiava e escutava.

— Quem procuraes? — disse o lapidario rispidamente, indignado com a grosseria destes dous homens.

— Jeronymo Morel — respondeu Bourdin.

— Sou eu...

— Official de lapidario?

— Sou eu...

Digitized by Google

— Com effeito ?

— Que mais quereis que vos diga ?... não me apureis a paciencia ... Dizei a que vindes, ou idevos embora.

— Assim nos recebeis !... ora ! obrigado pelos cumprimentos !... Que te parece, Malicorne — continuou o mesmo voltando-se para o companheiro — vejo-lhe pouco *chorume*... isto não é como em caza do visconde de Saint-Remy !

— Assim é... Mas tambem quando ha *chorume* encontra a gente umas caras de páo.... como aquellas que nos appareceram na rua Chaillot. O passaro tinha-se escapado de vespera... e com todo o arreganho: mas os animaes desta laia estão sempre agarrados ao ninho.

— Pudéra ! não que o que elles querem é que os mettam na *chêna*, para comerem á custa da barbalonga.

— Muito boa alma, ou muito pacovio deve de ser o *lobo* (*), pois que se arrisca a gastar, só em custas, muito mais do que tudo isto vale... mas sua alma sua palma.

— Olhae — interrompeu Morel indignado — se não estivesseis bebedos, como me parece que estaes, havia-de-vos pagar tamanha insolencia... Sahi já de minha caza para fora !

— Bravo ! Bravissimo ! tem graça o tal *cambado* — exclamou Bourdin fazendo uma insultante allusão ao desvio de corpo do lapidario. — Olha, Malicorne, que te parece ! pois elle não tem o descaramento de

(*) O credor.

Digitized by Google

chamar a isto uma *casa!*... um covil, onde eu nem queria ter os meus cães...

— Jezus! Deus meu! — bradou Magdalena tão cheia de pavor, que não lhe fora possivel proferir até este tempo uma só palavra — grita por soccorro... que não vão ser alguns malfeitores... Acautella os diamantes...

E na verdade Morel ao ver esta gente desconhecida e mal encarada aproximar-se cada vez mais para onde estavam as pedras preciosas, correu logo para a sua meza, e com ambas as mãos cubrio os brilhantes.

Manquitó que espreitava esta scena, tomou nota das palavras de Magdalena, e vendo logo após ellas o movimento do artista, disse comsigo:

— Tá... que temos *mercia!*... diziam que era lapidario de pedras falsas... mas se ellas fossem falsas, não tinha elle medo que lhas roubassem... Bom é saber-se: logo a tia Martha, que aqui vem tantas vezes, não é corretora de pedras falsas... e por conseguinte são verdadeiros os brilhantes que ella traz no seu cestinho... Bom é saber-se: vou logo dizel-o á Coruja — accrescentou o filho de Braço-Forte.

— Se não sahis já immediatamente daqui para fora, grito pela guarda — disse Morel.

As crianças, que este espectaculo tinha enchido de medo, começaram a chorar; e a velha idiota ergueu-se na cama e sentou-se...

— Gritar pela guarda! — disse Bourdin — nós só é que temos direito de o fazer!... percebeis, meu cambado?...

Digitized by Google

— E' mesmo assim; — accrescentou Malicorne — porque a guarda tem de nos prestar auxilio para vos conduzir á cadeia, no cazo que vós não queiraes ir de boa-mente. Nós, verdade seja, não trazemos comnosco juiz de paz; mas se tendes muito a peito o prazer da sua companhia, podemos-vos fazer presente de um, sahido agora mesmo da cama, ainda quentinho e a ferver... Bourdin vae buscar-vo-lo...

— Para a cadeia ... eu? — exclamou Morel estupefacto.

— Sim, e para Clichy ...

— Para Clichy? — repetio o artista com ar esgasiado.

— Safa! que é duro dos cascos! — disse Malicorne.

— Ides para a cadeia por dividas — percebeis agora? — continuou Bourdin.

— Vós!... pois vós ... sereis por ventura ... acaso o tabellião ... Oh! meu Deus!...

E o artista, pallido como um defuncto, cahiu sobre o seu banco, sem poder proferir nem mais palavra.

— Nós somos *guardas do commercio* para vos filarmos, se fossemos capases disso.,. Já percebeis melhor ... meu *pacovio*.

— Morel!... é a lettra do amo de Luiza!... estamos perdidos! — exclamou Magdalena com voz de desesperação,

— Aqui está a sentença — disse Malicorne ti-

Digitized by Google

rando da negra e sebenta carteira uma ordem em papel sellado.

Depois de ter engrolado, como é de uso, uma parte do requerimento com voz quasi inintelligivel, articulou distinctamente as ultimas palavras, desgraçadamente muito significativas para o lapidario:

Portanto e pelo mais dos autos o tribunal condemna Jeronimo Morel a pagar a Pedro Petit-Jean, negociante (*), *pela melhor via de direito, e até pela sua pessoa, a quantia de duzentos mil reis, com os competentes juros desde o dia do protesto; e condemna-o nas custas. Dado em Paris a* 13 *de Setembro etc. etc.*

— E então Luiza? e Luiza? — exclamou Morel meio hallucinado, sem parecer ter ouvido o que o outro tinha resmungado — onde está ella? Ella de certo sahio da caza do tabellião, pois que elle me manda prender?... Luiza... oh meu Deus! que será della!

— Que Luiza é essa? — replicou Bourdin.

— Deixa-o, não faças cazo — tornou-lhe Malicorne com modo grosseiro — tu não vez que elle está *maluco!* Olé! vamos! meia volta á direita... em frente, marcha! Fora daqui quanto antes, que tenho medo que este ar me faça mal.

— Morel! não vás! Defende-te — exclamou Magdalena fora de si — Mata esses brejeiros! Não sejas cobarde! ... Pois tu has-de-te deixar ir prezo? queres-nos abandonar?

— Fazei o que quizerdes, visto que estaes em

(*) O manhoso tabellião para não ter de figurar em seu nome, obrigou o pobre Morel a pôr o *acceite* em branco, e mandou depois encher a lettra por terceira pessoa.

Digitized by Google

vossa caza — disse Bourdin com ar sardonico para a mulher do lapidario — mas se vosso marido ergue a mão contra nós, dou-lhe uma pancada que o atordóo — continuou elle fazendo sarilhò com a bengala de castão de chumbo.

Morel, que só tinha o pensamento fixo em Luiza, não ouvia nada do que se dizia. O seu semblante tomou repentinamente uma expressão de alegria atroz, e exclamou:

— Luiza sahio ja de caza do tabellião... vou de boa vontade para a cadeia — Mas olhando logo ao redor de si, continuou: — E minha mulher, e sua mãe ... e os outros filhos ... quem os ha-de sustentar? Estando eu na cadeia ninguem fia de mim pedras para eu lá trabalhar ... porque pensam que a minha má conducta foi a causa da minha prisão?... Está visto ... o que o tabellião quer é a minha morte e a de toda a minha familia!

— Está bom! basta de lamuria! — disse Bourdin — já não estou para vos aturar mais tempo... Vestivos, e saiámos.

— Tende paciencia, meus senhores; perdoae-me o que ha pouco vos disse! — exclamou Magdalena, que continuava a estar deitada na cama — Vós não podeis ter coração para levar prezo meu marido ... Que ha-de ser de mim, dos meus cinco filhos, e de minha mãe, que está demente? olhae, não a vedes ali sentada na sua encherga? ... ella está doida, senhores! ... está doida! ...

— Quem? aquella velha de cabeça rapada?

Digitized by Google

— E' verdade! está rapada! ... interrompeu Malicorne com uma gargalhada — e eu cuidava que ella estava de coifa branca ...

— Meus filhos, lançae-vos de joelhos aos pés destes senhores — exclamou Magdalena para ver se com este ultimo exforço enternecia os beleguins; — pedi-lhes que não levem prezo vosso pae... que é o nosso unico ganha-pão ...

Não obstante as ordens da mãe, as crianças deixaram-se ficar a chorar deitadas na sua palhoça.

A idiota ouvindo este barulho a que não estava acostumada, e vendo os dous beleguins, cujo aspecto lhe era estranho, começou de dar uns gritos surdos, encolhendo-se contra a parede. Morel parecia indifferente a esta scena passada na sua presença; este golpe era tão terrivel, tão inopinado, e as consequencias desta sua prisão eram tão funestas, que elle chegava a não lhe dar credito ... Enfraquecido já por toda a casta de privações, iam-lhe faltando de todo as forças: estava pallido e espantado sobre o banco, encolhido, com os braços pendentes, e a cabeça sobre o peito ...

— Irra! com mil diabos!... onde irá isto dar comsigo? ... — exclamou Malicorne. — Cuidaes que estamos aqui muito por gosto? Já embora; senão, ides á força!

O beleguim poz a mão no hombro do artista, e sacudio-o com força ... A ameaça acompanhada da acção infundio grande terror nas crianças, que immediatamente se ergueram da palhoça, e lavados

Digitized by Google

em lagrimas vieram meio-nus lançar-se aos pés dos dous beleguins, com as mãos erguidas, e gritando com voz lastimosa:

— Perdoae!... perdoae!... não mateis nosso pae!...

A vista destas infelizes crianças, que tremiam de frio e de medo chegou a despertar a sensibilidade de Bourdin, que alem de pouco viva, estava de mais a mais embotada pelo habito de presencear destas scenas. O seu camarada, mais deshumano, desembaraçou brutalmente á perna, a que os pequenos com ar supplicante se tinham agarrado.

— Fora daqui, garotos! ... Que maldito officio se a gente não tivesse de lidar sempre senão com estes pobretões.

E como se a scena até aqui descrita não fosse já por isso bem espantosa, sobreveio ainda um accidente que lhe veio dobrar o horror ... A mais velha das crianças que havia ficado deitada ao pé da irmãa doente, bradou de repente:

— Minha mãe, minha mãe! eu não sei o que tem a Adelaide.,. Está toda fria! Não tira os olhos de mim ... e já não respira...

A pobre criancinha phtysica acabava de expirar tranquillamente, sem dar um só gemido, e com os olhos sempre fitos na irmãa que mais amava.

Não se pode dar uma idéa do grito com que a mulher do lapidario desabafou a sua dor materna ao ouvir esta fatal revelação; porque ella immediatamente comprehendeu o que aquillo significava...

Digitized by Google

Foi um daquelles gritos palpitantes, convulsivos, e profundos arrancados das entranhas maternas.

E Jezus!... minha irmãa parece que está morta!... tenho medo — bradou a outra saltando precipitadamente para fora da palhoça, e correndo espavorida a lançar-se nos braços da mãe.

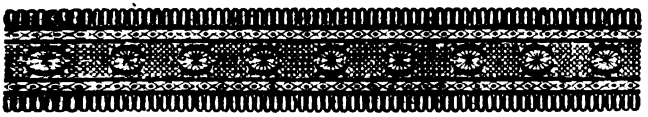
Esta, sem se lembrar da sua extrema fraqueza, fez um violento exforço para se erguer da cama, e ir aonde se achava o cadaver da filha, mas as pernas meio paralyticas não poderam sustentar o fraco pezo do corpo, e cahio no meio do chão dando um ultimo grito de desesperação.

Este grito retumbou no coração de Morel; fêl-o sahir do estado de pasmo em que jazia: n'um pulo chegou á palhoça, e apertou nos braços a sua filha de quatro annos....

Encontrou-a morta...

O frio, e a falta de tratamento ajudaram a fatal molestia a consumir mais depressa os alentos vitaes desta infeliz. Os braços e pernas ja estavam frios, e com a rigidez cadaverica...

Digitized by Google



XVIII.

LUIZA.

OREL, a quem a desesperação e o terror acabavam de fazer arripiar os cabellos, conservava-se immovel, retendo em seus braços o cadaver da filha, para o qual olhava com olhos fitos, aridos e affogueados.

— Morel! — exclamava a desconsolada mãe estendendo os braços para o marido — Morel! da-me cá a minha Adelaide! Ella não está morta! ... não ... de certo ... tu vaes vêl-a tornar a si: da-ma cá para a eu aquecer.

A curiosidade da idiota foi agora excitada pela

Digitized by Google

sollicitude dos dous beleguins, que se aproximaram do lapidario que não queria separar-se d'ao pé da filha morta. A velha deixou de uivar, levantou-se do leito, foi de vagar, e deitou a sua medonha cabeça por cima do hombro de Morel ... e por alguns momentos a avó esteve contemplando o cadaver da neta ... O seu semblante não perdeu nada da expressão habitual de estupidez feroz: e passado um minuto deixou ouvir uma especie de oscitação cavernosa e rouca, como a de uma besta fera desesperada pela fome; e voltando para a sua encherga, atirou-se sobre ella gritando:

— Tenho fome!! fome!!

— Vêdes vós, senhores, vêdes, uma pobre menina de quatro annos; Adelaide ... era o seu nome... Ainda hontem á noite a abracei, e esta manhãa ... está assim! Talvez me digaes que é uma fortuna para mim, porque é uma de menos a comer, não é assim? — disse o artista com ar hallucinado.

A poder de tantos contratempos começava já a sua razão a turbar-se.

— Morel, eu quero a minha filha; quero-a já!... — exclamou Magdalena!

— Tens razão; é bem que chegue a todos ... — respondeu o lapidario. E dizendo isto foi collocar a menina nos braços de sua mulher.

Depois escondeu o rosto com as mãos, e deu um profundo gemido.

Magdalena tão hallucinada como seu marido, introduzio na palha que lhe servia de leito o ca-

Digitized by Google

daver da filha, olhando para elle com uma especie de zelo feroz, em quanto as outras crianças, ainda de joelhos, continuavam a chorar.

Os beleguins, a quem a morte da criança chegara a commover um pouco, voltaram logo ao seu estado habitual de cruel indifferença.

— Então, camarada! que modo de vida é este? — disse Malicorne para o lapidario — vossa filha está morta, pena é; mas todos nós tambem havemos de ir, e nem vós nem nós lhe podemos dar remedio... Tratae de nos acompanhar, porque ainda temos de filar outro; hoje pica o peixe...

Morel não ouvia nada do que este homem lhe dizia.

Completamente transviado por pensamentos funebres, dizia para si o artista com voz triste e suffocada:

— Mas vae ser preciso sepultar a minha filhinha... fazer-lhe companhia aqui até que a venham buscar ... Sepultal'-a!... mas com que? nós não temos nada ... E o caixão... quem o fiará de nós? Mas um caixão pequenito ... para uma menina de quatro annos... não pode custar muito ... e alem disso escusa-se carrinho ... leva-se á mão ... Ah! ah! ah! — accrescentou elle com uma risada medonha — forte felicidade é a minha! ... ella podia ter morrido de desoito annos, da idade de Luiza, e então não fiariam de mim um caixão maior ...

— Alto lá! ... mais de vagar... que o tal sucitorio está em perigo de perder o juizo — disse

Digitized by Google

Bourdin para Malicorne, — repara-lhe para os olhos .. mettem medo ... Não está má a obra! E a velha a uivar com fome! Olha que freguezes! ...

— Acabemos com isto ... Ainda que a prizão deste mendigo nos não seja contada em mais de 12:000 reis, sempre havemos de fazer subir as custas de 20 a 25 mil reis. Quem paga é o *lobo*.

— Quem paga não, quem adianta; porque este patrão é que ha-de ser o depenado ...

— Quando elle poder pagar os 200 mil reis de capital, com os juros e as custas ... hei-de ser eu principe ...

— Vamos quanto antes, porque não se pode aqui parar com frio ... — continuou o mesmo beleguim assoprando ao mesmo tempo aos dedos — Acabemos com isto; levemo-lo, ainda que seja ás costas, e depois que chore á sua vontade ... Tomára saber que culpa temos nós de lhe morrer a pequena!...

— E quem é pobre não tem vicios.

— Dizes bem — accrescentou Malicorne — e batendo segunda vez no hombro de Morel: — Vamos, vamos; não temos tempo que perder; já que não podeis pagar, cadeia no cazo!

— Para a cadeia, senhor Morel! — disse com ar de exclamação uma voz pura e nova. E ao mesmo tempo uma rapariga trigueira, saudavel, e bem penteada entrou com precipitação na agua-fúrtada

— Ai! senhora Rigoleta, vós sois tão boa! — disse uma das crianças entre soluços — Salvae nosso

Digitized by Google

pae, que o querem levar prezo, e a nossa irmãasinha já morreu...

— Morreu Adelaide! — exclamou a donzella, cujos olhos vivos se arrasaram de lagrimas — Preso vosso pae! como pode isso ser?...

E sem se mover olhava alternativamente para o lapidario, para Magdalena, e para os beleguins.

Bourdin chegou-se para o pé de Rigoleta.

— Ainda bem, minha linda menina; já que aqui viestes, vêde se fazeis entrar esta gente em seu juizo, e principalmente este pobre homem: sua filha morreu; mas que se lhe ha-de fazer! não ha remedio senão elle acompanhar-nos para Clichy... para a prisão por dividas, nós somos officiaes de diligencias do tribunal do Commercio...

— Pois tudo isto é na verdade certo? — perguntou espantada a pobre donzella.

— Certissimo. A mãe está com a pequena defuncta na cama; e não a quer deixar por forma nenhuma. Ao menos está entretida com isso... E o pae devia aproveitar-se dessa circumstancia para nos seguir.

— E Jezus! que desgraça! — exclamou Rigoleta — que desgraça! que se ha-de agora fazer?

— Pagar ou ir para a cadeia; não ha meio termo: tendes vós alguns centos de mil reis para lhe emprestar? — accrescentou Malicorne com ar de caçoada — se os tendes, fiae-os delle, que é o que nós queremos.

Oh! que infamia! continuou Rigoleta cheia de

Digitized by Google

indignação — atreverem-se a fazer escarneo de tamanha desgraça!...

— Alto lá! minha menina — acudio o outro beleguim — se quereis prestar para alguma cousa, fazei que a mulher nos não veja levar o marido prezo: desta sorte poupareis a ambos uns poucos de minutos de mortificação.

Este conselho, com quanto pouco delicado no modo, tinha tanto ou quanto de bom na essencia: e Rigoleta abraçou-o, aproximando-se de Magdalena; a qual, fóra de si com desesperação, nem sequer attendeu á presença da donzella sua visinha, que se pôz de joelhos com as criancinhas ao pé da sua cama.

Morel tornou a si da ephemera hallucinação, mas succumbio logo ao pezo das amargas refloxões sobre o seu estado presente. Conheceu todo o horror da sua posição. Se o tabelião se tinha decidido a dar aquelle ultimo passo, era escusado esperar delle misericordia, e então os beleguins cumpriam o seu dever.

Esta ultima consideração fel'-o resignado.

— Então! vamo-nos? — perguntou Bourdin.

— Mas eu não posso deixar aqui estes brilhantes; minha mulher está delirante — disse Morel apontando para os brilhantes espalhados sobre a meza. — A corretora para quem eu trabalho deve vir procural'-os hoje por todo o dia; e todos estes valem uma somma muito consideravel.

— Caspité! — disse Manquitó, que ainda se conservava á espreita da banda de fora da porta — que pechincha! vou logo dizel'-o á Coruja.

Digitized by Google

— Deixae-me ao menos ficar até ámanhãa — replicou Morel — para poder eu mesmo entregar os brilhantes á corretora...

— Não pode ser! acabemos com isto.

— Mas eu não posso deixar aqui estes brilhantes, porque ficam sujeitos a qualquer descaminho.

— Pois levae-os comvosco: nós temos lá em baixo á nossa espera uma carruagem, que vós haveis de pagar. Iremos todos a caza da corretora; e se a não encontrarmos podeis entregar essas pedras em deposito ao carcereiro de Clichy, onde estarão tão seguras como se fosse no Banco... Agora toca a aviar; nós safamo-nos sem que vossa mulher e vossos filhos nos pesquem.

— Deixae-me ficar até ámanhãa! queria ao menos dar minha filha á sepultura! — pedio Morel com voz angustiada e interrompida por soluços.

—Não!... já temos aqui perdido mais d'uma hora.

— E além disso o enterro infundia-vos mais meloncolia — accrescentou Malicorne.

— Dizeis bem... entristecia-me mais — disse Morel com amargura — Vós tendes tanto medo de entristecer a gente! Pois bem; uma palavra sómente...

— Venha de lá com todos os diabos! mas aviae-vos! — disse Malicorne com brutal impaciencia.

— Desde quando tendes vós ordem para me prender?

— A sentença foi proferida ha quatro mézes; mas o nosso escrivão só hontem é que teve ordem do tabellião para a fazer executar...

Digitized by Google

— Só hontem?... e porque tardou tanto?

— Eu sei cá disso!... Então fazeis a trouxa?

— Hontem!... e Luiza sem ainda aqui ter apparecido!.... onde estará? que será feito della? — disse o lapidario tirando ao mesmo tempo da gaveta da meza uma caixa de papelão cheia de algodão, na qual foi arranjando as pedras preciosas — Não pensemos mais nisso.... Na cadeia terei tempo de mais para cogitar dessas cousas.

— Ora pois; fazei a vossa trouxa, e ide-vos vestir.

— Eu não tenho trouxa a fazer, tenho só de arrecadar estes brilhantes para os entregar em deposito ao carcereiro.

Pois então tratae de vos vestir!...

— Eu não tenho mais roupa que esta que trago no corpo.

— Então haveis de ir com esses farrapos! — disse Bourdin.

— Ides-vos talvez envergonhar de me levar na vossa companhia! — respondeu o lapidario com amargura.

— Isso não, porque vos levamos na vossa carruagem — acudiu Malicorne.

— Meu pae, a mãe está a chamar — disse uma das crianças.

— Ouvi-me — disse Morel rapidamente e em voz baixa a um dos beleguins — não sejaes cruel... fazei-me um ultimo favor. Eu não tenho animo para dizer adeus a minha mulher e a meus filhos ... par-

Digitized by Google

tia-se-me o coração... Se elles me virem ir comvosco, correm logo atraz de mim... Desejava por tanto evitar esta scena. Peço-vos pois que me digaes em voz alta, que voltaes daqui a tres ou quatro dias, e depois fingi que vos ides embora; e esperae no andar de baixo, que eu não tardo la cinco minutos: desta sorte evito as despédidas, a que eu de certo não podia deixar de succumbir... Ficava doido ... e por um triz o não fiquei ainda agora.

— Bem te conheço! ... querias-me furtar as voltas! ... — disse Malicorne — querias-te safar .... meu impostor!

— Oh! meu Deus! meu Deus! — exclamou Morel com dolorosa indignação.

— Eu não me persuado que elle minta — disse Bourdin ao ouvido do seu companheiro: — façamos o que elle nos pede, senão não nos vemos fora daqui; eu deixo-me ficar fora da porta; a cáza não tem outra sahida, e então não nos pode escapar.

— Vá lá; mas que o levem todos os diabos!... forte praga! forte praga!... — e depois dirigindo-se para Morel disse-lhe em voz baixa: — Está dito, esperamos-vos no quarto andar... fazei os vossos arranjos, e aviemo-nos!

—Agradeço-vos de todo o coração — disse Morel.

— Está bem! ficamos nisso! — acudio Bourdin em voz alta, e olhando para o artista com ar de intelligencia — como nos prometteis pagar, deixar-vos-hemos ficar; passados cinco ou seis dias cá voltaremos... mas não falteis!

Digitized by Google

— Sim, senhores, eu espero poder-vos então pagar — respondeu Morel.

Os beleguins sahiram.

Manquitó, receando que o vissem, desceu a escada primeiro que os officiaes de justiça.

— Senhora Morel, ouvistes vós aquillo? — disse Rigoleta dirigindo-se á mulher do lapidario para a distrahir da sua lugubre contemplação — os dous homens já lá vão; e vosso marido ficou ...

— Minha mãe! não ouvis? olhae que não levaram nosso pae — disse o mais velho dos filhos.

— Morel! escuta, escuta... Pega em um desses diamantes maiores, escusa de se saber, e seremos salvos — disse Magdalena por entre dentes, e em completo delirio. — A nossa Adelaidesinha não tornará a estar então fria, nem terá morrido...

O lapidario aproveitando-se de um momento em que ninguem de caza o via, sahio com precaução.

O official de diligencias esperava-o da parte de fora em uma especie de patamar, para o qual havia uma porta de um desvão, que era em parte continuação da agua-furtada de Morel; e no qual o porteiro Pipelet arrecadava o seu sortimento de couro. Alem disso nós já vimos que o digno porteiro chamava a este cubiculo a *sua loje de melodrama*, porque por um buraco feito no tapamento, elle presenceava algumas das tristes scenas que se passavam entre a familia Morel.

O beleguim reparou na porta do cubiculo; e chegou a persuadir-se que o seu prisioneiro havia

Digitized by Google

contado com esta sahida para fugir, ou para se esconder.

— Prompto, prompto! a caminho, meu galucho! — disse elle descendo o pé para o primeiro degrao da escada, e fazendo signal ao lapidario para que o seguisse.

— Mais um minuto, pelo amor de Deus!... — disse Morel.

E logo ajoelhou no meio do chão; e através de uma das fendas da porta lançou um ultimo olhar para a sua familia, ergueu as mãos, e disse em voz baixa com tom magoado, e chorando amargamente:

— Adeus! meus pobres filhos... adeus! minha mulher... adeus!

— Então!... acabaes com essas antifonas? — disse Bourdin com mao modo. — Razão tinha Malicorne para arrenegar de semelhante praga! safa!...

Morel levantou-se; e estava já para acompanhar o beleguim, quando se ouviram na escada estas palavras:

— Meu pae! meu pae!

— Luiza! minha Luiza! — exclamou o lapidario, erguendo novamente as mãos para o ceo. — Posso em fim abraçar-te antes de partir!

— Louvado seja Deus! que ainda chego a tempo!... — disse a mesma voz, já mais proxima.

E ouvio-se a rapariga subir apressadamente a escada.

— Socegue, minha menina — disse uma ter-

Digitized by Google

ceira voz roufenha e asthmatica vinda de região mais inferior — eu me porei de embuscada, se for preciso, no corredor do portal, e nós todos tres, eu a minha vassoura e o meu querido velhinho, e prometto-vos que não saiam daqui aquelles patifes sem vós lhe fallardes.

Já se sabe de certo que está voz era de madama Pipelet, que menos lesta que Luiza, a seguia mais de vagar. Passados poucos momentos a filha do lapidario estava nos braços de seu pae.

— E's tu, Luiza! dizia Morel a chorar — Mas estás tão pallida! Oh! meu Deus! que tens tu?

— Nada, nada ... — respondeu Luiza com hesitação — Vim a correr com tanta pressa! ... Aqui está o dinheiro ...

— Tu que dizes?! ...

— Estaes livre!

— Pois sabias? ...

— Sim, sim, sabia ... Tomae, senhor, aqui está o dinheiro — disse a rapariga dando um cartuxo de dinheiro em ouro a Malicorne.

— Mas, Luiza! este dinheiro? ...

— Logo vos contarei toda a historia ... não vos inquieteis... Vinde socegar minha mãe!

— Não, conta-me já! — exclamou Morel pondo-se diante da porta; elle lembrava-se que tinha a outra filha morta, e que Luiza ainda o não sabia. — Espera um pouco: faz-se preciso que eu converse comtigo ... Mas este dinheiro?

— Alto lá! — disse Malicorne acabando de con-

Digitized by Google

tar o dinheiro, que foi mettendo para a algibeira — estão aqui duzentos mil reis á justa; mas vós não tendes mais dinheiro, minha menina?

— Porém vós, meu pae, não deveis mais de duzentos mil reis? — disse Luiza toda admirada.

E' verdade — respondeu Morel.

— Mais de vagar — acudio Malicorne, — em quanto á lettra estamos correntes porque era de duzentos mil reis; mas as custas?... só essas, não contando as da captura, ja chegam a trinta moedas.

Oh! meu Deus! meu Deus! — exclamou Luiza — eu cuidava que eram só duzentos mil reis. Mas, senhor... ao depois se pagará o resto... isto já é uma grande quantia á conta... não é assim, meu pae?

— Ao depois... seja embora! levareis o resto ao carcereiro, e elle soltará vosso pae. Vamos, toca a andar!...

— Então sempre o levaes prezo!!

— Podéra não... por ora é uma paga por conta... em dando o resto, será solto... Anda Bourdin, põe-te a caminho!

— Deixae por favor!... deixae!... — exclamou Luiza.

— Que tal está a cégarrega!... ahi tornamos nós ao principio. Apage! que sois capazes de moer um santo... palavra de honra! — disse com máo modo o beleguim. E depois chegando-se para o pé de Morel; — Se não vos pondes já a caminho, agarro-vos pelo gasganete, e faço-vos descer os degraos sem os contar; ja não estou para vos aturar!

Digitized by Google

— Oh! meu pobre pae... eu que suppunha que o vinha livrar do ser prezo!... — disse Luiza já desanimada.

— Nada... não... Deus não é justo!... — exclamou o lapidario com voz desesperada, e batendo o pé de enraivecido.

— Cobrae animo! a Providencia nunca desampara os bons, — disse uma voz suave e energica. No mesmo instante appareceu Rodolfo á porta do pequeno desvão, do qual sem ser visto tinha presenceado quasi todas as scenas que temos até agora descrito. Elle estava pallido e profundamente abalado. A esta subita apparição os beleguins recuaram. Morel e sua filha olharam attonitos para o desconhecido: e Rodolfo tirando do bolso do seu colete um pequeno maço de notas de banco dobradas, pegou em tres, e apresentando-as a Malicorne, disse-lhe:

— Aqui estão trezentos e cincoenta mil reis, restitui a esta menina o dinheiro que ella vos deu!

O beleguim cada vez mais admirado pegou nos bilhetes com alguma hesitação; examinou-os por todos os lados, virou-os e revirou-os, até que a final os metteu na algibeira. Depois recobrando a sua má criação, que a principio o assombro e medo tinham suffocado, medio Rodolfo dos pés até á cabeça, e disse-lhe:

— As notas não são falsas: mas como parava em vossas mãos uma tal somma? Será ella vossa ao menos?

Digitized by Google

Rodolfo estava vestido com muita singelleza; e o fato vinha todo cheio de pó e de teias de aranha, por ter estado mettido no desvão do porteiro.

— Já te disse que restituisses o dinheiro que te deu essa menina — respondeu-lhe Rodolfo com voz aspera.

— Já te disse!!... Quem te deu confiança para me tratares por tu!... — exclamou o beleguim caminhando para Rodolfo com gesto de ameaçar.

— Esse dinheiro!... restitue já esse dinheiro em ouro! — repetio o principe, apertando com tanta violencia o pulso de Malicorne, que este não poude deixar de se vergar, e exclamou:

— Oh! que me fazeis doer muito... deixae-me!...

— Pois entrega o dinheiro!... Patife!... se estás pago, vae-te daqui... e não digas atrevimentos, senão deito-te pela escada abaixo.

— Está bem! ahi vae o dinheiro — disse Malicorne entregando o cartuxo á rapariga — porem não me trateis por tu, nem me magoeis... porque vós sois mais forte do que eu...

— E é assim... quem sois vós para vos apresentardes com esse arreganho! — interrompeu Bourdin collocando-se por detraz do seu collega — quem sois vós?

— Como? quem é?... é o meu inquilino... o meu rei dos inquilinos, malsins do inferno! corja de mal-criados! e maldizentes de uma figa! — exclamou madama Pipelet, que finalmente appareceu

Digitized by Google

toda esbaforida, e trazendo como adorno obrigado a sua cabelleira á Tito. Trazia na mão uma panella de barro cheia de caldo a ferver para dar por caridade aos Moreis.

— Que vem tambem aqui cheirar esta fuinha desta velha? — disse Bourdin.

— Se me chegaes cá ao physico, olhae que vos estrançalho com os dentes — bradou a porteira — e demais a mais o meu inquilino, o meu rei dos inquilinos pregará comvosco no fundo das escadas, como já vos protestou ... e depois hei-de-vos varrer como um monte de esterco, que sois ...

— O diabo da velha é capaz de amotinar toda a caza contra nós. Já estamos pagos, já cá temos todas as custas, será melhor safarmo-nos — disse Bourdin para Malicorne.

— Ahi tendes as vossas pedras! — disse este atirando aos pés de Morel com um pequeno embrulho.

— Apanha-as agora!... já que te pagam; não sejas mal-criado! — disse Rodolfo: e agarrando o beleguim com mão vigorosa apontou-lhe com a outra para o embrulho.

Como visse que não podia lutar com tão forte adversario, o beleguim abaixou-se resmungando, apanhou o embrulho, e deu-o na mão a Morel, que pegou nelle machinalmente.

Parecia-lhe tudo isto um sonho!

— Cuidado! amigo — disse Malicorne para Rodolfo — apesar da vossa força, livrae-vos de me cahir nas unhas!

Digitized by Google

E depois de ter mostrado a Rodolfo o punho fechado, desceu de um pulo dés degraos, seguido do seu cumplice, que ainda olhava para traz com medo.

Madama Pipelet poz-se em attitude de vingar Rodolfo das ameaças do beleguim; e olhando então para a sua panella com ar inspirado, exclamou heroicamente:

— As dividas de Morel estão pagas... a desgraçada familia não precisa agora do meu caldo, agua vae! oh lá debaixo!!

E inclinada sobre o corrimão da escada, a velha despejou o contheudo da panella sobre as cabeças dos dous beleguins, que áquelle tempo chegavam ao primeiro andar.

— Fóra! fóra! marotos! — accrescentou a porteira — ficaram n'uma sôpa ... eh! eh! ah! ah!...

— Seiscentos milhões de diabos te levem, velha do inferno! — gritou debaixo Malicorne, todo molhado com a preparação culinaria de madama Pipelet — tomae conta, oh lá de cima, furia do diabo!...

— Oh Alfredo! — retroquio madama Pipelet, gritando com quanta força tinha, e com uma voz aguda capaz de pôr os ouvidos dos circunstantes em carne viva ... — Oh meu Alfredo! dá-lhe para baixo, meu querido velhinho ... esses tratantes quizeram fazer de Beduinos com a tua *Stasia* (Anastacia) Patifes ... saquearam-me ... dá-lhes para baixo com o rabo da vassoura ... diz á regateira das ostras,

Digitized by Google

e ao botiquineiro que te venham ajudar a malhar nelles... A elles! a elles! a elles! mata que são ladrões!... Ksss!... ksss!... ksss!... Hou... hou... hou!... Dá para baixo! meu velho!... Bumba!... bumba!!!...

E para coroar com formidavel remate toda esta ladainha de onomatopêas, que ella acompanhou com furiosas pateadas, madama Pipelet exaltada com os fumos da victoria atirou ao fundo das escadas a sua panella de barro, a qual despaçando-se com estrondo infernal, no momento em que os beleguins, atordoados com a gritaria, desciam *quatro a quatro* os ultimos degraos, augmentou consideravelmente o seu terror.

— Fóra com elles! — exclamou Anastacia rindo ás gargalhadas e crusando os braços em attitude triumphadora...

.....

Em quanto a velha Pipelet perseguia dest'arte os beleguins com injurias e apupadas, Morel tinha-se lançado aos pés de Rodolfo.

— Vós, senhor, salvastes-nos as vidas!... Mas a quem é que nós devemos este inesperado socorro?...

— Ao Deus da *boa gente*, como diz o vosso immortal Beranger...

Digitized by Google

XIX.

RIGOLETA.

Luiza, a filha do lapidario era formosa, mas a sua formosura tinha um certo ar de gravidade. Era alta e esbelta: tinha a severa regularidade das feições da Juno antiga, e a elegancia e bem lançado porte da Diana caçadora. A sua presença respirava nobreza, não obstante o queimado da tez, não obstante a rugosa vermelhidão das mãos, perfeitamente torneadas ainda que os trabalhos domesticos as tivessem callejado; e não obstante, finalmente, os singelos vestidos que trajava.

Digitized by Google

Não nos entreteremos a pintar a gratidão e o jubilo desta familia, que tão inopinadamente escapou a uma sorte horrorosa que lhe estava imminente. Por momentos até esqueceu a morte de Adelaide. Ninguem, á excepção de Rodolfo, reparou na extrema pallidez de Luiza, e na melancholica preoccupação que de continuo a opprimia, não obstante a salvação de seu pae. E o principe, que queria tranquillisar completamente a familia Morel, segurando-lhe um futuro mais feliz, e que tinha ao mesmo tempo necessidade de explicar a grande liberalidade que practicava para não arriscar o seu incognito, chamou o lapidario para o patamar, e em quanto Rigoleta ia dispondo Luiza para receber a noticia da morte da irmãa, perguntou:

— Antes d'hontem pela manhãa não veio aqui uma senhora visitar-vos?

— Sim, senhor; e por signal que pareceu condoer-se bem do estado em que nos vio.

— Pois a ella é que tendes de agradecer, e não a mim ....

— Com effeito!... então, na verdade, aquella senhora...

— E' a vossa bemfeitora. Eu levo muitas vezes differentes peças de fazendas a sua caza: quando aqui vim alugar um aposento no quarto andar, tive noticia pela porteira da vossa desgraçada posição... e fiado na caridade da tal senhora fui a caza della... e antes d'hontem veio ella cá, para se certificar da vossa miseria: teve muito dó; mas como

Digitized by Google

a vossa miseria podia ser filha de mau governo e desmazelo, pedio-me que me informasse pessoalmente, e com brevidade, para vos poder beneficiar se fosseis gente honrada.

— Que excellente senhora! bem dizia eu...

— Sim, a Magdalena, que: *Se os ricos soubessem!* não é assim?

— Como sabeis vós o nome de minha mulher?... e quem vos disse que....

— Desde as seis horas da manhãa — acudio Rodolfo interrompendo Morel — tenho estado escondido naquelle forro que está junto á vossa agua-furtada.

— Vós?...

— Sim: e ouvi tudo, tudo, honrado e excellente homem!!!

— Santo Deus!... mas porque modo fostes vós para semelhante sitio?

— Eu não podia informar-me melhor do que por vós mesmo, e para isso quiz ver-vos e ouvir-vos, sem que o pensasseis. O porteiro tinha fallado neste pequeno forro, offerecendo-mo para eu guardar nelle a lenha. Esta manhãa disse-lhe que o queria ver, e estive lá uma hora; e então pude convencer-me que não havia caracter mais probo, mais nobre, e mais resignado do que o vosso.

— Valha-me Deus; senhor! pouco merecimento ha nisso: nasci assim, e não posso ser d'outra sorte.

— Bem o sei; e por isso vos não louvo, mas dou-vos o devido apreço... Eu estava já para sahir daquelle forro a fim de vos tirar das garras dos be-

Digitized by Google

leguias; quando ouvi a voz de vossa filha. Quiz que ella tivesse a dita de vos salvar ... Mas infelizmente o devorismo inepto dos officiaes de justiça não deixou gozar a pobre Luiza de tamanha satisfação: nesse momento appareci eu; e como tivesse hontem recebido certas quantias que se me deviam, achei-me em circumstancias de fazer esse adiantamento á vossa bemfeitora, pagando por vós essa desgraçada divida. O vosso infortunio porém tem sido tamanho, e apezar disso tendes sido tão honrado e tão digno, que o interesse que inspirastes, e que mereceis, não se limitará só a isto. Eu posso, e quero, em nome do anjo que vos salvou, affiançar-vos a existencia de um futuro tranquillo e feliz para vós e para a vossa familia ...

— Será crivel o que ouço! ... Ao menos dizei-me o seu nome, senhor; o nome desse anjo do ceo, desse anjo salvador, como vós lhe chamaes!

— Sim chamei; e na verdade é um anjo ... E tambem vós tinheis razão para dizer ha pouco que ricos e pobres, grandes e pequenos todos tinham suas penas.

— Pois essa senhora é desditosa?

— Quem ha que neste mundo não tenha seus desgostos? ... Mas eu não tenho duvida em vos dizer o seu nome ... Chama-se ella ... a Senhora ....

Lembrando-se porem a este tempo que a velha Pipelet sabia que a marqueza de Harville tinha vindo áquella caza procurar o *Commandante*, reccou Rodolfo a indiscreta tagarellisse da porteira, e continuou depois de alguns momentos de silencio:

Digitized by Google

— Só a vós direi o seu nome com uma condição ...

— Podeis mandar, senhor!...

— E' que o não haveis de repetir a ninguem; entendeis?... absolutamente a ninguem...

— Eu vo-lo juro... Mas nem ao menos me será permittido agradecer a essa providencia dos infelizes?

— Hei de perguntal'-o á marqueza de Harville, estou que ella annuirá a esse desejo....

— Pois essa senhora?...

— E' a marqueza de Harville.

— Oh! jámais esquecerei esse nome... Será o meu idolo,... a minha santa... Quando me lembro que foi ella quem salvou minha mulher e meus filhos! mas não a todos elles... não a todos... A minha pobre Adelaide... nunca mais a veremos!... Mas tambem, meu Deus, porque me hei-de lastimar; eu bem sabia que tarde ou cedo a teriamos de perder, pois estava desenganada...

E o lapidario enxugou as lagrimas.

— Pelo que diz respeito aos ultimos officios que tendes de prestar á pobre menina, vou dizer-vos o que deveis fazer.... Eu ainda não moro no meu quarto; é grande, sadio e arejado; já lá tenho uma cama, e para lá levaremos o que fôr preciso, para que nelle possaes ficar vós e vossa familia, até que a marqueza de Harville vos ache um commodo conveniente.... O corpo de vossa filhinha ficará toda a noite nas aguas-furtadas, onde virá ter um padre para guarda-lo e velar junto delle. Vou pedir ao

Digitized by Google

Sr. Pipelet que se encarregue destes tristes arranjos.

— Mas, senhor, privar-vos por amor de mim do vosso aposento!... não merece a pena... Como agora estamos sem cuidados, e eu já não tenho medo de ser prezo... a agua-furtada ha-de-me parecer um palacio, e principalmente tendo lá a minha Luiza... para cuidar de tudo como antigamente...

— A vossa Luiza não ha-de tornar a sahir da vossa companhia... Vós dizieis ha pouco que seria o vosso luxo terdes sempre ao pé de vós vossa filha... pois tê-la-heis... será a recompensa da vossa probidade.

— E Jesus! senhor, será isso possivel? parece-me um sonho... Eu nunca fui fanatico... a minha religião sempre tem sido a da honra... mas tamanha dita... faz que se creia, não nos padres, mas na Providencia!...

— E se a dôr de um pae podesse admittir compensações, — replicou Rodolfo com ar triste — dizia-vos que perdestes uma filha para alcançardes outra.

— Tendes razão, senhor. Agora em paga está comnosco Luiza...

— Então acceitaes o meu aposento, não é assim? não tendes remedio; porque d'outra sorte não sei como se ha-de arranjar a vigilia mortuaria.... Lembrae-vos de vossa mulher, que já tem a cabeça muito fraca... se a deixaes estar mais vinte e quatro horas com semelhante espectaculo diante de si!...

— Nada vos esquece, senhor: tudo quereis remediar!... Como sois bom!

Digitized by Google

— Ao vosso anjo bemfeitor é que deveis dar graças, porque a sua bondade me inspira. Eu digo-vos o que ella de certo tambem vos diria, e o que eu fizer, ella tambem o approva... Está visto pois que acceitaes... Dizei-me agora cá uma cousa; aquelle Jacques Ferrand?...

Ao ouvir estas palavras parece que uma nuvem negra torvou o aspecto do lapidario.

— Sim — continuou Rodolfo — esse é um tal Jacques Ferrand, tabellião, que mora na rua Sentier?

— Sim, senhor... Acaso o conheceis? — E como o salteassem de novo os seus temores a respeito de Luiza, exclamou — Pois que ouvistes tudo, senhor, dizei... dizei se não tenho razão de querer mal a semelhante homem?... e quem sabe... se minha filha... a minha Luiza...

Não poude dizer mais, e com ambas as mãos escondeu o rosto.

Rodolfo bem entendeu o que lhe pezava, e disse-lhe:

— Este procedimento do tabellião deve tranquillisar-vos: naturalmente mandava prender-vos para se vingar das repulsas de vossa filha; mas entretanto eu tenho muitos motivos para crêr que elle é muito máo homem... E se é como eu penso — continuou Rodolfo depois de estar calado por um pouco — confiemos na... Providencia, que o ha-de castigar...; se ella parece estar quasi sempre a dormir, tambem ás vezes accorda.

— Olhae que elle é muito rico, e muito hypocrita!

Digitized by Google

— Ainda agora vós estavéis sem a mais pequena esperança, e um anjo salvador veio em vossa ajuda... pois tambem um vingador inexoravel virá talvez castigar o tabellião... se elle fôr culpado.

A este tempo sahio Rigoleta da agua-furtada a enchugar as lagrimas que lhe cahiam dos olhos; e Rodolfo disse-lhe:

— Não achaes conveniente, minha querida visinha, que o senhor Morel vá para o meu quarto com a sua familia, em quanto o seu bemfeitor, de quem eu apenas sou um mero agente, não lhe arranja outra habitação mais commoda?

Rigoleta olhou para Rodolfo com ar attonito.

— Pois que, senhor!... por ventura tendes a generosidade de?...

— Pois que duvida?... mas com uma condição... que depende de vós, minha visinha...

— Oh! lá por isso! tudo que depender de mim...

— Eu tinha de arranjar umas contas para apresentar com brevidade a meu patrão... não podem tardar a vir por ellas... os meus papeis tenho-os lá em baixo. Se, na qualidade de visinhos, vós me desseis licença para fazer aquelle trabalho no vosso quarto... a um canto do vossa meza... sem vos estorvar na vossa costura? isto talvez vos não cause nenhum incommodo, e esta familia, nesse caso, podia já vir para baixo, ajudando-os a senhora Pipelet e seu excellente marido.

— Se não é mais que isso, estaes servido: os bons visinhos devem ajudar-se mutuamente... Vós

Digitized by Google

já destes o exemplo com o que fizestes ao bom Morel ... Estou ás vossas ordens, meu senhor ...

— Dizei antes *meu visinho* ... porque não estou para ceremonias ... e então não acceito os vossos offerecimentos — tornou-lhe Rodolfo com ar de riso.

— Por ahi não fará o barco agua! Não tenho duvida em vos chamar meu visinho, pois que na verdade o sois.

— Meu pae, a mãe está a chamal'-o ... ande!... ande!... venha depressa! — disse um dos pequenitos que veio a correr de dentro.

— Ide, senhor Morel: e logo que esteja tudo arranjado cá em baixo, mandar-vos-hei recado.

O lapidario entrou com pressa para a sua triste habitação.

— Agora, minha visinha — disse Rodolfo a Rigoleta — haveis-de-me fazer mais um favor.

— Se eu puder, meu visinho, com a melhor vontade.

— Estou capacitado que vós sois uma excellente dona de caza. E eu queria que se comprasse quanto antes tudo o que fôr necessario para aquella infeliz familia de Morel; roupa de vestir, de cama, e o mais que fôr mister para o arranjo de caza; pois no meu quarto apenas ha a simples mobilia de um rapaz solteiro, que é o mesmo que cousa nenhuma. Que se ha-de então fazer para obter já já tudo o que eu desejo para aquella gente?

Rigoleta depois de pensar um instante, respondeu:

*

Digitized by Google

— Em menos de duas horas está tudo prompto: boa roupa de vestir, limpa e de agasalho: lençoes é cobertores para toda a familia, e dous leitos pequenos para as crianças, e um para a avó. E' verdade que tudo isto custa muito dinheiro.

— Peor é essa!... mas quanto será?

— Oh! pelo menos ... pelo menos desoito a vinte moedas...

— Tudo?

— Tudo sim... e então não é uma quantia enorme?! — disse Rigoleta abrindo os seus grandes olhos, e abanando com a cabeça.

— E podemos ter tudo isso?...

— Sim; em menos de duas horas.

— Parece-me que tendes arte magica, minha visinha?

— A' fé que não! o cazo é simples. O *Templo* fica muito perto, e lá acha-se tudo o que nos é preciso.

— O Templo?

— Sim, o Templo.

— Mas que é isso de Templo?

— Pois o meu visinho ainda não sabe o que é o Templo?!

— Não, minha visinha.

— Pois admira; porque lá é que a gente, como vós e eu, vae comprar a sua mobilia e a sua roupa, quando quer poupar. Tudo lá é mais barato do que nas outras partes, e de igual ou melhor qualidade ...

Digitized by Google

— De veras!

— E' como digo: supponhamos, por exemplo... quanto vos custou esse cazaco?

— Para vos dizer a verdade, ainda não sei...

— Que dizeis, meu visinho! pois não sabeis quanto vos custou o cazaco?

— Olhae, visinha, francamente vos confesso que ainda o não paguei. E então já vêdes que não posso saber...

— Ah! visinho... visinho... parece-me que sois muito desarranjado.

— Tendes razão, que é esse o meu maior peccado...

— Pois então deveis cuidar na emenda, se quereis que sejamos amigos... e creio que o seremos... porque no mais pareceis-me um bom rapaz. E olhae que vos não haveis-de dar mal com a minha visinhança. Ajudar-me-heis... e eu tambem vos ajudarei... porque entre visinhos nada ha mais natural. Cuidarei na vossa roupa, e em paga haveis de me ajudar a encerar o solho do meu quarto... Eu madrugo muito; e accordar-vos-hei cedo para que nunca vos achem de menos na loge: baterei no tabique que nos separa, até que me digaes: Bons dias, vizinha!

— Estou pelo contracto: haveis-de-me accordar e cuidar da minha roupa, e eu encero-vos o sobrado.

— Mas haveis-de ser mais arranjado?

— Contae com isso.

Digitized by Google

— E quando tiverdes de comprar alguma cousa, ireis ao Templo: porque, por exemplo, esse vosso cazaco custou desasseis mil reis, e se fosse comprado no Templo não vos custava mais de uma moeda.

— Isso então é uma mina!... De sorte que com quinze a vinte moedas julgaes que o pobre Morel e a sua familia...

— Terão tudo o que lhes fôr mister, bom e de dura.

— Occorreu-me agora uma idêa, visinha!

— E que tal?

— Entendeis vós bem de roupa e de mobilia?

— Parece-me que pesco disso alguma cousa — respondeu Rigoleta com ar de presumpção.

— Pois então dae-me o braço, e vamos já ambos ao Templo comprar o que fôr preciso para a familia Morel; estaes por isto?

— Ora essa! se estou?! coitadinhos, que fortuna os espera!... mas o dinheiro?

— Esse não faltará.

— Vinte moedas?

— O bemfeitor de Morel deu-me lettra aberta, e não quer que falte cousa alguma a estes infelizes... Se sabeis que em outra parte ha cousas melhores que no Templo...

— Em nenhures se encontra cousa melhor: e demais a mais no Templo acha-se tudo prompto: roupa para as crianças, para a mãe...

— Está dito, vamos já ao Templo.

Digitized by Google

— Valha-me Deus! mas...

— Mas que?

— Não é nada... Mas, vós bem vêdes... o meu tempo... é a unica cousa que tenho de meu... e já me atrazei bastante com os passos que dei para cuidar da mulher de Morel. E uma hora para aqui, outra hora para ali, por fim faz um dia inteiro: e um dia vale doze vintens; e ainda que se não faça nada em um dia é preciso passar como se se ganhasse... Mas não importa!... vingo-me nas noites... e mais disso, as minhas horas de recreio são raras e contadas... do que me não fica pena... e depois já me parece que sou rica, muito rica, porque faço de conta que compro com dinheiro meu todas essas cousas para Morel... Vamos, vamos já. Deixae-me ir pôr o chale e o chapeo, e em menos de um minuto aqui estou comvosco, meu visinho.

— Quereis que no entretanto vá mudando os meus papeis para a vossa morada?

— Fazei o que quizerdes: vereis de caminho o meu quarto — disse Rigoleta com ar de orgulho — porque já está arranjado; e assim ficareis mais convencido de que eu sou madrugadeira; e que se sois preguiçoso e dorminhoco... peor para vós, que tereis de levar má vida comigo...

E dizendo isto, a costureirita desceu a escada como um passaro, seguida de Rodolfo, que se encaminhou para o seu quarto a limpar-se do pó e têas de aranha, de que se encheu no forro do porteiro. Mais adiante explicaremos o motivo porque

Digitized by Google

Rodolfo nada sabia do rapto de Flor-de-Maria, que teve lugar na vespera na granja de Bouqueval, e tambem porque não tinha visitado Morel no dia seguinte ao da sua entrevista com a senhora de Harville.

Rodolfo acompanhado de um grande maço de papeis para maior disfarce, entrou no quarto de Rigoleta.

Digitized by Google

XX.

RIGOLETA.

INHA esta rapariga a mesma idade que Flor-de-Maria, sua antiga amiga e companheira de prisão. Eram estas duas creaturas tão differentes entre si como o riso e o pranto, como a indolencia alegre e a meditação melancolica;... como a imprevisão mais irreflectida, e a previsão mais incessante e sombria do futuro; como uma natureza delicada, exquisita, elevada, poetica, dolorosamente sensivel, incuravelmente ferida e cheia de remorsos... e uma disposição alegre, viva, feliz, boa e compassiva. Rigoleta não sentia senão

Digitized by Google

os males dos outros, affligia-se e fazia seus os infortunios alheios, mas esquecia-se de tudo, logo que virava costas, como se costuma dizer. A's vezes, no meio de um rir estrepitoso, via-se chorar lagrimas, com bastante amargura; ou no meio de um pranto sincero e amargo desatava a rir despropositadamente. Como verdadeira filha de Paris preferia o bulicio do mundo á solidão domestica, o movimento ao repouso, a estrepitosa harmonia da orchestra dos bailes da Cartuxa e do Colyseo ao doce murmurio do vento, da agua e da folhagem ... o tumulto atroador das praças e ruas de Paris á soledade do campo... o resplendor fulgurante dos fogos de artificio, as faiscas deslumbradoras do grande *ramalhete* de fogo, e o ruido das bombas á serenidade de uma noite estrellada, sombria e silenciosa. N'uma palavra, a travêssa rapariga preferia francamente o empedrado das ruas da *Capital* ao musgo e relva dos assombrados caminhos da aldêa, perfumados com o suave aroma das violetas; o pó dos *Boulevards* á undalação dos campos cobertos de douradas espigas, e esmaltados com o vivo escarlate das papoilas sylvestres, e com o suave azul da genciana.

Só aos domingos sahia de caza Rigoleta, e tambem todas as manhãas muito cedo, para comprar o *leite, pão e painço para os seus dous passarinhos*, como dizia madama Pipelet: mas ao menos vivia em Paris, e nada podia contrariar mais o seu gosto e a sua vontade do que o viver fora da sua *capital*.

Não nos levarão a mal o dizer mais duas pala-

Digitized by Google

vras ácerca da costureirita da rua do Templo, antes que introduzamos Rodolfo no seu quarto.

Tinha a companheira da Cantadeira desoito annos incompletos, e uma estatura mais baixa que a ordinaria, mas tão airosa, tão bem disposta, tão voluptuosamente combinada... e tão accomodada aos seus modos diligentes, e á sua natural viveza, que o não parecia: o movimento de seus lindos pés, sempre calçados de botins de casimira preta com solas grossas, fazia lembrar o andar cauteloso, ligeiro e engraçado da codorniz e da arveola. Ao vêl-a caminhar, ninguem diria que pisava o chão. Este movimento, este modo de andar das *grisetas*, agil, provocativo, e com seus visos de assustado, deve attribuir-se a tres causas: ao desejo de agradar; ao temor de que as suas maneiras se interpretem por uma pantomima expressiva de mais; e ao cuidado de perder o menos tempo possivel em suas excursões.

Rodolfo só tinha visto Rigoleta á obscura luz da agua-furtada, e do ultimo lanço da escada; e assim, não admira que ficasse maravilhado vendo a resplandecente frescura da rapariga quando entrou no quarto della, bem claro pela luz de duas janellas bem rasgadas. Ficou por um pouco immovel na presença do bello quadro que apresentava a habitação da costureira. Rigoleta, em pé defronte do espelho collocado sobre o fogão, atava debaixo da barba o chapeo de escumilha bordada, enfeitado com fitas côr de cereja; e como elle era pequeno, e estava posto muito para traz, viam-se-lhe duas gros-

Digitized by Google

sas bandas de cabello preto, lizo e brilhante como azeviche, as quaes cahiam diagonalmente para um e outro lado do rosto; as sobrancelhas finas e delicadas arqueavam-se sobre dous grandes olhos pretos, vivos e travessos; as faces nedias eram encarnadas á vista e frescas ao tacto, como o seria uma bella maçãa orvalhada com o rocio matutino; o nariz um pouco arrebitado, travesso e petulante teria feito a fortuna de uma Liseta ou de uma Marton; a boca, que se não podia dizer pequena, tinha sempre pintado um risinho que parecia de escarneo; os labios eram rosados e humidos; e os dentes pequenos, alvissimos e muito unidos e iguaes; tres formosas covinhas, uma em cada face, e a terceira na ponta da barba ao pé de um pequeno signal preto como o ebano, collocado do modo mais provocador a um canto da boca, realçavam sobre maneira a graça encantadora da sua physionomia. Entre um largo cabeção e o extremo do chapeo franzido por uma fita côr de cereja, via-se brotar uma selva de formoso cabello tão perfeitamente alisado, e tão preto que bem parecia pintado sobre o seu eburneo pescoço. Um vestido de lãazinha côr de passa, de corpo liso e mangas justas, feito por ella mesma, apertava-lhe uma cinta, que sem desconfiança se podia chamar delicada e esbelta, porque a joven costureirita não gostava de espartilho... por economia. Uma certa elasticidade e desenvoltura desusadas, ao mais leve movimento dos hombros e do corpo, parecidas á branda ondulação do andar do

Digitized by Google

gato, revelavam bem esta particularidade. Se imaginarmos um vestido cingido ás arredondadas e polidas formas de uma estatua de marmore, logo veremos que Rigoleta podia muito bem dispensar o uso daquella parte do vestuario, de que fallamos. Um avental de levantina verde cingia a sua cintura, que bem se podia apertar com ambas as mãos.

Persuadida que estava só, pois ignorava ainda que Rodolfo ficara immovel á porta do quarto, a costureira depois de ter alisado as bandas do seu cabello preto com a palma da nivea e mimosa mão, poz o pé sobre uma cadeira, e inclinou-se para atar o cordão dos butins. Esta intima operação não poude realisar-se sem expôr aos indiscretos olhos de Rodolfo uma anagoa de algodão, branca como a neve, e a metade de uma perna admiravelmente torneada.

Por a descripção que do seu vestuario temos feito, é de crêr que Rigoleta tivesse escolhido o seu melhor chapeo, e o mais lindo avental em obsequio ao visinho, que queria receber a *honra* de a acompanhar ao Templo. O nosso fingido caixeiro enchia-lhe as medidas, e mais que tudo lhe agradava a physionomia delle, ao mesmo tempo benevola, altiva e atrevida. Alem disto tinha-se mostrado tão compadecido da familia Morel, cedendo-lhe generosamente o seu quarto, que por esta prova de bondade, quando outra cousa não houvesse, e pelo merito das suas feições, Rodolfo sem o cuidar, tinha dado um passo de gigante na confiança da costu-

Digitized by Google

reira. Esta, segundo a idêa practica que tinha da forçosa intimidade, e das reciprocas obrigações que a visinhança impõe, dava-se por muito feliz em que um visinho como Rodolfo viesse para o quarto immediato ser successor do caixeiro de cobrança, de Cabrion, e de Francisco Germano, porque começava já a sentir que elle estivesse tanto tempo de vago, e mais que tudo receava vêl-o occupado de algum modo pouco *agradavel*.

Rodolfo aproveitando a sua invisibilidade, não se cançava de contemplar toda a habitação de Rigoleta, cujo esmerado e exquisito aceio lhe parecia muito superior á descripção que madama Pipelet lhe havia feito.

Ha-de custar a encontrar caza mais alegre e mais bem arranjada do que o pequeno quarto desta laboriosa rapariga. As paredes eram forradas de papel cinzento com flôres verdes; o chão pintado de vermelho reluzia como um espelho. No sitio do fogão havia um *poële* de barro branco e vidrado, e ao pé delle via-se disposta com agradavel symetria uma provisão de lenha cortada em tão pequeninos cavacos, que sem hyperbole se podia comparar a uns poucos de feixes de grandes palitos phosphoricos.

O caixilho do fogão era de pedra pintada a fingir marmore cinzento, e sobre a meza delle serviam de adorno duas jarras de louça verde: e no meio dellas uma caixinha de madeira sustentava um relogio de prata, que fazia as vezes de pendula; a um ladó estava um castiçal de latão, resplandecente

Digitized by Google

como ouro, com a sua vela de cera; e do outro lado um candieiro não menos reluzente, que constava de um cilindro e reverbero de cobre, sustentado em columna de aço, com base de chumbo; no pano da chaminé estava pendente um espelho grande com o seu caixilho de pao preto. As cortinas da janella e da cama coberta com uma colcha de gosto singello, cortadas, cozidas e guarnecidas por Rigoleta, eram de chita cinzenta e verde; e duas portas de vidros pintados de branco occultavam duas alcovas ao lado uma da outra, que serviam, naturalmente, para guardar os despejos, o fogareiro, a agua, a vassoura etc. etc., porque nenhum destes objectos perturbava com a sua presença o lindo e symetrico aspecto do quarto, cuja mobilia consistia toda em uma commoda de nogueira bem invernisada, quatro cadeiras do mesmo pao, uma grande meza de correr a ferro e de costura coberta com pano verde, e uma cadeira de braços com assento de palhinha, e com seu banquinho para ter os pés. Finalmente, via-se entre as janellas a gaiola dos dous canarios, fieis companheiros de Rigoleta. Por uma dessas idèas industriosas que só occorrem á gente pobre, estava esta gaiola collocada no meio de um caixão de madeira de palmo e meio de altura: e este caixão, posto sobre uma meza, estava cheio de terra coberta de musgo no inverno, e semeado de relva e flores no verão: pelo que ella chamava a isto o seu jardim.

Contemplava Rodolfo este recinto com interesse

Digitized by Google

e curiosidade, e comprehendia perfeitamente a causa do humor jovial da costureira. Imaginava naquella soledade o alegre gorgeio dos passarinhos, e o cantar ameno, simples, e ditoso da rapariga; no verão trabalhava de certo ao pé da janella aberta, no meio de uma verde selva de ervilhas de cheiro, de chagas côr de laranja, e de outras trepadeiras de variadas e brilhantes côres: de inverno fazia os seus serões ao pé do fogão e á luz do seu candieiro.

.....

Chegava a este ponto a imaginação de Rodolfo, quando machinalmente olhou para a porta e vio um ferrolho enorme... um ferrolho tão grande, que bem podia competir com os do mais seguro carcere.

Este ferrolho inspirou-lhe pensamentos oppostos:

Cerrar a porta aos amantes...

Encerrar os amantes...

Rigoleta porem veio quebrar o fio destas interpretações, porque voltando a cabeça vio Rodolfo, e sem mudar de posição disse-lhe:

— Olá, visinho! estaveis ahi!

Digitized by Google

RETRATOS HISTORICOS.

CARACTER DO ESTADISTA INGLEZ,

ASHLEY COOPER

CONDE DE SHAFTESBURY (*)

Pela morte de Cromwel tudo era tumulto, tudo se agitava, e se confundia; e em semelhante estado, nem os partidos sabiam arvorar suas bandeiras de victoria,

(*) Pela nossa posição geographica, e relações commerciaes com Inglaterra, e França, onde ha muito se tinham sentido grandes acontecimentos politicos, era impossivel que os literatos portuguezes, e a classe commercial não estivessem imbuidos das idêas liberaes, já tão espalhadas no resto da Europa, quando as aguias francezas tremularam em S Jorge, e se proclamou nova dynastia, na ausencia do principe regente que desemparou a capital para se acolher á corte do Rio de Janeiro; e este resultado sempre era d'esperar, apezar dos obstaculos de toda a especie, que os velhos governos engendravam, a fim de se não verem nas torturas, por as quaes os outros haviam passado. Porêm como fosse mui limitado o circulo dos amadores das novas doutrinas, ninguem com razão nos estranhará se dérmos a introducção das idêas liberaes em nossa patria, coetanea com as tres invasões do exercito francez.

As perseguições subsequentes dos apaixonados da causa de Fran-

Digitized by Google

no meio da descongelação da republica. O timido Monk, devorado por vil e surda ambição, irrezoluto acarinhava os realistas e republicanos, ostentando-se chefe de cada

---

ça, que n'um, ou outro ponto se atreviam a desabafar seus sentimentos: os martyrios de 1817, e mais providencias despoticas dos Bachás, que na auzencia do rei governavam o paiz, não conseguiram mais que demorar a explosão de 1820.

O acolhimento geral, que teve este movimento popular do Porto, mostra o apuro em que se achavam os Portuguezes opprimidos: porém a reacção de 1823 é testemunho authentico de quão pouco se achavam arreigadas as idêas liberaes entre nós.

Mas em fim, vinte e cinco annos de tirocinio constitucional, era bastante para já nos acharmos emancipados na marcha do governo representativo; quando aliás já tinhamos as duras lições dos nossos vizinhos; e ainda mais duras as que havemos tido em a nossa terra nestes quatro lustros, assáz abundantes em perseguições, martyrios, extorsões, e exilios, que hão sido a partilha de cada um dos partidos; tendo todos aliás concorrido mais ou menos, para a desorganisação geral que ora sentimos.

Apesar porém de tantos exemplos, e do progresso geral da civilisação, ainda estamos muito á quem, do que ha a desejar a tal respeito.

Entre os motivos que nos assistem, para assim julgarmos de nossa verdura politica, um dos mais salientes é sem duvida, a forte impressão, que ainda causa na opinião publica a variedade de caracteres, e figuras, que tem representado nossas notabilidades politicas nas diversas épochas parlamentares.

Os actos publicos, e particulares de todos os nossos homens d'estado, sem exceptuarmos classe alguma; desde o soldado ao marechal; desde o estudante ao ministro; e desde a tonsura á mitra, hão sido esquadrinhados, e commentados com mais ou menos parcialidade, para dest'arte nos mimozearem com a longa, e enfadonha enumeração das variadas côres, com que nossos heroes tem representado.

Apezar porêm do anathema geral, que a opinião publica parece fulminar-lhe, poucos ahi haverá que tenham a honra de terem pertencido a um só, e unico partido: e menos ainda encontraremos dos puritanos, que não tenham offertado ao Deus do poder, incenso piedoso e supplicante!!

Porêm isto não nos cauzarà a mais pequena admiração, se confrontarmos a natureza do coração humano com os multiplicados lances politicos, que a nossa historia recente nos apresenta.

Em consequencia, para que a opinião publica se torne cada vez mais indulgente para com nossos homens publicos; e para que assentemos em regra geral, = que o maximo de suas acções é mais filho de eventualidades, do que de principios que elles tenham adoptado = apresentaremos a nossos leitores um esbôço da vida publica de Ashley Cooper, conde de Shaftesbury, estadista Inglez, em tudo sempre grande, e até na volubilidade.

Em vista do qual modêlo já nos não surprehenderá o que agora acontece, e continuará a ter lugar entre nós. (M.)

Digitized by Google

um dos grupos: e a marcha do governo entregue á discripção. Ashley pelo contrario, prevendo que a restauração era o resultado inevitavel de tanta desordem, alentava Monk em sua apathia ordinaria.

Já de antemão tinham sido eliminados do parlamento todos quantos eram affectos á realeza; Monk não se embaraçava com a côr politica do partido futuro, com tanto que elle triunfasse: porêm Cooper vivia ancioso por fixar tal incerteza, e determinar o prospero successo, prevendo que Monk o abraçaria forçosamente.

Os republicanos, suspeitosos das intenções de Cooper, decretaram sua prizão; cuja ordem hia a ser rubricada, quando Cooper foi avisado por seu amigo coronel Morkham do estado dos negocios. Cooper vai logo fallar á mulher de Monk, senhora de espirito, e intriga, e cuja confiança elle tinha sabido captivar. Expõe-lhe o triunfo dos republicanos, como um perigo imminente para elle e para Monk; e que tudo se remediaria fazendo-se entrar novamente no parlamento os membros eliminados. Cooper foi ouvido e acreditado por ella, que pôz logo em acção todos os esforços para conseguir de seu marido tal medida, a qual, ainda que secundária, decidia a sorte dos negocios.

Concordou-se em guardar um rigoroso segredo, para que os republicanos não conhecessem a trama; e que os membros agora chamados entrariam sem apparato, o que se realisou n'uma sala particular de Whitehall, acudindo todos ao primeiro aviso.

Os republicanos estupefactos por verem presentes seus adversarios que elles tinham banido, não sabem explicar sua presença inesperada. Hazlerigg, o principal fautor do republicanismo, vae ter com Ashley, e lhe exige a explicação de semelhante fenomeno; dizendo = Esta audacia ha-de custar-vos muito sangue = O vosso (res-

Digitized by Google

pondeu) se derdes motivo! Não espereis que se execute ordem de prizão; por quanto já se não abre o carcere que se me tinha preparado. = Neste momento entra na sala Monk, trata de tranquillizar os espiritos, e dando algumas desculpas frivolas, deixa reinstalados os membros realistas, a fim de continuarem a tarefa da restauração, concedendo amplos poderes ao general Monk, e nomeando um conselho d'estado de trinta e um membros, cuja direcção ficava encarregada a elle e a Cooper. Cada dia se davam passos largos para a restauração: foi declarado nullo o juramento prestado á republica; vindo assim a reconhecer-se a impossibilidade de sua existencia.

Os republicanos, á vista da impossibilidade da democracia, e receozos da volta de Carlos, lembraram-se de offerecer a Monk a corôa, debaixo do nome de = Protector =. O ambiciozo seduzio-se por um momento, o throno já brilhava a seus olhos, não distando já dous passos do esplendido fim a que aspirava.

O drama cada vez se complicava mais; Cooper marchava a passos firmes para a restauração; quando, pelo contrario, Monk secundava aquelle partido que maiores vantagens lhe offerecia. Os conjurados republicanos tratavam um dia de resolver Monk a aceitar o protectorado, desfazendo-lhe todas as duvidas oppostas a semelhante plano: sua mulher porêm detraz d'um cortinado, observou quanto se disse, e como ficasse indecisa na presença de tal movimento politico, mandou logo recado a Cooper, seu confidente e seu intimo, instruindo-o de tudo que se passou. Ashley, agradece a communicação, accrescentando, que não tendo seu marido força, e vivacidade para desempenhar uma tal empreza, sua ruina seria a consequencia immediata.

Cooper, fez logo reunir conselho d'estado, recommendando a todos urgencia por ter graves negocios a com-

Digitized by Google

municar-lhes; e ali accuzou Monk de = aspirar ao poder. =

As expressões de que uzou, eram terminantes para Monk, ainda que vagas para o resto do conselho: e então, sem que podesse suspeitar donde o mal nascia, nega tudo, e protesta sua fidelidade perante o conselho. Cooper porêm, não se contentando com vans promessas, exige de Monk uma prova decisiva; e era retirar as commissões aos officiaes do exercito que fossem suspeitos, e naquelle mesmo instante. Monk; obrígado pelas circumstancias do momento, consentio em tão perigosa medida, e desde esse instante as forças de mar e terra ficaram às ordens de Cooper.

O governo da torre de Londres, e mais lugares da maior importancia foram dados a creaturas suas, e Monk sem poder algum absolutamente. Nesta conjunctura, falto de recursos para ajudar os republicanos; receoso da reacção da parte do povo, onde eram ainda frescas as impressões de Cromwell; muda insensivelmente de posição, e se dedica á causa do rei, cuja restauração se realizou sem o *mais* pequeno auxilio da sua parte. A historia o apresenta como primeira figura neste drama, não sendo senão o ultimo comparsa.

Cooper, pelo contrario, cuja mão activa e habil tudo dirigia, ficou escondido de traz da cortina; devendo a historia apresental-o como restaurador unico da monarchia ingleza. Foi elle que tudo fez, collocando Monk n'uma falsa posição, forçando-o a trahir os republicanos, e a ser á força realista.

Carlos 2.° exilado em Breda, não cuidava senão de prazeres, sua occupação favorita; no entanto, avisado por Cooper, estava ao facto de tudo que se passava, esperando o momento de mostrar-se em publico. Aberto que foi o parlamento, apparece lord Grenville com uma mensa-

Digitized by Google

gem do rei, em que elle, (segundo o costume em taes casos) promette perdão geral, exceptuando apenas alguns, que reputava os induzidores do povo, e unicos authores de tantos crimes, que pintou com horrendas côres.

No seio do parlamento tudo estava feito, a resposta já prompta: em fim com a entrada dos novos membros não era difficil prevêr o resultado. A carta do rei, testemunhando submissão ao parlamento, foi reputada como penhor de respeito para com o povo: porêm tudo isto era para darem um ar de nobreza a este acto de maior vergonha. A democracia eclipsou-se, como era de esperar, e aquelle parlamento, onde se sentavam tantos membros que juraram odio eterno á monarchia, agora reputa unico governo possivel o do rei, pares, e communs! Envia-se uma deputação ao rei a pedir-lhe que aceitasse a corôa: Cooper vae nella, porêm confundido com os outros membros, que desempenhavam o lugar, que elle lhe tinha marcado.

Desta maneira germinou a revolução na cabeça d'um só homem muito antes de entrar na possibilidade dos acasos futuros. Carlos 2.°, vendo os realistas descoroçoados, os communs senhores da Gram-Bretanha, e o povo inteiramente submettido ás formulas republicanas, já não esperava a sua restauração. Assim esta crise foi reputada um prodigio, até por Locke contemporaneo de Shaftesbury, dizendo = Carlos 1.° vio chegar a revolução, sem se lembrar que lhe levaria a cabeça: e Carlos 2.° vio renascer a monarchia, sem ter previsto um instante sua resurreição. = Shaftesbury operou esta grande mudança.

Eis o grande acto que decide da fortuna deste homem de estado, que o elevou aos primeiros lugares, que pôz ás suas ordens todos os recursos que a ambição podia desejar tornando-o até perigoso para seus senhores; que o expôz mais tarde ao odio, obrigando-o por isso a tornar-se o mais terrivel adversario daquelles, que tinha

Digitized by Google

posto sobre o throno, detestando seu poder. E' desde logo accumulado de graças; fazem-no membro do conselho privado, governador da ilha de Wight, coronel d'um regimento de cavallaria, chanceller do exchequer, e sub-thezoureiro, lugar-tenente do condado de Dorset, e barão de Ashley. Em Dreda o rei o distingue entre os mais deputados, confessando que só a elle devia seu restabelecimento; cuja declaração se acha repetida na sua patente de barão.

Cooper bem previo os excessos da realeza restaurada; por isso queria impôr-lhe condições; mas o mar das ambições achando facil o caminho que se lhe tinha preparado, precipitou-se sobre o throno, tornando ineficazes os esforços do mais providente estadista.

Elle tinha advinhado a marcha que devia seguir a politica real; perdão ostensivo, occultando sempre o desejo de vingança implacavel; ataques lentos, e constantes contra as liberdades, cujo triunfo foi selado com a morte de Carlos 1.°; em fim luta aberta com a independencia nacional, com esperança de restabelecer o antigo poder dos reis absolutos. Ashley tudo isto tinha previsto; por isso instou com Monk para que estipulasse condições duras, e obrigatorias ao rei: porém nada se poude conseguir; porque uma restauração é como uma revolução, dado o primeiro impulso, tudo se precipita. O rei começa por muita doçura, generosidade, clemencia, mil protestos, e mil juramentos, exigindo dos subditos o esquecimento absoluto. Mas, passados seis mezes, de tudo se esquece; o parlamento é dissolvido, e não mais convocado: e foi este o toque de rebate, que chamou os cidadãos ás consequencias necessarias de uma revolução; e logo, esquecidas as promessas reaes, foram perseguidos os republicanos com barbaro encarniçamento; e foi tal o espirito de vingança que se desenvolveu na côrte, que po-

Digitized by Google

dia renunciar a toda a influencia, quem não tomasse parte naquelle delirio.

Nestas circumstancias, Cooper, como politico inexoravel, e flexivel por interesse, vae tambem figurar na caterva dos perseguidores!! Assim, aquelle homem, a quem o nascimento deu nobreza, e as circumstancias do tempo fizeram revolucionario, e tal que lá o vimos assentado á meza e estrictamente ligado com os heroes da republica; lá vae agora tomar lugar entre os seus juizes!!! No entanto menos barbaro, e menos vil, que o antigo republicano Denzil Holles, não fez o papel d'acuzador publico de seus antigos companheiros: assim mesmo dando os penhores de confiança que a realeza lhe exigia. já era assáz vileza: e tanto que lá se vio no processo de Hacket, interrogar este republicano, e fazêl-o conduzir á morte!!

Tudo marchava a passos largos para a realeza absoluta; o parlamento receava parecer rebelde, o povo fatigado não queria provocar novas perturbações, e o rei desejava dar consistencia ao throno; em fim, era esta uma daquellas épochas, em que as assemblêas populares febricitando, comettem vilezas taes, que envergonhariam qualquer particular.

No meio deste paroxismo insensato, onde uma lei declara crime de morte, o chamar papista ao rei; a liberdade religiosa e de consciencia, os direitos do povo, tudo foi atacado em seus fundamentos, e taes disposições sanccionadas por muitos bills, que serão sempre a vergonha dos annaes parlamentares da Gram-Bretanha.

A'vidos de merecer o favor do rei, e desejando lavar-se da nodoa de revolta, que constantemente lhe era ançada em rosto, os Communs decretaram a morte das liberdades publicas: e admirados de que a Camara alta, não obrasse com tanta precipitação, enviaram-lhe repeti-

Digitized by Google

das mensagens para apressarem a marcha um pouco lenta deste velho corpo aristocratico, no seio do qual o espirito de liberdade vivia sempre; e que mais tarde se coroou a si fazendo coroar Guilherme 3.º, o heroe de 1688.

Contra o bill, que punha debaixo do poder do rei as camaras municipaes, e por conseguinte toda a Inglaterra, é que a Camara Alta se mostrou mais liberal e indulgente. As circumstancias peculiares em que se achava a Camara Alta, muito concorreram para representar bem distincto papel neste drama ominozo. Ella tinha-se mostrado hostil e inexoravel para com as exigencias da republica; e não sendo forçada a cantar palinodia como a dos Communs, nada tinha a desculpar-se-lhe; e por isso se mostrou orgulhosa para com o rei, qual tinha sido para com os republicanos, prevendo ella para o futuro a destruição possivel de seus privilegios pessoaes, tocando-se ainda de leve no edificio das velhas franquias inglezas, defendendo-se a si, tambem defendia os direitos do povo. O golpe partia d'um ponto, donde os realistas menos suspeitavam. O chefe desta opposição era Cooper; desde que viu apparecer no conselho a monarchia absoluta, decidio logo fazer-lhe cruenta guerra, não a deixando livremente desenvolver-se. Como profundo politico, bem via, que entre os Communs nada fazia, por estarem desacreditados em consequencia da revolta anterior, e palinodia actual: por isso foi procurar a Camara Alta, onde a sua nova intriga achava ponto d'apoio, por se ter já mostrado hostil, e descontente com as uzurpações da corôa.

Com effeito, tudo sahio ás medidas do seu desejo; a opposição, apenas formada, teve em Cooper digno chefe, engrossando á medida que a côrte avançava em seus dezignios uzurpadores.

Prorogado o parlamento, e convocado de novo assume

Digitized by Google

a mesma posição; os communs servis, e os pares cada vez mais orgulhosos. Quiz-se obrigar os membros das corporações a jurar que olhariam como réos de morte todos os que pegassem em armas sem licença do rei; pertendeu-se introduzir em todas as ordenanças o principio de obediencia céga; o povo submete-se, e cala; a nobreza murmura: porém o governo marcha a seu fim. Um novo motivo de aggravo vêm ainda excitar mais a desaffeição da nobreza; Dunkerque occupado pelos Inglezes é entregue á França: o orgulho e interesse nacional acharam-se feridos a um tempo, e por isso um clamor geral assustou o ministerio, e a côrte. Foi agora só, pela primeira vez, que depois da restauração se manifestou um sentimento publico; e o indolente Carlos 2.°, tocado desta geral reclamação, escreve cobardemente a Luiz 14.°, pedindo-lhe soccorro, em caso de tumulto popular, e pedindo-lhe mais, que lhe escrevesse *uma carta* attencioza e agradecida, a fim de canonizar o procedimento baixo e traiçoeiro do rei de Inglaterra.

Em vão o commercio representou como fatal a perda de Dunkerque, em vão Ashley Cooper empregou toda a sua eloquencia em representar o perigo, imprudencia, e até loucura de semelhante transacção; ella concluio-se, a despeito das justas reclamações de todos os partidos, e póde asseverar-se, que desde esse momento a revolução de 1688 se tornou inevitavel.

Cooper vae-se popularizando á medida que a côrte perde o prestigio; os Communs cada vez mais servis, sepultam na mais cobarde lisonja, todo o sentimento de liberdade: e o acto d'Uniformidade, forçando as consciencias a passarem debaixo do mesmo nivel, pôz o ultimo sêlo á reacção universal. Cooper, em taes debates, inimigo dos catholicos, favorece a bandeiras despregadas o protestantismo; mostra-se sempre devoto da monarchia,

Digitized by Google

mas sempre na opposição corajosa para não perder a popularidade: pois prevía que o genio nacional, e amor pela liberdade, deviam triunfar do servilismo transitorio, que caracterisava esta época de reacção.

Ashley, commandando os descontentes, representava aquella parte da nobreza que guerreava as uzurpações da corôa; porêm um outro homem se achava em frente delle, defendendo o rei, ambicionando concentrar na corôa todo o poder possivel: era este Clarendon, escriptor insigne, grave, e cortezão, sem os vicios da côrte; por isso era mal visto, mas necessario ao rei: sogro do duque de York, por isso ligado aos catholicos, e partido absoluto. Defendeu, e aconselhou a venda de Dunkerque, combatida vigorosamente por Cooper; e por este motivo romperam as hostilidades entre estes dous chefes dos partidos catholico, e protestante. Ashley tinha por amigo e principal apoio a lord Southampton, homem dos mais distinctos daquella épocha.

Nomeado chanceller do exchequer, Ashley organiza as finanças, corrige os abuzos desta gestão de negocios, trata de acabar com os monopolios, e dá o maior desenvolvimento á industria. Prevendo o lugar que esta devia ter nos destinos de Inglaterra protegendo-a, identificava-se com o espirito nacional; e lisongeando-o pela parte mais seductora, alargava realmente o vasto campo do commercio britannico. A côrte cada vez commettia mais faltas, tinha perdido todo o prestigio; e Shaftesbury, ajudando a precipital-a, ganhava cada dia mais partidarios, sendo já considerado como chefe, e promotôr dos interesses nacionaes.

Os dous grandes principios, protestante e catholico, eram os dominantes na Gram-Bretanha; porêm como o catholicismo andava ligado á idêa do absolutismo defendido por o duque de York, por isso o principio contrario se identificava com as massas, que só aspiravam á liberdade.

Digitized by Google

Shaftesbury enthuziasta pelo protestantismo, nunca perdeu de vista lisongear os massas; porêm manejou com tanta habilidade este papel, que nunca chegou a comprometter sua posição na côrte, declarando-se abertamente pelos inimigos da restauração, de que tinha sido principal orgão, e agora traiçoeiramente queria derrubar.

A guerra da Hollanda emprehendida só por odio dos republicanos, descobre quaes eram os sentimentos da côrte; observou-se como ella tinha só em vista saciar antigos odios, e não consultando os interesses reaes da Gram-Bretanha. deixava-se guiar servilmente pelas ordens da França a quem estava assoldadada.

Não se atrevendo a atacar o protestantismo, dirigio seus primeiros golpes aos dissidentes, que formavam a vanguarda do exercito protestante.

A côrte tratou de os separar, para melhor os vencer; dos catholicos não esperava partido a favor delles, por serem inimigos; dos protestantes tambem não, por se terem separado da igreja Anglicana. Exilaram-se da capital todos os padres dissidentes, e pertenderam forçal-os a jurar inteira submissão á fé Anglicana. Ashley oppoz-se corajosamente a este bill, mostrando as consequencias funestas de sua adopção, e a nullidade de taes juramentos: porêm o bill passou, ficando os ecclesiasticos sujeitos á escolha ou de exilio, ou de prestarem juramentos forçados.

Os Communs, não contentes ainda, queriam estender sua tyrannia aos cidadãos indistinctamente; porêm na Camara Alta não passou esta medida pelos esforços de Shaftesbury, que o tornaram cada vez mais popular.

Em quanto isto se passava no interior, Luiz 14.°, o mais habil politico daquelle tempo, conhecendo as necessidades, e loucuras de Carlos 2.°, empregava-o como vil instrumento na conquista da Hollanda.

Digitized by Google

Accendia a raiva da corte de Carlos 2.º contra os republicanos Hollandezes, fomentava todas as rixas religiosas a fim de os dividir para melhor os vencer. Seguia á risca os conselhos de De Lyone, antigo discipulo de Richelieu, e que em nada desmereceu a gloria do mestre; os quaes transmittiu a seu rei na carta seguinte:

Senhor.

As circumstancias d'hoje são taes, que me parecia conveniente que Vossa Magestade fizesse trégoas com a Hespanha para se occupar d'outro objecto mais interessante.

A guerra que ha pouco rebentou entre a Hollanda, e Gram-Bretanha, é occasião opportuna, que a Divina Providencia offerece a Vossa Magestade para se constituir arbitro destas nações, augmentar o poder da França, pôr-se á frente dos catholicos, e realizar assim o designio de Deus.

Vossa Magestade, aproveitando esta occasião, póde, ou arruinar totalmente estes dous paizes, ou reduzil-os a tal estado, que não possam contar-se entre vossos inimigos. Continuae pois a fomentar a guerra, e breve os dous *povos beligerantes* ficarão reduzidos á impotencia de *contrariar* vossos mandatos.

Soprai o fogo; mas ficae puro espectador de sua luta, de tempos em tempos enviae alguns soccorros de pequena monta, que mais concorram a perdêl-os, e quando tiverem sentido todos os horrores da guerra, deveis então cahir sobre a Hollanda, e será vossa sem grande custo.

O que vós mais podeis temer, é a liga de Inglaterra, Hollanda, e Casa d'Austria; esta coalizão é muito factivel, os exemplos antigos, e conhecimentos do presente me forçam a declarar-vos humildemente esta fatalidade para a coroa de França.»

Eis os mysterios da politica, que a historia descortina só passados muitos annos; vil mistura de sordido inte-

Digitized by Google

resse, e ambição vehemente, com apparencias de bem geral; por isso, é preciso não só lêr o mirrado cadaver da historia panegirista, mas as satyras contra os reis para conhecermos cabalmente quaes os verdadeiros motores dos tratados da paz, e da guerra. Shaftesbury adivinhou os designios do rei de França; e como chefe do partido nacional, elle lhe dava novos brios; e tanto mais proficuos eram seus serviços, quanto ninguem mais que elle, tinha abonações para com a realeza.

Condemnou como prejudicialissima a guerra com a Hollanda, constituio-se defensor publico de todos as liberdades, e mostrando ao commercio o abysmo a que o levava tão sinistra politica, tornou-se Ashley o homem mais influente, e mais popular de todo o reino.

Reputou-se em fim o homem necessario ao partido liberal.

« Lord Ashley (diz Leclerc) era em apparencia moderado; mas intractavel quando se questionava em catholicismo, que muito odiava; assim como todo o poder arbitrario e tyrannico; sendo aliás indifferente em materias religiosas. »

Em fim, liberdade civil e religiosa, era o que defendia com mais vigor; e como semelhante doutrina esteja identificada com os interesses das nações maritimas, onde por um acazo o protestantismo mais vogou, por isso Ashley não só era respeitado pela Inglaterra, mas pelo protestantismo de todas as nações.

Em quanto porém Carlos 2.º, indolente e voluptuoso, enganava todos os partidos, e só tratava de ganhar tempo para se conservar, Ashley chefe dos lords protestantes, guerreava as leis penaes contra a liberdade de consciencia, rebatia com vigor as intrigas da França; e foi quem mais pugnou pela paz com a Hollanda, potencia maritima, protestante e livre, pelo que esta nação

Digitized by Google

encarregou seus embaixadores de lhe agradecerem seus serviços.

Desta maneira, atravez de tantas variações politicas, d'um tempo assáz nebuloso, vimos elevar-se um simples fidalgo de provincia, sem outro apoio mais que o seu talento, aos primeiros lugares do estado. Infiel á nobreza, de quem sahira, por se lançar nos braços da republica; depois traidor a esta, nós o vimos ser o primeiro fautor da restauração; e agora guerreando o absolutismo, sem que nada tenha podido alterar a consideração geral de que sempre gozára; homem, que apezar de tantas mudanças, e tão vergonhosas, sempre foi suspeito a todos, temido por todos, e procurado por todos!!! Clarendon, guarda-sêlos, e seu inimigo politico, cahio em desgraça, e accuzado de traidor foi banido, e teve de refugiar-se em França.

Luiz 14.°, assustado com o triunfo das doutrinas populares, envia a Londres Ruvigny para sondar a corte, que então era dirigida por Shaftesbury, cujo triunfo, ainda que de curta duração, foi a idade de ouro de Carlos 2.°, por se melhorarem todos os ramos da publica administração; tudo realmente organisado por Shaftesbury, *mas* rubricado por Orlando Bridgeman guarda-selos.

Ruvigny dá parte a seu amo da penuria de Carlos 2.°; e como o parlamento lhe negasse meios para seus divertimentos, esperava que se humilhasse a pedir-lhe ouro, para melhor conseguir seus fins, e destruir a obra de Shaftesbury.

Com effeito as dissipações do rei, absorveram todos os recursos; e o partido da corte interessado no restabelecimento do papismo, apoiado pelo duque de York, fomentava uma alliança com França, com o unico fim de haverem dinheiro. O rei não se atrevia a declarar-se contra Ashley Cooper, porque o receava, a elle e a seu numeroso partido; por isso, com a perfidia ordinaria entre

Digitized by Google

os cobardes, parecia cobrir de favores a Cooper; quando escrevia a Colbert. = E' o mais fraco e o mais cobarde entre todos os homens.

O dinheiro francez, espalhado com profusão por todas as classes influentes, principalmente entre os Communs, formava um estado francez dentro da Inglaterra, de que Ashley se desligava o mais possivel. As intrigas redobraram sua intensidade, e a final o partido de York fez triunfar o papismo, a despeito dos esforços de Ashley!

Aqui pois temos nova complicação na vida publica deste homem.

Elle vio sua obra destruida, e em suas ruinas alevantar-se o papismo, e tyrannia; sentia que o povo não gostava, mas era incapaz de se oppôr actualmente: por isso a victoria do principio protestante e liberal estava longe, e devia ser precedida de mil perseguições; e neste caso Ashley segue o partido da astucia.

Cede em fim á vontade do rei, e segue, mas de longe, o carro do partido actual, parecendo seguir o successo, e identificar-se com suas consequencias: mas tudo era ficção, para assim entreter o partido victorioso, e para d'elle aceitar qualquer beneficio. Consumou-se em fim a infame transacção, que pôz Carlos 2.° a soldo de Luiz 14.°. Seu author principal era York, Arlington, e outros; mas Ashley tambem subscreveu a ella; muito menos ardente que os outros, e com aspecto de succumbir á necessidade, seu nome terminava esta lista antinacional. Os presentes de Colbert parece que não corromperam Ashley. Arlington tinha uma pensão de dés mil libras; e Buckingham assignou o tratado mediante a somma de duzentas mil libras. Este ultimo tinha por amante a condessa de Shrewsbury. O conde descobrio a intriga, e desafiou o amante de sua mulher.

A cobardia natural de Buckingham armou-se de uma

Digitized by Google

coragem momentanea; foi ao desafio acompanhado da condessa, que, vestida de pagem, testemunhou o combate, e vio succumbir seu marido aos golpes do seu amante. A assignatura do tratado de alliança entre Luiz 14.º e Carlos 2.º fez que esta infame mulher ficasse com uma pensão de dés mil libras.

A administração que rubricou o tratado, teve o appellido de = Cabala = e era composta de Clifford, Arlington, Buckingham, Ashley, e Lauderdale, cujas cinco iniciaes formavam o appellido.

Ashley entrava só com o fim de supplantar Arlington, tudo era dirigido pelo duque d'York, o qual desconfiando de Ashley lhe não revelava os principaes segredos; por isso Ashley começou a minar uma opposição surda por não ser a figura principal; encarregando a hostilidade aberta a Buckingham: e Ashley sempre de traz do bastidor. No entanto prevendo os desastres do novo pacto que se achava estipulado, e o odio geral que se patenteava pela introducção do catholicismo no estado, quiz dissuadir o rei, mas em vão; porque Carlos 2.º tinha precisão de dinheiro, tinha dado palavra a Luiz 14.º, e elle *mesmo* se tinha convertido ao catholicismo; o que Ashley ignorava, aliás não lhe faria tal proposta.

Em um jantar do rei, a que assistiram varios convidados, faltava Ashley, em virtude das desconfianças anteriores: porém o rei, que gostava de sua conversa, o mandou chamar para se entreter ao desert.

Ashley chega, acha os convidados já mui embriagados, e fazendo a competente saude, convida o rei e os outros, a beberem novos cópos; até que conseguio desarranjar as cabeças de todos, a ponto de obter segredos, que por outra via jámais lhe seriam confiados.

Soube então a definittva conversão ao catholicismo; graças ao acaso, e á sua astucia.

Tratou logo de separar Buckingham e Lauderdale da

Digitized by Google

conjuração catholica; elles não annuiram; e assim se tornou cada vez mais complicada sua posição.

Tinha sido collaborador nos primeiros actos da conjuração, sem o que não ficaria na gerencia dos negocios; e agora recusava-se á vista das consequencias. Não tendo apoio no conselho, enviou emissarios para diversas partes a espalhar a anarchia entre os protestantes exaltados: porêm nada esperando de uma mocidade dissoluta, foi-se lançar nos braços dos principes d'Alemanha, cujos interesses se achavam identificados com o protestantismo; obteve promessas de soccorros efficazes; e ahi apparece Ashley á frente de todas as esperanças, recordações, odios, e amizades populares. Este homem singular, ligado á corte, e guerreando-a traiçoeiramente; tribuno do povo, encubrindo suas intrigas debaixo do habito de cortezão!! Homem extraordinario! tanto em traçar as primeiras linhas das guerras de partido, como nos ultimos reconditos das intrigas secretas; dotado d'extrema força, e volubilidade; d'ambição previdente, e nunca sacrificando o futuro ao presente.

Homem de todos os partidos, e de todas as opiniões; realista, republicano, partidario e adversario do tratado com a França; em fim para se conhecer sua patente capacidade, é forçoso seguil-o em todas as variações de sua politica subterranea.

O ouro de Colbert acabou-se, uma crise financeira aproximava-se, e declarando-se em fim a bancarrota, abrio-se novo campo de popularidade a Shaftesbury: por quanto, em se oppôr vivamente a tal medida ganhava a devoção do povo, e do commercio. Accresceu a isto a promulgação do edito de indulgencia a favor dos catholicos, medidas que eram exigidas por a França; a que sempre no conselho se oppozera Shaftesbury.

O duque de York, querendo desfazer-se do pérfido Ashley, que approvando as medidas, era o primeiro a

Digitized by Google

malquistal-as, propõe ao rei nomeal-o para as finanças; boa lembrança: porque aceitando, incorria no descredito geral; e recuzando, cahia no desagrado do rei: Shaftesbury aceitou, debaixo da condição de se fazer a paz com a Hollanda. Só a um tal homem occorreria naquelle momento uma tal evaziva!!

Ella minava a politica de França, dava ao governo a força perdida, e ao credito consolidação publica.

O perfido York descoroçoou, e Ashley retirando-se para a provincia, deixa passar o primeiro impeto da corte, e continuou a tramar com os principes d'Allemanha debaxio do mais rigoroso segredo.

A corte olhava Shaftesbury como um embaraço: porêm tambem lhe podia servir como instrumento: por isso ensaiou-se outro meio, e foi, separal-o sim da gerencia dos negocios mas ligal-o ás suas consequencias, cubrindo-o de favores, e empregos. Com esta politica arrancavam ao partido contrario um membro forte, e a corte punha-se a coberto de sua popularidade já canonizada com o tempo.

Em consequencia foi elevado a presidente da commissão do commercio, e depois a grão-chanceller d'Inglaterra. Shaftesbury nesta ultima posição corria perigo; porque, longe da corte, onde sua presença era incommoda em consequencia de seus novos encargos, corria a responsabilidade das medidas governativas, sem que tivesse parte em suas deliberações: no entanto, confiado em sua actividade, assentou em livrar-se do escolho. Sagaz, penetrante, conhecedor das cousas, e dos homens, a maior parte de suas sentenças passaram por modêlos. Ignorando a chicana, e suas formalidades, fazia justiça á turca, poupando assim tempo, e dinheiro á nação; em fim sahio victorioso desta prova.

Foi homem extraordinario em tudo, até em ser dis-

Digitized by Google

soluto fazia systema; por ser o vicio dominante na corte; e mais particularmente do rei, de quem se conta a seguinte anecdota.

Uma vez que entrava Shaftesbury á presença do rei, disse este: «Eis o mais libertino dos meus vassallos! « Sim, de vossos vassallos, Senhor»; replicou Ashley, saudando-o profundamente.»

Pela morte e demissão d'alguns Communs, o rei encarregou Shaftesbury de rubricar as ordenanças para se proceder á eleição de novos membros, antes de se convocar o parlamento; medida arbitraria, porêm que já era de antigo uzo da corte.

Shaftesbury aqui apparece em um novo lance perigoso; porque, se obedecia, desacreditava-se; não obedecendo, perdia o lugar. Porém não hezita; sustenta-se no poder, e curva a cabeça debaixo da impopularidade que se lhe seguia por taes ordenanças.

O caracter deste homem politico, que jámais teve virtude pura, e tambem nunca appareceu ridiculo no meio de seus vicios, era de marchar imperturbavelmente a seu fim, atravez de todos os dissabores, de todas as fraudes, de todos os ardiz, de todos os subterfugios, de todos os golpes d'estado, de todas as contradicções, e até de quantas baixezas fossem necessarias. Temo-lo visto pezar com braço firme, em balança assáz delicada, não os deveres, e virtudes, mas os embaraços de qualquer posição em que se achasse.

Nesta ultima tratava-se de sua vida, ou de sua morte; por isso elle, conservou-se no poder por uma baixeza, junta com astucia.

Sabia que a camara se havia-de irritar comtal uzurpação de seus direitos, por isso elle, logo que rubricou as ordenanças, excitou seus amigos mais influentes na camara contra uma medida, que parecia toda delle: exforçou-se

Digitized by Google

para que se declarassem nullas as eleições, e como elle guerreava sua propria obra, não incorreu na responsabilidade della; logo previo, que, passando as eleições, seria victima de accuzação capital; dando assim lugar á vingança da parte dos partidarios de York, seus inimigos: mas aqui ainda triunfou sua superior astucia, á qual Ashley juntava uma coragem que assustava seus inimigos, e fortalecia seus alliados.

Tinha-se constituido antagonista do papismo, e só esta circumstancia bastaria para o popularizar em Inglaterra.

Guardava todas as formalidades da etiqueta para com o duque d'York, symbolo vivo do catholicismo; tinha um imperio sobre si mesmo, o ponto de não romper, ainda excitado por os mais fortes motivos.

Na occasião em que se abria uma sessão, tomou o duque a direita do throno, lugar pertencente ao principe de Galles; Ashley com urbanidade lhe disse = V. Alteza está de certo esquecido, que este lugar lhe não pertence!» «Não sahirei donde estou, — disse o duque. — Em tal caso não abro a sessão. = O duque, enfurecido, sahio, e lhe disse = Milord, sois um miseravel, um sordido!.. «Agradeço a V. Alteza, o não acrescentar a esse elogio, que sou papista.»

O discurso que pronunciou na abertura do parlamento, é a mais decidida prova de sua falta de principios.

Tinha sido o maior declamador contra a guerra da Hollanda, chamando-lhe impolitica, e perigosa; agora elle mesmo vae em nome de Carlos 2.°, seu amo, declarar essa guerra. A rectidão de principios lhe insinuava a recuza desta missão; porém em tal caso não saciava sua ambição.

Como neste discurso existiam expressões equivocas, alguem do Conselho, pedio expressões fortes, que assegurassem a prerogativa da coroa, e que ao mesmo tempo

Digitized by Google

compromettessem o chanceller: Shaftesbury não duvidou usar d'outros mais fortes, hostís, e violentos = *delenda est Carthago* = destruir a Hollanda! um paiz commercial; protestante e até inimigo jurado de Luiz 14.º!!! Isto na boca de Ashley!!! Fóra esta a mais ridicula das faltas por tal homem commettida. Levantou-se um clamor geral contra elle; e como era publico que suas idêas eram outras, por isso este discurso eternizou-lhe uma nódoa historica em sua vida.

Sempre incapaz de sustentar um partido em que entrasse, nem de defender qualquer resolução tomada, Carlos 2.º sentio um momento de terror, quando as armas triunfantes de Luiz 14.º assolando a pequena republica Hollandeza, mostraram ao mundo a fraqueza da Gram-Bretanha.

Um clamor geral se alevanta, e elle se vio forçado a mandar Buckingham a Haya, e Arlington a Halifax negociar a paz com Luiz 14.º As notas de Carlos 2.º apenas foram attendidas, por se conhecer exactamente o estado de sua fraqueza, e a venalidade dos mais influentes do seu reino: e assim ficou reservada para Guilherme 3.º a honra de castigar sua audacia.

A opposição nos Communs tinha-se desenvolvido pouco a pouco; e a camara já parecia energica, depois das fraquezas vergonhosas a que foi arrastada pela restauração.

Votou subsidios ao rei, setenta mil libras por mez, durante anno e meio; pedio que se retirasse o edito a favor dos papistas; e alentada a Camara com esta primeira victoria, queixou-se dos progressos dos catholicos; e sollicitou com instancia o exilio dos Jesuitas, e dos outros ministros da religião que detestavam.

Foi um golpe mortal dado ao rei esta profissão de fé dos Communs.

Grande commoção causou no conselho o retirar-se o estatuto a favor dos papistas; e o declarar-se legal a não

Digitized by Google

conformidade com a igreja Anglicana ! ! Era forçozo romper com os Communs; o perigo era extremo.

Seguiram um meio termo e dirigiram-se á Camara Alta. Shaftesbury nesta crise assentou de mostrar-se sem rebuço aos olhos de todos; e depois do discurso violento de Clifford, que trata a resistencia dos Communs, de atroz, infame, e illegal, chamando-lhe = *monstrum horrendum*, *ingens* = Ashley, se levanta e diz = « Minhas opiniões são mui differentes das do nobre lord, que acaba de fallar. Quando fóra desta Camara se tratou deste objecto, pensava eu que a coroa tinha a prerogativa que se quer arrogar: porêm agora que vejo toda a camara dos Communs, tão leal como é, seguir opinião contraria, a minha razão se submette á sua; pois que ella é o Supremo Conselho, que dá ao rei avisos, e subsidios; e garantindo-se-lhe sua segurança religiosa, e suas leis, continuaria a obrar como até agora » = Esta mudança imprevista, e extraordinaria, em todas as circumstancias, encheu de um certo estupor a Camara: e depois de acalorado debate, vota a favor da corte. O rei abandonado de seu Chanceller, deixou-se possuir de extrema colera; e chegando-se-lhe ao ouvido, durante a discussão o duque de York, disse-lhe = E' grande velhaco o vosso chanceller (Shaftesbury): e o rei respondeu « Pois o vosso thesoureiro (Clifford) é um grande imbecil. »

Digitized by Google

PECULIO EPISTOLAR.

Cartas de Joseph da Cunha Brochado.

(*Continuado da pag.* 579 *do Vol.* 11.º)

— N.º 22. —

Ill.m.º Sr. Estas esperanças de paz nos trazem em huma continua agitação entre o temor e o desejo, e já não ha discurso novo que pertenda adivinhar qual e quando ella poderá vir á luz; com tudo he necessario que appareça. Algumas cartas de Hollanda affirmam, que a resposta dos Francezes se devia dar na primeira conferencia geral. A importancia da materia faz que pareça muito maior o tempo com que se nos dilata a sua producção. Já escrevi que o accidente da morte dos Delphins era na opinião de todos a causa que retardava a negociaqão em Utrecht, em quanto entre esta corte e a de França se buscava expediente pera impedir a juncção das duas monarchias em huma só cabeça. Este expediente não ha-de vir por revelação, e he necessario que se tenha achado

Digitized by Google

algum que seja ou mais ou menos seguro. O melhor seria que o duque de Anjou fosse para Italia como dizem se tem proposto. Outro meio he renunciar a successão de Hespanha quando haja de vir pera França, ou a de França pera ficar em Hespanha. Pera a execução de huma, ou de outra renunciação he necessaria huma garantia geral de todos os principes da grande Alliança; e esta he a negociação que eu acho de maior difficuldade pelas clausulas e condições que cada hum ha-de querer estipular pera o caso da ruptura. Poderá ser que tudo isto seja huma pura advinhação; porèm eu não sei que possa ser outro o embaraço desta negociação.

Nenhum mal nos fará se tentarmos, ou dispozermos a nossa barreira sem prejudicar o nosso principal interesse, que he a exclusão do duque de Anjou, ou huma partilha dentro em Hespanha.

Se o seu continente, ou alguma parte delle fôr dado a hum Principe, que casar com huma Archiduqueza, não intendo que teremos a nosso favor a escolha, e que nos precedêra Piemonte por ter huma vocação expressa, ainda que ella não deve tirar a liberdade daquella Princeza. Se este caso succeder, tempo haverá pera a nossa disputa, e pera a nossa diligencia; porêm as nossas cousas, pela desgraça da nossa guerra, estão em hum tal abatimento, que não ganharemos muita terra nesta negociação.

Não sei se com bom fundamento se prohibe a Samuel Clarque a cobrança dos subsidios que fôr bastante pera pagamento dos Assentistas; porque he certo que estes subsidios se não pagam, nem querem pagar, e assim nenhuma perda haveria de se consignarem ao pagamento de hum Inglez, que tem parentes entre os officiaes do thesouro, e he hum vassallo da Rainha, cujo interesse e proveito ho aqui de grande consideração, e finalmente se houvessem de pagar-nos seria no caso em que appare-

Digitized by Google

cesse algum crédor Inglez, como succeden a Meat, a Stevenson, e o mesmo poderia acontecer a favor de Clarque, que he negociante de maior credito; e sendo certo que os subsidios se devem hoje reputar como divida do mercador fallido, nenhum mal póde vir á fazenda real de a dar em consignação como Mouro que se não póde haver.

Dom Luiz da Cunha se oppoz a estes pagamentos, e não conseguiu o que intentou, porque se fizeram por ordem absoluta da Rainha a favor de credores seus vassallos sem escutar rasão alguma; e quando a rasão os aperta, dizem que os subsidios são voluntarios, porque não enchemos as obrigações do tratado: e fechados nesta trincheira evitam entrar em disputa que os convença.

A esta hora chega a posta de Hollanda, e vou á corte a saber se ha alguma cousa digna de se escrever na carta do officio, e fico pera servir a V. Ill.ma como devo. Deus guarde a V. Ill.ma muitos annos. Londres 10 de Maio de 1712 = Ill.mo Snr. Bispo Inquizidor Geral = Creado de V. Ill.ma = *Joseph da Cunha Brochado.*

— N.º 23. —

Ill.mo Snr. Ainda não ha clareza alguma sobre os negocios da paz, e sua santa vinda, de que somos aqui huns puros Sebastianistas, que esperamos o incuberto desta negociação. Passou o dia em que se cuidava que a Rainha fizesse a communicação ao Parlamento; porèm como de Hollanda se avisa, que o tratado da Baviera e commercio entre os Hollandezes e esta nação estava concluido, ou a concluir-se, e como a negociação sobre a successão de Hespanha, no caso da morte do ultimo Delphim he tempo de estar finda; esperamos que a nossa suspensão será de poucos dias. Eu não entendo que Inglaterra tome sobre si ajustar o inconveniente da união

Digitized by Google

das duas monarchias, nem tambem as pertenções particulares dos mais Principes; mas de tudo o que tiver concertado com França fará communicação, como quem não sabe nada, e para persuadir que as condições não podem ser mais justas, nem mais racionaes, e então será necessario ou consentir, ou deitar no mar. Deus nos traga já este dia pera que deixemos os discursos, que já não ha quem os soffra, nem V. Ill.ma terá paciencia pera os lêr. Fico na obediencia de V. Ill.ma como devo. Deus guarde a V. Ill ma muitos annos. Londres 17 de Maio de 1712. = Illm.mo Snr. Bispo Inquizidor Geral. = Creado de V. Illma = *Joseph da Cunha Brochado.*

— N.º 24. —

Ill.mo Snr. Recebi a carta de 22 d'Abril que V. Illma me fez honra de escrever, em que acho as melhores luzes, com huma prudencia digna dos altos empregos de V. Ill.ma

A morte dos Delphins não alterou a substancia dos *negocios*, mas dilatou a conclusão delles, porque se acharam estes ministros no caso de poder succeder o duque de Anjou na coroa de França, e assim buscaram meios para impedir a juncção das duas coroas.

Segundo todas as apparencias elles tem achado estes meios que serão seguros na sua opinião, e nunca o serão no justo receio de quem os julgar com prudencia experimentada e aprendida na pouca fé dos tratados. Estas cousas, e seus damnos ainda estão remotos; he necessario que nos fiemos da prudencia sem despresar a mais solicita cautella.

Este negocio da paz, como se trata entre tão poucas pessoas, não he muito que se não revelle ao cuidado de quem mais o espreita; e esta mesma cautella faz crêr que

Digitized by Google

a obra não deve ser muito gloriosa, nem de grande credito pera seus artifices. Eu tenho dito o que entendi; ainda que em poucas palavras, sobre as nossas negociações em Utrecht, e como não tenho animo de disputar contentei-me com insinuar a minha opinião, sem desacreditar a contraria.

Não me dá pouco cuidado a turbulenta situação em que se acha a Bahia, e ella merece todo o cuidado do ministro de Sua Magestade. Aquella praça he aberta, e a entrada nos rios que chamam Reconcavo, não tem resistencia alguma; e esteja V. Ill.ma persuadido que as mesmas Indias Occidentaes não são hoje tão invejadas como as nossas colonias do Brazil, e assim he da ultima necessidade que cuidemos mais nellas, que no nosso mesmo continente. Lembra-me haver escripto huma carta a V. Illma em que dizia o que então entendi sobre o commercio daquella conquista, e a circumspecção, e prudencia com que observar as prohibições contra a saca do oiro, em que deve haver alguma dissimulação, entendendo que o oiro he hum genero tão precioso, que nelle estudam toda a ambição, e toda a cubiça dos homens, e não haverá perigo, nem respeito, que se não atropelle pera hirem buscal-o, e assim se não dissimularmos a sahida de alguma parte delle, poderá ser que o exponhamos todo á viva força destas Potencias.

Tenho feito bastantes diligencias, e bem importunas, com este thesoureiro, e não pude até agora conseguir resposta sobre que descance: porêm entendo que se pagarem a alguem, tambem nós teremos a nossa parte. e determino valer-me de alguma invenção pera persuadir ao thesoureiro, de que dou conta a Diogo de Mendõça por uma carta particular.

Fico na obediencia de V. Ill.ma como devo. Deus guarde a V Ill.ma muitos annos. Londres 24 de Maio de

Digitized by Google

1712. = Illmo Snr. Bispo Inquizidor Geral = Creado de V. Illma = *Joseph da Cunha Brochado.*

— N. 25. —

Eminentissimo Snr. Pela posta que agora chega de Hollanda tivemos a nova da promoção ao Sacro Collegio, que fez Sua Santidade em 23 de Maio, e em que V. Eminencia he hum dos principaes ornamentos daquella promoção. Dou a V. Eminencia os parabens, e os podera dar com mais rasão a Roma, e á minha patria pois de huma, e de outra serão os interesses de tão plausivel escolha.

O santo ardor, e o celeste fogo que brilha na purpura de que V. Eminencia estará hoje vestido, não dá novos lustres ao purissimo, e nobilissimo sangue de V. Eminencia, nem mais fervorosos estimulos ao seu zelo, e á sua religião; antes em gloria da nova dignidade estou persuadido que o illustre sangue que anima as veias de V. Eminencia, e o religioso fogo que descobrimos em todas as suas acções, farão parecer a purpura mais viva, e a dignidade mais eminente.

Em hum dia, que todo he feriado pera o applauso de tão desejada nomeação, não tem logar nem novas, nem os discursos do tempo, e assim não farei hoje mais que offerecer a V. Eminencia os meus respeitos, acompanhados dos meus jubilos. Londres 7 do Junho de 1712. = Eminentissimo Snr. Cardeal da Cunha = Creado de V. Eminencia = *Joseph da Cunha Brochado.*

— N.° 26. —

Eminentissimo Snr. Chegou em fim esta declaração da paz, que ha tantos mezes se esperava, e he ella tão pouco pera esperar, que he agora mais pera temer. No papel incluso achará V. Eminencia toda esta grande obra

Digitized by Google

pera a qual não era necessario derramar tanto sangue, nem ter ganhado tantas victorias; porêm tres Inglezes sacrificaram a gloria da sua nação, e os interesses da grande Alliança aos seus interesses particulares.

Não he tempo de fazer discursos, nem declamações porque as portas estão fechadas a toda a instancia, e a toda a queixa; e assim he necessario sahir pela porta que nos quizerem abrir, ainda que será tão pequena que devemos, ou seremos obrigados a abaixar a cabeça pera sahirmos por ella.

Tudo o que a Rainha communicou ao Parlamento he ainda menos do que França prometteu no principio do Congresso, não sómente em quanto a nós, mas em quanto aos outros Principes.

As mesmas vantagens que Inglaterra encarece tanto a seus vassallos não são de consideração alguma. As acquisições na America Septentrional, e assento dos Negros não são grande interesse. Em Porto Mahom, e Gibraltar será maior a despesa que a receita, e de nenhuma sorte os conservará a nação; com tudo os artificios do ministerio com dadivas e subornos fez que o Parlamento applaudisse esta miseravel paz.

He tanta a desconfiança, que tem della os seus mesmos artifices, que pera obrigar o Imperador mostram, como V. Eminencia verá, que nada tem concluido definitivamente a seu favor, ainda a respeito da mesma Italia de que já está de posse. Deixam em duvida o destino da Sicilia, e tambem não declaram o Principe, em caso, que haja de succeder em Hespanha, extincta a geração do duque de Anjou, e tudo isto se faz em ordem a metter mêdo ao Imperador; he certo porêm, que segundo as apparencias, a casa de Saboia lhe será preferida.

As nossas pertenções ficaram em aberto, e V. Eminencia reparè nos termos e sequidão com que nos tratam

Digitized by Google

á vista do carinho com que fallam do Prussiano, e do Saboiardo, aquelle he bom alliado, e este foi bom servidor da Liga; sendo que hum e outro se enriqueceu com ella, mas ambos souberam fazer a sua corte. O que nos resta he procurar alguma barreira, porêm eu me não sei determinar nesta materia, bem vejo que ou por honra, ou por necessidade devemos pedil-a; porêm como a Rainha que a prometteu, ou não poude, ou não quiz alcançal-a, e remette esta pertenção a huma negociação no Congresso, he sem duvida que não fará por nós mais que passar levemente alguns officios, e ficaremos no campo sem conseguir mais que novos odios de França, e de Castella. Supponho que nos dão alguma praça, mas devemos temer que os Castelhanos sem mêdo de Inglaterra busquem algum pretexto pera surprehendêl-a, e tomal-a. Este negocio he de grande consideração, e o encommendo muito a V. Eminencia.

Tambem he necessario muita prudencia nos nossos Plenipotenciarios na proposição desta barreira, e quem conhece o humor do duque de Ossuna sustentado pela França não ha-de duvidar deste meu receio. Sobre esta *circumspecção* escrevo a Dom Luiz da Cunha tudo o que medita o meu zelo pelo serviço de Sua Magestade, e credito da minha patria.

Fico na obediencia de V. Eminencia como devo. Deus guarde a V. Eminencia muitos annos. Londres 21 de Junho de 1712. = Eminentissimo Snr. Cardeal da Cunha = Creado de V. Eminencia = *Joseph da Cunha Brochado.*

— N.º 27. —

Eminentissimo Snr. Recebi a carta de 30 de Maio que V. Eminencia me fez honra de escrever.

He inutil repetir a V. Eminencia o que tenho escripto na carta de Diogo de Mendôça, e esta lembrança

Digitized by Google

não serve mais que de abrir a chaga pera fazer maior a nossa dôr. Tambem he inutil buscar as causas que Inglaterra podia ter pera nos tratar com alguma sequidão, porque tudo prende de mais longe, na pouca necessidade, e na pouca dependencia que quizemos que esta tivesse de nós; por agora não ha mais remedio que acabar a viagem e sahir a terra, tornando ao nosso antigo methodo, sobre o qual será necessario fazer muito serias reflexões, e quando tiver a honra de me vêr na presença de V. Eminencia continuarei este discurso.

Por não cançar a V. Eminencia com maior leitura reduzirei as concluzões, o que agora me parece que devemos fazer. Parece que nos devemos conformar com Inglaterra: esperar della os mais fracos ou fortes officios, e tomar o pouco, ou nada que nos dér.

A reconciliação com França sempre he necessaria a Portugal, muito mais agora.

A união e liga defensiva com Inglaterra tambem he hoje mais necessaria, com condições porêm que nos não obriguem á ruptura. Que não devemos abertamente oppornos ás pertenções da Saboia, porque não he de nós de quem depende a sua vocação.

Que he prejudicial mandar embaixador a Vienna, ainda que esta missão se cubra com o pretexto de hir aos parabens. Esta embaixada dará ciumes a Inglaterra, e queixas a França, com quem já de antemão devemos temporizar.

Tambem fazemos publica a opposição ao duque de Saboia pela pertenção á futura successão de Hespanha, o que tudo deve ser por uma negociação dissimulada. Esta se póde fazer melhor pelos ministros em Utrecht com o conde de Sinzendorf, e por cartas da Rainha Nossa Senhora.

Se temos alguma pertenção pera casamento esta se poderá propor depois da paz, nem agora he tempo desta negociação naquella corte.

Digitized by Google

Estas conclusões defendêra eu se V. Eminencia as approvára, porque as submetto inteiramente á censura de V. Eminencia. Fico pera servil-o com a maior obediencia. Deus guarde a V. Eminencia muitos annos. Londres 28 de Junho de 1712. = Eminentissimo Snr. Cardeal da Cunha = Creado de V. Eminencia = *Joseph da Cunha Brochado.*

— N.º 28. —

Eminentissimo Snr. Pelas cartas antecedentes terá V. Eminencia sabido o ultimo e fatal estado das cousas nesta corte, e como os nossos ministros em Utrecht despacham hum expresso por terra, e que chegará mais cêdo que esta carta, pela sua relação terá tambem V. Eminencia visto qual he a consternação em que se acham os Estados Geraes, e os mais Alliados, e assim escuso de fazer maior digressão em materia de que a leitura he tão desagradavel.

A precipitação com que estes ministros correm, os faz cahir em mil inconvenientes, que não só malquistam a sua boa fé, mas o seu intendimento, e a mesma luz da rasão.

Tanto como isto póde o espirito de partido, a emulação, e a vingança particular.

Supposta a desunião com Hollanda, ou a continuação da guerra separadamente, o que ainda he duvidoso, parece que nosso partido deve ser sempre de nos conformar com a sorte que nos dér Inglaterra; porque França ficará mais livre pera ajudar seu neto contra nós, e tambem he certo que Hollanda e o Imperador, quando tratarem de seus interesses, farão de nós o mesmo caso que agora mostra fazer Inglaterra, e assim de dous males devemos escolher o menor, que he sahir o mais depressa que podermos da triste dependencia em que agora estamos, e este ponto he de grande recommendação, e so-

Digitized by Google

bre elle, e sobre os mais da conjunctura presente me seria facil fazer longos discursos, mas lembra-me ouvir dizer a V. Eminencia que em toda a materia o discurso mais breve, mais conciso, e mais claro, he o melhor.

A suspenção d'armas em Flandres está contestada não só pelos Hollandezes, e Imperiaes, mas pelos mesmos Francezes, que não querem entregar Dunquerque ao duque de Ormond sem que elle se retire com todas as tropas estrangeiras que estão ao soldo de Inglaterra. Esta suspenção de armas será conveniente, e tambem facil que se estenda a Portugal; porém como esta materia he privativa dos nossos Plenipotenciarios não devo fallar nella sem sua communicação, e como elles mandam expresso a El-Rei Nosso Senhor, por elle resolverá Sua Magestade o que devemos obrar. Por ora não tenho achado rasão que me tire da suspeita do pouco, ou nada que esta corte tem obrado por nós, sendo que nesta duvida estamos no mesmo caso com os mais Alliados, e só nos póde ser util a consideração da desavença que escrevi na posta passada. A minha maior afflicção he o grande perigo que corre a nossa frota, a exposição da Bahia, e o estado revoltoso em que se achava aquelle povo.

Estes ministros com estas ultimas novas de Hollanda andam em grande movimento, e com grande sobresalto, mas he certo que não querem parar no precipicio, mas que se perca a mesma Inglaterra; e he tudo o que posso dizer a V. Eminencia sem molestal-o com frazes de maior exageração. Ficando pera servir a V. Eminencia com o mais profundo respeito. Deus guarde a V. Eminencia muitos annos. Londres 5 de Julho de 1712. = Eminentissimo Snr. Cardeal da Cunha = Creado de V. Eminencia = *Joseph da Cunha Brochado.*

Digitized by Google

— N.º 29. —

Eminentissimo Snr. Recebi a carta de 16 de Junho que V. Eminencia me fez a honra de escrever, e já em huma das minhas precedentes me puz aos pés de V. Eminencia em acto de felicitação desta nova dignidade, pera qual as virtudes de V. Eminencia o tinham preconisado desde a sua primeira luz da rasão.

O negocio da nova Alliança defensiva que nos propõe Inglaterra, não he pera desprezar, nem dará ciumes á França, pois não he della, mas de nossos vizinhos que queremos defender-nos. O ponto he, e que V. Eminencia deve considerar, que os Inglezes nesta negociação não mettam algumas condições que destruam o nosso commercio, ou que sejam mais favoraveis a elles que a nós; porèm isto se poderá evitar com destreza, e prudencia. O logar em que se deve fazer esta alliança he mais conveniente que seja em Utrecht que em Lisboa, porque na nossa terra em hum grande Conselho d'Estado serão tantas as questões, e tantas as objecções que não acabará nunca. Eu fallo a V. Emineneia com aquella confiança que *pede* a importancia da materia: não pertendo que se faça em Londres, porque a minha pequena capacidade não chega a tanto.

O novo recado da Rainha nos põe na necessidade de nos confiarmos a ella, e de a seguirmos; nem nós temos outro caminho pera sahir de Utrecht. He inutil fazer a V. Eminencia relações do facto, porque todos os successos vão escriptos nas cartas da Secretaria, assim nas minhas, como nas dos nossos ministros.

Em huma das minhas precedentes tomei a liberdade de dizer a V. Eminencia, que a embaixada a Vienna não era de nenhuma utilidade, porque a negociação que podemos ter com aquella corte, he melhor pera hum emissario, que pera hum embaixador, e pela Rainha Nossa

Digitized by Google

Senhora se poderia fazer melhor, e quando não tenha o successo que desejamos não se fará publica a nossa exclusão. O ministro do Imperador, que aqui reside, me diz, que seu amo não deve buscar nunca o principe de Piemonte pera o casar com uma Princeza sua sobrinha, por quanto o dito Principe he doente, e de fraca compleição, além de que era necessario buscar hum principe Allemão, que trouxesse estados e parentescos.

Peço a V. Eminencia, como de alviçaras desta nova dignidade, que me faça o favor de querer alcançar de Sua Magestade huma ordem pera que cobre algumas mezadas nestes subsidios, pois pouca esperança tenho de se cobrarem maiores quantias, e não duvido que sabendo o thesoureiro, que he pera a minha assistencia, me mande dar esta pequena somma como fez a Dom Luiz da Cunha quando daqui partio. No tabaco se cobram tão mal estas mezadas, que Luiz Peres, meu procurador, as anticipa com grande perda sua, e que não deixa de ser com grande obrigação minha. Espero merecer a V. Eminencia o pequeno cuidado que lhe custará este grande favor.

Fico pera servir a V. Eminencia com a obediencia mais profunda, e mais reconhecida. Deus guarde a V. Eminencia muitos annos. Londres 12 de Julho de 1712. = Eminentissimo Snr. Cardeal da Cunha = Creado de V. Eminencia = *Joseph da Cunha Brochado.*

— N.° 30. —

Eminentissimo Snr. Agradeço a V. Eminencia a carta de 2 de Julho que me fez a honra de escrever como inseparavel que sou dos interesses e pessoa de V. Eminencia.

Pelas cartas da secretaria terá V. Eminencia visto o ultimo estado das cousas, a que não posso acrescentar cousa alguma, e só louvarei a resolução de El-Rei Nos-

Digitized by Google

so Senhor, em tomar o partido de Inglaterra ainda que seja entre queixas, e desconfianças; porque as maximas de Estado, e as regras do interesse publico não se derrogam por motivos particulares, de que he réo o ministro e não a nação. A situação dos Estados, e a sua proximidade pera o soccorro, e pera o damno, são as que estabelecem a alliança, e que precisam a sua conservação, a qualquer preço que seja.

Hum vizinho nos defende de outro vizinho. Hespanha he nosso vizinho por terra, e Inglaterra, primeira potencia maritima, he nosso vizinho por mar. Nós podemos defender-nos em nossas fronteiras, mas não podemos guardar os nossos portos, e esta necessidade he absoluta e superior a qualquer outra rasão particular, ou temporal.

Todos os Principes devem formar hum systema seguro, e hum methodo inviolavel a respeito da sua conducta, mas sómente pera as suas acções interiores no adiantamento do seu commercio e segurança de seus Estados; mas a respeito de suas allianças com os Principes mais ou menos vizinhos, e mais ou menos poderosos, e que tem mais reciproca influencia sobre seus interesses; e huma vez formado este systema, e estabelecido este methodo, não devem afastar-se delle nem em pequenas, nem em grandes acções, e devem sempre trabalhar nelle ainda que não seja mais que huma linha cada dia. Portugal sempre praticou esta maxima com Inglaterra, ainda em tempo que ella não era tão grande potencia maritima, nem elle tinha tantos portos em Ultramar. As attenções que devemos ter com França, e com Castella são de outra naturesa, porque estas potencias são ambiciosas, e conquistadoras, e Inglaterra pela sua situação, e pelo seu commercio ama o equilibrio e a paz.

Passando ao que por ora dá maior cuidado a V.

Digitized by Google

Eminencia, que he a esquadra de Toulon, não tenho por ora que dizer mais que esperar o remedio da Providencia, porque quando se conhece os ameaça destes golpes, não cabe no tempo o seu remedio, e não he facil resolver a hum soccorro de grande despesa só pela suspeita do damno. A nossa liga defensiva com Inglaterra teve o defeito, como já notei, de ser feita conjunctamente com Hollanda, de sorte que ambas devem concorrer simultaneamente pera o nosso soccorro, e desta maneira se passa o tempo em negociações do accôrdo, e do concurso, e lembra-me a este respeito a historia do pastor simples que nunca encommendava as suas ovelhas a todos os Santos, mas a hum particular, porque, dizia elle, que huns se atinham aos outros, e entretanto o lobo as comia; se este pastor tivera feito a nossa alliança, de outra sorte proveria nella.

Supposto que Dom Luiz da Cunha escreveu que em Utrecht se dissera que de Cadiz sahira huma Curveta a contramandar aquella esquadra, esta noticia não se confirmou, nem ella era verosimil, porque huma tal resolução he de crer que fosse espontanea de el-rei de França, nem tambem era pera esperar que Inglaterra pedisse á França que não acomettesse os nossos navios no mesmo tempo em que os Inglezes corsavam contra os seus; e querendo eu introduzir esta pratica não achei nenhuma audiencia, nem introducção pera ella, e não era possivel que estes ministros descubrissem então huma intelligencia de que então se acautelavam, a menos que não fosse por méra virtude sua, de que não são muito abundantes.

V. Eminencia terá visto tantas relações, que foram pelo expresso de Utrecht, que seria peccar contra o bem publico cançar a imaginação de V. Eminencia com a repetição dos mesmos factos, além do que refiro a Diogo de Mendonça, que he o mais que acresceu. Fico pera ser-

Digitized by Google

vir a V. Eminencia como devo. Deus guarde a V. Eminencia. Londres 19 de Julho de 1712. = Eminentissimo Sr. Cardeal da Cunha = Creado de V. Eminencia = *Joseph da Cunha Brochado.*

— N.º 31. —

Eminentissimo Snr. Pela carta que nesta posta escrevo a Diogo de Mendonça verá V. Eminencia os termos em que se acham as cousas em ordem a nós, e em ordem aos outros, e eu me persuado que esta attenção da Rainha, ainda que seja pela sua propria conveniencia, nos põe na occasião de conseguirmos mais depressa o nosso repouso, sem prejuizo das nossas pertenções, que podemos pleitar no Congresso, senão com melhor successo, ao menos com igual esperança. Se depois de longo tempo em hum Congresso haviamos de ficar com pouca, ou nenhuma barreira, continuando a guerra com a qual nos destruimos, não he pera despresar vêr-nos livres da pensão da guerra com direito reservado pera fazer os nossos tratados com mais descanço.

Eu bem sei que nesta occasião o verdadeiro caminho da gloria era pôr-se El-Rei Nosso Senhor na frente de trinta mil Portuguezes, e dar a lei á Hespanha, sem a receber de Inglaterra, porèm eu que não tomo o tom tão alto, e que me não deixo levar das opiniões augustas dos ministros imperiaes, e que conheço as forças da minha patria, não desprézo a temporisação com vizinhos de maior poder, ou maior fortuna. A nossa guerra até hoje está tão longe de nos fazer honra, que nos tem dissipado a opinião, e assim he necessario que nos restabeleçamos em huma paz prudente, e vigilante.

Não seria congruente regeitar a suspensão d'armas pera ficar outra vez acantonados na campanha do Outono; e o mesmo nos succederia no anno que vem, reti-

Digitized by Google

rados os Inglezes sem nos lisonjear com as promessas de Hollanda, que não póde mandar-nos soccorro algum, nem o mar será livre pera ella, e muito menos se Inglaterra se unir com França, segundo todas as apparencias.

Os nossos ministros em Utrecht não sei de que partido estão, porêm he certo que a sua destreza será mais penetrante que as escaças luzes da minha pequena politica. A indifferença em que queriam ficar não he já de sazão, porque he necessario tomar partido O expresso de Utrecht causaria alguma confusão e embaraço, porque as cousas foram mais longe de que então se cuidava; porêm esta porta póde aclarar aquella confusão, e algum dia direi a V. Eminencia que tenho feito algum serviço a Sua Magestade, do que agora lhe não posso fazer relação, nem he necessario que a faça.

Todos os ministros estrangeiros, que se acham nesta corte, sem exceptuar o mesmo de Hollanda, e do Imperador, entendem firmemente que El-Rei Nosso Senhor pela sua situação de seus Estados, e de suas cousas não póde, nem deve regeitar a suspensão de armas.

Sem embargo de que esta he a minha opinião submetterei voluntariamente o meu discurso a tudo o que Sua Magestade fôr servido resolver, e isso terei por mais justo, e mais vantajoso. Faça-me V. Eminencia a honra de o crêr assim, e de crêr tambem que fico na sua obediencia como devo. Deus guarde a V. Eminencia muitos annos. Londres 26 de Julho de 1712. = Eminentissimo Snr. Cardeal da Cunha = Creado de V. Eminencia = *Joseph da Cunha Brochado.*

— N.° 32. —

Eminentissimo Snr. O meu achaque do estomago não me deixa ter a honra de escrever a V. Eminencia como quizera, e assim tomo a liberdade de lhe mandar a co-

Digitized by Google

pia da carta, que nesta posta escrevi a D. Luiz da Cunha, pedindo a V. Eminencia me escuse esta falta. de que são réos os meus annos. Fico pera servir a V. Eminencia como devo. Deus guarde a V. Eminencia muitos annos. Londres 2 de Agosto de 1712. = Eminentissimo Snr. Cardeal da Cunha = Creado de V. Eminencia = *Joseph da Cunha Brochado.*

Copia.

« Meu amigo e Snr. Recebi as duas cartas de « Vossa Senhoria de 29 de Julho, com outras duas de « 26, que todas chegaram no mesmo dia, e por ellas ve- « jo em bella clareza todo o estado dessa negociação, e « pouco fructo que Vossa Senhoria diz podemos esperar « em huma conjunctura, que parecia tão favoravel e tan- « to a proposito pera sermos attendidos, e muito mais « sendo os nossos interesses cultivados pela experiencia, « e vigilancia de Vossas Excellencias. — O certo he, meu « amigo e senhor, que o astro que influe sobre as nos- « sas cousas ainda senão cançou de olhar pera ellas com « maligno aspecto. »

« Repito a Vossa Senhoria que esta corte deseja com « grande ancia, que El-Rei nosso amo acceite o armisti- « cio, e a Rainha lhe escreveu huma carta, em que lhe « faz esta proposição com termos de grande recommenda- « ção em ordem aos interesses communs, encarecendo os « movimentos que em Utrecht se davam os seus ministros « pera obter as nossas pertenções, e que continuariam de « sorte, que não ficassem inuteis. »

« Convenho com Vossa Senhoria que esta acção da « Rainha, não tem mais fins, que facilitar os seus desi- « gnios, tornando a ficar na mesma innacção a nosso res- « peito; porêm se não temos outro remedio, que rasão pó- « de haver pera que deixemos de nos explicar sobre a

Digitized by Google

« acceitação deste armisticio sem reserva, ou condição?

« Não podemos obter nada por nós mesmos sem os « officios fortes de Inglaterra, e se estes estão já perdi- « dos, que perderemos de novo? Vossa Senhoria tem or- « dem pera acceitar o armisticio se esta corte nos fizer as « nossas vantagens. Esta ordem devia ser modal, e não « condicional, a condição he necessario que se encha pri- « meiro, e o modo, como Vossa Senhoria sabe, executa-se « depois da promessa: explico-me, acceitar o armisticio « se Inglaterra obtiver a nossa barreira he huma condi- « ção que primeiro se ha-de encher, e o seu implemento « não cabe agora no tempo em que he necessaria a nossa « declaração, e o nosso serviço a Inglaterra, e ficará frus- « trada a opportunidade do tempo a nosso respeito. O « modo tem outra disposição, como se disseramos, que « acceitamos o armisticio pera que a Rainha novamente « obrigada da nossa concorrencia faça effectivos os nossos « requerimentos, e efficazes os seus officios, e esta he a « minha opinião respectivamente ao estado em que se acham « as cousas; e diga-me Vossa Senhoria se esta corte ga- « nhar o duque de Saboia, el-rei de Prussia, ou qualquer « delles, que caso ha-de fazer do nosso armisticio, e « qual será então a necessidade de nós a seu respeito? »

« Confesso que da nossa anticipação não tiraremos « mais fortuna; porêm obraremos coherentemente appli- « cando os remedios naturaes da arte, e poderá ser que « então ponhamos a esta corte em mais authoridade com « a de Madrid. »

« Eu não creio que o bispo de Bristol informa exa- « ctamente a Rainha, de todas as declarações que Vossa « Senhoria lhe fez, sobre esta materia, pelo que hoje en- « tendi do duque de Bukingham, porque me disse, que a « Rainha não estava certa do sentimento de El-Rei nosso « amo, e deu-me a entender que se estivesse certa delle

Digitized by Google

« que de outra sorte iriam as cousas em Utrecht; eu lhe « referí então os poucos, ou nenhuns passos que a nego- « ciação tinha dado, e que Vossas Excellencias acceita- « riam logo o armisticio, e huma suspensão geral por mar, « e por terra, se a Rainha fizesse certa a nossa barreira « com hum preliminar assentado pelos dous partidos; res- « pondeu-me, que a Rainha não podia fazer mais que pro- « metter obrar nesta materia como em cousa sua, e que « elle não duvidava de hum bom effeito. Entendo a não « poder duvidar que esta corte pera obrar mais effectiva- « mente espera huma acceitação do armisticio por escri- « pto, e na conjunctura presente nos poderia dar huma « esperança mais ou menos provavel. »

« Vossa Senhoria, sabe muito bem que as negocia- « ciações tem hum certo ponto critico, que quem o perde « não o recobra. Eu não hezitára a fazer esta declara- « ção interpretando a resolução de Sua Magestade de 3 « de Junho, e sem duvida o fizera eu mesmo nesta corte « se pela conferencia que tive com Dartmouth, e pela car- « ta que a Rainha escreveu a El-Rei não houvera ficado « *este* negocio inteiramente affectado a Sua Magestade, e « *he* maior o meu temor na consideração de que a nossa « corte possa tomar alguma resolução condicional, que as « faz inuteis, e em quanto a replica vae e vem, se muda « a face das cousas, e se perde o presioso momento da « occasião, e por cortar curto, digo conclusão, que de- « viamos acceitar o armisticio, não como condição espe- « rando primeiro o implemento, mas como modo espe- « rando-o depois. He inutil pleitar o armisticio no esta- « do em que estamos, e creio que esta corte se engana « em cuidar que este lhe he necessario, e dêmos graças « á sua apprehensão em se enganar assim comnosco. Di- « ga-me Vossa Senhoria, havemos de difficultar este ar- « misticio pera nos acantonar em Monte Mór na campa-

Digitized by Google

« nha do Outomno depois que as tropas Inglezas tiverem « ordem pera não obrar effectivamente, e na fatal appre- « henção em que estamos da nossa frota? »

« Convenho com Vossa Senhoria em todos os receios, « suspeitas, e desconfianças, do que discreta e pruden- « temente faz relação nestas suas bellas cartas; porêm « estamos na necessidade de nos fazer desintendidos, bei- « jar a mão que desejamos vêr cortada, e incensar o ido- « lo da iniquidade até que a nossa melhor politica nos « ponha em estado de abjurar esta superstição. Vossa Se- « nhoria fazendo reflexão sobre a necessidade da nossa de- « claração absoluta me fará mercê de me communicar o « seu parecer, pois que esta corte a deseja; e a forma- « lidade de esperar resposta de Madrid poderá vir tão « tarde, que se perca a occasião de fazer valer a nossa « necessidade, e muito mais se o successo de Albermarle « despintar as esperanças que podem ter os Hollandezes « de se fazerem senhores absolutos da negociação, em que « eu tenho, e tive sempre grande duvida a nosso respei- « to, porque fio tanto delles, como de Inglaterra. »

« Em quanto á nova alliança desejaria que se podes- « sem praticar os dous preliminares que Vossa Senhoria « utilmente propõe, porêm receio que o primeiro da abo- « lição do Tratado de 65 não tenha effeito; porque alem « de haver escapado esta bella occasião no tratado da al- « liança, e no dos vinhos, como he possivel que em hum « Tratado de Alliança deffensiva, em que não ha obriga- « ções reciprocas, e *ultro citroque* obrigatorias ponha- « mos condições a quem pedimos, e queiramos vender, « ou pera dizer melhor que nos comprem o mesmo que « nos dão. Cuido que me tenho declarado ácêrca dos prin- « cipaes pontos que Vossa Senhoria me propõe, e do que « posso arrancar destes ministros, e da difficuldade que « reconheço em pertender primeiro obter a barreira, que

Digitized by Google

» declarar a acceitação do armisticio. Londres 2 de Agos-
« to de 1712. = *Joseph da Cunha Brochado.*

— N.° 33. —

Eminentissimo Snr. Recebo a carta de V. Eminencia de 21 de Julho, que guardo como o melhor documento da minha obrigação, e da minha obediencia sempre inseparavel dos preceitos e regras de V. Eminencia.

Pela minha carta verá V. Eminencia o que obrei em Windsor, e na precedente o que havia conseguido a respeito das recommendações da Rainha. O grande zelo dos nossos ministros em Utrecht, e a fervorosa paixão com que entram nas nossas pertenções, os obriga a desejar que tudo vá feito de Inglaterra. Esta Roma não se faz em hum dia, he necessario tempo e constancia, e o que não puder ganhar a nossa manha não ha-de ganhal-o a nossa impaciencia. Entendo, como V. Eminencia diz, que Inglaterra tem grande dependencia de Portugal, e que a paz que agora se faz não ha-de durar até o fim do mundo, porêm tambem entendo que os ministros que a fazem, como não esperam viver sempre, não a querem mais *que* pera si. A Rainha, que se acha sem successor não cuida mais que em segurar em sua vida a continuação do seu governo, e os ministros que obram com espirito de partido não pertendem mais que abater a seus inimigos, e sempre houvera Inglaterra pera todos. O ponto he conservar os cargos, ajuntar grandes riquezas; e depois venha o que vier. As leis neste paiz não são sanguinolentas, o Soberano nunca he despotico, e sempre ha indulgencia e escusa pera tudo.

Eu desejo que ao mesmo tempo que o postilhão de Utrecht chegasse a Lisboa, chegassem tambem os paquebotes com as cartas sobre o mais que accresceu a nosso respeito nesta corte, pera que humas noticias se interpre-

Digitized by Google

tassem com as outras, e podesse Sua Magestade continuar com mais esperança na resolução que tem tomado.

As cousas de Flandres não vão como se podia desejar, e são ellas taes, que põe esta corte em alguma suspensão porque não querem que as vantagens de França ponham aquella corte na independencia de Inglaterra. Eu desejára vêr acabada esta grande comedia, e que soubesse Portugal o como ficava pera tornarmos ás nossas antigas medidas, buscando meios pera aliviar o nosso povo, pera estabelecer o nosso commercio em mãos de Portuguezes, pera segurar as nossas conquistas, fortificar as nossas fronteiras, e reformar a nossa marinha.

Estas cousas tambem se não fazem em hum dia; mas com bom principio, boa economia, emprego de boas pessoas, poderemos com o tempo conseguir huma feliz e respeitada situação em nossas cousas. A applicação de V. Eminencia, inseparavel da gloria de Sua Magestade, me põe e me confirma nesta agradavel esperança.

Como V. Eminencia necessita de todo o tempo pera lêr as bem escriptas relações de Utrecht, não quero augmental-as com mais leitura nesta carta, e me remetto ao que tenho escripto, e pera servir e obedecer a V. Eminencia estarei sempre com huma vontade sem eleição. Deus guarde a pessoa de V. Eminencia muitos annos. Londres 9 de Agosto de 1712. = Eminentissimo Snr. Cardeal da Cunha = Creado de V. Eminencia = *Joseph da Cunha Brochado.*

— N.° 84. —

Eminentissimo Snr. Não tem chegado paquebote desse reino, e era tempo de haver chegado: o cuidado da nossa frota faz mais anciosa esta dilação.

A carta que recebi de Diogo de Mendõça veio em huma cifra que não ha nesta secretaria, nem na de Utrecht,

Digitized by Google

e assim fiquei curto nesta materia. Dom Luiz da Cunha me mandou a copia da carta que receberam com as ultimas ordens sobre o que deviam obrar, que são muito prudentes e precisas ao estado das cousas, como tenho escripto a V. Eminencia, nem nós temos outro meio pera melhorar a nossa condição, ainda no caso que a nossa desconfiança nos não assegura cousa alguma, mas peior seria se quizessemos medir a espada, e fazer o arrufado, porque então ficariamos sem Inglaterra antes, e sem Inglaterra depois. Os successos de Flandres despintaram as poucas esperanças que os Hollandezes tinham de melhorar as suas condições separados de Inglaterra, e estão dispostos a entrar em negociações sobre o pé da pratica da Rainha, contentando-se com que os Francezes promettam que todas as declarações contheúdas naquella pratica eram approvadas por El-Rei seu amo; e que esta declaração dos Francezes serviria de resposta ás primeiras pertenções dos alliados. A esta formalidade, que não foi mais que hum pretexto pera honestar o arrependimento, se devem seguir o consentimento pera o armisticio, e os passaportes pera os ministros do duque de Anjou. Não podemos penetrar precisamente o fim da jornada deste secretario, mas tomando-a em geral será pera dar a ultima mão aos negocios de Inglaterra, e tambem poderá crêr-se, que a Rainha pertende que seus Alliados tenham alguma justa e racional satisfação; porque estes ministros tem entendido, que esta falta na primeira negociação lhes não será jámais perdoada na posteridade, e que os seus nomes farão horror na historia do seculo.

Esta conjunctura pode faltar, mas a rasão senão dá por vencida em quanto o successo a não desengana. Como estamos separados pela nossa situação do resto dos Alliados, não devemos correr fortuna com elles na falsa consideração de melhorar o nosso partido, e torno a di-

Digitized by Google

zer a V. Eminencia que foi justissima a resolução de Sua Magestade, em desapprovar a indifferença em que queriam ficar os nossos ministros; e mandar agora, que mostrem unir-se aos outros Alliados he mais huma tentativa da nossa prudencia, que he huma necessidade pera conseguir algum adiantamento; porêm não sei se os nossos ministros se prevalem desta recommendação pera differir a nossa conformidade pera hum tempo em que della não tiremos utilidade alguma.

Eu me confio tanto na sua prudencia, e na vigilante attenção com que obram, que não perderão hum só momento pera fazer boa a nossa condição.

Fico na obediencia de V. Eminencia como devo. Deus guarde a V. Eminencia muitos annos. Londres 23 de Agosto de 1712. = Eminentissimo Snr. Cardeal da Cunha = Creado de V. Eminencia = *Joseph da Cunha Brochado.*

— N.° 35. —

Eminentissimo Snr. Recebi a carta de 9 de Agosto que V. Eminencia me fez a honra de escrever, e quizera tirar della a melhor lição pera responder-lhe.

Pelas cartas geraes conhecerá V. Eminencia o estado das nossas cousas, e dos mais Alliados: ellas ficam em termos de continuar-se a negociação ao prazer de Inglaterra, porque a desgraça da campanha, junta com a obstinação deste ministerio faz que toda a Europa siga os seus passos com os olhos fechados. Não póde comprehender-se a irregularidade despotica com que a politica, ou a semrasão desta corte obra com seus Alliados como se fossem seus inimigos, e com França como se houvesse sido seu primeiro Alliado.

Partio daqui pera Paris hum Secretario d'Estado, e foi recebido naquella corte com applausos e presentes, e voltou publicamente sem que os Alliados tenham commu-

Digitized by Google

nicação, ou noticia alguma da sua negociação. A probidade, a honra, e a boa fé, não se encontram nesta conducta, mas disto mesmo devem os Alliados tirar a mais forte rasão pera seu acomodamento, e pera a sua conformidade, que he o unico remedio que lhes ensina a prudencia, em quanto a espada está na mão do furioso, e o bordão na mão do cégo. Todas as resoluções que Sua Magestade tem tomado são justas e proporcionadas ao caso e ao tempo, e he necessario dar a pôpa ao vento, e correr a tempestade.

Na minha carta de 12 de Julho acharia V. Eminencia a Liga defensiva que a Rainha nos mandou propôr, do que não poderei fazer grande torcedor como V. Eminencia tambem veria na copia de huma carta que escrevi a Dom Luiz da Cunha, porque sendo esta Liga puramente defensiva pera o caso em que formos atacados sem obrigação reciproca de concorrer com iguaes soccorros quando Inglaterra se veja no mesmo caso, não he possivel que vendamos a Inglaterra a mesma despesa que pertendemos que ella faça em nosso serviço. A difficuldade que eu reconhecia nesta Liga, era o não podermos evitar a recompensa que esta corte póde pertender pelos seus soccorros; porêm como esta offerta foi livre, bem podemos entender, que não deseje maiores recompensas que a segurança, e repouso de Portugal, em ordem aos interesses de Inglaterra. Não duvido que deste offerecimento, á vista do pouco que se obra em Utrecht, possamos inferir o pouco que se fez, e que se ha-de fazer por nós, mas já disse que não devemos olhar pera Inglaterra como agora he, unam como póde ser depois. Não he natural que as cousas corram sempre com semelhante benevolencia. A estes ministros podem succeder outros que amem os verdadeiros interesses da sua nação, e ficando em Castella o duque de Anjou, sempre huma Liga com este

Digitized by Google

reino fará respeito aos Castelhanos e aos Francezes, e este he o meu parecer. Bem sei que poderá responder-se, que com Liga, ou sem ella, sempre Inglaterra nos deve soccorrer; mas tambem sei, que huma obrigação particular por Tratado faz mais precisa a obrigação geral, que não consiste mais que em hum damno em consequencia.

Pera expedição de qualquer soccorro he necessaria a assistencia do Parlamento, e sempre esta corte, e seu governo fica com mais acção pera pedir esta assistencia achando-se obrigada por hum Tratado tanto do interesse da nação. Deus melhore o estado da causa commum, e me ponha na presença de V. Eminencia pera os servir e respeitar.

O mesmo Senhor guarde a V. Eminencia muitos annos. Londres 6 de Setembro de 1712. = Eminentissimo Snr. Cardeal da Cunha = Creado de V. Eminencia = *Joseph da Cunha Brochado.*

— N.º 36. —

Eminentissimo Snr. Recebo a carta de 22 de Agosto que V. Eminencia me fez honra de escrever, lastimando-se dos meus achaques inseparaveis de huma idade tão adiantada, e assim em igual agradecimento de huma compaixão tão generosa quizera empregar no serviço de V. Eminencia os alentos da vida que me resta.

Tudo o que V. Eminencia discorre he fundado na mais segura penetração do estado do tempo, em que a prudencia e a temporisação he o remedio mais virtuoso contra a obstinação e a violencia, conjuradas contra a causa commum. Os nossos ministros em Utrecht cheios de huma indignação generosa resistem quanto podem contra o vento, e contra as ondas, e queira Deus soccorrer-lhes

Digitized by Google

as suas intenções, e restituil-os a huma inteira bonança. Tambem a mim me pareceram excellentes as considerações que fez Dom Luiz da Cunha, e com grande pezar meu, foi esta a primeira vez que não segui a sua opinião, por me parecer, que não deviamos adivinhar os motivos da proposição daquella Liga, que estes podem ser infinitos como succede em semelhantes proposições, em as quaes o interesse de quem propõe faz o primeiro objecto da sua proposição. E se eu tivera agora tempo, copiára nesta carta as rasões de que me servi pera authorisar a minha opinião, e de que em estilo curto, mas comprehensivo, fiz relação nos meus despachos, sem embargo de reconhecer, que por ora devemos fallar nesta materia á medida que nos fallarem nella, mais respondendo, que perguntando.

Em quanto ao mais, assim a respeito da carta de Sua Magestade, como do estado em que se acha a suspensão geral em França e Hespanha, me remetto ás duas cartas que na posta de hoje escrevi a Diogo de Mendonça, tornando a assegurar a V. Eminencia, que toda a dilação he favoravel á França, e prejudicial aos Alliados. Fico na obediencia de V. Eminencia como devo. Deus guarde a V. Eminencia muitos annos. Londres 13 de Setembro de 1712. = Eminentissimo Snr. Cardeal da Cunha = Creado de V. Eminencia = *Joseph da Cunha Brochado.*

— N.º 37. —

Eminentissimo Snr. Desta corte ha muito pouco que dar conta a V. Eminencia. Não ha retratação nos projectos, e tudo corre a sua execução: estes ministros não se descuidam, e todos os dias trabalham a propôr, e dispor esta sua obra. Desejamos que a satisfação dos Hollandezes levante o interdito da negociação pera vêrmos terminada esta grande questão sobre a guerra, ou sobre

Digitized by Google

a paz, sendo que ha pouca rasão pera duvidar de que geralmente se acceite a suspensão de armas, e todas as mais considerações são subterfugios de quem julga com paixão. Os Hollandezes que creram ligeiramente as persuasões dos Wigs deviam ter entrado no primeiro armisticio de dous mezes, e vêr o que elle produzia, peleiteando as suas conveniencias sem se privarem dos meios de começar a guerra nesta, ou em outra campanha. França sem os novos successos seria mais flexivel, e esta corte menos obstinada.

A pintura que appareceu na porta de Stafford he huma pobre vingança, que não serve mais que azedar os animos, e affastar a sua reconciliação.

O ministro de Saboia estima a quebra das suas vidraças, e deste pequeno insulto fez sacrificio a esta corte, de quem depende a graça sanctificante pera o seu destino, e de que o seu ministro fez grande promessa nesta corte, e que póde ser lhe valha huma corôa. Em rasão El-Rei Nosso Senhor ordenou aos seus Ministros, que fallassem na suspensão de armas pera Catalunha; mas eu entendo que esta vontade de Sua Magestade, que he huma circumspecção a favor de Sua Magestade Imperial, não deve empenhar os nossos ministros a que comprem muito cara a dita suspensão.

Torno a representar a V. Eminencia que a grande Alliança está desfeita, e que a nossa primeira maxima he a reconciliação com os Principes que nos podem fazer mal, e temporisação com os que nos podem fazer bem.

Eu escuso relatar a V. Eminencia os successos de Flandres, o descahimento das forças alliadas, a desconfiança temerosa dos Hollandezes nas acções da campanha, o embaraço em que se acham os principes de Allemanha, e a ruim constituição em que se vão pondo os interesses de Sua Magestade Imperial em toda a circumferencia de

Digitized by Google

seus novos Estados. Os nossos ministros instruem de tudo a V. Eminencia com estilo mais largo, e mais circumstanciado, e assim remettendo-me á carta da Secretaria pelo que nos toca, peço a V. Eminencia receba os meus respeitos, e as minhas submissões. Deus guarde a V. Eminencia muitos annos. Londres 27 de Setembro de 1712. = Eminentissimo Snr. Cardeal da Cunha = Creado de V. Eminencia = *Joseph da Cunha Brochado.*

— N.º 38. —

Eminentissimo Snr. Recebo a carta de 9 de Setembro que V. Eminencia me fez a honra de escrever. Pelas cartas de Utrecht saberá V. Eminencia os termos em que se acha a convenção do armisticio, de que brevemente se fará a publicação, e quanto mais depressa succeder menos será o cuidado sobre a nossa frota na visinhança dos nossos mares. Diogo de Mendonça me escreve, que os nossos ministros não acharam os de Inglaterra tão dispostos, e tão activos na assistencia das nossas pertenções como elles desejavam, e que assim as ordens que recebiam da Rainha não deviam ser tão efficazes como aqui se dizia. Os ministros desta corte não cessam de dizer-me, e persuadir-me a efficacia com que a Rainha tem escripto aos seus Plenipotenciarios.

Dom Luiz da Cunha não desconvem nas cartas que me escreve da força desta recommendação, e que Strafford lhe dissera, que não necessitava de ordens mais apertadas, porque as que já tinha recebido eram as mais fortes, e as mais precisas.

Tambem Dom Luiz reconhece que a menos actividade dos Inglezes está da parte do poder, e não da vontade. Daqui nasce, que os ministros Inglezes entram nas nossas negociações com desconfiança, mas não com ne-

Digitized by Google

gligencia; como não estão certos do bom successo de seus officios, começam pela duvida pera dar alguma côr a sua desconfiança, e cobrir a sua pouca authoridade com os ministros Francezes; porèm nesses poucos incidentes em recorrermos os seus officios, não vejo que nos tenham faltado, nem que qualquer outro Principe tenha recebido em Utrecht maiores expressões de amisade da boca dos Inglezes que El-Rei Nosso Senhor.

Tambem na presente convenção do armisticio me escreveu Dom Luiz da Cunha, que sobre a praça de segurança achára grande difficuldade nos Inglezes, porèm no mesmo tempo me refere, que penetrado das nossas razões se dispunham a concorrer comnosco com toda a possivel diligencia.

Para maior intelligencia desta difficuldade dos Inglezes, ou desta que chamamos menos actividade sua, he necessario que nos lembremos de hum principio, que está assás escripto e recommendado em todas as nossas cartas, que he, que esta corte no forte da primeira negociação não quiz tratar dos interesses de seus Alliados, por razões que he inutil referir agora a V. Eminencia, e como as cousas voltaram de outra maneira por culpa de huns, ou por culpa de todos, não póde já Inglaterra, nem emendar o seu erro, nem arrepender-se do máo projecto com que abrio esta negociação, e assim por não confessar que não póde difficultar o mesmo que quizera alcançar, e esta he, Senhor, a verdadeira causa de todos os males.

Assentado este principio, pouca diligencia minha bastaria pera alcançar as mais precisas ordens desta corte, e que estas fossem verdadeiramente expedidas. Os nossos ministros não duvidam da boa disposição desta corte, nem podem queixar-se da menos actividade dos Inglezes em Utrecht.

Digitized by Google

Nesta consideração será com grande injustiça querer persuadir, que o máo successo das nossas pertenções procede da pouca efficacia destas ordens, ou porque ellas se não chegam a expedir, ou porque se não sabem sollicitar.

A maior culpa que eu acho nos Plenipotenciarios Inglezes he o haverem-se injustamente persuadido, que os nossos ministros eram os primeiros que em Utrecht se mostravam mais animados contra as resoluções desta corte, fazendo partido contra ella: desta impostura de que Strafford foi o author, fez elle parte a milord Dartmouth, o qual referindo-me esta noticia ficou pelas minhas razões inteiramente convencido da falsidade della.

De tudo dei conta aos nossos ministros pera que obrassem nesta materia com aquella prudencia e cautella que era necessaria, pera que daquella desconfiança particular, não resultasse, como he costume, algum damno aos interesses publicos. Este incidente está terminado e desvanecido, mas a noticia delle sempre serve pera a intelligencia e moderação de algumas expressões mais fortes, e mais animadas, que de huma e de outra parte poderia ter havido no principio desta negociação. Huma dellas foi dizer milord Strafford a Dom Luiz da Cunha, que sendo nullo o nosso Tratado, pelo não implemento de ambas as partes, não nascia delle obrigação alguma: este foi hum dos maiores disparates entre os muitos que aquelle ministro tem dito, e de que ao outro dia senão lembrou mais; e queixando-me eu desta expressão, pelo aviso de Dom Luiz, me respondeu milord Dartmouth, que Strafford devia estar zombando, ou que não sabia o que dizia; nem esta inconsideração de Strafford teve consequencia alguma, nem mais origem que a indignação com que este ministro via a boa intelligencia, que reinava entre os nossos ministros e os de Sua Magestade Imperial.

Digitized by Google

Como era possivel que do menos implemento do nosso Tratado nascesse huma excepção a favor dos nossos inimigos, de sorte que o duque de Anjou lucraria as faltas da nossa contravenção, e Inglaterra pelo seu mesmo não implemento faria melhor a condição deste Duque?

Isto não sómente he injusto, mas ridiculo, e não ha pera que tornar a fallar nesta materia; nem ella pelo disparatado genio do ministro, e pela sua mesma retratação era digna de se escrever á nossa corte.

Se este ministro dissera, que do nosso Tratado não nascia acção directa mais que contra Sua Magestade Imperial, como rei de Hespanha no caso em que ficasse com a posse daquelle Continente, e que desta obrigação era Inglaterra sómente fiadora: Que extincta a obrigação principal deste Tratado pela exclusão de Sua Magestade Imperial, ficava tambem extincta a obrigação *fidei jussoria*, então diria bem este ministro; porèm se elle soubesse, que pera a pertenção da nossa barreira não era necessario acção civil e directa, que nascia do nosso Tratado, mas que bastava a acção politica que tem cada hum dos Principes pera pertender tudo o que fôr necessario pera a segurança de seus Estados em ordem a fixar o equilibrio do poder de que nasce o repouso publico, então não diria elle, que a nullidade do Tratado desobrigava a Inglaterra de secundar a pertenção daquella barreira como interessada no repouso, e conservação de Portugal.

Eu entendo com tudo, que a acção directa que resulta do nosso Tratado contra Sua Magestade Imperial deve ter seu effeito, e não está extincta, porque o Imperador ainda não desistio do direito que tem, e dominio, que lhe foi deferido dos estados de Hespanha, e pera conservação desta nossa acção será necessario que o Imperador, quando renunciar aquelle Continente a favor do duque de Anjou, seja com reserva das praças que nos tem cedido,

Digitized by Google

sendo certo que pela obrigação do seu Tratado não póde renunciar as praças de cujo dominio tinha desistido a nosso favor.

Esta materia, Senhor, supposto que he toda de direito, não he por isso menos digna de se allegar, e tratar no Congresso de Utrecht. Não posso eu propôl-a em termos mais breves, confessando que a pressa com que escrevo não dá logar a maior corroboração. A grande jurisprudencia de V. Eminencia suprirá o pouco, ou o diminuto desta minha consideração. Fico pera servir a V. Eminencia como devo. Deus guarde a V. Eminencia muitos annos. Londres 4 de Outubro de 1712. = Eminentissimo Snr. Cardeal da Cunha = Creado de V. Eminencia = *Joseph da Cunha Brochado.*

— N. 40. —

Eminentissimo Snr. Recebo a carta de 23 de Setembro, que V. Eminencia me fez a honra de escrever. Pela mesma da Secretaria verá V. Eminencia o que se passou em resposta dos meus officios sobre a entrada do marquez de Bay, e hoje se expediram as ordens, como eu podia desejar, e partio expresso por Calais a Madrid pera o embaixador de Inglaterra naquella corte, e se o remedio couber no tempo terá ordem o marquez de Bay pera retirar-se; mas se o sitio se achar começado supponho que não ha-de desistir delle, menos que pelo armisticio, segundo a lei da guerra. Este já devêra estar ajustado ha muito tempo, se as ordens pera os nossos ministros não fossem restrictas; porque então não insistiriam elles tanto sobre a praça de segurança em que não tinham esperança alguma; mas como da dilação poderia o Imperador tirar alguma utilidade, pareceu justamente aos nossos ministros que não deviam apressar a conclusão daquelle Tratado, entendendo que não haveria damno na dilação, e

Digitized by Google

que o protesto que lhes fizeram os ministros Inglezes não tinha fundamento algum.

Não posso deixar de repetir a V. Eminencia, que he necessario, e da sublime rasão do Estado, que olhemos com outros olhos pera nossos inimigos; porque estando como está desarmada a Alliança, até a mesma Inglaterra ha-de temporisar com elles, e fazer-lhes a corte. Hoje he outro tempo, e sou obrigado a dizer a V. Eminencia em particular, que vamos muito atento com as attenções á corte de Vienna, as quaes depois da paz podem darnos algum desgosto; porêm esta materia ficará pera quando eu tiver a honra de me vêr aos pés de V. Eminencia, que espero seja brevemente. Ajustado o armisticio he conveniente que Sua Magestade mande restabelecer os correios por terra; como tambem abrir os portos sêccos, e que se façam boas passagens aos negociantes de huma e outra nação, sem que sejam tyrannisados pelo Contractador e seus officiaes como sempre succedeu. Este será o meio de fazer viver os nossos povos da fronteira, e trazer algumas patacas ao reino. Ainda seria melhor, que aquellas Alfandegas não fossem contractadas, mas que os Direitos se cobrassem por administração, ainda que houvesse alguma perda, e toda a conta vem a ser huma, porque ordinariamente o Contractador ou não paga, ou dilata o pagamento de sua arrematação. Outras cousas, que pedem mais conferencia que escriptura, me lembram a este proposito, e que podiam ser resposta á carta que recebemos da Secretaria pera buscar memorias instructivas do commercio, mas como estas cousas são infinitas e sugeitas a disputas, he impossivel que se reduzam a methodo, e que se exponham de huma assentada.

Todo o mundo deseja sahir das obscuridades de Utrecht ou bem, ou mal; o damno já está feito: a pedra já sahio da mão de Inglaterra, teve liberdade pera atiral-a,

Digitized by Google

mas não a tem pera retrocedêl-a. A grande questão será sobre Sicilia, de que já fallei em huma das minhas a Diogo de Mendõça. Fico na obediencia de V. Eminencia como devo. Deus guarde a V. Eminencia muitos annos. Londres 12 de Outubro de 1721. = Eminentissimo Snr. Cardeal da Cunha = Creado de V. Eminencia = *Joseph da Cunha Brochado.*

— N.° 41. —

Eminentissimo Snr. Recebi nesta posta duas cartas de V. Eminencia de 29 de Sètembro, e 3 de Outubro, e com o mais respectuoso agradecimento rendo a V. Eminencia as graças da piedade com que interessa no restabelecimento da minha saude: ella tambem necessita de barreira contra as hostilidades dos muitos annos, que são inimigos irreconciliaveis e invenciveis. O armisticio que a Rainha propôz a Sua Magestade, e em que eu fallei a V. Eminencia quando lhe remetti a copia de huma carta que escrevi a Dom Luiz da Cunha, comprehendia não só França, mas Hespanha, e já estivera publicado em Lisboa, e em Madrid, se os nossos ministros em Utrecht, depois de alguma conferencia, o não tivessem rejeitado pelo fundamento de se lhes haver negado huma praça de segurança em que insistiram na fórma de suas ordens, e do que os Plenipotenciarios de Inglaterra deram conta á Rainha, dizendo-lhe, que os ministros de Portugal tinham rejeitado o armisticio com o sobredito fundamento, e que o conde de Strafford lhes promettêra, que seriam responsaveis dos damnos que se seguissem a Portugal e suas conquistas.

Não me tem custado pouco conciliar a carta que Sua Magestade escreveu agora á Rainha, e as ordens que tinham os nossos ministros, que na verdade ainda sem mais ordem que a geral obraram justamente como bons procu-

Digitized by Google

radores, tratando de fazer boa a condição do constituinte, quando não fosse mais que pera agradar a Sua Magestade Imperial.

Agora devem ter ajustado este negocio em que nunca houve mais difficuldade que a praça de segurança, como V. Eminencia terá sabido a esta hora pelas relações de Utrecht.

Esta corte enganou-se nas medidas, ou pera melhor dizer, caminhou com muita precipitação, e cuidando que tratava com França como cordeiro, achou-se com França como leão, e não esperava della nem as hostilidades de Flandres, nem o desembarque nas ilhas Inglezas, e nem agora esta entrada do marquez de Bay. França mais por hum motivo de vaidade, que de boa politica, pertende acabar a guerra mostrando a sua superioridade, deitando as mãos de fóra sem se lembrar que as cousas não estão ainda tão maduras como ella presume, porque por esta, e por outras, poderá esta corte mudar de conducta, e fallar-lhe de outra maneira. Toma forças este discurso de entender-se firmemente, que nesta semana houvera huma grande querella, e differença de palavras entre os ministros do conselho, e alguns entendem que foi entre o thesoureiro, e o secretario Bollingbroke, e que a tal pendencia custára lagrimas á Rainha; porêm a verdadeira causa está tanto em segredo, que ninguem sabe mais que o que refiro em minha carta.

Os nossos interesses são agora de nos repouzar com este armisticio pera salvarmos as nossas conquistas, e as nossas frotas, conservando-nos em boa postura, em quanto a Europa se desembaraça desta terrivel negociação, e poderá ser que se as agoas se tornarem a turvar, que pesquemos alguma cousa.

Não ha por ora cousa mais particular que seja digna da attenção de V. Eminencia, em cuja obediencia fico

Digitized by Google

como devo. Deus guarde a V. Eminencia muitos annos. Londres 18 de Outubro de 1712. = Eminentissimo Snr. Cardeal da Cunha = Creado de V. Eminencia = *Joseph da Cunha Brochado.*

— N.º 42. —

Eminentissimo Snr. Pela minha carta saberá V. Eminencia o pouco que ha de novo nesta corte de que se possa esperar melhoramento nos negocios da causa commum. Os ministros tornarão aos seus officios como se nunca estivessem descuidados, ou como se estivessem reconciliados. O humor inconstante da nação fez crêr aquella differença; a necessidade que tem huns dos outros faz tambem crêr a sua reunião. Trabalham sempre pela paz, que lhes he simplesmente necessaria, e querem que ella seja geral, mas esta vontade he *secundum quid*; e não posso explicar mais brevemente a V. Eminencia a constituição em que se acham estas cousas. Não quizera cansar a V. Eminencia fallando-lhe no nosso armisticio, nem affligir-me com esta repetição. Ha muitos mezes que escrevi a V. Eminencia com evidentes rasões pera que acceitassemos esta suspensão de armas em tempo, em que Inglaterra a pedia, e em que França a desejava.

Perdemos a occasião, e agora França zomba de nós. Ha 25 dias que dei a carta de El-Rei Nosso Senhor a esta Rainha, em que se queixava de que tendo mandado acceitar o armisticio, entrára o marquez de Bay no Alemtéjo. Haverá perto de dous mezes que o dito Senhor lhe mandou dizer o mesmo por outra carta, e até hoje se não tem concluido o tal Tratado, porque os nossos ministros dizem, que segundo as suas ordens não podem convir nelle. Pediram a praça de segurança, e porque os Francezes a não concederam, cahio a negociação. Chegando a posta de Lisboa tornou-se a pegar nesta pratica; mas

Digitized by Google

porque os ministros de França pertenderam que a suspensão se estendesse tambem ás nossas tropas da Catalunha, não teve effeito a pratica. nem fim a negociação.

Nestes termos, diz esta corte, que Sua Magestade não quer o armisticio, nem entrar nas medidas da Rainha. E eu, segundo as minhas ordens, sou obrigado a dizer huma cousa em Londres, e os nossos ministros, segundo as suas ordens, são obrigados a fazer outra cousa em Utrecht. He verdade. que eu com alguma prudencia vou concordando estas antinomias; porêm não deixo de conhecer o máo effeito que produz esta affectada persuasão, porque ao menos perdemos a boa graça com que receberiam aquella resolução de Sua Magestade em tempo e logar.

Quando nos pediam o armisticio, era hum tempo, e agora que o pedimos já he outro: este he aquelle ponto critico de todas as cousas, que quando huma vez se perde, ou se passa, não se recobra, como eu disse em outra carta sobre este mesmo assumpto. Os nossos ministros não tinham esperança de alcançar a praça de caução, e com tudo não quizeram sem ella, nem podiam, acceitar armisticio.

Os Francezes agora que nos vêem nesta necessidade, e que perdemos o melhor tempo, difficultam as condições, e querem alongar o termo em que ha-de ter principio a suspensão, pera dar mais tempo ás operações da fronteira, e aos corsarios de França.

Vejo que havemos de fazer este cançado armisticio tarde, mal, e de má graça, que he tres vezes mal.

Deste discurso, em que tem a maior parte o amor do serviço de Sua Magestade, e o bem da minha patria, quizera tirar huma utilidade ao mesmo serviço, rogando a V. Eminencia pelo amor de Deus, e do mesmo Principe, que nos não succeda o mesmo nos Tratados de paz com França, e Castella.

Digitized by Google

Venham as ordens claras e precisas; não sejamos dos ultimos, e já que não podemos tirar maior segurança mostremos que fazemos as cousas de boa graça, e não deveremos pouco ao modo com que fizermos a nossa reconciliação.

Se formos dos ultimos a nos ajustarmos, ouviremos bem durezas, como já ouvimos de França, e de Castella; e pode ser que esta nos queira pôr a condição de lhe restituir os navios de Buenos-Aires, e o represado no Algarve, porque Inglaterra apenas he já poderosa pera si, e os Hollandezes tratam do seu accommodamento, e farão pouco escrupulo do nosso sacrificio. A conjunctura não pode ser nem mais delicada, nem mais terrivel; he necessario fazer da necessidade virtude, entendendo, torno a dizer, que a boa graça nos pode pôr em huma passavel reconciliação; faça a nossa politica o que não poude fazer a nossa força. Não temos outro meio pera reparar os prejuizos desta paz, que a maneira com que a fizermos.

V. Eminencia não pode duvidar que o duque de Anjou fica em Hespanha, e não pode tambem desconvir que França fica formidavel a toda a Europa, e que a mesma Inglaterra lhe ha ámanhãa de fazer a corte, e assim permitta V. Eminencia que lhe diga, que nós ficamos agora de peior condição, de que se segue, que devemos praticar maior politica, e ter maior attenção que até agora. Fique pera quando me vir aos pés de V. Eminencia o discurso sobre as cousas que nos são mais necessarias pera o bom effeito desta pratica, tanto no interior como exterior do reino. Fico na obediencia de V. Eminencia como devo. Londres o primeiro de Novembro de 1712. = Eminentissimo Snr. Cardeal da Cunha = Creado de V. Eminencia = *Joseph da Cunha Brochado.*

Digitized by Google

— N.° 43. —

Eminentissimo Snr. Recebi a carta que V. Eminencia me fez a honra de escrever em 14 de Outubro, e não posso agradecel-a mais dignamente, que felicitando a V. Eminencia do feliz nascimento de Sua Alteza o Principe que Deus nos deu, e que Deus nos guarde. (*)

Pela minha carta do officio, e pelas que Dom Luiz da Cunha me escreveu, verá V. Eminencia que o nosso armisticio vae pelo caminho, e que chegará primeiro que esta carta ás mãos de V. Eminencia. Do que escreve Dom Luiz da Cunha se conhece facilmente a altura em que estão os Francezes pela desgraça da negociação commum, muito mais a nosso respeito, porque nos querem intimidar pera que ao futuro não saiamos da sua amisade.

Na minha carta insinuo em poucas regras, como costumo, qual deve ser a este respeito a nossa politica, e que merece a attenção de V. Eminencia, pera que sobre este particular se mandem ordens muito precisas aos nossos ministros, não sómente pera tomarem as suas medidas juntamente com Inglaterra, de sorte que não deixem que a paz deste reino seja primeiro concluida e publicada que a nossa, mas pera que logo façam outra figura, e ponham outra mais cara diante dos Francezes, sem que por toque, ou remoque arguam a sua conducta, e maldigam as maximas da sua politica, porque tudo se sabe, e tudo se mexerica; e muitas vezes destas praticas e ditos de hum ministro publico nasce grande prejuizo aos interesses do Principe. Dom Luiz da Cunha he assás experimentado para evitar estas occasiões, mas o grande fogo que arde na fidelidade do conde de Tarouca pode leval-o a differente methodo. V. Eminencia já vio que fizemos hum

(*) Foi o principe D. Pedro; morreu tendo dous annos; foi o segundo filho de D. João 5.°

Digitized by Google

pretexto da praça de segurança pera rejeitar a pratica do armisticio em grande pena desta corte, e em grande indignação da de França, que pode, ou no tempo da negociação da paz, ou depois della, mostrar o seu resentimento. Eu não entendo que este meu reparo padeça duvida alguma, que a ser materia controversa a puzera em maior luz.

Queira Deus livrar a Campo Maior; porque a sua perda ha-de levar Albuquerque comsigo, que ao menos poderiamos conservar; mas he esta huma falta de que não tenho que dar conta a Deus, e de que V. Eminencia me he boa testemunha.

Tambem na minha carta toco a necessidade que ha que o conde da Atalaya sáia no dia do termo, pela rasão que nella aponto; e demais eu sei que o conde de Singendorf ha-de buscar meios para protestar a dilação daquella sahida, de que podemos pagar as custas. Eu escrevo tudo isto a Dom Luiz da Cunha, mas he melhor que as ordens de Sua Magestade evitem esta occasião.

A confiança com que fallo a V. Eminencia mostra bem, que lhe fallo como se estivera aos seus pés pedindo-lhe a absolvição dos meus pensamentos, que sem ser nesta consideração, e nesta postura, mudára de methodo, porque eu tambem sei hir com as agoas, e dar a pôpa ao vento. Fico pera servir a V. Eminencia como devo. Déus guarde a V. Eminencia muitos annos. Londres 8 de Novembro de 1712. = Eminentissimo Snr. Cardeal = Creado de V. Eminencia = *Joseph da Cunha Brochado.*

— N.° 44. —

Eminentissimo Snr. Queira Deus que desta vez acabe esta corte com a prolongada e mysteriosa negociação pera a paz geral, segundo os ultimos e mal alentados es-

Digitized by Google

forços, que hoje fazem seus ministros nas conferencias de tantos conselhos como refiro na minha carta. A materia he larga, e eu não sei se digo pouco: mas estou certo, que nada me falta por dizer. Esperamos, que com a chegada de milord Straford a Utrecht se comece de véras a conferencia com todos os Alliados. Eu tenho representado a estes ministros, que queiram hir igualmente comnosco, e que não assignem sem nós o seu Tratado particular; e a mesma prevenção tenho escripto aos nossos ministros pelo receio que já tive a honra de communicar a V. Eminencia. Não posso penetrar o que estes ministros tem, ou esperam ter conseguido a nosso favor, porque o segredo he grande a respeito de todos os interessados, e disto inferimos todos, que esta cautella he mais vergonha que mysterio: porêm de algumas expressões entendo, que nos querem defender, não pelo amor que nos tem, mas pelo amor que tem ás nossas frotas, e este negocio faz hoje hum grande peso em toda a Europa pera nos sollicitar a amisade de todos rebuçada com muita inveja.

Até agora entendemos, que a politica da corte de Vienna ha-de deitar a perder os seus interesses, e os dos outros: o seu governo em Italia está malquisto; e sabendo Sua Magestade Imperial, que esta corte pertende que elle largue Catalunha, com tudo não quer consentir nesta cessão, e ha-de vir a perdêl-a sem tirar algum equivalente, ou a nosso favor. Ainda que na minha carta fallo nesta materia, he prefunctoriamente, e porque já não he tempo pera esperar cousa alguma: nem eu sei se os nossos ministros tiveram alguma insinuação, e se acaso a tiveram seria pera que o Imperador ganhasse algum tempo na dilação da nossa trégoa, ou pera poder conservar as nossas frotas, que he hum ponto sobre o qual já escrevi a V. Eminencia, e que nos poderia ser de grande damno.

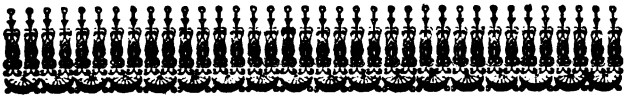
Lá saberá V. Eminencia se a renunciação do duque

Digitized by Google

d'Anjou se fez em cortes; porque ora é inutil disputar se ella he de algum proveito para Portugal, porque o que devemos considerar he, que Castelhanos, e Francezes, são a mesma nação pera nós, e com esta regra havemos de medir as nossas acções, como tantas vezes tenho escripto: a materia he tão escrupulosa, que não tenho mêdo que a sua repetição me faça importuno, e que pareça teima de entendimento que começa a envelhecer, e a fraquear. Fico pera servir a V. Eminencia com a obediencia e respeito que lhe devo. Deus guarde a V. Eminencia muitos annos. Londres 22 de Novembro de 1712. = Eminentissimo Snr. Cardeal = Creado de V. Eminencia = *Joseph da Cunha Brochado.*

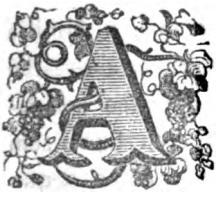
Digitized by Google

Digitized by Google



XX.

O VISINHO E A VISINHA.



A GUAPA e linda perna desappareceu logo na farta roda do vestido côr de passa, e Rigoleta proseguio:

— E que tal está o meluria!...

— Eu estava aqui... admirando...

— E então que admiravois, visinho?

— O vosso incomparavel quarto... pois em verdade vos digo, visinha, que tendes uma habitação, que nem uma rainha...

— Podéra não!... se eu não tenho outro luxo... e como nunca sáio... divirto-me em arranjar o meu quarto...

Digitized by Google

— Não me farto de admirar... que lindas cortinas!... e aquella commoda tão formosa que parece de mogne. Deveis de ter gastado um dinheirão nestes trastes...

— Não me falleis em semelhante cousa, pelo amor de Deus... tinha doze moedas de meu quando sahi da prisão... e gastei-as quasi todas nisto que vêdes...

— Quando sahistes da prisão!... Pois estivestes preza?...

— Sim estive... mas isso são contos largos. No entretanto não cuideis que estive preza por ter feito mal a alguem.

— Estou certo que não: mas como foi isso?...

— Depois da cólera achei-me só e desamparada no mundo; teria então dés annos...

— E até esse tempo quem vos tinha criado?

— Uma honrada gente... mas toda a familia morreu da cólera... (ao dizer isto arrasaram-se-lhe os olhos de lagrimas). Vendeu-se o pouco que tinham para pagar algumas dividas, e eu fiquei sem ter quem me recolhesse: não sabendo então o que havia-de ser de mim, fui-me ter a um corpo-de guarda, que havia defronte da nossa caza, e disse para o sentinella: « Senhor soldado, meus paes morreram, e eu não tenho para onde ir; que me aconselhaes neste cazo? » Nisto appareceu um official, que me mandou conduzir á Administração do Bairro, e o Administrador mandou-me como vagabunda para a prisão, na qual estive até á idade de desasseis annos.

Digitized by Google

— Mas os vossos paes?...

— Não sei quem era meu pae, e na idade de seis annos perdi minha mãe, que me havia tirado da Roda, na qual teve de me lançar quando nasci. Aquella boa gente, em que já vos fallei, viviam na mesma caza; e como não tinham filhos, vendo-me orfãa e desvalida tomaram-me á sua conta.

— E que officio tinham? de que viviam?

— O tio Gaio, como lhe eu chamava, era pintor, e sua mulher bordadeira.

— Mas eram elles ao menos abastados?

— Assim, assim; com seus altos e baixos. Uns dias passavam bem, se havia que fazer; outros dias com menos fartura, se não tinham em que se empregar: porem sempre estavam contentes (e esta recordação servio para que Rigoleta recobrasse a sua natural expressão de alegria). Não havia por toda aquella visinhança um par de cazados como este; digo cazados ainda que o não fossem, porque se chamaram sempre um ao outro marido e mulher: estavam sempre alegres, sempre a cantar; eram bons até não mais, e tão liberaes que nunca tinham nada de seu. A tia Gaia tinha os seus trinta annos, era gorda e fresca de carnes, limpa como a neve, viva como uma fagulha, e alegre como um passarinho. Seu marido era outro Rogerio Bomtempo, tinha um nariz como daqui acolá, a boca mui grande, a cabeça sempre coberta com uma barretina de papel, e uma cara tão particular e exquisita, que se não podia olhar para ella sem rir. Quasi sem-

Digitized by Google

pre quando chegava do trabalho punha-se a cantar, a fazer visagens, a dar saltos, e n'uma palavra, a brincar como uma criança; e fazia-me tambem dansar, e saltar sobre as suas pernas, e brincava comigo como se fosse da minha idade; sua mulher tambem me fazia mimos, e queria-me tanto como a filha sua. E depois como de mim não queriam mais recompensa que andar eu alegre e de bons humores, não havia cousa mais facil que fazer-lhes a vontade, e dahi veio o chamarem-me Rigoleta, nome que para sempre me ficou. Em quanto a andar alegre, eram elles os primeiros a dar-me o exemplo, porque jámais os vi tristes. Os ralhos que unicamente se lhe ouviam era dizer a mulher para o marido: « Forte casmurro estás hoje, meu Gaio! porque me não fazes rir? » Ou então o marido á mulher « Calla-te Rabôta, calla-te, se não rebento de riso... » E eu tambem me ria só de os vêr rir... Ora ahi tendes como eu fui criada, e como se formou o meu caracter... e parece-me que não tomei mal as liçoes, não é verdade?

— Boa discipula sahistes, visinha... Mas pelo que vejo, o tal senhor Gaio e sua santa companheira nunca tiveram desordens um com outro?...

— Nunca... Nos domingos e segundas, e quando Deus queria tambem nas terças feiras, iam á tuna, como elles diziam, e levavam-me sempre comsigo... O tio Gaio era bom official do seu officio, e ganhava quanto queria; e sua mulher tambem. De modo que apenas ajuntavam o necessario para

Digitized by Google

se divertirem no domingo e segunda feira, e para passar o resto da semana, não queriam saber de mais trabalho. E se alguma vez succedia não haver que comer, nem por isso estavam menos alegres e contentes... Ainda me lembro que quando não tinhamos mais nada que pão e agua, o tio Gaio tirava da sua livraria...

— Pois elle tinha livraria?

— Assim chamava uma pequena estante em que punha algumas collecções de cantigas modernas, que ia comprando e decorando... Mas como ia dizendo, quando em caza só havia pão e mais nada, tirava da livaria uma arte velha de cozinheiro, e dizia-nos: « Vamos a vêr o que temos hoje para comer... tal... tal... e tal... » e lia os titulos de uns poucos de manjares dos mais appetitosos, que nos faziam crescer agua na boca: cada um de nós escolhia a iguaria que melhor lhe parecia, e o tio Gaio pegava então n'uma cassarola vazia, e com mil caretas e ditos engraçados fingia que deitava na cassarola todos os temperos para um bom guizado, e depois fazia menção de despejar tudo dentro de uma grande travessa posta no meio da meza; e tudo isto, já se sabe, sem nunca deixar de fazer mil trejeitos, e de dizer mil chalassas que nos faziam escangalhar de riso. Depois tornava a pegar no livro, e em quanto lia, por exemplo, a receita de outro bom guizado que tinhamos escolhido, comiâmos o nosso pão ouvindo a sua leitura, e rindo como umas perdidas.

— E esse par ditoso tinha dividas?

Digitized by Google

— Nem uma só... Quando havia dinheiro era pedir por boca ; e quando o não havia comia-se *aguada*, como dizia o tio Gaio servindo-se deste termo da sua arte.

— Então elles nunca se lembravam do futuro?

— Pois não se lembravam ! o nosso futuro era o domingo e a segunda feira ; no verão iamos até ás barreiras, e de inverno aos arrabaldes.

— Mas se essa gente se dava tão bem, e passavam vida tão alegre ... porque não se cazavam ?

— Isso mesmo lhes perguntou uma vez um seu amigo na minha presença.

— E que disseram elles ?

— Disseram : « Se tivermos filhos cazamo-nos immediatamente ; mas em quanto formos só dous, vivemos melhor assim ... Que necessidade temos nós de fazer por obrigação aquillo mesmo que fazemos de tão boa vontade ?... Demais a mais isso obrigava-nos a certas despezas , e nós nunca temos dinheiro de sobra ... » Mas, Deus me acuda ! tenho dado de mais á taramela ! — disse Rigoleta — Não façaes cazo, porque quando me recordo de pessoas que foram tão boas para mim, não posso deixar de fallar muito nellas ... Vamos a vêr, visinho, se tendes habilidade para pegar naquelle chale que está sobre a cama, e se mo deitaes por baixo do cabeção sem o amarrotar, e o pregaes depois com um alfinete, para sahirmos já, porque não temos muito tempo de escolher no Templo o que havemos-de comprar para a familia de Morel.

Digitized by Google

Rodolfo acudio logo a satisfazer o pedido da costureira, e tirando de cima da cama um grande chale escuro com riscas vermelhas, deitou-o com o maior esmero aos lindos hombros de Rigoleta.

— Agora, visinho, levantae o cabeção para se não amarrotar, segurae o chale ao vestido, mas pregae bem o alfinete; e cuidado! que me não piqueis!

Executou o principe á risca estas ordens, e sorrindo-se disse para a costureira:

— Senhora Rigoleta, não acho muito agradavel servir-vos de camarista, porque... é perigoso...

— Sim; para mim, porque me podieis picar... — acudio a moça com ar risonho — Agora — accrescentou ella sahindo e fechando sobre si a porta — levae-me esta chave... que por grande hei medo que me rompa o bolso... Parece um bacamarte!

Disse isto a rir.

Rodolfo encarregou-se, no rigor da palavra, com a enorme chave, que podia mui bem figurar em algumas dessas salvas allegoricas, que os vencidos apresentavam humildemente aos vencedores de uma cidade. Ainda que Rodolfo estava bem certo que a idade lhe tinha mudado muito as feições, e que por isso não era provavel que Polidori o conhecesse, com tudo antes de chegar á porta do quarto deste teve a cautela de levantar a gola do seu *paletó*.

— Visinho, olhae não vos esqueça de dizer ao porteiro que hão-de cá vir ter alguns trastes, e que os deve mandar para o vosso quarto!

Digitized by Google

— Lembraes bem... entremos então no quarto do porteiro.

Pipelet com o seu eterno chapeo zabumba na cabeça, e com a inseparavel cazaca verde, estava com toda a gravidade sentado a uma meza coberta de pedaços de coiro e de fragmentos de toda a especie de calçado; e naquelle momento entretinha-se a remendar uma bota velha com a seriedade e consciencia com que fazia tudo. Anastacia tinha sahido.

— Bons dias, senhor Pipelet — disse Rigoleta — E que vos pareceu o cazo?... Se não fosse cá o meu visinho, aquelles pobresinhos não estavam a esta hora livres de cuidados... Lembrar-se a gente que iam levar prezo um homem tão honrado!... Os taes beleguins sempre são uns desalmados!...

— E tambem *desmoralisados*, minha menina — acudio Pipelet com tom magistral, gesticulando e accionando com a bota velha, que tinha enfiada no braço esquerdo até ao cotovelo. — Não, não tenho medo de o repetir diante de Deus e de todo o mundo, são uns *desmoralisados*, aproveitaram-se da escuridão da escada para fazer gestos indecentes á minha esposa... E mal eu ouvi os gritos do seu pudor ultrajado, não me foi possivel, a meu pezar, resistir á impetuosidade do meu genio... Não quero occultal'-o aos olhos de ninguem; mas o meu primeiro movimento foi de permanecer immovel...

— Mas depois não havieis-de deixar de correr atraz delles — disse Rigoleta fazendo esforço por se conservar séria.

Digitized by Google

— Distingo, menina; quando esses libertinos passaram por diante da minha porta, todo o meu sangue me deu uma volta repentina, e não pude deixar de... tapar immediatamente os olhos com a mão, para não vêr semelhantes monstros de luxuria... Porem não estranho... hoje era certo acontecer-me alguma desgraça, porque sonhei com o infernal Cabrion...

Rigoleta sorrio-se, e os suspiros de Pipelet confundiram-se com as martelladas que dava na bota.

— Procedestes com juizo tomando o partido dos prudentes, meu caro senhor Pipelet, que se esquecem das offensas que lhes fazem. Esquecei-vos por tanto desses miseraveis, e tende a bondade de me fazer um obsequio.

— Os homens nasceram para se ajudarem uns aos outros — interrompeu o porteiro com tom melancolico e sentencioso; — e com muita mais razão quando se trata de um inquilino como vós.

— Desejava que fizesseis conduzir para o meu quarto algumas cousas que não devem tardar a vir aqui ter... e que são destinadas para Morel.

— Podeis ir descançado, que eu me encarrego de cumprir as vossas ordens.

— E tambem — accrescentou Rodolfo com ar de tristeza — não seria mao arranjar um sacerdote, que quizesse velar a menina que morreu esta manhãa, e ir dar parte da sua morte, e preparar um acompanhamento decente... Tomae lá este dinheiro, e não tenhaes medo de gastar quanto fôr preciso;

Digitized by Google

porque o bemfeitor de Morel, de quem eu sou mero procurador, quer que tudo se faça do melhor modo possivel.

— Confiae na nossa diligencia — respondeu Pipelet. — Logo que minha esposa vier, irei á regedoria, á igreja e ao pasteleiro;... á igreja para a morta... ao pasteleiro para os vivos... — accrescentou com ar philosophico e poetico o bom do porteiro, alludindo ao banquete que é costume dar-se aos do acompanhamento. — Descançae; ide em santa paz: não é preciso recommendar mais nada.

Ao chegarem Rodolfo e Rigoleta á porta da rua, encontraram-se cara a cara com madama Pipelet, que vinha do mercado com um cesto cheio de provisões de boca.

— Muitos parabens! por muitos annos e bons! — gritou a porteira olhando para os dous visinhos com ar chasqueador e malicioso — elles ahi vão já de braço dado, sem mais nem menos!... bravissimo! a cousa é seria!... rapasiadas.... rapasiadas! Cada cousa em seu tempo, como os nabos no Advento... Moço guapo pede rapariga flamante... Vivam os namorados! vivam!... — E depois desta lenga-lenga a velha desappareceu na escuridade do corredor. — Alfredo! abre os olhos!... aqui vem a tua Anastacia carregada de mimos e acepipes para ti... goloso da minha alma...

Rodolfo sahio da caza da rua do Templo com Rigoleta pelo braço.

Digitized by Google

XXI.

O ORÇAMENTO.

A NEVE da passada noite foi seguida de um vento frio e penetrante. Rigoleta e Rodolfo dirigiram-se ao singular e immenso bazar, chamado o Templo. A joven costureira ia pelo braço do seu cavalheiro com tanto desembaraço, como se intimas e estreitas relações de ha muito os unissem.

— Que celebre que é esta madama Pipelet! sempre tem cousas! — disse a costureira a Rodolfo.

— Olhae, visinha, eu por mim entendo que ella tem razão.

Digitized by Google

— Porque, visinho?

— Porque ella disse: *cada cousa em seu tempo... e vivam os namorados!*

— E então?

— E' exactamente o meu modo de pensar...

— Pois que?!

— Tomara passar a minha juventude ao vosso lado... e poder dizer: Viva o amor!

— Bem vos conheço!... parece-me que não sois ruim de contentar.

— Somos visinhos, e que mal podia dahi resultar?

— Se não fossemos visinhos, não vos daria assim o braço...

— Nesse caso posso ter esperança?...

— De que?

— De que me haveis de amar...

— Se não é mais que isso, estaes servido, porque já vos amo.

— De veras?

— Porque vos admiraes? não ha nada mais natural: sois bom moço e alegre; e apezar de pobre procuraes quem se interesse pela familia de Morel. Tendes muito boa figura, e um semblante que me agrada infinito, e todas estas cousas não podem deixar de ser do gosto de uma pessoa, que, como eu, vos dá o braço, e por muitas vezes vo-lo dará. Ora parece-me que estas razões são bastantes para vos amar.

Rigoleta parou de repente, soltou uma risada,

Digitized by Google

e disse em voz alta, apertando ao mesmo tempo o braço a Rodolfo:

— Olhae, olhae para aquella mulher gorda, que sapatos que leva, forrados de peles... parecem dous gatos sem rabo.

E continuou a rir-se.

— Não me queiraes agora distrahir com os sapatos da mulher gorda: antes quero olhar para vós, e pensar em que me amaes.

— E é verdade, por isso vo-lo disse... Se me não tivesseis agradado, tambem vo-lo diria com a mesma sem-ceremonia... Não tenho remorsos de haver jámais enganado alguem, nem de ter sido namoradeira; quando gosto de alguem, digo-lho logo sem mais nem menos....

E calando-se outra vez, deixou-se ficar parada diante de uma loge, e exclamou:

— Ai! que relogio tão bonito! Ora esta! e eu que já tinha juntos no mialheiro cinco tostões para comprar um assim! Em cinco annos espero ter a conta.

— E vós, minha visinha, ganhaes assim tanto, que podeis ainda arrecadar?...

— Nunca menos de doze vintens por dia, e ás vezes desoito: porem não conto com mais de doze para despezas, porque é o mais prudente — replicou Rigoleta com modo tão serio e grave, que parecia tratar de um orçamento de milhões.

— Mas como podeis vós viver com doze vintens diarios?

Digitized by Google

— A conta é facil de fazer... quereis que vo-la faça? E não será fora de proposito, porque talvez vos sirva de proveito, pois tendes signaes de ser um grande estragado e gastador.

— Vejamos então os vossos gastos, visinhinha...

— Doze vintens por dia fazem moeda e meia por mez; não é assim?

— Não ha duvida.

— Desta somma temos a tirar desoito tostões para o aluguer da caza, e tres mil e seiscentos para comer.

— Tres mil e seiscentos para comer?

— Nem mais nem menos. E é porque me trato á grande; porque para um pisco como eu, não era preciso tanto.

— Caspite! que despeza!... forte comilona!...

— Alto lá! olhae que vae ahi incluida a comida dos meus dous canarios...

— Isso agora é outro caso: se sois tres bocas, então já a despeza me parece menos exorbitante. Vejamos porem, para meu governo, a despeza de cada dia...

— Ei-la ahi: um arrate de pão, trinta e cinco reis; com quinze reis de leite, faz meio tostão; trinta reis de legumes no inverno, ou de fructa e salada no verão, não fazeis idêa do que gosto da salada, porque é boa de arranjar, e não suja nada as mãos. Aqui temos já quatro vintens; vinte e cinco de manteiga ou de azeite e vinagre para temperar, faz um tostão e cinco; um cantaro de agua

Digitized by Google

magnifica ... Oh! que isto é o meu forte! é no que faço consistir todo o meu luxo,... custa-me quinze reis, que fazem seis vintens á justa... Agora ha a accrescentar um vintem ou vinte e cinco reis de painço cada semana para os passaritos, que comem de ordinario um pouco de pão migado com leite; e tudo junto vem a fazer os tres mil e seiscentos, ou quando muito quatro mil reis por mez.

— E carne, nunca a comeis?

— Qual carne nem meia carne!... Estava bem servida! custa a quatro vintens o arrate! e alem disso dá trabalho a cozinhal-a; em quanto que o leite, legumes e fructa, são cousas que se podem dizer já promtas.... Mas sabeis vós o meu prato favorito, delicioso, e que eu faço primorosamente?...

— O que será?

— Ponho no forno do meu fogão umas poucas de batatas, e depois de bem assadas, amasso-as com manteiga e leite... e umas pedritas de sal... oh! que é divino!... nem o Papa se alambaza com um guisado tão bom!... Mas se vós vos portardes bem hei-de vo-lo dar a provar...

— Deve ser excellente, arranjado por essas mãos. Mas vamos ás contas, visinha... Temos já tres mil seiscentos de comida com desoito tostões de aluguer de caza, que fazem cinco mil e quatro centos por mez...

— Para moeda e meia ou oito mil reis, que eu ganho, faltam desoito ou vinte e seis tostões, para lenha e azeite no verão, e para roupa lavada...

Digitized by Google

isto é, para sabão; porque á excepção dos lençoes, o resto da roupa lavo-a eu em caza... Uma lavadeira custava-me os olhos da cara... e o que ella me levaria de mais poupo-o eu; alem de que, tenho minha presumpção de lavar bem. Nos cinco mezes de inverno gasto carga e meia de lenha... e tambem ha a ajuntar trinta reis ou dous vintens de azeite por dia para o meu candieiro... de modo que lenha e luz por anno vem a importar n'uns doze mil e oito centos.

— Por essas contas pouco mais vos pode restar do que oito tostões para vestir e calçar.

— E' verdade; e disso mesmo é que eu tinha já economisado os cinco tostões.

— Mas os vossos vestidos, o vosso calçado, esse magnifico chapeo?

— Os meus chapeos não me deitam a perder, sou eu mesma que os faço, e não os ponho senão quando sáio á rua; em caza não trago nada na cabeça, o meu cabello serve-me de touca... E em quanto a vestidos e calçado... não tenho aqui tão perto o Templo?

— Ai! sim, o milagroso Templo... e alli compraes...

— Vestidos optimos e lindissimos. Vós não sabeis que as senhoras do grande tom costumam dar ás suas criadas os vestidos velhos?... Velhos, se entende, com um ou, quando muito, dous mezes de uso dentro das carruagens... As criadas mandam-os vender ao Templo por uma bagatella... De sorte que

Digitized by Google

aqui tendes este vestido de lãzinha côr de passa, que eu comprei por meia moeda, e que não custou menos de duas. Estava quasi novo, arranjei-o para o meu corpo... e parece-me que me assenta como uma luva, e que me dá muitissima honra? não é verdade?

— Sois vós que o honraes, visinha. Agora vou cahindo na conta: com esse recurso do Templo já me não admiro que façaes tantos milagres com pouco mais de quinze mil reis por anno.

— Pois ahi tendes! compra a gente magnificos vestidos de verão por oito ou dés tostões, e butins, como estes, quasi novos, por desasseis vintens ou um crusado. Não parece que foram feitos para o meu pé? — disse Rigoleta parando, e fazendo avançar a ponta do seu lindo pé perfeitamente calçado.

— Não ha duvida que o pé é formoso; mas deveis passar mil trabalhos para achar calçado que vos fique justo... Naturalmente respondeis-me a isto, que tambem no Templo ha calçado para crianças...

— Sois muito lisongeiro, visinho. Mas não tendes remedio senão confessar que uma rapariga só, e bem governada, pode, em rigor, viver com doze vintens por dia. Tambem é preciso ter em vista que as quinze moedas que ajuntei na prisão concorreram muito para me estabelecer.... porque como os freguezes viram que eu tinha *trastes proprios*, isto inspirou-lhes confiança, e não tiveram receio de me dar obra para fazer em caza: mas ainda assim passei muito tempo sem ter que fazer; e dou graças a

Digitized by Google

Deus por ter reservado com que passar tres mezes, sem contar com o meu trabalho.

— Sabeis que mais, visinha? que apesar desse ar de estouvada, tendes muita labia, e muito bom senso.

— Pois então! já que me vejo só no mundo, e não quero dever favores a ninguem, não tenho remedio senão encolher-me bem no ninho.

— E que delicioso que é o vosso ninho!

— Não é mao: mas tambem eu não me poupei para isso a despezas: pago um aluguer superior á minha classe; sustento dous canarios; no verão sempre tenho sobre o fogão duas jarras com flôres, alem dos vasos da janella, e do caixão da gaiola; e não obstante, como já vos disse, tinha juntos cinco tostões no meu mialheiro para poder algum dia enfeitar o meu fogão.

— E que fizestes a esse dinheiro?

— O que lhe fiz? eu digo; como nos ultimos tempos os pobres Moreis estivessem no maior apuro de miseria, entendi que era preciso não ter alma nem consciencia para deixar criar bolor áquelle afferrolhado dinheiro, quando ao pé delle estavam uns poucos de infelizes morrendo de fome... E então peguei nos cinco tostões, e emprestei-os a Morel. Se digo que os emprestei... é para não humilhar aquelle honrado homem, porque a minha mente foi de lhos dar.

— Mas como elle agora está soccorrido, é justo que vos pague essa divida, visinha.

Digitized by Google

— E' verdade... e eu de certo não deixarei de acceitar... sempre será um principio de vida para comprar o relogio... Oh! que não penso n'outra cousa de dia e de noite.

— Mas tambem é preciso que penseis no futuro.

— No futuro?

— Pois se cahirdes na cama com doença, por exemplo...

— Eu... doente?

E Rigoleta desatou a rir ás gargalhadas.

E ria com tanta força, que um homem gordo que ia adiante della com um cão debaixo do braço, olhou para trás muito enfadado, julgando que zombavam delle.

Rigoleta mudou immediatamente de aspecto, e fez uma mesura ao homem gordo, e apontou com a mão para o cão que elle levava debaixo do braço.

— Com que o cãosito vae já cançado?

O homem foi andando para diante, mas resmungando sempre.

— Perdestes de todo o juizo, visinha? — disse Rodolfo.

— E vós é que sois o culpado...

— Eu! porque?

— Porque não dizeis senão parvoices...

— Então é parvoice dizer-vos que podeis adoecer!...

— Adoecer eu!...

E soltou nova gargalhada.

— Pois porque não?

*

Digitized by Google

— Pois achaes-me com cara de adoecer?

— Em quanto a isso não posso negar que ainda não vi cara de mais saude, e mais rubicunda.

— Então porque imaginaes que posso cahir doente?

— Que dizeis?

— Como pode isso ser, na idade de desoito annos... e vivendo como eu vivo?... Levanto-me ás cinco horas da manhãa, quer de verão quer de inverno; deito-me das dés para as onze; como quando tenho fome, e, graças a Deus, nunca é muita; não passo frios, trabalho todo o dia, canto como um rouxinol, durmo como uma toupeira, tenho o coração livre, alegre e satisfeito; estou certa de que me não ha-de faltar que fazer, porque sei que a minha obra agrada muito aos freguezes... E á vista disto para que teimaes vós em eu que adoeça?... havia de ser um grande disparate...

E a rapariga não poude conter o riso.

Rodolfo quasi que se arrependeu de ter alterado esta cega e feliz confiança no futuro... Elle não podia lembrar-se sem sobresalto, que uma doença, que apenas durasse um mez, podia arruinar para sempre aquella pacifica e pura existencia. A profunda fé de Rigoleta na sua força e nos seus desoito annos, unico bem que possuia, parecia a Rodolfo santa e respeitavel... Não era isto imprevisão ou abandono da parte da donzella, era uma crença instinctiva de que a justiça divina não podia desamparar uma criatura honrada, laboriosa e cheia

Digitized by Google

de bondade, uma pobre rapariga, cuja unica falta consistia em se fiar com demasiada segurança na saude, que só devia ao Todo-poderoso... Acaso pensam os passarinhos no inverno futuro, quando na primavera brincam entre o tomilho e as rosas, quando alegres encantam os ouvidos com os seus melodiosos trinados, e cortam veloses as ceruleas regiões do ar?

— Então, não ambicionaes cousa alguma? — disse Rodolfo á costureira.

— Nenhuma.

— Absolutamente nenhuma?

— Nada absolutamente ... isto é ... que nos entendamos ... o adorno do meu fogão, por exemplo, isso é cousa á parte ... metteu-se-me na cabeça que o havia-de ter ... e ainda que eu furte alguns bocados ao somno, elle ha-de vir, ou tarde ou cedo ...

— Mas a não ser o relogio?...

— Fora disso nada mais desejo ... quero dizer, hoje ...

— Pois, como ...

— Porque ainda ante-hontem eu desejava tambem um visinho de meu gosto ... com quem me desse bem, como sempre me dei com os mais... e para lhe fazer alguns obsequios, em paga d'outros que me fizesse a mim.

— A esse respeito já estamos conformes, visinhinha ... vós cuidar-me-heis da roupa, e eu encero-vos o quarto ... e tambem me haveis-de accordar de manhãa, batendo no tabique que nos separa.

— E cuidaes que eu me contento só com isso?

Digitized by Google

— Pois que mais quereis ?

— Que mais quero ? que aos domingos me leveis a passear ás barreiras e aos *boulevards* ... pois é o unico dia que tenho de recreio.

— Nisso não haverá inconveniente : e de verão iremos ao campo.

— Nada, isso não; não gosto do campo; não quero sahir de Paris ... Apesar de que em outro tempo, fui algumas vezes, só por condescendencia, a Meudon e a S. Germano com uma de minhas companheiras da prisão, chamada Cantadeira, porque sempre estava cantando; excellente rapariga era ella, na verdade!

— E que foi feito della ?

— Não sei; gastava o dinheiro que trouxera da prisão sem se divertir demasiado, porque sempre estava triste, apesar de ter o genio de um anjo, e ser muito caritativa ... No tempo em que sahiamos ambas ainda eu não tinha que fazer, mas logo que o tive, nunca mais sahi de caza : disse-lhe um dia onde morava, mas ella nunca me veio vêr, provavelmente porque tambem tinha achado que fazer ... Isto só é, visinho, para vos dizer que eu gostava mais de Paris, do que de qualquer outra parte. De modo que quando poderdes, haveis-de-me levar aos domingos a jantar a alguma caza de pasto, e tambem de vez em quando ao theatro ; e quando não tiverdes dinheiro, basta que me leveis a vêr as loges das galerias ... porque tanto me diverte uma cousa como a outra ... E não tenhaes receio de que eu vos faça vergonha ... Vereis como hei-de ir accada

Digitized by Google

com o meu vestido de levantina azul, que só sahe aos domingos... fica-me mesmo a matar; e depois o meu chapelinho guarnecido de rendas com fitas côr de roza, que não dizem de todo mal sobre o cabello preto; botins de setim adamascado feitos de encommenda... um bello chale de seda de pêllo que parece de cachemira. Dou-vos a minha palavra de honra que me hei-de pôr mui guapa, e que mais de uma vez ha-de olhar para traz a gente que nos encontrar. Os homens dirão: « Oh! que linda rapariga! » E as mulheres tambem dirão: « Olha que moço tão galhardo!... como é bem feito de corpo... que bello ar que tem!... e como lhe ficam bem os bigodes, tão pretos e tão finos!... » E eu sou da opinião das mulheres, porque dou o cavaco por uns bigodes bonitos... Infelizmente o senhor Germano não os podia usar, porque não se admittiam na caza onde ia escrever. O senhor Cabrion tinha-os, é uma verdade, mas eram ruivos, da côr das barbas, que eram muito grandes, e eu não gosto de grandes barbas; e alem disso elle fazia muitos disparates pelo meio das ruas, e atormentava sempre o pobre Pipelet. O senhor Girandó, que tambem foi meu visinho antes de Cabrion, andava sempre bem arranjado, e não tinha má figura, mas era vesgo... de modo que ás vezes fazia-me assustar, porque parecia que olhava para alguma cousa que estava ao pé de mim, e fazia-me voltar a cabeça para vêr quem era...

E soltou aqui de novo uma risada.

Digitized by Google

Escutava Rodolfo com summa curiosidade a ingenua garrulice da costureira, sem saber que conceito faria da sua virtude. Em alguns momentos, ao ouvir o tom livre com que Rigoleta se exprimia, e lembrado do grande ferrolho da sua porta, começava a crêr que ella só amava os seus visinhos como irmãos, ou como companheiros; outras vezes ria-se da sua propria credulidade, pensando que era pouco provavel, que uma rapariga tão nova e tão desamparada tivesse escapado á seducção de Girandó, de Cabrion e de Germano. E com tudo, a franqueza e singular familiaridade de Rigoleta inspiravam-lhe novas duvidas.

— Muito folgo, visinha, de vos vêr assim dispôr dos meus domingos — disse Rodolfo em tom festivo; — dou-vos a minha palavra de que havemos de fazer bons passeios!...

— Pois bem; mas desde já vos previno que ainda que as despezas sejam por vossa conta, hei-de ser eu que as hei-de regular. No verão comeremos bem... muito bem... por um cruzado novo na Cartucha ou na Ermida de Montmartre; dansaremos depois meia duzia de contradansas, ou de walsas, e daremos algumas voltas nos cavalinhos de pao... porque morro por andar a cavallo... Tudo isto o mais que poderá custar são oito tostões; mais real menos real... Sabeis vós walsar?

— Perfeitamente.

— Optimo! O senhor Cabrion pisava-me os pés, e deitava no chão estalinhos fulminantes, e fazia

Digitized by Google

mil outras diabruras, de modo que nos prohibiram de entrar na Cartucha.

— Não tenhaes receio, que eu vos respondo pela minha boa conducta, em quanto aos estalinhos. E no inverno que faremos?

— De inverno, como ha menos vontade de comer, não nos custará mais de desesseis vintens o jantar, e ainda nos fica um cruzado novo para o theatro, porque eu não quero que gasteis mais de oito tostões; e já não é pouco: mas se andasseis sósinho, gastarieis mais do dobro nos botequins e bilhares, ou em companhia de estroinas que cheiram a cigarro, que se não pode estar ao pé delles. E não será mil vezes melhor passar o dia alegremente com uma amiguinha de bom humor, bem divertida, e que demais a mais vos economisará alguns vintens, arranjando-vos as gravatas, abainhando-vos os lenços, e cuidando-vos da roupa?

— Isso, minha visinha, é ganho certo. O unico inconveniente que acho em tudo isto, é que se os meus amigos me vêem de braço dado com uma tão linda companheira, tão engraçada...

— Então que tem lá isso? dirão pela boca pequena: Que feliz que é aquelle diabo do Rodolfo.

— Já me sabeis o nome?

— Quando me constou que se tinha alugado o quarto, perguntei logo o nome do inquilino.

— Sim, de certo, os meus amigos devem dizer: « Que boa fortuna pilhou Rodolfo! » e hão-de-se ficar a ralar de inveja.

Digitized by Google

— Tanto melhor!

— E pensarão que sou ditoso.

— Melhor! muitissimo melhor!

— Mas se eu o não sou tanto como lhes pareço?...

— E que tendes vós com isso, com tanto que elles o creiam?... Os homens contentam-se com isto.

— E a vossa reputação?

Rigoleta soltou uma estrondosa gargalhada.

— A reputação de uma costureira, de uma *griseta!* Haverá por ventura quem ainda creia nesses milagres? — continuou Rigoleta — Se eu tivesse pae ou irmãos ainda pode ser que se me desse do que diriam de mim... mas como sou só no mundo, nada me importa... seja eu honrada a meus proprios olhos, que do mais me rio eu.

— Mas para mim é muito triste uma tal posição.

— Porque?

— Porque me terão por mui ditoso, ao passo que vos amarei pouco mais ou menos do mesmo modo que comieis em caza do tio Gaio... quero dizer, molhando o pão no santo aroma da leitura de um livro de cozinha.

— Haveis-de-vos acostumar pouco a pouco: eu serei tão amavel, tão condescendente e tão agradecida, que não podereis deixar de dizer lá no vosso interior: Tanto monta passar o domingo com ella como com um companheiro... E depois, se não tiverdes que fazer nas noites dos dias de semana, e a minha companhia vos não enfastiar, podereis fa-

Digitized by Google

zer-me companhia no meu quarto, e estar ao fogão a lêr-me novellas, que por uma bagatella se alugam... Sempre assim será melhor do que irdes perder o vosso dinheiro para o bilhar. E se acazo vos demoraes até muito tarde em caza do vosso patrão, e preferis ir para o botequim, dar-me-heis as boas noites quando entrardes, se eu ainda estiver a pé. E senão, eu no outro dia de madrugada vos darei os bons dias batendo no tabique para vos accordar... O meu ultimo visinho, o senhor Germano, passava sempre assim as noites no meu quarto; e de certo se não enfastiava!... Leu-me todo o Walter Scott... Que novellas tão divertidas! Alguns domingos, quando fazia mao tempo, em lugar de ir ao passeio ou ao theatro, comprava alguma cousa no pasteleiro, e faziamos em caza um jantarsinho, que era um consôlo; e no fim começava a lêr... e eu estava tão entretida como se fosse no theatro. Isto é só para vos dizer que eu não sou ruim de contentar, e que me accomodo com a vontade dos outros. E tambem, como vós fallastes em estar doente, do que Deus nos livre... sabei que sou uma enfermeira das mais carinhosas... e senão perguntae-o á familia de Morel... E que tal, senhor visinho! foi o mesmo que se vos sahisse a sorte grande... E' um verdadeiro premio ser meu visinho.

— Não ha duvida que é grande fortuna. Mas tornando nós ao senhor Germano, onde vive elle agora?

Digitized by Google

— Creio que em Paris.

— E não o vêdes de vez em quando ?

— Depois que sahio desta caza, não me tornou a fazer nem uma só visita.

— Mas onde vive?... que é o que faz?

— Porque me perguntaes isso?

— Porque tenho zelos delle — respondeu Rodolfo a sorrir-se — e quizera...

— Zelos!!! — repetio Rigoleta soltando nova rizada — Por certo que não ha motivo, palavra d'honra!... pobre rapaz!...

— Fallemos serio, visinha; eu tenho todo o interesse em fallar ao senhor Germano: vós sabeis onde elle mora, e não me deveis julgar capaz de abusar de um segredo que se me confia... juro-vo-lo pelo seu proprio interesse e conveniencia...

— Pois tambem, seriamente vos digo, visinho, que não duvido das vossas boas intenções a respeito do senhor Germano, porem prometti-lhe de não dizer a ninguem aonde elle mora... e não vo-lo disse já porque me é impossivel... Por tanto não vos enfadeis comigo... Se me tivesseis confiado um segredo, não gostarieis que eu o guardasse ?

— Pois sim; mas...

— Está bem, visinho; não fallemos mais nisto... Dei a minha palavra d'honra, hei-de cumpril'-a: e por mais rogos, por mais supplicas que me façaes, sempre vos responderei do mesmo modo.

A costureirita, não obstante a sua leviandade e estouvamento, proferio estas ultimas palavras com

Digitized by Google

certa expressão de firmeza, que fez capacitar Rodolfo, bem a seu pezar, que não poderia alcançar o segredo que desejava. Não querendo porem recorrer a artificios para surprehender a confiança de Rigoleta, assentou de esperar, e replicou em tom alegre:

— Pois está dito, não fallemos mais em tal couza. Irra! que guardaes tão bem os segredos alheios, que já me não admiro que saibaes guardar os vossos.

— Os meus segredos! estou morta por ter algum para guardar.

— Pois que! será possivel que não tenhaes nem ao menos um segredo do coração?

— Um segredo do coração?

— Ai! quereis que vos falle claro?... pois bem: Ainda não amastes ninguem? — perguntou Rodolfo fitando os olhos em Rigoleta para descubrir a verdade em seu semblante.

— Se eu nunca amei? isso é pergunta que se me faça?... pois os senhores Girandó, Cabrion, Germano, e ultimamente vós?...

— Mas o que eu queria saber era se os tinheis amado mais do que a mim... ou de outra maneira?

— Por certo que não!... e talvez até os amasse menos, porque tive de me acostumar aos olhos vesgos do senhor Girandó, ás barbas ruivas, e aos disparates do senhor Cabrion, e á melancolia do senhor Germano, pois estava sempre triste o pobre moço... Ao passo que vós me agradastes logo de relance...

— Ora pois, visinhinha, peço-vos que não vos

Digitized by Google

enfadeis, porque vou fallar-vos agora ... como um verdadeiro amigo e companheiro...

— Não conheceis de certo o meu genio, pois ainda usaes de ceremonias... Andae, dizei, que não hei medo que os vossos ditos me offendam, porque vos considero bom moço.

— Não vos enganaes... porem dizei sinceramente, nunca tivestes nenhum amante?

— Amantes eu!... por ventura tenho eu tempo para namorar?

— Valha-me Deus! mas que tem o tempo com os amores?

— O que tem? Ora essa! o tempo para mim é tudo... Em primeiro lugar eu seria zelosa como uma leôa, e andaria sempre inquieta e com o coração opprimido; alem disso tenho eu muito dinheiro para todos os dias perder umas poucas de horas a affligir-me e a arrepelar-me? Pois que cuidaes?... se me enganassem parece-me que morria a chorar!...

— Mas nem todos os amantes são infieis, nem fazem derramar lagrimas ás suas queridas.

— Tanto peor para mim, se elle fosse demasiadamente bom: porque então como havia-de eu viver um momento longe delle?... e como provavelmente teria de acontecer que elle passasse todo o dia na secretaria, ou no escritorio, na officina ou na loge, estaria eu devorada de continua saudade durante a sua ausencia... e teria mil pensamentos... e supporia que outras o amavam... e que elle lhes

Digitized by Google

correspondia ... E se por fim elle viesse a abandonar-me... quem sabe o que succederia? Em todo o caso é certo que perderia no meu trabalho ... e então não sei o que seria de mim. Agora que tenho o coração tranquillo, ganho exactamente o necessario, trabalhando doze ou quinze horas por dia... E onde iria isto dar comsigo se em cada semana eu perdesse tres ou quatro dias a chorar e a affligir-me?... Como descontaria eu esse tempo?... era impossivel!... Tinha de me sujeitar á vontade de qualquer!... Oh! isso nunca, porque estimo muito a minha liberdade ...

— A vossa liberdade?

— Sim, a minha liberdade! porque eu, se quizesse, podia ser contramestra em caza da modista, para quem trabalho, e ganhava por anno doze moedas, e caza e de comer.

— E não acceitaes?

— Não ... porque me sujeitava então á vontade de outrem; e em quanto estou em minha caza sou senhora minha, e não devo obrigações a ninguem ... Tenho boa saude, o coração alegre e contente, não me falta que fazer ... tenho em vós um bom visinho... que mais posso eu desejar?

— E nunca pensastes em cazar?

— Cazar?... não quero cazar senão com um pobre como eu ... Mas ahi está Morel ... ahi estão os cazamentos ... E ao menos em quanto a gente está só, para uma bocca uma sôpa... e nunca os apuros são grandes ...

Digitized by Google

— Então, pelo que vejo nunca fazeis castellos no ar... nem desejaes...

— Sim... sonho com os adornos para o meu fogão... e fora disso, que mais querieis que eu desejasse?

— Mas se algum parente vos deixasse uma fortunita, uma herança... trezentos mil reis de renda, por exemplo... para uma rapariga que vive só com cem mil reis?

— Agora essa!... podia ser bom, e podia ser mao!

— Mao! como?

— Eu me explico. Agora sou feliz, porque sei o que tenho que fazer; e se fosse rica, não sei o que faria. Olhae, visinho, quando depois de ter trabalhado todo o dia, me deito á noite, e depois de apagar a luz vejo com o pouco lume que ainda resta no fogão, o meu quarto tão aceado, as minhas cortinas, a minha commoda, os meus passarinhos, as minhas cadeiras, o meu relogio, a minha meza da costura coberta das obras que me tem confiado, então digo: « Tudo isto é meu, e a ninguem o devo, senão ao meu trabalho. » Com estas idêas, visinho, pego no somno com o coração satisfeito. Mas, eis-nos chegados ao Templo; olhae que bella perspectiva se vos apresenta!

FIM DO TOMO TERCEIRO.

Digitized by Google

INDICE

DOS CAPITULOS DO 3.° TOMO.

Capitulo	I	*O Serão*	5
	II	*A Hospitalidade*	13
	III	*A Granja-modelo*	23
	IV	*A Noite*	39
	V	*O Sonho*	57
	VI	*A Carta*	71
	VII	*E' ella!*	77
	VIII	*A Leiteira*	91
	IX	*Consolações*	111
	X	*A Quelha*	117
	XI	*Clemencia de Harville*	125
	XII	*As Declarações*	137
	XIII	*A Caridade*	173
	XIV	*Miseria*	195
	XV	*A Divida*	211
	XVI	*A Sentença*	231
	XVII	*Luiza*	241
	XVIII	*Rigoleta*	259
	XIX	*Rigoleta*	273
	XX	*O Visinho e a Visinha*	281
	XXI	*O Orçamento*	291

Digitized by Google

ERRATAS MAIS IMPORTANTES DO 3.º TOMO.

Pag.	*Linhas*	*Erros*	*Emendas*
6	3	pasteleiras	parteleiras
10	2	robuste rapariga	robusta rapariga,
—	13	se fosse eu	se fosse eu,
11	17	raparigas	rapariga
15	13	lenços	lençoes
30	no titulo	A Granja-modelo	A Noite
47	29	assim mesmo	ainda assim
122	21	uas	suas
127	15 e 16	no conhecimento	na sciencia
142	26	a ninguem	ninguem
162	27 e 28	penseva	pensava
168	17	scus dedos	seus dedos
200	22	matrimonio	patrimonio
241	1	XVIII	XVII
259	»	XIX	XVIII
273	»	XX	XIX

Digitized by Google

OS MYSTERIOS DE PARIS.

Digitized by Google

Digitized by Google

OS MYSTERIOS DE PARIS.

Romance composto em frances

POR

M. Eugène Sue,

Vertido em Linguagem.

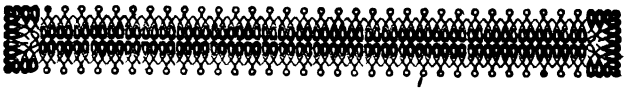
TOMO QUARTO.

PORTO:
TYPOGRAPHIA DA REVISTA,
Rua dos Ferradores n.º 31.

1845.

Digitized by Google

Digitized by Google



I.

O TEMPLO.

Ainda que Rodolfo não participasse da admiração de Rigoleta á vista do Templo, não poude com tudo esquivar-se a uma tal qual surpreza vendo aquelle enorme bazar, dividido em praças e galerias. Proximos ao centro da rua do Templo, e pouco distante de um chafariz situado na esquina de uma grande praça, avista-se um immenso parallelogramo de madeira coberto de loizas. Este parallelogramo é o Templo. A' esquerda passa a rua de Dupetit-Thouars, e á direita a rua Percée, que se prolonga até um vasto

Digitized by Google

edificio circular e colossal, rodeado de uma galeria em arcadas.

Uma larguissima rua que atravessa longitudinalmente o meio do parallelogramo, divide-o em duas partes iguaes, e estas depois ainda se dividem e subdividem por uma multidão de travessas, que se encruzam em todas as direcções, e tudo coberto com o tecto commum do edificio. Neste bazar não se encontra nada novo; porem o mais insignificante farrapo, o mais pequeno pedaço de ferro, de cobre, de bronze ou de aço, sempre alli acham vendedores e compradores.

Alli apparecem vendilhões com retalhos de pano de todas as côres e de todas as qualidades, que podem servir para remendar vestidos velhos e rotos. Ha tendas cheias de montes de sapatos acalcanhados, rotos, descosidos, e cousas sem nome, sem forma, sem côr, entre as quaes se descobrem aqui e alem algumas solas *fosseis*, de uma pollegada de grossura, cravadas de pregos como a porta de um carcere, e duras como os cascos de um cavallo; verdadeiros esqueletos de calçado, cujas adherencias ha muito o tempo devorou: e tudo isto está cheio de bolor, engelhado e cortado, mas tudo se compra, e ha *negociantes* que vivem deste commercio. Ha tambem vendedores de prezilhas, de tranças, de cordões, de seda velha desfiada, e de pedaços de caça e filó procedentes de cortinas velhas e fora de serviço. Outros negoceam com chapeos de mulher, os quaes são levados áquellas tendas nos sacos das

Digitized by Google

adelas, tendo até ahi passado por mil perigrinações, e soffrido mil transformações violentas e incriveis na forma e na côr. E para que esta mercadoria não occupe demasiado espaço no armazem, que em geral não é maior que um grande caixão, amassam os chapeos, e amontoam-os uns sobre os outros muito apertados, de modo que, á excepção da salmoira, emprega-se para os chapeos o mesmo processo que para empilhar a sardinha. Não se pode fazer idêa de quantas cousas por este meio se accommodam em um apertadissimo recinto.

Quando chega algum comprador desaperta-se toda esta trapalhada: o mercador dá com summo desembaraço e habilidade uma pancada com o punho fechado na copa para o *desembolar*, e desengelha a entrada com o joelho, e então apresenta-se aos olhos do espectador um objecto estranho e fantastico, que traz á memoria esses fabulosos penteados, que se vêem ás portas dos cabelleireiros, ou nas loges de caricaturas, e nas cabeças dos comicos de provincia. Mais alem, debaixo do rotulo *Gosto do dia*, nos arcos da rotunda, que está na ultima extremidade da larga rua que divide o Templo em duas partes iguaes, viam-se pendurados em ar de milagres ou taboas votivas, milhares de vestidos de côres e formas mais exorbitantes e enormes que as dos chapeos velhos de mulher: fraques de pano alvadio, adornados com tres idas de botões de guizo, á hussar, e com as golas de pelle de rapoza... Casacões, que foram primitivamente de côr *verde gar-*

Digitized by Google

rafa, e que com o andar dos tempos se fizeram de côr *verde salsa*, debruados com seu cordàosinho preto, e forrados de uma fazenda escosseza azul e amarella, do mais torpe effeito que se podia pintar... cazacas, chamadas em outro tempo de *rabo de bacalhao*, da côr de isca de sola, com grande gola de pellucia, e botões que em dias mais venturosos tinham sido prateados, mas que agora apparecem de cobre descarnado. De outra banda ostentam-se polacas (1) côr de castanha, com suas golas de pelle de gato, e vivos e bandas de algodão pretas e azues: mais adiante avistam-se grandes robes de chambre, feitos de velhos *carriks* (2), a que se tiraram os cabeções, e novamente forrados por dentro com retalhos de musselina estampada: os mais elegantes são azues, ou d'um verde sujo, ornados com peças de variadas côres, bordadas com trancelim velho, e forradas de um tecido escarlate com grandes florões, e golas e rebuços da mesma fazenda: um desprezado cordão de campainha, feito de lãa torcida, serve de cingidor a estes elegantes *deshabillés*. Não podemos tambem deixar de tomar nota de uma infinita multidão de trages mais ou menos equivocos e peregrinos, entre os quaes se avistam algumas librés authenticas da caza real, que diversas revoluções de toda a especie tem feito transportar dos regios alcassares para as obscuras arcadas da Rotunda do Templo.

(1) Especie de cazacos muito curtos com alamares.

(2) Grandes cazacos com um ou mais cabeções.

Digitized by Google

Esta exhibição de calçado velho, de chapeos velhos e de velhos e esquipaticos vestidos, deve-se considerar como a parte grotesca do bazar, e a secção ou bairro dos farrapos disfarçados, com presumpções de passarem por obra nova; ha-de-se todavia confessar que este vasto estabelecimento é de summa e incontestavel utilidade para as classes pobres ou menos abastadas, que ali compram por um preço incrivelmente barato, excellentes objectos quasi novos, e cuja depreciação bem se pode suppôr imaginaria. Um dos sitios do Templo destinado exclusivamente a tudo o que diz respeito a camas, estava cheio de rimas de cobertores, de lençoes, de colchões e de travesseiros; mais para diante estavam tapetes, cortinados, moveis de toda a especie, vestidos, calçado; chapeos, e adornos de cabeça para todas as idades e para todas as condições. Estes objectos, em geral muito aceados e limpos, nada tinham de repugnante á vista. Quem não tiver visto este bazar não pode fazer idêa de quão pouco tempo e dinheiro basta para encher um carro de quanto fôr necessario para o completo estabelecimento de duas ou tres familias que careçam de tudo.

Maravilhou a Rodolfo o modo agradavel e apressurado com que os mercadores, em pé diante das tendas, procuram attrahir a attenção dos compradores; estas maneiras cheias de certa familiaridade respeitosa, parecem proprias de outro seculo. Apenas Rigoleta e seu companheiro appareceram naquelle sitio da rua principal, em que se vendiam as cousas

Digitized by Google

relativas a cama, logo se ouviram de toda a parte vozes dos tendeiros a offerecer tudo o que fosse necessario.

— Meu cavalheiro, entrae, e vereis os meus colchões, que estão como novos. Vou descozel'-os por uma ponta para observardes que magnifica lãa, branca e macia, como lãa de cordeiro.

— Menina, venha, venha comprar os meus lençoes de linho, que são melhores que novos, porque já perderam a dureza do tear, e estão brandos e macios como uma luva de pellica.

— Oh! meu rico par de noivos, que formosos cobertores de papa, quentes e leves! parecem mesmo colchas de felpo; estão compostos de novo, e não serviram nem vinte vezes. Ora vamos, senhora, fazei com vosso marido que seja meu freguez... tenho tudo quanto se preciza para pôr uma caza, e dou tudo por uma *tritémêa*... estou certa que haveis de ficar contente, e que não vos haveis de esquecer do caminho para a tenda da tia Bouvard. Em minha caza não falta nada... Ainda hontem tive occasião de fazer uma compra de trastes magnificos... Ora vinde, entrae! que por vêr nada se paga.

— Na minha salvação, visinha — disse Rodolfo para Rigoleta — que esta boa mulher gorda é quem tem a preferencia... Ella suppõe que somos cazados, e isto agrada-me... está dito... já daqui não passo.

— Pois valeu! — acudio Rigoleta — tambem eu engraço da mulher gorda...

Digitized by Google

A costureira com o seu companheiro entraram na tenda da tia Bouvard. E por uma magnanimidade talvez sem exemplo fora do recinto do Templo, as rivaes da tia Bouvard não se inquietaram com esta preferencia, e uma das visinhas levou a sua generosidade ao ponto de dizer:

— Mal por mal antes vão os freguezes para a tia Bouvard do que para outra; porque ao menos ella tem familia, e é a mais antiga e a mais honrada de todas as tendeiras do Templo.

E com effeito, havia-de custar a encontrar semblante mais agradavel, mais franco e mais prasenteiro do que o desta boa mulher.

— Aqui tendes, linda menina — disse para Rigoleta que examinava diversos objectos com olhos de experimentada — aqui tendes a compra que hontem fiz, e em que vos fallei: dous trens de cama completos, e quasi novos. Se tambem quizerdes uma papeleira antiga, pequenina e muito barata, ali tendes uma (e com um gesto a designou) que comprei no mesmo lote. Eu não costumo comprar moveis, mas não pude deixar de ficar com esse, porque tive dó de quem mo vendeu; eram pessoas que me deram ares de estarem em grandes apuros, coitadinhas! á pobre senhora partia-se-lhe o coração ao desfazer-se desta antigualha... Era naturalmente algum traste de recordação na familia...

Em quanto Rigoleta ajustava com a tendeira o preço de alguns generos, entreteve-se Rodolfo a examinar o traste que a tia Bouvard tinha indicado.

Digitized by Google

Era uma papeleira antiga de páo-roza, de forma quasi triangular, fechada com uma tampa na frente, que se abria para baixo e para diante, sustentando-se horisontalmente sobre dous braços que corriam fóra, e servia então de meza para escrever. No meio desta tampa marchetada de embutidos de madeira de diversas cores, vio Rodolfo uma cifra de ebano composta de um *M* e de um *R* enlaçados debaixo de uma coroa de conde, o que lhe fez crer que o ultimo possuidor daquelle traste devia pertencer a uma classe elevada da sociedade. Por tal motivo cresceu a sua curiosidade olhou com novo interesse para a papeleira e foi maquinalmente abrindo as gavetas uma a uma, até que achando algum embaraço na ultima, buscou a causa, e achou entre a papeleira e o fundo da gaveta um papel, que tratou logo de haver á mão com toda a cautela. Este papel era o rascunho de uma carta, que parecia não se ter acabado, e depois de algum trabalho para o decifrar poude Rodolfo ler o que se segue:

« Meu senhor,

« Deveis capacitar-vos que só a desgraça mais espantosa me poderia obrigar a dar este passo. Os meus receios não são com tudo filhos de mal entendido orgulho, mas sim da falta absoluta de precedentes para vos pedir um obsequio: porèm a minha filha reduzida, como eu, á nudez mais miseravel e desvalida, obriga-me a pôr de parte quaesquer contemplações. Dae-me licensa de vos dizer duas palavras ácerca da causa dos desastres que me oppri-

Digitized by Google

mem e amarguram a existencia. Por morte de meu marido ficaram-me sessenta contos de reis, que meu irmão depositou em casa do tabellião Jacques Ferrand: e por intermedio do sobredito meu irmão recebia eu em Angers, para onde me tinha retirado com a minha familia, os juros daquelle dinheiro. Bem sabeis, senhor, porque modo tão funesto meu irmão pôz termo a seus dias; em consequencia de se ver arruinado por algumas especulações secretas e mal entendidas, matou-se haverá oito mezes. Antes de se suicidar escreveu-me algumas linhas para me dar o ultimo adeus, e para me dizer que já não existiria quando eu recebesse aquella carta; e concluia avisando-me que não possuia titulo algum da somma que estava em poder de Jacques Ferrand, porque este era a propria honra em pessoa, e homem de uma inteireza e probidade a toda a prova, que nunca lhe tinha exigido recibo, e que bastava só apresentar-me a elle para immediatamente ajustar as minhas contas. Logo que mo permittio a dôr causada pela morte desastrosa de meu irmão, parti para Paris, aonde não conhecia mais ninguem além de vós, e assim mesmo indirectamente pelas relações que tinheis com meu marido. Já vos disse que toda a minha fortuna só consistia na somma depositada em poder de Jacques Fernand, os interesses da qual me eram enviados todos os seis mezes por meu irmão; e como houvesse decorrido mais de um anno depois do ultimo pagamento, apresentei-me a Jacques Ferrand para lhe pedir o credito, de que

Digitized by Google

já tinha bastante necessidade. Apenas lhe disse quem eu era, no mesmo momento, sem attenção alguma pela minha afflicção, rompeu em accusações e docestos contra meu irmão por lhe ter pedido de emprestimo quatrocentos mil reis, que julgava perdidos em consequencia da sua morte, accrescentando além disso que não só era o seu suicidio um crime horrendo na presença de Deus e dos homens, mas tambem um roubo de que elle proprio era victima. Indignou-me semelhante linguagem: a probidade de meu irmão era geralmente conhecida; e com quanto fosse certo que elle tinha arruinado a sua fortuna em especulações arriscadas e perigosas, sem que eu e seus amigos o soubesem, havia entretanto morrido com a sua reputação illibada, chorado por todos, e sem deixar divida alguma, á excepção desta do tabellião. Respondi a Jacques Ferrand que o authorisava para cobrar os quatrocentos mil reis, que meu irmão lhe ficára devendo, dos sessenta contos que eu tinha em seu poder... Ao ouvir estas palavras olhou para mim estupefacto, e perguntou-me que sessenta contos eram esses em que eu fallava. « São os que meu irmão depositou em vossa casa, senhor Ferrand, e cujos interesses vós me tendes pagado por via delle, » respondi eu sem desconfiar nada de tal pergunta. O tabellião encolheu os hombros, sorriu-se de lastima, como se as minhas palavras fossem desaccordadas, e replicou que tão pouco tinha meu irmão depositado dinheiro em seu poder, que até lhe devia quatrocentos mil reis. Não é pos-

Digitized by Google

sivel descrever-vos o meu espanto quando ouvi esta resposta. « Mas que se fez então a esse dinheiro?... perguntei eu: « nem minha filha nem eu temos outros recursos para viver; e se esse nos falta, ficaremos na maior miseria. Oh meu Deus! que será de nós se tal acontece? » « Isso é que não é da minha conta, » tornou com ar da mais fria indifferença o tabellião ». Talvez que vosso irmão em vez de pôr esse dinheiro em minha casa, como dizeis, o dissipasse nessas especulações que foram causa da sua ruina.» « É falso! » acudi eu logo. « Meu irmão era a lealdade em pessoa, e em vez de nos despojar a mim e a minha filha, seria capaz de se sacrificar pela nossa fortuna. Até nem se quiz casar, só para deixar minha filha herdeira das suas riquezas.» «E então, senhora, atreveis-vos a dizer que eu sou capaz de negar um deposito, que se me confiou?... » perguntou elle com uma indignação apparentemente tão honrosa e sincera, que não pude deixar de lhe responder: « Isso não, senhor Ferrand; a vossa probidade é bem conhecida; mas não obstante, eu não posso accusar meu irmão de um abuso de confiança tão vil e criminoso...» « E porque titulos me fazeis vós uma tal reclamação? » « Por nenhum: porém ha dezoito mezes que meu irmão desejando encarregar-se dos meus negocios me escreveu dizendo-me: — « Tenho onde collocar com vantagem o teu dinheiro a seis por cento: manda-me uma procuração, e depositarei sessenta contos de reis em poder do tabellião Jacques Ferrand » — « Mandei-lhe a

Digitized by Google

procuração que me pedia, e elle avisou-me que tinha collocado o dinheiro, e no fim de seis mezes enviou-me os primeiros juros vencidos. » « E nem ao menos tendes uma carta delle em que falle desse assumpto? » « Não, senhor; porque como as suas cartas não tratavam senão de negocios, não as conservei. » « Pois, senhora, desgraçadamente de nada vos sirvo » — replicou o tabellião. « Se a minha probidade me não eximisse de toda a casta de suspeitas, dir-vos-hia: Ahi tendes os tribunaes, demandae-me: os juizes não hesitarão entre a palavra de um homem honrado, que ha trinta annos goza da estima das pessoas de bem, e a declaração posthuma de um homem, que depois de se ter arruinado em emprezas loucas e temerarias só achou refugio no suicidio... Dir-vos-hia, finalmente: Demandae-me, senhora, se a tanto vos atreveis; e a memoria de vosso irmão ficará para sempre deshonrada. Porém eu supponho, que tereis bastante juizo para vos resignardes a soffer uma desgraça, grande na verdade, mas para a qual eu por modo algum contribuí. » « Mas por fim, senhor Ferrand, eu sou mãe! e se me roubam a minha fortuna, não me fica no mundo mais recurso que o de alguns moveis de pouco valor... E logo que os venda ficaremos em miseria... em uma miseria espantosa, senhor Ferrand!... » « Fostes enganada, senhora: condôo-me da vossa desgraça, mas não tive culpa della... E, torno a dizer, vosso irmão enganou-vos. Se duvidaes entre a sua palavra e a minha, demandae-me:

Digitized by Google

ahi estão os tribunaes. » — Imaginae em que estado eu sahiria de casa do tabellião. Que faria eu em tão horrivel situação? Sem titulos para provar a validade do meu credito, convencida da severa probidade do meu irmão, confundida pela negativa de Jacques Ferrand, sem uma pessoa que me aconselhasse, porque vós a esse tempo andaveis viajando, conhecendo que se precisa dinheiro para buscar o parecer dos jurisconsultos, e não querendo arriscar o pouco que ainda me restava, não me atrevi a intentar um pleito de tal natureza. Foi então que... »

Aqui terminava o rascunho, porque algumas linhas que se seguiam estavam inintelligiveis; mas no fim da pagina leu Rodolfo, esta especie de *apontamento*.

« *Escrever à senhora duqueza de Lucenay para o senhor de Saint-Remy.* »

Ficou Rodolfo pensativo depois de ter lido o fragmento da carta, em que se achavam combinados estes dous nomes de um modo que lhe chamou a attenção. Posto que não estivesse provada a nova infamia de que era accusado Jacques Ferrand, havia-se com tudo mostrado este homem tão implacavel e desapiedado com o infeliz Morel, e tão infame com Luiza, sua filha, que a negativa do deposito, protegida por uma segura impunidade, não era para estranhar em um malvado de tal natureza.

Aquella mãe, que reclamava a sua fortuna, desapparecida como por encanto, estava de certo acostumada ás commodidades da vida. Segundo o pro-

Digitized by Google

jecto de carta que deixamos copiado, como não seria amarga a existencia daquellas duas mulheres, vendo arruinada a sua fortuna por um golpe tão imprevisto, sem conhecerem ninguem em Paris, privadas talvez de todos os recursos, sosinhas e sem amparo no meio desta cidade immensa!

Sabemos que o principe tinha promettido á marqueza de Harville intromettel'-a em *algumas intrigas*, dizendo-lhe á ventura, e só com o fim de minorar as suas penas, que ella teria de fazer alguma boa obra, porque contava que antes da sua proxima entrevista com a marqueza não deixaria de apresentar-se algum infortunio a que attender. Esperava pois que o acaso lhe deparasse alguma nobre desgraça, que, segundo o seu projecto, interessaria o coração e espirito da marqueza. O rascunho que tinha na mão, e cuja copia naturalmente não foi enviada á pessoa, cujo auxilio se implorava, denunciava um caracter altivo e resignado, que não soffreria a offerta de uma esmola. Em tal caso, quantas precauções e delicados rodeios não era preciso usar para occultar a origem de um soccorro generoso, ou para que este soccorro se acceitasse!...E quanta subtileza não era mister para buscar introducção em casa desta mulher, a fim de julgar se realmente ella merecia o interesse que parecia dever inspirar! Rodolfo antevia neste lance um sem numero de emoções novas, ternas e interessantes, que deviam *divertir* singularmente a marqueza de Harville, conforme a promessa que lhe fizéra.

Digitized by Google

— Oh lá, esposo! — disse Rigoleta para Rodolfo com tom festivo — que diz esse pedaço de papel que tens estado a ler?

— Forte curiosa! — respondeu Rodolfo — logo to direi... Já fizeste as tuas compras?

— Já; e os vossos protegidos vão ficar como uns principes. Agora só falta pagar á senhora Bouvard, que é mulher que se chega muito á razão... isso não se lhe pode negar.

— Occorre-me outra idêa, querida *esposa*: se quizesseis ir comprar algum fato para a mulher de Morel e para os pequenos, em quanto eu pago cá á senhora?... Confesso a minha insufficiencia para estes arranjos. Mandae-os depois aqui trazer, para ir tudo junto só de uma vez.

— Muito juizo tendes, meu *marido!* Esperae um instante, que eu não tardo aqui nada. Conheço dous mercadores de quem sou fregueza, e na sua tenda espero achar tudo o que ainda nos falta.

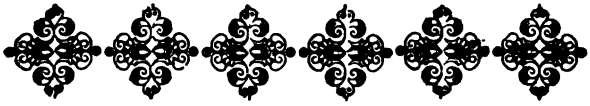
E Rigoleta retirou-se, dizendo de caminho para a tendeira:

— Senhora Bouvard, ahi vos entrego meu marido; tomae conta nelle! mas cuidado! não mo namoreis!

E veloz como o pensamento, desappareceu a rir-se no meio da multidão.

Digitized by Google

Digitized by Google



II.

A DESCOBERTA.

Não pode negar-se — disse para Rodolfo a tia Bouvard apenas deixou de avistar Rigoleta — não se pode negar que tendes em vossa mulher uma excellente dona de caza! Safa! Nunca vi quem melhor saiba comprar! parece que não tem feito outra cousa em toda a sua vida. E de mais a mais é tão formosa, e tão engraçada! —

— Então parece-vos que me posso dar por feliz em ser marido de uma tal mulher?

— Tão feliz pela parte que vos toca, como ella pela sua... não ha duvida.

Digitized by Google

— De certo vos não enganaes. Porem vamos a ver quanto vos devo.

— A vossa linda esposa não quiz dar mais um real acima de doze moedas por tudo; e assim Deus me salve em como eu não chego a ganhar mais de tres mil reis, porque não comprei isto tão barato como podia... não tive animo para regatear... as pessoas que venderam, pareceram-me tão afflictas, tão desgraçadas!

— Com effeito? e foi a essa mesma gente que compraştes esta papeleira?

— Sim, senhor... se as visseis, partia-se-vos o coração de dó! Ante-hontem veio aqui ter comigo uma senhora ainda nova e bem formosa, mas tão macillenta, que só olhar para ella fazia magoa... ninguem conhece disso como a gente da minha profissão. Ainda que vinha muito bem vestidinha, e com todos os matadores, como se costuma dizer, o seu velho chale de lãa preta, já no fio, o vestido de chali preto bastante cheio de redes, e um chapéo de palha á moda de Janeiro (a senhora andava de luto), indicavam o que nós outros chamamos *miseria senhoril;* porque estou bem persuàdida que é uma senhora de muito boa familia: por ultimo perguntou-me toda envergonhada, se eu lhe queria comprar o trem completo de duas camas, e uma papeleira antiga. Respondi-lhe que para vender era preciso comprar, e se me fizesse conta estava o negocio feito; mas que era preciso ver primeiro a mercadoria. Rogou-me en-

Digitized by Google

tão que a acompanhasse, por quanto não vivia longe daqui, do outro lado do *boulevard* em uma casa na rua do Canal-Saint-Martin. Deixei minha sobrinha a tomar conta na tenda, fui com a senhora, cheguei a uma casa de fraca apparencia, que estava mettida no fundo de um pateo; subimos ao quarto andar, a senhora bateu á porta, e veio-no-la abrir uma menina de quatorze annos, tambem vestida de luto, e tão pallida e fraca como a senhora; mas não obstante formosa como o sol.... e tão formosa que eu fiquei extatica.

— E essa menina?...

— Era filha da senhora de luto.... Apesar do immenso frio que fazia, a pobresinha não trazia em cima de si mais que um vestido de chita preta com pintas brancas, e um pequeno chale tambem preto e muito usado.

— E a casa em que moravam era muito miseravel?

— Olhae, meu fidalgo, consistia em duas salas, muito limpinhas sim, mas tão nuas de trastes, tão frias e tão enregeladas, que só de as ver se arripiava o corpo: em primeiro lugar um fogão em que se não via nem signal de cinza, e onde ha muito se não accendia lume. Toda a mobilia eram duas camas, duas cadeiras, uma commoda, um bahu velho, e uma papeleira: sobre o bahu havia uma trouxa atada com um lenço... Este pequeno embrulho era quanto ficava á pobre gente depois de vendida a mobilia. O dono da casa ficava com os leitos, as

Digitized by Google

cadeiras, o bahu e a mesa em pagamento da renda que se lhe devia, segundo informou o porteiro que subio comnosco. Então a senhora perguntou-me quanto eu dava pelos colxões, lençoes, cortinados e cobertores; e na verdade vos digo, que ainda que seja meu officio comprar barato e vender caro, quando vi aquella menina com as lagrimas nos olhos, e que sua mãe apesar da serenidade que apresentava, tinha signaes de quem chorava lá por dentro, avaliei em sessenta mil reis tudo, e não valia mais, posso-vo-lo jurar. E para as obsequiar consenti em ficar com esta papeleirita, posto que isso seja estranho ao meu negocio...

— Pois compro-a eu, tia Bouvard...

— Sim! ainda bem, senhor; porque senão ahi ficaria etenamente... Eu só a comprei para fazer bem ás pobrésinhas. Quando lhe disse o preço porque pagava a roupa e a papeleira, esperava que começasse a regatear e a pedir mais, como é costume... mas enganei-me; e por isso me convenci de que não eram gente ordinaria... *Miseria senhoril*, meu fidalgo: pobres senhoras! Mas vamos ao caso. Disse-lhe então. — Dou tanto — Ella respondeu — Pois bem: vamos á vossa tenda, e lá me pagareis, porque não quero tornar a esta casa — E logo disse para sua filha que estava sentada no bahu a chorar: — Clara pega nessa trouxa... — (Não me esqueceu o nome; chamou-lhe Clara). Levantou-se a menina, mas ao passar por diante da papeleira deixou-se cahir de joelhos diante della, e desatou a cho-

Digitized by Google

rar com uns soluços que partiam o coração — Animo! minha filha: olha que está aqui gente de fóra — disse-lhe sua mãe em meia voz, que eu apezar disso ouvi distinctamente. Já vedes que posto sejam pessoas pobres, tem comtudo seu orgulho. Quando a senhora me entregou a chave da papeleirita, vi-lhe assomar uma lagrima aos olhos inchados de muito chorar; e ainda que parecia opprimir-se-lhe o coração ao separar-se daquelle antigo movel, procurava não obstante conservar a sua dignidade e presença de espirito diante das pessoas de fóra. Por fim disse ao porteiro que eu iria ou mandaria buscar tudo o que não pertencia ao dono da casa, e viemos para aqui. A menina dava o braço a sua mãe, e trazia na mão a pequena trouxa, em que se continha tudo o que lhes restava de seu. Contei-lhes os sessenta mil reis, e depois não soube mais dellas.

— E não sabeis como se chamavam?

— Não, senhor: como eu fiz a compra em presença do porteiro, tive por escusado perguntar o nome... e além disso não podia haver duvida de que os trastes eram seus.

— E onde vivem agora?

— Tambem não sei.

— Mas naturalmente na casa donde sahiram, devem saber quem eram e como se chamavam?

— Creio que não sabem. Porque quando fui buscar os trastes que tinha comprado, o porteiro fallando das duas senhoras, disse-me: « Eram bem pacificas, e tão respeitaveis como desditosas. Deus

Digitized by Google

permitta que lhes não succeda mal algum! porque apezar daquella serenidade estou persuadido que algum grande pezar lhes devora o coração, e que vivem sem esperanças de melhor futuro. » « E para onde irão morar agora? » lhe perguntei eu. « Na minha boa verdade, que não sei » replicou elle « sahiram sem me dizer para onde mudavam.... e de certo não tornam cá. »

Desappareceu a esperança que Rodolfo tinha concebido por um instante. Como havia-de elle agora descobrir a morada destas duas mulheres, sem outro indicio mais que o nome da filha, e o fragmento do rascunho de uma carta, em que se liam estas palavras:

Escrever à senhora duqueza de Lucenay para o senhor de Saint-Remy? »

O unico meio, posto que incerto, de descobrir estas desgraçadas era a duqueza de Lucenay, que felizmente era da sociedade da marqueza de Harville.

— Ahi tendes para vos pagar — disse Rodolfo á tendeira, dando-lhe uma nota de cem mil reis.

— Já vos dou o troco, meu fidalgo...

— Onde encontraremos nós um carro para nos levar tudo isto?

— Se não for muito longe pode servir uma carreta de mão: o tio Jeronymo tem uma, vive aqui perto, e é o meu carreteiro... Onde é a vossa casa?

— Rua do Templo n.° 17.

— Rua do Templo n.° 17?... Bem sei! bem sei...

Digitized by Google

— Tendes ido a essa casa?

— Muitas vezes... Tenho comprado muitos vestidos e outras cousas a uma usuraria que lá mora, e que empresta dinheiro sobre penhores... o officio não é dos mais limpos... mas que tenho eu com isso?... ella vende e eu compro; nem lhe eu devo nada nem ella a mim... E tambem já lá fui, haverá agora mez e meio, para comprar a mobilia de um moço, que vivia no quarto andar, e que ia mudar de casa...

— Aposto que era Francisco Germano?

— Esse mesmo... É vosso conhecido?

— E muito! mas desgraçadamente não me disse para onde se mudava; e agora que precisava fallar com elle, não sei aonde o possa encontrar.

— Se não é mais que isso, estaes servido.

— Pois sabeis onde mora?

— Não sei; mas posso dizer-vos onde o achareis de certo.

— Aonde?

— Em casa do tabellião, onde escreve.

— De um tabellião?

— Que mora na rua de Sentier.

— Chamado Jacques Ferrand?

— Isso mesmo: um santo homem; muito temente a Deus. Tem no seu escriptorio um crucifixo de páo-bento: parece mesmo uma sachristia.

— Mas como sabeis vós que elle escreve em casa desse tabellião?

— Eu vo-lo digo em duas palavras. Veio elle

Digitized by Google

um dia propor-me que lhe comprasse toda a sua mobilia; e ainda que alguns dos trastes não eram do meu trafego, para lhe fazer favor, pois me agradou muito o seu bom modo, comprei-lhos todos, e fui-os vendendo pouco a pouco. Paguei-lhe a mobilia, como ia dizendo, e elle ficou contente comigo, porque dahi a quinze dias veio comprar-me roupa para a cama, acompanhado de um criado com uma carreta. Quando tinha tudo carregado, ia para me pagar, e eis senão quando acha-se sem dinheiro; mas como me pareceu que tinha cara de homem honrado disse-lhe: « Levae a roupa, que eu irei a vossa casa buscar o dinheiro. » Pois bem « respondeu elle » mas como eu não estou quasi nunca em casa, ide ámanhãa á rua de Sentier, a casa do tabellião Jacques Ferrand, aonde estou empregado, e lá vos pagarei. » No dia seguinte fui aonde me disse, e pagou-me. O que eu porem não posso entender é porque me vendeu umas cousas para dahi a quinze dias me tornar a comprar outras iguaes.

Rodolfo suppoz adivinhar, e na verdade adivinhou o motivo desta singularidade, imaginando que Francisco Germano teve em vista occultar todos os vestigios da sua nova habitação aos miseraveis que o perseguiam; e para que a conducção dos trastes não lhes servisse de fio que os guiasse para a nova morada, preferio vendel'-os, e comprar outros depois. Grande satisfação foi para o principe pensar que madama Georges abraçaria finalmente aquello filho, pelo qual tanto tempo tinha suspirado. Nisto

Digitized by Google

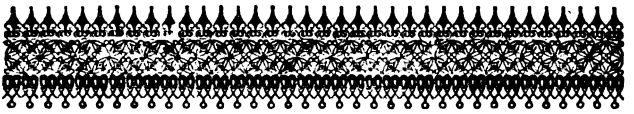
voltou a costureira com o rizo nos labios, e os olhos saltando de alegria.

— Bem o dizia eu! exclamou ella em voz alta — nunca me eu tinha enganado! pois sem gastar mais de vinte moedas, os Moreis ficam que nem uns principes... Olhae para os tendeiros como vem carregados!... Já não falta cousa alguma para uma casa bem posta, porque até comprei uma grelha, duas famosas cassarolas estanhadas de novo, e uma cafeteira. Mas eu não quero cá saber de contos: como querieis que tudo fosse á grande, tambem comprei á grande... E o peor é que com todas estas voltas já lá vão tres horas perdidas... Vamos, aviae-vos, visinho, pagae depressa, e safemo-nos dàqui, que já é quasi meio-dia: não me falta que dar á agulha, para me desforrar da manhãa perdida.

Rodolfo pagou e sahio do Templo com Rigoleta.

Digitized by Google

Digitized by Google



III.

A APPARIÇÃO.

QUANDO iam a entrar ambos no portal da casa estiveram a ponto de serem derribados por madama Pipelet, que toda perturbada e esbaforida correu para elles como doida.

— Anjo-bento! — exclamou a costureira — vós que tendes, senhora Pipelet? para onde ides com tanta furia?

— Sois vós, senhorita? gritou a porteira — foi o ceo que vos mandou tanto a tempo... vinde, vinde, ajudae-me a salvar a vida de Alfredo...

— Que dizeis? pois que temos?...

— E Jesus! cahio com um desmaio, tende pie-

Digitized by Google

dade de nós... correi, pelo amor de Deus, ide-me comprar dés reis de agua-ardente de funcho, da mais forte... porque é o unico remedio com que se dá bem quando está com o seu ataque. Compadecei-vos de mim! fazei-me este favor... que não posso deixar sósinho o meu querido Alfredo. E Jesus! que não sei o que faço!

Rigoleta largou o braço de Rodolfo e correu a ir buscar a agua-ardente ao botequim visinho.

— Então que succedeu, madama Pipelet? — perguntou Rodolfo caminhando a traz da porteira, que se dirigia para o seu quarto.

— Não sei, senhor, não sei o que se passou. Tinha eu sahido para ir á regedoria, á igreja e ao pasteleiro, porque Alfredo já não está para estas andadas, e vae senão quando, chego a casa... e que hei-de eu ver? Ai, senhor! estava elle a espernear com o accidente!!... Entrae, senhor Rodolfo — disse madame Pipelet abrindo a porta, — olhae para este espectaculo.

O espectaculo era na verdade lamentavel! O pobre Pipelet sentado no chão, e encostado a um pé do leito, tinha o enorme chapeo de problematico *castor* enterrado até aos olhos, muito mais abaixo do costume, provavelmente por algum esforço violento, como indicava uma grande amassadella diagonal. O desmaio estava a terminar, e começava a fazer alguns movimentos, como de quem queria affastar de si alguma cousa, e intentou logo erguer a improvisada viseira.

Digitized by Google

ha terra tão copiosa de ouro, e prata, nem que os tenha de tantos quilates como a comarca d'entre Douro e Minho, e Polibio conta que das minas de prata se tiravam cada mez 25$000 reales. Destas minas trata Moral. L. 9. C. 33, que vinham a render para os Romanos 912$500 escudos cada anno.

CAPITULO 24.°

Dos sacrificios que faziam os Portuguezes d'entre Douro e Minho.

Costumavam os Portuguezes d'entre Douro e Minho, fazer solemnes sacrificios a seus deuzes, os quaes entre os Romanos se chamavam Hecatombas, que era como diz Strabo L. 3, Homero *Odis. multis locis.* Pindar. *in Odis*; Juven. *Satir.* 12. Brito L. 5. C. 1.°, matar cem animaes de uma mesma especie de tal modo, que sacrificando touros, haviam ser cem touros, e assim de todos os mais, e até de captivos, que foi sacrificio mui uzado de Portuguezes por trazerem sua descendencia dos Gregos, como he de parecer Strabo no L. 3.° Hieron. Rom. L. 2.° C. 8.

Foram os Portuguezes d'entre Douro e Minho, sempre de tanta constancia, que antes davam a vida do que descobrir qualquer segredo de cousa contra inimigos intentada: porque Lucio Pizão sendo Proconsul, querendo tyrannisar a terra, um lavrador da comarca d'entre Douro e Minho lhe sahio ao encontro montado em um formoso ginete, e da primeira lançada deu com Lucio Pizão no chão morto, sem lhe poderem valer os que se achavam presentes, e seguindo-lhe o alcance se embrenhou o homicida, deixando o cavallo, pelo qual foi logo conhecido, e em poucos dias preso, e sendo levado para lhe darem tormentos para confessar quaes eram os mais que com elle concorreram para este delicto, e conjura-

Digitized by Google

ção, passando por junto de uma parede velha deu com a cabeça em uma pedra, e cahio morto; e com esta sua fidelidade se acabou nos mais culpados o temor de serem descobertos, e nos Romanos de saberem quaes foram os mais culpados que entraram na consulta, e assim ficaram com mais receio.

No tempo deste Proconsul eram mui frequentadas as minas d'entre Douro e Minho, e se tiravam em barras cada mez 20$000 pezos, que vem a ser 30$000 marcos, que reduzidos á conta de moeda somma 3 milhões de cruzados. Das ditas minas sahiam pedaços de ouro tão apurados, que passavam de dés arrateis de pezo, conforme ao que aponta Plinio. L. 35. C. 4. Moral. L. 9. C. 5.º Silic. Ital. L. 1.º diz, que o rio Douro, e Téjo competem com as riquezas do Pactolo da Azia, e o Limia, que correndo adiante dos povos chamados Gravios sobre arêas resplandecentes representa esquecimentos aos mortaes.

CAPITULO 25.º

Como um Portuguez d'entre Douro e Minho foi visitar a Tito Livio, e a outro pozeram estatua em Roma.

Por cousa digna de grande louvor, e deligencia de todos approvada é o que diz S. Jeronymo de um Portuguez, natural d'entre Douro e Minho, que ouvindo a grande fama, que neste tempo corria de Tito Livio, deixou a quietação de sua casa e patria pelo hir vêr a Roma: este era homem nobre, e de conta, conforme refere Plinio L. 2.º *Ep. ad Nepot.*: e assim o mostrou na sua deligencia, porque tanto que vio o que desejava não tratou de vêr de Roma outra cousa alguma de suas grandezas, senão fez logo volta para a sua terra, diz S. Jeronymo *de ultimis Hispaniæ finibus.*

Neste tempo florecia na cidade de Roma outro Por-

Digitized by Google

tuguez d'entre Douro e Minho chamado Apuleio Diocles, muito destro na cavallaria, o qual ganhou muitos preços correndo em um só cavallo, ou em dous carros de guerra, como então se uzava, e foi tão notavel nesta arte de correr cavallos, que corria com quatro, cinco, e seis em carroças juntos, que alêm de levar muitos preços, e de grande valor, mereceu que em Roma lhe pozessem estatua. Consta isto de uma formosissima pedra, que está em Roma no Campo Marcio, referida por Aldo Mancio, com sua orthographia, e por Guilhelm. Pil. nas anotac. de Vitruvio, e no L. das Antig. de Roma, da qual memoria se deixa entender de quanta estimação, e admiração fosse em Roma este insigne cavalleiro; pois havia mestres de cavallaria que a ensinavam aos principes, e mancebos nobres, e os adestravam em todo o modo de pôr a cavallo, nas galantarias das festas publicas, havia carreiras de ginetes soltos, e juntos em carros de guerra, nos quaes juntavam dous, quatro, e seis cavallos, e havia homens tão destros que guiavam dous, tres, e quatro carros juntos, e passavam á carreira com elles, pelo que havia grandes premios, e os vencedores pelo interesse delles, e muito mais pela honra da victoria acudiam homens a Roma de provincias mui remotas, e de todos levou sempre o portuguez Diocles a palma, em todo o genero de cavallarias, porque em cargos publicos a boa fama do povo é a melhor satisfação de trabalhos.

CAPITULO 26.

Em que se dá noticia como o imperador Vespasiano mandou fazer obras na comarca d'entre Douro e Minho.

Prognosticou Josepho que Vespasiano havia succeder no imperio Romano. Mas como este seu prognostico foi

Digitized by Google

feito em tempo que Vespasiano estava preso em ferros, não se fez caso delle, porque um estado miseravel até o que muito deseja faz duvidoso. O qual sendo eleito quiz mostrar com obras a boa eleição de seu governo. Diz Plinio, que concedeu um privilegio universal, que todos os moradores de Hespanha gozassem de liberdade para poderem ser cidadãos Romanos, e entrar em cargos, e governos da Republica.

Querendo o imperador Vespasiano illustrar a comarca d'entre Douro e Minho, ordenou um caminho militar, que vae da cidade de Braga por a cidade de Orense, o qual rompendo por serras, e vales de notavel aspereza, vae sempre guardando sua igualdade, de fórma que em todo elle se não sobe, nem désce, sendo partes mui fragosas: e aonde ao parecer ha mais difficuldade, acham os passageiros mais suave, e favoravel a viagem: e das muitas voltas que vae dando para sustentar esta lhaneza lhe deram o nome de *girum*, que em latim quer dizer volta, e o Monte Girassum, como se dissesse monte rodeado de voltas. Agora com alguma corrupção se chama o caminho Geira, e o monte Geréz. Consta isto de um Padrão, que está no mesmo caminho com lettras latinas, que traduzidas na nossa Portugueza dizem, que aquella obra de caminho se dedicou a Cezar Augusto, Vespasiano, Pontifice Maximo, que foi Tribuno nove vezes, Capitão General desoito, e que daquelle lugar á cidade de Braga Augusta ha vinte e sete mil passos, que pela conta de Hespanha a quatro milhas por legoa são seis legoas, e dous terços de legoa, e fez outras obras notaveis.

Digitized by Google

CAPITULO 27.°

Como no tempo do imperador Adriano se levantaram estatuas a dous Portuguezes da comarca d'entre Douro e Minho, e ao mesmo Imperador.

Aristoteles 5. Etic. diz, que a justiça é a cabeça de todas virtudes cardeaes, por serem estas as que tem em paz, e socego os reinos, e dá a cada um o que é seu. E Santo Agostinho diz no Serm. 14 *ad frat.* Oh! santa justiça digna de louvor, debaixo de ti reina a prudencia, limpeza, e castidade, por ti triunfa a paz, e seguridade, por ti florece a dignidade e dá fructo a experiencia: pela justiça se conserva a companhia dos homens, e guarda a fé, e fidelidade em todos os contractos do mundo, e negociações: não sendo maculada da afeição, ira, ou interesse, não julgando por conjecturas, nem suspeitas, principalmente para privar algum da honra, ou vida que Deus lhe deu. A justiça, segundo S. Jeronymo, é casta em não peccar, e guardar os mandamentos de Deos, e por se não guardar esta lei de justiça muitos reis, principes, e senhores foram castigados com mortes subitas, e outros castigos, e os que aguardaram sempre foram galardoados assim no ceo, como na terra, como aconteceu aos nossos Portuguezes da comarca d'entre Douro e Minho.

O imperador Adriano depois de estar eleito veio á Hespanha visitar pessoalmente seu imperio, e fez côrtes na cidade de Tarragona, e nellas muitas mudanças; porque para a Lusitania mandou governadores de Andaluzia, e para Andaluzia mandou Lusitanos, e assim mudou todo o governo que tinham feito seus antecessores; e desta mudança de governo se puzeram na mesma cidade de Tarragona duas estatuas com suas bazes, e inscripções

Digitized by Google

a dous homens Portuguezes naturaes da comarca d'entre Douro e Minho, um da cidade de Braga, e outro de junto á villa de Chaves, os quaes foram mandados ao governo daquella cidade de Tarragona, em que sua justiça, e bom modo de regimento mereceu serem honrados em estatuas. Morales refere estes letreiros nas Antiguidades de Hespanha, que trasladados na nossa lingua dizem, que os Flamines, ou Sacerdotes pozeram aquella estatua a Quinto Poncio Severo, filho de Quito, da geração dos Quirinos, natural da imperial cidade de Braga, o qual em sua Republica tinha alcançado todos os cargos, e officios honrosos, que nella havia.

Antes, ou pouco depois de Quinto Poncio Severo nosso Portuguez acabar o seu governo, houve outro Portuguez desta comarca d'entre Douro e Minho, natural de junto da villa de Chaves, por nome Caio Carecio Fusio, a quem se pôz tambem outra estatua, e assim um como outro eram de geração dos Quirinos, e deviam ser parentes, e o letreiro trasladado do latim diz, que aquella estatua se pôz a Caio Carecio Fusio da geração Quirina, natural de Aguas flavias, na chancellaria de Braga Augusta, o qual teve todos os cargos honrosos de sua Republica.

Do imperador Adriano ha muitas memorias na comarca d'entre Douro e Minho, primeiramente junto á villa de Chaves em um Padrão que foi baliza, e marco desta comarca, nelle se vê o letreiro seguinte. O Imperador Cezar Adriano Trajano Augusto Pontifice Maximo mandou renovar aquelle caminho em tempo que tinha a dignidade de Tribuno a vigessima vez.

Outro letreiro está em um arco adiante de Codeçoso, que diz deste modo — O Imperador Cezar Augusto Adriano Pontifice Maximo sendo a vigessima vez Tribuno do povo mandou reformar aquelle caminho.

Digitized by Google

Em Villa Nova de Famelicão está outro letreiro dedicado á sua memoria, posto em um padrão o qual diz — Este Padrão se pôz em honra, e lembrança do Imperador Cezar Trajano Adriano Augusto Pontifice Maximo, Tribuno do povo, tres vezes Consul, e cinco Capitão General, e daqui a Braga são oito milhas.

Na cidade de Braga ha outro Padrão, que foi trazido do caminho militar, que chamam Geira, que vae da cidade de Braga para Orense, do qual faz menção Morales nas Antig. de Hespanha. E diz este Padrão, que se levantou em honra do Imperador Cezar Trajano Adriano Augusto Pontifice Maximo, sendo Tribuno do povo, e decima oitava vez pae da patria.

CAPITULO 28.°

Das memorias que ha na comarca d'entre Douro e Minho, do imperador Trajano, e de como assolou as cidades de Lamego, e Acitania.

Os parabens que o senado, e povo Romano dava a seus novos Imperadores ou Dictadores, que criava, ou confirmava, era dizerem todos a uma voz, que fossem taes qual foi o imperador Trajano, ou tão ditosos como o imperador Augusto, e todo o povo os approvava com grande festa, e alvoroço, porque do senhor liberal nunca os serviços são esquecidos, nem as mercês duvidosas, e com se tirar a vida a um ruim se accrescentam as de muitos bons. O imperador Trajano começou a reinar no anno 100 de Christo, e em seu principio foi o mais perfeito principe, que houve em Roma até seus tempos. E nunca antes nem depois estiveram tão dilatados os termos de seu imperio, como em seu tempo: nelle concorriam todas as partes requisitadas que em um bom principe se podiam achar, e sómente era estranhado no seu

Digitized by Google

muito comer, e beber. Teve diversas guerras com Diacevolo rei de Dinamarca, e com outros principes orientaes, conquistou ambas as Armenias, Caldea, Babylonia, Parthia, que é a Persia, das quaes ganhou insignes victorias.

Foram tantas as crueldades, e tyrannias, que os capitães Romanos, e seus soldados fizeram na Lusitania, e entre Douro e Minho neste tempo, que os povos se rebellaram contra elles. Sendo o imperador falsamente informado pelos capitães, sem tomar da causa verdadeiro conhecimento; alèm dos Prezidios, que tinha nestas partes mandou de Roma muita parte das legiões que tinha de gente de guerra, para que todas as cidades, que estivessem situadas em lugares fortes, e inexpugnaveis as pozessem por terra, para que não tivessem occasião de se levantarem contra seus principes, e a primeira era a cidade dos Lamacenos (que foi Lamego) em fortaleza de muros, e freguezia de povo, e riqueza maior que todas as outras de Hespanha, situada entre os rios Douro, e Limio. Ptolomeu affirma, que era a maior cidade que havia na Hespanha, e nesta confuzão se mudou Lamego do seu proprio sitio, que foi onde agora chamam S. Domingos da Queimada, lugar forte por natureza: e posto que a nova cidade não foi tão forte, sempre foi nobre com sua cadeira episcopal, e das mais nobres do reino. Laymundo nos conta esta historia pelas palavras seguintes. — *Prima itaque omnium Lusitaniæ erit urbs Lamacenorum opulentissima, grandi murorum ambitu circumceptam inter flumina Dorium et Liminum, vulgus unguium vocat: Collapsa vero refertur Trajani Imperatoris temporibus propter rebelionem, erat autem ipsa urbs Dorio flumini satis propinqua Portugaliæ Regno maior omnibus urbibus Hispaniæ, secundum Claudium Ptolomeum.*

Tanto que se executou na cidade de Lamego a ordem do Imperador, o exercito Romano se veio avizinhan-

Digitized by Google

do á cidade de Acitania, e passado o rio Ave se aquartelaram nas veigas, a que chamam Rebata, que estam pegadas ao dito rio na freguezia de S. Thomé de Caldellas, e porque nas ditas veigas houve alguns rebates com os moradores da Acitania, dahi lhe ficou o nome a veiga de Rebata, e no dito lugar está um penedo lavrado, e a esquadria para a banda do nascente que faz menção do imperador Trajano, e o letreiro tirado na nossa linguagem diz: O Imperador Trajano perfilhado de Cezar Norva Augusto Dacia Germania, Pontifice Maximo, Tribuno do povo, quatro vezes Capitão General, pae da patria.

Vendo os moradores da cidade de Acitania, que não tinham poder, e forças para se defenderem do copioso exercito dos Romanos se renderam á sua obediencia, e lhes entregaram a sua cidade com muita lastima, e sentimento: era esta cidade forte, e inexpugnavel por natureza, por estar no cume de uma serra. E os Romanos dando execução á ordem de seu Imperador a puzeram toda por terra: fundaram os moradores de Acitania, assim que della foram despojados, e lançados fóra, outra cidade não longe da primeira, em um lugar mais baixo para a parte do nascente, a que chamam Briteiros, a qual cidade posto que não fosse toda cercada de muros, foi sempre nobre, e para ella se passou a cadeira episcopal da cidade Acitania, em que fôra bispo S. Torquato, discipulo de S. Thiago. Na dita cidade de Briteiros ha ainda hoje tres freguezias que são, Santa Leocadia, S. Salvador, Santo Estevão, todas com appellido de Briteiros. Em o lugar onde estava a cadeira episcopal está uma quinta de uns fidalgos Abreus de Briteiros, e na porta da adega da dita quinta, se vê ainda hoje um arco de pedra bem lavrada, e melhor que a ordinaria da terra, que mostra ser arco da capella da dita Sé: desta cidade se fallará adiante.

Digitized by Google

Depois que a gente Romana teve na Lusitania executado o mandado do seu imperador passou á Galliza, e pozeram por terra a cidade de Sublancia, que estava nas serras de Oviedo, e a mudaram a Leão, e fizeram aquella nobre cidade, e ficaram moradores della, e porque foi fundada por aquella gente de legiões lhe ficou com pouca corrupção o nome de Leon. Desta materia trata Garib. L. 7. C. 14, e Brito L. 5. C. 10.

CAPITULO 29.°

Em que se dá nolicia como o apostolo S. Thiago prégou o Sagrado Evangelho na comarca d'entre Douro e Minho, e que foi a primeira parte de Hespanha onde se prégou.

Ainda com o mais avantajado premio se não paga a quem põe a sua vida por sua lei, rei, liberdade, e patria: no anno de 35 do Nascimento de Christo se levantou em Judea grande perseguição contra os seus discipulos depois da morte de Santo Estevão, e constrangidos desta perseguição se dividiram pelas provincias vizinhas, e o apostolo S. Thiago por diversa revelação fez volta á Hespanha: e notando a brevidade com que veio se colige fôra por mar, e entrou na comarca d'entre Douro e Minho, e Galliza; mas como Braga era cidade a mais principal, em que assistia o governador desta comarca, e de Galliza, e nella havia Sinagoga de judeus, ali se devia a obediencia, e nella devia prégar: pois não vinha prégar senão aos judeus. E diz o texto Act. C. 11.° que *dispersi fuerunt sub Stephano, perambulaverunt usque ad Fenicem, et Cyprum, nemini loquentes verbum nisi solis Judeis.* Como se dissera que aquellas pessoas, que na perseguição em que Santo Estevão foi martyrisado se espalharam por diversas partes, tinham suas Sinagogas. E Santo Izidoro

Digitized by Google

de *vita, et obitu Sanctorum C.* 73 diz *Hispaniæ, et Occidentalium locorum populis Evangelium praedicavit, et in occasum mundi lucem praedicationis infundit,* quasi dizendo que o Apostolo prégou o Evangelho Sagrado na Hespanha, nos lugares mais occidentaes della. E o papa Calixto no prologo do L. de sua trasladação. — *Novem vero in Gallecia dum adhuc viveret Apostolos elegisse docturus, quorum septem cum eo Hierosolimam paerrexerunt aliis duobus praedicandi causa manentibus.* Dizendo que em quanto o apostolo prégou nas partes de Galliza (de que Braga era cabeça) ajuntou nove discipulos, dos quaes deixou dous para continuarem com a prégação evangelica, e os sete levou a Jeruzalem. Porque é cousa notoria chamar-se a provincia d'entre Douro e Minho a Galliza, por ser a principal parte della Braga, cidade grande, e rica, que comparando-a Auzonio com as famosas de Hespanha diz — *Quaeque sinu Pelagi jactat se Bracha dives.* E nesta comarca foi a prégação do Santo mais ordinaria que nas outras. Pois logo deixou nella seu discipulo S. Pedro de Rates por bispo, que foi um dos dous que o papa Calixto affirma ficaram nestas partes. E os discipulos que o santo apostolo escolheu foram a maior parte delles da comarca d'entre Douro e Minho, e alguns haviam ser da Sinagoga dos judeus, pois a elles sómente vinha prégar, e de Braga se foi chegando para a cidade de Iria, da qual se partio para Jeruzalem. Desta vinda do apostolo S. Thiago á Hespanha conformam Bedac, Vincenio Espelh. Histor. Santo Antonin., o Brev. de Toledo feito no tempo dos Godos por Santo Izid. o de Braga, o de Sarag., o Romano de Paulo 3.°, e depois o de Pio 5.°, Pedro Anastali, e o Chronical do mundo, Bauter, Jaimes de Perada, Vaseu, finalmente a tradição immemorial de todas as igrejas de Hespanha.

Digitized by Google

CAPITULO 30.

Como S. Pedro de Rates foi ordenado bispo pelo Apostolo S. Thiago, e foi o primeiro bispo de Braga.

A justiça em Deus Nosso Senhor, sempre foi, e é infinita, e sua misericordia igual, ou maior segundo os effeitos que uza cada dia e hora com os homens, porque peccando o offendemos, e nos perdoa suspendendo o castigo por esperar nossa emenda, ainda que nossas culpas e obstinação dellas excitam seu rigor, e severa justiça, mas não por esta dissimulação, e benevolencia que comnosco uza devemos peccar, nem estar nos peccados obstinados, confiados na sua grande misericordia, que neste caso igual se achará o peso, e balança de sua justiça contra todos; como esteve na primeira idade do mundo, que pela continuação dos peccados dos homens se seguio o diluvio geral, e se destruio a cidade de Sodoma, e os judeus de Jeruzalem, Roma, e Carthago, e outros reinos, provincias, e cidades, e el-rei D. Rodrigo.

Pelo que á vista do que temos dito os reis, e prelados tem obrigação de dar por si bom exemplo, porque são corações do povo, e como o coração está doente todo o corpo fica enfermo, por ser membro principal delle por secretas vias, e modos, e assim quando os reis, e prelados, que representam a cabeça do mundo, e o seu coração não são virtuosos, e dão ruim exemplo, o povo segue seus perniciosos erros, e desvarios, movem a ira de Deus para similhantes castigos: ainda que Deus Nosso Senhor uzando de sua misericordia livrou alguns do diluvio geral como foi a Noé, e aos seus, em Sodoma a Lot, e na destruição de Hespanha ao infante D. Pelayo para rei de Hespanha, na perseguição d'entre Douro e Minho livrou a S. Pedro de Rates que era dos Advenas de Braga, discipulo do apostolo S. Thiago, Patrão, e defensor da Hespa-

Digitized by Google

nha, e fundador e alicerse da metropolitana igreja de Braga Augusta, e primaz das Hespanhas, por ser a primeira igreja dellas, aonde se prégou o Sagrado Evangelho, a qual aprovava cada dia nos infinitos milagres que fazia. E como seu mestre o bemaventurado apostolo S. Thiago pôz em o Credo (como pondera o cardeal Belarmino, declarando o mesmo Credo) aquellas palavras, que Jesus Christo Senhor Nosso fôra concebido por graça do Espirito Santo, e nasceu de Maria Virgem: assim ficou por conta do bemaventurado bispo S. Pedro de Rates prégar por si, e seus discipulos mui em particular as cousas pertencentes á Virgem Nossa Senhora Mãe de Deos, á qual o sagrado apostolo deu primeiro que todos neste symbolo o nome de virgem, pelo qual não é menos conhecida, que por seu proprio nome: donde o glorioso S. Pedro de Rates primeiro arcebispo de Braga prégando naquella cidade tratou primeiramente das cousas pertencentes a Nossa Senhora, mostrando que foi sempre virgem, como a tinha prophetisado David por uma comparação de cousa bem vil, para que fique mais confundido quem não crêr sua pureza virginal, dizendo *Sicut pluvia in vellus, et sicut stilicidia stilantia super terram*: que quer dizer como a chuva do ceo cahe sobre o velo de lãa, e não se lhes quebra um fio, e tambem sahe do mesmo velo deixando-o tão inteiro como d'antes, do mesmo modo o filho de Deus será concebido feito homem, e nascerá de sua Mãe ficando sempre virgem.

E a primeira mulher em que o glorioso S. Pedro de Rates imprimio a sua doutrina foi a filha de um rei pequeno, que então havia em Braga quando se começou a prégar o Evangelho pelo mundo, porque a converteu de maneira á fé catholica, que não sómente foi christãa, mas abraçou a castidade, mais perfeita que a conjugal, e se dedicou a Nosso Senhor perpetuamente, cumprindo primeiro em Portugal, que em nenhuma parte da Hespanha

Digitized by Google

que saibamos, aquella prophecia do mesmo David: *Adveneruni Regi virgines posteam.* Que seriam guiadas ao rei celestial muitas virgens; seguindo aquella, que o é por excellencia virgem antes do parto, no parto, e depois do parto.

Foi tão grande o zelo que o glorioso S. Pedro de Rates mostrou na prégação da virtude da castidade, que pela prégar a esta princeza padeceu martyrio; e a razão de mais empregar seu cuidado, e disvelo nesta virtude, alem do que fica dito foi a seguinte: Naquella cidade de Braga era venerado o idolo de Isis, a quem os gentios attribuiam a castidade, fingindo que não favorecia senão aos que a amavam, assim nota Plut. no L. que fez deste idolo, e que lhe dedicaram o pecegueiro, que tem nas folhas a figura das linguas, e nos fructos a dos corações: significando que taes haviam ser os seus devotos que deviam fallar com o coração. Tinha tambem este idolo uma virgem por principal entre os seus ministros, que eram castos, e para isso eunucos, e sem barba. Faz menção deste idolo, e de seus castos ministros um letreiro, que depois foi posto na Séde de Braga detraz da capella de S. Giraldo, o qual imprimio Lipsio nas Inscripções Antigas, e Loays nas notas do 3.º concilio Bracarense, mas ambos o trazem diminuto, que inteiro é como segue.

Isidi Sacrum — Lucrecia fida Sacerd. Per P. Rom. et Aug. Conventus Bracharae — Aug. D. — Titus Cœlius Tripes. Fronto et M., et L. Titi — Filii Pronepotes Cœlici — Frontonis Renovarunt.

Que quer dizer. A chancelaria augusta de Braga dedicou este templo a Isis sendo sacerdotiza Lucrecia Fida, pelo povo Romano, e pelos augustos Tito Celio Tripes, Fronto, e Marco, e Lucio filhos de Tito, bisnetos de Celio Fronto renovaram este templo.

Depois acrescentaram a este letreiro os modernos uns

Digitized by Google

versos mui celebrados em varias partes da Hespanha, que são os seguintes.

Aspice quam subito marcet, quod floruit ante.
Aspice quam subito, quod stetit ante, cadat.
Nascentes morimur finis que ab origine pendet:
Ipsa que vita suae Semina mortis habet.

Que querem dizer: Vê, quam azinha se secca, o que dantes floreceu, que depressa cahe o que dantes esteve em pé, nascendo morremos porque o fim pende de nosso principio, e a mesma vida tem em si as occasiões da morte. Como pois Soz. no L. 5. C. 21 de sua hist. escreve, que entrando a Virgem Senhora Nossa com seu Bemdito Filho nos braços pelo Egypto, quando fugiu de Herodes que o queria matar, se abaixou um passageiro, aonde o idolo de Isis era adorado, e então se cumpriu a prophecia de Izaias, que diz, *Ecce Dominus ascendet super nubem levem, et ingredietur Egyptum, et commovebuntur simulacra Egypti.* Que diz o Senhor bindo na nuvem leve, que é a Virgem sua Mãe, isempta de todo o pezo do peccado, entrará no Egypto, e cahirão seus idolos.

Assim tambem foi destruido o idolo de Isis naquella cidade de Braga, aonde a vãa gentilidade o adorava, e dedicou seu templo com o titulo da Virgem Nossa Senhora, o bemaventurado S. Pedro de Rates, e pôz nelle primeiramente sua imagem. Donde no primeiro concilio Bracarense, que se achou em nossos tempos, é chamada a igreja de Braga templo de Santa Maria — *Fanum Santae Mariae*, por ser o mesmo que aquella cidade tinha antes da prégação evangelica, e em muita parte se cumprio aquillo de David quando disse á Senhora. — As filhas do fim, e os principes ricos da terra virão com dadivas e rogos venerar vosso vulto: porque de Tiro são filhas Carthago, e outras cidades de Africa, e de Carthago vieram os primeiros fundadores de Braga, e lhe pozeram o

Digitized by Google

nome de Braga derivado de Bragado, rio da mesma cidade.

Tambem foram antigamente muito ricos, donde Auzonio fallando das cidades mais nobres do seu tempo diz as seguintes palavras: *que sinu pelagi se jactet Bracara dives*, onde faz menção de Braga com o titulo de rica. Até aqui contamos a causa porque o bemaventusado S. Pedro de Rates prégou em Braga a virtude da Pureza, a qual abraçou primeiramente a filha de um Regulo da mesma cidade, da qual agora tratamos com os Breviarios antigos que fazem por esta maneira della menção. — *Regis ejus Patriae filiam invocato christi nomine a lepra mundavit, eam que cum Regina sacro batismatis fonte purificavit.* Que era doente de lepra, que é doença que ordinariamente se acha nas pessoas reaes, porque se gera ás vezes de muitas delicias, e invocado o nome de Christo Senhor Nosso a sarou o bemaventurado S. Pedro de Rates, e nos deixou um exemplo maravilhoso do que disse Salomão ácêrca do mesmo sagrado nome de Christo Senhor Nosso, notando que era como o oleo derramado, e por isso as donzellas o amavam, como fez esta illustrissima Portugueza, porque logo que sarou com a virtude de tão celestial nome, foi baptisada, e primeiro que nenhuma outra, que saibamos na nossa Hespanha, se fez Esposa do mesmo Senhor, com quem se póde piamente crêr, que vive, e reina mui gloriosa.

Acima temos dito que o glorioso S. Pedro de Rates primeiro arcebispo de Braga, e primaz da Hespanha, que com a virtude de sua prégação converteu, e baptizou uma Rainha, que supposto não era de grandes estados, é a primeira que achamos deste titulo convertida á fé catholica no nosso Portugal, em Hespanha, e ainda em toda a gentilidade. Porque a primeira provincia grande de Gentios, que totalmente se converteu a Christo Senhor Nosso, foi, segundo Flavio Dextro a nossa Hespanha, cuja

Digitized by Google

metropolitana é Braga, e não faltam conjecturas mui boas para dizermos isto. Uma é que nesta cidade se promulgou primeiro que em nenhuma outra da Hespanha o Edito que Augusto Çezar passou para que todos os homens que havia no imperio Romano se pozessem na lista geral, e fossem offerecidos (como nota Paulo Ozorio) a Christo Senhor Nosso, que dali a pouco tempo havia de vir à terra. Por quanto este Edito foi feito em Tarragona (como refere Tarrafa), a qual cidade era cabeça da provincia Tarraconense, que chegava até o Porto, e tinha por sua chancellaria principal a cidade de Braga. Donde se infere, que nella se executou primeiro. E os primeiros que se assentaram na lista dos homens, que então havia no Imperio, para que o Filho de Deus tomasse posse delles, foram os moradores da cidade de Braga, donde era natural S. Pedro de Rates, que segundo Flavio Dextro era dos Advenas, que se acharam em Jeruzalem, quando Christo Senhor Nosso padeceu, e depois de receber o baptismo foi o primeiro discipulo que teve o apostolo S. Thiago, o qual o mandou por seu provisor a tomar posse das terras da gentilidade, que o Padre Eterno tinha promettido a seu Filho, que foi crucificado, como estava prophetisado por David, quando no Ps. 2.º diz — *Postula a me, et dabo tibi gentes hereditatem tuam, et possessionem tuam terminos terrae.* Que quer dizer. Pede-me, e eu te darei as gentes por tua herança, e por tua possessão os termos da terra: aonde fica Braga, aonde prégou S. Pedro de Rates primeiro o Evangelho que S. Thiago apostolo, porque o mandou diante de si, e depois veio á provincia d'entre Douro e Minho, da qual ficou sendo apostolo, e primeiro prégador, como o testifica o arcebispo de Braga Pancracio, fallando com Pamerio arcebispo de Merida, e a outros prelados de Hespanha que se acharam no primeiro concilio Bracarense, congregado por a occasião da entrada dos Godos, Vandalos,

Digitized by Google

Suevos, e Alanos, que destruhiam as igrejas, e reliquias dos Santos por serem parte Gentios, e parte Arianos. E estas são as palavras que o Primaz disse naquelle Concilio. *Nunc autem si placet vobis omnibus, statuamus quid agendum sit de reliquiis sanctorum: praecipue de Patre nostro, et Apostolo hujus Regionis Petro Ratistensis, quem ad salvandas animas Jacobus Apostolus Domini consanguineus misit.*

Querem dizer. Determinemos agora se vos parece, o que havemos fazer ácêrca das reliquias dos Santos, principalmente de nosso padre apostolo desta região S. Pedro de Rates, a quem S. Thiago apostolo, parente no sangue do Senhor, mandou para salvar as almas. Tambem da carta de Santo Athanazio, primeiro bispo de Saragoça, e condiscipulo do mesmo S. Pedro de Rates, impressa nos LL. do bispo de Tui se collige que veio a prégar este nosso arcebispo de Braga S. Pedro de Rates, que seu mestre S. Thiago o mandou com as constituições apostolicas, estando ainda na cidade de Jeruzalem, como diz Flor. de Portugal 22.

Nem são contra isto as historias que dizem, que S. Thiago ordenou as igrejas de Hespanha, e deixou S. Pedro de Rates na Bracarense, como escreve Flavio Dextro dizendo, cerca dos annos de 36, *Hispania prima Provinciarum mundi post Judeam, Galileam, et Samariam, in partibus Occidentalibus Christi fidem amplexa est, ejusque gentilitas ad fidem conversa fuit, veræ primitiæ cœterarum gentilium, nam et Jacobus, S. Zebedœi filius peragratis urbibus Hispaniae, multis que erectis Ecclesiis, et Episcopis creatis, ex Advenis Petrum Bracharae primum reliquit.* Quer dizer. Hespanha foi a primeira das provincias do mundo, depois da Judea, Galilea, e Samaria, que nas partes occidentaes abraçou a fé de Christo, e sua gentilidade se converteu a ella, de modo que foi as verdadeiras primicias dos mais Gentios. Porque S. Thiago filho de Zebedeo depois de andar pelas cidades da Hespanha,

Digitized by Google

e levantar muitas igrejas, e ordenar muitos bispos deixou em Braga a S. Pedro de Rates dos Advenas por primeiro bispo.

Nas quaes palavras bem se mostra, que S. Pedro de Rates estava em Braga quando o apostolo o constituio pelo primeiro bispo: este primeiro é o que fez, e constituio em primaz de todos os outros prelados que deixava em Hespanha, e como este glorioso arcebispo, como temos dito, dedicou o templo de Braga a Deos Nosso Senhor como o Filho da Virgem Sacratissima, bem se infere que este foi o primeiro que houve em Hespanha com imagem e titulo da mesma Senhora: porque o da cidade de Saragoça foi o primeiro que lêmos edificado, e fêl-o o sagrado apostolo S. Thiago (como é tradição vulgar) quando se foi de nossa Hespanha para Jeruzalem: mas o de Braga foi dedicado á Virgem Sacratissima antes do glorioso S. Thiago vir a Hespanha; e foi fundado por seu percursor S. Pedro de Rates conforme as opiniões allegadas, por causa da Rainha de Braga que este Santo converteu e baptisou para gloria, e honra de Deus Nosso Senhor.

Mas soffrendo mal o rei Gentio a mudança da mulher e filha, convertidas pela virtude da prégação do bemaventurado S. Pedro de Rates, depois de as querer despersuadir de seu santo e virtuoso proposito, o que não poude, tratou de querer acolher a seu poder o bemaventurado bispo santo. Mas elle estimando em mais a perda de suas ovelhas, que a morte com que o ameaçava, se sahio de Braga, e se foi ao lugar de Rates, porto maritimo da comarca d'entre Douro e Minho, distante cinco legoas da cidade para a parte do poente. Mas sendo seguido dos ministros do rei gentio, diante do altar da igreja de Rates foi morto por elles, e deixado no dito lugar sem sepultura: porque os christãos que nelle haviam eram poucos, e com mêdo dos tyrannos não ouzaram sahir das

Digitized by Google

matas, e brenhas, onde viviam escondidos, por não serem vistos delles.

Passado algum tempo um devoto christão que se recolhia em um cabeço de um monte, a quem chamavam Felix, que dos tyrannos andava escondido, como andavam outros, fazendo cada um habitação onde melhor lhe parecia, em que tinham as vidas guardadas, vio muitas vezes de noite muitas luminarias no lugar aonde estava o santo corpo morto, que chegavam até o ceo, e admirado com esta novidade, favorecido, e animado com o divino auxilio sahio de sua brenha com receio de se encontrar com os tyrannos, que de continuo andavam por aquellas partes, e chegando ao lugar donde via sahir aquellas brilhantes luzes, achou o corpo santo, e lhe deu sepultura. Sem nisso entrevir, nem ter outra ajuda mais que um seu sobrinho, que lhe era companheiro no seu retiro: e depois crescendo o numero dos christãos se fez uma grande igreja, aonde foi sepultado com a decencia, que a tal santo se devia, na qual Deus Nosso Senhor depois fez muitos milagres por intercessão deste glorioso santo, para manifestar ao mundo seus merecimentos, em recompensa de ter manifestado em sua prégação sua santa fé: e por ella entregar a vida nas mãos de seus inimigos, e por isso mereceu a coroa perpetua na gloria de Deus.

Entre os milagres que o bemaventurado arcebispo S. Pedro obrou na sua igreja de Rates, que foi o que lhe deu este appellido tomado do lugar de seu sitio foi em uma mulher da villa de Fão, a qual havia dous annos que vivia céga sem vêr cousa alguma, e pedindo que a levassem á igreja de S. Pedro de Rates assim o fizeram, e estando nella se encommendou devotamente ao milagroso santo junto de seu sepulchro, pedindo-lhe com muita devoção, que lhe alcançasse a vista que havia dous annos por seus muitos peccados de todo tinha perdido: e estan-

Digitized by Google

do nesta sua devota oração fez Deos Nosso Senhor nella o milagre pela intercessão deste seu bemaventurado servo: porque se viu restituida da vista que lhe faltava; e debruçada no sepulchro do santo em vozes altas lhe começou a dar graças, com grandes lagrimas de contentamento, e acudindo muita gente aos alegres échos de seus gritos, testemunhas foram de tão grande milagre, e todos com muita devoção deram louvores a Nosso Senhor por tão grande maravilha.

Por todos aquelles logares foi manifestado este milagre como virtude do bemaventurado arcebispo S. Pedro, e o muito que este era mimoso de Deus para conceder tudo o que se lhe pedia por sua intercessão; com que não havia dia que sua igreja não estivesse assistida de romeiros, doentes de varias enfermidades, pedindo remedio para seus achaques áquelle divino medico, que o não negava a quem com espirito, e fé o pedia como mezinha assim da alma, como do corpo. Vindo a elle uma mulher surda de nascença com grande devoção lhe pediu se lembrasse do grande tormento, que padecia com aquelle achaque, e chegando ao seu sepulchro com muitas lagrimas, se compadeceu tanto dellas o bemaventurado santo que intercedendo pelo seu remedio a Nosso Senhor cobrou a devota mulher o ouvir, que de nascença lhe faltava, e dali em diante ouvia tudo o que se dizia sem impedimento: alegres os circumstantes fizeram a Nosso Senhor as devidas adorações, e com grande gosto cheios de alegria renderam as graças ao milagroso santo da mercê que fez.

A um homem que se via vexado, e atormentado do demonio, sendo levado á igreja do bemaventurado S. Pedro de Rates, chegando a seu sepulchro, aonde pedio devotamente, que intercedesse por elle a Nosso Senhor para se vêr livre de tão grande tormento, compadecido o milagroso santo de tão grande miseria, e aceitando sua

Digitized by Google

devota oração, logo se vio livre daquelle, que havia muitos annos o trazia captivo em uma continua escravidão. Tinha um moço a bôca posta á orelha de sua nascença, e hindo com devoção em romaria á igreja de S. Pedro de Rates pedio ao santo lhe alcançasse do Senhor remedio para tão grande deformidade com que vivia com grande desconsolação, e pondo a bôca sobre o sepulchro aonde está enterrado o santo corpo lhe pedio com muitas lagrimas lhe alcançasse por seus merecimentos de Nosso Senhor a compostura de seu rosto, como a dos mais viventes, e logo este penitente, e lacrimoso devoto se vio com a bôca posta em seu lugar para manifestar ao mundo a virtude deste milagroso santo, por cujos merecimentos Deus Nosso Senhor estava, e está continuamente obrando maravilhas. Muita gente esteve presente a este milagre, que com lagrimas de gosto renderam as graças a Deus Nosso Senhor pelas mercês que a tantos fazia pelos merecimentos deste seu servo; e assim em quanto seu corpo esteve na igreja de Rates, como depois que foi trasladado para a Sé de Braga pelo illustrissimo arcebispo D. Fr. Balthazar Limpo, que para mais honrado, e venerado ser aquelle corpo, impetrou breve de Sua Santidade para o seu altar ser privilegiado, como é.

CAPITULO 31.°

Em que se dá conta dos bispados que foram subditos à metropole de Braga Augusta, e Primaz.

Houve muitos historiadores que trataram em suas obras das Metropoles e Diocezes antigas, e modernas de Hespanha, as quaes andam publicas: uns escreveram os Bispados antigos como conta a historia del-rei D. Affonso o sabio p. 2. c. 51. Outros tratam sómente dos modernos, como foi o bispo de Girona no titulo de Descrips. Hisp.

Digitized by Google

Outros escreveram de uma, e outra cousa, como fez Vas. no C. 20, e 21. Mas nenhum delles assignala os Bispados, que são suffraganeos a cada Metropole. Lucio Mar. L. 4. no tit. dos prelados e grandes de Hespanha, fallando de suas rendas, põe sómente os bispados de Hespanha distinctamente por cada reino sem assignar suffraganeos ás Metropoles: por tanto me não pareceu cousa sem proveito, pois tratando da cidade de Braga, e primazia de sua cadeira episcopal, não fallar nos bispados antigos, e modernos seus suffraganeos.

Reinando em Hespanha Bamba 30, rei Godo, se trataram grandes questões, e differenças entre os prelados de Hespanha sobre seus districtos, e limites de suas prelazias, e quaes bispados haviam ser suffraganeos aos metropolitanos, o que foi no anno de 677, e mandando o dito rei congregar concilio foram divididos os bispados saffraganeos a Braga na maneira seguinte.

A primeira cadeira episcopal foi Dume, no mosteiro de Dume junto á dita cidade.

A segunda foi da cidade de Portocalense. que deu nome a este reino como dissemos.

A terceira da cidade Bribocense, que sobia ser entre Douro e Minho, e foi derivada da cidade de Acitania fundada em Briteiros, de que fallaramos.

A quarta da cidade de Asturia, que agora se chama Astorga.

A quinta da cidade de Tyde, que se chama Tudense, ou Tui, em que está a cadeira.

A setima da cidade de Iria, na villa do Padrão, e está em Compostella.

A oitava da cidade de Lugo, ou Lucence, que conserva a cadeira.

Os bispados repartidos a Braga no tempo do imperador Constantino no concilio Nicence, são os seguintes, além dos nomeados.

Digitized by Google

O Eminense situado entre Coimbra e o Porto, na villa de Agueda, e hoje se vê extincto.

O Labrionense, ou Flavialabrica, situado na Labruja entre o Lima, e Minho, hoje cidade arruinada.

O Noviense no reino de Galliza, agora se chama Noya.

O Britolense, que como dissemos era districto de Braga.

Todos estes bispados foram repartidos por subditos da igreja metropolitana de Braga, e sendo trasladada a Sé episcopal do Padrão á cidade de Compostella, ficou sempre sujeita ao arcebispo de Braga até ao anno de 1124, que foi levantada em Metropole pele papa Calixto 2.°

CAPITULO 32.

Dos concilios celebrados na metropole de Braga, primaz das Hespanhas.

Nesta augusta cidade de Braga se juntaram quatro concilios, o primeiro no anno de 536, sendo arcebispo Lucrecio, e rei dos Suevos Theodomiro, no 3.° anno de seu reinado, o papa Honorio 1.° E no 1.° de Maio se ajuntaram os bispos seguintes. Lucrecio, André, Martinho, Cotto, Hilderico, Lucencio, Timotheo, Emiliosso. E como por mandado do dito rei se achassem na metropolitana igreja de Braga, assentados juntamente com os sacerdotes, e nobres do reino Lucrecio bispo fez a pratica seguinte:

«Muitos tempos ha, irmãos santissimos, que desejavamos, que se celebrasse entre nós concilio de sacerdotes, conforme o costume dos veneraveis canones, e os decretos da doutrina catholica, e apostolica: porque quando os sacerdotes juntos em nome do Senhor buscam com salutifera alteração aquellas cousas, que conforme a doutrina apostolica sustentavam a unidade do espirito com

Digitized by Google

vinculo de paz, não sómente causam sua concordia conveniente ás regras, e ordenações ecclesiasticas, mas estavel, e sempre firme no amor fraternal. Agora pois, que nosso piissimo filho inspirado do Senhor nos concedeu com authoridade real o dia, que tanto desejavamos para este ajuntamento, e para que unidos todos considerassemos o que convêm: tratemos todos, se vos parecer, do estado da fé catholica, depois disto virão a lume os estatutos dos santos padres, referindo os canones delles, no fim de tudo se tratarão com muita diligencia certas cousas, que pertencem ao serviço de Deus, e ao officio dos sacerdotes: para que se por ventura algumas cousas, ou por descuido, ou por ignorancia, ou inadvertidamente, de muita antiguidade se guardam entre nós diversamente, ou se tem por duvidosas, se tornem a uma fórma rasoavel, e verdadeira». Todos os bispos disseram: — O procedimento de vossa beatitude é justo, porque a causa deste nosso ajuntamento foi para redundar algum proveito de se dar ordem nas cousas da igreja.

O bispo Lucrecio disse: «Tratamos primeiro dos Estatutos, como já dissemos, porque dado caso que a contagião da heresia de Prisciliano fosse descuberta, e condemnada ha muito tempo nas provincias de Hespanha; todavia porque não haja alguem que por ignorancia, ou engano com escripturas apocrifas esteja ainda infeccionado com a peste deste erro, declare-se mais abertamente ás pessoas ignorantes: porque estes como habitam no extremo, e derradeira parte desta provincia, tem pouco, ou quasi nenhum conhecimento da verdadeira erudição; creio que sabe vossa fraternidade, que naquelle tempo em que a peçonha da peste Prisciliana infeccionou estas regiões, o beatissimo papa Leão mandou suas bulas ao Sinodo que se juntou em Galliza contra a dita heresia, por Toribio, Notario da Sé Apostolica: por cujo mandado tambem os

Digitized by Google

bispos Tarraconenses, Carthaginenses, Lusitanos, Andaluzes fizeram entre si concilio, e escripta uma regra contra a herezia Prisciliana, com alguns capitulos a mandaram a Balconio bispo desta igreja de Braga, pelo que pois a temos aqui á mão, e o traslado da fé sobredita com todos os seus capitulos: parecendo bem a vossas reverencias, lêa-se para ensino dos ignorantes.»

Todos os bispos disseram: Mui necessaria é a lição destes capitulos, para que declarando-se aos mais simples os antigos Estatutos dos padres santos se conheçam as ficções da herezia Prisciliana, abominadas, e condemnadas de tempo antigo pelos successores do apostolo S. Pedro»: lêu-se o traslado da fé com seus capitulos, que deixo por não enfadar.

Lidos os capitulos disseram os bispos, que se declarassem com mais evidencia e clareza por capitulos distinctos, as cousas que se hão-de evitar, para que o menos sabio as entenda, e exprimindo sentença de excommunhão se condemnem os fingimentos do erro de Prisciliano, para que qualquer clerigo, monge, ou secular que fôr achado crêr, ou defender cousa semelhante, se corte logo do corpo como membro podre da igreja, para que da mácula de sua companhia, e maldade não nasça algum opprobrio aos fieis quando os virem misturados com tal gente. Os capitulos são os seguintes, deixados os artigos da fé que todos professaram, e nos seguintes anathematisaram os erros de Prisciliano.

Que se guarde uma ordem no cantar no officio de Matinas, e Vesperas, e não se misturem, nem confundam os particulares costumes dos mosteiros com a regra commum da igreja.

Que pelas Vigilias, e Missas dos dias solemnes leam na igreja todas as mesmas lições, e não outras differentes.

Que os bispos não saudem ao povo de um modo, e

Digitized by Google

aos sacerdotes de outro, mas que a todos de um modo dizendo, *Dominus vobiscum* etc.

Que as Missas se celebrem de todos pelo mesmo modo, e ordem que Profuturo, bispo desta igreja metropolitana recebeu em escripto da Sé apostolica.

Que ninguem deixe de guardar aquelle modo de baptizar que teve de tempo antigo a metropolitana igreja de Braga.

Que guardando-se a primazia do bispado metropolitano, os mais bispos segundo o tempo de sua sagração precedam aos outros nos assentos.

Que das rendas ecclesiasticas se farão tres porções iguaes, uma para o bispo, outra para os sacerdotes, a terceira para a fabrica, e alampadas da igreja.

Que nenhum bispo possa ordenar clerigo de outro bispado conforme a prohibição dos canones antigos, salvo quando lhe mostrar reverendissimas assignadas por seu proprio bispo.

Que por quanto alguns diaconos desta provincia costumam trazer as estolas escondidas debaixo das tunicas, de fórma que se não differençam dos subdiaconos, tragam daqui por diante as estolas sobre o hombro como é rasão.

Que se não facilite a nenhum dos lectores pôr as mãos nos vasos sagrados do altar, nem a outros senão os ordenados pelos bispos em subdiaconos.

Que os lectores não cantem na igreja em habito, e traje secular, nem deixem seus graos conforme ao rito gentilico.

Que nenhuma cousa do Testamento velho se cante na igreja com pios em verso, como mandam os sagrados canones.

Que não seja licito aos homens e mulheres leigos entrar a comungar dentro da capella, se não sómente aos clerigos como está ordenado pelos sagrados canones.

Digitized by Google

Que os sacerdotes que não comem carne por evitar a suspeita de herezia de Prisciliano, os obriguem alguma vez a hervas cozidas com carne se despresarem este preceito, pela suspeita destes herejes, serão excommungados, e privados totalmente do officio sacerdotal.

Que áquelles que são excommungados por heresia, ou outro qualquer crime ninguem possa fallar como mandam os antigos estatutos canonicos, os quaes se alguem despresar voluntariamente, seja apartado da communhão dos fieis.

Que aquelles que dão a si mesmos a morte violenta, ou com ferro, ou peçonha, ou despenhando-se, ou enforcando-se, se não faça por elles oração ou sacrificio, nem sejam seus corpos levados á sepultura ecclesiastica, nem com psalmos, e outras solemnidades ecclesiasticas.

Que os cathecumenos que morrerem sem a redempção do baptismo, do mesmo modo se não faça commemoração ao sacrificio, nem officio de psalmos.

Que os corpos dos defuntos de nenhum modo se sepultem dentro nas igrejas dos santos, mas quando fôr necessario da parte de fóra junto do muro da igreja, aonde não é tanto de estranhar: porque suas cidades até nosso tempo guardam firmissimamente este privilegio, que do circuito de seus muros a dentro se não sepulte o corpo de qualquer defunto em nenhum modo, quanto mais o deve ter a reverencia dos martyres veneraveis.

Que se algum sacerdote além desta prohibição se atrever a benzer o oleo do chrisma, ou sagrar igreja, ou altar seja deposto do seu officio, porque os canones antigos prohibem tudo isto.

Que ninguem suba de leigo ao gráo de sacerdote, sem que primeiro aprenda em um anno inteiro o officio de leitor, e diacono, a disciplina ecclesiastica, e assim doutrinado em cada um dos gráos suba ao officio de sacerdo-

Digitized by Google

te, porque assaz reprehensivel é que aquelle que ainda não aprendeu começe já de ensinar, sendo isto defendido pelos antigos estatutos dos padres.

Que se pela liberalidade dos fieis ou nas festas dos martyres, ou commemoração dos defuntos se offerece alguma cousa, se ajunte fielmente na mão de um sacerdote, e por tempo determinado uma, ou duas vezes no anno, se parta entre todos os clerigos: porque nascem discordias das desigualdades, quando cada um em sua semana toma para si o que se offerece.

Que nenhuma pessoa se atreva a traspassar o preceito dos canones antigos que agora foram referidos neste concilio, e se alguem por contumacia os quebrantar, convem que o deponham de seu officio.

Acabados os capitulos Lucrecio, bispo Metropolitano disse, «Pois já com o favor divino determinámos aquellas cousas que pertenciam á firmeza da fé catholica, e ao officio do estado ecclesiastico, resta agora que cada um de nós trabalhe por ensinar, doutrinar, e instruir sua Diocese de todas aquellas cousas que são instituidas segundo a graça de Deus; e se algum de nós em suas freguezias, depois de sabidas as constituições deste concilio achar algum clerigo, ou monge contrario desta doutrina, ou assentar viver ainda em algum erro da seita Prisciliana, e o não lançar logo fóra da igreja excommungado, anathematizado de tal modo que nenhum dos fieis se attreva a comer, nem communicar com homem semelhante, saiba quem receber tal homem fica excommungado, e sujeito a excommunhão de todos nossos irmãos, e réo sem duvida da sentença divina». Todos os prelados assim o prometteram fazer.

Neste sagrado concilio foram condemnadas por hereticas as seitas, e falsidades de Prisciliano, Paulo Samozateno, Photino, Cedron, Marcion, Manicheo provando-

Digitized by Google

lhe suas falsidades, excommungaram, e anathematisaram a todas as pessoas que dahi em diante dellas uzassem; como largamente dos capitulos do dito concilio se póde vêr, os quaes não refiro por muito grandes, que cada um dos prelados assignaram por sua propria mão.

CAPITULO 33.°

Em que se dá noticia como no concilio de Lugo foram repartidos os limites e jurisdicções dos bispados de entre Douro e Minho, e outros da Lusitania.

No tempo dos Suevos correndo a era de 601, ao primeiro dia de Janeiro, mandou Ariamiro principe dos Suevos ajuntar concilio na cidade de Lugo para confirmar a fé catholica, e por diversas cousas da igreja: e depois que deram fim a todas as cousas tocantes ao bem commum, e augmento da santa fé catholica, mandou o proprio rei uma carta sua, que foi lida no dito concilio, cujo traslado é o seguinte.

«Desejo, padres santissimos, que com provida utilidade determineis o que convêm nesta provincia de nosso reino, porque em toda a região de Galliza ha mui grandes Dioceses occupadas com poucos bispos; de tal modo que com muita difficuldade podem algumas igrejas ser visitadas por seus bispos em cada um anno. Além disto, sendo esta provincia tão grande, não tem mais do que um Metropolitano, e este mui longe para se ajuntarem todos os annos a concilio, as igrejas que ficam no fim do reino.»

Tanto que os bispos leram esta carta, escolheram no Synodo a Sé de Lugo para que fosse Metropolitana (sujeita sempre á igreja de Braga) por ser ali distancia acommodada para os bispos comarcãos se poderem ajuntar, e ordenaram outras cidades onde se fizessem novos bispos, e acabadas estas cousas repartiram os limites, e freguezias,

Digitized by Google

que haviam de ser sujeitas a cada bispado, e na metropolitana de Braga, e mais bispados d'entre Douro e Minho, fizeram a repartição seguinte.

A igreja metropolitana de Braga tenha as igrejas ao redor, e Cento Cellas, Coettos, Gentismilia, Lainoto, Gibiolis, Laubis, Cilioto, Catenia, Ceresis, Petroncio, Equesis ad saltum, os lugares de Panoyse, Leta, Braga, Astiastigo, Tarege, Aunego, Metrobio, Beresse, Palantussio, Celo, Seneguumio que são na obediencia só trinta lugares, esta é agora a comarca da Torre.

A Sé de Dume se deu por jurisdicção á familia, e criados da casa real.

A' igreja cathedral do Porto se deu por jurisdicção para o seu sitio o castello novo dos Suevos, e tinham as igrejas que estão em sua comarca, Villa Nova, Bataonia, Vesca, Menturio, Toribia, Bramaste, Pengoaste, Lumbo, Neste, Curmano, Manello, Leporeto, Melga, Taygobria, Villa Gomades, Tanuata, os lugares de Lambrencio, Allobriga, Valericia, Furlango, Mendolas, e Palencia, que são vinte e cinco igrejas sujeitas a uma igreja que ha na comarca de Britones, juntamente com o mosteiro de Maximo até o rio Ave. O mosteiro se chama hoje Villa Nova de Sande, e a jurisdicção do bispado ainda anda separada na visitação: que são dezeseis igrejas, que vizita o chantre de Braga, dignidade principal daquella santa Sé, a que é annexa esta vizita.

CAPITULO 34.°

Em que se relata o concilio Bracharense segundo, a que presidio S. Martinho, metropolitano de Braga.

No segundo anno del-rei Ariamiro na era de 610 a 18 dias das calendas de Janeiro, juntando-se os bispos

Digitized by Google

da provincia de Galliza, assim os da jurisdicção de Braga, como de Lugo com os seus metropolitanos por mandado do gloriosissimo rei Ariamiro na igreja metropolitana Bracarense, S. Martinho bispo da mesma Metropole, Remi sol bispo da igreja de Vizeu, Lucencio bispo da igreja de Coimbra, Andorio bispo da igreja da Idanha, Sardinario bispo da igreja de Lamego, Viatro bispo da igreja Magalona, Naigio bispo da igreja metropolitana de Lugo, André bispo da igreja de Iria, Avila bispo da igreja de Tui, Pulenço bispo da igreja de Astorga, Maybom bispo da igreja de Briteiros; estando todos juntos, e sentados, e presentes todos os sacerdotes, e homens nobres do reino, S. Martinho bispo de Braga disse. — Por inspiração divina tenho para mim, padres santissimos, que de ambas estas Metropoles nos ajuntassemos em um só concilio, ordenando-o assim o santissimo rei nosso filho, para que não sómente nos alegremos á vista uns dos outros: mas para que juntamente pratiquemos as cousas que pertencem á ordem, e disciplina ecclesiastica. Porque no evangelho se escreve, que disse Nosso Senhor — Aonde quer que estiverem dous, ou tres juntos em meu nome, ahi estarei eu no meio delles. Nitigio bispo de Lugo disse. «Nem se póde crêr outra cousa, senão que convém principiar, e levar a fim aquellas cousas que pertencem ao proveito de nossas almas. S. Martinho bispo respondeu, Para mim tenho que vossas beatitudes se lembrarão, que quando se ajuntou o primeiro concilio de bispos nesta igreja de Braga, depois de muitas cousas, que se determinaram para concordia da verdadeira fé, se decretaram tambem algumas, que comprehendem o direito dos sagrados canones, cujo proveito para se trazer á memoria com mais facilidade será bem que se lêa em publico o mesmo papel em que se contém, sendo todos deste parecer. Todos os bispos disseram, que se lêssem, e que todos os

Digitized by Google

presentes as ouvissem, e tendo lidos todos os capitulos do primeiro concilio, S. Martinho bispo disse: estas cousas que agora se acabaram de referir, posto são entre si discrepantes, e duvidosas, ou pouco ordenadas, estão em estado para que com o favor de Deus alcancem sua inviolavel firmeza, e as cousas que então não vieram á memoria, ou pareceu trabalho accumular muitas naquelle primeiro concilio, parece necessario trazêl-as agora á noticia de vossas caridades pelo particular respeito de serem apuradas, e ventiladas em disputa espiritual: porque os santos padres nossos predecessores ou fizeram ajuntar Synodos geraes de todas as partes por respeito da conformidade da fé verdadeira, como o Niceno contra Ario, aonde se acharam trezentos e dezoito bispos, e no Constantinopolitano contra Macedonio cento e cincoenta; no de Epheso contra Nestorio duzentos; no de Calcedonia contra Eutiches cento e trinta; ou ajuntaram particulares Synodos, cada um em sua provincia por descarregar discordias, emendar negligencias de algumas pessoas, conforme pedia a qualidade das culpas, e excesso de cada qual; assim constituiram particulares, e divinas sentenças dos canones mediante o espirito divino, que residia entre elles, as quaes convém ter muitas vezes, e guardar; e porque mediante a graça de Christo, não ha já nesta provincia cousa duvidosa ácêrca da unidade, e inteireza da fé, nos convêm agora trabalhar por vêr se achamos alguma cousa reprehensivel, e alheia da doutrina apostolica, que a negligencia, ou ignorancia introduzisse entre nós: e recorrendo ao testemunho das santas Escripturas, ou aos Estatutos dos antigos canones, e interpondo o consentimento de todos emendemos com maduro discurso as que nos não contentarem. E primeiro de tudo (se assim vos parece bem) lidos os preceitos, que o bemaventurado S. Pedro escreveu claramente na sua Epistola para regra dos

Digitized by Google

sacerdotes: tudo aquillo que virmos se faz entre nós fóra do theor, que ensinou o padre dos apostolos, trabalhemos sem detença alguma de o reduzir á emenda: nem por ventura aconteça, que prégando aos outros, e sendo nós imperfeitos sejamos condemnados por aquella divina sentença: — Tu aborreceste a disciplina, e lançaste minha palavra atraz das costas — Ps. 49. «Todos os bispos disseram, Desejamos que se traga a este lugar a epistola do apostolo S. Pedro, de que se faz menção, e ouvir o Texto aonde ensina aos sacerdotes: » e trazendo o livro se referiram da dita Epistola as cousas seguintes: «Velhos, roga-vos este companheiro vosso nas cidades que apascentaes as ovelhas de Deus, que mora em vós, provendo-as não forçosa, senão voluntariamente conforme o mesmo Deus quer, nem por respeito de interesse infame, mas graciosamente, não como senhores dos outros sacerdotes, mas na fórma de quem apascenta rebanho, e de todo o coração: porque quando apparecer o padre dos pastores recebaes a corôa da gloria, que nunca perde seu lustre. —

Lidas estas cousas disseram todos os bispos: «Agora que temos conhecimento do que se referio na epistola do bemaventurado apostolo do Senhor, desejamos com a graça, e favor de Deus obedecer aos preceitos divinos, e imitar a fórma da carta apostolica, que nos foi lida, em todas as cousas que diz, e assim não aconteça que se proceda em alguma fóra da ordem, para que não sejamos (o que Deus não permitta) condemnados por divino juizo, antes seguindo as pizadas dos seus padres mereçamos ser participantes de seu descanço, e mereçamos como elles alcançar a incorruptivel corôa perpetua da gloria. Pelo que todos pedimos juntamente a vossa caridade, que comprehendendo todas estas cousas brevemente em particulares capitulos, e modo com que se hão-de emendar, as ajunteis a este tratado, para que sendo curiosamente li-

Digitized by Google

das, e com evidencia trazidas ao conhecimento de nós todos, as subscreva, e assigne cada qual com sua propria mão para sua emenda, e confirmação a estas cousas determinadas para a perfeição do officio episcopal, e aproveitem não sómente para nós, mas tambem para nossos sacerdotes. »

Primeiramente acordaram, que discorrendo os bispos por todas as igrejas de seus bispados, primeiro de tudo examinem os clerigos ácêrca da ordem que guardam no baptizar, e celebrar das Missas, do modo de celebrar na igreja quaesquer officios, e achando que procedem bem dêem graças a Deus, e quando não, devem ensinar aos ignorantes, e mandar-lhe em todas as maneiras que os Cathecumenos concorram á purificação do exorcismo vinte dias antes do baptismo, nos quaes seja especialmente ensinado aos ditos o symbolo que começa *Credo in unum Deum.* Depois que os bispos examinarem seus clerigos nestas materias, no dia seguinte chamado o povo daquella igreja os ensinem a fugirem dos erros da idolatria, e de crimes varios, como são, homicidio, adulterio, perjurio, falso testemunho, e os mais peccados mortaes, e que não façam a outro, o que não querem se lhes faça a elles, e que creiam a resurreição de todos os homens, e o dia de juizo, no qual cada um ha-de receber conforme suas obras, e depois disto posto se parta o bispo para outra igreja.

Que nenhum dos bispos andando por seus bispados tome cousa alguma pelas igrejas, mais que o reconhecimento de sua dignidade, que são dous soldos, nem peça nas igrejas parochiaes a terceira parte das offertas do povo: mas aquella terceira parte se guarde para cêra, ou para a fabrica della, e cada anno se faça dali sua ração para o bispo, porque se elle tomar dali aquella terceira parte despojará a igreja de cêra, e de telhados, da mes-

Digitized by Google

ma maneira os sacerdotes que são Curas não os obriguem a servir aos bispos em materias nenhumas a modo de seus escravos, porque está escripto que não governem como senhores dos sacerdotes.

Que os bispos não recebam dadivas algumas por ordenarem aos clerigos, mas assim como está escripto, aquillo que recebem da mão de Deus graciosamente dêemno de graça, nem se venda a graça de Deus, e imposição das mãos por nenhum preço, porque a definição antiga dos padres assim o determinou ácêrca das ordens ecclesiasticas, dizendo que seja excommungado o que dér, e receber, porque algumas pessoas sujeitas a muitos crimes, e que servem indignamente no altar alcançaram esta dignidade, não por testemunho de boas obras, mas por grandeza de peitas: por tanto convém ordenar aos sacerdotes não por respeito de dadivas, mas primeiro por rigoroso exame, e depois por testemunho de muitas pessoas.

Que por aquelle balsamo bento, que pelas igrejas se costuma repartir para o juramento do baptismo, pelo qual se costuma a pedir a cada pessoa que o leva uma moeda chamada tremises, que é a terça parte de um soldo, se não peça daqui em diante cousa alguma, porque não é licito para saude das almas pela invocação do Espirito Santo, nós o vendamos da maneira que Simão Mago quiz fazer, e comprar por dinheiro o dom de Deus, e sejamos vendidos na condemnação eterna.

Que todas as vezes que os bispos forem rogados por algum fiel para consagrar igrejas, não peçam por isso dadiva alguma ao fundador, como se lhe devêsse: mas se elle por sua livre vontade offerecer alguma cousa se lhe não engeite: mas se estiver opprimido de pobreza ou necessidade, não lhe tomem cousa alguma. E com tudo advirta cada um dos bispos, que não consagre igreja sem primeiro lhe fazer patrimonio para serviço della, confir-

Digitized by Google

mado por doação em escripto, porque não é culpa leve, antes é temeridade consagrar uma igreja sem cêra, e sem renda para sustentação dos que hão-de servir nella, como se fôra uma casa particular.

Que se algum edificar igreja, não por devoção da fé, mas por interesse da ambição, parta com os clerigos ametade de tudo aquillo que nella se recolhe das offertas do povo, pois fundou a igreja em suas terras por causa do ganho, como em muitos lugares é fama, que se faz ainda agora: e isto se deve guardar daqui em diante, que nenhum dos bispos consinta em tão abominavel cousa, nem se atreva a consagrar igreja fundada mais debaixo de contribuição tributaria, que do patrocinio, e invocação dos santos.

Que cada um dos bispos mande por suas igrejas que aquelles que levam meninos ao baptismo, se voluntariamente quizerem offerecer alguma cousa por sua devoção se receba, mas se por necessidade, e pobreza não tiver cousa que offerecer, não lhe seja pelos clerigos tomado penhor algum contra sua vontade, porque alguns fieis com este temor deixem de trazer seus filhos ao baptismo, os quaes neste meio tempo, se por ventura partirem desta vida sem a agoa do baptismo, convém se tire conta de sua perdição áquelles, por temor de cuja avareza se apartaram da graça do baptismo.

Que se alguem demandar algum clerigo accuzando-o de fornicação se lhe peçam duas, ou tres testemunhas conforme o preceito do apostolo S. Paulo, o qual se não podér provar o que disse dando as testemunhas, a excommunhão que merecia o accusado, se dê ao accusador. Que depois que todas as cousas forem ordenadas no concilio dos sacerdotes se guarde em toda a maneira que a Paschoa que ha-de vir em cada anno se declare pelo bispo Metropolitano aos quantos dias do mez, e aos quantos da

Digitized by Google

lua se ha-de celebrar, o qual dia os mais bispos, e sacerdotes notarão no Calendario. E vindo o dia do Nascimento do Senhor, estando o povo presente o denunciará cada um em suas igrejas depois de se dizer o Evangelho. E no principios das Quaresmas ajuntando-se as freguezias vizinhas por tres, e correndo as igrejas dos santos cantando os Psalmos, celebrem Ladainhas, e ao terceiro ditas as Missas á hora 9.ª, ou 10.ª, e despedindo o povo se lhe encommende a guarda do jejum da Quaresma: e meada lhe lembrem que vinte dias antes lhe offereçam a purificação dos exorcismos aos meninos, que se houverem de baptizar.

Que por quanto por um erro introduzido pouco há, ou ainda pela antiga podridão da heresia corrupta de Prisciliano sabemos que alguns sacerdotes perseveraram no atrevimento desta presumpção, ouzando celebrar missas pelos defuntos depois de ter bebido vinho, e feito colação; por tanto isto se guarde com amoestação de sentença publica, e evidente, que se algum sacerdote depois deste nosso edito fôr comprehendido mais neste desatino de consagrar no altar não estando em jejnm, seja logo privado do seu officio, e suspenso das ordens por seu proprio bispo.

Sendo todas estas cousas expostas, e approvadas por todos, para guarda, e confirmação dellas, cada um assignou o estabelecido, e feito entre todos por accordão: se algum quizer quebrantar qualquer destes capitulos, e não uzar do disposto em todos elles, e se quizer tornar aos costumes desordenados, e reprovados, além de incorrer em excommunhão de todo o concilio, saiba que tem sobre si a verdadeirissima sentença da privação de sua dignidade. Assim assignaram todos.

Digitized by Google

CAPITULO 35.

Em que se dà noticia do terceiro concilio Bracharense feito por mandado del-rei Bamba, presidindo nelle Leodigio bispo de Braga.

Deu el-rei Bamba ordem para que no 4.º anno de seu reinado se juntasse concilio em Braga, sendo que no mesmo anno havia outro em Toledo, no qual assistio o proprio Rei. E juntando-se na dita metropole de Braga o concilio em que presidio Leodigio bispo da dita igreja, e Juliano bispo de Sevilha, Genetio bispo de Tui, Frœarico bispo de Briteiros, Izidoro bispo de Astorga, Alario bispo de Orense, Rectogoro bispo de Lugo, Hidulpho bispo de Iria, no anno de 675, o que se tratou no dito concilio é o seguinte.

Congregados por ordem do Espirito Santo na cidade de Braga, e juntos para haver de tratar das ruins cousas, que com termo ruim se fazem dentro na igreja, porque ajudando-nos aquelle que diz se achará no meio de dous ou tres, aonde quer que forem juntos em seu nome: tiremos de raiz os erros mal introduzidos levantando-nos contra elles com animo conforme, e igual desejo de devoção, ajuntando-nos pois em um corpo, e congregação Synodal. Sentando-se cada qual no lugar que lhe é devido, comecemos primeiro a tratar do sacramento da santa fé, porque com a vaidade dos que disputam, ou com a ignorancia dos que pouco sabem senão ache algum erro neste sacramento. E como nos apurassemos na verdadeira fé, e nella nos achassemos como em espelho incontaminados: démos graças ao Omnipotente Deus de vêr que a nenhum de nós escurecêra a nevoa do horror scismatico, mas a todos nos mostrou idoneos neste sacramento a simples, e verdadeira prégação Evangelica, e tambem porque esta regra de nossa fé a tornamos a proferir com as proprias

Digitized by Google

palavras, e sentenças com que sabemos foi declarada no concilio Nicenio. (*Aqui repetindo o credo de verbo ad verbum*). Depois do sacramento desta nossa fé se referio no ajuntamento de todos nós um manifesto em que jazem outros da seita de Prisciliano, que foi condemnado nas constituições mandadas dos padres de Africa, e Orense a esta santa igreja de Braga por mão de um veneravel sacerdote, cuja lembrança nos serve de honrosa benção: o qual se deve atalhar com tanto artificio de sabedoria, quanta é a perversidade com que se prova ser ensinada: porque de certas pessoas nos foi referido, que offereciam nos sacrificios do Senhor leite em lugar de vinho, e que tinham para si haver-se de dar ao povo a Eucharistia lançada no vinho para inteireza da communhão. E o porque de todas estas cousas é, que não faltam assim sacerdotes que põe suas iguarias nos vasos do Senhor, e costumam comer nelles. De outros sacerdotes se nos disse, que esquecida a ordem do costume ecclesiastico, costumam dizer Missa sem estolla: e que nas solemnidades dos martyres lançando reliquias ao pescoço, e sentados em cadeiras tem para si que é justo serem levados não menos que pelos diaconos revestidos em alvas, e que tambem muitos sacerdotes sem approvação moram com mulheres, e que alguns delles opprimem a seus irmãos, honrados já com gráos de ordens, com açoutes inconsiderados: além disto que alguns levados da cobiça Simoniaca approvam debaixo de concerto aquelles que se hão-de ordenar, para que depois de ordenados recebam delles o dinheiro promettido: e que debilitam, e diminuem os criados da igreja em seu proprio serviço fazendo damno nas cousas ecclesiasticas. Todas as quaes cousas nos pareceu ajuntar em ordem de titulos apartados, porque não pareçam referidas confusamente.

Como quer que todo o crime, e peccado se apague

Digitized by Google

com sacrificios offerecidos a Deus, que fica para dar em satisfação a Deus, de delictos, quando na propria oblação do sacrificio se comettem erros! Ouvimos certamente que algumas pessoas engolfadas na ambição scismatica offerecem nos divinos sacrificios leite em lugar de vinho contra as disposições das divinas constituições apostolicas, outros que dão ao povo a communhão Eucharistica lançada em vinho. Outros offerecem vinho espremido da uva no sacramento do calix do Senhor, a qual cousa é mui contraria á doutrina evangelica, e apostolica, e contraposta ao costume ecclesiastico: com facilidade se prova da fonte da verdade, de que ordenados procederam os proprios mysterios sacramentaes. Porque quando o verdadeiro mestre da verdade encommendou a seus discipulos o verdadeiro sacrificio da nossa saude, sabemos que lhe não foi encommendado leite debaixo deste sacramento, mas pão, e vinho sómente, e assim o diz a verdade evangelica: tomou Jesus o calix, e benzendo-o o deu a seus discipulos. Deixe-se logo de offerecer leite no sacrificio, pois nos resplandece um claro e manifesto exemplo da verdade evangelica, o qual não deixa offerecer outra cousa fóra de pão, e vinho. E quanto em se dar ao povo por inteireza da communhão a Eucharistia junta com o sacramento de sangue, nem isto admitte o testemunho trazido do Evangelho, onde encommendou aos apostolos seu corpo, e sangue: porque apartadamente se faz recommendação da encommenda do pão, e calix: porque pão molhado não consta que Christo désse senão áquelle discipulo a quem a sôpa molhada declarasse por vendedor de seu mestre sem mostrar a instituição deste sacramento. E quanto o commungar o povo com vinho espremido de cacho, e bagos de uvas, é cousa demasiadamente confusa, porque o calix do Senhor (conforme disputa certo doutor) deve-se offerecer em agoa, e vinho misturado, porque vemos na agoa entender-se o povo, e no vinho o sangue de Christo:

Digitized by Google

por onde quando se lança no calix agoa e vinho, de tal modo se mistura e incorpora com aquelle em quem crê, a qual incorporação e ajuntamento de agoa e vinho de tal modo se mistura no calix do Senhor, que aquella comixtão se não póde separar. Por onde se algum offerecer vinho sómente, começa o sangue de Christo a estar sem nós, e se a agoa estiver só, começamos a estar sem Christo: pelo que quando se offerece o cacho sómente no qual se mostram só os affectos do vinho, se passa por alto o mysterio de nossa redempção significado na agoa: por onde não póde o calix do Senhor ser a agoa por si só, ou vinho apartado, se um e outro senão mistura; e porque desta materia procedem já muitas, e mui notaveis sentenças de nossos antepassados, a religiosa piedade dos quaes para com Deus nos ensinou os copiosos effeitos deste sacramento, e nos declarou suas verissimas instituições, convêm que todo o erro, e presumpção semelhante cesse daqui em diante: porque a desordenada união dos máos não enfraqueça o estado da verdade. Por tanto não seja deste tempo em diante licito a pessoa alguma offerecer outra cousa nos divinos sacrificios senão fôr pão sómente, e o calix misturado com vinho, e agoa, conforme aos decretos dos concilios antigos, e fazendo daqui em diante alguem fóra daquillo, que está mandado; não sacrificarão tanto tempo, até que emendado com legitima satisfação de penitencia torne ao officio da dignidade que perdeu.

Deve-se provêr com toda a diligencia, e cuidado que aquelles a cujo cargo parece estar o governo não sejam vistos fazer afronta aos celestes sacramentos; porque nos foi dito, o que é horrivel de ouvir, e abominavel de crêr, que alguns sacerdotes levados de sacrilega temeridade preparam para seus proprios serviços os vasos do Senhor, pondo nelles as iguarias em seus banquetes; da qual maldade pasmamos, e choramos, vendo que a humana teme-

Digitized by Google

ridade prepara para si mesma no seu convite aquelles vasos em que sabe ter sido invocado o espirito do Senhor. E depois de farto com os guizados da carne naquelle logar em que foi visto celebrar os divinos mysterios, e naquelles mesmos vasos em que sómente offereceu os sacramentos para perdão de seus peccados, naquelles mesmos satisfaça a vontade de seus passatempos. E por tanto a pessoa que daqui por diante fôr de tal presumpção, que conhecendo o uzo dos divinos vasos o mudar a seu serviço, e comer, e beber nelles, será condemnado á privação do grão, ou officio que tiver, de tal modo que sendo secular fique sujeito a perpetua excommunhão, e sendo religioso fique suspenso de seu officio, e debaixo da sentença de excommunhão se comprehenderão tambem aquelles que sabendo-o tomarem para seus uzos proprios os ornamentos ecclesiasticos, véos, ou quaesquer vestimentas, ou alfaias, ou as entregarem a outrem para serem vendidas, e arrematadas.

Porque sabemos ser mandado por antiga instituição da igreja, que a todo o sacerdote quando é ordenado, se lhe cinjam ambos os hombros com a estola para que aquelle que se manda estar sem temor entre as cousas prosperas e adversas appareça sempre cercado em um, e outro hombro da virtude; porque razão pois não toma ao tempo de sacrificar aquillo, que não duvída ter recebido no sacramento de sua ordenação? pelo que convém em toda a maneira, que aquillo que foi dado a cada um na consagração de honra, isto mesmo conserve na oblação, ou recebimento de sua saude de tal modo, que quando o sacerdote se chega á solemnidade da Missa, ou para offerecer sacrificio a Deus por si mesmo, ou para receber o sacramento do corpo, e sangue do Senhor, não chegue de outro modo que com a estola posta em ambos os hombros da maneira que foi consagrado ao tempo que lhe deram

Digitized by Google

as ordens, de tal maneira que apertando o pes coço por cima dos hombros venha a fazer com a estola diante dos peitos o signal da cruz; e se algum fizer outra cousa fique sujeito á pena de excommunhão merecida.

Ainda que a antiga instituição dos canones ordenasse muitos preceitos, e resolutas constituições sobre atrevimento semelhante; nós com tudo, attendendo ábrevidade, e desejando tirar toda a occasião de fornicação determinamos com toda a authoridade, que se guarde o seguinte:

Que nenhum sacerdote, ou pessoa ecclesiastica, sem honesto, e competente testemunha presuma tratar secretamente com quaesquer mulheres estranhas, senão fôr com sua propria mãe sómente, e não só deixe de tratar com mulheres estranhas, mas tambem com suas proprias irmãas, e parentas: para que libertado elle com as proprias irmãas e parentas senão faça mais intromettido para cometter maldades, e o transgressor deste preceito saiba que ficará sujeito á lei da penitencia por espaço de seis mezes.

Pois é cousa proveitosa para os sacerdotes tratarem os mysterios divinos, todavia se ha-de ter grande resguardo, que não torça cada um em uzo de sua maldade propria aquillo com que deverá contentar só a Deus mediante a pureza de sua consciencia. Pois está escripto «Ai daquelles que fazem a obra do Senhor enganosa, e tibiamente.» Pelo que sendo referido em nosso ajuntamento para lhe pôr termo na detestavel presumpção de alguns bispos, soubemos que alguns delles quando hão-de ir ás igrejas nas solemnidades dos martyres lançam as reliquias ao pescoço para que com a gloria de maior aparato se ensoberbecerem diante dos homens, e se verem levados em certas cadeiras por diaconos revestidos em alvas, como se elles fossem arcas das sagradas reliquias: a qual presumpção detestavel deve ser derogada em tudo, porque não prevaleça sómente a vaidade disfarçada da apparencia de

Digitized by Google

santidade se o respeito de cada estado não conhecer o modo que lhe é devido: por tanto se guardará neste particular e antigo, e solemne costume, que em quaesquer dias de festa levem sobre seus hombros a arca do Senhor, não os bispos, senão os Levitas, aos quaes sabemos que na lei velha foi encommendada a mesma obrigação. Mas se o bispo quizer levar por si mesmo as reliquias, não seja elle levado em cadeira pelos diaconos, mas a pé em companhia da procissão do povo, que vae dos ajuntamentos que se costumam fazer nas santas igrejas, e deste modo serão as reliquias do Senhor levadas pelos mesmos bispos. E quem sabendo estes estatutos dilatar a execução delles, em quanto viver no cargo será suspenso da administração do sacramento do altar.

Como quer que o apostolo mande arguir, e increpar com toda a paciencia, soubemos que alguns de nossos irmãos deixada esta doutrina se indignam contra alguns que são ordenados, e os maltratam com tantos açoutes, quantos poderão merecer salteadores de caminhos, por tanto aquelles que já mereceram gráos ecclesiasticos, como são sacerdotes, abbades e diaconos, que fóra das graves, e mortaes culpas não devem ser sujeitos a castigo de açoutes, nem é conveniente que qualquer prelado a cada passo, e conforme seu gosto e vontade, os sujeite a castigo de açoutes; sendo elles os seus mais honrados membros: porque não aconteça, que ferindo elle os membros, que lhe são sujeitos perca a reverencia que lhe devem seus subditos, conforme aquillo que certo sabio disse; — o que é castigado brandamente tem respeito a quem o castiga, e a reprehenção com aspereza de amizade nem admitte correcção, nem emenda. — Por tanto se algum levado sómente da malicia voluntaria, e ensoberbecido com a licença da dignidade que tem, imaginar que devem ser castigados deste modo rigoroso, como fica dito, os sobreditos sub-

Digitized by Google

ditos honrados jé com ordens, conforme o modo dos açoutes que lhe dér, será castigado com a pena de excommunhão, e desterro.

Porque não convém que o dom do Espirito Santo se compre a dinheiro, posto que sobre esta materia haja diversos documentos dos canones antigos, todavia porque é necessario que se atalhe mais vezes o que sem cessar se comette: Por tanto instituindo uma fórma de nova constituição: ordenamos que quem quer que por dar gráo de sacerdote a qualquer que seja aceitar dadiva alguma, ou promessa della, assim antes como depois de ordenado, e consentir de algum modo ser peitado por respeito ou áquelles que deu, ou ao que recebeu, será privado do seu gráo conforme a sentença do concilio de Calcedonia.

Não convêm aos reitores das igrejas ser diligentes na administração das cousas proprias, e remissos nas da igreja. Porque dizem que alguns sacerdotes desbaratam os criados da igreja com seu proprio serviço, acrescentando o proveito da fazenda propria, e conservando a destruição das cousas de Deus: por onde quem quer que por esta negligencia differir o melhoramento das cousas divinas será obrigado com particular preceito para que sendo caso que com as cousas da igreja, e suas rendas accrescente proveito á sua fazenda propria, e houvesse com isto negligencia em melhorar os bens ecclesiasticos, e lhes cauzasse destruição e perda, restitúa á igreja tudo o que lhe diminuir em seus bens, a cujo custo, e despeza se prove ter accrescentado sua fazenda, e se por ventura gastou alguma cousa do seu pelo proveito e substancia da igreja, e recebeu alguma perda, e fez alguma despeza, que claramente se prove, se lhe recompense tudo da fazenda da mesma igreja, em cujo proveito se prova que fez as taes despezas. E com isto damos graças ao Omnipotente Deus, depois rogamos pela paz, saude, e muitos

Digitized by Google

annos de vida do poderosissimo rei Bamba, amador de Christo Nosso Senhor, cuja devoção nos ajuntou a este salutifero decreto, rogando á clemencia divina, que para gloria de Christo confirme seu reino até á ultima velhice, e no-lo conceda aquelle Deus que com o Padre, e Espirito Santo vive em gloria para sempre dos sempres. Amen. Assignado por todos com suas proprias mãos.

CAPITULO 36.°

Em que se dá conta do primeiro concilio Bracarense, o qual se não conta na ordem dos concilios.

No anno de Christo de 410, durante o lastimoso cêrco da cidade de Roma que durou dous annos, Gundarico rei dos Vandalos, e Hermerico rei dos Suevos, e Resplandião rei dos Alanos, gentes septentrionaes; vendo os Godos os Romanos postos em armas, determinaram todos tres unanimes, e conformes passar á Hespanha, e passando por Italia, e França fazendo muitos roubos, e mortes, vieram ter aos Montes Pirineos com duzentos mil homens de armas, e supposto que lhe foi estorvado o passo por muitos dias por Tadimo, e Valeriano capitães Hespanhoes com muito animo, e esforço fazendo cousas notaveis na defenção de sua patria; com tudo no cabo foram derrotados os Hespanhoes, e os barbaros entraram na Hespanha a 12 de Outubro de 411, e nella fizeram muitas mortes, e roubos, assolaram cidades, e villas, profanaram os templos de Deus, e chegaram até cêrca da cidade de Lisboa, a qual foi livre por intercessão dos santos martyres Verissimo, Maxima, e Julia padroeiros da dita cidade, que puzeram tão grande temor, e espanto nos barbaros, que com pouco dinheiro, que lhe deram levantaram o sitio.

Estando as cousas nestes termos, Pancracio bispo me-

Digitized by Google

tropolitano da cidade de Braga, convocou os mais bispos vizinhos para consultar o remedio que se havia tomar em tanta tribulação em a metropolitana Sé de Braga, se ajuntaram Pancracio bispo, e Lipando bispo de Coimbra, Pamerio de Idanha, Arisberto do Porto, Theodato de Lugo, Galacio de Merida, Pontamio de Agueda, Tiburcio de Lamego, Agathio de Iria, bispo de Numancia, e o bispo de Braga fez a pratica seguinte:

«Manifesto vos é, irmãos, e companheiros meus, como as gentes barbaras destroem toda a Hespanha, e destroem os templos, e põe a espada nos servos de Jesus Christo, profanam a memoria dos Santos, seus ossos, templos, e sepulturas. Quebram as forças do imperio trazendo tudo na mesma inquietação que tem as estrellas movidas com a furia do vento. A força das provincias de Celtíberia, e Carpetania, e todas as mais até os Pirineos estão debaixo de seu poder; e porque esta desaventura está quasi pendendo sobre nossas cabeças, me pareceu chamar-vos para que cada um proveja as cousas que tocam: e todos juntamente á commum necessidade da igreja. Provejamos, companheiros, o remedio das almas de nossas ovelhas, porque a multidão dos trabalhos os não constranja a seguir o conselho dos máos, preseverar no caminho dos peccados, e descançar no assento pestilencial apostatando da fé verdadeira, e para isto ponhamos diante dos olhos de nossos subditos exemplos de nossa constancia, padecendo por Christo parte dos muitos tormentos que elle quiz padecer por nossa causa: e porque alguns dos Alanos, Suevos, e Vandalos são idolatras, e outros seguem a herezia Ariana, me pareceu de vosso consentimento promulgar excommunhão contra semelhantes erros para maior segurança da fé catholica. Que vos parece? — Responderam todos. — Justo, santo, e conveniente negocio. — Respondeu Pancracio. Creio em Deus, uno, verdadeiro,

Digitized by Google

II. (1)

O ESTUDO DA LINGUA GREGA, E LATINA.

E' necessario para o perfeito conhecimento da Portugueza.

Qualquer que seja o estado, profissão, ou mister, que o homem tenha na sociedade, o communicar os seus, e perceber os alheios pensamentos, é tão absolutamente necessario, que de maravilha se chegaria a constituir associação humana sem o amplo gozo de prerogativa tão preciosa. Sobe porem de ponto esta necessidade para quem cultiva suas faculdades intellectuaes; não é sómente a limitada, natural, e simplicissima linguagem de uso vulgar, que tem de comprehender, é indispensavel ainda estudar e conhecer á extensa, artificiosa, e, não poucas vezes, abstrusa, em que se exprimem as puras abstracções, as concepções sublimes do espirito.

Com as escassas, e imperfeitas noções, que na puericia aprendemos de nossos paes (embora no decurso dos annos, pela maior largueza de relações, e desenvolvimento da intelligencia, se accrescentem, e esclareçam) não ha preencher, e attingir cabalmente aquelle importantissimo fim; releva estudar por preceitos e regras a lingua materna.

(1) Continuado do Tomo 11.° deste Jornal, pag. 433.

Digitized by Google

Alem de se corrigirem por tal estudo os numerosos erros, que pelo commercio de pessoas indoutas se houverem insinuado, adquirir-se-ha certeza e atilamento no que se fallar, e escrever; grangear-se-ha mais larga copia de palavras, e dellas se usará com propriedade; ampliar-se-ha a lingua pelas conhecidas regras de compôr e derivar, juntando-se-lhe palavras externas com soffrivel corrupção, e formando-se de novo outras; saber-se-ha fugir de termos estranhos, ainda não recebidos, quando os haja proprios; obter-se-ha finalmente com maior facilidade e sem perda de tempo a perfeita intelligencia de outras differentes linguas, pois que, tendo todas principios communs, acharão nellas os principiantes menos, que estudar, todos os rudimentos, que levarem sabidos da materna.

Estas, e muitas outras vantagens, que seria longo memorar, persuadiram os governos de todas as nações cultas, antigas e modernas, a estabelecer escolas deste genero d'ensino. Foi por este methodo e espirito de educação, que as linguas Grega e Romana chegaram a elevar-se ao gráo de gosto e perfeição, em que se viram nos formosos seculos de Athenas e Roma, e que bem testemunham as excellentes e inimitaveis obras, que delles ainda nos restam; é tambem a este plano de estudo que as nações modernas da Europa devem as obras primas de sua litteratura.

Entre nós os Portuguezes (que nos podemos pavonear com a honrosa primazia do descobrimento desta conveniencia d'estudo muitos annos antes que em França se reconhecesse) ha já longo tempo que se ensina a lingua Portugueza por arte, como indispensavel preparatorio para o estudo da Latina, se bem que no desempenho deste dever houve reprehensivel negligencia da parte de muitos professores, que, ou por se esquivarem ao trabalho, ou

Digitized by Google

para agradarem aos paes de seus discipulos, dando-os por promptos em menos tempo, que o que lhes prescreviam as instrucções, os dispensavam deste estudo com grave quebra do publico ensino.

Esta criminosa corruptela remediou felizmente, alguns annos ha, o Snr. José Vicente Gomes de Moura, distincto Filologo e Humanista, com a publicação do seu *Compendio de Grammatica portugueza e latina*, em que compaginou as doutrinas das duas Grammaticas, a primeira das quaes; segundo ordenava o Alvará de 30 de Setembro de 1770, deviam ensinal-a os professores de Latim pelo espaço de seis mezes, antes de se entrar no estudo da Latina. Ao presente o estudo da Grammatica Portugueza commodamente acompanha o da Latina; porque os principios geraes de Grammatica são applicaveis ao ensino de uma e outra Lingua; e a ordem geral das doutrinas é a mesma em ambas as Grammaticas. Nem era filosofico separar o estudo de duas Linguas, ligadas por tão intimo parentesco, como é o de mãe e filha

Com quanto porem seja commum opinião de nossos Filologos, que a Lingua Portugueza é filha primogenita da Latina, não é todavia tão universalmente recebida esta verdade, que alguns escriptores de merecido renome a não hajam negado e combatido. Permitta-se-nos tocar ligeiramente esta materia pela connexão, que tem com o nosso objecto sob a face, pela qual agora o olhamos.

O Academico *Antonio das Neves Pereira*, crêmos nós, foi o primeiro que pertendeu envilecer o predicamento de filiação Latina, que desde o tempo de *João de Barros* até nossos dias geralmente se tem concedido á Lingua Portugueza. Desagradou-lhe o que o enthusiasmo do nosso *Camões* fingiu elegantemente de *Venus*, que era afeiçoada á Lingua Portugueza,

Digitized by Google

....., na qual quando imagina
Com pouca corrupção crê que é Latina (1).

imagem poetica, que, posto que não funde em materia de Filologia Portugueza lei decisiva, exprime todavia a opinião do principe dos poetas Portuguezes, e a dos homens doutos d'essa épocha. Regeitou o testemunho de todos os que depois de *Camões* têem repetido o seu conceito delle; lastíma a cegueira de taes criticos, e tem para si, que, a argumentar-se pela *semelhança dos nomes, imitação dos verbos, e propriedade dos vocabulos*, mais semelhança tem a Lingua Portugueza com a Grega, que com a Latina. Taxou de *pueril* a prova tirada de varios poemas, que *com pouca mudança da pronunciação já se léem em portuguez, já se léem em latim*, os quaes versos, no entender, têem, pela maior parte, mais de *macarronico*, do que de legitimo Latim, como obra *feita de aposta* (2).

Em nossos dias um dos mais esclarecidos luminares de nossa Litteratura pertendeu demonstrar, em uma extensa e erudita Memoria, não só os simplices acertos de *Antonio das Neves Pereira*, mas a grave injustiça, com que a Lingua Portugueza ainda goza da duplicada prerogativa de filha primogenita da Latina (3). Mas, ainda bem, não valeram as fadigas, e subidos creditos de tão valente campeão a desbautizál-a de tão nobre titulo; continuará na posse desse antigo fôro. Em obra contemporanea bem reputada se acham refutados cabalmente, um por um, os singulares argumentos daquelle insignissimo

(1) Lusiad. Cant. 1.

(2) *Ensaio Critico sobre qual seja o uso prudente das palavras de que se serviram os nossos bons escriptores do seculo* XV, e XVI etc. — Tom. 4. das Mem. de Litt. Port. da Ac. R. das Sc. de Lisboa.

(3) *Memoria em que se pertende mostrar, que a Lingua Portugueza não é filha da Latina*, etc. por D. Francisco de S. Luiz. — Mem. da A. R. das Sc. de Lisboa. Tom. XII. Part. 1. 1837.

Digitized by Google

escriptor, e produzidos outros mui ponderosos em abono e confirmação da primitiva crença dos *Barros*, dos *Camões*, dos *Severins*, *Vieiras*, *Furias* etc. (1).

Por ventura dominados por esta veneranda crença, melhor diriamos, convicção profunda, é que todos os que, entre nós, mais desveladamente se têem dado ao estudo da lingua materna, julgam de todo ponto impossivel conhecer as suas gálas e formosuras, e adquirir seu riquissimo cabedal de frazes e vocabulos, sem o prévio e mui aturado estudo dos monumentos da Latina, que afincadamente recommendam. Nestes claros e terminantissimos termos se exprime um A. de grande nome: «Ouso dizer, sem temor d'exageração, que quem quizer entender os nossos classicos, e ter um conhecimento completo dos termos e expressões da nossa lingua, precisa saber a Latina, porque della tiramos a maxima parte dos vocabulos e fórmas, e só ella nos pode conduzir na decomposição dos termos, e revelar-nos sua verdadeira significação; sem o seu conhecimento julgo absolutamente impossivel, que ninguem possa saber soffrivelmente o Portuguez». Um outro escriptor mui abalisado, fallando dos subsidios necessarios ao estudioso da Lingua Portugueza, diz ácerca da necessidade do conhecimento da Latina estas notáveis palavras: «Sem esta luz marchará como ás escuras em o entendimento, e analyse de nossos termos, de nossas locuções, em grande parte tomadas desta lingua mãe, a quem tem recorrido todos os dias em caso de mingua, como a quem melhor pode soccorrel-a com sua riqueza caudal» (2).

(1) *A Lingua Portugueza é filha da Latina, ou Refutação da Memoria em que o senhor patriarcha eleito, D. Francisco de S. Luiz nega esta filiação.* — Lisboa 1843.

Em confirmação do juizo, que fizemos desta obra, e da justa reivindicação, que nella se sustenta, vejam-se *Reflexões Ethnograficas*, *Philologicas* e *Historicas* etc. pelo Snr. A. Herculano — Panorama — 2.ª Serie — Vol. III.

(2) *Considerações sobre a lingua portugueza, e seu estudo.* — Pelo Snr. A. de M. F.

Digitized by Google

Em verdade todos os nossos Poetas de renome, e Historiadores insignes, seguiram os Romanos, apropriando-se a locução e estylo, e até adoptando, ás vezes, suas divisões metricas, e chronologicas. Por conta de tão louvavel imitação é que logramos a ventura de citar antonomasticamente o *nosso* Plauto, o *nosso* Cicero, o *nosso* Livio etc., quando queremos fallar de *Gil Vicente*, *Jeronymo Osorio*, *João de Barros*, etc.

Não se entenda porem que sómente dos Classicos Latinos da florente idade da lingua recommendam nossos escriptores o estudo; por conveniente e necessario aconselham ainda o dos AA., que escreveram já na ultima decadencia, e com justa rasão; que por ventura dos corruptos documentos dessa épocha herdámos boa parte, senão a maior dos vocabulos, que possuimos. O erudito *João Pedro Ribeiro* pertende se collijam em especial Glossario todos os termos do Latim barbaro, obra indispensavel para a intelligencia dos documentos dos primeiros seculos da nossa monarchia (1). O mesmo estudo (do Latim Barbaro) recommendára tambem já o Legislador dos Estatutos novissimos da Universidade de Coimbra (2).

E' todavia geral opinião dos Filologos, que não pode alcançar-se conhecimento cabal da Lingua Latina sem o prévio estudo da Grega, as quaes em muitas escolas estrangeiras se ensinam em commum. A seu estudo indefesso deveram os Latinos a fórma, perfeição, e riqueza da sua, segundo o commum sentimento dos homens eruditos (3). De maravilha apparecia em Roma na florentissima idade dos Ciceros e Virgilios mancebo ingenuo, e de boas prendas, que não tomasse singularmente a peito o

(1) *Reflexões Filologicas.* — Parte 2.ª n.º 3.
(2) L. II. Tit. VI. Cap. III. §. 48.
(3) Alguem ha que pertende, que a Lingua Latina, formada pelas dos antigos habitantes do Lacio, se achasse já polida ao gosto dos Romanos antes da communicação destes com os Gregos; mas esta opinião é singular, e destituida de fundamento.

Digitized by Google

estudo da Lingua Grega (1). De muitos contam os Historiadores (nomeadamente de *J. Pomponius* o affirma *Cornelius Nepos* (2)) a entendiam e fallavam tão despejada e elegantemente, que mais pareciam nascidos e educados em Athenas, do que naturaes, e moradores de Roma. Nem pode comprehender-se como, ignorando-se o Grego, possa dar-se a rasão da etymologia, e noção primitiva dos vocabulos, da orthographia, e da syntaxe da Lingua Latina, tão basta de hellenismos, que é um dos maiores enleios dos mancebos que a estudam conhecel-os e explical-os.

Não é sómente ao estudo da Lingua Latina que presta valiosos subsidios a Grega, tambem os ministra directos e muito proveitosos á Portugueza.

Quem se dá á lição, e ao estudo de nossos classicos, diz um respeitavel Filologo de nossos dias, vê-se a cada passo atalhado, sem poder atinar com o verdadeiro entendimento de muitas passagens; e então recorre por necessidade aos subsidios, que lhe ministra a litteratura Grega. Quem lêr, por exemplo, em Fr. Luiz de Souza aquella passagem da *Parte segunda* fol. 101 da *Historia de S. Domingos*: «Aqui temos o lecyto da velha de Elias:» achar-se-ha embaraçado para alcançar a noção de *lecytos*, folheará de balde os Diccionarios, e só em algum Lexicon Grego deparará com a verdadeira significação daquelle termo, que tanto quer dizer como *almotolia*.

E' que nossos escriptores de mais culto e estremado dizer eram tambem consumados na erudição das lettras

---

(1) *Cicero* no Proemio dos seus *tres livros sobre as obrigações civis* diz a seu filho, então residente em Athenas a frequentar a escola de *Cratippo*, que *sempre unira, para seu proveito, as lettras Gregas com as Latinas, e que era sua tenção que elle fizesse o mesmo.*

(2) « Sic enim Græce loquebatur, ut Athenis natus videretur». Vita T. Pomponii Attici. — Cap. 4.

Foi desta singular prenda que lhe veio o appellido *Atticus*.

Digitized by Google

Gregas, (cujos exemplares versavam com mão noeturna e diurna), mostrando-a a cada passo não só nas continuadas elegancias do seu estylo, no proprio tecido e construcção dos discursos, mas ainda nos termos, que della adoptam em algum feliz desatino.

Nem é sómente uma ou outra palavra grega, que se acha incorporada na Lingua Portugueza; são muitas as moedas, tiradas dos thescuros da Grecia, que giram entre nós, retocados os cunhos pelo nosso buril. São muitos os termos gregos que, como é sabido, nos vieram da primitiva linguagem dos Luzitanos, e por ventura mais serão os posteriormente adoptados, ou derivados. Uns quinhentos vocabulos Portuguezes derivados do Grego nos diz *André de Resende* chegára a colligir; á Academia Real das Sciencias de Lisboa offereceu tambem um dos seus Socios, ha pouco fallecido, insignissimo cultor das Lettras Gregas, o *Ensaio de um Indice das palavras, adagios, dictos, sentenças, annexins, e phrases, que a Lingua Portugueza tirou da Grega, sem passarem pelo intermedio da Latina.*

(*Continuar-se-ha.*)

R. de G.

Digitized by Google

REVISTA LITTERARIA.

Compendio de Grammatica Latina e Portugueza, *por José Vicente Gomes de Moura, professor jubilado na cadeira de Historia Universal e Portugueza do Real Collegio das Artes, hoje Lycéo de Coimbra. Quarta Edição. Coimbra: na Imprensa da Universidade* 1844.

E' cousa muito para admirar, que, sendo a nação Portugueza, se não a primeira, ao menos uma das que primeiro se deram ao estudo da lingua Latina, sómente ha desaseis annos possúa um Compendio completo de sua Grammatica, escripto em vulgar com simplicidade, methodo, e clareza.

Todos sabem, que o *Novo Methodo*, e *Compendio* de *Antonio Pereira de Figueiredo*, e a *Grammatica da lingua Latina* de *Antonio Felix Mendes*, eram os unicos Compendios ultimamente adoptados para uso das escholas; e ninguem tambem ignora, dos que o leram e estudaram fal-

Digitized by Google

lamos, que pela nimia extensão do primeiro (carregado de notas, aliás eruditissimas, porem impertinentes naquelle genero de escriptos) e extrema brevidade dos ultimos, nenhum destes livros tinha os dotes de um bom Compendio.

Em todos faltavam os Elementos da Grammatica Portugueza, que nelles se deviam achar reunidos, para facilitar nas escholas o estudo da lingua materna, authorisado pelo exemplo das nações mais cultas, antigas e modernas, e estreitamente ordenado por nossas leis; em todos faltavam regras essenciaes de Syntaxe, como são as de collocação das palavras e das orações, a noticia dos Tropos e Figuras, a Arte Metrica, a Orthographia, em uma palavra, muitas doutrinas importantes, em que deviam ser bem instruidos os alumnos das escholas de Latinidade, forçados a supprir estas ommissões pela leitura de outros livros, publicados por outros escriptores, e por ventura por diverso desenho.

Já em 1823 havia o Snr. *José Vicente Gomes de Moura* notado estes e outros defeitos e irregularidades, e definido as condições, que se requeriam, para que qualquer Compendio de Grammatica Latina podesse ser util e commodo (1); mas de tantos professores insignes, que então havia por todo o reino, não appareceu um só, que, trilhando a nova estrada, apontada por aquelle célebre Humanista, ousasse fazer e publicar melhor obra. Triste fatalidade das nossas lettras! Havendo nós tido tantos varões distinctos nos diversos ramos dellas, poucos, e só de longe em longe, se têem aventurado a estampar as suas lucubrações!

Correram dessaseis annos, e o Snr. *José Vicente*, tendo já escripto quanto bastaria para illustrar os nomes de

(1) Noticia succinta dos monumentos da lingua Latina, etc. Parte 1.ª §. 3.º, pag. 260.

Digitized by Google

muitos homens, tomou ainda a seu cuidado a difficil empresa de organisar o tão desejado e necessario Compendio de Grammatica Latina e Portugueza, que veio a publicar em 1829, engastando mais esta pedra preciosa em seu diadema litterario. Por Resolução Regia de 29 de Janeiro do mesmo anno foi approvado, e apóz dous annos repetida, e consideravelmente corrigida e melhorada a edição.

Este relevante serviço, e outros muitos que antes havia prestado, foram pagos em 1834 com a expropriação da sua cadeira de professor, e demissão dos importantes cargos litterarios, que exercia! E ainda para cumulo de ingratidões e despresos reimprimiram este seu Compendio, sem o consultarem (residindo em Poyares, a quatro leguas de Coimbra) para vêr se queria fazer-lhe alguns retoques; pois muito bem conhece o Snr. *José Vicente*, que os Compendios podem e devem sempre melhorar-se nas reimpressões, porque o aperfeiçoamento do ensino dahi depende, e o progresso do espirito humano assim o exige.

Temos grande satisfação de havermos denunciado esta injúria, e crêmos firmemente, que, a não ser o nosso sincero zelo pelo renome do eximio professor (1), mais vezes se reimprimiria o Compendio sem as correcções e acrescentamentos, com que agora se publicou.

Nesta accuratissima Edição alem dos uteis retoques, que o Snr. *José Vicente* fez no todo da obra, reuniu no couce della, em fórma de Notas, alguns logares, cujo conhecimento não é urgente nos primeiros tempos do estudo, notando no texto em caracter menor outros, que por ventura se poderão tambem reservar para os alumnos mais adiantados.

Tambem accrescentou algumas doutrinas de evidente

(1) No Tomo 10.° deste Jornal pag. 100, démos uma noticia succinta da vida e escriptos do Snr. *José Vicente*.

Digitized by Google

utilidade para os alumnos, quando passam a lêr os poetas mais difficeis, onde se acham palavras, fórmas de palavras, significações e figuras assim de syntaxe, como de palavras, nunca ou pouco usadas nos escriptores de prosa, e em cujo uso consiste a *Grammatica Poetica*.

Podemos pois gloriar-nos de possuir um *Compendio de Grammatica Latina e Portugueza* completo a todos os respeitos. Dilate Deus a vida de seu A., para que em futuras edições, que muitas lhe agouramos, o aperfeiçoe ainda mais, e mormente para que leve ao cabo a grandiosa empresa, em que ao presente se acha empenhado.

(*) E' a confecção de um Diccionario da lingua Grega ao qual serve de texto a edição de Hederico, de Leipsik de 1796, augmentada porêm com muitos vocabulos que nesta faltam, extrahidos de diccionarios posteriores; e acompanhada de uma *Noticia* dos AA. gregos, com a declaração das suas edições mais notaveis. Esperamos e confiamos que esta obra, que se acha em mais de metade da sua publicação, dirá mais de si e do seu principal author, do que todos os elogios que houverem de se lhe fazer.

R. de G.

Digitized by Google

Pensées sur le Christianisme, preuves de sa vérite. *Par Joseph Droz, de l'Académie française et de l'Académie des sciences morales e politiques. Paris, Jules Renouard et Cie, Libraires-E'diteurs*, 1835.

Com este titulo acaba de imprimir-se em Paris um opusculo de 172 paginas, em 12°, dividido em seis secções, comprehendendo cincoenta e um Artigos. Os primeiros treze são consagrados ao *Dogma*, os quinze seguintes á *Moral*, cinco ao *Culto*, nove á *Utilidade Social do Christianismo*, cinco ao *Clero*, e o resto serve de *Conclusão*.

Este excellente livrinho, altamente elogiado pelo Exm.° Snr. arcebispo de Paris, e já adoptado pelo Conselho Real de Instrucção Publica, logrou, apenas se publicou, de tão extraordinaria estimação, que logo se fizeram tres edições, que se diffundiram por todo o paiz, exportando-se avultado numero de exemplares para o estrangeiro Ao Snr. Bardalhon, livreiro Allemão recentemente estabelecido em Coimbra, couberam algumas duzias, que vendeu no mesmo dia de sua chegada.

Pela nossa parte damos por mui bem empregado o nosso dinheiro em tal compra, porque vimos, pela primeira vez, refutados com clareza e concisão os sofismas, com que os espiritos fortes costumam impugnar uma religião sublime e veneranda, sem todavia se offenderem as numerosas susceptibilidades, que tão difficeis tornam hoje a maior parte das controversias.

Honra seja ao escriptor primoroso pelo util emprego, que sabe fazer de sua penna.

R. de G.

Digitized by Google

POEZIA.

PENSÈE D'AMOUR.

Comme la fleur brisée
Implore la rosée ;
Comme l'ame épuisée
Implore le sommeil ;
Comme le luth soubaite
Les larmes du Poète ;
Ou comme l'alouètte
Invoque le soleil :

Ainsi je te desire,
Vierge ! ainsi je soupire
Après ton doux sourire
Et ton regard touchant ;
Soit que le jour se leve,
Ou que son cours s'acheve,
A toi mon premier rêve,
A toi mon dernier chant.

LOUIZ DE LATRE.

Journal des Beaux-arts.

PENSAMENTO D'AMOR.

Como a flor já definhada
Os orvalhos pede á aurora ;
Como alma desfallecidá
Doçuras do somno implora :
Como o alaúde suspira
Os prantos do Trovador ;
Ou como a terna avezinha
Do sol anceia o calor ;

Assim te eu desejo, ó Virgem !
Assim supplico à ventura
Um dos teus surrisos meigos,
Um teu olhar de ternura !
Ou s'erga o sol no Oriente,
Ou desça da noite o manto,
Tu és meu primeiro sonho,
Tu és meu ultimo canto !

VŒU.

J'ai dit au parfume qui jaillit des fleurs;
Pour monter de même au celest empire,
Que ne suis-je arome enivré des pleurs,
L'haleine des lis que la nuit respire !

J'ai dit au rayon que vient du soleil :
Doux rayon d'amour emporte mon ame !
J'irai m'abreuver au fleuve vermeil,
Et boire l'extase où tu bois la flamme.

O VOTO.

Eu disse ao grato perfume
Que das flores recendia :
Pr'aos ceos subir comtigo
Em tão doce companhia,
Quem me déra ser aroma
Que a noite suave chora,
Ou halito d'alvo lirio
Que fresco então s'evapora ! !

Eu disse ao raio fulgente
Que jorra do sol amigo :
Raio d'amor, doce raio,
Leva minh'alma comtigo !
Irei banhar-me nas ondas
Do rubro mar que te inflamma ;
Beber extasis, delirios,
Onde tu bebes a chama !

Digitized by Google

J'ai dit au doux vent qui chante aux rou-
seaux
O doux vent d'amour prête-moi ton aile !
Que ne'ai-je pour fuir l'aile des oiseaux,
L'éther sans limites, et l'aube éternelle?

J'ai dit à l'étoile amour de mes yeux;
Ouvre-moi ton sein où mon desir plonge!
Tout m'a répondu: ton rêve est aux cieux,
Ton vœu n'est qu'amour, amour n'est qu'
un songe

C. Ch. de Lafayette,

Journal des Beaux-arts.

Eu disse ao zefiro brando
Que entre os sinceraes murmura;
Dá-me uma das tuas azas,
Brisa d'amor, meiga e pura!
Para fugir vôos d'aguia
Porque não tenho nest'hora?
Largo espaço illimitado,
Amplidões de eterna aurora?

Disse á estrella; encanto d'olhos
Que me vês a suspirar,
Abre teu seio onde eu possa
Meus desejos saciar! —
Teus desejos — responderam —
Leva aos ceos junto ao Senhor;
Não é mais que amor teu voto,
Não é mais que um sonho amor.

CANÇÃO

na profissão d'uma freira com allusão à abbadessa, e à mestra das noviças.

Lyra gentil, que os spiritos do averno,
Quando o filho de Isai movia o plectro,
Enchias de pavor; e em doce metro
A lingua lhe soltavas; quer do Eterno
Os immortaes louvores
Apregóasse,
Quer despertasse
De letal somno os duros peccadores:

Tu, que nas praças de Sião sagrada
Entre os triumphos da adoravel Arca

Digitized by Google

Retinias nas mãos do grão Monarcha,
Da augusta pompa ao lustre dedicada;
(Pio fumo encobria
Pingues altares,
Toldando os ares,
E as preces de Israel o Eterno ouvia):

Bem que tuas cordas fira plectro rude,
Vem celebrar a inclita victoria,
Que hoje do inferno e da mundana gloria
A religião alcança e a sam virtude;
Eis chega a graves passos
Nobre donzella,
Muito mais bella,
Que o sol, que gira nos immensos espaços.

A fé a guía, a caridade a inflamma;
Honras, delicias, tumida vaidade
Trilha com firme pé, da eternidade
Sómente os bens procura; Deus a chama;
Do mundo a vam figura
Desapparece,
Tudo lhe esquece,
A que arrasta os mortaes céga loucura.

Já pousa a nivea mão n'ara prestante,
A mysterios augustos consagrada,
E de fervor divino transportada
Ao Omnipotente jura fé constante.
Os Anjos lhe entoaram
Immortal canto:
Mas com que espanto
Os tartareos abysmos a escutaram!

Direi tua clara estirpe, ó casta Esposa
Do Cordeiro sem mancha? E recontando

Digitized by Google

De teus avós a gloria irei mostrando,
Que ella em ti resplandece mais formosa
Que a palma ou verde louro?
Não: pois quem preza
Só a pobreza,
Os bens caducos tem por vil thesouro.

Direi, que a natureza derramára
Em teu gentil semblante mil agrados?
Que és mais bella, que a flor dos lindos prados,
E entre as formosas maravilha rara?
Não: que a vam formosura,
Que tanto engana,
Da especie humana
É leve feno, é flor que pouco dura.

Se te não cabe a crôa sanguinosa,
Que sobre a lua e esferas crystalinas
Orna as Luzias, Cecilias e Catharinas,
Outra crôa não menos gloriosa
Já te está preparada
Do firmamento
No ethereo assento
A' virginal constancia consagrada.

Não serás presa de leões ferozes
Do amphitheatro na cruenta areia,
Impávida arrostando a morte feia
Entre as da bruta plebe insanas vozes.
Oh! se assim approuvera
Ao ceo propicio!
Tal sacrificio
Tua alma generosa lhe offerecera.

Mais violentos combates te prepara
O Dragão infernal. O cólo erguendo,

Digitized by Google

Desprega as cruas garras, monstro horrendo;
E em seu furor acceso presa cara
Te busca noite e dia.
Nesta fadiga
Nada o fatiga,
Quer vença, quer não vença em tal porfia.

Hoje ergues á virtude alto troféo,
Deixando apóz de ti confusa a gloria
Do mundo com sua pompa transitoria,
E anhelando sómente aos bens do ceo
A' meta avança ousada
Por entre perigos;
Entre inimigos,
A eternidade é tudo, o tempo é nada.

Se o Esposo repousa em rubro leito,
De sanguineos espinhos coroado,
Se os braços mostra abertos, roto o lado
Para te agazalhar no terno peito;
Vae lançar-te em seu gremio,
Vôa ligeira,
Que na carreira
Elle é teu Pae, Esposo, e eterno premio.

Segue o esquadrão de angelicas donzellas,
A quem espera no empyreo ovante palma:
Todas tem igual voto, e uma só alma;
Todas aspiram ás immortaes capellas
Uma só rege a todas;
Outra te adestra
A tenra dextra,
E te ensaia para as eternas vodas.

Canção minha, se d'aguia generosa
Te falta o nobre alento,

Digitized by Google

Da doce pomba veste a nivea penna;
E surcando rasteira o subtil vento,
Procura obsequiosa
De Christo a Esposa
Entre o splendor da religiosa scena.

Esta Canção foi feita de encommenda para a profissão d'uma freira, ha bastantes annos.

J. V. G. de M.

Ao Snr. Antonio Xavier Pessoa, amigo do A. agradecendo-lhe algumas peças de doce de Tavira em fórma, uma de um livro, e outras de varias fructas.

SONETO.

Vi, caríssimo, o livro encadernado
Por fórma tal, que excede a idêa minha;
Notei attentamente o que continha,
De rica e lindamente encadernado.

Nos primores desta arte abalisado
Vemos o Algarve. Tudo qual convinha
Imitou o artista na fitinha
Nas côres, no polído, e aparado.

Porêm, quando assentei em folheal-o,
E abrindo-o a lêr nelle começava,
Cuidei não acabar de admiral-o.

Tanto o util com doce temperava,
Que instruia o leitor sem fatigal-o,
E os debeis corações corroborava.

Do mesmo A.

Digitized by Google

DECIMA.

Qual será a terra mimosa,
Em que sempre ha primavera?
No inverno fructos gosa,
Como na estação calmosa.
Em qualquer mez vinga a pera,
E a batata de bom cheiro;
Dá bom fructo o pecegueiro;
E a nóz que o fastio tira,
Póde colher-se em janeiro?
Que terra é essa? E' Tavira.

Em 1840.

Do mesmo.

Na morte do R.mo Francisco Corrêa de Almeida, prior da igreja de Penacova, amigo do A., fallecido em Janeiro de 1843.

EPITAPHIO.

Aqui jaz um varão, que em larga idade
Seguio sem tropeçar nobre carreira;
A adolescencia consumio inteira
D'uteis estudos na variedade.

De sua voz se admirou a suavidade
Quer nos côros, quer quando da cadeira
Dos mortaes arguía a vam cegueira,
E influia nas almas a piedade.

Servo fiel, pastor laborioso!
Nada póde abater seu zelo ardente,
Nem seu peito benigno e generoso.

Bom amigo, dos pobres pae clemente:
Sua alma sobre o empyreo glorioso
Brilha pura, qual estrella refulgente.

Do mesmo A.

Digitized by Google

DOS

LIVROS CAVALLEIRESCOS (*)

> L'âme de la chevalerie, cette foi à des phénomènes qui se passent en dehors de la sphère de l'esprit humain, se révéla d'une manière frappante dans le récit d'aventures chevaleresques, d'actions miraculeuses et d'exploits surhumains:
> *Peschier, Litter. Allem. Tom.* 1. *Pag.* 203.

I.

As variadas composições cavalleirescas, em que tão vivamente se acham representados o maravilhoso dos seculos da edade media, e os costumes aventureiros e feudaes da mesma épocha, — desenhando-nos circumstanciadamente as idealidades poeticas d'esses tempos, que tão dignos são de ser minuciosamente estudados, offerecem-nos igualmente claras provas, talvez não equivocos signaes, da existencia de certas sociedades, as quaes, organisadas segundo determinadas bases politicas e religiosas, tendiam constantemente para a sua ascendente perfeição ou, pelo menos, para o seu progressivo desenvolvimento.

Os authores destes diversissimos livros, productos engenhosos d'uma imaginação ardente e sem limites, collocada n'um mundo ideal e indefinido exclusivamente crea-

(*) Veja-se o Tom. 1.º da Rev. Litt. pag. 393.

Digitized by Google

do por ella e para ella, suppriram com similhantes obras, que o povo procurava lêr com uma avidez extraordinaria, o triste abandono, em que então se achava o estudo da historia bem discriminada: e como n'ellas tanto se apartavam da realidade da natureza como da verdade prosaica, espraiando a sua creadora phantasia pelos illimitados espaços poeticos, em que ella se perdia, — facil é d'explicar como taes escriptores depravaram o gosto da multidão, narrando-lhe com todas as côres e artificios rhetoricos as mais brilhantes e mais maravilhosas ficções: — uma ordem physica e moral differente de tudo quanto existe e pode existir: — e n'uma palavra, um universo e uns homens, um mundo e um povo, que elles não conheceram, nem seus ante-passados haviam conhecido, nem seus descendentes poderiam ter esperanças de um dia chegar a conhecer.

Crearam mil prodigios brilhantes, mil façanhas incriveis e mil feitos extraordinarios — *para exaltar a phantasia:* enredaram as acções fabulosas de seus personag ens com artificiosa complicação d'incidentes aventureiros — *para excitar a curiosidade;* pintaram com as mais lindas, e mais vivas e mais apropriadas côres todos os affectos heroicos e ternos — *para mais energicamente poderem interessar o mil vezes imcomprehensivel coração do homem.*

Horriveis e descommunaes gigantes vencidos quasi momentaneamente pelo br ço nervoso d'um guerreiro destemido e ousado: empresas temerarias, fadigas extraordinarias e estrondosas conquistas, operadas por um fornido cavalleiro, que tanta confiança illimitada tinha em suas forças e valor pessoal, que *fechava* imperterrito com um numerosissimo exercito, sem que, talvez um só momento duvidasse do favoravel resultado de sua emprehendida victoria: torneios brilhantes, justas engraçadas e desafios terriveis ou duellos desapiedados, em que *sahiam* incriveis feitos de braços robustos, cuja desmedida força

Digitized by Google

antes era contida pelo indefinido sentimento do guerreiro, do que regida pelas prudentes leis do homem: e outros immensos prodigios d'uma bravura sobrenatural, sempre revestidos de todas as côres e atavios da *possibilidade de realisação:* — tudo isto dava materia, e materia inexhaurivel, para as innumeraveis historias dos bondosos e valentes senhores daquelles tempos. Ao lado destes pomposos paineis de cruentas batalhas quasi sempre se reuniam as pitorescas descripções — de excelsas torres de bronze, elevados palacios de crystal e riquissimas habitações de fino marmore, com escadas d'ouro massiço e portas de marfim polido: — d'extensos lagos ferventes, immensos desertos medonhos e numerosas ilhas fluctuantes: — de lindos jardins encantados, soberbos palacios magicos e grandiosos carros aereos, e até da muitas vezes voluptuosa pintura dos variados *mysterios*, que nestas partes se passavam: — dos differentes quadros, graciosos e terriveis, e verdadeiros e animados, em que a honra, a gloria, o amor e a amisade se apresentavam com todos os seus encantos e attractivos, e com todo o maravilhoso e mythologico da meia idade. Com estas encantadoras pinturas e terriveis façanhas lá se acha disseminada, entre mil tradições profanas e sagradas, a curiosa biographia e o extraordinario poderío de formosissimas damas, principes elegantes, gentilissimos monarchas e cavalleiros airosos: — lá vem sempre, e n'um distincto logar, os pondonorosos cultos e adorações do bello sexo; — os zelos e as ausencias dos namorados, e os divertimentos e os prazeres da conversação amatoria: e muitas vezes a propria *voluptuosidade* elegantemente disfarçada com todas as côres *mysticas e platonicas*: — lá vem, finalmente, os grandes milagres dos Sanctos de envolta com os prodigios incriveis dos feiticeiros; os beneficios e os maleficios das fadas, dos encantadores e dos genios; e os sustos e os ultrages devidos aos dragões e

Digitized by Google

aos hypogriphos e aos monstros: mas o alvo principal — o fim mais especial — das sanguinolentas façanhas dos prodigiosos cavalleiros andantes era um indizivel enthusiasmo religioso, um incalculavel desejo de fervente *proselytismo*, para o qual algumas vezes chamaaa os pagãos incredulos a finissima logica das agudas lanças dos cavalleiros e a irresistivel dialectica de suas invenciveis espadas, cujas qualidades cortadoras dependiam muitas vezes das diversissimas denominações, com que as *baptisavam*.

Cumpre todavia advertir, que não obstante manifestarem sempre as variadas composições cavalleirescas o *espirito* geral dos tempos, em que foram escriptas, ou antes dos seculos maravilhosos, que ellas tão artificiosamente representam, poucas ou talvez nenhumas dellas haverá, que bem distinctas e caracterisadas sejam pela côr *graphica e local* d'uma determinada região do globo. A idêa essencial destas lindas epopêas cavalleirescas, tão differentes nas denominações e nos annos de suas publicações, como demasiadamente uniformes, ou quasi sempre as mesmas no fundo dos seus assumptos, leva-nos a acreditar, na realidade, que não sómente o universo inteiro se achava nessas épochas dominado por uma só idêa: — discorrendo do mesmo modo, sentindo as mesmas precisões e procurando conseguir seus fins identicos por uma serie de meios analogos: — mas ainda que todas as regiões do globo se achavam collocadas umas a par das outras no maior estado de contiguidade possivel. A *Turquia* era, por exemplo, *impunemente* collocada a duas leguas de *Paris*; a *China* era posta *sem escandalo* a seis leguas da *Allemanha*, e a *Galliza* era reputada *sem cerimonia* como distando apenas meia legua da *Italia*: mas esta demasiada *impunidade* d'uma desmedida alteração de conhecimentos geographicos era uma consequencia necessaria, uma deducção forçosa, para a *pertendida realisa-*

Digitized by Google

ção da descommunal alteração dos conhecimentos historicos: — para que os *Tristões* e os *Richartes*, e os *Roldões* e os *Lançarotes* caminhassem n'um quarto d'hora, sem fadiga nem cansaço, milhares e milhares de leguas: — para attribuir a um *Sultão* de *Babylonia*, a um *Governador* da *Turquia*, a um *Amir* dos *Arabes* ou a um *Walli* dos *Mouros* todos os caracteres, habitos e propensões dos aventureiros e bondosos *cavalleiros normandos*: — e para, finalmente, crear imperadores e personagens, que nunca existiram, nem de tal modo poderiam por ventura existir nas diversas épochas, em que para a scena os arrastavam.

E se estas brilhantes ficções cavalleirescas apparecem no vasto campo da historia como um gigantesco phantasma, impalpavel e sem realidade, cujas fórmas ataviadas se acham revestidas de tudo quanto na linguagem poetica ha mais vago e incomprehensivel: — se estas composições de cavallerias, de novo o dizemos, repetem não obstante com grandissima frequencia as mesmas façanhas e as mesmas aventuras, quasi sempre adornadas das mesmas circumstancias e dos mesmos incidentes, e as repetem como denodadamente practicadas por sobre-humanos heroes de tempos assaz differentes e de regiões summamente longinquas, — nem por isso o entendimento do homem, applicado á sua leitura, quasi sempre cheia de maravilhosas sensações póde conhecer rapidamente esta inconsequencia historica ou immensa analogia dos numerosos heroes aventureiros da meia idade: — pois que reinando quasi sempre uma mesma serie d'idêas e de sentimentos preponderantes nos diversissimos protogonistas deste curioso e enredado drama cavalleiresco, mal podia conhecer-se immediatamente incongruencia alguma nessa demasiada similhança das heroicas acções e dos singulares feitos dos bondosos cavalleiros d'outr'ora.

Coimbra, Fevereiro, 1845. (*Continuar-se-há.*)

J. J. da Silva Pereira.

Digitized by Google

PECULIO EPISTOLAR.

Cartas de Joseph da Cunha Brochado.

(*Continuado da pag.* 67.)

— N.º 45. —

Eminentissimo Snr. Recebi a carta de 4 de Novembro, que V. Eminencia me fez a honra de escrever, e esta honra foi igual á alegria com que a recebi. A bella resistencia de Campo Maior toda derivada do braço Portuguez, pode restabelecer o credito das nossas armas, que ordinariamente o fim das grandes acções decide do seu progresso, e do seu principio; e creia V. Eminencia que nos servirá de boa consequencia o havermos acabado a guerra com huma acção de tanto valor, e toda nossa. Chegou a renunciação formal do duque de Anjou, de que esta corte fica muito contente, e muito desvanecida, sendo este acto huma ceremonia de que no futuro hão-de ser juizes a força, e a ambição. Por agora importa pouco que aquelles dous reinos estejam desunidos na exclusão da successão, se ficam inseparaveis na alliança do sangue, e do interesse; este mal já não tem remedio em quanto á causa, e assim he necessario que nos contentemos com achal-o pera mitigar o effeito della. Este negocio posto de parte, e feita a tal renunciação, enten-

Digitized by Google

demos que as cousas irão bem depressa em Utrecht depois da chegada de milord Straford. As conferencias estão acabadas, mas sempre com hum grande segredo, que não he o melhor signal da utilidade dellas. Eu tive huma longa pratica nesta casa com Straford, e tudo o que tirei delle foi saber a grande desconfiança que tinha de alcançar a nossa barreira, mas que nem por isso deixaria a rainha de fazer conhecer á França e á Hespanha o quanto tomava a peito os interesses de Portugal, e que elle mostraria em seus vigorosos officios este grande empenho da rainha como huma maxima do Estado, e de reciproca conveniencia. He inutil cançar a V. Eminencia repetindo-lhe que este erro nasceu com a mesma negociação, porque nella se não quizeram lembrar de seus alliados, cuidando que no Congresso fariam o seu destino.

Tambem V. Eminencia sabe que Portugal não está na mesma regra dos mais alliados, porque pera lhes fazer Inglaterra alguma conveniencia não acha opposição em França, e isto procede de que todas estas pequenas vantagens, que podem alcançar Hollanda, e Saboia, Lorena, e alguns principes do imperio são ou tiradas ao imperador, ou em seu prejuiso, que he hum ponto em que França e Inglaterra se acommodam facilmente; porèm a nossa situação não nos deixa lograr deste privilegio, e assim achamos em França a maior opposição em que Inglaterra não pode segundar-nos; nem eu sei se nos seria de utilidade, que hoje Inglaterra tirasse, como por força, das mãos do duque de Anjou algumas praças pera nossa barreira. A opinião commum he, que não sendo estas praças voluntariamente cedidas na abertura da negociação como preço da paz, podem ser de grande perturbação, e perigo a Portugal, se Inglaterra, agora no estado em que se acham as cousas, quizesse arrancar estas praças aos Castelhanos depois de perderem Italia, Flandres, e ilhas

Digitized by Google

do Mediterraneo. Eu já toquei nesta materia em huma carta, que tive a honra de escrever a V. Eminencia. D. Luiz da Cunha me pede agora o meu parecer sobre ella, e não faltarei em o communicar a V. Eminencia. Fico na obediencia de V. Eminencia como devo. Deos guarde a V. Eminencia muitos annos. Londres 29 de Novembro de 1712. = Eminentissimo Snr. Cardeal da Cunha = Creado de V. Eminencia = *Joseph da Cunha Brochado.*

— N.° 46. —

Eminentissimo Snr. Desejo que V. Eminencia passe com a mais perfeita saude. Diogo de Mendonça me escreveu sobre a queixa do almirante Bekar; e eu vejo por ella que este Almirante esperava maior joia, e que os capitães tambem esperavam a sua. Bem pudera esta gratificação não sahir da Fazenda Real, mas dos homens da praça interessados na frota, e então poderia ser maior.

Remetto a V. Eminencia a copia de huma carta, que escrevi a Dom Luiz da Cunha em resposta de outra, em que me pedia meu parecer, e em que tive a honra de fallar a V. Eminencia na posta passada. Fico pera servir a V. Eminencia como devo. Deus guarde a V. Eminencia muitos annos. Londres 6 de Dezembro de 1712. = Eminentissimo Snr. Cardeal da Cunha = Creado de V. Eminencia = *Joseph da Cunha Brochado.*

Copia.

« Meu am.° e Snr. — Satisfazendo em poucas regras « ao que V. S. deseja saber de mim, e me recommen- » dou na sua carta de 11 do passado, respondo com a « sinceridade que merece a nossa amisade, e com a fi- « delidade que devo ao serviço de el-rei nosso amo. Não « entendo que esta corte tenha alcançado alguma barreira

Digitized by Google

« pera nós, nem deixo de entender que a procurou nes-
« tas ultimas conferencias; mas como já era menos pode-
« rosa, e as cousas não estavam ainda na mesma situa-
« ção, não puderam conseguir a resposta effectiva, nem
« era facil conseguil-a sem romper as suas medidas, ou
« desistir do seu systema, que he huma resolução que
« não devemos esperar deste Ministerio, que se acha de-
« sarmado de credito, e de forças. Não he necessario
« buscar grandes provas pera justificar esta conclusão, por-
« que como fallo a V. S., que vae com o fio da historia,
« e que todo este enredo lhe passou pelas mãos, seria
« fazer huma narração importuna. »

« Milord Strafford fará valer com os Francezes a gran-
« de consideração em que a rainha toma as cousas de
« Portugal, e conferira sobre a nossa segurança buscando
« algum equivalente de barreira. Esta diligencia com acti-
« vidade he necessaria a este Ministerio pera se descul-
« par, não digo com o mundo de que não faz caso, mas
« com o Parlamento, e com a Bolsa de Londres. »

« Supposta esta difficuldade, ou esta desconfiança da
« nossa barreira, como por consolação o cuidar que ella
« nos seria agora de grande peso, e de evidente risco. »

« He necessario distinguir dous casos, o primeiro se
« a barreira fosse alcançada no forte da primeira nego-
« ciação como preço de Hespanha, em que se interessas-
« se o mesmo duque de Anjou, e comprasse com aquel-
« las praças o ser senhor daquelle continente; o segundo,
« se agora feita a renunciação, e depois do adiantamento
« da paz, e da superioridade de França sollicitarmos a
« tal barreira, parecendo que tudo vem de nós, e que
« Inglaterra mais pela nossa importancia, que pela sua
« conveniencia pedia o implemento do seu estado. No pri-
« meiro caso nos seria a barreira boa e segura; mas no se-
« gundo de notorio risco, e de impossivel conservação. »

Digitized by Google

« Ainda digo mais, julgo que a pertenção que V. S.
« agora fizer, deve ser toda de Inglaterra; como se nas-
« cesse do mesmo interesse da rainha, sem parecer da
« nossa parte huma grande ancia, nem grande desespe-
« ração: e nesta dissimulação vamos a ganhar duas cou-
« sas; a primeira huma reconciliação com as duas coroas,
« a segunda, que não ficamos tão expostos como crê o
« mundo, e nós mesmos temos persuadido. »

« Vossa Senhoria sabe que o Touro está solto, quero
« dizer, que França já não está com as mãos atadas, e
« que está junta contra nós em Hespanha, e que daquella
« parte confinamos com o grande Oceano, nem temos mais
« proximo alliado, que o ceo. A nossa barreira he pri-
« meiro huma dissimulação, e depois huma boa garantia,
« que eu julgo por melhor barreira. Ultimamente he pre-
« ciso, e da maior prudencia fazer da necessidade virtu-
« de, e cobrir o nosso damno, com fazer as cousas de
« boa graça, e torno a dizer, de boa graça; do contra-
« rio sentiremos os effeitos, e os amargores logo que a
« paz geral fôr concluida, e França, e Castella remonta-
« rem sobre a memoria do grande mal, que inutilmente
« lhes temos feito. »

« Do referido se segue, que devemos hir de passo
« igual com esta corte, nem ser os primeiros, nem os
« ultimos; porque, senhor Dom Luiz, se V. S. dilatar o
« ajuste, e a conclusão do nosso tratado hum momento
« depois de Inglaterra ha-de ouvir da parte dos Castelha-
« nos condições duras, e insupportaveis, e não deixarão
« de se lembrar dos navios de Buenos Ayres, e do Al-
« garve, e de outras sem-razões como estas. » Londres
2 de Dezembro de 1712. = *Joseph da Cunha Brochado.*

Digitized by Google

— N.º 47. —

Eminentissimo Snr. Recebo a carta de 13 de Dezembro, que V. Eminencia me fez a honra de me escrever. Eu tenho faltado em algumas postas a render a V. Eminencia os meus respeitos, mas as causas foram tão absolutas, que toda a força da minha obrigação não pode resistir á sua violencia.

O pouco que aqui temos que dizer, ou que discutir, terá V. Eminencia visto nas minhas cartas da Secretaria, em que escrevo com zelo, e com liberdade tudo o que séi, e tudo o que sinto. A resolução que agora tomou Sua Magestade he hum expediente, que convêm ao tempo, e ao estado de nossas cousas; mas faz-me pena o vêr que sou eu o Ministro para uma negociação em que não espero fazer serviço algum a Sua Magestade, e á minha patria; ao menos terei a consolação de pôr corrente o tractado, pera sahir de huma vez dos embaraços em que as dilações nos podiam metter.

Na carta de hoje verá V. Eminencia o discurso, que teve o Ministro de Castella com o Secretario de Estado, de cuja sinceridade não posso responder, e sempre a nossa desconfiança será justa e necessaria.

Eu não pudo ainda saber o que póde importar o preço das medalhas, que não será grande, e assim mande-me V. Eminencia os modellos, que com grande ardor me empregarei nesta obra, que na verdade he tempo de que a nossa nação comece a celebrar as acções e virtudes dos seus reis com esta especie de historia que chamam de metal. Huma medalha póde ter por empresa a vinda da frota, outra o levantamento do sitio de Campo Maior, e outra o armisticio, e as mais que parecerem mais proprias de se recommendar á posteridade naquelles mudos e engenhosos documentos. Deus me dê vida para chegar á pre-

Digitized by Google

sença de V. Eminencia a confessar-lhe a minha obrigação, e huma obediencia sem reserva. Deus guarde a V. Eminencia muitos annos. Londres 17 de Janeiro de 1713. Eminentissimo Sn. Cardeal da Cunha = Creado de V. Eminencia = *Joseph da Cunha Brochado.*

— N.º 47. —

Eminentissimo Snr. Tudo o que posso e devo dizer a V. Eminencia vae escripto na minha carta da Secretaria, e quando a minha negociação nos tirar toda a esperança de algumas praças, ao menos ficarão liquidadas as nossas cousas para os dous tractados de paz com França e Castella sem o rodeio de Utrecht, a que esta corte se fazia desentendida para fugir ao ultimo golpe do desengano, que agora não pode evitar, nem deferir, segundo a resolução de Sua Magestade. Eu estou sempre no mesmo sentimento que escrevi a Dom Luiz da Cunha, nem me despersuade a contemplação que os Castelhanos teriam com Inglaterra por respeitarem a barreira que agora nos déssem; porque não he este o caso em que temessem quebrar com esta corte, nem ella faria huma nova guerra para obrigal-os a repôr a barreira que fosse, ou surprehendida, ou sublevada, alem de outras consequencias de maior despeza, que V. Eminencia sabe.

Folguei muito de ouvir a Carle as boas disposições em que estava el-rei nosso senhor, para fazer fortificar as suas fronteiras, que estas com huma pouca de gente bem disciplinada, e bem mandada, he a melhor barreira a menos risco.

Aqui ha algum rumor de que os Francezes não estão por todo o plano que levou Straford, mas estos ministros não revelam cousa alguma, nem se dão por entendidos, e como nos faltam tres postas de Hollanda não podemos sahir da duvida, estando de outra parte certos, que as

Digitized by Google

cousas hirão sempre seu bom ou máo caminho. Já tive a honra de responder a V. Eminencia sobre as medalhas, e supposto que não avisei o custo certo, espero a ordem, e a materia para entreprendel-as. O custo deve regular-se segundo a perfeição, e a fabrica do reverso.

O nosso agente em Hollanda me mandou a carta inclusa para V. Eminencia, pedindo-me que o puzesse aos seus pés: o seu requerimento he tão justo, que necessita de resposta que seja pagamento ou desculpa.

Fico para servir a V. Eminencia como devo. Deus guarde a V. Eminencia muitos annos. Londres 31 de Janeiro de 1713. = Eminentissimo Snr. Cardeal da Cunha = Creado de V. Eminencia = *Joseph da Cunha Brochado.*

— N.º 48. —

Eminentissimo Snr. Nem pera a carta da Secretaria tenho materia nesta posta, porque tudo o que ha veio de Utrecht, e V. Eminencia o sabe pela carta de Dom Luiz da Cunha.

França vae com vento em pôpa nesta sua negociação, e muito mais com a liga que agora fez com el-rei de Suecia e com o Turco.

As machinas daquella corte só podem acabar com a vida de Luiz XIV, a cujo reinado parece que vinculou a Providencia negociações monstruosas, estragos, e ruinas!

A corte de Inglaterra ou não pode, ou não quer resistir á de França, antes mostra pelo procedimento destes ministros que *et vinci gaudet ab illa.* Representa-se a esta corte, ou a dous ministros della, que quanto mais embaraçada estiver Allemanha, e quanto França estiver mais poderosa, nunca o principe de Hanover terá occasião pa-

Digitized by Google

ra passar a esta ilha sem ser chamado por elles, e esta he toda a causa dos males.

Em quanto a nós, procedem sempre com o mesmo mysterio, como V. Eminencia terá visto nas minhas relações. Elles dizem, que são plenipotenciarios d'el-rei nosso senhor, e que obrarão tudo o que poderem por seus interesses; o maior será poder sahir deste labyrintho, em que não ha nem honra, nem proveito.

O embaixador de França apesar das grandes distincções e honras, que a rainha lhe faz, recebe grandes mortificações do povo.

Esperamos vêr quando o Parlamento se assentar, como se tomam, e se remedeam estas cousas. Fico na obediencia de V. Eminencia como devo. Deus guarde a V. Eminencia muitos annos. Londres 14 de Fevereiro de 1713. = Eminentissimo Snr. Cardeal da Cunha = Creado de V. Eminencia = *Joseph da Cunha Brochado.*

— N.º 49. —

Eminentissimo Snr. Tenho faltado em algumas postas á obrigação de apresentar a V. Eminencia os meus respeitos, mas como a causa desta penosa irregularidade procedeu de alguns achaques sobre muitos annos merece menos severidade que compaixão. A afflicção de me vêr com huma negociação desgraçada, e não só desgraçada no seu fim, mas nos seus meios, e muito antes nos seus principios, augmentam de sorte o desprazer com que vivo, e as queixas que padeço, que confesso a V. Eminencia, que desconfio muito da minha vida, e de que só V. Eminencia póde ser benigno reparador quando me mandar a ordem para voltar-me a Lisboa, livrando-me do clima de Londres totalmente contrario á minha saude. E como a

Digitized by Google

nossa paz com França estará assignada por toda esta semana, e dentro de quinze, on vinte dias se assignará também a de Castella, espero que el-rei, nosso senhor seja servido mandar-me a recredencial para me despedir, porque qualquer dilação me he mortal pelos achaques que padeço, e que me obrigam a entrar em cura; e me acho tão débil, que me he impossivel continuar este ministerio. Esta permissão he, e será o unico premio que eu peço a Sua Magestade em recompensa dos desejos que ive de o servir bem. Espero de V. Eminencia esta proecção, e será tambem a maior graça que V. Eminencia me possa fazer.

Como nesta posta, e pelos proprios de Utrecht saberá V. Eminencia o estado das cousas, não he necessario que eu o descreva com côres menos finas guardando a mais fiel relação para quando chegar á presença de V. Eminencia.

O conde da Atalaia me escreveu, que partia para Vienna a servir o imperador, e eu lhe respondi, que se aquella resolução nascera de algum descontentamento devia entender, que na corte de Vienna não havia pouco fundo de ingratidão, e de desconhecimento.

Fico na obediencia de V. Eminencia como devo. Deus guarde a V. Eminencia muitos annos. Londres 21 de Março de 1713. = Eminentissimo Snr. Cardeal da Cunha = Creado de V. Eminencia = *Joseph da Cunha Brochado.*

— N.º 50. —

Eminentissimo Snr. Recebi duas cartas de 7 de Fevereiro e 14 de Março, que V. Eminencia me fez a honra de escrever, e confesso a V. Eminencia em acção de graças, que só neste favor espero achar o remedio mais especifico dos meus achaques.

Digitized by Google

O máo successo destas negociações em hum tempo em que tudo corre por fóra das regras da justiça, da honra, e da conveniencia publica, faz tambem que todos nós os ministros estrangeiros andemos fóra de nós mesmos. Esta pequena declamação pode servir de breve pintura, em que V. Eminencia veja o que eu lhe não posso descrever em huma longa carta.

Pelas minhas relações tenho referido o que passei com estes ministros, e o que elles não passaram comigo, que he o mesmo, o que lhes digo, e o que elles não querem dizer-me.

A rainha, sem fórma de processo ouvida a minha pratica, e a carta d'el-rei nosso senhor, fez o plano da nossa paz desherdando-nos de todo o direito que tinhamos sobre as praças que deviam servir-nos de barreira, ou para dizer melhor, declarou agora o que já seus ministros haviam feito no principio desta negociação, em que vão procedendo com a mesma irregularidade, e com os mesmos subterfugios de devedor que não paga.

Ficamos na interpretação da clausula que respeita á restituição da nossa colonia do Sacramento, na suspeita de que os Castelhanos querem fazer della hum equivalente pelos navios represados. Sobre este ponto tenho dado duas memorias, copias remettidas a Utrecht, e não cessarei de applicar, e de pedir a absoluta demissão de qualquer preza feita na guerra, ou por occasião della.

Dom Luiz da Cunha me avisa, que a nossa paz com França poderá estar até hoje assignada; porêm que a de Castella, assim a respeito de Inglaterra, còmo a nosso respeito, pode tardar ainda doze ou quinze dias, e eu desejo que este negocio se termine, por quanto mais se differe mais se peiora em grande vantagem das duas coroas. Para melhor informar a V. Eminencia deste incidente devia eu mandar-lhe huma copia das cartas, que

Digitized by Google

tenho escripto aos nossos ministros; mas não ha tempo para se copiarem, e assim me remetto ao que escrevo a Diogo de Mendonça. Brevemente terá V. Eminencia todas estas copias na sua livraria, e se então não poderem servir para instrucção da negociação, servirão para epitafio della.

Meu irmão me avisa, que Sua Magestade fizera mercê a seu filho Antonio da Cunha do lugar de juiz de India e Mina, e que esta mercê se alcançára pela unica intercessão de V. Eminencia. Esta nova obrigação, Eminentissimo Senhor, dobra com infinito peso as cadêas da minha escravidão na obediencia de V. Eminencia para lhe render eternamente os meus respeitos. Deus guarde a V. Eminencia muitos annos. Londres 11 de Abril de 1713. = Eminentissimo Snr. Cardeal da Cunha = Creado de V. Eminencia = *Joseph da Cunha Brochado.*

— N.º 51. —

Eminentissimo Snr. Tenho escripto a V. Eminencia a carta inclusa, mas chegando segundo paquebote com nova materia, he necessario que a paciencia de V. Eminencia soffra huma segunda carta minha na mesma posta.

Entendo que bem se podia escusar a prorogação do armisticio nessa corte, porque he certo que de Utrecht havia de hir aquella renovação, em que nunca podia haver duvida alguma, como com effeito não houve; porêm resolvendo el-rei nosso senhor para maior precaução prolongar a suspensão de armas por mais tempo com intervenção do ministro de Inglaterra, podia Diogo de Mendonça escusar de declarar a duvida, ou a intenção, pondo por condição, que a dita suspenção se não fazia por Tractados, mas por reciprocas declarações de ambas as

Digitized by Google

cortes, porque he certo, que o ministro da rainha em Madrid havia de ser o primeiro que criticasse esta nossa circumspecção, chamando-lhe escrupulo, ou delicadeza, a que o pobre talento de Bedmar chamou subterfugio. Melhor expediente era que o nosso general por ordem de Sua Magestade declarasse a renovação, communicando-a ao general Castelhano para que fizesse o mesmo com ordem da sua corte.

Este expediente sendo mais singelo poderia ter melhor passagem; sendo certo que a negação daquelle reconhecimento he de grande pena, e mortificação para Madrid, e nós não perdemos nada em adiantal-o, pois o mesmo fariam os Hollandezes se lhes importasse, e como a paz está tão proxima ganhariamos na antecipação huma reconciliação de melhor graça escuzando agora esta disputa, que não he nem de honra nem de proveito. Os nossos ministros em Utrecht tem sido nesta materia observadores mais circumspectos que os outros.

Tenho dito a V. Eminencia o meu sentimento, e podia continual-o, mas não ha tempo, nem necessidade. Verei o que estes ministros me respondem, sendo que eu não acho nenhum expediente que seja decoroso depois de publicada esta questão, e he tudo o que temos que salvar. Fico para servir a V. Eminencia como devo. Deus guarde a V. Eminencia muitos annos. Londres 11 d'Abril de 1713. = Eminentissimo Snr. Cardeal da Cunha = Creado de V. Eminencia = *Joseph da Cunha Brochado.*

— N.° 52. —

Eminentissimo Snr. Deos conserve a saude de V. Eminencia, e prospere a sua pessoa como desejamos. Já V. Eminencia terá visto o nosso Tractado de paz com

Digitized by Google

França, e brevemente esperamos que siga o de Castella, para que nos vejamos livres de assistir todos os dias diante deste Ministerio em habito de pertendentes, em que não ha attenção alguma, nem ao decóro, nem á amisade, como digo na carta de hoje.

Não querem entrar no merecimento da nossa questão com Madrid sobre o armisticio com reconhecimento, porque como estão dependentes de Castella, ou obrigados por algumas vantagens, que vão alcançando para o seu commercio, não se atrevem a desagradar áquella corte ainda que seja á custa de hum bom alliado; assim fogem a darme resposta, como V. Eminencia verá pela carta do secretario Dartmouth, que nem fere o ponto, nem quer comprehender a figura do caso.

Este mesmo methodo praticam com todos os alliados, e nesta parte será a historia de Inglaterra bem escandalosa; mas pouca consolação tiraremos das injúrias, e reprovações desta memoria. Fico trabalhando com estes ministros sobre a explicação e clareza do pouco que nos deram, ou quizeram alcançar para a nossa paz em Castella.

O melhor agora he sahir mais depressa deste labyrinto de irregularidades.

Pela pratica da Rainha verá V. Eminencia o pouco que ella fez por seus alliados, pois não se atreveu a declarar ao seu Parlamento vantagem alguma, nem ainda ao duque de Saboia, a quem se pertende dar Sicilia sem mais causa que a vingança e o odio do imperador, atropellando nesta adjudicação o verdadeiro repouso de Italia.

Fico na obediencia de V. Eminencia como devo. Deus guarde a V. Eminencia muitos annos. Londres 25 d'Abril de 1713. = Eminentissimo Snr. Cardeal da Cunha = Creado de V. Eminencia = *Joseph da Cunha Brochado.*

Digitized by Google

— N.º 53. —

Eminentissimo Snr. O incidente sobre a difficuldade da ratificação do armisticio se terminou em Madrid melhor que nesta corte aonde a sentença estava contra nós, pelas rasões, que referí na minha carta. Vejo agora pela carta de Diogo de Mendonça, e pela que elle escreve aos nossos ministros a pouca necessidade que havia para aquelle expresso; porque os nossos ministros estavam certos pelas minhas relações dos termos em que se achavam as nossas cousas, e não ouviram fallar da desistencia mais que da boca de Strafford, que elles não tem por grande Evangelista. Nem o expresso podia levar todas estas circumstancias do facto, porque no plano da rainha que depois viram não diz ella que el-rei nosso senhor tinha desistido, mas sómente que mediando as pequenas vantagens, que constam do mesmo plano, Sua Magestade desistiria das mais pertenções, e isto não traz comsigo huma necessidade absoluta de desistencia, mas sómente mostra o que a rainha poude alcançar a nosso favor, para que tomemos as medidas, que forem mais do nosso interesse, ou da nossa politica.

Nestes termos a representação por expresso não parecia necessaria, porque os nossos ministros estavam assaz munidos de ordens para proseguirem e terminarem esta infructuosa negociação; e tudo o que agora justamente se lhes escreve não he mais que humas prudentes recommendações, de que não necessita quem como elles sabe servir a Sua Magestade com zelo e com fidelidade. A paz com Castella se assignará brevemente, e ficarão as dependencias de Utrecht terminadas a nosso respeito, como tambem a respeito de todas as Potencias pacificadas, e escusará Sua Magestade a grande despeza de Utre-

Digitized by Google

cht, ainda que os Hollandezes, e esta corte conservem alguma especie de Congresso para continuarem as suas instancias sobre a paz do imperador e do imperio, sem que se feche a porta a esta importante negociação, em que não temos, nem podemos ter parte alguma.

Não ha nada de particular que referir a V. Eminencia, alem do que escrevo na carta da Secretaria, porque as novas fóra de Inglaterra pertencem a outras pennas melhores que a minha. Nesta posta dou parte de humas novas bombas, que aqui se inventaram, e a sua relação he muito digna da curiosidade de V. Eminencia.

Fico na obediencia de V. Eminencia como devo. Londres 2 de Maio de 1713. = Eminentissimo Snr Cardeal da Cunha = Creado de V. Eminencia = *Joseph da Cunha Brochado.*

— N.º 54. —

Eminentissimo Snr. Como o ministro Castelhano parte nesta semana para Utrecht, poderemos vêr concluidas brevemente as dependencias da nossa paz, qual a fortuna quiz que ella fosse, e em que temos tantos companheiros como alliados. A garantia da Rainha era neste segundo Tractado como foi no primeiro com França; mas he necessario que huma e outra garantia seja ratificada pela Rainha, e sellada do grande sello. Os nossos ministros em Utrecht querem que tudo vá feito de Inglaterra, e ao mesmo tempo não sei se recebem bem as minhas pequenas reflexões. Tudo seus avêços tem. Pareceome mandar a V. Eminencia as duas copias inclusas, em que tracto a mesma materia de que hoje fallo na carta da Secretaria, e nellas verá V. Eminencia que eu faço o que posso, ainda que não consigo o que desejo. Não podemos comprehender a politica de França na desespe-

Digitized by Google

ração em que põe a Sua Magestade Imperial e ao imperio em pontos, que não são do interesse direito e essencial daquella coroa, devendo temer a inconstancia das cousas em Inglaterra com uma rainha de pouca saude, e em França com um rei de muitos annos; porem a desordem desta politica, que nasceu com aquelle reinado e com aquelle rei, ha-de hir com elle á sepultura.

Sobre a sorte da continuação da guerra no imperio não se pode formar juizo, mas he certo que para a défensiva he hoje excessivamente forte aquelle grande corpo, e á vista da sua resistencia poderá França, como diz o seu proverbio, deitar agoa no seu vinho.

O general Carle parte esta semana, e he da ultima consequencia que melhoremos as nossas fortificações, e seguremos as nossas fronteiras, que em guerra são escudo, e em paz fazem respeito. Fico na obediencia de V. Eminencia como devo. Deus guarde a V. Eminencia muitos annos. Londres 9 de Maio de 1713. = Eminentissimo Snr. Cardeal da Cunha = Creado de V. Eminencia = *Joseph da Cunha Brochado.*

Copia 1.ª

« Milord Strafford pode adiantar o que quizer, por-
« que não respondo nem sou réo do que elle diz, nem
« do que milord Bollingbroke lhe escreve. O que tem
« passado neste negocio não contêm mais que o que tenho
« escripto fielmente a V. S. A minha pratica na confe-
« rencia foi o que referí; e até esta hora, que são cin-
« co da tarde, não tive resposta alguma formal. mais que
« insinuações de diligencias que fazem sobre nossas cou-
« sas, e em que me fallam de passagem na corte, sem
« me chamarem ainda a outro *comité*. De tudo palavra

Digitized by Google

« por palavra fiz relação á nossa corte, e não deixei suc-
« cessivamente de informar a V. S. Tudo mais he falso
« e malicioso. Isto supposto vamos á justificação. Na ma-
« nhãa de quarta feira, que se contaram oito do Março
« do nosso estilo, recebi esta carta de V. S., e a primei-
« ra cousa que fiz na mesma hora foi escrever a carta,
« cuja copia vae inclusa, a milord Bollingbrook, em a
« qual lhe repito todo este facto, e a surpresa com que
« ouvi o que milord Strafford tinha adiantado em Utre-
« cht em prejuiso da verdade. Esta carta, que lhe foi
« dada na mesma manhãa pode V. S. mostrar a milord
« Strafford, pois se este negocio estivera nos termos da
« chamada desistencia não teria logar a dita carta: nella
« verá V. S. em poucas regras a substancia da minha pra-
« tica, que he a mesma de que informei a V. S., e que
« se conforma com as minhas ordens, com a carta de
« el-rei nosso senhor, e sobre tudo com o estado das cou-
« sas, que V. S. tem reconhecido em todas as suas re-
« lações e praticas que teve com esses ministros sobre to-
« da ou alguma barreira. »

« No mesmo dia, que era de corte, fui a ella. e
« milord Bollingbrook me veio fallar em resposta da minha
« carta, e me disse que eu tinha razão de estar surpreso
« (proprios termos) da pertendida desistencia de milord
« Strafford, que havia avançado em Utrecht, em que ha-
« veria alguma *mal entendida*, porque elle lhe referira só-
« mente o contheudo da minha pratica, e que na primei-
« ra posta lhe tiraria todo o equivoco em que podesse es-
« tar. Não posso dizer nem mostrar mais, em quanto a
« este puro facto. »

« Vamos agora ao merecimento dos autos, em que
« toda a evidencia está por elles; e V. S. escreveu com
» tanta pressa, que não teve logar de entrar neste nego-
« cio em a critica e exame que elle merecia, e que es-
« tava tanto á flor da terra para convencer, e tapar a bo-

Digitized by Google

« ca a Strafford; porque ou eu havia de desistir da bar-
« reira tendo esperanças de que a Rainha a alcançasse,
« e fazendo ella e seus ministros actualmente diligencias
« com os de Castella e de França: ou eu havia desistido
« depois que a Rainha mandasse responder-me, e positi-
« vamente desenganasse de que, não pudera alcançar pa-
« ra Portugal hum palmo de terra em Castella, e que as-
« sim me promettia sómente huma garantia. Estes são
« os dous cargos em que propria ou impropriamente po-
« dia cahir a desistencia. Agora perguntára eu a Straf-
« ford se poderia elle chamar desistencia ao segundo caso
« quando a Rainha me desenganasse? Chamára-lhe eu
« paciencia, e não desistencia, que ninguem desiste do
« que não pode ter, e do que lhe não querem dar. Em
« quanto ao primeiro caso, além de ser incrivel, não he
« racional, porque a que proposito haviam estes minis-
« tros acceitar a minha desistencia, e fazel-a eu tão in-
« tempestivamente estando elles tratando este mesmo ne-
« gocio com esperanças de o conseguir? »

« Em nenhum destes dous casos cabiam os parabens
« que Lord deu a V. S.; porque em hum caso alegra-
« va-se de que a Rainha não pudera melhorar os interes-
« ses do seu alliado; e no outro caso se alegrava de que
« a Rainha não quizera poder. Com esta instancia ficaria
« Strafford desarmado, e convencido, e V. S. sem o
« cuidado de mandar hum expresso a Lisboa, sendo mais
« facil perguntar-me se me haviam posto na necessidade
« de executar a ordem de Sua Magestade de sete de
« Dezembro, em que o dito Senhor ordena, que desen-
« ganando-me a Rainha, lhe diga eu, que elle manda
« ajustar a paz em Utrecht sem barreira, porque a mais
« segura para os seus Estados será a da sua alliança;
« porêm tambem esta pergunta era escusada, porque pe-
« las minhas cartas, e pelas que V. S. recebeu nas pos-
« tas subsequentes declarava eu que não tinha feito a tal

Digitized by Google

« desistencia, nem era necessario fazel-a pelas razões que « escrevi nas mesmas cartas. »

« Mas para que he tudo isto, e que remedio nos « trazem estas disputas tornando-nos huns contra os ou- « tros? Com desistencia, ou sem ella, com paciencia, « ou sem paciencia, nem V. S. tem esperança em Utre- « cht, nem eu em Londres Deus guarde a V. S. mui- « tos annos = *Joseph da Cunha Brochado.*

Copia 2.ª

« Meu Amigo e Senhor. = Depois de receber este « plano da nossa paz, ou *ultimatum* da Rainha, e que mi- « lord Strafford diz levemente haver sido concertado co- « migo, fallei a milord Bollingbrook na corte, mostran- « do-lhe aquella resolução de Sua Magestade Britannica « sem alguma communicação minha depois de se me ha- « ver promettido a resposta do que se pudesse ter alcan- « çado a nosso favor, e que nella via, que a renuncia- « ção da barreira precedêra ás deligencias de alcançal-a; « mas que já não havia mais tempo, que para a confor- « midade, e que assim lhe pedia que me explicasse o que « queria dizer aquella satisfação, que os Castelhanos de- « viam dar a Portugal sobre a pertenção da nossa colo- « nia, sendo mais curto, e mais claro o estipular-se a « sua restituição. »

« Este ministro me respondeu, que a Rainha pelo « seu ministro em Paris trabalhára muito sobre as nossas « cousas, e que não podendo obter hum palmo de terra « em Hespanha fôra necessario chegar á extremidade de « se partir da barreira mediando o que se achava a nosso « favor naquelle plano, o qual de Versalhes viera a Utre-

Digitized by Google

« cht, e que por esta rasão se me não dera parte delle.
« Disse-me mais em explicação do dito plano, que os Cas-
« telhanos nos haviam de propôr hum equivalente pela co-
« lonia; mas que nós seriamos sempre os senhores da al-
« ternativa, e que a escolha havia de ser livremente nos-
« sa: repliquei-lhe, perguntando, que especie de equiva-
« lente havia de ser, se na America, se na Hespanha?
« Respondeu-me, que não sabia, e com isto se desfez de
« mim. »

« No mesmo dia fallei a milord Dartmouth, e lhe fiz
« a mesma queixa; e fiquei admirado do que me respon-
« deu, porque me disse, que elle sabia tão pouco como
« eu daquelles negocios, ainda que eram da sua reparti-
« ção, e que delles lhe communicava milord Bollingbrook
« tão pouco como a mim, e que sómente me podia dizer,
« que ouvira ao marquez de Monteleon, que nós havia-
« mos tomado dous navios de Buenos Ayres antes da pu-
« blicação da guerra, dando a entender-lhe que seria jus-
« ta e necessaria a restituição: a isto respondi, o que
« me occurreu, dizendo, que os navios estavam julgados
« boa preza; e como era inutil fallar mais com este mi-
« nistro sobre a materia, escrevi a carta inclusa a milord
« Bollingbrook, porque hoje não he dia de fallar-lhe, e
« ámanhãa poderá escapar-me entre a *foule* de cincoenta
« mil pertendentes, que sem decoro, nem *bienseance* se
« adiantam a fallar-lhe estragando o caracter, e as pes-
« soas. »

« Tambem fallei hoje ao thesoureiro em sua casa,
« perguntando-lhe o que havia sobre esta nova pertenção
« dos Castelhanos; respondeu-me que não sabia cousa al-
« guma. Repeti-lhe as mesmas razões que vão na carta,
« e me disse, que ficava advertido de tudo »

« Isto he o que tenho obrado neste novo, e não es-
« perado accidente, em que espero resposta de V. S. pa-

Digitized by Google

« ra saber o que devo dizer mais em defensa da preza
« dos navios, segundo se achar nas Instrucções do conde
« de Tarouca; sendo que o melhor he mettel-a na gene-
« ralidade da renunciação da barreira para que compre-
« henda toda e qualquer pertenção dos Castelhanos sobre
« qualquer preza feita pela occasião da guerra. Fico para
« servir a V. S. Deus guarde a V, S. muitos annos. =
« *Joseph da Cunha Brochado.* »

A D. Luiz da Cunha Escripta a 24 de Março de 1713.

Digitized by Google

Digitized by Google

— Já se mexe!... bom signal... já torna a si! — exclamou a porteira, e immediatamente se abaixou, e disse em tom forte ao ouvido do marido: — Que tens, Alfredo da minha alma? Olha que é a tua Anastacia quem te falla... Como estás?... Olha que já ahi vem o teu antihysterico... que te ha-de pôr bom... — E depois tomando uma vòz de falsete das mais maviosas que ella poude arranjar, continuou: — Quizerão-no matar! quizeram-me roubar esta rica prenda das minhas entranhas!

Alfredo arrancou um profundo suspiro, com o qual veio confundida esta palavra fatidica:

— Cabrion!!

E com as mãos tremulas parecia querer novamente affastar de si alguma visão espantosa.

— Cabrion! ainda outra vez esse infernal Cabrion! — exclamou madama Pipelet — Alfredo passou a noite a sonhar com elle, e moeu-me com pontapés: aquelle monstro é um pezadêlo. Não contente de lhe envenenar seus dias, ainda lhe amargura as noites, até em sonhos o persegue.... como se Alfredo fosse algum criminoso, e esse maldito Cabrion fosse o remorso eterno que o ralasse.

Sorria-se Rodolfo com disfarce, e logo imaginou alguma nova travessura do antigo visinho de Rigoleta.

— Diz alguma cousa, Alfredo; não te faças mudo, que me assustas: ora pois! socega. Para que te lembras desse patife? tu bem sabes que quando pensas nelle te succede como quando comes hortaliça... revolve-se-te a bilis, e ficas esganado.

Digitized by Google

— Cabrion! — repetio Pipelet, tirando o chapeo que lhe tapava os olhos, os quaes logo lançou ao redor de si com ar distrahido e espantado.

Nisto chegou Rigoleta com uma garrafinha na mão.

— Muito obrigada, senhorita — disse a velha; e logo accrescentou: — Toma, meu menino, bebe um golinho, e verás como cobras animo.

E aproximando a garrafita aos labios do porteiro Pipelet deu principio á empreza de lhe fazer engulir a agua-ardente de funcho. Por mais que Alfredo se defendeu valorosamente, sua mulher aproveitando-se da debilidade da victima segurou-lhe bem a cabeça com uma das mãos, e com a outra introduzio o gargalo da garrafa entre os dentes, e por força lhe fez engulir a agua-ardente. Concluido o acto, exclamou madama Pipelet com ar triumfante:

— Já estás são e salvo, meu feitiço!

E na verdade, Alfredo depois de ter limpado os beiços com as costas da mão, abrio os olhos, poz-se a pé, e perguntou com ar espantado:

— Viste-lo?

— A quem?

— Já se foi?

— Quem, Alfredo?

— Cabrion!

— Pois que!.... atreveu-se outra vez?.... — exclamou a porteira.

O interessante Pipelet, mudo como a estatua do

Digitized by Google

commendador no D. João d'Austria, moveu duas ou tres vezes a cabeça, como faz aquelle espectro.

— Pois esteve cá o senhor Cabrion? — perguntou Rigoleta, contendo apenas um violento accesso de riso.

— Está visto!... aquelle monstro assentou de dar cabo da existencia de Alfredo! — gritou a porteira — Oh! que se eu cá estivesse... havia-de-lhe metter esta vassoura pela boca abaixo, e.... Porem Alfredo, falla, conta-nos como isso foi...

Pipelet fez com a mão signal de que ia começar, e todos se puseram attentos com religioso silencio: até que com voz alterada fallou nestes termos:

— Acabava de sahir minha mulher para me poupar o trabalho de dar cumprimento aos preceitos do senhor Rodolfo (e fez-lhe uma venia); já se sabe, para ir á regedoria, á igreja e ao pastelleiro....

— Coitadinho! como elle tinha passado tão mal a noite com o pezadelo, quiz poupar-lhe esse trabalho — disse Anastacia.

— O tal pezadelo era um avizo do ceo — continuou o porteiro em tom solemne — tinha sonhado com Cabrion... era certo que Cabrion me havia-de visitar. Estava eu sentado mui manso e quieto discorrendo sobre o melhor modo de deitar uma tomba no rosto desta bota... confiada á minha habilidade... quando ouvi barulho, e senti um leve rumor na porta da loge... Não sei se era presen-

Digitized by Google

timento, ou avizo do ceo!... poz-se-me uma nuvem negra sobre o coração, levantei a cabeça... e através da vidraça da porta... vi... vi...

— O infernal Cabrion! — gritou a porteira, cruzando os braços.

— Cabrion! — repetio Pipelet com voz tremula — Lá estava, com o seu abominavel rosto encostado á vidraça, olhando para mim com olhos de gato... mas que digo?... de tigre! tal qual o havia visto em sonhos esta noite... Quiz gritar, mas a lingua pegou-se-me ao ceo da boca; quiz erguer-me, mas o meu corpo estava pregado á tripeça... A bota cahio-me das mãos, e como me tem succedido em todos os acontecimentos criticos e importantes da minha vida, fiquei completamente immovel... Então senti dar volta á chave, abrio-se a porta, e Cabrion entrou...

— Que atrevimento!... que pouca vergonha!... — acudio madama Pipelet não menos aterrada que seu marido.

— Entrou com passos vagarosos... — continuou Alfredo — deteve-se um momento á porta, talvez para me fazer dar o quebranto com o seu olhar... atroz... e depois dirigio-se para mim... detendo-se a cada passo, e traspassando-me de parte a parte com a vista, sem proferir uma palavra, mudo e ameaçador como um phantasma...

— Já se me estão a arripiar os cabellos! — disse Anastacia.

— Eu estava cada vez mais immovel assentado

Digitized by Google

na minha tripeça... Cabrion ia-se aproximando devagar, olhando sempre com os olhos fitos em mim, como faz a serpente aos passarinhos... eu tambem não podia despegar os olhos delle, a meu pezar... sem poder desvial'-os para outra parte... Chegou junto de mim... já não podia supportar o seu abominavel aspecto... não pude resistir... fechei os olhos... Senti então que ousava pôr as mãos no meu chapeo, pegando-lhe pelo alto da copa... que mo tirava mansamente da cabeça... e que me deixava a calva á mostra... Comecei a sentir uma vertigem... parecia que tudo andava á roda de mim; e tinha zunido nos ouvidos... faltou-me a respiração... o meu corpo estava cada vez mais immovel, e eu fechava os olhos com quanta força tinha... Então Cabrion inclinou-se... pegou-me na cabeça com as mãos frias como de defuncto... e sobre a minha testa coberta de suor frio depoz... um beijo impudico !!!...

Anastacia levantou as mãos para o ceo.

— Beijar-me na testa o meu mais furibundo inimigo! Uma tal monstruosidade deu-me em que pensar, e paralysou toda a minha energia. Cabrion aproveitou-se do meu estupor para tornar a pôr-me o chapeo, e depois, com um valente murro que deu na copa, enterrou-mo até aos olhos, como ainda observastes. Este ultimo ultrage fez subir ao maior auge as minhas angustias, perturbou-se-me a vista, e comecei a desmaiar logo que por baixo da aba do chapeo o vi sahir do aposento, com a mesma tran-

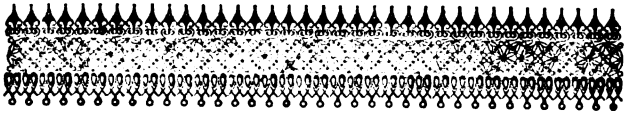
Digitized by Google

quillidade e com o mesmo sangue frio, que trouxera quando entrou.

E como se esta melancolica narração tivesse esgotado as forças do pobre Alfredo Pipelet, deixou-se cahir na tripeça, ergueu as mãos para o ceo, em muda e imprecatoria attitude. Rigoleta sahio do quarto a toda a pressa, porque já não tinha forças para conter o riso que a suffocava. O proprio Rodolfo com grande custo se tinha conservado serio.

A este tempo ouvio-se para o lado da rua o ruido confuso de um reboliço popular; cresceu este ruido até se converter em uma especie de tumulto, e pouco depois ouviram-se resoar algumas espingardas que descançavam no umbral da porta.

Digitized by Google



IV.

A PRISÃO.

Ai! Deus do ceo! senhor Rodolfo — disse Rigoleta em alta voz, voltando para traz apressurada, pallida e a tremer — está ali um commissario de policia com tropa!

— E' a justiça divina que me protege! — exclamou o porteiro Pipelet com enthusiasmo religioso — vem prender Cabrion; mas infelizmente já não vem a tempo!...

Um commissario de policia com a banda atada á cinta, distinctivo da sua classe, entrou no portal. O seu aspecto era grave, severo e cheio de dignidade.

Digitized by Google

— Já é muito tarde, senhor commissario ... o malfeitor já lá vae, disse — com tristeza o pobre Pipelet; — mas dou-vos os signaes delle... sorriso atroz... olhar impudente... modos e maneiras...

—De quem me fallaes?—perguntou o magistrado.

— De Cabrion, senhor commissario ... e se vos não descuidardes, talvez ainda o apanheis — replicou Pipelet.

— Não sei quem é esse Cabrion —disse o magistrado com impaciencia — Aqui mora um lapidario, por nome Jeronimo Morel?

— Sim, senhor — respondeu madama Pipelet, perfilando-se como um soldado.

— Ide-me ensinar a sua caza.

— De Morel, o lapidario! — replicou a porteira com assombro: — mas esse homem é manso como um cordeiro, é um infeliz... é incapaz de ...

— Mora aqui Jeronimo Morel, ou não mora?

— Mora sim, senhor commissario, mora lá em cima na agua-furtada com a sua familia.

— Pois ide-me ensinar para a agua-furtada.

E depois dirigindo-se o magistrado para um homem que o acompanhava, disse-lhe:

— Os dous guardas municipaes que esperem em baixo, e que guardem a entrada. E o Justino que vá buscar uma sege.

O homem sahio para executar a ordem.

— Agora — continuou o magistrado dirigindo-se para Pipelet — vinde comigo para me ensinardes a morada de Morel.

Digitized by Google

— Se me daes licensa, senhor commissario, eu irei em lugar de meu marido; porque elle está um tanto indisposto por causa de Cabrion.

— Vós, ou vosso marido, é o mesmo; vamos sem demora!...

E começou de subir a escada precedido de madama Pipelet; porem teve de parar vendo que Rodolfo e Rigoleta o seguiam.

— Quem sois vós? que quereis daqui? — lhes perguntou elle.

— São os inquilinos do quarto andar — respondeu logo a porteira.

— Perdoae, cavalheiro; não sabia que ereis de caza — disse para Rodolfo.

Este animado pelas boas maneiras do commissario, fallou-lhe nos seguintes termos:

— Ides vêr uma familia no ultimo estado de miseria: não sei que novo desastre ameaça este infeliz artista... Esta noite morreu-lhe uma filha depois de penosa enfermidade... morreu-lhe nos braços cheia de frio e de fome.

— Será possivel!

— E' a pura verdade, senhor commissario — acudio madama Pipelet — A não ser esse senhor que vos falla, e que é o rei dos inquilinos, porque com a sua generosidade salvou da cadêa o pobre Morel, toda a familia do lapidario morreria de fome.

O commissario olhou para Rodolfo com admiração e surpresa.

— Sim — acudio este — uma pessoa muito ca-

Digitized by Google

ritativa, sabendo que Morel, de cuja honradez e probidade eu posso ser fiador, se achava em uma situação tão deploravel como pouco merecida, encarregou-me de pagar uma divida, pela qual uns officiaes de diligencia queriam levar prezo esse pobre artista, que é o unico amparo de sua numerosa familia.

O commissario captivado da nobreza do rosto de Rodolfo, e da dignidade das suas maneiras, respondeu-lhe:

— Não duvido da probidade de Morel; porem não tenho remedio senão cumprir com um penoso dever diante de vós, que tanto vos interessaes por essa familia.

— Que quereis dizer?

— Pelo serviço que prestastes á familia de Morel, e pela vossa linguagem, bem conheço que sois uma excellente creatura: e como não tenho motivo algum para occultar o objecto da minha diligencia, devo declarar-vos que trago ordem de prender Luiza Morel, filha do lapidario.

Ouvindo estas palavras, lembrou-se logo Rodolfo do cartucho de peças que Luiza tinha dado aos officiaes de diligencia.

— E de que é accusada essa rapariga!

— De ter commettido um infanticidio.

— Ella! Luiza!... Ah! pobre pae!

— Pelo que me tendes dito, conheço que na triste situação em que esse artista se acha, semelhante golpe lhe deve ser fatal; mas infelizmente tenho de obedecer ás ordens que me deram.

Digitized by Google

— Mas talvez isso não seja mais que mera suspeita! — exclamou Rodolfo. — Haverá alguma prova contra ella?

— Não posso dar-vos mais explicações... A justiça prosegue na indagação deste crime, ou desta presumpção, em consequencia da declaração de um homem respeitavel... do proprio amo de Luiza Morel.

— Do tabellião Jacques Ferrand? — disse Rodolfo com indignação.

— Sim, senhor...

— Esse Jacques Ferrand é um infame, senhor commissario!

— Sinto muito que não conheçaes a pessoa a que vos referis: o senhor Jacques Ferrand é o homem mais honrado do mundo, e a sua probidade é geralmente conhecida.

— Repito-vos que esse tabellião é um miseravel, um infame... Tentou prender Morel, porque sua filha não quiz ceder ás suas iniquas propostas; e se Luiza é simplesmente perseguida pela denuncia desse homem... haveis-de confessar que a presumpção pouco credito merece.

— Não é da minha competencia, nem me convem discutir o valor da declaração do senhor Ferrand — replicou friamente o magistrado — A justiça procede neste assumpto, que os tribunaes hão-de decidir; pelo que me toca, eu tenho ordem de prender Luiza Morel, e não farei mais do que cumprir o meu dever.

— Tendes razão, senhor commissario, e sinto

Digitized by Google

que um movimento de indignação, creio que bem fundado, me fizesse esquecer que não era este o lugar e o tempo de promover uma tal discussão. Permitti porem que vos diga ainda uma palavra mais: o cadaver da menina que morreu esta noite, acha-se por ora na agua-furtada, e eu offereci o meu aposento á familia, para a poupar a tão triste espectaculo. Encontrareis por tanto o lapidario no meu quarto, e provavelmente tambem lá estará sua filha. Rogo-vos em nome da humanidade, que não deis a Luiza ordem de prisão diante desses desgraçados, que mal acabam de se vêr livres de uma sorte espantosa. Morel experimentou esta noite tão horriveis commoções, que a sua razão de certo não poderia resistir a este novo e penetrante golpe, que de certo tambem acabaria com a vida de sua mulher, cuja saude se acha em imminente risco.

— Eu nas diligencias que sou obrigado a fazer, sempre guardo todas as conveniencias, e tenho todas as possiveis attenções; e nesta occasião não obrarei de differente modo.

— Nesse caso deixae-me pedir-vos um favor; esta rapariga, que vem na minha companhia, mora em um quarto immediato ao meu, e estou certo que não terá duvida em o pôr á vossa disposição. Podeis assim chamar primeiro Luiza, e depois o pae, para que ella ao menos se despeça delle... Dest'arte evitareis uma scena dolorosa á pobre mãe enferma.

— Se isso assim se pode dispôr, eu da minha parte não lhe acho inconveniente.

Digitized by Google

Em quanto o commissario e Rodolfo diziam estas couzas em meia voz, conservaram-se Rigoleta e madama Pipelet a certa distancia dos dous interlocutores: Rodolfo desceu até onde estava a *griseta*, que tremia de susto á vista do commissario, e lhe disse:

— Minha visinha, quero pedir-vos ainda outro obsequio: podeis ceder-nos o vosso quarto por pouco tempo?

— Pelo tempo que vos fôr preciso, senhor Rodolfo... A chave já lá a tendes. Mas, meu Deus! para que é isto?

— Logo o sabereis... Ne entretanto, tende paciencia, olhae se mandaes ao Templo, a dar ordem para que não tragam o que se comprou, senão daqui a uma hora.

— Vou eu mesma, senhor Rodolfo... Mas dizei-me antes se é alguma nova desgraça que está para succeder a Morel.

— E'; e muito grande. Ide! que depressa o sabereis.

— Vou n'um pulo ao Templo, meu visinho... Oh meu Deus! salvae estes infelizes!... — exclamou Rigoleta: e n'um instante desceu a escada.

Rodolfo queria evitar que Rigoleta presenceasse a prisão de Luiza.

— Meu commissario — disse madama Pipelet — já que o meu rei dos inquilinos quer ter o incommodo de vos acompanhar, volto para baixo para ao pé de Alfredo. Tenho o coração desassocegado, por-

Digitized by Google

que elle ainda não ha um instante que tornou a si da indisposição de Cabrion.

— Podeis ir — replicou o commissario; e ficou só com Rodolfo.

Chegaram ambos ao patamar do quarto andar, que estava em frente do quarto, onde provisoriamente se tinha installado Morel e a sua familia.

Abrio-se de repente a porta.

Luiza sahia com precipitação, pallida, e lacrimosa.

— Adeus! adeus, meu pae! — exclamou ella: — tenho de sahir infallivelmente; logo tornarei.

— Luiza! minha filha! escuta! — acudio Morel seguindo sua filha, e procurando detel-a.

A' vista do commissario e de Rodolfo ficaram ambos immoveis.

— Ah, senhor! nosso bemfeitor! — disse o lapidario para Rodolfo — ajudae-me a deter minha filha. Eu não sei o que ella tem, mas o seu olhar assusta-me, e quer ir-se embora... E depois, senhor, vós não me dissestes que ella não havia de voltar para caza de seu amo? Não é verdade que me dissestes: « Luiza não tornará a sahir d'ao pé de vós: Luiza será a vossa recompensa? » Oh! que ao ouvir esta promessa, até por um momento me esqueci da morte da minha pobre Adelaide... Mas eu não quero separar-me de ti, Luiza ... nunca! não quero!

Rodolfo ficou de tal sorte commovido, que não teve animo para responder. E o commissario disse para a rapariga com tom severo:

Digitized by Google

— Vós chamaes-vos Luiza Morel?

— Sim, senhor — respondeu a rapariga com alguma perturbação.

Rodolfo já tinha aberto a porta do quarto de Rigoleta.

— E vós sois Jeronimo Morel, seu pae? — continuou o magistrado dirigindo-se para o lapidario.

— Sim, senhor.... mas....

— Entrae para aquelle quarto com vossa filha.

E o magistrado apontou para o quarto da costureira em que já estava Rodolfo. Animados com a presença deste, o lapidario e Luiza, cheios de perturbação e de assombro, obedeceram ao commissario, o qual fechou a porta, e disse para Morel com voz um tanto alterada:

— Já sei que sois honrado e desditoso, e por isso me custa ter de vos dizer que, em nome da lei... venho prender vossa filha.

— Já se sabe tudo... estou perdida! — exclamou Luiza atterrada, e no mesmo instante se lançou nos braços de seu pae.

— Que dizes?... tu que estás a dizer?... — acudio Morel attonito — estás louca? porque dizes que estás perdida?... Porque te hão-de prender?... prender-te!... e quem se atreveria a isso?...

— Eu... em nome da lei! — e dizendo isto o commissario mostrou o cinto.

— Ai de mim!... desgraçada de mim!... — exclamou Luiza deixando-se cahir de joelhos.

— Como!... em nome da lei!... — tornou o

Digitized by Google

artista, cuja razão alterada por este novo golpe começava já a obscurecer-se: — porque se ha-de prender a minha filha em nome da lei? Eu respondo por minha filha, isso respondo eu! é minha filha, e muito querida ... não é verdade, Luiza? Ora esta! prenderem-te quando o anjo da nossa guarda te restituio a nós para nos consolares da perda da nossa Adelaidesinha! Vio-se já cousa semelhante? não, não pode ser... E alem disso, senhor commissario, fallando com o devido respeito, não se devem prender senão as raparigas devassas... e Luiza, a minha filha, não é nenhuma ... Este senhor de certo vem errado, minha filha... Eu é verdade que me chamo Morel; mas ha mais Moreis na terra... e tu chamas-te Luiza, mas tambem quantas Luizas ha por esse mundo de Christo!... Senhor commissario, não tem duvida que vindes enganado...

— Infelizmente não é assim, não!... Luiza Morel, despedi-vos de vosso pae.

— Com que então teimaes em levar minha filha!... — exclamou o artista irado com a força da dôr, e adiantando-se para o magistrado.

Rodolfo segurou o lapidario pelo braço, e disse-lhe:

— Socegae, Morel, e esperae: Luiza ha-de voltar para ao pé de vós... logo que prove a sua innocencia, porque ella de certo não é criminosa.

— Criminosa! de que?... de nada o pode ser: eu atrevia-me a pôr as mãos no fogo por ella para... — Lembrando-se porem do dinheiro em ouro que

Digitized by Google

Luiza trouxéra para pagar a divida, exclamou : — Porem aquelle ouro !... aquelle ouro desta manhãa, Luiza !

E olhou para sua filha com aspecto aterrador.

Luiza bem entendeu o que significava este olhar, e só disse :

— Eu furtar !

E seu pae bem vio por esta simples expressão, pelo accento com que foi proferida, e pelo gesto de indignação que ella fez, que sua filha não tinha commettido furto. Por isso o seu semblante tornou a serenar, e disse em alta voz :

— Bem me parecia a mim ! olhae como ella nega, senhor commissario ... e juro-vos pelo que ha de mais sagrado, que minha filha nunca mentio. E podeis informar-vos com todos quantos a conhecem, que todos vos dirão o mesmo que eu ... Ella mentirosa ! Deus nos livre !... Tem muito orgulho para não mentir ; e alem disso a divida foi paga pelo nosso bemfeitor ... E o ouro que ella trouxe vae já immediatamente restituil'-o á pessoa que lho emprestou, e que lhe prohibio que declarasse o seu nome ... Não é isto assim, Luiza ?

— Vossa filha não é accusada de furto — interrompeu o magistrado.

— E que vos importa a culpa de que accusam vossa filha ? — disse Rodolfo compadecido do estado do infeliz lapidario : — ha-de-se provar a sua innocencia, e ficae na certeza que a pessoa que tanto se interessa por vós, tambem ha-de proteger a vos-

Digitized by Google

sa filha... Não vos mortifiqueis, cobrae animo, que a Providencia não vos ha-de abandonar nesta occasião. Abraçae vossa filha; deixae-a ir, que depressa vos será restituida.

— Senhor commissario! — exclamou Morel sem attender ás vozes de Rodolfo — não se arrebata assim uma filha do poder de seu pae, sem ao menos lhe dizer o motivo. Eu quero saber o que isto é... Luiza, dize tu.

— Vossa filha é accusada de... infanticidio... — disse o magistrado.

— Mas eu, senhor... não entendo... o que isso quer dizer...

E Morel atterrado e balbuciando proferio mais algumas palavras sem ligação.

— Vossa filha é accusada de ter morto um filho — replicou o commissario, profundamente commovido com esta dolorosa scena — Mas esse crime ainda não está provado.

— Ah! não, senhor... não é verdade... — exclamou Luiza com vehemencia, e pondo-se a pé. — juro que estava morto! que não respirava... que já estava frio como um gêlo... perdi a cabeça, e não sei o que se passou... ahi está o meu delicto.... Porem matar o meu filho!... oh! isso nunca!...

— O teu filho!... miseravel!!! — gritou Morel levantando ambas as mãos sobre Luiza, como se quisera aniquilal'-a com este gesto e com esta terrivel imprecação.

Digitized by Google

— Piedade! meu pae! piedade!... — exclamou ella.

Passado um momento de espantoso silencio, Morel continuou com uma tranquillidade mais terrivel ainda que a ira precedente.

— Senhor commissario, levae, levae esta infame creatura... ella não é minha filha.

O lapidario quiz sahir; porem Luiza lançou-se de joelhos aos seus pés, e abraçou-o com a cabeça cahida para traz, desattentada e perdida.

— Ouvi-a sequer! — disse Rodolfo detendo-o — não sejaes tão deshumano.

— Ella!!! Oh meu Deus! meu Deus!... Ella... deshonrada!! — repetio Morel escondendo o rosto com ambas as mãos — Oh! que infamia... e que infame!

— Mas quem sabe se ella se deshonrou para vos salvar! — disse-lhe Rodolfo em voz baixa.

Estas palavras causaram em Morel o effeito de um raio: olhou para a filha, que ainda se conservava de joelhos a seus pés, e interrogando-a com um olhar, que se não pode pintar, disse com voz abafada, e com os dentes cerrados pelo furor:

— O tabellião?...

Aos labios de Luiza pareceu chegar uma resposta..... Ia para a proferir; mas alguma reflexão a conteve, porque abaixou a cabeça, e conservou-se silenciosa.

— Mas não, não é possivel... elle ainda esta manhãa me queria prender — disse Morel — por tan-

Digitized by Google

to não pode ser elle... Oh! ainda bem! melhor! muito melhor!... visto isso não tem ella desculpa!... e por tanto não contribui para a sua deshonra, e poderei amaldiçoal'-a sem remorsos!...

— Oh! não! não me amaldiçoeis!... eu vos direi tudo... mas sómente a vós... e vereis então se mereço perdão...

— Ouvi-a por piedade! — lhe disse Rodolfo.

— O que me ha-de ella contar? a sua infamia?... não tardará a ser bem publica; e quando todos a souberem, cá me chegará aos ouvidos...

— Senhor! — exclamou Luiza dirigindo-se ao magistrado — pelo amor de Deus deixae-me fallar em particular com meu pae... antes de nos separarmos, talvez para sempre... e tambem fallarei diante de vós, nosso bemfeitor... porem só diante de vós e de meu pae...

— Eu por mim deixo-vos fallar — disse o magistrado.

— E haveis-de vós ser tão insensivel que recuseis esta ultima consolação á vossa filha? — perguntou Rodolfo a Morel — Se vos mereço alguma gratidão pelos beneficios que vos tenho proporcionado... annui aos rogos de vossa filha...

Depois de poucos momentos de irritado e sombrio silencio, Morel respondeu:

— Pois vamos!...

— Mas para onde havemos-de ir?... — perguntou Rodolfo — apenas um delgado tabique nos separa da vossa familia.

Digitized by Google

— Para onde iremos? — exclamou o lapidario com amarga ironia; — para onde iremos?... lá para cima... para a agua-furtada... para junto do cadaver de minha filha... é o sitio mais proprio para uma tal confissão, não vos parece? Vamos! vamos vêr se Luiza se atreve a mentir na presença do cadaver de sua irmãa!...

O lapidario sahio arrebatadamente e sêm olhar para Luiza.

— Cavalheiro — disse o commissario a Rodolfo em voz baixa — vêde se abreviaes esta entrevista o mais que fôr possivel, para bem desse desgraçado... Bem dizieis vós, que elle não resistiria a este golpe... ha um instante o seu olhar parecia mesmo de louco...

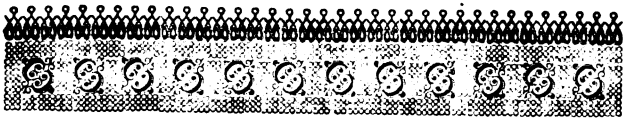
— Tambem estou receoso de alguma nova desgraça, e por isso farei o que puder por encurtar a dolorosa despedida.

E Rodolfo correu a juntar-se com o lapidario e sua filha.

Com quanto se não possa deixar de considerar estranha e lugubre esta determinação de Morel, todavia era forçoso ceder-lhe em taes circumstancias. O magistrado promettera esperar no quarto de Rigoleta o resultado da entrevista, a familia de Morel occupava o aposento de Rodolfo, de modo que só estava desembaraçada a funebre agua-furtada, para onde subiram Luiza, seu pae e Rodolfo.

Digitized by Google

Digitized by Google



V.

A CONFISSÃO.

Que triste e cruel espectaculo! No meio da agua-furtada, segundo o que já descrevemos, jazia sobre a enxerga da idiota o cadaver da neta, morta naquella manhãa: o cadaver estava coberto com um pedaço de pano velho. A viva claridade que entrava pela estreita clara-boia allumiava as caras dos tres actores desta scena com seus intervallos de sombra e de luz. Rodolfo estava de pé, encostado á parede, e profundamente commovido. Morel sentado na borda da sua meza de trabalho, com a cabeça baixa, os

Digitized by Google

braços pendentes e com o olhar fixo e assombrado, não afastava os olhos da enxerga em que jazia o corpo da sua Adelaide. Esta vista desarmou a colera e indignação do lapidario, convertendo-se estes sentimentos em uma sombria amargura: abandonou-o a sua energia, e pareceu estar resignado a soffrer o novo golpe da sua adversa fortuna.

Luiza, coberta de mortal pallidez, sentia-se desfallecer, e ao mesmo tempo enchia-se de horror ao pensar na revelação que ia fazer a seu pae... Entretanto aventurou-se a pegar-lhe na mão, fraca, descarnada e contrafeita pelo trabalho. O lapidario não a retirou; sua filha rompeu então em soluços, e cobrio-a de beijos, e sentio que ella lhe comprimia um pouco os labios. A ira de Morel tinha-se aplacado, e as lagrimas que por largo espaço elle contivéra, começavam de correr em torrentes.

— Oh meu pae!... se vós soubesseis! — exclamou Luiza — se soubesseis como sou digna de compaixão!

— Sim, Luiza; olha, esse ha-de ser o tormento de toda á minha vida — replicou o lapidario chorando — Tu, tu para a cadêa... entre os criminosos! oh meu Deus!... Tu que eras tão orgulhosa, porque tinhas razão para o ser... Não! — acudio com novo accesso de desesperação dolorosa — não! antes quisera ver-te no leito da morte, ao lado de tua pobre irmãa.

— E tambem eu preferira isso... oxalá! — tornou-lhe Luiza

Digitized by Google

— Calla-te, desgraçada! não profiras herezias... Eu não sube o que disse; perdi o juizo... Anda, diz depressa: em nome de Deus te digo que não occultes a verdade: por mais terrivel que ella seja não ma negues, que depois que a souber não me parecerá tão cruel... Falla; diz depressa, que os momentos são contados... *esperam-te* lá em baixo; sim, esperam-na... Ai de mim, triste! que despedida, meu Deus!... daqui para o carcere!...

— Tudo vos confessarei meu pae... — interrompeu Luiza com animo resoluto: — mas dae-me a vossa palavra, e o nosso bemfeitor que tambem ma dê, de não se repetir isto a ninguem... a ninguem deste mundo. Se elle viesse a saber que eu tinha descoberto o segredo... Oh! — accrescentou ella estremecendo de horror — ficarieis perdido... perdido como eu... porque não fazeis idêa do poder e da maldade de semelhante homem...

— De que homem?

— De meu amo... — disse Luiza em voz baixa, e olhando em volta de si, como se temesse que a ouvissem.

— Ficae descançada — replicou Rodolfo — por mais cruel e poderoso que esse homem possa ser, não importa, que assim mesmo o havemos de combater. Alem disso, se eu chegar a revelar o qué nos ides dizer, será só para vosso bem e de vosso pae.

— E mais eu, Luiza, se tivesse de dizer alguma cousa, seria unicamente para te salvar. Mas que mais fez esse homem tão infame?

Digitized by Google

— Porem ainda temos mais alguma cousa — disse Luiza depois de alguns momentos de reflexão: — o que vou a dizer diz respeito a outra pessoa, que me fez um grande favor, e que foi uma Providencia para meu pae e para a minha familia: esta pessoa estava empregada em casa do senhor Jacques Ferrand quando eu para lá entrei para criada, e fez-me jurar que nunca descubriria o seu nome.

Rodolfo entendeu que esta pessoa não podia ser senão Francisco Germano; e então disse para Luiza:

— Se vos referis a Francisco Germano, não vos dê cuidado, que o segredo não sahirá de mim e de vosso pae.

Luiza olhou admirada para Rodolfo, e disse-lhe:

— Pois é vosso conhecido?

— Tu que dises! — interrompeu Morel — pois aquelle excellente moço, que aqui morou tres mezes, estava empregado em casa de Jacques Ferrand quando tu para lá fostes? Mas da primeira vez, que aqui o vistes, fizeste que o não conhecias!

— Porque assim tinhamos ajustado: elle tinha motivos fortes para occultar que trabalhava em casa de Jacques Ferrand. Eu é que lhe disse que havia para alugar um quarto no andar debaixo, porque sabia que havia-de ser bom visinho para a minha familia.

— Mas quem é que inculcou vossa filha para casa do tabellião? — perguntou Rodolfo.

Digitized by Google

— Quando vi que a doença de minha mulher se ia adiantando, disse á senhora Galheta, que é uma mulher que aqui mora, e que faz emprestimos sobre penhores, que Luiza estava resolvida a ir servir para alguma casa, para nos ajudar a viver. A senhora Galheta conhecia a ama do tabellião, e deu-me uma carta em que lhe recommendava Luiza como excellente rapariga... ah!... não ter um raio abrazado aquella carta!... porque foi ella a causa de todos os nossos males... Por fim, senhor, ahi tendes como minha filha veio a entrar para casa do tabellião.

— Não obstante saber eu já alguns dos factos, que excitavam o odio de Jacques Ferrand contra vosso pae — disse Rodolfo para Luiza — peço-vos que me digaes em poucas palavras o que se passou entre vós e o tabellião desde que estaes em casa delle... porque isso talvez venha a ser util para a vossa defeza.

— Nos primeiros tempos que estive em sua casa, não tive motivo algum de queixa — replicou Luiza. — O trabalho era grande, a ama tratava-me mal, a casa era triste; porem eu soffria com paciencia, porque em fim o serviço não é para regalo, e em toda a banda ha pão e lagrimas. Jacques Ferrand tinha um aspecto severo, ouvia todos os dias missa, e era frequentemente visitado por padres: eu não desconfiava nada delle, porque a principio apenas olhava para mim, e fallava-me com bastante aspereza diante das pessoas de fóra. A' excepção do porteiro

Digitized by Google

que vivia para o lado da rua, na mesma parte da casa em que estava o escriptorio, era eu a unica criada, e Serafina ama do governo; e a parte da casa que occupavamos estava isolada entre o pateo e o jardim. Como o meu quarto era no ultimo andar, eu tinha medo de noite, tanto quando estava nelle, como quando estava sósinha na cozinha, que era subterranea. Um dia em que fiquei a pé até mais tarde para acabar uma obra depressa, ao tempo de me ir a deitar senti passos no corredor, em cuja extremidade era o meu quarto: senti que uma pessoa parou á minha porta, e lembrou-me ao principio que seria a ama; mas vendo que não acabava de entrar, enchi-me de medo, fiquei sem alento, puz-me a escutar, mas não senti movimento algum: e comtudo eu estava bem certa de que havia alguem á porta. Duas vezes perguntei quem estava alli... e ninguem me respondeu.. Arrastei a minha commoda, e encostei-a contra a porta, que não tinha fecho nem chave, puz-me de novo a escutar, e como ninguem se mexia, no cabo de boa meia hora deitei-me na cama, e passei a noite com socego. Ao outro dia pedi licensa á ama para mandar pôr um fecho na porta do meu quarto, que não tinha fechadura, e contei-lhe o susto da noite passada; porém ella respondeu-me, que naturalmente era eu que sonhava, e que de mais a mais, se queria o fecho, que o fosse pedir ao senhor Jacques Ferrand. Fui, e o tabellião ao ouvir a minha pertenção encolheu os hombros, e disse-me que estava louca; de fórma que não me atrevi a dizer-lhe mais

Digitized by Google

nada. Passado pouco tempo succedeu a desgraça da perda do brilhante. Meu pae estava desesperado, sem saber o que havia-de ser delle. Eu contei á senhora Serafina a nossa desgraça, e ella me respondeu: « Nosso amo é tão caritativo, que talvez elle possa valer a vosso pae ». Nessa mesma noite estava eu servindo á meza, e o senhor Ferrand virando-se para mim, disse: « Teu pae necessita de duzentos e quarenta mil reis: vae a tua casa, e diz-lhe que venha amanhãa ao meu escriptorio para receber essa somma. Eu sei que é homem honrado, e que merece que se lhe faça bem. » Eu, vendo esta prova de generosidade, desatei a chorar, sem saber porque outro modo agradeceria a meu amo tamanha bondade, até que por ultimo me disse com a sua aspereza ordinaria: « Está bom, basta; o que eu faço a teu pae não é nenhuma cousa do outro mundo, é um negocio muito simples... » Nessa mesma noite mal acabei a minha obrigação vim dar a meu pae esta boa noticia, e no dia seguinte...

— Recebi os duzentos e quarenta mil reis, e firmei uma lettra a tres mezes — disse Morel — e fiz como Luiza... chorei como ella agradecido... e chamava a esse homem meu bemfeitor... meu salvador. Oh! que mal elle sabe o reconhecimento e a veneração que eu lhe professava!...

— Mas aquella precaução de vos fazer firmar uma lettra em branco, e a prazo tão curto, que vos seria impossivel satisfazer ao pagamento, não vos fez desconfiar? — perguntou Rodolfo.

Digitized by Google

— Não, senhor: só me lembrou que o tabellião queria segurar o seu dinheiro, e nada mais; e por outra parte, elle tambem me disse que não cuidasse do pagamento até dali a dous annos, porque de tres em tres mezes, eu reformaria a lettra por mera formalidade. Não obstante, no dia do vencimento foi-me apresentada a lettra, e como eu a não podesse pagar, elle obteve mandado contra mim em nome de terceira pessôa; e depois mandou-me dizer que não me inquietasse, porque tinha sido engano do official de diligencias.

— Desse modo ficaveis debaixo de seu poder... — disse Rodolfo.

— Exactamente, senhor; porque desde esse momento começou a... Porem vamos adiante, Luiza... conta-nos, minha filha, o que se passou... Não sei onde estou... anda-me a cabeça á roda... nem sei o que digo... Deus nosso Senhor me valha! parece-me que por fim virei a perder o juizo... Porque isto é de mais... é de mais...

Rodolfo cuidou em tranquillisar o lapidario; e Luiza continuou:

— Eu trabalhava com dobrado zelo, a fim de mostrar do melhor modo que podia o meu agradecimento. A ama tomou-me desde esse tempo grande aversão, e fazia gosto de me atormentar, e de me indispor com o patrão, não me dando conhecimento dos preceitos que elle ordenava. Isto era para mim motivo de continuado martyrio; e de boa mente eu procuraria outra casa, se não fôra a grande obri-

Digitized by Google

gação que meu pae devia ao senhor Ferrand. Havia já tres mezes que meu amo tinha emprestado o dinheiro, e apezar de elle me tratar sempre com a mesma dureza diante da senhora Serafina, entretanto algumas vezes olhava para mim ás furtadellas, e de um modo que me perturbava, e ria-se então de me ver corar.

— Notae, senhor, que por aquelle tempo tratava o monstro de obter contra mim um mandado de prisão.

— Um dia — continuou Luiza — a ama que governáya a casa, contra o seu costume, sahio logo que acabou de jantar, os escreventes deixaram a secretaria, e eu fiquei sosinha em caza com meu amo, e fui para o meu quarto pôr-me a trabalhar; eis senão quando toca elle a campainha. Entro no seu quarto de dormir, e vejo-o em pé, virado para o fogão, e ao chegar-me a elle voltou-se de repente, e agarrou-me entre os braços... tinha a cara afogueada, e os olhos resplandeciam-lhe, como se deitassem faiscas de fogo. Tive um medo horroroso; e posto que a surpreza me impedio de fazer logo o mais pequeno movimento, e apezar de elle ter muita força, defendi-me de maneira, que por ultimo consegui escaparme para a ante-sala, cuja porta fechei, empurrando-a com quanta força tinha, porque a chave estáva da outra banda.

— Não ouvis, senhor... não ouvis... — disse Morel para Rodolfo — ahi tendes a conducta do meu digno bemfeitor.

Digitized by Google

— Dahi a alguns momentos cedeu a porta aos esforços de meu amo — continuou Luiza; — mas felizmente como estava perto da luz, pude apaga-la; e sendo alem disso muito espaçosa a ante-sala, e estando tudo ás escuras, começou a chamar por mim, porem eu não respondi. Então disse elle com voz que se lhe sentia tremer de colera: « Não te faças fina! olha que se teimas muito, vingo-me em teu pae... faço-o metter na cadêa pelos duzentos e quarenta mil reis que me deve, e que não póde pagar. » Suppliquei-lhe então que tivesse dó de mim; prometti-lhe de ser boa criada, mas declarei-lhe que nada no mundo seria capaz de me obrigar a perder a minha honra, e a envilecer-me.

— Sim; é tal e qual a linguagem de Luiza — disse Morel — da minha Luiza, quando ella tinha direito de andar vaidosa e soberba sem esconder a cara. Mas como é que... Anda... continúa...

— Estavamos pois ás escuras, quando de repente ouço fechar a porta da ante-sala que meu amo chegou a encontrar ás apalpadellas, de modo que já eu não podia escapar. Entrou a correr para o quarto, e voltou dahi a pouco trazendo luz. Não me atrevo a contar-vos, meu pae, nem as suas ameaças, e a sua perseguição de um quarto para outro: mas por fortuna a desesperação, o medo e a colera fizeram-me das fraquezas força, e elle enfurecido pela minha resistencia, ja não era senhor de si: maltratou-me, chegou até a ferir-me, de modo que fiquei com a cara toda a escorrer em sangue.

Digitized by Google

DA POESIA ANTIGA.

DA ANTIGUIDADE E BELLEZA DOS VERSOS OCTOSYLLABOS (*).

> La combinacion octosilábica occurre tan frecuentemente . . . . . que léjos de ser una operacion difícil, á veces, escribiendo en prosa, se necésita alguna aplicacion para evitar-la.
>
> *Moura, Leyend. Espan. Pag. IX.*

I.

Os pequenos *metros octonarios* ou *de redondilha maior*, como os nossos antigos escriptores lhes chamavam, são, sem duvida, a *primitiva e mais adequada fórma* da nossa poesia eminentemente nacional: — desse mysterioso e sublime sentimento das harmonias da natureza, o qual de nenhum povo ou

(*) Estas reflexões litterarias foram começadas a imprimir-se no 2.° n.° da *Revista Academica*, Periodico Litterario e Scientifico, que de quinze em quinze dias se publica nesta cidade de Coimbra. Como porêm deixassemos desde o dia 26 d'Abril, de fazer parte da *Commissão Redactora* e da *Sociedade Editora* deste Periodico, e não quizessemos deixar de solver para com o publico uma divida sagrada, que n'aquelle n.° começamos a extrahir, por isso encetamos hoje na *Revista Litteraria* a satisfação da religiosa promessa, que fizemos na *Revista Academica*.

Digitized by Google

nação por nós fôra herdado, mas evidentemente conserva as feições ou caracteres dos romances « historicos, cavalleirescos e provençaes » sob um caracter singular — *um caracter unico* — em toda a peninsula hispanica, *se igualmente o não é por ventura em todo o mundo conhecido.*

O senhor *João Baptista d'Almeida Garrett*, assim como entre nós foi o primeiro, que em 1838 soubera abrir e marcar, com seu *Auto de Gil Vicente*, uma nova épocha dramatica para Portugal, assim fôra igualmente o que entre nós, em 1828, primeiro se aventurára, com seu *Romance de Adozinda*, a restaurar a elegante *fórma poetica*, que por *antiquada* vivamente agradára como *nova*, e por *esquecida* e *despresada* entrára a ser de tal modo *bemquista*, que desde então se começaram a escrever composições poeticas d'alguma grandeza ou extensão nos pequenos *versos de oito syllabas*; — nos lindos *metros de redondilha perfeita*, que desde os tempos de *Mosen João Boscan Almogaver*, e *Garcilaso de la Vega*, em Hispanha, e logo de *Francisco de Sà de Miranda*, e *Antonio Ferreira*, em Portugal, começáram a cahir em grandissimo desuso e abandono, e a sómente ser empregados nas *voltas* e *glosas*, e n'alguns poucos mais generos de *poesias ligeiras.*

Os poetas d'então conheciam e manuseavam, de dia e de noite, os modêlos gregos e romanos; e estudavam com enthusiasmo as *fórmas poeticas* e as *combinações rhythmicas* dos Italianos, cuja practica *André Navagero*, embaixador da Republica de Veneza na corte de Hespanha, aconselhára, por esses

Digitized by Google

tempos, a *Boscan*, o qual com seu amigo *Garcilaso* e depois com *D. Diogo Furtado de Mendonça*, *D. Gutterres de Cetina*, *D. Fernando da Cunha*, *D. Luiz de Haro* e outros engenhosos *Petrarquistas*, como então lhes chamavam, mudaram inteiramente de face a *esthetica harmonica* ou *philosophia da arte poetica* entre Hespanhoes, os quaes já nos seculos XIV e XV tinham no *Conde Lucanor*, de *D. João Manoel*, e no *Marquez de Santillana*, *Iñigo Lopes de Mendonça*, muitos *sonetos á italiana* e muitos *versos hendecasyllabos*: — versos hendecasyllabos, que os toscanos e os peninsulares foram de certo haver, em sua origem, dos *Trovadores provençaes* ou *lemosinos*, como póde colher-se da excellente *Memoria* do *Dr. Christ. Fr. Bellermann sobre a historia da poesia portugueza desde o seculo XIII até os começos do seculo XVI*, impressa em Berlin no anno de 1840 sob o titulo = *Die alten Liederbucher der Portugiesen* etc. pag 8. Mas se o *classiquismo* e o *petrarquismo* enriqueceram a poesia dos peninsulares com o maravilhoso poetico dos Gregos e Romanos, e com os modos e cadencias metricas dos Italianos, devemos confessar não obstante, que a nossa poesia nacional perdeu então quasi todo o seu caracter proprio — quasi todo o seu typo d'originalidade: — e para nos servirmos das judiciosas expressões do senhor *Garrett*, *Parn. Lusit.* (*Hist. da Ling. e da Poes. Port.*) *Tom.* 1.° *Pag. XVI*, diremos, que por essa escravidão poetica produzida pela theogonia e pelas combinações classicas = « .... mui pouco ficou « para o que era nacional, para o que já tinha-

« mos, para o que podiamos adquirir ainda, para « o que naturalmente devia nascer de nossos usos, « de nossas recordações, de nossa archeologia, do « aspecto do nosso paiz, de nossas crenças popula- « res, e em fim de nossa religião. »

Passaremos, com effeito, uma revista geral pelo que ha melhor e mais bello nos Parnasos hespanhol e portuguez: e plenamente nos convençeremos, de que entre as antigas *trovas*, *coplas*, *vilhancicos* e mais *combinações metricas*, anteriores ao seculo XVI, nenhumas ha, na verdade, que mais faceis, mais naturaes e mais accomodadas sejam á *idiosyncrasia* dos idiomas peninsulares e ao genero de certos assumptos, do que os lindissimos *versos octonarios*: e se do seculo XVI com attenção nos voltarmos para o exame das poesias dos seculos, que até o nosso se lhe tem seguido, exuberantes provas encontraremos ainda da exacção da nossa maneira de sentir.

E como a litteratura hespanhola é, geralmente, tão rara e tão pouco conhecida entre nós, que quasi parece, que com ella andamos divorciados, apresentaremos alguns poucos exemplos ou especimens de poesias hespanholas, a que nestas reflexões nos referimos; ficando todavia com a pesada magoa, do que a natureza d'uma *publicação periodica* nos não permitta poder demorar-nos sufficientemente neste importante genero d'exemplificações, e nos obrigue muitas vezes a sacrificar a elegancia e antiguidade d'algumas composições metricas á pouca extensão d'outras poesias hespanholas de muito menos valor.

E não devemos admirar-nos de se não encontrar

Digitized by Google

em muitos romances antigos todas aquellas palavras antiquadas, com que, sem duvida, deveriam ser compostas pelo *povo trovador*. Estas feituras dos poetas *leigos* e *rusticos* eram d'antes transmittidas oralmente de idade em idade, que se deconhecia ainda a felicissima invenção de *Guttenberg*: as novas gerações *modernisavam*, pela natureza das cousas, os cantos populares, que seus avós lhes legavam: e por tanto os primitivos romances — os cantos eminentemente nacionaes, cheios de naturalidade e candura, de mysticismo e de abusões — só nos podem conservar, apenas, a construcção e cadencia das antigas *linguas rusticas*: — só nos podem ter chegado, depois de tantos seculos e de tantas modificações, como chegára aos Gregos a *nau de Colchos*. As fórmas ou feições podem ser similhantes ás dos originaes, e *por ventura* as mesmas, como *parece* observar-se em muitos romances em que se acham intercalados alguns fragmentos d'outros, evidentemente muito mais antigos; mas os adornos ou atavios — esses trazem comsigo o caracter dos diversos tempos, em que foram *modelados*.

Estude-se o inconnexo estilo e a singular versificação da maior parte dos variados romances hespanhoes, historicos, cavalleirescos e amatorios, muitos dos quaes foram cuidadosamente recolhidos da tradicção oral dos povos e publicados pela primeira vez no mil vezes rarissimo = *Cancionero de Romances*, reimpresso em Anvers no anno de 1554: — nesse appreciavel Cancioneiro de *cantigas populares*, que antes da *desconhecida* primeira edição desta obra nun-

Digitized by Google

ca tinham sido impressas nem corriam sequer manuscriptas: — estude-se, repetimos, o seu estilo e a sua versificação pouco regulares, — do que muitas vezes ficará cançado até o homem mais ledôr d'antiguidades: — e certo que ninguem haverá, que nestes romances, em geral, e n'alguns de seus trêchos em particular, não vá descobrir uma tal naturalidade — um tal interesse e primitiva candura — que desde logo extasia e arrebata ainda a imaginação menos ardente e o coração mais frio e menos sensivel; porque ha nesta poesia do intimo sentimento dos povos uma lyra ingenua, em que se vibram todas as idealidades e todas as affecções d'alma: — idealidades e affecções proprias « *talvez* » de todos os tempos e de todos os paizes: — que das Hispanhas de certo.

¿ Que vestigios d'extrema antiguidade popular se não encontram, com effeito, no pequeno *romance do triste amador*, o qual se julga ser obra do seculo XII, e apenas fôra retocado pelo celebre poeta Queiroz, que florecêra no seculo XV?

Amára yo una señora,
Y amêla por mas valer;
Quiso mia desventura
Que la hubiese de perder:
Irme quiero á las montañas,
Y nunca mas parecer,
Y en la mas áspera de ellas
Mi vida quiero hacer,
Tan triste que no se halle
Conmigo ningun placer,
Porque mis graves dolores
Puedan contino crecer;
Con los animales brutos
Me andaré triste á paccer:
Paciencia, si la hallare,
Me habrá de sostener,
Pues vida con tanta gloria
No la pude merecer,
Que la muerte merecida
Me deja por no me ver
Tan penado y tan perdido,
Cual su mal no puede ser:
El menor mal que yo tengo
Mucho mas es de temer,
Y asi voy donde no espero
Por siempre jamas volver.

Grande *nacionalidade peninsular* se descobre

Digitized by Google

tambem no lindo *romance do Conde d'Alemanha*: Romance, que muitas vezes temos ouvido cantar, em portuguez e com mais graça na *Provincia do Minho*, pelas visinhanças da *villa de Guimarães*, e pelas immediações de *Landim*, perto da confluente dos rios Ave e Vizella, aonde arranjamos um bom peculio d'antigas *Trovas e Cantigas populares*, todas compostas em *metros octonarios*.

A tan alta va la luna
Como el sol á medio dia,
Cuando el buen conde Aleman
Con esa dama yacia.
No lo sabe hombre nascido
De cuantos en corte habia,
Sino solo la condesa,
Esa condesa su hija.
Asi la dueña la hablára,
De esta manera decia:
— Cuanto viéredes, condesa,
Cuanto viéredes, encobrildo,
Daros ha el conde Aleman
Un manto de oro fino.
— Mal fuego le queme, madre,
El manto de oro fino,
Cuando en vida de mi padre
Tuviese padrastro vivo. —
De alli se fuera llorando,
Al conde su padre ha visto.
— ¿ Porqué llorais, la condesa?
Decid, ¿ quién llorar os hizo?
— Yo me estaba aqui comiendo,
Comiendo sopas en vino,
Entró el conde Aleman
Y echólas por el vestido.
— Calleis, mi hija, calleis,
No tomeis deso pesar,
Que el conde es niño y mochacho,
Hacerlo ha por burlar.
— Cuando me tomó en sus brazos
Non me quiso respetar.
— Si él os tomó en sus brazos
Y con vos quiso holgar,
En antes que el sol saliese
Yo lo mandaré matar.

No antigo *romance da esposa afflicta* encontram-se igualmente todas as provas de summa antiguidade: — e antiguidade tão popular, que algumas de suas *idéas* se acham repetidas ou pouco modificadas n'alguns antigos romances portuguezes, os quaes só na boca do povo se encontram; e com especialidade na boca das velhas criadas, que muitas vezes os costumam cantar para acalentar as criancinhas e para entreter os rapazes.

Digitized by Google

Caballero de lejas tierras,
Llegaos acá y pareis;
Minquedes la lanza en tierra,
Vuestro caballo arrendeis,
Preguntaros he por nuevas
Si mi esposo conoceis.
— Vuestro marido, señora,
Decid, ¿de qué señas es?
— Mi marido es mozo y blanco,
Gentil hombre y bien cortés,
Muy gran jugador de tablas,
Y tambien del ajedrez.
En el pomo de su espada
Armas trae de un marques,
Y un ropon de brocado
Y de carmesi el enves:
Cabe el fierro de la lanza
Trae un pendon portugues,
Que ganó en unas justas
A un valiente frances.
— Por esas señas, señora,
Tu marido muerto es:
En Valencia le mataron
En casa de un ginoves:
Sobre el juego de las tablas
Lo matára un milanes.
Muchas damas lo lloraban,
Caballeros con arnes;
Sobre todo lo lloraba
La hija del ginoves;
Todos dicen á una voz
Que su enamorada es:
Si habeis de tomar amores,
Por otro á mi no dejeis.
— No me lo mandeis, señor,
Señor, no me lo mandeis,
Que antes que eso hiciese,
Señor, monja me vereis.
— No os metais monja, señora,
Pues que hacello no podeis;
Que vuestro marido amado
Delante de vos lo teneis.

O lindo *romance da Infantina*, o *da morte do enamorado D. Bernardino* e a mór parte dos *do valente Bernardo del Carpio*: — o *de Virgilios*, o *de Julianesa* e o *de Moriana e o mouro Galvan*: — o *de Rosa Florida*, alguns dos *de D. Gaiferos* e a maior porção dos *tradiccionaes dos Reis de Hispanha*: — o *das bodas de Dona Lambra*, o *do Infante vingador* e alguns dos differentes *romances dos Infantes de Lara*: — o *de D. Duardos e Flerida*, o *de Rico Franco* e o *da Infanta e Affonso Ramos*: — e outros muitos antigos *romances populares*, alguns dos quaes já tambem correm traduzidos para verso italiano por *Giovanni Berchet* (*Vecchie Romanze Spagnuole, Bruxe.* 1837), são igualmente outras tantas *composições octosyllabas*, que não obstante se acharem algumas vezes faltas d'aquelle brilho ou rasgos caracteristicos d'uma imaginação arrebatadora, não sómente retratam muito fielmente os habitos, crenças, superstí-

Digitized by Google

ções e idealidades dos antigos peninsulares e nomeadamente dos hespanhoes, mas deixam ainda *entrever* em suas qualidades, bellezas e defeitos — defeitos dos tempos e só delles — que o *romance octosyllabo* é, de certo, *primitiva* e *essencial fórma* da poesia popular dos peninsulares: — d'essa poesia simples, variada e flexivel, que se accommoda a todos os acontecimentos da vida, e deixa reflectir em sua contextura o espirito popular de todos os tempos. Nem obsta, na verdade, a esta maneira de sentir, que a maior parte das *antigas composições octonarias*, que ainda conservamos, não sejam por ventura anteriores aos ultimos fins do seculo XIII e começos do seculo XIV; porque se descobrem em quasi todas ellas, e até nos romances do seculo seguinte, não poucos vestigios e não poucos trechos proverbiaes d'outras *poesias octosyllabas*, evidentemente muito mais antigas e *talvez* verdadeiramente nacionaes: — que *nacionalizadas* de certo.

Muito desejáramos poder apresentar neste logar uma copia fiel de todas estas antigas e curiosas *producções octonarias*, as quaes, além de sua grandissima importancia *litteraria*, *philologica* e *philosophica*, nos são tambem ainda de summa importancia debaixo do ponto de vista da *historia*: — da historia, que os Chronistas despresaram *como narrações fabulosas*, por falta de inconcussos documentos, que as comprovassem, ou desattenderam em suas minuciosidades *como factos obscuros*, á mingoa d'authenticas provas, que em toda a plenitude os justificassem; se é que por ventura muitas vezes lhes não dirigia

Digitized by Google

a penna certo ar de receio, dependencia ou venalidade, que frequentissimas vezes costumam viciar as historias dos homens. — Excederiamos todavia os estreitos limites d'uma *publicação periodica*, se transcrevêramos tantas peças justificativas; e *d'ellas tão grandes*, *de tão rustica textura*, *inconsequencia de fórma e falta d'assonancia*, que, ainda que muito depõe, e talvez melhor do que nenhuns outros romances, em favor da muita antiguidade dos *metros octonarios*, deixariam, por ventura, de agradar a grande numero de nossos leitores.

Digitized by Google

II.

> Depois de muitas tentativas, de exame longo e reflectido, eu por mim convenci-me, de que o metro proprio e natural ..... para todos os generos populares não era o *hendecasyllabo*, o que dizemos vulgarmente *heroico*.
>
> *Sr. Garrett, Romanc. e Canc. Ger. Tom. 1.º Pag 10.*

Se dos argumentos directos e positivos nos voltarmos para as provas indirectas e negativas, cada vez ficaremos mais convencidos, de que nos pequenos *metros octonarios* se acha a *primitiva fórma poetica*, com que entre os peninsulares fôra concebida a versificação popular: — versificação, em que inteiramente se não empregam os *versos hendecasyllabos*, nem tão pouco, e com maior rasão, os *versos alexandrinos* e *alexandrinados*.

E, com effeito, se miudamente se estudar o venerando *Poema do Cid*, — que simplesmente considerado em relação ao seu grandioso argumento, por certo que a poucas obras poderia ceder as merecidas palmas da vantagem, assim como bem poucos guerreiros poderiam disputar a *Ruy Dias de Bivar* as florentes palmas das proezas e do heroismo; — mas que attentamente considerado no seu desalinho e rudeza de phrase, na sua irregular e embaraçada versificação, *quasi sempre de doze, quatorze, quin-*

Digitized by Google

ze, *deseseis e desoito syllabas*, e na sua frequente falta d'enlace e correlação d'idéas, nos induz a reputal-o como um annel ou cadêa intermedia entre o *rustico* dialecto dos Asturianos e a lingua castelhana do seculo XIII: — se estudarmos esta curiosa chronica poetica, que o erudito *D. Thomaz Antonio Sanches* publicára pela primeira vez no anno de 1779, não poderemos deixar de concluir, ao menos com grandissima probabilidade, que este provecto monumento da poesia hespanhola, *falto dos dotes e caracteres d'uma poesia verdadeiramente nacional*, de certo formára a transição da poesia estrictamente popular para a poesia dos homens doutos e lidos do meiado do seculo XII: — da poesia dos eruditos dessa memoravel épocha, em que, entre a confusão de linguas, motivada pela terrivel invasão de numerosas legiões dos barbaros do norte, devia começar a tomar alguma fórma e flexibilidade aquelle formoso romance, que depois se havia de apresentar com tanto brilho e magestade nos apreciaveis escriptos de *Garcilaso*, *Fernando de Herrera*, *Francisco de Rioja*, *Miguel de Cervantes Sâvedra* e o *Padre João de Marianna*.

Veja-se, por exemplo, a despedida de *Rui Dias de Bivar* a sua mulher *D. Ximena* em *S. Pedro de Cardeña*, quando o valente *Cid Campeador* partia a cumprir o mal entendido desterro de Castella, que lhe intimára *el-Rei D. Affonso* VI: e nella se encontrará de certo um quadro de bastante merito, *em seu artificio e composição*, ao vêr a devota *filha do Conde Gormaz*, fervorosamente prostrada nos degraus

Digitized by Google

do altar, aonde se celebrára o incruento sacrificio da Missa, rogar a *Jesu Christo* por seu esposo com toda a esperança e humildade: e note-se especialmente a linda passagem desta súpplica deprecatoria, desde o verso 362 até o verso 385:

Tu eres Rey de los Reyes é de todel mundo Pádre:
A ti adoro é creo de toda voluntad,
E' ruego á San Peydro que me ayude á rogar
Per mio Cid el Campeador que Dios le curie de mal;
Quando hoy nos partimos, en vida nos faz yuntar.
— La oracion fecha la Misa acabada la han:
Saliéron de la Eglesia, ya quieren cavalgar.
El Cid á Doña Ximena ibala abrazar,
Doña Ximena al Cid la manol'va á besar,
Lorando de los oios que non sabe que se far.
E' él á las niñas tornólas á catar,
A Dios vos acomiendo fijas
E' á la mugier é al Padre Spiritual.
Agora nos partimos; Dios sabe el ayuntar:
Lorando de los oios que non viestes á tal,
Asis' parten unos d'otros como la uña de la carne.
Mio Cid con los sos vasallos pensó de cavalgar,
A todos esperando la cabeza tornando va.
A tan grand sabor fabló Minaya Alvar Fanez:
¿ Cid dó son vuestros esfuerzos ?
En buen ora nasquiestes de madre:
Pensemos de ir nuestra via, esto sea de vagar:
Aun todos estos duelos en gozo se tornarán;
Dios que nos dió las almas, consejo nos dará.

Grande é, porêm a differença, que se reconhece entre esta *despedida* do impávido *Cid* e de *D. Ximena*, e o lindo *adeus de Andromacha* e *Heitor*, que o velho *Homero* nos deixára descripto com tanta graça no 6.° *Livro*, *vers.* 376 e seg. da sua immortal *Iliada*; e do qual já vimos, n'alguma nossa *publicação periodica*, uma traducção em verso portuguez do senhor *Antonio Maria do Couto*. E se n'aquella simples pintura do que se passava entre o heroe hespanhol e sua familia, quando elle se alongava no caminho do seu desterro para a corte de seu inti-

Digitized by Google

mo amigo, *o velho Ahmed el Muktadir*, rei de Çaragoça, — se n'aquella pintura, repetimos, se acha ainda bastante belleza e candura homerica, é tambem preciso confessar, que entre a rustica textura d'este quadro narrativo evidentemente se descobre um tal estudado artificio de seu desconhecido author, para *imitar* um novo genero de poesia — uma nova fórma de cadencia metrica, sem fadas nem genios, sem duendes, e sem encantamentos nem mysticismo, — que não sómente não póde considerar-se esta obra como a primaria producção poetica do idioma vulgar dos hespanhoes, mas nem reputal-a ainda como a verdadeira poesia do *povo trovador*.

E se depois do historico-romantico *Poema do Cid* passamos a examinar outras composições poeticas, immediatamente posteriores: — os poemas de *D. João Lourenço* e *D. Gonçalo Berceu*, e ainda as poesias de *D. João Rodriguez*, mais conhecido sob a denominação de *Arcipreste de Hita*, e outras producções metricas, filhas da *então nascente* eschola imitadora das cadencias e fórmas latinas: — composições poeticas, em que já se manifesta maior polidez e flexibilidade progressiva, do que no citado *Poema* do heroe do castello de Bivar: — se attentamente as examinarmos, e reflectirmos ao mesmo tempo na lenta e gradual marcha da natureza para a perfectibilidade, — que de longo espaço de tempo precisam os fructos do espirito para se chegarem a sazonar; certo que não poderemos deixar de inferir, que para o seu imperfeito estilo e pouco polida linguagem chegarem ao gradativo estado de cultura, em que n'es-

Digitized by Google

tes poemas se encontram, necessariamente deviam ter existido numerosos *ensaios poeticos*, anteriores; e ensaios muito aturados, em verdade, mas menos artificiosos ou mais naturaes.

E para tornar bem sensivel esta differença, que marcamos, comparem-se os seguintes versos de *Berceu* e de *J. Lourenço*, sobre um mesmo objecto, com os que deixamos transcriptos do antigo *Poema do Cid*.

Yo maestro Gonzalo de Berceo nomnado
Yendo en romería caecí en un prado
Verde é bien sencido, de flores bien poblado,
Logar cobdiciadverò para un home cansado.

Daban olor sobeio las flores bien olientes,
Refrescaban en home las caras é las mientes,
Manaban cada canto fuentes claras corrientes,
En verano bien frias, en ivierno calientes.

(Berceu.)

El mes era de Mayo, un tiempo glorioso,
Quando facen las aves un solaz deleytoso,
Son vestidos los prados de vestido fermoso,
Da suspiros la duenna la que non ha esposo.

Tiempo dolce é sabroso por bastir casamientos,
Ca lo tempran las flores é los sabrosos vientos,
Cantan las doucelletas, son muchas á convientos,
Facen unas á otras buenos pronunciamientos.

Andan mozas é vieias cobiertas en amores,
Van coger por la siesta á los prados las flores,
Dicen unas á otras: *bonos son los amores,*
Y aquellos plus tiernos tienense por meyores.

(J. Lourenço.)

A textura cortezãa e polvilhada destas antigas composições poeticas desdiz inteiramente d'aquella originalidade ou cunho popular, que é proprio da poesia inartificiosa ou das balbucientes cadencias metricas do *povo trovador*, o qual ainda hoje nos seus

Digitized by Google

divertimentos e festejos favoritos *naturalmente* improvisa e canta a *poesia octonaria*, grangeando o enthusiasmo e a admiração, de quem o escuta.

Não conhecemos, é verdade, nenhuma d'essas *canções primitivas* ou d'esses *ensaios populares*, cuja existencia somos levados a admittir pela necessidade e pela ordem natural das cousas: mas nem por isso se poderá d'ahi concluir, que mal poderemos por conseguinte determinar, d'algum modo, a *verdadeira épocha de nascimento* e a *primaria fórma* e *primitiva cadencia metrica* da poesia nacional.

E, com effeito, se nós recordarmos: 1.°, que era moralmente absurda a supposição, que fizessemos, de que os peninsulares, antes do seculo XII, e desde aquella épocha, em que o *idioma dos romanos* deixára de ser lingua viva, não tivessem hymnos, canções ou cantos populares, amorosos, e guerreiros, e fabulosos e religiosos, em que enthusiasticamente celebrassem a candida imagem do seu interior, alegre, e triste, e no alvorecer da vida e no aproximar da morte: 2.°, que no espaço de tempo, que decorrêra desde a terrivel invasão dos Arabes até os fins do seculo IX se começára a cultivar, polir e generalisar, entre os vassallos de *Affonso II*, *o casto*, rei de Leão, esse *dialecto* ou *lingua rustica*, que depois dominára em toda a Hespanha sob a denominação de *idioma castelhano*, idioma triumphante dos *dialectos primitivos* e *secundarios* — o *vasconço* por um lado, e o *lemosino* e *gallego* por outro: 3.°, que no irregular *Poema do Cid* se encontram frequentes vezes certas phrases e

Digitized by Google

construcções familiares á *linguagem bable* ou *asturiana*, e se acha maior naturalidade ou menos artificio n'aquelles versos irregulares, que mais facilmente se podem reduzir a pequenos *metros de redondilha perfeita* : — certo que muito nos não desviaremos da verdade, se fôrmos entroncar os — *serios* — progressos da linguagem e da poesia popular hispanhola — *poesia octosyllaba de certo* — lá no meiado do memoravel seculo VIII : — n'essa grande épocha, enthusiastica e romantica, em que os valorosos restos dos Godos, refugiados nas espantosas cavernas das montanhas das Asturias, começavam a levantar uma solida monarchia sob as bandeiras do impavido *D. Pelagio*, no qual se achavam resumidas todas as ultimas esperanças de salvamento da religião e da patria, como geralmente sê accredita.

Mas se n'esta épocha, sómente, fixamos os — *serios* — progressos da *poesia octonaria*, nem por isso d'ahi se deduza, que esta elegante especie de pequenos versos não tenha realmente muito maior antiguidade. A sua verdadeira origem vai *de certo* perder-se na tenebrosa noite dos tempos : — vai, *sem duvida*, entroncar-se ufana no primeiro balbuciar das linguas peninsulares. — Nem achamos inconveniente algum em filiar, desde a origem destes idiomas, essa ingenua e mysteriosa, e selvatica e exaltada poesia popular, que recentemente fizeram renascer na Europa as lindas *balladas* de *Burger*, os curiosos *romances* de *Walter-Scott*, e outros poucos ensaios inglezes, allemães e francezes : — e as

Digitized by Google

sim o julgamos, porque os primeiros recursos dos povos, para facilmente poderem transmittir a seus descendentes os *symbolos oraes* ou *signaes explicativos* de suas primeiras tradições e dos toscos monumentos, alevantados nas primitivas épochas das sociedades rusticas, parecem achar-se mais naturalmente na versificação e no canto, ou na cadencia e na harmonia: — o porque, finalmente, já *centos d'annos* antes do seculo VIII existiam nas Hispanhas monumentos da *poesia de redondilha perfeita*: — monumentos, que de certo presuppõe a existencia d'outros da mesma *fórma* e *cadencia metrica*.

« *Valerio*, um Bispo do tempo d'el-Rei *Wamba*, — *diz o Sr. Garrett*, (*Cart. escr. aos dous auct. das Orig. da Ling. Port.*, *Lisb.* 1844, *Pag.* XIII) — fazia versos em latim barbaro pela medida da nossa actual *redondilha maior de oito syllàbas*, e chama-lhe — *prosas*. »

« Note-se todavia, que já o *Peristephanon* de *Prudencio*, poeta christão das nossas hispanhas, que viveu no IV seculo, — *diz tambem o mesmo Sr.*, *na mesma obra*, *pag. XII* — é escripto no actual *metro popular octosyllabo*, e dos romances e canções nacionaes em todas as linguas e dialectos da peninsula. »

E como a poesia nacional dos peninsulares nunca fôra obscurecida nem anniquillada pela dominação romana, como evidentemente se deprehende de dous authores latinos de summa authoridade, *C. Silio Italico* Liv, 3.° e *M. V. Marcial* Liv. IV, daqui se vê *à priori*, que as *composições de redondilha maior*

Digitized by Google

são, sem duvida, inteiramente privativas dos nossos peninsulares: e tão verdadeiramente privativas como as *fórmas populares* e o *mysticismo religioso*, com o qual começára a misturar-se a *litteratura erudita* nos fins do século XV, e nos começos do seculo XVI. Nem os romances arabes, em que o eruditissimo *D. José Antonio Conde*, *Histor. de los Arab. en Españ.*, *Pag.* XIII, quer ir encontrar *à posteriori* a origem ou filiação dos *metros octosyllabos*, — nem esses romances, dizemos, são realmente identicos ás nossas *canções octonarias*; antes parecem um simples *monorhythmo* composto de *hemistichios octosyllabos*: — uma sequencia de versos de desesseis syllabas, cuja *cafia* ou consonancia sempre se dá em *ogzilbait* ou fim do verso, e nunca em *sadrilbait* ou começo delle. Sirvam de prova, do que deixamos dito, os seguintes exemplos de poesias arabes, que o citado *Conde* elegantemente vertera na sua lingua; em quanto aguardamos mais opportuno momento para tractar da poesia destes aguerridos destruidores da monarchia goda, os quaes por tanto tempo e tão distinctamente chegaram a influir sobre milhares de cousas das Hispanhas: e então procuraremos solver uma duvida, que realmente se acha revestida de todas apparencias de argumento contra-producente.

Seja o primeiro exemplo tirado dos poucos versos escriptos ao *Califa Almamum*, por occasião delle se ter persuadido, que nos territorios do seu author *Abu Ibrahim Ahmed el Safeki ben el Aglab*, que então era *wali* ou Prefeito militar d'Africa, se

Digitized by Google

acclamára *Abdala ben Taher ben Alhusein*, que antes havia sido governador do Egypto e da Africa.

Soy como fuego escondido — en su duro pedernal;
Si se le hiere y excita, — su ardiente llamá dará:
Soy leon que sus cachorros — guarda en su cañaveral;
Si can ladrando le irrita, — su muerte provocará:
Soy mar em calma, sus olas — el viento puede alterar:
Temerario navegante — teme la furia del mar.

E seja o segundo especimen deduzido do lindo epitaphio, que *Asedi*, poeta dos Arabes de Elbira, fizera para a sepultura de *Said ben Suleiman ben Gudi*, de quem se dizia, que tinha em summo grau as *dês* prendas ou prerogativas, que distinguem os verdadeiros cavalleiros: — *bondade*, *valentia*, *cavalheirismo*, *gentileza*, *estro poetico*, *eloquencia*, *força*, e *destreza* = na *lança*, na *espada* e no *atirar da setta*.

¿Dó yace el que alimentaba — á los pobres desvalidos,
Y fué su sombra en verano — y en el invierno su abrigo?
Breves cespédes le ocultan, — pero céspedes floridos;
Que siempre le cubran rosas, — y esté su jazmin sombrío:
Desde que da el campo flores, — hoja el bosque y agua el rio,
Ni desde que luce el sol, — hombres ni genios han visto
Otro que mas noble fueze — que el *Said* aqui escondido:
O lágrimas de mis ojos, — regad la senda de mirtos.

O luxo d'imagens, e d'arrebicado colorido da poesia dos Arabes nunca se encontra na poesia hispanhola: e se algumas vezes nos parece encontrar nella alguns remotos vestigios da poesia *islamitica*, sómente lhos reconhecemos n'uma certa textura, melancholica, amorosa e grave, em que de feito se descobre alguma analogia de sentimentos, mas em que, atravez de todas estas semelhanças poeticas, transparece evidentemente a carencia de maravilho-

Digitized by Google

so dos Arabes: — a falta do idealismo d'esses Agarenos, que os peninsulares tanto detestavam, que — nem sequer ainda em suas harmonias poeticas — queriam misturar, levemente as ataviadas ficções de seus dominadores.

Coimbra, Março 1845.

J. J. da S. P.

Digitized by Google

HISTORIA DA PHILOSOPHIA.

QUADRO ABREVIADO DA HISTORIA DA PHILOSOPHIA.

No dia, em que um hómem reflectio, nesse dia foi creada a philosophia, diz Cousin em sua introducção á historia da mesma philosophia.

Ora póde dizer-se que desde a origem do mundo tem havido uma especie de philosophia n'um sentido mui extenso; porque em tal sentido não sendo a philosophia outra cousa mais que o conhecimento de si proprio e do Universo, todos os homens tem sido em todos os tempos mais ou menos induzidos pelas aturadas impressões do espectaculo encantador do Universo a estudal-o, e conhecel-o, separando assim sua existencia da do mundo exterior.

Considerada debaixo deste ponto de vista a philosophia começaria com a civilisação; mas é claro que seus esforços não podiam constituir um systema completo, que se podesse denominar Sciencia Philosophica. Não seria (como sizudamente observa Degerando) outra cousa mais que a philosophia da infancia do genero humano propriamente dita, e é um complexo de tradições, crenças, e disciplinas, transmittidas, e conservadas com uma céga docilidade, involvendo as mais das vezes mysterios, cujo véo é difficil hoje erguer.

Tal é o caracter das antigas tradições dos sabios da Azia, da Phenicia, e do Egypto, que continham só os primeiros elementos da sciencia philosophica, em quanto

Digitized by Google

chamavam o homem ao estudo da natureza, á reflexão sobre si proprio, ao conhecimento do supremo author de todas as cousas. E' pois a Azia que nos offerece o berço da Philosophia; é ás antigas tradições do Oriente, que devemos remontar, para achar sua origem. Em sua infancia, certo, ella se nos offerece ainda sem uma existencia independente, e como tal, involta no systema inteiro dos conhecimentos humanos, apparecendo mesclada mórmente com a Religião; mas pouco e pouco ella se vae desprendendo dos elementos estranhos, e tomando uma fórma especifica. Se a principio não era mais que uma reflexão fraca, e incerta, que se exercitava ao acaso e d'uma maneira vaga; mais tarde é a reflexão em grande, a reflexão com o cortejo dos processos, que lhe são proprios, a reflexão em fim elevada á classe e authoridade d'um methodo.

Para chegar porêm em sua marcha progressiva ao desenvolvimento completo do pensamento, nós a vemos percorrer cinco periodos mui distinctos. O primeiro nos depára a origem da philosophia, e seus desenvolvimentos até Socrates; o segundo decorre desde Socrates até á trasladação da philosophia Grega para o Egypto e Roma; o terceiro desde a escola d'Alexandria até á quéda do imperio do Occidente; o quarto desde a quéda do imperio do Occidente até á renovação das lettras; o quinto desde a renovação das lettras até nós.

Digitized by Google

PRIMEIRO PERIODO DA PHILOSOPHIA.

Desde sua origem até Socrates.

Na historia da philosophia, ou antes na historia das opiniões concebidas pelos philosophos sobre os fundamentos e legitimidade dos conhecimentos humanos, bem como sobre os methodos, que elles tem formado, para os ordenar, e estabelecer sua demonstração, talvez se não tenham tido bem em conta as tradições recebidas entre os Hebreus, a despeito da inquestionavel superioridade, que ellas tem, comparadas com as das outras nações. Entre elles não ha theogonias desvairadas, nem cosmogonias embaraçosas, cujas partes todas incoherentes entre si, são mais proprias para nos depararem uma idéa do cáhos, do que da producção e coordenação dos sêres no Universo; essa foi a partilha dos outros povos, e não dos Hebreus, cujas idéas sobre a causa primaria, sobre a divindade são tão justas e sublimes, que os progressos da sciencia, e da civilisação pouco, ou nada lhes tem accrescentado; bem como entre os mesmos a obra da creação é objecto d'uma historia a mais simples, clara e satisfactoria para o espirito. Mas tal superioridade não admira.

Se por um lado observarmos de que modo o espirito humano dá começo ás suas descobertas, isto é, rojando-se a muito custo pela veréda da experiencia, e rastreando lentamente suas pisadas; e por outro notarmos quam estereis e infructiferas foram as tentativas de todos os outros povos, para nos mostrar o laço, que prende os variados phenomenos do universo a uma causa que os possa explicar, mui promptamente concluiremos que essas noções primitivas dos Hebreus, essas idéas sublimes da existencia d'um sêr supremo, da creação, da alma humana, da origem e destino do homem, que Moysés, o

Digitized by Google

primeiro dos historiadores (viveu 1571 annos antes de Jesus Christo) nos conservou, como as tradições do mundo, não foram uma acquisição philosophica; mas sim uma revelação; pela qual o author da natureza se havia manifestado aos homens.

Ao mesmo passo por tanto que nos não deve maravilhar a superioridade das tradições Hebraicas, devemos todavia confessar suá importancia; se bem que (devemos tambem confessal-o) pelo concurso de diversas circumstancias, que seria enfadonho enumerar, ellas se alteraram pouco e pouco.

Não ha duvida. A maioria do genero humano, todos os povos, afóra os Hebreus, perderam os titulos de sua nobreza; não souberam mais o que eram, nem donde vinham; e dahi nasceram o polytheismo, e o pantheismo.

O polytheismo dahi proveio; porque apresentando-se os phenomenos desligados d'uma causa primeira, que os podesse explicar, isolados, e debaixo d'uma fórma individual, nada custou imaginal-os tambem influidos por principios particulares, dotados de vida e intelligencia; e dahi essa multiplicidade de sêres organisados e animados, tantos, como os mesmos phenomenos, de que toda a natureza foi povoada.

Tambem dahi proveio o pantheismo, que não foi mais que um correctivo do mesmo polytheismo, feito sem a critica; que em taes tempos não podia existir. O espirito humano em seu desenvolvimento progressivo chegou a conhecer que era mais exacto conceber os phenomenos do universo em complexo, como um todo; mas attribuio-se a este grande corpo uma alma, e uma especie de vida, insistindo em prestar a todos os sêres suas almas particulares, considerando-as só de mais, como uma emanação daquella. E deslumbrados os povos com a maneira sensivel e energica pela qual o fogo manifesta sua acção, deram áquella alma universal e invisivel a natureza desse fluido subtil.

Digitized by Google

Assim o pantheismo era uma centralisação erronea do polytheismo, e uma e outra cousa parto da alteração das tradições primitivas, que teve logar a respeito da quasi totalidade do genero humano.

Belo, rei de Babylonia (viveu 1500 annos antes de Jesus Christo) foi o primeiro dos monarchas, conhecidos na historia, que communicou um movimento salutar ao estudo da natureza, compondo um collegio de padres sabios, que, segundo o testemunho de Cicero, devem ser reputados os primeiros philosophos do mundo. Foi ao menos sob sua direcção, que as sciencias, até então confundidas, começaram a ser tratadas separadamente, formando quatro classes: — a arte de predizer o futuro; o estudo da natureza, comprehendendo a Physica e a Historia natural; a arte de curar, comprehendendo a Medicina e a Botanica associada com a Magica; e o conhecimento dos astros, a Astronomia, ou antes a Astrologia.

Tal foi a philosophia dos Chaldeus. Elles estragaram seus conhecimentos, mesclando-os com a adivinhação, a qual consideraram, não como um ramo da sciencia da natureza, que por meios racionaes, como a analogia, a applicação d'observações comparadas e methodicas, e a marcha prudente d'uma logica reflectida podia ensinar a deduzir dos acontecimentos passados os futuros; mas como o resultado d'uma pretendida correspondencia entre a alma humana, e a alma universal, de que aquella, bem como todas as outras, naquelle tempo eram havidas como emanações; inferindo dahi, que os homens em certas occasiões, como d'um profundo somno, n'um transporte sagrado, em extasis podiam obter varias revelações: e tal foi o germen do mysticismo.

Embaraçados porém com a desproporção, que achavam entre a alma humana e a da natureza, (o que lhes fazia parecer impossivel aquella intima connexão) para

Digitized by Google

colmar esse espaço, que assim separava o finito do infinito, imaginaram uma multidão de sêres intermedios, que formavam uma especie d'escala progressiva em perfeição. Nesta escala os que occupavam os graus superiores até o cimo, iam participando mais e mais do poder do principio universal, ao passo que os dos graus inferiores, por uma proporção decrescente, se iam tambem aproximando á natureza limitada do homem.

Dest'arte foram personalisadas as forças principaes da natureza, cada uma debaixo da imagem d'um genio poderoso, apparecendo assim uma jerarchia de Divindade, que presidia aos diversos generos de phenomenos offerecidos pela variada scena do mundo, e d'uma Cosmogonia errohea nasceu uma Theogonia toda phantastica, que deu nascimento á Demonologia.

Estes systemas não devem ser reputados tão inuteis, como ridiculos: acostumaram os homens á reflexão; e as linguas, essas alavancas tão poderosas do espirito humano, aperfeiçoando-se mais e mais, deram azo, a que o pensamento se volvesse para si proprio, resultando dahi o observarem-se alguns phenomenos interiores, e attribuirem-se a uma causa immaterial effeitos, que não tinham nada de commum com as modificações da materia. Assim que uma nova ordem d'idéas veio tomar parte com as idéas sensiveis no dominio da sciencia.

Dahi duas classes de conhecimentos mui distinctos, um dos quaes teve por objecto a natureza physica, outro a natureza moral. Todos os acontecimentos pareciam derivar de duas nascentes, não só differentes, mas até oppostas, a qual supposição era favorecida pelo contraste do bem e do mal, que fazia viva impressão nos espiritos. Assim se estabeleceu o systema dos dous principios, que se encontra em todos os povos antigos, mórmente porêm entre os Persas, e é conhecido debaixo do nome de Manicheismo.

Digitized by Google

E' facil de vêr que o espirito humano se ia desenvolvendo pouco e pouco, tropeçando sim em erros successivos; mas generalisandó e classificando gradualmente suas idêas.

Appareceu em fim um sabio, que se designou com o nome de Zoroastro, o qual, depois de ter consagrado os primeiros trinta annos de sua vida á solidão e á meditação, deu á sua patria uma lei nova, cujos preceitos são conteudos no *Zend-Avesta*.

Reduzio a idêa da causa primeira á unidade, e a desprendeu inteiramente da materia; a luz e o fogo não foram mais que symbolos, que designavam a immense actividade do primeiro principio, e que exprimiam, como deste vasto fóco dimana toda a sciencia e actividade. A esta idêa da causa intelligente e suprema associou a do tempo sem limites, ou da eternidade. (Degerando, t. 1, p. 250.)

Porém conspurcou idêas tão luminosas com a tradição d'*Orsmud* e *Ahriman*; posto que não admittio estes dous principios, senão como subordinados á causa primeira; e por isso tal tradição continuou a existir entre os Persas.

Assim como a Chaldea, tambem o Egypto teve padres, que ao culto divino juntaram o estudo da Philosophia. Eram os depositarios dos livros sagrados, que encerravam as leis do governo, os mysterios religiosos, e os principios das sciencias. Tudo isto era involto em symbolos, e enigmas, que acubertavam a verdade, a cujo conhecimento só um pequeno numero d'iniciados era chamado. Um ceo puro e sem nuvens convidava os Egypcios ao estudo d'Astronomia, á qual se deram com fructo, e foram os primeiros, que regularam a duração do anno pelo curso do sol. A necessidade de reconhecer suas terras depois das enchentes do Nilo lhes fez descobrir a

Digitized by Google

Geometria; cultivaram tambem a Botanica, para a fazer servir á Medicina. Em fim sua philosophia, do mesmo modo que a dos Hebreus, e dos Chaldeus, abrangia a Theologia, a Moral, a Politica, a Physica, e a Historia.

Dr. L. do P. Pereira de Castro.

(*Continuar-se-ha.*)

Digitized by Google

PECULIO EPISTOLAR.

Cartas de Joseph da Cunha Brochado.

(*Continuado da pag.* 67.)

— N.° 55. —

Eminentissimo Snr. Recebo a carta de 24 d'Abril que V. Eminencia me fez honra de escrever, e nella vejo o justo reparo que V. Eminencia faz sobre ser mais decoroso dizer a Rainha que não pudera conseguir mais para a nossa barreira, do que dizer-se que nós mesmos haviamos desistido della. Deu occasião a este reparo a precipitação com que os nossos ministros de Utrecht mandaram hum expresso a el-rei nosso senhor, em que referiam esta chamada desistencia, de que o conde de Strafford lhes havia dado os parabens, e de que elles me deram tambem conta por carta sua, a que fiz resposta, como V. Eminencia verá da copia inclusa, em que lhes mostrei que se bem examinassem, ou respondessem a Strafford poderiam convencer e descubrir a ligeireza daquella asserção na impostura daquella desistencia, alem de que se tomassem a pena de se informarem do bispo de Bristol, que he o primeiro Plenipotenciario, e melhor instruido, achariam, como creio que acharam, que de tal desistencia feita pelo ministro de Sua Magestade se não sabia,

Digitized by Google

nem avisava cousa alguma. Tambem no mesmo plano ou projecto da Rainha, não dizia ella huma só palavra desta pertendida desistencia, sendo certo que não faltaria em expôl-a e publical-a; e de tudo o que diz he que mediando aquellas pequenas vantagens que França e Castella nos faziam, Sua Magestade renunciaria a pertenção da barreira, condição que foi imposta por França ao duque de Sherowsbery, e a estes ministros. Por onde se via que a asserção que Strafford fizera era contraria ao mesmo plano que produzia.

Nestes termos não achei rasão aos nossos ministros, nem para crerem a desistencia da barreira, nem para se sobresaltarem se eu a houvesse feito, porque para a não crerem bastava o que tenho dito, e o que lhes escrevi, e havia escripto nas minhas relações; e para escusarem o sobresalto bastaria que se lembrassem da ordem de 7 de Dezembro passado, em que se me ordenava, que no ultimo desengano fizesse a tal desistencia, que eu não fiz, nem havia de fazer, por salvar o decoro, em que se funda este justo reparo de V. Eminencia, e de que agora tiro a gloria de me haver conformado com elle.

Já os nossos ministros tinham rasão para despresar estes, e similhantes ditos de Strafford, pois o conhecem, e o conhece todo o mundo.

Este mesmo Strafford disse ligeiramente: que perdemos a barreira, porque não acceitamos o armisticio quando França o propôz e pedio, de que eu não fiz caso, nem o achei digno de referil-o á nossa corte, como hum dito particular, que não fazia consequencia, contentandome com destruil-o e convencel-o. Este mesmo Strafford arguio os nossos ministros da grande animosidade com que fallavam, e sentiam mal das resoluções da Rainha, impostura que eu desmenti e não communiquei. Este mesmo Strafford foi quem com igual ligeireza disse aos nossos

Digitized by Google

ministros, que sendo nullo o nosso Tractado não tinhamos acção para a barreira, que eu desfiz, e refutei com evidencia mais clara que a luz do meio dia na minha carta de 4 de Outubro escripta á Secretaria, e a V. Eminencia. Então vi o grande sobresalto dos nossos ministros em huma cousa que não tinha alguma identidade, e que não era sustentada por este Ministerio, nem della se fallou em alguma conferencia. Este mesmo Strafford finalmente he quem agora disse de sua cabeça, que eu havia desistido da barreira, e não bastou ser elle quem o disse, nem bastaram as minhas relações para lhe tirarem o credito; mas tudo pode ter seus fins, que eu não comprehendo, nem quero comprehender; o meu reparo he que nas cartas dos nossos ministros leio o que Strafford lhes diz, mas não acho o que elles lhe respondem, ou lhes deviam responder! Basta o referido para que V. Eminencia se persuada, que o nosso decoro senão prejudicou em alguma cousa, nem veio ao pensamento d'alguem, que Sua Magestade tinha desistido da sua justa pertenção. A Rainha, como digo, não o disse no seu plano, tambem o não disse na sua pratica ao Parlamento, e em nenhum papel publico se escreveu a tal chamada desistencia; porem quando a Rainha affirmasse, e este Ministerio a expuzesse, quem haveria no mundo que crêsse esta asseveração, e quem haveria que dissesse que ella fôra voluntaria, e não violenta e necessitada? Todos sabem que cedemos á desgraça da conjunctura, e que nella temos tantos companheiros quantos são os nossos alliados. Resta-me sómente dizer a V. Eminencia, que eu por não fazer caso desta ligeireza de Strafford a não referi á nossa corte, sendo a principal rasão não se me haver dito a mim, e ser toda de Utrecht, e entender que os nossos ministros á vista das minhas cartas tinham com que informar a Sua Magestade de huma cousa, que na verdade não merecia referimento,

Digitized by Google

nem era digna de informação. Eu com tudo por satisfazer, e tirar este sobresalto aos nosses ministros, escrevi huma carta ao Secretario de Estado Bellingbrock, como V Eminencia verá na copia da carta inclusa escripta a Dom Luis da Cunha; e he tudo o que produzio hum negocio que todo foi ar, e que sahio, e tomou corpo do grande zelo com que os nosses ministros em Utrecht servem a Sua Magestade.

Perdoe V. Eminencia o enfado que lhe pode dar a longa leitura desta carta, em que he preciso que eu me justifique, ainda que a moderação com que escrevo fas carta a minha apologia, não me faltando materia para a azer ou mais brilhante, ou mais viva.

Fico na obediencia de V. Eminencia como devo. Deus guarde a V. Eminencia muitos annos. Londres 16 de Maio de 1713 = Eminentissimo Snr. Cardeal da Cunha = Creado de V. Eminencia = *Joseph da Cunha Brochado.*

N. B. *Vide a copia de 10 de Março.*

— N.° 56. —

Eminentissimo Snr. Agradeço humildemente a V. Eminencia a carta que me fez honra de escrever em 19 de Maio. Já pela minha carta precedente terá V. Eminencia sabido que nos imputaram a desistencia da barreira, e que nisto não houve mais que a ligeireza repentina de Strafford. Inglaterra abandonou a todos, e abandonou-se a si mesma como se vio no miseravel tratado de commercio que fez com França, tão prejudicial a seus interesses, como avantajoso aos daquella nação, que lhe terá sempre o pé sobre a cabeça. Ninguem ha, vistas estas injustas desproporções, que não creia que neste jogo ha carta cuberta, que he a vinda do principe de Galles, e huma garantia deste ministerio, de que brevemente ficaremos desenganados, suppostas as grandes indisposi

Digitized by Google

ções da rainha, que promettem pouca vida; e este temor foi a causa de tão grosseiras injustiças.

Em o nosso tratado de paz com França se acceita a garantia da rainha, e o mesmo se fará no tratado com Hespanha; mas he necessario que a mesma rainha approve e ratifique estas duas obrigações de garantia, porque sem isso não se obriga a ellas; como tenho escripto aos nossos ministros.

O abbade Mercolino não tem ainda chegado a esta corte, aonde o servirei em tudo o que couber na minha estreita possibilidade.

Torno a lembrar a V. Eminencia as ordens necessarias para voltar-me a esse reino quando o Congresso fôr terminado a nosso respeito, porque a minha saude he tão fraca por causa de hum repetido achaque, que me consome a vida, que não posso continuar no serviço de Sua Magestade sem grande prejuiso do mesmo serviço. Esta mercê peço eu a V. Eminencia pelo amor de Deus, a quem rogo que conserve a pessoa de V. Eminencia com muitas felicidades, e o guarde muitos annos. Londres 13 de Junho de 1713. = Eminentissimo Snr. Cardeal da Cunha = Creado de V. Eminencia = *Joseph da Cunha Brochado.*

— N.º 57. —

Eminentissimo Snr. Recebo a carta de 12 de Junho que V. Eminencia me fez a honra de escrever, e desejára em agradecimento della ter materia agradavel e util para entreter a curiosidade de V. Eminencia. A conjunctura he toda cheia de successos tristes não só pelo que são, mas pelo que indicam.

Não posso assaz exprimir o gosto com que leio nesta carta de V. Eminencia a approvação que V. Eminencia faz dos dictames de Carle: elles são da ultima conse-

Digitized by Google

quencia, e não podiam deixar de achar approvação na alta comprehenção de V. Eminencia, no seu zelo, para com a sua patria, e no seu amor para com o seu principe.

A nossa paz em Castella teve as interlocutorias que V. Eminencia terá visto nas cartas dos nossos ministros, e pela informação de Manoel de Sequeira. Eu obrei nesta materia o que podia e devia obrar, como V. Eminencia tambem terá visto nas minhas cartas.

Diogo de Mendonça me fez huma pergunta, que nem me admira, nem me sobresalta, porque sei qual foi o motivo, e a inspiração. A resposta pudera ser: *quod petis intus habes*; porque se acha toda nas minhas cartas, como hoje mostro evidentemente, e peço a V. Eminencia me faça mercê de lêr a minha carta desta posta.

Ha perto de hum anno, que escrevi a V. Eminencia, que os Castelhanos não faltariam em pedir a restituição dos navios represados. Assim o fez Monteleon, que chegou a esta corte. De tudo informei aos nossos ministros, e lhe pedi as clarezas necessarias para minha instrucção, e lhes encommendei que estudassem o ponto; e não faltei em insinuar-lhes o que me pareceu convinha ao serviço d'el-rei nosso senhor, por desconfiança da sua habilidade, que venero, e de quem aprendo, mas por communicação do que eu entendia na materia, que sendo tão grave nenhuma luz he para despresar ainda que seja tão macilenta como a que póde sahir do meu entendimento.

Estes ministros que desejavam que este negocio se terminasse em Londres, como V. Eminencia verá da copia junta, não sei o que escreveram sobre as minhas diligencias para qne a perda deste incidente fosse toda minha. Na verdade, senhor, eu não posso comprehender como se compadece que eu houvesse de calar-me em Londres deixando passar á revelia huma pertenção desta na-

Digitized by Google

tureza, o que vantagem se tiraria em Utrecht do meu silencio? ao menos fiz eu o serviço a Sua Magestade de que aquella pertenção não entrasse no plano da rainha. Prouvera a Deus que Monteleon expuzesse nesta corte diante de mim as rasões de boa fé com que declamou em Utrecht contra a justiça daquellas prezas, porque seguro a V. Eminencia, que não havia de ficar mudo diante delle. Insensivelmente tenho abusado da paciencia de V. Eminencia na importuna digressão desta carta, de que peço perdão a V. Eminencia, sem deixar de pedir-lhe licença para continuar a materia della na desejada presença de V. Eminencia, em cuja obediencia fico com os mais profundos respeitos. Deus guarde a V. Eminencia muitos annos. Londres 11 de Julho de 1713. = Eminentissimo Snr. Cardeal da Cunha = Creado de V. Eminencia = *Joseph da Cunha Brochado.*

— N.° 58. —

Eminentissimo Snr. V. Eminencia terá sabido o que se passou em Utrecht até á partida de Manoel de Sequeira, e pela minha carta da posta de hoje saberá tambem V. Eminencia quaes foram as ultimas resoluções desta corte em resposta das minhas instancias por escripto, e de palavra. He grande embaraço, que humas novas cheguem primeiro que outras, e muito mais quando as mais penosas partem sempre de antemão.

Ordinariamente aconteceu que quando estes expressos chegaram a Lisboa já as cousas ficavam de outra figura em Utrecht. Se estes ultimos esperassem pelas minhas respostas, ou não partiriam, ou levariam maiores instrucções para a resolução: o primeiro partio para levar a nova da supposta desistencia, que poucos dias depois ficou desvanecida: o segundo e terceiro foram expedidos para com-

Digitized by Google

municar a resistencia na restituição da colonia, e as novas instancias para a reclamação dos navios, e para a restituição das casas; e apenas tinham chegado ao meio do caminho, quando desta corte se tinham expedido as ordens que desejavamos! Perdôe V. Eminencia esta pequena e sincera reflexão porque os máos successos de Utrecht carregam sobre mim, e fazem o effeito que costumam produzir as informações; e assim tenho acção para requerer a V. Eminencia que não forme juizo sobre as cousas de Utrecht, até não ouvir as diligencias e respostas de Inglaterra. Não sei, nem sabe esta corte o que el-rei nosso senhor terá resoluto sobre a renovação do armisticio, que os nossos ministros não quizeram fazer com reconhecimento, pela ordem em contrario que tiveram de Diogo de Mendonça; porêm sendo necessaria esta renovação, e havendo de fazer-se com reconhecimento, mais decoroso seria haver-se feito em Utrecht, que em Lisboa.

Sobre este particular escrevi a carta inclusa a D. Luiz da Cunha, e he tudo o que posso dizer a V. Eminencia, alem do que escrevo a Diogo de Mendonça. Esta corte tomou a resolução de prometter-nos por hum tratado a execução do seu plano, porque se envergonha das objecções dos Castelhanos, e teme as murmurações d'Inglaterra, e de toda a Europa. Fico na obediencia de V. Eminencia como devo. Deus guarde a V. Eminencia muitos annos. Londres 25 de Julho de 1713 = Eminentissimo Snr. Cardeal da Cunha = Creado de V. Eminencia = *Joseph da Cunha Brochado.*

Copia.

« Agradeço a V. S. a mercê que me fez em me com-
« municar a rasão que tivera para não renovar o armis-
« ticio, em que acho a Diogo de Mendonça contrario a
« si mesmo, pois diz, que V. S. ajuste a suspenção com

Digitized by Google

« os Castelhanos, sabendo bem que elles a não fariam
« sem reconhecimento; e no capitulo em que falla da mi-
« nha pergunta diz, que o não devemos fazer senão no
« tratado de paz. He verdade que esta segunda rasão
« calou elle na copia inclusa, que he a mesma que me
« mandou.

« A instrucção do duque de Anjou, de que Diogo de
« Mendonça se vale por juizo particular seu, para a ex-
« clusão da reclamação dos navios, me tem custado muito
« estudo, e ainda que fôra illegal, he certo que tem duas
« respostas terriveis: a primeira he que se os navios fo-
« ram presos depois da guerra são de boa presa com in-
« trusão, ou sem ella; e se o foram antes da dita publi-
« cação, o duque de Anjou era então reconhecido por nós
« em qualidade de rei de Hespanha: he a segunda ra-
« são, que os Castelhanos, negando esta intrusão, nos
« põe na necessidade de approvar o que se não póde fa-
« zer sem hum exercito de quarenta mil homens, que
« são os juizes, ou os advogados em semelhantes causas,
« por onde entendo com V. S., que esta rasão não he al-
« legavel, e tambem quizera entender, que para a justiça
« da nossa causa nada importa que o reconhecimento se
« faça, ou no tratado de suspenção, ou no tratado de
« paz; porque se nos actos de reconhecimento ha retra-
« tação, tanto a póde haver em hum, como em outro.
« Isto he dito por passar hum pouco o tempo conversan-
« do com V. S., porque eu nada disto formo juizo final.
« Fico para servir a V. S. com a maior vontade. Deus
« guarde a V. S. muitos annos. Londres 14 de Julho de
« 1713 = *Joseph da Cunha Brochado.* »

Digitized by Google

— N.º 59. —

Eminentissimo Snr. Agradeço a V. Eminencia a carta de 6 de Setembro, que me fez a honra de escrever, de que a minha veneração pertende ser credora.

A grande falta que padeço na saude, a necessidade de tomar remedios, e as afflicções do espirito me condemnaram nas postas passadas a não escrever a V. Eminencia, e este mal, que foi effeito dos outros, he mais sensivel que todos os que me affligem.

Pelo expresso de Utrecht, terá V. Eminencia visto o resultado das ultimas conferencias. He cousa dura e lastimosa que os nossos ministros não tirassem o fructo que desejavam das fortes resoluções da rainha, que por minha via lhes foram communicadas: e he tal a desgraça daquella negociação, que ainda em materias pequenas não podemos nem convencer os Castelhanos, nem ganhar os Inglezes! Não duvido que as declarações da rainha não tivessem mais virtude que a de auxilios sufficientes, mas sempre cuidei, que a grande dexteridade dos nossos ministros fizessem efficazes aquelles auxilios.

A pertenção da casa de Aveiro, que devia ser para a corte de Castella huma dôr de cotovello, fez a maior parte da disputa, e não sei que rasão tiveram os Inglezes para não excluirem esta parcella pela carta que me escreveu o Secretario d'Estado. As rasões que deu o marquez de Monteleon são bem leigas, e de capa e espada, como he dizer, que o juramento de fidelidade se podia dar por procurador sem advertir que isto procede quando o constituinte que jura he vassallo do principe, porque de outra sorte nem tem liberdade para jurar, nem o principe póde exigir delle as penas da infracção.

Nas grandes negociações as rasões que se allegam nas conferencias não são as que mais convencem, e as

Digitized by Google

que mais decidem; as disposições anteriores com manha, com artificio, e com insinuações são as que melhor contribuem para a victoria, e assim nesta parte estou persuadido que os nossos ministros se serviram de todos os meios que a sua grande destreza e habilidade lhes administraria para ganhar os Inglezes, como tudo será presente a V. Eminencia pelas suas relações.

Os ministros que nessa corte dizem que he grande ignorancia nossa consentirmos no plano da rainha, vêem as cousas de bem longe, e não sei em que sentido fallam, ao menos não sabem elles como tem corrido a negociação geral. Tudo he dizer, que o grande desejo da paz prejudica a nossa negociação, e poderá ser que esses mesmos ministros contribuissem para não fazermos huma boa guerra; porêm este discurso, Eminentissimo Senhor, não he para carta, algum dia o ouvirá V. Eminencia com igual lastima que indignação.

Brevemente comporei as medalhas, e pedirei licença, para se baterem os cunhos na casa da moeda, e procurarei que tudo seja á satisfação de V. Eminencia, e dignidade do assumpto. Fico para servir a V. Eminencia como devo. Deus guarde a V. Eminencia muitos annos. Londres 3 de Outubro de 1713 = Eminentissimo Snr. Cardeal da Cunha = Creado de V. Eminencia = *Joseph da Cunha Brochado.*

Digitized by Google

POESIAS LATINAS

DE Fr. LUIZ DE SOUSA.

B. JOANNIS APOSTOLI ET EVANGELISTA LAUDES.

ODE.

II.

Ut tuos ausim renovare honores,
Mi sacra æterni face pectus affla
Solis, et Divûm latices reclude,
Sancte Joannes.
Lata dum terræ sola Phœbus urit,
Faxque dum sacræ micat alta noctis,
Replicem cantus, ut in omne vadas
Clarior ævum.
Quid prius sumet resonare plectrum?
Martyris palmas? an amantis ignes?
Pathmon undosam? an niveum coruscans
Imbre sepulcrum?

Digitized by Google

Cum sacer summo revehi parenti
Debitam in sedem properans magister,
Cœlicum servis epulum appararet
Nocte suprema;

Assides primus, recubasque supra
Mite Divini penetrale cordis,
Solveris somno, velut inter almæ
Ubera matris.

Si Caballini Latices, vel humbræ
Cœlicos afflant animis furores,
Quæ putem tactum tibi contulisse
Numina Numen?

Astra percurris vigilante somno,
Obvius soli generosus ales
Cœlitum flammas, aquilæque visus
Inde reportas.

Inde inexhausto ruis ore, prodis
Nota quæ nulli fuerant priorum,
Quæque in immensis Deus occulebat
Mersa tenebris.

Quam bene æterno super astra regi
Jungeris? Nato pius astitisti,
Turba dum fratrum fugit, et sacros mors
Pascitur artus.

Te fides omnes obitura casus,
Te decus sancti niveum pudoris,
Et sacrum flagrans amor in magistrum
Laude coronant.

Testis est actæ sine labe vitæ
Credita a Christo tibi Diva Mater,
Invicem Matri datus ipse nati
Jure locoque.

Digitized by Google

Testis est hausta intrepide cicuta,
Victus et fervens oleo caminus;
Nempe qui flammat tibi cor minores
Obruit ignes.

Qui Jovi cultum negat, intonabat
Præses, ante aras Jovis immoletur;
Detur in mortis genus insolentis
Morteque pejus.

Jam pyra undantes rotat atra fumos,
Palladis spumans liquor auget ignes,
Nec capit sese: gelido tremebat
Turba pavore.

Tollit exultans oculos Joannes,
Et preces verbis, animoque firmo
Concipit: Mundi sator ô, scelestis
Parcere largus!

Si potest nostro scelus expiari
Gentis insanæ miseræ que leto,
Stamen, ô tandem breve rumpe fati,
Consule cæcis.

Dixit: et nigros latices inivit.
Hic novo torpes stupefacta monstro,
Roma, vidisti sine vi furentes
Ire vapores.

Ardet irarum furiis tyrannus,
Nec sibi credit, licet inter ignes
Cernat illæsum, placidoque vultu
Læta canentem.

Quas tibi laudes, Deus alme, pangam?
Serviunt nobis elementa, sævus
Blanda Vulcanus, recalensque Pallas
Balnea præstant.

Digitized by Google

Te, Pater, totus veneretur orbis,
Te que, qui concors ab utroque Sancte
Spiritus, efflas.

N. B. Para entender os ultimos versos da 3.ª estrophe do hymno a S. João Evangelista, importa advertir, que correu fama de que S. João proximo á morte subio com seus discipulos a um monte, e mandando cavar uma sepultura, se estendeo nella e expirou. Por isso falla o poeta do sepulchro do Santo como bulhando quando de inverno o dito monte apparece coberto de neve.

III.

Hymnus = O gloriosa Domina etc. = e Lyrico in Heroicum carmen mutatus.

O' gloriosa etc. O Domina, æterni, quam Lua et gloria Solis
Vestit, et æthereæ celebrat chorus aliger Aulæ:
Quo vix audemus conscendere mente, subissi
Excelsa etc. Sedibus inducens spolium mortale supernis,
Sub pedibusque vides labentia sidera, Lunam
Phœbeamque facem, Arcturum, Septemquetriones.
Qui te etc. Te natura parens non viso territa monstro
Altricem, Matremque tui Genitoris adorat,
Lactente etc. Et secum tacite, quo factum jure requirit,
Nectar ut accipiat, vitamque ex ubere sacro,
Ipsum qui genuit nectar, qui condidit uber.
Intrent etc. Ergo quid mirum, si jam mortalibus ægris
Ultro adaperta patet quondam domus invia Olympi
Cœli etc. Cum tu cœlipotens sis facta, imo ipsa beati
Diceris, esque poli devexo limine porta?
Utque Aurora solet roseis invecta quadrigis
Tu Reg. etc. Prima per obscuras Phœbi dare signa tenebras,
Sic tu præfulges speratæ Aurora salutis,
Januaque ipsius, qui temperat æthera regis.

Digitized by Google

Quod Eva etc.	Sic tu restituis divino germine nobis
Tu red. etc.	Omne bonum, ab nimium cupidæ, quod sustulit olim
	Ævæ sacra fames, pestis mescranda nepotum,
	At vos mortales date carmina, plaudite lœti;
Gentes etc.	Laudibus innumeris nomen cumulate Mariæ:
	Illa etenim mundo cœlestis munera vitæ
	Contulit, et miseros barathri de fæce redemit.
Gloria etc.	Sed prius ex ipsa genitum laudate volentes
Qui natus etc.	Æternumque Patrem, totus cui subditur orbis
Cum Patre etc.	Cum Patre et Nato divini Numinis aura
In sempit. etc.	Vindicat æquales æterna in sæcula honores.

IV.

EPIGRAMMATA.

De Divo Thoma

Alludens ad antiquum patriæ urbis Neapolis nomen, quod fuit Parthenope, a sepulcro Sirenis Parthenopes.

PRIMUM.

Quæ quondam insigni mulcebat marmora cantu
Sirenum Virgo, gloria Parthenopes,
Qualiter e busto nova, sed rutilantior exit,
Vivere quæ septem sæcula fertur avis!
Mutato sexu, mutato nomine tantum,

Digitized by Google

Ipsa eademque suo prosilit e tumulo.
Est Thomas nomen: vis mascula: cætera siren
Eloquium, voces virgineumque decus.

De eodem cum Gallorum Rege convivante.

ALIUD.

Regales epulas inter, dum plurima Thomas
Disputat, et docto pectore cuncta refert,
Impetit appositas inopino vulnere mensas,
Qualiter æthereo fulmen ab axe sonat.
Aurea dissiliunt toto carchesia tecto,
Fit fragor, insolito Rex pavet ipse metu.
Vicimus! exclamat, nodos exsolvimus. Hostes,
Jam dabitis junctas in mea vincla manus.
Sic studiis lacrymas, lacrymis jejunia miscens
Ad medias prodit præmeditata dapes

Ad eundem, cum infans oblatam chartam deglutit.

ALIUD.

Ablueret trimum nutrix cum sedula Thomam,
Incidit in teneras chartula forte manus:
Arripit, arreptam tenet, invictusque retentat,
Nec vis e digitis elicere ulla valet
Et quasi quod nequeat legere, atque inscribere pressam

Digitized by Google

Dentibus indignans mordet, et ore vorat.
Hæc tua, macte puer, studiis præludia. Mutos
Festinas alta mente præire dies.

Admodum R.do P. Christophoro de Sancto Dominico novissimus novitiorum Ludovicus Sousa.

S. P. D.

Alienum et a nostra ætate et ab eo genere studii, cui par est incumbat novitius, petiisti munus. Ævo grandem et religionis professione pene infantem longe diversa decebant exercitia; nisi siquid puerile in religiosa senectute requiris (ut primæ et ultimæ ætati a natura ipsa multa sunt communia). Quis enim dubitet, et senibus novitiis quandoque puerorum simplicitatem competere, ut vivant; sicuti in pueris se nescentium gravitatem desideramus, ut in religione proficiant? Utcumque se res habeat, carmen impetrasti; in quo id unum mihi videor consecutus, ut jam manifeste pateat, me in hac religionis infantia, quam suavis vitæ amatores austeram nimis et difficultatis plenam prædicabant, ideoque nobis intolerabilem fore ominabuntur, non solum prospera uti valetudine, sed etiam animo adeo libero, et tranquillo vivere, ut velut in opimo otio ei studio mentem adjiciam quod summam quietem et curarum laxamentum postulat: testante Ovidio:

Vacuæ carmina mentis opus.

Digitized by Google

Ad Emanuelem Ferreira Velho.

Splendescis meritis, virtute et indole gratus,
Nomine, non annis, dictus ubique senex.

Anonymi Epigramma.

De Legum Contemptu.

Multiplices Leges tibi jura incerta dederunt,
Jamque silent veteres, una recens loquitur:
Quæres, quæ nova Lex? dicam corrupta voluntas
Ad libitum adfirmans, ad libitum que negans.

N. B. Para entender o 2.° epigramma a S. Thomaz, convem saber que este Santo quando havia de resolver alguma questão, andava absorto, e como alienado d'outros objectos. Sendo pois convidado para a mesa d'el-rei de França, andava occupado em responder a certa questão relativa ao Maniqueismo: o como estando á mesa lhe occorresse a solução da questão, deu uma pancada forte sobre a mesa, *impetit appositas mensas*: e exclamou *Vicimus*. Donde se vê, que elle pôz-se á mesa levando no pensamento o objecto sobre que meditava — *præmeditata*.

Digitized by Google

eterno, não gerado, que não procede de outrem, o qual criou ceo, e terra, e as cousas que nella se encerram, viziveis, e inviziveis. Todos os bispos responderam; «Do proprio modo o crêmos nós.» Pancracio: «Creio em um verbo gerado do mesmo Padre antes do tempo, Deus de Deus verdadeiro, da propria substancia do Padre, sem o qual senão fez cousa alguma, e pelo qual foram creadas todas as cousas.» Todos os bispos — Da mesma maneira o crêmos nós. —

Pancracio. «Creio no Espirito Santo, que procede do Padre, e do verbo, um com elles em divindade, que fallou pela boca dos Prophetas, veio sobre os Apostolos, e encheu de sua graça a mãe de Jesus Christo.» Todos os bispos disseram — Da mesma maneira o crêmos nós.

Pancracio. «Creio que nesta Trindade não ha maior, nem menor, primeiro, ou derradeiro, mas em tres distinctas Pessoas é uma igualdade.» Todos os bispos — Da mesma maneira o confessamos nós.

Pancracio. «Creio que os deuses dos gentios são demonios, tem boca e não fallam, tem olhos e não veêm, ouvidos e não ouvem, nem ha respiração em sua boca.» Todos — Da propria maneira crêmos nós.

Pancracio. «Condemno, excommungo, e reprovo todos os que tiverem, sentirem, e prégarem o contrario. Todos os bispos — Da propria maneira os condemnamos nós.

Pancracio. «Creio em nosso Deus Trino em Pessoas, e um em essencia que fez todas as cousas de nada, e criou nosso pae Adam, e Eva de seu lado, destruio o mundo por agoas, deu a lei a Moysés, e nestes ultimos tempos nos visitou por seu Filho, que segundo a carne nasceu da geração de David.» Todos — Da propria maneira o crêmos nós.

Pancracio. «Condemno, reprovo, excommungo, anathematiso todos os que tiverem, sentirem, e prégarem o

Digitized by Google

contrario. » Todos disseram — Do proprio modo o condemnamos nós.

Pancracio. « Agora parecendo-vos bem a todos ordene-se o que convém fazer das reliquias, e memorias dos santos, primeiramente das de nosso padre S. Pedro de Rates, apostolo desta provincia, que S. Thiago parente de Nosso Senhor deixou nella para salvação das almas. » Levantou-se Elipando bispo de Coimbra, e disse. —Não poderemos todos cumprir isto da mesma maneira, mas parecendo-vos bem, faça cada um conforme lhe permittir o tempo. Os barbaros estão entre nós, combatem a Lisboa, ganharam a Merida, Astorga; do mesmo modo virão brevemente sobre nós. Parta-se cada um a sou bispado. Conforte os fieis, esconda os corpos dos Santos em lugares decentes, e mande-nos uma relação dos lugares, e covas onde os depositarem para que não venham a esquecer pelo decurso do tempo. — Responderam todos: Parece-nos bom, justo, e conveniente conselho, vista a necessidade do tempo.

Pancracio «Da propria maneira me parece a mim, que a vós: hide-vos todos em paz, sómente fique nosso irmão Pontanio vista a destruição de sua igreja de Merida, que os barbaros tem opprimida.» Disse Pontanio: Hirme-hei eu tambem por consolar minhas ovelhas, e para padecer juntamente com ellas trabalhos, e perseguições pelo amor de Jesus Christo: porque não recebi a dignidade de bispo só para o tempo da prosperidade, mas antes para o dos trabalhos. » Respondeu Pancracio, «Excellentes palavras, justo conselho, approvo a partida. Deus te conserve.» Responderam todos os bispos — Conserve-te Deus nesse bom concilio, que nós tambem provamos todos juntamente, vamos na paz do Senhor Jesus Christo — e assignaram todos por sua mão.

E porque neste concilio senão trataram cousas per-

Digitized by Google

tencentes ao bem commum, nem se fizeram capitulos tocantes ao bom governo, e regimento das igrejas, e não se fez senão para atalhar aos inconvenientes, que da vinda destes barbaros podiam succeder, não se faz delle menção no numero dos concilios Bracarenses, posto que fosse o primeiro ajuntamento de bispos que se fez em Braga.

CAPITULO 37.

Em que se trata do quarto concilio que se celebrou na Sé de Braga.

O quarto concilio que se celebrou na metropolitana Sé de Braga, primaz das Hespanhas, foi no anno de 1566 logrando neste reino a christandade todo o socego, e quietação da santa fé catholica, e estarem afugentados seus inimigos, que por força de armas foram delle expulsos, e tão perseguidos dos Portuguezes catholicos, que ainda em terras mui remotas, a que se acolheram, foram nellas muitas vezes acomettidos, destruidos, e desbaratados.

Sendo rei de Portugal o serenissimo D. Sebastião, 1.° deste nome, no decimo anno de seu reinado, governando a igreja de Deus o santo padre Pio 5.° no 2.° anno de seu governo, assistia por arcebispo na metropolitana, e sempre augusta cidade de Braga primaz das Hespanhas o devoto D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, da ordem dos prégadores, na sua santa Sé celebrou concilio para o qual foram convidados todos os bispos seus sufraganeos, a quem o dito arcebispo prezidio, e entraram nelle em dia de Nossa Senhora de Setembro do dito anno, e sahiram a 10 de Abril do anno seguinte de 1567.

Os bispos que se acharam presentes no concilio foram D. Rodrigo Pinheiro bispo do Porto, D. João Soares bispo de Coimbra, e conde de Arganil, D. Antonio Pinheiro bispo de Miranda, o procurador do bispo de Vi-

Digitized by Google

zeu por estar impedido. Neste concilio se publicaram os decretos do sagrado Concilio Tridentino, e porque os decretos deste concilio são muitos, e andam impressos, não trato delles, porque os póde procurar a diligencia dos curiosos, e com isto se dá fim aos concilios feitos na metropolitana e sempre augusta cidade de Braga primaz das Hespanhas.

CAPITULO 38.

Em que se dá noticia dos arcebispos que governaram na metropolitana Sé de Braga até o anno de 1692.

1. S. Pedro de Rates, entrou em 37, e morreu em 44, e foi sepultado em Rates, e trasladado para a capella da Sé de Braga a 17 de Outubro de 1552.
2. S. Bazilio Martyr, 3 S. Ovidio Romano, 4 D. Pedro, 5 D. Pancracio, 6 D. Balião, 7 D. Profuturo, 8 D. Lucrecio em 572.
9. S. Martinho, no anno de 572, está sepultado na Sé. 10 D. Pantardo, 11 D Julião, 12 D. Potamio, 13 S. Fructuoso em 658; morreu em Braga, e está sepultado em Compostella. 14 D. Liodigio, 15 D. Leuva, 16 D. Faustino, 17 D. Felix.

Seguem-se os arcebispos do tempo em que a igreja esteve encommendada à de Lugo, que foi do anno de 792 *até o de* 1060.

18. D. Odoario, 19 D. Adulfo, 20 D. Glaotiano, 21 D. Froilano, 22 D. Fredezindo, 23 D. Recaredo, 24 D. Froino. 25 D. Gonçalo, 26 D. Gonçalo, como se vê no archivo de Toledo.
27. D. Hermenegildo, 28 D. Payo, 29 D. Diogo, 30 D. Pedro, 31 D. Aurelio, 32 D. Lustico, 33 D. Crescencio.

Digitized by Google

34. D. Pedro em 1067 foi arcebispo 24 annos, delle faz menção o bispo de Tui a fl. 105, e tambem delle se falla na fundação do mosteiro do Paço de Souza, e Duarte Nunes na Chron. do Conde D. Henrique.

35. S. Giraldo em 1093, que morreu em 1109 em Banos em Traz-os-Montes, e está sepultado na Sé de Braga.

36. D. Mauricio no anno de 1109, falleceu em Italia, e está sepultado no lugar Cavence. Este foi o Bordino Antipapa, como diz Ilhescas na hist. Pont. p 1.ª a fl. 293. O bispo de Tui diz que foi frade de S. Bento, a fl. 110.

37. D. Payo 2.º em 1118, e falleceu em 1137. 38 D. João em 1139, e morreu em 1173, e jaz sepultado em Braga.

39. O beato Godinho em 1175, e morreu em 1188, jaz em Braga.

40. D. Martinho 2.º em 1188, falleceu em 1219, e jaz em Braga, delle se faz menção em 1214, na doação que el-rei D. Sancho fez do cazal de Moucos na freguezia de Creixomil, termo da villa de Guimarães, a Gonçalo Rodriguez seu Falcoeiro, na qual assignou este arcebispo, e está no L. dos privilegios das taboas vermelhas de Nossa Senhora de Oliveira a fl. 16.

41. D. Pedro o 3.º no anno de 1219, e falleceu em 1224. 42 D. Estevão em 1228, falleceu no mesmo anno, jaz em Braga, 43 D. Silvestre em 1228, falleceu em 1244, em Italia, está sepultado em Roma.

44. D João Egas o 2.º em 1244, falleceu em 1255 em Valladolid, está sepultado em Braga. 45 D. Martinho 3.º em 1255, falleceu em 70, jaz em Viterbo. 46 D. Sancho em 1271, e viveu 3 annos.

47. D. Ordonho em 1275 morreu em 80. 48 D. Fr. Tello Franciscano em 1280, morreu em 92, o qual deu muito dinheiro para o convento de S. Francisco que

Digitized by Google

se fundou em Guimarães, como diz Gonzaga a fl. 277.

49 D. Martinho de Oliveira 4.º, em 1293, e morreu em 1313.

50. D. João de Soalhães 4.º, em 1313, falleceu em 25, jaz na sachristia da Sé de Braga.

51. D. Gonçalo Pereira em 1325, falleceu em 1343, jaz em Braga na sua capella, foi conego de Tui, e embaixador a el-rei D. Affonso II de Castella, chronista.

52. D. Guilhelmo em 1348, falleceu em 61.

53. D. João Cardoso 5.º em 1361, falleceu em 70. Ajudou a el-rei D. Henrique o 2.º de Castella. Era parente do conde Antonachi, e foi arcebispo de Toledo e patriarcha, (chronica del-rei D. Pedro de Castella c. 29.)

54. D. Vasco em 1370, morreu em 71. 55 D. Martinho 5.º em 1371, morreu em 75.

56. D. Lourenço em 1375, morreu em 97, está sepultado em sua capella, aonde está em vulto com uma cutilada pelo rosto, que lhe deram na batalha de Aljubarrota servindo a el-rei D. João o 1.º: não quiz da dita batalha mais que uma cadeira de prata, que se tomou a el-rei D. João o 1.º de Castella, a qual levou para sua igreja: era natural de Lourinhã, e se chamava Lourenço Añes Velloso. Suas armas estão na capella de S. Domingos de Guimarães, na vidraça que ajudou a mandar fazer em 1382. Sua sepultura se abrio em 1602, e se achou inteiro.

57. D. João Garcia 6.º em 1397, viveu um anno, era da casa dos Manriques de Castella, foi arcebispo de Siguença, e de Orense. (Chronica del-rei D. Fernando de Portugal a fl., e chronica del-rei D. Henrique de Castella.)

58. D. Martinho de Miranda 6.º em 1398, falleceu em 1416; jaz em S. Christovão de Lisboa.

Digitized by Google

59. D. Fernando da Guerra em 1416, falleceu em Braga a 16 de Setembro de 67, e jaz aos pès de S. Giraldo, era filho del-rei D. Pedro de Portugal, e de D. Ignez de Castro.

60. D. Luiz em 1467, falleceu em Braga em 1480.

61. D. João de Mello 7.° em 1480, falleceu em 80. 62 D. João Galvão 8.° em 1480, foi prior de Santa Cruz, escrivão da Puridade do Sr. D. Affonso 5.°, era filho de Rui Galvão, e de sua mulher Branca Gonçalves, escrivão da camara de Evora.

63. D. Jorge cardeal em 1483, e foi 4 annos. 64 D. Jorge da Costa Alpedrinha, em 1487, falleceu em Roma em 1501, onde jaz.

65. D. Jorge, cardeal outra vez em 1501, falleceu em Roma onde jaz.

66. D. Diogo de Souza 2.°, em 1508, e morreu em 1532, que foi primeiro bispo do Porto: foi a Roma de mandado do Sr. D. João 3.° dar a bebida ao papa Alexandre 6.°, aonde se lhe deu o arcebispado, foi testamenteiro del-rei D. Manoel, e perguntado pelo Sr. D. João o 3.°, porque não hia á côrte? respondeu: Porque estou fazendo de um Palheiro que Vossa Magestade me deu uma cidade» E assim foi porque reedificou a cidade de que não ficou do antigo senão a Sé em que jaz: fundou o mosteiro dos Remedios, dos religiosos de S. Francisco.

67. O infante cardeal D. Henrique, filho del-rei D. Manoel, em 1532, foi 8 annos. Morreu rei de Portugal, jaz em Belem.

68. D. Diogo da Silva 3.°, em 1540, falleceu em 41, foi trasladado da capella de S. Giraldo para o lado da capella mór pelo arcebispo D. Agostinho de Jesus.

69. O Snr. D. Duarte, filho del-rei D. João 3.°, em 1541,

Digitized by Google

viveu 19 mezes, morreu em 43 em Lisboa, jaz em Belem.

70. D. Manoel de Souza em 1543, falleceu em 18 de Julho de 49 no Porto, jaz na Sé de Braga, na capella de S. Giraldo.

71. D. Fr. Balthazar Limpo, frade Carmelita em 1549, falleceu em 1558, jaz na capella de S. Pedro de Rates, a quem havia trasladado de Rates, em 17 de Outubro de 1552.

72. D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, dominico, prelado de vida exemplar, em 1558, falleceu em 90, jaz em Vianna no mosteiro de S. Domingos, que elle fundou: faz Deus por elle milagres, e é tido por santo.

73. D. João Affonso de Menezes 9.°, em 1581, pela renuncia de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, falleceu em 87, jaz na capella de S. Giraldo, para onde o trasladou o arcebispo D. Agostinho.

74. D. Fr. Agostinho de Jesus, frade de Santo Agostinho em 1590, jaz no mosteiro do Populo, que fundou em Braga, de Religiosos Agostinhos.

75. D. Fr. Aleixo de Menezes, religioso Agostinho da corrêa, em 1612, falleceu em Madrid a 3 de Maio de 1617, sendo presidente do Conselho d'Estado de Portugal, jaz no mosteiro de Santo Agostinho de Madrid, e foi trasladado para o mosteiro do Populo de Braga.

76. D. Affonso Furtado de Mendonça em 1619, foi mudado para arcebispo de Lisboa em 1627, parente de D. Miguel de Castro.

77. D. Rodrigo da Cunha, sendo bispo do Porto foi mudado para arcebispo de Braga em 1627, e dahi passou para Lisboa em 1636 por morte de D. Affonso Furtado.

Digitized by Google

78. D. Sebastião de Mattos de Noronha, bispo de Elvas em 1636, por seguir na acclamação do Snr. D. João o 4.° o partido de Felippe 4.° foi preso na torre de S. Gião de Lisboa onde morreu, e esteve vago o arcebispado até 1671, pelo Papa não querer confirmar bispos a Portugal em contemplação a Castella. Celebrada a paz entre os dous reinos em 1668, o principe D. Pedro, enviou o conde do Prado D. Francisco de Souza em 1660 a Roma com o titulo de Marquez das Minas, a dar conta da paz, e a pedir as bulas para os bispos, as quaes foram concedidas.

79. D. Verissimo d'Alencastre a 8 de Julho de 1671, mandou por procuração tomar posse do arcebispado pelo doutor Miguel Pinheiro Corrêa, e em 1696 foi premudado para Inquizidor Geral, em que é cardeal da igreja Romana.

80. D. Luiz de Souza bispo de Lamego, foi promovido em 1677, e em 79 foi embaixador a Roma, morreu a 29 de Abril de 1690, jaz na Sé de Braga.

81. D. José de Meneses, foi promovido de bispo de Lamego em 1692; e no de 93 a 10 de Abril foi feito Inquizidor Geral, que não aceitou por lhe não concederem ser juntamente arcebispo.

CAPITULO 39.°

Em que se diz como as primeiras mulheres que padeceram martyrio pela fè, foram da provincia d'entre Douro e Minho, e da cidade de Braga.

Sendo Lucio Catelio Severo vice-rei, e governador da provincia d'entre Douro e Minho, e Galliza, e morador na cidade de Braga como côrte mais principal, segundo o chronista Sandoval bispo de Tui no L. das Antiguidades de Tui, e Julião arcipreste Toletano em L. de

Digitized by Google

letra gothica — *Ætate mea Collebantur magna religione Santa Quiteria, et 8 Sorores ejus per Hispanias, quæ fuerunt filiæ lucii catilii ceveri consularis et Præsidis Bracharæ, et Galeciæ civis Bracharensis*, e o author as nomêa por seus nomes.

Sendo este principe natural e governador de Braga, e casado com uma senhora chamada Celcia, de grandes partes e formosura, e sentindo-se prenhada, com grande contentamento do marido, estando ao tempo de parir, elle ausente, pario nove filhas todas de um ventre, com particular providencia de Deus, que de maior numero queria tirar maiores occasiões de gloria: e como esta senhora fosse gentia tomou por afronta a mercê que Deus lhe fazia em lhe dar tantas filhas, parecendo-lhe que seu marido ficaria com isso desgostoso: e esquecida da piedade natural tomou uma resolução diabolica, porque mandou a certa mulher de quem se fiava, que as botasse todas em um rio, para que a morte das innocentes encobrisse o parto que ella tinha por afrontoso: lastimou a crueldade o coração e animo da criada, e se resolveu em dar as nove meninas, e fingindo que as levava a afogar no rio como a senhora lhe ordenára, as foi entregar a certas amas que as criassem, as quaes as mandaram baptizar, e lhes pozeram os seguintes nomes, Genebra, Eumelia, Victoria, Germana, Marinha, Eufemia, Quiteria, Liberata, Basilia; suas amas as ensinaram a temer a Deus, e guardar seus mandamentos, e continuando o tempo se conheceram por irmãas, e souberam o modo com que foram livres da morte: e com este conhecimento consagraram a Deus sua virgindade, e em sua pouca idade eram suas vidas um raro espelho de santidade para todos.

Depois disto se publicou um edital contra os christãos, e o mesmo Lucio Catelio seu pae o mandou publicar, ameaçando com pena de morte a todos os que pro-

Digitized by Google

fessavam a lei de Jesus Christo. As nove irmãas se alegraram vendo que se lhe offerecia occasião de derramar seu sangue pelo amor de seu amado, e querido esposo, e com ferventes orações, e penitentes lagrimas lhe pediam o esforço para soffrerem tormentos do tyranno pae, e neste exercicio as acharam os ministros da justiça, que como souberam que eram christãas as levaram prezas diante de Catelio, concorrendo todo o povo a tão horroroso espectaculo com lastima de sua formosura, e pouca idade.

Vendo o tyranno diante de si as nove meninas, e em cada uma dellas tanta modestia, movido de suas perfeições, ou da occulta força da natureza lhes fallou com mais brandura do que costumava, dizendo: Que pois que os dons de que a natureza as enriquecêra, mostravam que havia nellas sangue nobre, lhe declarassem quem eram, para que fallando-lhe por termos differentes de seu estado não errasse contra sua nobreza. Respondeu Genebra: «A nobreza de nossa geração é a mesma de que tu te prezas, por sermos todas nove tuas filhas; a condição de nossas vidas é sermos christãas, da qual nos prezamos mais, que do sangue de que procedemos.» «Com razão me podeis pôr o nome de pae (disse Catelio), porque deixando a lei de christãas vos terei em lugar de filhas, e prometo-vos casamentos com pessoas illustres, que corresponda á nobreza com o sangue de que sois geradas sendo minhas filhas, porque a tudo me obriga o amor, que vos tomei na hora em que apparecestes na minha presença.» Respondeu a santa: «Sem outra legitimação nos deu a natureza o nome e sêr de filhas tuas, ainda que a rainha Celcia afrontada de nos parir juntas, e temerosa de tua condição nos mandou lançar no rio, de que nos livrou Jesus Christo, por sua divina misericordia, pelo zelo da criada por quem nos mandou matar, que compadecida de nossa innocencia nos entregou a certas amas christãas, em quem

Digitized by Google

achámos a piedade que nos faltou na mãe, e em lugar de uma vida que ella nos mandou tirar, nos deram a do corpo, e alma, mediante a qual esperamos a bemaventurança que Deus promete a quem o ama, e que Jesus Christo promete aos que perseverarem até o fim em sua fé, pela qual estamos aparelhadas a dar não sómente esta vida, que o tempo, e a enfermidade consome, mas outras muitas se dellas foramos senhoras. »

Attonito e confuso ficou o governador das palavras da santa, e lembrado de algumas conjecturas passadas, que o moveram a crêr o que ouvia, suspendeu o acto judicial, e chamando á parte sua mulher lhe perguntou com instancia a verdade do caso, que ella não poude negar com tão clara prova como davam as amas que as criaram; e a secretária que as entregou. E assim foram as santas conhecidas do pae, com tanto contentamento, que chamando-as de parte cheio de gloria lhes disse: Novas obrigações são estas, que hoje me individam os ceos: pois hoje me resplandecem nove estrellas eclipsadas em seu nascimento, e se me restituem nove prendas illustres para com ellas enriquecer minha nobreza. Não me inveje agora alguma sorte contraria este contentamento, nem vós, filhas minhas, permitaes que para o ter perfeito me falte de vossa parte a primeira cousa, que como pae vos peço, e é, que deixada a vaidade christãa em que vos instruiram essas amas que vos criaram, sigaes a veneração dos deuses, que adoram os imperadores Romanos, e a maior parte do mundo, e querendo esposos vo-los darei de sangue real, quaes convêm á vossa nobreza. E quando vos contente mais o estado virginal vos consagrarei á deusa Vesta, e desta maneira podereis conservar vossa vida, e dareis a mim gosto, e honra que perdereis juntamente, quando succeda outra cousa do que espero. »

Respondeu santa Liberata: « O conhecimento de pae

Digitized by Google

que tens, e a obediencia, que como filhas te devemos nos faz desejar condescender em tudo o que nos pedes, e fazermos teu gosto em tudo o mais que não seja dezampararmos o amor de Jesus Christo, a quem como verdadeiro Deus, e esposo nosso temos sacrificado nossas vidas, e almas, esperando em satisfação, não riquezas da terra nem reinos sujeitos á mudança da fortuna, mas um descanço livre de sobresaltos. E como os idolos que tu honras são uns troncos sem vida, incapazes de dar castigo, nem premio a seus adoradores, se tu como rei prudente deixares a vaidade de sua adoração, e te converteres ao verdadeiro conhecimento de um Deus, elle a troco do pequeno senhorio que gozas te póde dar outros reinos maiores, que nunca tem fim.»

Vendo a rainha Celcia seu marido pasmado do que ouvia, e que o sangue lhe sahia pelos olhos de indignação, abraçando-se com as filhas lhes disse: Bem merece a mágoa de que careci tanto tempo de vós, a dôr que traspassa meu coração, todas as vezes que me lembrava ter-vos perdido, de me dares agora um gosto tão perfeito, como terei vendo-vos em estado real, servidas e veneradas, como se deve á grandeza de quem sois: por tanto tomai o conselho de quem uma vez foi vossa mãe por natureza, e agora o é outra vez por amor, e sacrificando comigo á grande deusa Diana, dae a el-rei vosso pae, e a mim grande contentamento, que nos falta vendo vossa deliberação.»

Respondeu Liberata. «Desamparar a lei de um Deus, que antes de vos conhecer nos salvou de tão manifesto perigo, por seguir o conselho de quem tendo-nos por filhas acabou comsigo dar-nos por manjar das féras, não deve ser possivel negarmos uma cousa áquelle que nos deu a vida de que gozamos: e se a perdermos por seu amor, mais bem empregada fica dando-a por quem no-la deu, que sustentando-a pelo gosto de quem no-la quiz tirar.»

Digitized by Google

Muito se indignou Catelio com resposta tão determinada : e parecendo-lhe que acabariam ameaças, o que não podiam branduras, lhe jurou pelo deus Jupiter. que senão tomavam seu parecer, e sacrificavam aos deuses, deixaria a brandura de pae, e as faria morrer a tormentos. Mas vendo-as receber esta nova com signaes de alegria, dizendo que estimavam mais o martyrio recebido por Christo, que os reinos da terra, mudou o rigor em brandura dando-lhes tempo para se deliberarem, parecendo-lhe que por serem moças seguiriam o que vissem, e mudando de opinião se evitariam suas mortes.

Retiradas as santas da presença do rei se pozeram em oração pedindo a Deus constancia nesta batalha, e lhes inspirasse o modo mais proveitoso para suas almas, finalmente assentaram que por não dar occasião a seu pae de ser ministro de seu martyrio, se auzentassem daquella terra, confiando, que como a perseguição andava tão aceza em Hespanha, não faltaria em qualquer parte a que chegassem, quem pela confissão da fé lhe tirasse a vida. E porque hindo juntas não poderiam sahir com seus intentos, determinaram seguir caminhos diversos, em companhia de alguns christãos, que tambem se retiravam da perseguição. E quando se davam os ultimos abraços, levantando santa Eufemia os olhos ao ceo, disse estas palavras. «Meu Senhor Jesus Christo, que permittistes nascermos todas em um dia, e livres do tyranno da morte, nos déstes vida da graça, pedimos pelo vosso amor com que nos amastes, sejas servido levar-nos todas ao descanço eterno, e não permittas se apartem do caminho da gloria aquellas, que tão unidas foram na vida.» Todas responderam. «Amen:» e se abraçaram, e despediram com muitas lagrimas, tomando cada uma o caminho que Deus lhe inspirou.

Ficou tão lastimado e sentido o pae, quando soube

Digitized by Google

que as santas eram sahidas do palacio, que com muita diligencia mandou no seu alcance, e foi achada santa Quiteria, e trazida á sua presença: depois de a tentar com rigores, e brandoras, vendo que nada bastava para divertir sua santa inclinação, se resolveu em dissimular o negocio por não perder esta filha, como perdêra as demais. Não fazia a santa caso dos palacios de seu pae, porque toda se dava á contemplação, sendo muitas vezes visitada do Anjo da Guarda, que lhe revelava o que tocava á sua salvação.

Quando a santa foi levada a casa do rei pelos ministros que mandou em seu alcance, achou nella dous mancebos de sangue real, senhores de terras, que a pediram por mulher a seu pae, que conhecendo ser-lhe conveniente o cazal-a com qualquer delles tratou que fosse com um chamado Germano: e entendendo a santa sua deliberação, e conhecendo o perigo que corria seu santo proposito, pedio a Deus remedio para tão grande tribulação, e apparecendo-lhe o Anjo da Guarda lhe aconselhou que tomando honesta companhia se ausentasse da casa de seu pae. Aceitou a santa o conselho, e pondo em execução sua retirada, acompanhada com bastante numero de donzellas se retirou a um monte chamado Pombeiro, em que estava uma ermida dedicada ao apostolo S. Pedro.

Grande foi a magoa, e paixão do pae assim que soube sua partida, mas a de Germano a quem estava promettida por esposa, excedeu a todo o sentimento, e logo quizera seguir-lhe o alcance, mas Catelio lho impediu, e mandou algumas pessoas de authoridade de sua casa que lhe estranhassem sua fugida, e lhe manifestassem os bens, honras, e gosto de seu pae, que se acertavam neste casamento. E vendo tornar os mensageiros com o desengano de não aceitar outro esposo senão a Jesus Christo,

Digitized by Google

chamou a Germano, e lhe disse: «Eu te aceitava por filho, vendo o bem que empregava todas minhas riquezas em teus merecimentos. Mas a mulher que te prometi, esquecida do muito que interessava com te ter por marido, e da obediencia, que me devia, como a pae e senhor, enganada por alguns christãos que a criaram de pequena, me nega a mim de pae, e a ti de esposo. E creio que nem com perder a vida a mudarão de seu proposito; pelo que se o amor te obriga a fazer mais diligencia pela vêr, das que tenho feitas, segue o que te mando, e se dezejas vingança, em tua mão está o tomal-a da maneira que quizeres, sem por isso ficarmos inimigos. Antes tirando-lhe a vida darás á minha quietação, fama, e honra.

Tanto que Germano teve esta licença de Catelio, se partio com grande numero de gente de guerra para se vingar da afronta que sentia de se vêr despresado, e chegando ao monte Pombeiro acharam a santa em um retiro arrebatada do Espirito Santo esperando o transe, que já lhe estava prognosticado pelo Anjo, e se foi offerecer a quem a buscava: e o primeiro que a encontrou foi um idolatra chamado Dormiano, o qual do primeiro golpe levou a cabeça da santa virgem, que ficou separada do corpo, e a santa virgem a tomou nas mãos, e foi correndo até á porta da ermida, aonde os Anjos estavam esperando sua alma, cantando aquella Antiphona — *Veni sponsa Christi, accipe coronam gloriæ quam tibi Dominus præparavit in æternum.* Como se dissessem, vem esposa de Christo receber a gloria, que para ti tem Deus apparelhada. Não ficou Germano ainda contente com a morte da santa virgem, mas executou sua crueldade em todas as que foram em sua companhia, que fariam o numero de trinta mulheres, que com a santa receberam martyrio pela fé de Christo.

No tempo que a santa estava na ermida de S. Pedro

Digitized by Google

um senhor da terra a quem outros dão o titulo de rei, chamado Lenciano, sendo cégo recuperou a vista por intercessão de santa Quiteria, e com a sua doutrina, e prégação se converteu, sendo hereje, assim elle, como dous prelados de Hespanha, apostatas, e vindo naquelle dia por acaso visitar a santa, e provêr de algumas cousas necessarias acharam Germano com sua furia, tendo já a santa morta, e suas companheiras, e tanto que Germano os vio, executou nelles sua costumada maldade, os quaes, levantadas as mãos ao ceo, pediram perdão de suas maldades, e confessando a lei de Jesus Christo foram mortos, e os ajudou santa Comba a padecer, animando-os em seu transe a padecer, fazendo-lhes uma pratica, representando nella os grandes interesses que ganhavam naquella morte, e o pouco que se perdia na vida que largavam pela fé de Christo. E respondendo um dos bispos apostatas, disse que não haveria naquella companhia quem com mêdo dos infieis dezistisse da empreza em que estavam de dar a vida por seu Deus, pois os avizára o apostolo S. Pedro, que não dava a corôa no principio da peleja, senão no fim della, e nisto os idolatras passaram todos á espada assim homens, como mulheres.

Tanto que o tyranno executou a sua crueldade na santa virgem Quiteria, e nas mais companheiras, se cobrio o ar de nuvens, e despedindo de si uma furiosa tempestade não ficou nenhum dos matadores em que não fizesse effeito, porque uns logo morreram pela furia dos raios, outros com raiva comiam suas proprias mãos, outros endoudeceram, e outros ficaram assombrados. Os santos corpos foram enterrados no lugar do seu martyrio. A Santa costumam invocar para as mordeduras de cães raivosos, em que acham notaveis virtudes, e maravilhosos effeitos. Padeceu santa Quiteria no anno de 130. As oito irmãas todas padeceram martyrio pela fé de Christo. Genebra pa-

Digitized by Google

deceu em Tuy no mesmo anno de 130. ao primeiro de Novembro; Eumelia padeceu em Nobriga cidade antiga, no 1.° de Dezembro de 139. Eufemia padeceu na cidade de Lacedemonia; Marinha em Amphiloquia cidade Grega (*), a 18 de Julho. Marciana padeceu na cidade de Toledo em 135. Victoria na cidade de Cordova. Germana em Carthago. Santa Bazilia em Syria. De maneira, que estas Santas martyres sendo naturaes da provincia d'entre Douro e Minho, foram as primeiras que na Hespanha padeceram martyrio pela fé de Jesus Christo.

CAPITULO 40.°

Em que se dá noticia como foi achado o corpo de santa Eufemia, natural desta provincia.

Santa Eufemia foi uma das nove filhas do principe Catelio, e de sua mulher Celcia, todas nascidas de um parto, como fica dito. As quaes depois de fugirem da tyranna furia de seu pae, se espalharam por onde a fortuna as guiou: e tratando Sandoval bispo de Tuy desta Santa diz, que padeceu martyrio na cidade de Calcedonia, do bispado de Orense, o qual fôra na maneira seguinte.

No tempo do imperador Diocleciano, vendo santa Eufemia que os christãos eram atormentados, e com outras se foi ao juiz, que se chamava Prisco, e diante delle confessou publicamente a Jesus Christo, e com seu exemplo esforçou as outras pessoas christãas, que não ouzavam confessal-o com o mêdo dos tormentos. E Prisco mandou atormentar aos christãos uns atráz os outros, e sendo alguns atormentados diante de santa Eufemia, queixando-se ella ao juiz dizendo-lhe: E' possivel, que sendo eu nobre me

(*) Esta cidade era no bispado de Orense na Galliza; e não se deve confundir com Antiochia como fazem os breviarios Bracharense, Toledano e outros. *Vid. Pedro Henriques d'Abreu, na vida de St.ª Quiteria, pag.* 232 *e seguintes.*

O Editor.

Digitized by Google

faças tanto aggravo, que preferes aos estrangeiros nos tormentos, e os fazer hir primeiro gozar da gloria de Jesus Christo, e meu Deos e Senhor? O Juiz lhe respondeu: Eu cuidei que já estavas em teu sizo, e que te lembravas de tua nobreza, e de que és donzella, e que te arrependias de tua porfia, e que estavas com isto mui contente: mas como estás ainda teimosa para veres em ti um cruel castigo igual a teus merecimentos, logo to darei. E acabando de dizer isto a mandou logo ao carcere, dando-lhe muitas bofetadas por hir contra a lei dos imperadores, e accezo em ira e sensualidade se foi atraz della para a querer deshonrar: mas a Santa se defendeu valorosamente; as mãos do juiz ao primeiro toque se seccaram de repente, e vendo-se dellas tolhido lhe mandou rogar pelo seu mordomo, que quizesse consentir no acto carnal, com elle, promettendo ao mordomo muitas dadivas se a isso a obrigasse. O mordomo se foi ao carcere, e querendo abrir a porta o não poude fazer, e logo entrou o demonio nelle, e fez cousas notaveis: depois foi a Santa tirada do carcere, e posta em uma roda para ser queimada, a qual se desconjuntou de maneira, que matou aos ministros. E vendo um homem chamado Apoliano isto, disse ao juiz. — Não se vence a constancia dos christãos senão a ferro, e por isso toma o meu conselho, e manda-a degolar. Mandou o juiz baixar a Santa do lugar onde estava para ser queimada, e querendo um dos ministros lançar mão della para a descer, ficou logo tolhido de paralizia. Sahio logo outro com proposito de a matar, e levando da espada para degolar a Santa, assim que olhou para ella ficou tão traspassado, que disse para o juiz em altas vozes, que antes se mataria a si mesmo do que aquella donzella, porque os Anjos a defendiam. Com tudo o juiz a fez descer, e tornar outra vez ao carcere, e depois de estar alli mettida mandou convocar quantos mancebos dissolu-

Digitized by Google

tos havia na terra, e lhes disse, que fizessem da Santa o que quizessem, e nella fartassem seus torpes apetites, e se ella rezistisse a matassem. Entrando um com animo de offender a Santa a vio acompanhada de formosas donzellas, e se converteu á fé com suas admoestações. Vendo isto o juiz a mandou pendurar pelos cabellos: e perseverando ella em sua constancia, vendo o juiz que nenhum tormento a offendia a mandou metter entre ferozès animaes para que a tragassem, mas entrando a virgem entre elles, todos ficaram mansos, esquecidos de sua crueldade, tornando-se de tigres, e leões em mansos cordeiros. O juiz confuso, e pasmado mandou entrar onde a Santa estava um carniceiro, que lhe mettesse a espada, e a fez martyr de Christo, que deu a um racional a ousadia, que não quiz usassem as famintas feras. Em premio desta acção deu o juiz ao tyranno um rico vestido, e um colar de ouro, e no primeiro dia que sahio com uma e outra cousa, lhe sahio um leão ao encontro, e o fez em pedaços, comendo parte de seu corpo. O presidente Prisco consumindo-se de raiva, o acharam morto dahi a poucos dias, e a Santa foi enterrada honrosamente, e a maior parte dos Gentios, e Judeus que moravam na cidade de Calcedonia se converteram á fé de Jesus Christo. Foi martyrisada aos 137 annos depois do Nascimento de Jesus Christo. Do seu martyrio trata Santo Antonio na 1.ª parte, e Claudio Rota etc.

Ha na comarca d'entre Douro e Minho, perto da raia de Galliza um valle chamado Rio Caldo, derivado o nome das agoas quentes, que naquelle sitio nascem, e de uma, e outra parte deste valle se levantam grandes montes, e principalmente a serra que chamam Gerèz, que divide esta comarca da de Galliza: em um destes montes, no mais alto e fragoso, está uma rocha a que chamam o Campilho, e parece que nella esteve uma grande povoação nos

Digitized by Google

tempos antigos, de que ainda se vêem signaes de edificios. Nesta campina andam ordinariamente pastores com ovelhas, os quaes se juntavam algumas tardes a fazer seus jogos pastorís. Entre estes andava uma pastora de pouca idade, natural da povoação do valle do Rio Caldo, a quem Deus por sua innocencia quiz fazer a mercê, que os mais pastores não mereceram. Pois como esta andasse em certo dia apascentando suas ovelhas, passando por entre uns penedos vio uma mão levantada com um annel de ouro em um dedo, e chegando-se á mão lhe tirou o annel, e assim que o tirou ficou sem falla, chegou á noite a casa de seu pae declarando por acenos o que por palavras não podia dizer. Espantado o pae da mudêz da filha, e da obra do annel, parecendo-lhe que naquelle negocio havia algum mysterio, se foi no dia seguinte ao lugar onde a mão apparecêra, e achando-a da maneira que a menina a havia visto, o pae lhe tornou a metter o annel no dedo, e com esta restituição a fez tambem a Santa da falla que havia tirado á filha: ficou o pae indeciso no que devia obrar em tal caso, que assim como era prodigioso, era de grande confusão para se determinar no que devia fazer: ao que acudio uma voz do ceo livrando-o do cuidado, dizendo: « O corpo que aqui está sepultado é da virgem martyr Santa Eufemia: trabalha com diligencia para o sepultar com toda a honra, e solemnidade na igreja de Santa Marinha. » Vendo o homem successo tão milagrosamente resolvido se volveu a sua casa, e acompanhado dos sacerdotes, e mais gente foram buscar o corpo da Santa, e com a decencia, e veneração devida o levaram á igreja de Santa Marinha, que era vizinha ao lugar, e nella esteve alguns annos fazendo Deus muitos milagres por sua intercessão, e ali concorriam muitas pessoas a pedir-lhe alcançasse do Senhor remedio para achaques, e enfermidades: e conforme a devoção de cada qual, hiam despachados.

Deste milagroso successo se continuou grande roma-

Digitized by Google

gem da gente comarcãa: e querendo os Gallegos roubar este santo corpo, e sendo finalmente levado para Galliza. por muitas vezes com evidente milagre se tornou outras vezes para seu santo sepulchro. E reinando em Portugal o invictissimo rei D. Affonso Henriques no anno de 1153, um bispo d'Orense chamado Pedro Seguino, particular devoto desta Santa, desejoso de honrar sua igreja, e enriquecel-a com este thesouro das reliquias desta Santa, impetrou de Deus por meio de jejuns, vigilias, e disciplinas dar-se-lhe o corpo da Santa livremente, e foi trasladada para a Sé de Orense aos 7 do mez de Agosto. E desde este tempo se conserva seu corpo na dita Sé com muita veneração, sem sabermos mais de sua vida, e martyrio, que o referido no martyrio das nove filhas do principe Catelio: sua festa é a 16 de Setembro.

O annel, e toalha em que se depositaram os ossos da Santa martyr se guardam na sachristia da Sé de Orense, é o annel d'ouro grande, e com um topazio. Estimaram os reis de Leão tanto ter esta Santa no seu reino, que el-rei D. Fernando, irmão d'el-rei D. Sancho, em uma doação que fez o senhorio de Orense, diz que o confirma para que se acrescente a povoação, e de pequena se faça grande cidade, por estar nella sepultado o corpo da virgem martyr Santa Eufemia. A data desta confirmação foi a 3 de Setembro de 1103, que foi dés annos depois de sua trasladação para Galliza. Tiveram os Portuguezes tanta devoção a esta Santa, que muitas igrejas se intitulam de seu nome, e o punham ás meninas que baptisavam.

Grande foi o credito que a provincia d'entre Douro e Minho teve em ser a primeira parte que na Hespanha deu as primeiras Santas á igreja, que com as corôas do martyrio entraram na gloria do Senhor, e por isso em todos os seculos mereceu ser delle a mais favorecida por ser a primeira que acclamou a fé de Jesus Christo, e lançou fóra de si os perseguidores de seu santissimo nome.

Digitized by Google

CAPITULO 41.º

Em que se dà noticia da instituição do bispado de Dume, situado na comarca d'entre Douro e Minho, e de seu primeiro bispo.

O primeiro bispo que teve a igreja de Dume foi S. Martinho, que era natural de Grecia, conforme Santo Izidoro no L. dos clarissimos varões, e o Breviario Bracarense. Ainda que Gregorio bispo de Turon affirma nasceu em Panonia, que é na Ungria, patria do grande S. Martinho bispo de Turon, por cujo respeito se pode conjecturar que tomasse o nome, ou que fosse de sua propria geração. Nenhum dos authores dá mais noticia do lugar de seu nascimento, nem da qualidade, e condição de seus progenitores.

No principio de sua idade sanctificou S. Martinho o resto de sua vida, visitando a cidade de Jeruzalem, e nella os passos em que o filho de Deus obrou os mysterios de nossa redempção, e outros pela terra santa. E como a peste principal que naquelle tempo infeccionava o mundo era a heresia de Ario, se armou grandemente contra seus desatinos, revolvendo os concilios, e doutrinas dos padres com grande curiosidade, como se tivesse certeza do fim para que Deus o tinha escolhido, e do remedio que sua doutrina havia dar ao reino de Portugal, e primeiramente á comarca d'entre Douro e Minho, que alguns annos antes deixando a pureza da fé catholica tinha recebido a Ariana, mediante o engano de certo hereje chamado Ayas, e perseverando nella perto de cem annos succedeu nestes reinos Theodomiro, a quem a necessidade de vêr o principe Ariamiro seu filho herdeiro, falto de saude, e da esperança de a cobrar por meios humanos, fez recorrer aos divinos, e mandar a França vizitar a sepultura de S. Martinho bispo de Turon, com promes-

Digitized by Google

sa de seguir a fé catholica, e deixar o erro em que vivia, alcançando-lhe de Deus saude para o principe seu filho, de quem pendiam as esperanças de seu reino. E foi Nosso Senhor servido de cumprir a el-rei seus desejos por meio, e intercessão de S. Martinho, para que elle satisfizesse a promessa de sua conversão, e da gente de seu reino. E querendo o glorioso Santo mostrar a el-rei o cuidado que tinha no ceo não sómente da saude temporal do principe, a qual lhe deu em chegando suas reliquias a Braga, mas tambem da espiritual de suas almas, que era a de mais importancia; mandou que no mesmo dia tomasse porto no seu reino o nosso S. Martinho de Dume, trazido das partes orientaes com particular revelação do ceo para servir a el-rei, e ao reino de luz, e guia no caminho da salvação: quasi mostrando que não sómente repartia com elle reliquias para santificar o templo de Dume, que o dito rei fundára em seu louvor, mas lhe mandava um Santo de seu nome, nascido em sua terra, e seu semelhante, e talvez descendente de sua geração.

Não devia faltar a consideração destas correspondencias em el-rei Theodomiro, e nos grandes de sua corte, que rezidiam em Braga, como cabeça que sempre foi do reino dos Suevos: pois no ponto que vio o Santo, soube seu nome, ouvio sua doutrina, teve noticia do modo maravilhoso com que partíra de levante no dia em que as reliquias sahiram de França, e aportára em seu reino no mesmo dia, e lugar em que ellas tomaram terra, o venerou, e ouvio como a dom particular do ceo mandado para remedio da gente de seu reino, em que logo se começou de vêr um fervor, e desejo extraordinario de tornar ao primeiro estado da fé, e união da igreja que tiveram em seu principio. E vinha gente sem numero offerecer-se ao Santo para ouvir o que lhe era necessario

Digitized by Google

saber dos mysterios da fé, e detestar os erros de Ario, e tambem a efficacia de suas razões com que desbaratava os fundamentos hereticos. Em pouco tempo se viram os moradores de Portugal, e Galliza em estado tão differente, e tão unidos com a doutrina catholica, que desde então até agora (tirando alguns poucos que el-rei Leovigildo perverteu) a não deixaram infeccionar com nenhuma das outras heresias, que se levantaram no mundo; havendo 1047 annos, que succedeu a prégação deste Santo. E sendo neste tempo senhoreada a Hespanha pelos barbaros Africanos professores da lei de Mafoma, e amigos de cathequizar os povos que conquistavam a seguir seus desatinos, nunca Portuguezes, nem Gallegos se deixaram vencer destes deliramentos, nem perderam a fé, e mysterios, e conhecimento della recebida nos antigos tempos pela prégação de S. Martinho, o que é poucas vezes visto.

Tinha el-rei Theodomiro fundado junto á cidade de Braga um templo em honra de S. Martinho, no valle chamado Dume, de que veio o nome ao templo, e depois ao bispado que ali se fez. Sendo S. Martinho bispo delle: tratou el-rei com Lucrecio bispo de Braga a instituição do bispado na dita igreja, cujo districto fosse certa porção de terra marcada de circuito entre o Templo, e o Rio Cavado, no qual havia algumas povoações pequenas, e a gente da corte, e palacio real em que os bispos Dumienses fossem capellães móres d'el-rei, visto o pequeno districto que tinham, pelo bispado estar junto da cidade de Braga, onde a corte residia ordinariamente. E como os merecimentos de S. Martinho eram bem conhecidos, e sua doutrina tão necessaria no palacio para confirmar a el-rei, e aos senhores da corte na fé novamente recebida, foi o dito Santo ordenado em bispo de Dume, e capellão mór dos reis Suevos, e no primeiro concilio Bracarense se assigna como bispo de Dume.

Digitized by Google

Tanto que S. Martinho foi eleito bispo, alem da vigilancia que teve em doutrinar suas ovelhas, começou a edificar junto de sua igreja uma de muita fabrica, e grandeza, gastando nisso a renda que tinha do bispado, e o que lhe dava el-rei Theodomiro, na qual pôz grande numero de Monges, que celebravam os Officios Divinos, e cantavam as horas canonicas com grande perfeição, e nella duraram até á perdição de Hespanha, em que os Mouros a puzeram por terra: e era da regra do padre S. Bento. Em meio destas occupações succedeu a morte de Lucrecio arcebispo de Braga: e havendo de se lhe dar successor foi eleito S. Martinho, vendo-se o muito que cumpria á maior dignidade do reino pela sua virtude, e doutrina. Tanto que se vio levantado á primazia tratou com mais efficacia e authoridade as materias da reformação, e bom governo do estado ecclesiastico, tirando muitos abusos, que ainda havia entre gente vulgar, do tempo da gentilidade, e da heresia de Prisciliano. E para o fazer com mais brevidade tratou com el-rei Ariamiro, que já reinava, que se désse ordem a se ajuntar concilio na cidade de Braga, aonde vieram doze bispos de Portugal, e Galliza, e presidindo o santo pastor se decretaram as cousas ditas no segundo concilio Bracarense. Depois de reduzidos os povos á fé catholica, e gastada a vida em obras meritorias foi o Senhor servido que seu servo fosse lograr o premio da gloria, que tinha merecido por tão grandes trabalhos, como padeceu vivendo no mundo, aos 20 dias de Março de 589; e foi sepultado com grande sentimento do povo no seu mosteiro de Dume, aonde o Senhor fez por elle notaveis milagres em testemunho da bemaventurança em que estava sua alma. Durou o mosteiro de Dume com o titulo de bispado, em quanto o reino foi governado pelos reis Godos, e ainda no tempo dos Mouros muito antes houve bispos Dumienses. Depois foi um bispo de annel que fundou o mosteiro dos Remedios

Digitized by Google

de Braga, que se intitulava bispo de Dume; agora é padroado, e camara dos arcebispos de Braga.

CAPITULO 42.º

Em que se dá conta como S. Victor, Torquato, Silvestre Cucusato, e sua irmãa Suzana, naturaes desta provincia, foram martyrizados.

Em todos os seculos foram os Portuguezes d'entre Douro e Minho muito observantes da fé de Jesus Christo, e quanto mais atormentados dos infieis mais se lhe acendia o amor ao seu Deus, e o fervor e desejo de dar por elle as vidas, tendo no seu padecer maior gloria: e assim buscavam as occasiões mais urgentes em que a tyrannia dos Idolatras estivesse menos compassiva, para que nos maiores tormentos tivessem maior merecimento em sua constancia, como se vio na cidade de Braga, que celebrando-se uma festa á honra do idolo Sylvano, que os Gentios tinham por deus do campo, e lhes faziam sacrificios juntamente com os do idolo de Ceres, no mez de Abril, quando os campos floreciam, para o que tinham certos dias deputados para as ditas solemnidades, nas quaes toda a gente se hia recrear ao campo, e coroados de flores, e rosas gastavam alguns dias offerecendo a Sylvano muitos ramalhetes em que cada um apurava o seu engenho nas capellas de flores com que o coroavam, e no fim das festas matavam um porco preto em honra de Ceres, com grande alarido em modo de montaria, dando com isto o fim ás festas, tendo para si, que naquelle anno estariam as searas bem guardadas. Ficou entre os Bracarenses esta festa introduzida de maneira, que todos os annos na madrugada do dia de S. João Baptista, os cavalleiros da cidade com suas capellas de flores, muito enfeitados, e montados em seus cavallos corriam o porco

Digitized by Google

preto por toda a cidade, começando na porta de Guimarães, aonde está uma capella deste Santo, e acompanhados de vacas, atabales, e de todas as folias, e danças, e durou esta festa gentilica até o tempo do arcebispo D. Verissimo de Alencastre, que a prohibio, e mudou para uma procissão que na madrugada do dito dia fazem os moradores da dita cidade.

Estando os Gentios da cidade festejando o seu idolo Sylvano, acertou de passar por junto do lugar da sua festa um mancebo natural da freguezia de S. Vicente de Paços, termo da villa de Guimarães para a parte do nascente, o qual se chamava Victor, e foi convidado para hir offerecer uma capella de flores ao idolo, e vendo elle que lhe tocavam na honra de seu Deus disse, que não hiria offerecer a um idolo, que era imagem do demonio, que elle era christão, e só reconhecia por seu Deus e Senhor a Jesus Christo.

Ouvindo os Gentios esta resposta se levantou entre elles grande rumor, e a festa dos que folgavam se converteu em gritos contra o Santo, o qual permaneceo firme como a rocha entre as ondas, confessando a fé de Jesus Christo. Neste tempo estava ali Sergio Galba, governador de Braga pelos Romanos, e sendo-lhe levado o Santo preso com um grande tumulto, e alvoroço do povo, arguiram contra elle, que fizera um grande despreso de seu idolo por ser christão. Sergio quiz saber do santo moço a causa que tivera para commetter cousa tão grande contra a veneração de um idolo, e fazendo-lhe perguntas confessou a lei de Jesus Christo: ratificando as palavras ditas contra o idolo, e sem o mover o temor das ameaças esteve sempre constante. O que vendo Sergio o mandou despir, e atado a uma arvore o mandou cruelmente açoutar, mas o Santo, quanto mais atormentado dos açoutes, quanto mais se manifestava constante na fé de Jesus Christo,

Digitized by Google

e na confissão de sua lei. O povo indignado clamava, em Sergio crescia a braveza, e no Santo o desejo de padecer por seu Deus. Cuidando os Idolatras que a mudança de tormentos o fariam mudar de seu santo proposito, o mandaram abrazar com pastas de ferro postas sobre seu corpo, mas vendo Sergio que tudo o Santo vencia com victoria, o mandou degolar, e foi sua alma gozar da gloria de seu Creador, ficando seu corpo diante do idolo de Sylvano. Este martyrio foi feito sobre a ponte de pedra do rio d'Este, e hoje se chama a ponte degolada.

Ficando o corpo morto os Gentios continuaram suas festas, e nesta occasião S. Silvestre animando alguns christãos que havia na cidade o foram de noite buscar, e o enterraram em lugar occulto aos Gentios: mas não foi isto com tanto segredo, que logo no dia seguinte se manifestasse, que pela industria de Silvestre fôra levado o santo corpo: por cujo motivo logo foi preso, e levado com grandes estrondos, e apresentado ao governador Sergio. O qual achando a mesma constancia em Silvestre, que em Victor havia experimentado, logo o mandou degolar. Feito isto se levantou em Braga contra os christãos a perseguição, entre os quaes foi presa uma donzella com dous irmãos, Torquato, e Cucufate, e ella Suzana, e sendo trazidos diante do governador Sergio, tanto que pôz os olhos na donzella ficou bem penhorado de sua graça, e perguntando-lhe quem era, ella não quiz dar noticia de sua nobreza, e responde só que era christãa, ao que Sergio disse: «Para maior ventura te guarda tua sorte, e com mais prosperidade logres a vida que tens.» Com muitas palavras, e promessas pertendeu Sergio divertil-a de seu santo proposito, mas não lhe foi possivel separar da boca da donzella o nome de Jesus Christo, e a confissão de ser christãa. Foram esta donzella, e seus irmãos nascidos e criados em Braga: mandou Sergio vir perante ella

Digitized by Google

os ministros da justiça, e preparar o como se lhe havia dar a morte, para vêr se com o temor disto a tirava de seu santo proposito: mas como vio que tudo eram deligencias baldadas, e a Santa sabia quanto ganhava em perder a vida por seu esposo Jesus Christo, esperou a batalha, em que Deus manifestou suas maravilhas: finalmente vendo Sergio a sua constancia lhe mandou cortar a cabeça, e a seus irmãos, com quem até então o presidente não havia contendido, tendo tenção de os salvar da morte se sua irmãa santa Suzana consentisse em suas importunações, e deixasse a fé de Christo. Seus corpos foram lançados junto ao rio d'Este, e mui maltratados da multidão do povo que os arrastaram de uma para outra parte: parecendo-lhe que nisto faziam grande serviço a seu idolo Sylvano.

No dia seguinte se ajuntaram todos a fazer a montaria do porco preto, e não ficou algum que não désse sua pedrada nos santos corpos, e diz Laymundo — *Corpora Sanctorum justa lethem flavium in Sylvani venatione a turba Bracarensi trucidantur.* Recolhida a gente á cidade com suas festas acabadas, os christãos de noite tiraram os corpos dos Santos, e lhe deram sepultura a 16 de Abril de 306, segundo Garibay L. 7. C 44.

A montaria do porco preto, como fica dito, se usou por muitos seculos como dissemos, de que fiz lembrança, para que os curiosos notem quanta semelhança tinham os sacrificios antigos com as festas presentes. Junto do lugar, onde foram martyrisados estes Santos se fez um sumptuoso templo, no qual foram seus corpos sepultados, e no anno de 1102 o arcebispo de Compostella D. Diogo os trasladou para a igreja de S. Thiago, aonde agora se veneram.

Digitized by Google

CAPITULO 43.°

Em que se dá noticia como a cidade de Briteiros foi destruida pelos Mouros: e bispos que nella houve.

Todos os authores, que escreveram da cidade de Briteiros concordam que era situada entre Douro e Minho, Garibay no L. 8. C. 40 tratando da divisão dos bispados da Hespanha, e das Metropolitanas a que pertenciam, diz que o bispado Britolense, que está perto de Vianna, entre Douro e Minho, era sujeito a Braga, e deste parecer é Brito L. 7. C. 23, e nenhum destes lhe assigna lugar certo, nem tiveram verdadeira noticia delle. Pelo que se ha-de notar que Briteiros é um povo grande, situado nas fraldas do monte, aonde antigamente esteve a formosa Acitania no termo da villa de Guimarães para a parte do norte, e junto ao famoso Rio Ave, e naquelle sitio estão tres freguezias bem contiguas, todas com appellido de Briteiros, e são, Santa Leocadia, S. Salvador, e Santo Estevão, no meio dellas está uma quinta, que foi solar dos Abreus, a que chamam de Briteiros, fidalgos mui principaes deste reino, e hoje senhoreada pelos fidalgos Ribeiros e Vasconcellos. Nesta cidade de Briteiros foi sepultado el-rei Hermerico Suevo, Brito no L. 6. C. 6, diz, que não ha noticia nenhuma de Briteiros.

Na igreja de Santa Leocadia de Briteiros, está um monumento de pedra lavrada, e melhor que a ordinaria da terra, á porta travessa da igreja para a parte do sul, que é fama publica, e tradição de paes a filhos, ser sepultura de fidalgos nobres, a que chamavam Bamba, como solar de Pereiras, Castros, e outras familias. Depois da morte de S. Martinho arcebispo de Braga, foi mandado a Toledo o seu testamento para que se visse em um concilio geral, que naquella cidade se fazia, e se mandar

Digitized by Google

cumprir. Para mensageiro delle foi eleito um fidalgo nobre, de grande authoridade chamado Bamba, o qual o entregou a el-rei Recesvindo, que mandou aos bispos do dito concilio tratassem da execução, e cumprimento delle. E dizem os bispos como por ordem do glorioso rei Recesvindo lhe apresentou o illustre varão Bamba o testamento de S. Martinho, arcebispo que fôra de Braga, e fundador da igreja de Dume. Este concilio foi celebrado em 589.

Não se pode ter por escriptura verdadeira aquella que sómente se funda na fama: mas aquellas cousas que ficaram occultas pela falta de escripta lhe serve a tradição de prova verdadeira, principalmente nesta provincia, por seus naturaes não terem tempo de escrever por andarem continuamente com a espada na mão contra seus inimigos, e assim fiaram da memoria dos tempos tanto as acções que obravam, como as cousas grandes de seu seculo, que mereciam andar nos annaes da fama, não lhe ficando outro credito alem da tradição. Esta sempre foi constante entre os moradores de Briteiros, que Bamba, 30.° rei Godo fôra natural desta cidade, e da geração dos Bambas, e do solar de Bamba, que apresentou no concilio de Toledo o testamento de S. Martinho, e tem esta memoria tão viva como se ao presente succedera.

Este rei Bamba jaz em Pampliega, convento de S. Bento, perto de Burgos da parte do Evangelho, e foi engano de quem disse que estava na porta travessa de Santa Leocadia de Briteiros, de que fizemos menção porque neste jaz um religioso chamado Bamba, da dita familia, o qual era da ordem de S. Bento, e tinha sido prelado no seu mosteiro de Villa Nova de Sande, termo da villa de Guimarães, e com tudo a melhor opinião é, que o dito religioso Bamba fôra assistente no mosteiro de S. Martinho de Dume. Venera-se este religioso naquella terra,

Digitized by Google

e seus arredores por Santo, e tanta devoção tem nelle, que muitas pessoas queixosas de varias enfermidades apanham hervas, e as mettem por um buraco que o tempo tem aberto em sua sepultura, e cozendo-as, e lavando-se com agoa dellas saram: este remedio se vem buscar de partes remotas pela noticia do milagroso. E é isto tão conhecido entre aquelles moradores, que vindo alguma pessoa de parte distante a tocar as hervas no monumento, e perguntando por elle a qualquer menino, lho vae mostrar por ser conhecido ainda dos mais innocentes. Garibay quando trata da eleição do rei Bamba, não diz de que parte fosse. Brito se inclina a ser natural da Idanha; mas João de Castilho, chronista dos reis Godos de Hespanha no L. 2.° Disc. 10, diz o seguinte. «Que por morte d'el-rei Flavio Rescevindo, não ficára delle filho que succedesse no reino, e que assim se ajuntaram os Godos, e grandes do reino para a eleição do novo rei, e succedêra entre elles tanta discordia, que por muito tempo senão poderam conformar, e que sendo S. Leão papa inspirado pela divina graça, mandou logo á Hespanha embaixador dizendo, que a vontade de Deus era que fosse rei de Hespanha um Godo, que se chamava Bamba, de nobre linhagem. Tratando logo saber quem fosse este Bamba, que Deus era servido que fosse rei de Hespanha, no fim de grandes diligencias que se fizeram, lhe foi dito que na provincia de Portugal, na comarca d'entre Douro e Minho, junto a um lugar chamado Acitania havia um homem, que se chamava Bamba, o que sabido pelos Godos mandaram embaixadores de muita authoridade para que logo se fosse a Toledo para ser rei de Hespanha: e chegando acharam o dito Bamba lavrando com seus bois, e dando-lhe a embaixada teve para si que zombavam delle; e insistindo os embaixadores affirmando-lhe, e dizendo-lhe a verdade, respondeu. «Quando Deus désse na vara

Digitized by Google

que tinha na mão folhas, então seria elle rei de Hespanha, e enterrando no chão o pé da vara, no mesmo instante lançou folhas, e flores. Vendo Bamba este milagre se pôz de joelhos, e levantou as mãos ao ceo, e feita sua oração se foi com os embaixadores, e foi ungido rei de Hespanha por Guerico, arcebispo de Toledo, e foi o 39.° rei dos Godos: e logo que foi ungido se vio sahir uma abelha de sua cabeça, e voar ao ceo, de que se prognosticou seu bom governo, e santidade de sua vida.

A cidade de Briteiros antes da destruição de Hespanha sempre teve bispos, subditos á igreja metropolitana de Braga, que assistiram a muitos concilios da Hespanha a saber: no de Lugo em 579, aonde alem das cousas pertencentes ao Culto Divino se repartiram as jurisdicções dos bispados, e ao de Briteiros se deu desde a ponte de Donim até á ponte de S. João, em que ha quinze freguezias vizitadas pelo chantre de Braga, e ainda hoje é separada esta visitação. A comarca de Briteiros da parte do norte, e poente tem a serra do Espinho, que a divide da cidade de Braga, como tambem a de Moreira ao nascente, ao sul tem o Rio Ave, que a divide de Guimarães. A repartição se pode vêr no dito concilio. Em 634 se fez um concilio em Toledo por mandado d'el-rei Scyntila, em que se achou o bispo de Briteiros, e em outro concilio em 655 se achou Adulfo, bispo da mesma cidade: e em 666, em outro concilio se achou Somna, bispo de Briteiros. No segundo concilio Bracarense sendo arcebispo S. Martinho, e rei Athanagildo, assistio Mailoc bispo de Briteiros: e em 675 sendo rei Bamba, e arcebispo de Braga Leodigio, no terceiro concilio Bracarense se achou Froario, bispo de Briteiros; e em todos estes concilios assignaram como se pode vêr.

Estando a cidade de Briteiros despovoada pela entrada dos Mouros, o prelado della, que se chamava Sis-

Digitized by Google

nando, com outros mais da provincia se acharam presentes na sagração da igreja de S. Thiago de Galliza, que se sagrou por ordem do papa João 8.°, com Argemio arcebispo de Braga, e Gimago bispo do Porto. Desta sagração trata Garibay L. 9. C. 23. Mor. L. 9. C. 7. Sand. nas Ant. de Tuy fl. 55.

No anno de 179 se celebrou em Oviedo um concilio por mandado do papa João 10.°, no qual entre outras cousas pertencentes ao bem commum, e augmento da fé catholica, se ordenou, que das rendas daquelle bispado, por serem grandes, se deputassem certas porções aos prelados, que nelle estavam acolhidos pela entrada dos Mouros: e na repartição que se fez, coube ao arcebispo de Braga repartição na igreja de Santa Maria de Lugo, e ao do Porto em Santa Cruz d'Androga, e ao de Dume em Santa Maria de Tiniana, e ao de Briteiros em Santa Maria de Noveleto. Desta repartição se trata na Antiguidade de Lamego §. 8, e Brito L. 7. C. 16.

CAPITULO 44.°

Em que se dá noticia como a cidade de Briteiros foi destruida por Almançor.

As discordias que haviam entre el-rei Ramiro, de Leão, e seu primo D. Bermudo, rei de Galliza e Portugal, foram causa de el-rei Almançor (outros dizem que era capitão) ter animo de romper as trégoas, e entrar furiosamente pela Luzitania, trazendo na sua companhia o conde D. Vella, e alguns parentes, e amigos, que em vingança de o terem lançado fóra de suas terras não perdia occasião de procurar a destruição de Castella. De modo que o conde D. Julião foi motivo da primeira perda, e este conde D. Vella foi instrumento de se prostrar a christandade de Hespanha, em termos de se acabar. As

Digitized by Google

cidades de nome, que desta vez se perderam em Portugal foram Coimbra, donde Almançor passou ao Porto, que ainda nesse tempo não estava cidade fortificada para se poder defender de tão poderosos inimigos, della se passou a Braga, que ainda estava arruinada da primeira destruição, e desta cidade se foi á de Briteiros, e nella achou mais resistencia, que nas de mais, por procederem seus moradores da famosa Acitania, que poz espanto aos capitães Romanos. Depois de a ter cercada, achou nella tal resistencia, que esteve por muitas vezes para levantar o sitio, e tomar outra vereda, o que fizera se lhe não parecêra cobardia, e mostrar-se incapaz para render tão pequena força, interrompendo a torrente de suas victorias, com tão pequeno obstaculo, como aquelle: para o que aventurando a vida de muitos, mandando aos que estavam na reserva guarnecessem o lugar dos que cahiam mortos, desta fórma com a morte de muitos veio a render a cidade por força de armas, aonde executou tanta crueldade nos rendidos, que até as pedras o sentiram, porque não deixou uma sobre outra; e de cidade episcopal que havia sido, ficou tão raza, que nunca se tornou a povoar como d'antes estava. E não sómente ficou desbaratada, mas ainda se foi esquecendo o nome de tão illustre povo, pondo-a os historiadores em Vianna, onde nunca houve tal cidade, nem lugar que della tenha semelhança.

Depois do barbaro deixar por terra a cidade de Briteiros, se partio para Lamego, e Vizeu, que depois de rendidas fez naquelles povos as costumadas crueldades, martyrisando muitos servos de Christo, que padecoram mui gloriosamente por seu santo nome. E neste transe deu fim a cidade de Briteiros. De sua destruição trata Brito L. 7. C. 23. E supposto que estes barbaros fizeram perder a dignidade da prelazia antiga da cidade de

Digitized by Google

Briteiros, não lhe poderam tirar a honra de dar á Hespanha um rei santo, como foi o rei Bamba, nem lhe tiraram a gloria de Hermerico rei Suevo a escolher para sua sepultura, como diz Brito L. 6. C. 6.

Tenho descrevido, ou delineado a comarca d'entre Douro e Minho, por sua demarcação, e dado conta de suas povoações, cidades, villas, castellos, fortalezas, rios que regam seus amenos prados, que a fizeram morada da fresca Primavera, tanto amena com seus ramos, como alegre com suas flores, por ser toda bosque na frescura, e jardim no aprazivel, e mui copiosa de gente por ser toda povoada sem dezertos, aonde não ha parte que se não achem povoações, porque ainda nos lugares mais asperos se lavram e cultivam fructos conforme a possibilidade da terra, de toda a qualidade dellas he abundante, porque produz excellente trigo, muito milho, centeio, cevada, vinho em quantidade, que supposto seja verde em algumas comarcas desta provincia, anda quasi no preço com o maduro, attendendo á fabrica de cada um; porque o maduro é de vinhas, cuja fabrica faz excessivo dispendio, por serem muitas vezes no anno preparadas; e no verde é tão pouca sua fabrica, que não consta mais que de uma poda de dous em dous annos, que se faz pela lenha que dellas se tira, sem custo para seu dono, senão o da vindima, e recolhimento delle: pelo que, se uma pipa do vinho maduro rende 10, ou 12 mil reis para seu dono, abatidos os gastos lhe ficam livres 5, até 7 mil reis; e neste por não ter dispendio de consideração a sua fabrica, fica igual o rendimento como do maduro. Lavra-se nesta provincia muito azeite, grãos, chichos alvares, lentilhas, favas, ervilhas, castanhas, e toda a variedade de fructas excellentes, muita quantidade das de espinho, limas, limões doces, e azedos, laranjas doces, e azedas, e quantidade da china, em fórma que menos estimação se faz dellas, que das cidras; gam-

Digitized by Google

boas, *taranjas*, e *ponsicis*. Muitos bons melões, melancias, e aboboras de toda a casta; muita hortaliça de todo o genero. São suas terras tão ferteis, que na maior parte das desta provincia dão tres renovos, porque as cultivam de trigo, este tirado se tornam a semear de milho, e depois de nabal, que é renovo mui proveitoso para seus moradores, assim para seu sustento, como para o de seus gados, que nesta provincia produzem em quantidade, especialmente vaccum, que por serem bons os pastos, são suas carnes melhores, que as das mais partes do reino. As aguas desta provincia são cousa deliciosa assim para o gosto, como para a saude, são as fontes tantas, e com tanta abundancia, que das agoas que dellas manam estão as estradas de verão sempre molhadas, e de espaço em espaço se acham ribeiros; tem muitos arvoredos, que fazem pavilhões aos caminhos para que os caminhantes não padeçam o rigor da calma, que em outras provincias se experimenta. E' provincia muito temperada em seu clima, e por isso saudavel, pois no tempo do inverno os seus frios são toleraveis, por serem as neves poucas, e quando succedem cahir são tão pouco duraveis, que na mesma hora se desfazem, no verão a frescura dos bosques se oppõe ao calor do sol. E' cabeça desta provincia no secular a muito nobre cidade do Porto, assim por sua Relação, como por ser porto de mar de grande commercio para toda a parte do mundo. E' cabeça desta provincia no espiritual a augusta cidade de Braga, primaz das Hespanhas, assim pela sua relação ecclesiastica, como por ser corte dos arcebispos, muito assistida com classes dos padres da Companhia, aonde se lê, além das primeiras letras, Filosofia, e Theologia. No meio de tão excellente, e tão alegre provincia está a villa de Guimarães, como pedra preciosa desta joia, esmaltada de excellencias, de cuja antiguidade tratarei como prometti-

Digitized by Google

CAPITULO 45.°

Em que se dá noticia da primeira fundação da sempre nobre, e leal villa de Guimarães.

Todas as cidades, villas, e lugares tomaram o nome de seus primeiros habitadores, assim como tambem os appellidos, que os primeiros que delles usaram os tomaram dos lugares, villas e cidades donde foram moradores, de que ha muitas familias illustres no reino, como são Coimbras, Guimarães, Chaves e Mirandas: outros os tomaram das terras, e castellos donde foram senhores, como foram Castros, Souzas, Lemos, uns por serem senhores de Castro, outros de Souza, e outros de Lemos, o que é cousa tão notoria, que não deixa que duvidar.

No ducado Magapulence ha uma cidade edificada pelos Vandalos em 340, antes da vinda de Christo, a que chamam Vais Maria, nome Vandalico, e tomou este nome por seu primeiro fundador ter sido Vuymario, assim como Roma o tomou de Romulo, como diz Alberto Chras. na sua Vand. E como estes nomearam a provincia Betica, tambem elle logrou o seu primeiro nome delles, tomando o nome de Vandalia, e agora com alguma pequena corrupção se chama Andaluzia. Os Vandalos, juntamente com os Suevos occuparam Galliza, que chegava da parte do Meio-dia até ao Douro, *Galatiam vandali occupant, et Suevi, sitam in extremitate Occeani maris occidua. Idat. f.* 29. E como Guimarães fica no meio do districto entre Galliza, e o Douro, e seu primeiro nome foi Vimarães, pode ser fundado de Veimaro, porque nos vocabulos Alemães que tem principio na letra G, se põe dous VV como e Wuicelmos, que é Gocelmus, e Wimaria Guimaria, e dahi ficaria Guimarães, *Vid.* 1.ª *parte de cruciatibus de orta* 28. *Wimaria pulchrum est in Thuringia oppidum quendam peculiari comitatus nomine jam non inclitam Sa-*

Digitized by Google

xoniæ Ducibus Sedem Thuringes a gotis originem traxisse referti Retheimenes in sua Orb. Descrip. 2.ª parte.

Gomar, filho de Lamet, neto de Noé, que veio ter a Galliza, delle tomaram os da terra o nome de Gemaristas, e Gomaranes, de que resultou chamarem-se muitas mulheres Guimares, como diz Mauro na historia de S. Thiago L. 2. C. 6. E assim a nossa leal villa de Guimarães tão antiga, como illustre, teve tantos nomes, como foram as nações que a occuparam: foi a sua fundação dos Gallos Celtas, porque ficaram estes tão desbaratados, que compadecidos os Gregos de suas desventuras os receberam entre si, e com affabilidade lhe deram lugares, e terras, onde vivessem, e de tal maneira os trataram como seus filhos, que desta sorte ficaram naturaes, e moradores d'entre Douro e Minho, cultivando a terra que fica entre Lima e Minho. Aos Tudertanos que entre os Gallos Celtas era gente mais nobre, e que haviam escapado da derrota, que entre si tiveram na passagem do rio Lima, e que ficando atraz se foram aposentar na antiga morada dos principes da Lusitania, ali fizeram uma povoação a que chamaram Araduca, da qual Ptolomeu faz menção L. 2. C. 5 no anno de 339 antes do Christo, onde agora está situada a villa de Guimarães. Mariana na historia geral da Hespanha T. 1. C. 19, e C. 13. Araduca: Gandarra C. 17 diz, que quer dizer Araduca no nosso idioma, lugar de lettras. Outros lhe chamam Leobriga, que quer dizer, cidade forte. Outros Latica, cidade escondida, ou Lactis pela reliquia que teve do leite de Nossa Senhora. Alguns a nomeam Columbina, ou Catheleucus, como Jeronimo Rozel, Italiano. Muitos lhe chamam cidade de Santa Maria, não porque fosse conquistada dos Gascões, mas por respeito da sagrada imagem de Nossa Senhora da Oliveira. Tambem lhe deram o nome de Vimarães, não porque fosse seu fundador Vui-

Digitized by Google

maro, se não por um letreiro que está na torre antiga do seu castello, que diz Via Maris. Os authores que escreveram de Guimarães, além dos que tenho nomeado entre muitos, foram Ilhescas *in vit. Sancti Dam. Vas.* chron. de Hespanha em 369. Mor. L. 10. C. 40. Oliv. fl. 17, 5 Mar. Santos de Hespanha L. 22. Medin Emer. L. 22. C. 62. Brand. L. 8. C. 28. Flor. del Camp. L. 39. Posa p. 2.ª Garib. L. 34. C. 25. Duart. Nun. fl. 4. Mac. fl. 15. Faria Ep. fl. 3. Nunes fl. 183. Mar. Dial. C. 6. Salaz. L. 10. Marian. in vit. S. Apol. D. R.° Bened. T. 2.° Os Monges Fr. Bernardo, e Fr. João do Apoc. na sua crit.

CAPITULO 46.°

Em que se dà noticia do lugar em que foi situada a antiga Guimarães.

Foi a antiga villa de Guimarães aquella a que seus moradores chamam Araduca, naquelles seculos passados, em que experimentou tantas adversidades, e mudanças entre os dous rios, Ave, e Avizel'a, ao pé do monte Latito, que hoje é dividido em dous nomes, porque parte delle se chama monte de Santa Maria, e a outra monte Largo. Entre o norte, e nascente em um lugar eminente, como era costume naquelle tempo, que supposto saudavel, é falto de agoas, no mais alto daquelle sitio se fundou uma torre toda fechada, cuja altura se manifesta em lugares mui remotos. Tem a sua porta da entrada 25 palmos levantada da terra, e a entrada della á mão esquerda tem esculpidas em uma pedra as lettras seguintes — Via Maris — de que procede o quererem alguns AA. que escreveram da antiguidade desta Villa, que destas lettras se originasse o nome de Vimarães.

Mostra esta torre no seu interior que tivera dous sobrados, e que fòra cuberta, e é toda coroada de ameas,

Digitized by Google

e tem uma entre norte e nascente, com porta para baixo, e ha tradição que fôra feita de um raio, e assim o acredita a raxa, e rasgo que fez pela torre abaixo, no que é admiravel, que o que servia de baze ficou virado para a parte de cima.

Foi esta villa Araduca de limitado circuito, porque não tinha de circumvalação mais de 112 palmos, cercados de uma muralha bruta, pouco alta, e esconça sem ameias, assentada sobre uma barbacãa, que ainda hoje existe com a sua igreja parrochial de S. Miguel, que sendo na dignidade a primaz do arcebispado, ficou mui diminuta na renda: mostra na sua tosca architectura a muita antiguidade do edificio. Divide a capella mór do corpo da igreja um arco de pedra baixo, e mal lavrado, que dá encosto a dous altares: o da parte do Evangelho de Nossa Senhora da Graça, capella annexa ao morgado instituido por D. Martim Paes, chantre de Coimbra, que está sepultado ao pé della, e hoje está a capella na coroa por falta de descendencia.

O altar da parte da Epistola é de Santa Margarida, por quem a igreja hoje é mais nomeada, e conhecida, que é administrado pelas senhoras da terra, devotas da Santa, que a tomaram por advogada de seus partos. Em toda a redondeza da parede, pela parte de fóra está uma cachorrada de pedra em que mostra foi toda alpendorada em claustro, pois assim o manifesta a muita quantidade de sepulturas nobres, lavradas, e marcos mettidos nas paredes: os Epitafios das da capella mór, e corpo da igreja, e desta de fóra mostram ser esta Villa bem povoada, e com muita nobreza.

Todas as ruas da villa Araduca estão desfeitas, e arruinadas, e só se conserva uma a que chamam rua do Castello, que antigamente era de Santa Barbara, tudo o mais está hoje repartido em quintaes de particulares, em cuja cultivação, e em outros lugares se acham alicerces

Digitized by Google

em quantidade, vestigios de que foram occupados de casas.

Neste districto para a parte do nascente, mandou o Sr. D. Affonso Duque de Bragança fundar um palacio, na magestade sem segundo, e o primeiro na architectura. feito em quadra, com tão insigne arte, que deixa suspenso o discurso, e a vista embaraçada na repartição de sua fabrica: não se chegou a aperfeiçoar de todo por se acabar primeiro a vida de seu fundador. Nelle assistiram alguns de seus descendentes, de que foi o ultimo o Snr. D. Duarte, e nelle acabou a vida santamente a senhora D. Constancia de Noronha, mulher do primeiro fundador, e com esta opinião jaz sepultada na capella mór de seu convento de S. Francisco de Guimarães, de que eram senhores.

Junto da igreja parrochial de S. Miguel para a parte do sul, existe ainda o hospital para recolhimento dos pobres, a que chamam do Anjo, de que são administradores os abbades da dita igreja, e recolhem seus fóros para a fabrica, e administração delle, no qual se recolhem os necessitados, e em todas as festas se lhe dá sua esmola, e na festa da Natividade de Nossa Senhora, um carro de lenha para uma fogueira. Esta é a descripção da villa velha de Araduca, a que muitos chamam cidade, dando-lhe tantos nomes como dissemos.

CAPITULO 47.°

Em que se dá noticia da nova Villa, que hoje se conserva com o nome de Guimarães.

Todas as cousas cujo principio de sua fundação não é virtuoso, santo, e bom, não podem permanecer em sua duração. Todas estas excellencias logrou a villa de Guimarães na sua nova fundação, que foi motivo de crescer com tantas, quantas tem experimentado seus moradores. E para tratar de seu primeiro e admiravel principio, pe-

Digitized by Google

ço licença ao leitor para trazer a este lugar a D. Hermenegildo Mendes conde de Tui, e do Porto, e governador da provincia d'entre Douro e Minho, mordomo da casa real no tempo de D. Affonso 3.° de Leão, o qual teve sua habitação em uma quinta, a que chamavam Callas, abaixo do monte Cordova, que hoje chamam Callana, na freguezia de S. Miguel, no couto de Santo Thirso, distante da villa de Guimarães, para a parte do vendaval tres legoas: foi casado com D. Hermenezenda Arias, e teve della a D. Gubierre Arias, conde de Callanova, e general das armas dos reis de Leão, com quem tinha muito parentesco; e casando com a condessa D. Aldára, teve della ao bemaventurado S. Rozendo bispo Mondoniense, e Iriense.

Tambem foi filho do conde D. Hermenegildo Mendes e de sua mulher a condessa D. Hermenezenda, o conde D. Gonçalo Menezes, casado com D. Thereza, que habitaram a dita quinta de Callas, e delle nasceu D. Hermenegildo Menezes, que casou com D. Muma, tia, e colassa d'el-rei D. Ramiro de Leão o 2.°, e foram bem herdados entre Douro e Minho, principalmente em terras de Guimarães, e tiveram quatro filhos, que chamaram Gonçalo, Diogo, Ramiro, e Nuno, e duas filhas, chamada a primeira D. Arriana, e a outra D. Urraca, que é a que serve para meu intento.

Estando D. Hermenegildo doente, da doença de que morreu, ordenou seu testamento, e para testemunhas do que dispunha, e mandava se cumprisse, mandou chamar algumas pessoas nobres; e presentes ellas, e sua mulher Muma Dona, ordenou por sua devoção, que ella podesse dispôr do quinto de sua fazenda com pobres peregrinos, viuvas, orfãos, ou igrejas, a que elle deu seu consentimento. Estac. L. 1. n.° 4.°

Morto D. Hermenegildo, tratou Muma Dona sua mulher de fazer partilha de suas fazendas entre si, e seus

Digitized by Google

filhos, e coube á parte de D. *Oneca* (*) a quinta de Guimarães, e a ella a quinta de Creixomil; e como a tenção desta senhora era viver recolhida, e morrer santamente, quiz fundar convento em que se recolhesse, e pela quinta de Guimarães ser sitio e logar acommodado para isso, fez escambo com sua filha D. Oneca, como consta do contracto, que anda annexo ao livro, que chamam de Muma Dona, e se guarda no archivo da real collegiada de Guimarães.

Feita a troca, impetrou licença de seu sobrinho, colasso, el-rei D. Ramiro de Leão o 2.°, para dar principio á fundação de seu mosteiro, o qual não sómente lha concedeu, mas o dotou de trinta lugares, os mais delles entre o Rio Ave, e Avizella, e o seu mosteiro de S. João da Ponte, em 8 de Junho de 927, e em 18 de Maio de 951 lhe fez outra doação da quinta de Mellares, que está junto ao Douro, com seus cazaes d'aquem, e d'alem do rio, em que assignou o mesmo Rei, e a rainha D. Urraca sua mulher, e seus filhos Ordonho, e Bermudo, e tambem Hermenegildo bispo de Iria, S. Rozendo bispo de Dume, Oveco bispo de Leão, Dulcidio bispo de Vizeu, e Gonçalo bispo de Lugo: Fr. Leão Bened. Luz. T. 2. t. 1.°, p. 3.ª C. 5.° Estac. C. 2.° n.° 21: as quaes doações andam no sobredito livro.

Assim que Muma Dona teve licença para dar principio ao seu mosteiro o fundou á honra do Salvador do mundo, e da Virgem Maria sua Mãe, e dos Santos Apostolos, ao pé da villa velha Araduca, em distancia para a parte do sul de 625 passos: foi a sua fundação duplicada de Monges, e Monjas de S. Bento, que guardavam com vigilancia a Regra do Santo Patriarcha, em recolhi-

(*) Na copia do MS. de que nos servimos ha este, que suppomos erro de copia. — Na pagina antecedente chama-se D. Urraca e aqui D, Oneca; mas como este nome presiste no resto do MS. suppomos ser este o verdadeiro, e não o de Urraca.

Digitized by Google

mentos, e officinas separadas, mas uma só igreja, e um só abbade, que governava tudo; nelle morreu Monja a sua fundadora, que o dotou de grandes propriedades, e muitas peças de prata de muito valor, quatro sinos, livros do côro, e camas, e muito gado que tinha, a saber: trinta cavallos, cincoenta machos, sessenta egoas, e outras riquezas, que constam de seu testamento, feito a 26 de Janeiro de 959, que anda no dito livro. Entre os livros que lhe deu foi o da regra de S Jacomo abbade, Quando el-rei D. Fernando Magno, de Castella, foi cercar Coimbra, e lançar os Mouros fóra daquella cidade, D. Pedro, abbade de Muma Dona, o acompanhou com muitos de seus Monges, naquelle sitio se aquartelou em um lugar perto da cidade, que por esta razão se chamou Cellas de Guimarães, nome que inda tem.

CAPITULO 48.º

Em que se dá noticia como Muma Dona mandou fazer o castello de Guimarães.

Sabendo Muma Dona, que os Gentios não cessavam em perseguir os christãos, e continuamente faziam entradas por Galliza, assolando suas terras; fundou em uma penha forte no alto da villa velha Araduca, entre norte e nascente, um castello para guarda e defensa de seu mosteiro, a que pôz o nome S. Mamede, e lhe ficou servindo de defensa pela parte do norte, e nascente a poente a muralha velha, ficando entre uma e outra um terreno de vinte e cinco passos de largo, e pela parte do sul, de nascente a poente não tem contra muralha, porque lhe fica servindo de defensa a mesma villa Araduca.

Tem este castello de S. Mamede dentro da sua muralha de nascente a poente sessenta e nove passos, de norte a sul trinta e seis, e no meio delle lhe está ser-

Digitized by Google

vindo de penhasco a torre da villa Araduca, em que o raio cahio, que domina as modernas por ser mais levantada, e ellas com sua valentia, e fortaleza de sua nova muralha a desassustam do risco das batarias, por ser fortificação moderna, e por isso mais defensavel. Porque os castellos, e fortalezas se reformam conforme o rigor das armas com que são combatidos: e como a invectiva dos homens se não descuida de obrar novos instrumentos para a peleja, tambem com vigilancia busca contra para a defensa, e quanto mais antigos os tempos, menos fortificados viviam os povos.

E assim como no tempo da fundação da antiga Araduca eram as armas com que se pelejava menos offensivas, do que aquellas que o ardil dos homens depois inventou, não eram necessarias muralhas, e castellos fortes, porque bastavam para segurança dos que os defendiam uma torre alta, como esta da villa de Araduca, por ser costume dos antigos para sua defeza fazerem casas fortes, e de sua altura sómente se fiavam, e destas estão muitas pelo mundo semeadas, principalmente nesta provincia onde são poucos os concelhos, coutos, e honras, que não tenham sua torre, a que chamavam casa forte.

Assim como na continuação das guerras daquelles seculos passados, se foi apurando pelo exercicio dellas a invectiva das armas, assim tambem se excogitaram remedios para a defensão. E como da fundação da antiga Araduca com sua torre, e do castello de Muma Dona tinham passado muitos annos, e neste tempo se pelejava já com armas mais fortes, o mandou fazer a fundadora de uma muralha mais defensavel, toda coroada de ameias, com tres torres altas todas fundadas na mesma muralha, e sómente com duas portas para sua serventia, uma para norte, e outra para sul, cada uma dellas guardada com dous baluartes terraplenados, e toda a obra mostra muito menos antiguidade do que tem a velha.

Digitized by Google

No terreno que fica entre a muralha, e contra-muralha deste castello para a parte do nascente, se fundou um poço todo forrado de pedra lavrada, cuja altura parece se queria communicar com os Antipodas, se lhe não servira de estorvo sua grande quantidade de agoas, que se acham naquella cavidade, tão claras para o regalo, como saborosas para o gosto, as quaes conservam com muita limpeza para utilidade do mesmo castello.

Tem o castello dentro de sua muralha, prisão para os presos que são naturaes da villa, e seu termo, que fica por baixo da casa do carcereiro, e está para a parte do nascente, e da parte do norte uma capella de S. João Baptista aonde se diz missa: e da parte do poente tem um palacio, de que não ha hoje mais do que as paredes, que foi morada do conde Henrique, quando em Guimarães assentou a sua corte; e nelle nasceu nosso primeiro rei de Portugal D. Affonso Henriques, e foi baptizado na igreja de S. Miguel, parrochia da villa Araduca, por S. Giraldo arcebispo de Braga, cuja pia baptismal mandou trasladar D. Diogo Lobo da Silveira, em 1664, para a real collegiada da Oliveira, sendo prior della, aonde está com veneração mettida em um nicho na parede da parte da Epistola, guardada com grades de ferro, e um lettreiro na parede que diz: — «Nesta pia foi baptisado el-rei D. Affonso Henriques, pelo arcebispo de Braga S. Giraldo.

Em quanto este castello foi assistido pelos primeiros Reis, e nelle tinham sua morada, elles eram seus alcaides móres: depois que os successores mudaram a corte, punham nelle alcaides por homenagem para sua defensa, os quaes muitos annos habitaram no palacio real; o qual com sua ausencia brevemente se arruinou. E' alcaide mór deste castello o conde da Castanheira, Simão Corrêa da Silva, sem a preeminencia dos gados do vento, porque

Digitized by Google

— Oh! meu Deus! meu Deus!.... — gritou o lapidario erguendo para o ceo as mãos — mas isso são verdadeiros crimes... e não ha-de haver castigo para um monstro destes... não ha-de haver...

— Talvez que haja! — exclamou Rodolfo, — que parecia absorto em profundas reflexões; e logo dirigindo-se para Luiza, disse-lhe — Animo! minha filha! continuae.

— Como tivesse lutado tanto, começavam já as forças a faltar-me; eis senão quando veio o porteiro chamar duas vezes á porta para entregar uma carta. E receando elle que se a não fosse buscar, entraria com ella o proprio porteiro, disse-me — « Vai-te daqui!... mas vê lá!... se dizes uma só palavra, fica teu pae perdido; e se quizeres sahir de minha casa tambem o fica, porque se vierem pedir-me informações de ti, dou-as más, e farei que não te acceitem em outra casa, dando a entender que me roubaste, e que és a peor criada de servir que se tem visto ». — No dia seguinte, não obstante as ameaças de meu amo, vim contar a meu pae o que se havia passado... quiz sahir immediatamente da casa... porem o carcere... Depois da molestia de minha mãe o pouco que eu ganhava era indispensavel para o alimento da familia... e a má informação com que o senhor Forrand me tinha ameaçado, de certo faria com que por muito tempo me não fosse possivel accommodar-me em outra casa.

— E' sem questão — disse Morel com profunda amargura — tivemos a fraqueza, e o egoismo de

Digitized by Google

permittir que nossa filha voltasse para essa casa... Já vo-lo disse, senhor; a miseria... a miseria... faz que os pobres commettam tantas infamias!...

— Mas, meu pae, não procurastes vós por todos os meios obter os duzentos e quarenta mil reis? e como os não podestes alcançar, que remedio havia se não ter resignação!

— Anda, anda, continúa a historia... Teus paes é que foram os teus verdugos: nós somos mais culpados do que tu na desgraça que te succedeu — disse o lapidario escondendo nas mãos o rosto.

— Quando tornei a avistar-me com meu amo, elle portou-se para comigo com o mesmo modo aspero e grosseiro, de que usara antes da scena que acabo de referir. A ama atormentava-me como até ali, dava-me o alimento apenas necessario, fechava-me o pão, e por maldade inutilisava frequentes vezes os restos da comida que deixavam para mim, porque ella quasi sempre comia á meza com o patrão. De noite dormia sobresaltada e inquieta, temendo a cada instante ver entrar o tabellião pelo meu quarto dentro, porque o não podia fechar, tinham-me tirado a commoda que eu todas as noites encostava á porta; e apenas me haviam deixado uma cadeira, uma meza pequena e um bahu, com os quaes trastes me fortificava do melhor modo que podia; e alem de tudo isto sempre dormia vestida. Por algum tempo fingio elle não fazer caso de mim, a ponto de nem sequer me lançar os olhos; de modo que eu começava a viver mais segura, cuidando que

Digitized by Google

já não pensava em mim. Um domingo, em que me deu licensa de sahir á rua vim dar a meus paes esta boa noticia... e é certo que se alegraram tanto como eu... Até aqui, meu pae, já vós sabeis... O que me resta agora para dizer... — e aqui alterou-se a voz de Luiza — é horrivel! nunca me atrevi a contar-vo-lo.

— Oh! eu bem sabia, sim, bem sabia que me occultavas algum segredo — exclamou Morel com uma especie de frenesi, e com uma volubilidade tão alterada e singular, que fez assustar Rodolfo — A tua má cor, a tua cara, o teu semblante... deviam-me ter feito desconfiar. Mil vezes o disse a tua mãe... mas ella sempre lhe dava uma sahida... Ahi está agora... ahi está o resultado! para nos livrarmos a nós de uma má sorte... conservar a nossa filha em casa desse monstro!... E por fim, para onde a levam agora? para o banco dos criminosos... Sim, eis ahi está... mas tambem... emfim, quem sabe?... porque uma pessoa é pobre... sim... mas tambem os outros?... os outros que?... — E interrompendo-se como se quisesse apanhar o fio das idèas que lhe fugiam, bateu na testa, e exclamou: — Esperae, eu não sei o que digo... não sinto aonde tenho a cabeça... parece-me que estou bebedo!...

E apertou as mãos na cabeça.

Rodolfo para impedir que Luiza se assustasse attentando na incoherencia das palavras do lapidario, disse com ar de seriedade:

— Parece-me que não sois justo, Morel; vossa

Digitized by Google

infeliz esposa com razão temia as funestas consequencias da sahida de Luiza da casa do tabellião, não só por amor de ella mesma, mas por amor de sua mãe, e de seus filhos, e tambem por amor de vós. Não tomeis a culpa a ninguem... deixae cahir todo o odio e todas as maldições sobre um só homem... sobre esse monstro de hypocrisia, que poz vossa filha na alternativa de perder a sua honra ou de se arruinar... de perder a sua honra, ou de causar talvez a morte de seu pae e de toda a sua familia... sobre esse infame, que tão criminosamente abusou do seu ascendente de amo... Tende paciencia, esperae, repito, que a Providencia reserva muitas vezes para o crime uma vingança espantosa.

Havia nas palavras de Rodolfo um tal accento de certeza e de convicção ao fallar desta vingança providencial, que Luiza olhou para o seu bemfeitor com surpreza, e até, podemo-lo dizer, com temor.

— Continuae, minha filha: — lhe disse Rodolfo; — não occulteis cousa alguma... tudo isso é mais importante do que vós podeis imaginar.

— Eu começava a viver com menos temor, — continuou Luiza — quando uma tarde Jacques Ferrand e a ama sahiram, cada um para sua parte, e como não jantassem em casa, estive eu sosinha o resto do dia. Deixaram-me, na forma do costume, a minha ração de agua, de pão, e de vinho, e bem fechadas todas as dispensas e armarios. Logo que acabei as minhas obrigações, fui comer, e como tinha medo de estar só, subi para o meu quarto deixando

Digitized by Google

primeiro a luz accesa no quarto de meu amo, porque não era uso esperar por elle quando sahia de tarde. Comecei a trabalhar, mas contra o meu costume, deu-me somno, e por mais que o quizesse espalhar, não me foi possivel... — Aqui exclamou Luiza olhando temerosa para seu pae — Talvez me não deis credito... direis que minto... mas juro-vos sobre o cadaver de minha irmãa que é a pura verdade.

— Andae, explicae-vos — acudio Rodolfo.

— Ai! senhor! ha sete mezes que faço diligencias por explicar a mim mesma o que me succedeu naquella noite espantosa... e não me é possivel... estive para perder o juizo insistindo em descortinar este mysterio.

— Jesus me valha! Deus meu! tu que dizes Luiza? — exclamou o lapidario sahindo da especie de estupor, em que por intervallos havia estado desde o principio da narração de sua filha.

— Eu tinha adormecido assentada na cadeira, contra o meu costume... — continuou Luiza. — E' a ultima cousa que me lembra. Antes... antes disto... oh meu pae! perdoae-me!... juro-vos que não sou culpada!....

— Sim, filha, dou-te credito... mas acaba de dizer!....

— Não sei quanto tempo estive adormecida, mas por fim accordei, e achei-me ainda no meu quarto, mas deitada... e deshonrada por Jacques Ferrand que estava ao meu lado....

Digitized by Google

— Mentes! tu mentes!.... — bradou o lapidario acceso em ira — Confessa que cedeste á força, ás violencias, ao receio de me veres ir prezo!... mas não mintas desse modo.

— Juro-vos, meu pae!...

— Mentes!... mentes!... Pois para que me havia-de mandar prender o tabellião, depois de tu teres cedido?

— Cedido! oh! não, não, eu não cedi! o meu somno foi tão profundo, que estive como morta... Bem vejo que achaes extraordinario, impossivel... bem o sei... Mas, meu Deus! tambem eu não sei explicar como isso foi!

— Sei eu explical'-o — disse Rodolfo interrompendo Luiza — Ainda faltava a esse homem mais um crime de semelhante natureza... Não trateis de embusteira vossa filha, Morel... Dizei-me cá, Luiza, quando, antes de subir para o vosso quarto, vos puzestes a jantar, achastes por acaso algum gosto estranho na comida, ou na bebida? Recordae-vos bem dessa circumstancia.

Luiza reflectio um pouco e respondeu...

— E' verdade que me recordo que a mistura de agua e vinho, que, segundo o costume, me deixou a senhora Serafina, amargava alguma cousa, mas não fiz então reparo nisso, porque algumas vezes a ama por maldade ou por divertimento me deitava na bebida sal e pimenta....

— E então nesse dia pareceu-vos que a bebida amargava?

Digitized by Google

— Sim, senhor; posto que não fosse tanto que me impedisse de beber; cuidei que o vinho estaria um tanto avinagrado.

Morel, com os olhos fitos e assombrados, escutava as perguntas que Rodolfo dirigia a sua filha, sem parecer que lhe dava attenção, nem mesmo que as ouvia.

— E antes de adormecerdes não sentistes a cabeça pezada, e quebrantamento e fraqueza nas pernas?

— Sim, senhor... e tambem me lembro que me batiam as fontes da cabeça, e que tinha calafrios, e que me sentia incommodada.

— Oh! miseravel! infame!... — exclamou Rodolfo. — Sabeis, Morel, o que aquelle homem deu de beber a vossa filha?

O artista olhou para Rodolfo sem lhe dar resposta.

— A ama, sua cumplice, deitou na bebida de Luiza um soporifico, naturalmente opio, que paralisou as forças e os sentidos de vossa filha por algumas horas: e quando tornou a si do lethargo... achou-se deshonrada

— Ai! agora comprehendo a minha desgraça — bradou Luiza; e dirigindo-se a seu pae, continuou:

— Agora vedes, senhor, que sou menos culpada do que parecia. Meu pae! meu querido pae... respondei-me!

O semblante do lapidario continuava a estar singularmente pasmado. Perversidade tamanha não

Digitized by Google

a podia comprehender a sua innocente ingenuidade. E mesmo a revelação fatal já elle apenas a entendeu, porque depois de alguns momentos estava com o juizo vacillante, as idêas obscuras, e tinha cahido naquelle aniquillamento que é para a intelligencia o mesmo que as trevas são para a vista... Symptoma espantoso da alienação mental!... Não obstante, disse com voz surda, breve e precipitada:

— Ah! sim, é verdade... muito mal... muito mal...

E tornou a cahir em apathia. Rodolfo olhou para elle commovido, e pensou que começava a mitigar-se a energia da sua indignação, como succede quando faltam as lagrimas para chorar uma dôr repentina e violenta. Mas para acabar quanto antes este colloquio, pedio a Luiza que cobrasse novas forças para acabar de contar aquelles horrores.

— O que até aqui tenho dito, senhor, ainda é o menos... Apenas vi o senhor Ferrand deitado na minha cama e junto a mim, dei um grito de horror, e pretendi logo fugir; elle porem segurou-me com toda a força, e como estivesse debil e entorpecida, naturalmente por causa da beberagem, não me pude livrar das suas mãos. « Para que queres tu agora fugir? » me disse elle com ar de admiração tal que me envergonhou. « Que novo capricho é esse? pois não estou eu aqui por tu o quereres? » — « Ah! senhor « rèpliquei eu » « isso é uma indignidade, depois de teres abusado do meu somno para me surprehender... Hei-de ir fazer

queixa a meu pae. » Meu amo soltou uma risada, e disse-me : « Com que então abusei do teu somno, eu ! estás zombando de certo. E quem é que te comeria essa pêta ? Sempre havia-de ser bem pezado o tal somno !... já são quatro horas da manhãa, e eu estou aqui desde as dés da noite. Confessa, anda, que não tens outro remedio, que não fiz senão aproveitar-me da tua boa vontade, e não sejas tão caprichosa, porque senão ficaremos mal. Tenho teu pae em meu poder, e tu já não deves fugir de mim ; sê condescendente, e seremos amigos... olha lá !... » — « Hei-de contar tudo a meu pae ! » tornei eu a exclamar « elle me vingará, se é que ainda se não acabou a justiça na terra. » Jacques Ferrand tornou a olhar-me todo admirado, e disse : » Não tem questão, estás louca. Mas por fim de contas que lhe has-de dizer ? que te deu vontade de me deixar deitar comtigo ? Se tal lhe dizes, verás com que musica te recebe... » — « Mas, oh Deus do ceo ! isso não é verdade .. Vós vem sabeis que estaes aqui contra a minha vontade... » — « Contra tua vontade ! e terás a pouca vergonha de sustentar essa mentira, e de dizer que te violentei ? Queres uma prova da tua falsidade ? pois ouve : recommendei ao meu escrevente Germano, que viesse hontem ás dés da noite para acabar um trabalho urgente, e elle trabalhou até á uma hora da manhãa, no quarto que fica por baixo deste. Como seria possivel que se não tivessem ouvido os teus gritos, e sentido a tua resistencia, se a tu fizesses como o

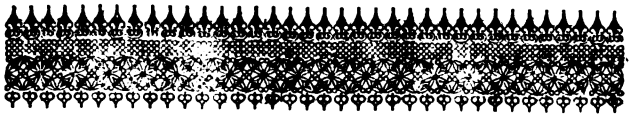
Digitized by Google

outro dia lá em baixo, velhaqueta, quando tu ainda estavas mais arisca do que hoje? E se te queres convencer, pergunta-o a Germano, e verás como te diz que não sentio o menor barulho cá por cima em toda a noite. »

— O malvado — disse Rodolfo já tinha tomado todas as precauções para segurar a sua impunidade.

— Sim, senhor: e é por isso que fiquei tão aterrada, que nem uma só palavra pude responder ao que me disse Jacques Ferrand. Como ignorava que elle se tinha servido de uma beberagem para me adormecer, não podia eu explicar a tenacidade daquelle somno. Todas as apparencias eram contra mim, e se eu me queixasse, todo o mundo me condemnaria, porque aquella noite espantosa, era a meus proprios olhos um mysterio impenetravel.

Digitized by Google



VI.

O CRIME.

ODOLFO ficou aterrado á vista da horrenda hypocrisia de Jacques Ferrand.

— Por esse modo — disse para Luiza — não vos atrevestes a dizer cousa alguma a vosso pae, ácerca do odioso attentado do tabellião?

— Não, senhor; elle sem duvida me havia-de suppor cumplice do senhor Ferrand, e além disso eu temia que meu pae, deixando-se arrebatar pela ira, se esquecesse de que a sua liberdade, e por conseguinte a subsistencia de toda a familia dependiam de meu amo.

Digitized by Google

— E provavelmente — continuou Rodolfo para evitar a Luiza uma parte da sua dolorosa confissão — cedendo ao temor de deitar vosso pae a perder, se recusasseis condescender com o tabellião, continuastes a ser victima desse malvado?

Luiza abaixou os olhos, e córou.

— E depois portou-se elle ao menos com mais amizade para comvosco?

— Não, senhor, meu amo para desviar de si toda a suspeita, quando alguma vez jantavam com elle o cura da Boa-Nova e o seu capellão, tratava-me com muita aspereza na presença; pedia ao cura que me désse bons conselhos, e dizia-lhe que tarde ou cedo eu viria a perder-me, que tinha maneiras muito desenvoltas com os escreventes, que gostava muito de rir e folgar, e que se me conservava ainda, era por caridade e para favorecer um honrado pae de familias, a quem já tinha feito mais alguns obsequios... Tudo isto era uma falsidade, á excepção do serviço feito a meu pae; por quanto eu nunca via os escreventes, que trabalhavam em uma parte da casa que nenhuma communicação tinha com a restante.

— E como é que vosso amo se desculpava quando estava só comvosco, da linguagem que tinha diante do cura?

— Dizia-me que era por se divertir... Mas o cura tomava estas accusações como serias, e reprehendia-me severamente, dizendo que muito má e muito viciosa devêra eu de ser, para deste modo

Digitized by Google

me perverter em uma casa tão santa, e vivendo com pessoas tão exemplares e religiosas. Que havia de eu responder a isto? abaixava os olhos, envergonhava-me; e o meu silencio e a minha confusão davam testemunho contra a minha innocencia. A vida chegou a ser-me tão pezada, que algumas vezes me veio á idea dar cabo dos meus dias; porem a lembrança de meu pae, de minha mãe e de meus irmãos, dava-me valor e resignação. No meio da minha desgraça e aviltamento, tinha a unica consolação de livrar meu pae da prizão. Ultimamente vim a conhecer que era mãe, e então se consumou a minha desventura... e reputei-me perdida para sempre. Não sei porque presentimento se me figurou que o senhor Ferrand, sabendo deste successo, que devia mitigar a sua crueldade para comigo, me havia-de tratar com mais rigor ainda; e com tudo bem longe estava de suppor o que tinha de acontecer. .

Morel tornou a si da momentanea aberração, olhou em volta como assombrado, passou a mão pela testa, e concentrando um pouco mais as suas recordações, disse a Luiza:

— Parece-me que estive distrahido... o desvelo... a fadiga... os pesares... Mas que dizias tu?...

— Quando o senhor Ferrand soube que eu era mãe....

O lapidario fez um gesto de desesperação, mas Rodolfo, com um simples volver de olhos o serenou.

— Está bom, está bom... vai dizendo.. que eu escutarei até ao fim — disse Morel.

Digitized by Google

Luiza continuou :

— Perguntei ao Senhor Ferrand porque modo havia-de eu occultar a minha deshonra, e as consequencias de uma falta em que elle me fizera cahir... Oh ! que vos ha-de custar a crer o que vou referir !...

— E que foi ?...

— Interrompeu-me com indignação e com surpreza ; e depois fingindo que me não tinha percebido, perguntou-me se eu estava louca. Ouvindo eu e vendo isto, enchi-me de assombro, e exclamei : « Oh meu Deus ! então que quereis que faça ? se não tendes piedade de mim , tende-a ao menos de vosso filho ! » « Que horror ! » exclamou o senhor Ferrand erguendo as mãos para o ceo » « pois que, miseravel ! assim ousas accusar-me de ter commettido a vileza de me abaixar a uma mulher da tua classe ?... e ainda tens o desaforo de me attribuir, a mim ! as consequencias da tua vida devassa , depois de tantas vezes te ter dito diante de boas testemunhas, que te havias-de deitar a perder ? Ah ! vil prostituta ! anda põe-te já no meio da rua !...

Rodolfo e Morel ficaram como petrificados... não podiam imaginar que houvesse tão infernal hypocrisia.

— Com effeito ! confesso que nunca ouvi nem imaginei nada tão horrivel ! — disse Rodolfo.

Morel não proferio nem uma só palavra : os olhos dilataram-se-lhe de uma maneira espantosa, e

Digitized by Google

um espasmo convulsivo contrahio-lhe as feições. Ergueu-se da meza em que estava sentado, abrio de repente a gaveta, tirou uma grande lima muito aguçada, e correu para a porta... Mas Rodolfo que tinha adivinhado o seu pensamento, agarrando-lhe pelo braço, segurou-o.

— Para onde ides, Morel?... não vedes que vos deitaes a perder, desgraçado!

— Fugi! deixai-me! — gritou o artista acceso em furia, e esbracejando para se ver livre de Rodolfo — deixae-me! senão, faço duas desgraças em vez de uma só.

E inteiramente fora de si, chegou a ameaçar Rodolfo.

— Oh meu pae!... olhae que é o nosso protector!... exclamava Luiza.

— Bem se importa elle comnosco!... o que elle quer é salvar o tabellião! — interrompeu Morel, cada vez mais frenetico, e lutando sempre com Rodolfo. Até que este por ultimo o desarmou muito mansamente, abrio a porta, e deitou a lima para a escada. Luiza correu para o pae, apertou-o em seus braços, e disse-lhe:

— Meu pae!... elle é o nosso salvador!... e levantastes as mãos contre elle: vedê lá o que fazeis!...

Estas palavras fizeram cahir em si o lapidario, o qual cobrio o rosto com as mãos, e deitou-se de joelhos aos pés de Rodolfo.

— Levantae-vos, homem infeliz, e pae desdi-

Digitized by Google

toso — lhe disse Rodolfo — Tenda paciencia... eu desculpo a vossa ira e tambem participo da vossa execração; mas em nome mesmo da vossa vingança vos rogo, que a não arrisqueis com alguma imprudencia...

— Mas, meu Deus! — exclamou o lapidario pondo-se a pé — Que póde nestas alturas fazer a justiça e a lei? Coitados de nós! se fossemos accusar um homem tão rico, tão poderoso e tão respeitado, diriam que levantavamos um testemunho falso, e fariam zombaria de nós, ah! ah! ah!... — e começou a dar risadas convulsivas — E o mais é que tinham razão: que é das provas que nós temos? seriamos reputados uns loucos. E por tanto vos digo, e digo-vo-lo eu — gritou com novo accesso de furor frenetico — que só confio na imparcialidade de um punhal...

— Calae-vos, Morel; vós não vêdes que o excesso de dôr vos não deixa pensar? — acudio Rodolfo com ar triste — Deixae fallar vossa filha. Os momentos são preciosos; o magistrado está á nossa espera; e é indispensavel que eu me informe de tudo... de tudo, torno a dizer, de tudo... Prosegui, minha filha.

Morel tornou a deixar-se encostar sobre a meza do officio.

— Escusado seria dizer-vos, senhor, dos meus prantos, das minhas supplicas e da minha desesperação — continuou Luiza — Tudo isto se passou no gabinete de Jacques Ferrand pelas dés horas da ma-

Digitized by Google

nhãa; o cura devia almoçar com elle naquelle dia, e entrou exactamente na occasião em que meu amo me enchia de improperios e de ultrages... de modo que pareceu muito contrariado com a visita do seu hospede.

— E que disse elle então?

— Tomou logo um bom expediente; porque exclamou no mesmo momento; « E que vos parece, senhor cura! não vos dizia eu que esta desgraçada se havia de perder!... Está perdida para sempre... acaba agora mesmo de me confessar o seu delicto e a sua deshonra, e pede-me que a salve da vergonha do mundo. Quando me lembro que por compaixão recolhi em minha casa uma miseravel desta ordem!...» — « Pois que! » — me disse o cura com indignação « na verdade chegaste a prostituir-te e a aviltar-te até esse ponto, apezar dos saudaveis conselhos de teu amo, dados tantas vezes na minha presença! Ah! que o teu delicto não merece desculpa. Meu amigo, seria grande prova de fraqueza ter agora compaixão desta miseravel, depois de tantos favores que lhe fizestes, a ella e á sua familia... Deveis ser inexoravel » — disse o cura enganado como todo o mundo pela hypocrisia de Jacques Ferrand.

— E vós naquelle mesmo instante não arrancastes a mascara ao infame? — disse Rodolfo.

— Eu, senhor, tão aterrada fiquei, que não ousei proferir uma só palavra; entretanto ia já a fallar para me defender, e cheguei até a exclamar:

Digitized by Google

« Mas, senhor !... » quando o senhor Ferrand gritou da banda: «Nem mais uma palavra, creatura infame ! Bem ouviste o que o senhor cura disse... seria fraqueza ter compaixão de ti... Dentro de uma hora has-de sahir de minha casa. » E sem me dar tempo para responder, sahio logo com o cura para um quarto immediato. Depois que elle sahio estive por um pouco de tempo sem saber de mim: via-me expulsa de sua casa, e sem poder accommodar-me em outra parte, por causa das más informações que elle não podia deixar de dar; receava ao mesmo tempo que elle mandasse prender meu pae; e não sabendo o que havia-de fazer de mim, retirei-me para o quarto para chorar a minha desventura. Ao cabo de duas horas foi lá ter meu amo, e disse-me: « Já ajuntaste a tua roupa ? » « Misericordia, senhor ! » respondi eu: « não me mandeis embora no estado em que me acho. Que ha-de ser de mim, não podendo ir para outra casa ? » « Ainda bem ! Deus castigou a tua libertinagem e as tuas mentiras. » « Pois atreveis-vos a dizer que minto ? » exclamei indignada; « e atreveis-vos a dizer que não fostes vós que me perdestes ? » « Sahe já de minha casa, prostituta infame ! pois que não cessas de me calumniar, » gritou com voz terrivel. « E para que te castigue hei-de ámanhãa mandar prender teu pae. » « Oh ! não, não, senhor, pelo amor de Deus ! » lhe disse eu assombrada; « não me queixarei mais de vós... prometto de não dizer nada a ninguem, mas não me haveis de mandar embora. Compadecei-

Digitized by Google

vos de meu pae: o pouco que eu aqui ganho serve para sustentar a minha familia. Não me mandeis, que eu nada digo. Farei todas as diligencias por occultar o estado em que me acho, e quando já não podér dissimular a minha triste situação, então me lançareis á rua, se for vossa vontade. » Tanto instei, e tanto pedi, que por fim elle consentio em que eu ficasse, o que no meio da minha terrivel desgraça me pareceu grande mercê. Depois desta scena cruel fui sempre objecto de preseguição e máo tratamento intoleraveis: só o senhor Germano, a quem varias vezes via, costumava perguntar-me a causa das minhas penas; mas a vergonha me impedia de lho declarar.

— E não foi pouco mais ou menos por esse tempo que elle veio morar para aqui?

— Sim, senhor; elle queria um quarto que não fosse longe da rua do Templo ou do Arsenal, e como estivesse de vago aquelle que agora occupaes, inculquei-lho, e elle logo o alugou. E quando, haverá um mez, o deixou, pedio-me muito que não dissesse aqui a ninguem a sua nova morada, que se sabia em casa do tabellião.

Rodolfo conjecturou o motivo destas precauções, pois não ignorava que Germano tinha de fugir á preseguição de seus inimigos.

— E nunca vos lembrou de confiar a Germano os vossos segredos? — perguntou a Luiza.

— Não, senhor: porque elle tambem se tinha deixado embair da hypocrisia de Jacques Ferrand:

Digitized by Google

dizia que era de genio aspero e muito exigente, mas que era o homem mais honrado de todo o mundo.

— E em quanto elle aqui morou, nunca ouvio queixar-se vosso pae de que o tabellião pretendia seduzir-vos?

— Meu pae nunca manifestava os seus receios diante de pessoas de fora; e alem disso naquelle tempo era quando o eu enganava, dizendo-lhe que o senhor Ferrand já se não importava comigo. Ah! meu pae, agora deveis-me perdoar aquellas mentiras... bem vedes que se as dizia era para vos tranquillisar.

Morel não respondeu: soluçava, tendo a cabeça repousada nos dous braços encruzados sobre a meza.

Rodolfo fez signal a Luiza para que não se dirigisse a seu pae, e ella continuou:

— Vivia eu em continuo pranto, em continuadas angustias. Conseguira á força de cautelas occultar aos olhos de todos o meu estado, mas não podia esperar que nos dous mezes que faltavam para o termo fatal, me succedesse o mesmo... e o futuro cada vez se me offerecia mais espantoso. Tinha-me dito o senhor Ferrand que estava resolvido a mandar-me embora; de modo que a minha familia ia ficar dali a pouco privada dos tenues recursos que eu lhe ministrava. Meu pae, depois das mentiras que eu tinha inventado para o tranquillisar, de certo me havia de reputar cumplice e não victima

Digitized by Google

do senhor Ferrand; e então eu amaldiçoada e abandonada por elle... que havia-de fazer? que refugio havia-de buscar? para onde havia-de ir? ... Confesso que me occorreu então uma idéa criminosa; e faço-vos esta declaração, porque estou determinada a confessar-vos tudo, ainda mesmo aquillo que eu pense que me não é airoso, pois desejo manifestar-vos os extremos a que me conduzio a crueldade de Jacques Ferrand. Se eu tivesse succumbido a um pensamento funesto, não seria aquelle homem cumplice do meu crime?

Calou-se Luiza por um momento, e depois continuou com voz tremula:

— Tinha eu ouvido dizer á nossa porteira que vivia nesta casa um charlatão... e...

Não poude concluir a phrase.

Rodolfo lembrou-se immediatamente que no primeiro dia que vira madama Pipelet, tinha na sua ausencia momentanea recebido do carteiro uma carta em papel ordinario com a lettra do sobrescripto desfigurada, e em que tinha notado signaes de algumas lagrimas...

— E escreveste-lhe, coitada!... ha tres dias... E chorastes ao escrever a carta, e disfarçastes a lettra.

Luiza ficou attonita a olhar para Rodolfo.

— Como é que sabeis?

— Socegae. Eu estava sósinho no quarto da porteira quando trouxeram essa carta, e por casualidade é que a vi.

— Era a minha, senhor. Nessa carta, que não

Digitized by Google

assignei, dizia eu ao senhor Bradamanti, que não podendo ir a sua casa, me fizesse o favor de ir ter aquella tarde junto ao *Chateau-d'Eau*... Eu não sabia o que fazia.... queria pedir-lhe um dos seus abominaveis remedios. Sahi pois de casa na intenção de ir ter com elle; mas felizmente logo recobrei a razão, conheci o crime que intentava e voltei para casa. Naquella noite succedeu um caso de que resultou a minha ultima desgraça. O senhòr Ferrand ficou persuadido que eu me demoraria duas horas fòra de casa, e comtudo em menos de dez minutos eu já estava de volta. Quando passei por diante da porta falsa do jardim, fiquei admirada de a ver aberta; entrei por ella, fechei-a, e puz a chave no gabinete de meu amo, que era o sitio do costume. O gabinete era antes do seu quarto de cama, o qual era o sitio mais recondito da casa, onde recebia as visitas secretas, porque no escriptorio não fazia senão despachar os negocios communs. Eu já explico porque entro nestas miudezas: como eu sabia bem os cantos da casa, atravessei a sala de jantar em que havia uma luz, entrei ás escuras na sala de visitas, e d'ahi dirigi-me ao gabinete, que estava antes do quarto de dormir de meu amo, cuja porta se abrio no momento mesmo em que eu estava a pôr a chave sobre a meza. Ainda bem meu amo me não tinha visto, quando de repente fecha sobre si a porta, deixando dentro uma pessoa que eu não pude ver; e correu arrebatado para mim, agarrou-me pelo pescoço, como se me quizesse affo-

Digitized by Google

gar, e disse em voz baixa, com tom furioso e assustado: « Ah! estavas a escutar á porta! dize-me já o que ouviste! Responde, senão mato-te! » Mudando porém logo de idêa, sem me dar occasião de responder, foi-me levando até á casa de mesa, empurrou-me para dentro e fechou a porta.

— E não tinheis ouvido nada da conversação?

— Nada tinha ouvido: e se eu soubera que elle estava com gente no quarto, por certo que não entraria no gabinete; pois havia prohibição expressa, até para a senhora Serafina.

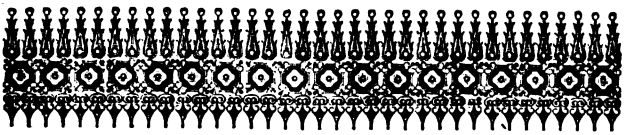
— E que vos disse depois, quando vos tornou a ver?

— A ama é quem me veio abrir a porta, e naquella noite não vi mais o senhor Ferrand. Com o susto achei-me doente. No dia seguinte, quando vinha do meu quarto, encontrei-me com Jacques Ferrand, e não pude deixar de estremecer ao lembrar-me das ameaças da vespera; mas não posso tambem exprimir-vos qual foi á minha surpreza, quando com a maior placidez me fallou nos seguintes termos: « Bem sabes que tenho prohibido que se entre no meu gabinete quando estou com alguem no quarto; como porém já não podes ficar muitas horas em minha casa, não me quero estar mais a inquietar com reprehensões e ralhatorios; » e dito isto encaminhou-se para o escriptorio. Esta moderação espantou-me, principalmente depois das ameaças da vespera. Continuei a fazer a minha obrigação costumada, e fui para arranjar o quarto de

Digitized by Google

meu amo. Como a noite antecedente tinha sido para mim uma noite cruel, por isso me achava tão fraca e quebrantada, que indo a arranjar a roupa de meu amo em um cubiculo muito escuro, situado junto a alcova, senti que ia perder os sentidos e desmaiar. E quando estava para cahir ao chão quiz segurar-me agarrando-me a uma capa dependurada no tabique, a qual tambem veio comigo ao meio do chão deixando-me embrulhada nella. Quando tornei a mim vi que estava cerrada a porta envidraçada do guarda-roupa, e ouvi no gabinete a voz do senhor Ferrand, a fallar altó. Veio-me logo á lembrança a scena da vespera, e julguei-me irremediavelmente perdida se fizesse o menor movimento; suppuz comtudo que coberta como estava com a capa, meu amo de certo me não tinha visto quando fechou a porta de vidraças. E se elle chegava a descobrir-me!... como lhe havia-de fazer crer esta casualidade quasi inexplicavel? Retive pois a respiração o mais que pude, e ouvi a meu pezar o fim de uma conversação, que sem duvida tinha começado muito tempo antes.

Digitized by Google



VII.

A CONVERSAÇÃO.

QUEM é que estava a fallar com o tabellião no seu quarto?

— Não sei, senhor; pela voz não pude saber quem era.

— Então que diziam?

— A conversação tinha de certo começado já ha bastante tempo, porque as unicas palavras que cheguei a ouvir foram estas: « Não ha nada mais simples » disse o desconhecido; « um maganão chamado *Braço-Forte*, tratando-se do assumpto em que fallamos ha pouco, poz-me em relação com uma familia de *piratas de agua doce*, estabelecida em uma ilhota perto de Asneiros: são os mais famosos ban-

Digitized by Google

doleiros daquellas paragens: o pae e o avô já morreram na guilhotina, dous filhos foram condemnados por toda a vida a trabalhos publicos; porem ainda resta a mãe, e tres rapazes e duas raparigas, todos optimos para uma empreza. Conta-se por ahi que para fazerem os seus roubos nas duas margens do Sena, fazem expedições em barco até Bercy. E' gentinha, que por um pinto é capaz de matar o primeiro que encontrarem; mas por ora não precisamos destas suas habilidades, bastar-nos ha que admittam em sua caza essa senhora da provincia, em que me fallastes. A familia de Marcial (é o nome dos meus piratas) passará por gente muito honrada, no conceito della; eu, pela parte que me toca, irei fazer duas ou tres visitas á vossa recommendada, e receitar-lhe-hei alguns remedios... e no fim de oito dias já poderá ir até ao cemiterio de Asneiros... para lá descançar. Nas aldêas não se faz caso de bagatellas, mas em Paris fia-se mais fino em quanto a mortes e a enterros. Porem vamos ao que importa; quando quereis mandar a vossa camponeza para a ilha de Asneiros, para se avizar com tempo os Marciaes sobre o papel que hão-de representar? » « A'manhãa chega ella aqui, e depois de amanhãa estará em caza dessa familia » replicou o senhor Ferrand, « eu a prevenirei de que o doutor Vicente tem ordem minha para a ir tratar. » « Estou gostando da chrisma! está dito! daqui em diante serei o senhor Vicente » disse a tal voz; « tanto fazia esse como outro qualquer nome... »

Digitized by Google

— Que novo mysterio, e que novo crime é esse? — disse Rodolfo cada vez mais assombrado.

— Novo? não é novo, não, senhor: vós já ides vêr como elle tem relação com outro que não ignoraes — replicou Luiza; e proseguio: — Ouvi ruido de cadeiras, e suppuz que o dialogo tinha acabado. « Não é preciso recommendar-vos segredo » disse Jacques Ferrand; « porque vos tenho seguro com as mesmas amarras com que me seguraes a mim. » « Por cujo motivo, » respondeu a tal voz « podemos servir-nos mutuamente sem que jámais nos prejudiquemos. Bem vêdes como sou diligente... hontem ás dés da noite recebi a vossa carta, e esta manhãa já aqui me tendes. Adeus, amigo e collega, não vos esqueça a ilha de *Asneiros*, o pescador *Marcial* e o doutor *Vicente*. Pelo virtuoso influxo destas tres palavras magicas, a vossa recommendada fará em menos de oito dias a sua viagem para outros bairros... » « Esperae » disse o senhor Ferrand « deixae-me correr o ferrolho, que por cautella tinha deitado á porta do meu gabinete, e vêr se está alguem na sala de espera, para poderdes sahir pela porta falsa do jardim por onde entrastes... » O senhor Ferrand voltou n'um momento, e percebi logo que se ausentava a pessoa com quem tinha estado a conversar... Imaginae como eu estaria em quanto durou aquella practica, e muito particularmente por ter involuntariamente descoberto um segredo de tal natureza. Duas horas depois deste dialogo, subio a senhora Serafina ao meu quar-

Digitized by Google

to, para o qual me havia retirado, toda a tremer, e mais indisposta do que até ali. « O senhor chama-vos » me disse ella: « sois mais feliz do que mereceis; andae; vinde cá abaixo. Estaes descorada como uma defuncta, mas o que elle tem para vos dizer, ha-de-vos pôr córada que nem uma romãa. » Segui a senhora Serafina até ao gabinete do senhor Ferrand. Mal o vi, estremeci logo, e com tudo o seu aspecto não estava carregado: fitou em mim os olhos como se quisesse penetrar os meus pensamentos, eu abaixei os meus, e por ultimo disse: « Parece que estaes incommodada. » « Sim, senhor » respondi, admirada de vêr que me não tratava por tu, segundo o seu costume. « Bem se vê, » accrescentou elle; « é o resultado do vosso estado, e dos esforços que para o dissimular tendes empregado; mas apesar das vossas mentiras, do mao comportamento, e da grave indiscripção de hontem » continuou em tom mais brando, « causaes-me compaixão: dentro em poucos dias não vos será possivel occultar a vossa gravidez. Ainda que diante do senhor cura eu vos tenha tratado como merecieis e mereceis, conheço comtudo que um lance como este seria deshonroso para uma casa tão bem conceituada como a minha é; e demais disso tambem causaria grande mortificação na vossa familia... Em vista pois destas circumstancias tenho determinado soccorrer-vos. » « Ai! senhor, » exclamei eu; « essas palavras fazem-me esquecer todo o passsado. » « Esquecer o que? » perguntou-me elle com aspereza. « Nada,

Digitized by Google

nada; perdoae-me, senhor, » interrompi logo com medo de o irritar; e suppondo nelle as melhores intenções a meu respeito. « Escutae » tornou elle; « ireis ainda hoje visitar vosso pae, e dizei-lhe que vos mando para a aldêa por dous ou tres mezes para tomar conta de uma caza que acabo de comprar, e que em quanto estiverdes auzente lhe mandarei entregar em tempo competente a soldada que ganhaes. A'manhãa sahireis de Paris, com uma carta de recommendação que vos hei-de entregar para a senhora *Marcial*, mãe de uma honrada familia de pescadores, que vive ao pé de Asneiros. Tereis cuidado em lhe dizer que vindes immediatamente da provincia, sem entrar em mais explicações. Ao depois vireis no conhecimento do objecto desta recommendação, que é toda para proveito vosso. A senhora Marcial ha-de-vos tratar como se fosseis sua filha, e eu vos enviarei um medico, chamado doutor Vicente, que vos tratará, e dará os remedios de que precisardes... E então não sou tão bom para ti?...

— Que horrivel trama! — exclamou Rodolfo — Agora já comprehendo o seu pensamento; suppondo que na vespera tinheis descuberto o seu segredo, terrivel certamente para elle, pretendia desfazer-se de vós. Algum motivo o induzia igualmente a enganar o seu cumplice, fazendo-vos passar a seus olhos por uma mulher da provincia. Mas em que terrivel estado havieis de vós ficar ouvindo semelhante proposta!

— A impressão que ella me causou foi tão vio-

Digitized by Google

lenta e imprevista, que fiquei sem me poder mover, e não pude responder ao senhor Ferrand. Olhei para elle com espanto, e senti que se me perturbava a cabeça. Estava já para lhe dizer dos projectos que lhe tinha ouvido de manhãa, arriscando por ventura deste modo a minha vida, quando me lembrei dos novos perigos a que com tal revelação me expunha. « Parece que me não haveis percebido! » disse elle para mim com impaciencia, « Sim, senhor... » lhe tornei eu toda a tremer; « mas antes quisera não sahir da cidade para fora. » « Porque? para o sitio que vos mando sereis perfeitamente bem tratada. » « Não quero sahir de Paris; quero estar ao pé da minha familia; antes quero confessar tudo a meus paes, e morrer de vergonha, se não houver outro remedio senão morrer. » « Com que então oppões-te á minha vontade? » disse o senhor Ferrand, reprimindo por ora a sua colera, e olhando attentamente para mim. « Porque motivo mudaste tão de repente de parecer, pois ainda ha um instante aprovavas a minha idêa? » Conheci immediatamente que se chegasse a descobrir-lhe os meus sentimentos, estava perdida; e então respondi-lhe que me parecia não ser necessario sahir de Paris, nem affastar-me da minha familia. « Mas vê que a deshonras, miseravel! deshonras a tua familia! » gritou o senhor Ferrand; e não podendo por mais tempo dissimular-se, agarrou-me em um braço, e atirou comigo para tão longe e com tal violencia que me fez cahir no meio do chão. « Dou-te um

Digitized by Google

dia para decidires, » tornou elle a bradar « amanhãa has-de por força sahir daqui, ou para caza de Marcial, ou para dizeres a teu pae que te despedi, e no mesmo dia elle irá para a cadèa. » Fiquei só, estendida no meio do chão, e sem forças para me poder levantar. Serafina tinha acudido á gritaria de seu amo, e com o auxilio della pude pouco a pouco, e com grande custo, chegar ao meu quarto. Deitei-me sobre a cama, da qual me não levantei até á noite, porque tantos e tão repetidos golpes me tinham posto em misero estado. Pelas dôres atroses que senti pela uma hora da manhãa, conheci que ia dar á luz essa pobre creatura antes de tempo.

— E porque não chamastes quem vos soccorresse?

— Não me atrevi, senhor! Porque como meu amo queria por todos os modos dar conta de mim, mandaria de certo chamar o doutor Vicente, que me mataria em caza mesmo de meu amo, em lugar de me ir matar a caza de Marcial... ou talvez mesmo o senhor Ferrand me estrangulasse, e dissesse depois que eu tinha morrido de parto. Poderia este temor ser mal fundado .... mas naquelle momento de tal sorte me deixei possuir delle, que foi a causa da minha desgraça; se não fôra elle teria vencido o sentimento da vergonha, e não me veria agora accusada de ter morto um filho. Em vez de pedir soccorro, e temendo até que os meus gritos de dôr fossem ouvidos, suffocava-os ferrando os dentes na roupa da cama. Por ultimo, depois de atrocissimas

Digitized by Google

dôres... sósinha no meio da escuridão, dei á luz essa pobre criancinha, cuja morte foi provavelmento filha do parto fora de tempo.... porque eu não o matei... não, não o matei. Um unico momento de gozo acerbo tive naquella fatal noite... este momento foi quando apertei meu filho entre os braços...

Aqui vieram os solluços suffocar a voz de Luiza.

Tinha-a escutado Morel com tão notavel apathia e indifferença, que Rodolfo se assustou. Entretanto o lapidario conservando ainda os cotovelos apoiados sobre a meza, e a cara escondida entre as mãos., ao ouvir o amargo pranto de sua filha, olhou para ella, e disse:

— E chora... ella chora... mas que tem ella? porque chora? — E depois de um momento de incerteza, accrescentou: — Ah! sim, já percebo... o tabellião... não é verdade? minha filha! anda, continúa a tuá historia... por fim sempre és minha filha... e amo-te como sempre te amei... Ha pouco não te conhecia... as lagrimas obscureciam-me a vista. E Jezus! minha cabeça... como me dóe a cabeça!...

— Agora não direis que sou culpada, não é assim, meu pae?

— Não... não...

— Foi uma desgraça... bem o sei; mas tinha tanto medo do tabellião....

— Do tabellião?... ah! sim; tinhas razão... elle é tão máo, tão perverso!...

— Então vós agora perdoaes-me?

Digitized by Google

— Sim...

— De certo?

— Sim... de certo... Oh! eu amo-te sempre, sempre... ainda que eu não posso... dizer já... tu bem sabes... porque agora.... Ai! minha cabeça!... a minha cabeça!...

Luiza olhou com assombro para Rodolfo.

— E' que lhe doe; mas logo estará melhor. Continuae.

Luiza continuou, depois de olhar para Morel com inquietação:

— Abracei pois meu filho, apertei-o contra o peito, e notei que o não ouvia respirar; mas disse comigo: a respiração de uma criança como esta, mal se deve ouvir... tambem me parecia que estava muito frio... mas eu já disse que não tinha luz, porque não era costume darem-ma... Esperei que fosse dia, agazalhando e aquecendo no entretanto a pobre creaturinha o melhor que pude; mas por mais que o apalpasse parecia-me sempre que estava enregelado, suppunha porem que seria com o frio da noite. Apenas amanheceu levei-o ao pé da janella... olhei bem para elle... e estava enteriçado e gelado. Cheguei os meus labios aos seus para vêr se respirava... puz-lhe a mão sobre o coração... mas não batia... estava morto!

Luiza tornou a soltar o pranto.

— Oh! naquelle momento — foi ella dizendo — senti uma cousa impossivel de explicar. Só confusamente me lembro, como se fôra sonho, do mais

Digitized by Google

que se passou: era um mixto de desesperação, de terror, de ira, e particularmente e sobre tudo de um novo susto: já não temia que o senhor Ferrand me estrangulasse, mas temia que vendo meu filho morto junto a mim, me accusassem de lhe ter causado a morte. Só então é que se me sugerio a idêa de occultar o cadaver; e por este modo ninguem saberia da minha deshonra, nem teria porque temer a colera de meu pae, evitaria a vingança do senhor Ferrand, e ficaria livre para deixar a sua caza e procurar outra, em que ganhasse para sustentar a minha familia... Taes são, senhor, os motivos que me obrigaram a não dizer nada a ninguem, e a occultar a todos o cadaver de meu filho. E' certo que obrei mal; mas na situação em que me via, perseguida por todos os lados, opprimida de dôr, e quasi delirante, não reflecti nas consequencias a que me expunha se chegasse a descobrir-se o segredo...

— Que tormentos! que tormentos! — disse Rodolfo com ar abatido.

— O dia ia aclarando — continuou Luiza — e só faltavam poucos momentos para accordar a gente de caza... Em taes apuros tomei a ultima resolução: embrulhei meu filho o melhor que pude, desci depressa a escada, e dirigi-me ao fundo do jardim para fazer uma cova, e enterral-o; mas como de noite tivesse cahido muita neve, estava a terra tão dura que a não pude romper. Entrei então para uma especie de sotão, onde ninguem ia de inver-

Digitized by Google

no, e lá depositei a infeliz creaturinha, deixando-a coberta com um caixão, que tinha servido de ter flôres; e depois voltei para o meu quarto sem ser percebida de pessoa alguma. De tudo isto que vou contando só me fica uma idêa confusa, e ainda hoje é o dia em que não posso conceber como tive força e valor para fazer o que fiz, estando tão debil e fraca. A's nove horas da manhãa veio a senhora Serafina ao meu quarto saber porque me não tinha eu ainda levantado, e disse-lhe que me sentia tão incommodada, que por caridade lhe rogava que me deixasse ficar na cama todo aquelle dia, e que no seguinte eu me iria embora, uma vez que meu amo me tinha despedido. Dahi a uma hora veio o senhor Ferrand em pessoa, e disse: « Com que então estaes peor? ahi tendes os resultados da vossa teima. Se fizesseis o que vos dizia, já a esta hora estarieis entre aquella honrada gente, que vos havia-de tratar com todo o desvelo. Em quanto porem estiverdes em minha caza não permittirei que vos faltem com o necessario; esta noite virá visitar-vos o doutor Vicente. » Estremeci de horror ao ouvir esta ameaça, e respondi, que na vespera andei mal em não ter acceitado o seu offerecimento; mas que estava agora resolvida a isso: no entretanto, que deixasse passar dous dias para eu descançar, e que depois iria para a familia de Marcial, e por tanto que não era preciso que viesse o medico. Com isto eu só pretendia ganhar tempo, porque estava decidida a sahir daquella caza, e vir para a companhia

Digitized by Google

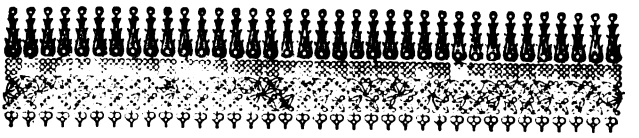
de meu pae, esperançada de que nada se descobriria. Jacques Ferrand fiado na minha promessa mostrou-se muito affectuoso para comigo, e pela primeira vez em sua vida incumbio a senhora Serafina de me tratar com todo o cuidado. Passei aquelle dia em continuo susto, temendo a todo o momento que se descubrisse o corpo de meu filho. Estava morta porque o frio fosse a menos, para poder abrir uma cova na terra... e como visse começar a cahir neve, concebi esperanças. Passei todo o dia na cama, e de noite depois de todos recolhidos, levantei-me com muito custo, fui buscar a podôa com que se partia a lenha, para abrir com ella uma cova na terra coberta de neve... A poder de infinito trabalho e fadiga consegui o meu intento, e então peguei no cadaver, chorei sobre elle lagrimas bem amargas, e enterrei-o dentro do caixão de flôres, que já tinha servido para o cubrir... e como não sabia a reza dos defunctos, rezei um *Padre-nosso* e uma *Ave-Maria*, pedindo a Deus Nosso Senhor que o recebêsse na sua santa gloria. Bem cuidei que me faltaria o animo quando tratei de cubrir de terra a especie de esquife que lhe tinha arranjado... Uma mãe... enterrar seu filho!... Por fim cobri-o de terra... Oh! Deus meu! quanto isto me custou!... E tambem cubri de neve a terra revolvida, para que ninguem desconfiasse... Tudo isto foi feito ao luar. Depois de tudo prompto não podia resolver-me a sahir daquelle sitio... Oh! pobre filho da minha alma!... na terra tão fria, tão ge-

Digitized by Google

lada ... debaixo da neve ... Apesar de morto, ainda me parecia que devia sentir frio ... Por fim tornei para o meu quarto, e deitei-me com um crescimento de febre muito forte. Pela manhãa mandou meu amo saber como eu estava, respondi que estava melhor, e que no dia seguinte sem falta podia sahir para a aldêa. Em todo aquelle dia deixei-me ficar na cama para adquirir algum vigor ... A' noite ergui-me, desci até á cozinha para me aquecer, e ali fiquei só até muito tarde ao pé do lume, e depois fui ao jardim para rezar sobre a sepultura de meu filho. Ao subir para o meu quarto encontrei o senhor Germano á entrada do gabinete, em que escrevia algumas vezes: estava pallido ... Fez-me parar, e disse-me com muita pressa, entregando-me ão mesmo tempo um embrulho: « A'manhãa muito cedo devem ir prender vosso pae, por uma lettra de dusentos e quarenta mil reis ... Naturalmente não tem dinheiro para a pagar ... levae-lhe esse ... Correi a caza logo que fôr dia ... Até hoje não sabia quem era o senhor Ferrand ... é um malvado ... mas eu lhe arrancarei a mascara ... Não digaes a ninguem que vos dei esse dinheiro ... » e sem me dar tempo a responder-lhe, desceu logo a escada a correr.

Digitized by Google

Digitized by Google



VIII.

A LOUCURA.

STA manhãa — continuou Luiza — antes de ninguem se ter levantado em caza, vim trazer o dinheiro, que para o resgate de meu pae me tinha dado o senhor Germano; mas aquella quantia não chegava, e se não fosse a vossa generosidade, não se veria elle livre das mãos dos beleguins... Naturalmente depois da minha sahida, foram ao meu quarto... e talvez encontrassem vestigios, que os guiassem á fatal descoberta... Resta-me agora, senhor, pedir-vos outro favor — disse Luiza tirando da algibeira o cartuxo de dinheiro;

Digitized by Google

— tereis a bondade de entregar este dinheiro ao senhor Germano?... Eu tinha-lhe promettido não dizer a ninguem que elle estava empregado em caza de Jacques Ferrand; mas já que o sabeis, não commetto nisto indiscrição alguma ... Repito-vos, senhor, na presença de Deus que nos ouve ... em tudo isto que disse não faltei á verdade na mais pequena cousa... Nem mesmo tratei de disfarçar o que me podia prejudicar, e ...

Calou-se repentinamente Luiza, e gritou toda espavorida:

— Ai! o meu pae!... olhae, senhor, não vêdes como elle está?... Oh meu Deus! elle que tem?

Morel tinha ouvido a ultima parte desta declaração com sombria indifferença, que Rodolfo attribuia a abatimento de animo do infeliz ... Infortunios tão repetidos e violentos deviam estancar as suas lagrimas e esgotar os ultimos resto de sensibilidade, não lhe deixando força, nem mesmo para se indignar, segundo o que Rodolfo imaginava ... Mas não era assim. A' maneira de uma luz moribunda, cuja chama se apaga e accende por intervallos, tambem a razão de Morel, abalada por tantos golpes, vacillou por algum tempo, despedio alguns clarões de intelligencia, e por ultimo ... apagou-se inteiramente.

Havia já uns instantes que o lapidario não via nem ouvia o que ao pé delle se passava; tinha perdido o juizo. Apesar de estar o rebolo do outro lado da meza, apesar de não ter na mão nem pedras, nem instrumento algum do seu officio, elle

Digitized by Google

fingia com a maior attenção e cuidado todas as operações do seu trabalho habitual com o auxilio de instrumentos imaginarios. E acompanhava esta pantomima com um certo movimento da lingua no ceo da boca, para imitar o sussurro do rebolo nos seus movimentos de rotação.

— Mas, senhor, — repetio Luiza, cujo espanto era cada vez maior — olhae, olhae para meu pae!

E aproximando-se logo do artista, disse:

— Meu pae!... oh meu pae!...

Morel voltou a cabeça e olhou para sua filha com olhos turvos, vagos e indecisos, proprios dos dementes; e sem desistir da sua insensata manobra, respondeu em voz baixa, meiga e melancolica:

— Devo dusentos e quarenta mil reis ao tabellião... o preço do sangue de Luiza... E' preciso trabalhar, trabalhar, trabalhar! Safa! mas eu lhe pagarei, lhe pagarei, lhe pagarei.

— Jesus! Deus meu! isto não é possivel... não pode durar!... elle não está louco de todo, não é assim? — exclamou Luiza com uma voz que cortava o coração — Elle logo ha-de tornar a si... isto não será mais que um pequeno accesso de delirio...

— Morel!... meu amigo! — disse Rodolfo — nós aqui estamos... vossa filha está innocente... ei-la aqui ao pé de vós...

— Dusentos e quarenta mil reis...

Disse o lapidario sem olhar para Rodolfo, e continuando sempre com o seu supposto trabalho.

— Meu pae! — exclamou Luiza cahindo de joe-

Digitized by Google

lhos, e pegando-lhe nas mãos, apesar de uma debil resistencia — sou eu... sou a vossa Luiza...

— Dusentos e quarenta mil reis... quando não — repetio em voz baixa, e como se quisera dar um recado em segredo, — quando não... levam Luiza á guilhotina...

E tornou a fingir que dava ao rebolo.

Luiza deu um grito horrivel.

— Está louco! — exclamou ella — está louco!... e sou eu... sou eu a causa da sua loucura!... Ai! meu Deus! meu Deus!... vós bem sabeis que eu não tenho a culpa... mas sim esse monstro?...

— Ora pois, minha filha, é preciso animo! — disse Rodolfo — nada de perder as esperanças... isto não é mais que uma demencia momentanea. Vosso pae soffreu demasiados golpes, e a força de um homem não pode resistir a tantos tormentos... Perturbou-se-lhe o juizo momentaneamente... mas por fim ha-de tornar a si.

— Mas a minha mãe... a minha avó... os meus pobres irmãos... Oh meu Deus! o que será delles? — bradou Luiza — Ficam sem elle e sem mim, desamparados... vão morrer de fome, de miseria, de desesperação...

— Socegae, minha filha; ainda eu cá lhes fico, e prometto que nada lhes faltará. Já vos disse que é preciso ter animo; a vossa revelação ha-de trazer comsigo o castigo de um grande criminóso. Estou convencido da vossa innocencia, e vivei certa de que ella ha-de ser reconhecida e publicada.

Digitized by Google

— Ah! senhor, não se dá desgraça como esta!... deshonra, demencia e morte... tudo ao mesmo tempo!... e todos estes males causados por aquelle homem! e nada se pode fazer contra elle!... nada!... Ah! isto é o cumulo da infelicidade.

— Não vos lembreis de tal; antes pelo contrario deveis esperar remedio a vossos males com pensamentos oppostos.

— Não sei o que quereis dizer, senhor.

— Quero dizer que podeis ir certa de que sereis vingada.

— Vingada!

— Sim... E já aqui vo-lo juro — tornou Rodolfo com ar solemne — que se seus crimes se chegarem á provar, esse homem expiará a deshonra, a demencia e a morte de que foi causa. E se a lei não poder castigal-o, se a sua astucia fôr igual a seus delictos, tambem haverá astucia que se opponha á sua astucia, e tambem crimes para os seus crimes, que virão a produsir contra esse infame o mesmo effeito que o justo supplicio imposto por mão inexoravel produz contra o assassino occulto e cobarde.

— Ah! senhor, Deus vos ouça! Não peço vingança por minha causa, é por meu pobre pae demente... por meu filho morto á nascença...

E fazendo logo um ultimo esforço para tirar Morel da sua mania, Luiza tornou a bradar:

— Adeus, meu pae!... Vou para a cadêa... não nos tornaremos mais a vêr! Olhae que sou a vossa querida filha... Meu pae... meu pae!...

Digitized by Google

Nada respondeu Morel á voz tremula e desesperada de sua filha Esta voz não achou echo naquelle coração retalhado de golpes... e posto que as fibras da paternidade sejam as ultimas a relachar-se, estas agora já não vibravam...

.....

Nisto abrio-se a porta da agua-furtada.

O commissario entrou; e disse para Rodolfo:

— Os meus momentos estão contados. E a meu pesar vos advirto que não posso consentir em que se demore mais esta entrevista.

— Está terminada, senhor commissario, — responde Rodolfo com amargura, apontando para Morel. — Luiza já nada tem que dizer a seu pae... e seu pae já a não pode ouvir... está louco...

— Deus do ceo!... verificou-se o que eu tanto receava... Oh! isto é espantoso! — exclamou o magistrado.

E aproximando-se do lapidario, esteve-o observando por espaço de um minuto, e convenceu-se de tão dolorosa realidade.

— Ah! — disse para Rodolfo com ar triste — eu já tinha pedido ao ceo que se descobrisse a innocencia desta pobre rapariga... Porem á vista do tamanha desgraça não me limitarei a desejar-lhe o remedio... Sim, eu exaltarei a probidade e a miseria desta familia; fallarei no ultimo e espantoso infortunio que sobre ella cahio; e não devideis que os juizes terão mais um motivo para declarar innocente a accusada...

Digitized by Google

— Muito bem — disse Rodolfo. — Por esse modo elevaes-vos muito acima do vosso ministerio, pois assim não desempenhaes obrigações, mas exerceis uma especie de sacerdocio...

— Acreditae-me, senhor, a nossa missão é sempre tão penosa, que sentimos muita satisfação quando nos podemos interessar por uma pessoa honrada e virtuosa.

— Permitti-me que vos diga mais uma cousa: as revelações de Luiza Morel provaram-me com toda a evidencia a sua innocencia... Podereis agora dizer-me como é que se descobrio ou denunciou o seu pretendido crime?

— Esta manhãa — replicou o commissario — uma criada do tabellião Jacques Ferrand veio dizer-me que depois da inesperada sahida de Luiza Morel, que estava grávida de sete mezes, subira ao quarto della, e ahi descobrira signaes manifestos de um parto clandestino; e que depois de algumas investigações, seguindo umas pegadas marcadas na neve, se tinha achado o corpo de um recem-nascido enterrado no jardim. Ouvida a declaração da sobredita mulher, dirigi-me logo a caza do senhor Jacques Ferrand, na rua de Sentier, e ali achei o tabellião muito indignado por ter succedido semelhante escandalo em sua caza. O cura da igreja da Boa Nova, a quem por tal motivo o tabellião tinha mandado chamar, tambem declarou na minha presença, que a filha de Morel confessara um dia diante delle a sua fraqueza, implorando ao mesmo tempo

Digitized by Google

o perdão e a piedade de seu amo; e que alem disto por varias vezes foi testemunha das severas reprehensões, que o senhor Ferrand dava a Luiza, prognosticando-lhe já então, que mais dia menos dia ella se havia de perder; « e o caso é » accrescentou o cura, « que o prognostico acaba de se realisar. » A indignação do senhor Ferrand — continuou o commissario — pareceu-me tão ingenua e legitima, que eu não pude deixar de me indignar com elle. Disse-me que Luiza Morel estaria provavelmente em caza de seu pae; e é por isso que logo para aqui vim, pois o corpo de delicto me dava direito a proceder a prisão immediata.

Rodolfo fez diligencia por se conter quando ouvio fallar na *indignação* do tabellião, e disse para o magistrado:

— Agradeço-vos, senhor commissario, a vossa bondade, e o apoio que quereis dar a Luiza; eu vou mandar este infeliz para um hospicio de alienados, e tambem a mãe de sua mulher...

E dirigindo-se logo para Luiza, que ainda estava ajoelhada diante do seu pae, fazendo vãos esforços por o chamar á razão, continuou:

— Resignae-vos, minha filha, a sahir sem vos despedirdes de vossa mãe... Evitae esse doloroso lance... Não vos dê cuidado a sua sorte, porque de hoje em diante nada faltará á vossa familia; ha-de-vir uma mulher para tratar de vossa mãe, e de vosso irmãos, debaixo das vistas da nossa boa visinha Rigoleta. Em quanto ao vosso pae, ha-de-se fazer

Digitized by Google

tudo o que estiver ao alcance humano para que a sua cura seja prompta e completa... Animo! minha filha. A sorte persegue ás vezes bem cruelmente a gente honrada, que por fim sahe do infortunio mais pura, mais forte e mais respeitavel...

.....

Duas horas depois da prisão de Luiza, foram levados para Bicetre, por ordem de Rodolfo, o lapidario e a velha idiota, com recommendação para que estes dous infelizes fossem tratados com o maior desvelo. Morel deixou-se levar sem fazer resistencia: a sua loucura era mansa, triste e inoffensiva, e consentia em tudo o que delle queriam fazer. A velha, como tinha fome, tambem foi facilmente atraz do pão e da carne que lhe mostravam. As joias do lapidario, confiadas a sua mulher, foram no mesmo dia entregues á senhora Martha, que as veio buscar. Mas por desgraça o Manquitó sabedor do valor das pedras que se queriam fazer passar por falsas, pelo que tinha ouvido da conversa entre Morel e os beleguins, seguio a corretora, e certificou-se que morava no boulevard de S. Dionisio n.º 11.

Rigoleta informou do melhor modo que poude Magdalena Morel do successo de demencia do lapidario, e da prisão de Luiza. Chorou Magdalena amargamente, deu gritos de desesperação; e passada a primeira effervescencia de dôr, a pobre mulher, debil e prostrada pela molestia, pouco a pouco se foi consolando, por se vêr a si e a seus filhos providos de tudo que faz a vida commoda, devido á generosidade do seu protector.

Digitized by Google

Em quanto a Rodolfo, tristissimo foi o estado a que o redusiram as reflexões que fez sobre as revelações de Luiza.

« Não ha cousa mais frequente » dizia elle comsigo « do que essa corrupção mais ou menos violenta em que os amos fazem incorrer as criadas; uns por meio do terror e da surpresa; outros pela imperiosa natureza das relações annexas á servidão.

« Esta depravação, que desce do rico ao pobre, e que para satisfazer-se despreza a tutelar inviolabilidade do lar domestico; esta depravação que é triste e odiosa, ainda que por vontade se acceite, toma com tudo o caracter mais odioso e horrivel quando é imposta pela força. E' uma servidão impura e brutal, um barbaro e ignobil captiveiro da creatura, que no meio do seu espanto responde com lagrimas aos desejos de seu amo, e com temor e inquietação aos seus carinhos.

« E que funestas consequencias para uma mulher não traz comsigo esta irracional tyrania! quasi sempre o aviltamento, a miseria, a prostituição, o roubo, e ás vezes o infanticidio!

« E a lei não pode nada para estes casos.

« A qualquer cumplice em um crime impõe-se a pena marcada a esse crime. A quem acoita ladrões impõe-se a pena devida aos que rombam.

« Não ha nada mais justo.

« Mas se um homem para entreter o tempo, ou por outra qualquer causa semelhante seduz uma joven innocente e pura, e depois de a fazer mãe a

Digitized by Google

abandona, e a condemna á vergonha, ao infortunio e á desesperação, e a impelle deste modo a commetter um infanticidio, que ella tem de pagar com a cabeça...

« Deverá esse homem ser considerado como cumplice?

« Ora essa!

« Pois isso é cousa que valha a pena?! Foi um namorito, um capricho do momento provocado por um lindo palmo de cara... e satisfeito o appetite... adeus minha vida... vamos a outra...

« Mas ainda aqui não pára o caso; por pouco original e extravagante que esse homem seja (ainda que fora disso seja uma excellente creatura), elle ouvirá com a maior serenidade o interrogatorio da sua victima nò tribunal.

« Se por ventura elle é citado para testemunha, divertir-se-ha em aconselhar áquelles entes estranhos que façam guilhotinar a rapariga, para honra e gloria da moral publica: e dirá:

— « Tenho que revelar ao tribunal um facto importante.

— « Podeis fallar.

— « Senhores jurados:

« E' certo que esta desgraçada era virtuosa e pura... E' certo que eu a sedusi... Tambem é certo que teve de mim um filho. Mas depois como era loira dos cabellos, desgotei-me della, e deixei-a por outra que era trigueira e de cabellos pretos. E em tudo isto não fiz mais que usar de um direito im-

Digitized by Google

prescreptivel, de um direito sagrado, que a sociedade reconhece, e me confere...

— « Não tem duvida que este mancebo está completamente no uso do seu direito — dirão uns para outros os jurados. — Não ha lei alguma que prohiba ter um filho de uma rapariga loira, e abandonal'-a depois por outra trigueira. O que se segue dahi é que elle é um maganão de bom gosto!

— « Agora, senhores jurados, essa desgraçada confessa que matou o filho... (melhor diria o meu filho, apesar de a ter abandonado), porque eu a deixei, e porque vendo-se só e redusida á maior miseria, teve medo de tal situação, e perdeu o juizo. Mas porque perdeu ella o juizo? porque, segundo diz, tendo de cuidar de seu filho, e de o alimentar, não podia trabalhar o tempo necessario para ganhar o seu sustento e o do fructo do nosso amor. Porem taes razões, no meu modo de pensar, pouco ou nada valem. Pois ella não podia ir ter o seu parto ao hospicio da Maternidade, se lá houvesse lugar vago? E alem disso, quem é que a impedio de ir no momento critico a caza do commissario do bairro declarar-lhe a sua... vergonhosa situação, a fim de elle a authorisar para lançar a criança na Roda? Acazo não poude essa rapariga sahir dos apertos em que se vio por um modo menos brutal, em quanto eu estava no bilhar jogando a *pula*, a fazer horas para ir para a minha trigueira? Por quanto, devo confessar-vos, senhores jurados, que nada acho mais commodo e cavalheiro do que este modo de a gente

Digitized by Google

se vêr livre do fructo de uns poucos de momentos de extravagancia e de prazer, e de affastar de si o aguilhão dos remorsos, e os cuidados do futuro. Era o que faltava!... que uma pobre rapariga depois de ter perdido a honra, de zombar do desprezo e da infamia, e de trazer por nove mezes no seu ventre o fructo de uma união illegitima... tivesse tambem de o criar, educar, arranjar, e fazer delle por fim um homem honrado como seu pae, ou uma rapariga virtuosa, que se não prostitua como sua mãe... Porque, n'uma palavra, os deveres da maternidade são muito sagrados, e as mães que despresam estes deveres sagrados, são dignas de castigo exemplar e terrivel... Por tanto, senhores jurados, digo e torno a dizer que deveis entregar quanto antes ao algoz essa malvada; e dest'arte sereis tidos por cidadãos virtuosos, independentes, firmes e illustrados. — *Dixi.* »

« Este senhor considera a questão debaixo de um ponto de vista eminentemente moral — dirá muito pasmado qualquer carapuceiro ou agiota convertido em presidente do jury: — Não fez nem mais nem menos do que o que qualquer de nós faria no lugar delle, porque a tal loirita é muito galante, posto que lhe falte um pouco a côr. O bom do homem tem lábia para engodar loiras e trigueiras, como diz o outro; e depois, não ha lei que lho prohiba. Em quanto á pobre rapariga, não ha duvida que ella teve a culpa! Porque se não defendeu ella? Escusava muito bem de commetter um crime... um

Digitized by Google

crime monstruoso... vergonha da humanidade...

« E o rico carapuceiro e o agiota terão muitissima razão.

« E á vista disto como se poderá criminar o tal sujeito? de que cumplicidade directa ou indirecta, moral ou material pode elle ser accusado?

« Este feliz velhaco sedusio uma bella rapariga, e depois abandonou-a, como elle mesmo confessa; mas que é da lei que lhe veda qualquer das cousas?

« Não diz por ventura a sociedade, em casos desta natureza, o mesmo que aquelle pae de uma certa historia ratona:

« — *Cuidado com as egoas... que eu soltei o potro!*

« Mas se um pobre desgraçado, por necessidade, ou timidez, ou por ignorancia das leis que não sabe lêr, compra umas calças velhas, sabendo que foram furtadas... irá degradado por vinte annos para um presidio como capa de ladrões, se a pena do ladrão tambem forem esses mesmos vinte annos.

« Isto é um raciocinio logico, e de muita força.

« Se não houvesse receptadores de roubos não haveria ladrões.

« Se não houvesse ladrões não haveria receptadores.

« Logo... tanta indulgencia... ou menos indulgencia ainda deve haver para o que excita á maldade, do que para quem faz o mal... Castigue-se por tanto com o maior rigor a mais pequena cumplicidade. Isto sim... isto é que é um pensamento severo e fecundo, sublime e moral!

Digitized by Google

« Mas, alto lá! não nos curvemos sem mais nem menos a essa lei que a sociedade dictou... note-se primeiramente, que essa mesma sociedade tão inexoravel contra a mais leve cumplicidade nos crimes *contra as cousas*, está de tal modo organisada, que no seio della seria reputado visionario o homem ingenuo e simples, que tentasse provar que ha ao menos mancomunação moral e cumplicidade material entre o seductor inconstante, e uma donzella sedusida e abandonada.

« E se esse homem simples se aventurasse a dizer que sem pae... naturalmente não haveria filho... chegariam ao ceo os gritos da sociedade contra tamanha atrocidade, contra tamanha loucura.

« E com razão; porque esse homem capaz de dizer tão boas cousas aos jurados, se fosse apaixonado das scenas tragicas, veria com a maior tranquillidade cortar o pescoço á sua amante, convencida do crime de infanticidio, no qual tinha sido cumplice, ou para fallar com mais exactidão, do qual tinha sido author por causa do seu horrivel abandono...

« Acazo não prova esta delicada protecção, conferida á parte masculina da sociedade, a favor de certas brincadeiras inspiradas pelo travesso deus do amor, que os francezes ainda conservam o culto das Graças, e que elles são o povo mais galante e cavalheiro do mundo?

Digitized by Google

Digitized by Google

IX.

JACQUES FERRAND.

No tempo em que succederam os factos que temos noticiado, havia em uma das extremidades da rua de Sentier um comprido muro, cheio de fendas, terminado em espigão, todo coberto de fragmentos de vidros de garrafas. Este muro era o limite do quintal de Jacques Ferrand para o lado da rua, e pegado a elle estava a caza com janellas para a rua, constando de um só andar com aguas furtadas. Dos dous lados da porta cocheira, toda carunchosa, e tão cheia de lama que nem já se lhe conhecia a primeira côr de que fôra

Digitized by Google

pintada, figuravam duas grandes taboletas de cobre dourado, insignias do cartorio do tabellião.

Entrava-se para um portal espaçoso, que tinha á direita o quarto do porteiro, velho e meio surdo, que representava na corporação dos alfaiates o mesmo que no gremio dos sapateiros era o bom Pipelet: á esquerda estava a cavalhariça, que ali fazia as vezes de adega, celeiro, carvoeira, e de estabelecimento a uma colonia nascente de coêlhos, installados na mangedoura pelo porteiro, que entretido com a criação destes animaes domesticos, se ia distrahindo dos pesares da sua recente viuvez. Ao lado do quarto do porteiro abria-se a porta da escada, que era estreita, escura e tortuosa. Por esta escada ia-se para o escritorio, segundo o mostrava aos clientes uma mão pintada de preto, apontando para as seguintes palavras, tambem pintadas de preto na parede: ☞ *Escritorio no primeiro andar.*

A um lado do espaçoso pateo, todo ladrilhado, e coberto de herva em todas as fendas, havia umas cocheiras vazias, e ao outro lado uma grade de ferro, já muito comido de ferrugem, que fechava o quintal; e no fim deste pateo era a casa unicamente habitada pelo tabellião. Uma escada de oito a dés degraos, composta de pedras deslocadas, movediças, cobertas de um musgo esverdeado, e já gastas pelo tempo, dava entrada para este edificio quadrado, que constava de cosinha e outras dependencias subterraneas, de um andar ao rez do chão, de um primeiro andar, e de outro de aguas furtadas, onde

Digitized by Google

fôra o quarto de Luiza. O edificio parecia tambem muito arruinado; as paredes estavam cheias de fendas; as janellas e persianas pintadas algum dia de cinzento, tinham-se já tornado negras; as seis janellas do primeiro andar, que se abriam sobre o pateo, não tinham cortinados, e os vidros dellas estavam cobertos de uma grossa camada de pó, que os tornava inteiramente opacos; e no andar da rua viam-se através de uns vidros mais transparentes, umas cortinas de caça amarella com florões vermelhos.

Para o lado do quintal não tinha a caza mais de quatro janellas: e o quintal que parecia abandonado, estava cheio de ortigas e outras plantas bravias. Nem um canteiro plantado, nem um só arbusto ali se avistava. Um pequeno souto de olmeiros, cinco ou seis arvores verdes, algumas acacias e sabugueiros, um campo de herva descorada ou quasi secca, comida de musgo, e em parte queimada do calôr; ruas barrentas todas cheias de tojos; no fundo uma estufa meia subterranea, e á roda as altas paredes das cazas visinhas, pardas e sem reboco, com algumas frestas atravessadas de varões de ferro como as grades de uma cadêa: tal era o melancolico conjuncto que á vista apresentavam o quintal e a morada do tabellião.

Era para notar a grande importancia que Jacques Ferrand dava a esta apparencia, ou, para melhor dizer, a esta realidade. Aos olhos do vulgo passa quasi sempre por desinteresse o despreso das com-

Digitized by Google

modidades, e por austeridade a indecencia. Se se comparar o fausto sumptuoso de alguns tabelliães, e o trem fabuloso de certas tabelliôas com a triste morada de Jacques Ferrand, tão indifferente á elegancia, á moda e ao fausto, os clientes concebiam uma especie de confiança cega por este homem, que segundo a numerosa clientela, e as immensas riquezas que lhe suppunham, muito bem podéra dizer como alguns dos seus collegas: « *O meu coche*, *o meu banqueiro*, *a minha quinta*, *o meu camarote*, *etc.* Mas nada; em vez disso Jacques Ferrand vivia com severa economia; e por tal motivo acudiam-lhe a caza o maior numero de depositos de dinheiro, de fideicommissos, e n'uma palavra todos os negocios em que se requer à mais decidida integridade e boa fé.

Em viver assim com parcimonia, seguia o tabellião os seus gostos naturaes, porque elle detestava as companhias, o fausto, e os prazeres, que custam muito dinheiro; mas dado que fosse muito diverso o seu genio, elle por certo não hesitaria em sacrificar os seus gostos mais dominantes para sustentar a apparencia de que precisava revestir-se.

Diremos agora duas palavras sobre o caracter deste homem. Era um individuo da numerosa familia dos avarentos. O avarento quasi sempre é representado debaixo de um aspecto ridiculo e grotesco: os peores, segundo a opinião geral, não passam de egoistas e duros de coração; a maior parte delles augmenta a sua fortuna enthesourando; alguns, e estes em mui pequeno numero, aventuram-se a em-

Digitized by Google

prestar a uns trinta por cento; e os mais atrevidos mal se atrevem a encarar o abysmo terrivel da agiotagem; mas é quasi inaudito nos annaes da avareza, que um avaro commettesse assassinio ou qualquer outro crime para adquirir novos bens.

Achamos isto bem natural.

A avareza é especialmente uma paixão negativa e passiva. O avarento, por meio de incessantes combinações, procura antes enriquecer-se sem gastar e estreitando cada vez mais os limites do que é rigorosamente necessario, do que enriquecer-se á custa alheia; é um martyr da conservação. O avarento é debil, timido, astuto, desconfiado, prudente e circumspecto, inoffensivo, indifferente aos males, e incapaz de fazer mal a alguem; é sobre tudo amigo da certeza e do positivo, ou para melhor dizer, só é avarento, porque só acredita no que está feito, e no ouro que tem na sua burra. As especulações, os mais seguros emprestimos bem pouco o estimulam, porque ha risco de perder, por mais improvavel que esse risco seja, e prefere sacrificar o interesse do seu dinheiro a expôr o seu capital. Homens de condição tão timida, jámais poderão sentir a energia com que o ladrão ou o assassino se expõe ao degredo e á morte com o fim de se apossarem do alheio.

Risco, é um vocabulo que se não encontra no diccionario do avarento; e neste sentido era Jacques Ferrand um singular avarento, uma excepção, uma especie, por ventura, nova da *communhão avarenta*,

Digitized by Google

porque elle arriscava muito. Contava com a sua costumada destreza, com a sua hypocrisia profunda, com o seu engenho subtil e fecundo, e com uma dissimulação e audacia infernaes para impunemente se livrar de seus crimes, que já eram mui numerosos. Porém Jacques Ferrand ainda era outra excepção do mesmo genero.

As pessoas aventuradas e energicas, que não receiam commetter nenhum crime para adquirir ouro, sentem geralmente paixões dominantes e fogosas; taes como o jogo, o luxo, os banquetes, e os prazeres desordenados. Jacques Ferrand não conhecia nenhum destes vicios violentos e desenfreados: dissimulado e circumspecto como um falsario, cruel e resoluto como um assassino, era ao mesmo tempo sobrio e methodico como Harpagon. Só uma paixão.... um só appetite vergonhoso, ignobil e quasi feroz como nas bestas-feras, o exaltava ás vezes a ponto de o enfurecer.

A luxuria.

A luxuria das feras, a luxuria do lobo e do tigre. Quando este fogo impuro punha em combustão o sangue daquelle homem robusto, o rosto inflammava-se-lhe, a effervescencia carnal obstruia-lhe o entendimento, e esquecido então da sua consummada prudencia, convertia-se, como já dissemos, em lobo e em tigre, como quando pela primeira vez tentou violentar Luiza. O soporifico, e a audaz hypocrisia com que negou o seu crime, eram nelle cousas mais naturaes, mais conformes do que a força

Digitized by Google

aberta. As diversas faces do amor eram neste homem os desejos mais materiaes e grosseiros, um ardor brutal, e um desejo irracional e feroz. Isto quer dizer, que a hospitalidade, a bondade e a generosidade lhe eram absolutamente desconhecidas, como já vimos na sua conducta com Luiza, pois o emprestimo dos duzentos e quarenta mil reis que fizera a Morel com enormes juros, era um perfeito ardil, um meio de oppressão, e um bom negocio, vista a segurança que elle tinha na probidade do lapidario, que tarde ou cedo lhe havia-de pagar. Assim mesmo, para largar de si aquella quantia foi preciso toda a profunda impressão que lhe causou a formosura de Luiza.

A' excepção desta fraqueza, Jacques Ferrand só tinha paixão por dinheiro. E só tinha paixão por dinheiro por ser dinheiro, e não pelas commodidades e gozos que por elle se alcançam, porque era estoico; nem tambem pelos prazeres que elle *podia* proporcionar, porque o seu genio não era tão poetico que se nutrisse de especulações, como acontece a certos avarentos. Em quanto ao que lhe pertencia, elle amava a posse só por ser posse: e pelo que pertencia aos outros, se, por exemplo, tinha de devolver algum rico deposito lealmente confiado á sua probidade, sentia no acto da entrega a mesma dôr, a mesma desesperação que experimentaria o joalheiro Cardillac ao separar-se de qualquer das obras primas do seu exquisito gosto. E para o tabellião era uma *obra prima d'arte* a sua brilhante

Digitized by Google

reputação de probidade; e um deposito era para elle uma joia de que não podia desprender-se sem a mais violenta e aguda dor. Tinha empregado os desvelos, a astucia, a habilidade, n'uma palavra, a *arte*, e tudo isto no ponto mais requintado para atrahir ao seu cofre aquella somma, para consolidar aquella brilhante reputação de probidade, na qual se engastavam diariamente as mais preciosas provas de confiança, como os diamantes no ouro dos diademas de Cardillac. Diz-se, que este artista dava ás suas joias tanto maior valor, quanto mais se ia aperfeiçoando, considerando sempre a ultima como a sua melhor obra de mestre, da qual se não podia desfazer sem o mais profundo pezar. Da mesma sorte Jacques Ferrand, quanto mais se aperfeiçoava no crime, maior apreço fazia dos signaes de confiança que lhe manifestavam... reputando a sua ultima iniquidade como a sua melhor obra prima...

O fio desta historia fará conhecer as combinações e tramas prodigiosas, por via das quaes conseguio appropriar-se de consideraveis depositos. Em sua vida subterranea e mysteriosa sentia os repetidos e terriveis abalos do jogador. Jacques Ferrand parava contra a fortuna de todos a sua hypocrisia, a sua astucia, a sua audacia, e a sua cabeça... mas dinheiro, só aventurava o ganhado: porque á excepção do castigo da justiça humana, que elle vulgar mas energicamente caracterisava como uma *chaminé que podia cahir-lhe sobre a cabeça*, o perder para elle era o mesmo que deixar de ganhar; e che-

Digitized by Google

gava a tal ponto a sua intenção criminosa, e a sua cruel ironia, que só via um lucro continuado na illimitada estima e confiança que inspirava, não só a uma multidão de clientes ricos, mas tambem a pessoas de mediana classe, e aos proprios jornaleiros do seu bairro. Muitos destes quando depositavam o dinheiro em seu poder, costumavam dizer: « Elle na verdade não é caritativo; e é pena que seja tão devoto; mas é mais seguro que o proprio governo, e do que a caixa economica. » Este homem, não obstante a sua grande habilidade, tinha cahido em dous grandes erros, daquelles de cujo resultado jámais se salvam os criminosos de profissão. A força de circumstancias havia-o obrigado a associar-se com dous cumplices; *erro* immenso, como elle lhe chamava, e que até certo ponto já tinha remediado, porque nenhum delles podia da denuncia tirar outro proveito, que não fosse o cahir juntamente com o tabellião debaixo da espada da justiça. Por este lado nada tinha elle que temer; e alem disso, como ainda não tinha posto termo aos seus crimes, ficavam compensados os inconvenientes da cumplicidade, com o criminoso auxilio que della algumas vezes tinha de exigir.

Digamos agora alguma cousa da pessoa de Jacques Ferrand, e depois introduziremos o leitor no escriptorio do tabellião, onde teremos ainda de encontrar as principaes figuras desta historia.

Tinha Jacques Ferrand uns cincoenta annos, posto que não representava mais de quarenta: era de

Digitized by Google

estatura mediana, de hombros largos, vigoroso, gordo, corado, e cabelludo como um urso. Tinha poucos cabellos nas fontes da cabeça, e a frente era toda calva; as sobrancelhas mal se lhe percebiam, e a sua cor biliosa quasi desapparecia debaixo de uma multidão de manchas vermelhas; quando porém alguma violenta emoção o agitava, aquella estranha mascara injectava-se de sangue, e tomava uma côr bronzeada e livida. O seu rosto era inexpressivo como a cara de um defuncto: o nariz achatado; os labios delgados, e tão imperceptiveis, que a boca parecia uma incisão feita no meio da cara; e quando se ria deixava ver as extremidades dos dentes negros e podres. Trazia a barba rapada até ás fontes da cabeça, o que dava á sua cara desenxabida uma tal ou qual expressão severa e beata, impassivel e rigida, circumspecta e reflexiva; e seus olhos pequenos e pretos, vivos, penetrantes e inquietos, quasi desappareciam por detraz de uns grandes oculos verdes.

Jacques Ferrand tinha optima vista; mas com o auxilio dos oculos podia ver sem ser visto, e isto era considerado como uma vantagem incalculavel, por saber quão significativo é, ás vezes, um olhar involuntario. Apezar da sua audacia imperturbavel, tinha-se já por duas ou tres vezes encontrado com certos olhares poderosos e magneticos, que o obrigaram a fitar os seus olhos no chão: e elle sabia que em algumas circumstancias decisivas é mui perigoso abaixar os olhos diante do homem que nos interroga,

Digitized by Google

que nos accusa, ou que nos julga. Os grandes oculos de Jacques Ferrand eram por tanto uma especie de trincheira, a coberto da qual elle observava attentamente as mais insignificantes manobras do *inimigo*... porque todo o mundo era seu inimigo, pois que a todos o tabellião queria enganar. A negligencia com que de proposito se vestia, podia-se sem escandalo chamar porcaria, porque elle era sordido por natureza. A sua cara barbeada de tres em tres dias, a calva suja e luzidia, as unhas chatas e debruadas de negro, o cheiro que exhalava, repugnante e agreste, o casacão velho e remendado, o chapeo encebado, a gravata reles e atada com desalinho, as meias de lãa preta, e os sapatos largos e de sola grossa, realçavam a sua virtude aos olhos dos clientes, e davam a este homem um ar de desapego do mundo, e um cheiro de philosophia rançosa, que os encantava.

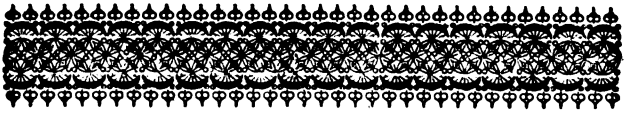
A que prazeres, a que paixões, a que fraquezas humanas sacrificaria o tabellião a confiança de que gosa?... — diziam os que o conheciam — Ganhava talvez dés contos por anno, e o seu serviço reduzia-se a uma criada, e a uma ama de governo; o seu unico prazer era ouvir missa todos os Domingos, e assistir a vesperas nas igrejas. Não conhecia opera que se podesse comparar ao som grave e compassado do orgão, nem sociedade no mundo equivalente ao prazer de passar uma noite ao lume do fogão em companhia do seu padre-cura depois de um jantar frugal. Finalmente, fazia consistir o goso

Digitized by Google

na probidade, o seu orgulho na honra, e a sua felicidade na santa observancia da religião.

Era esta a opinião que os contemporaneos de Jacques Ferrand faziam daquelle grande e rarissimo homem de bem...

Digitized by Google



X.

O ESCRIPTORIO.

O Escriptorio e os escreventes de Jacques Ferrand parecia-se com os mais escriptorios e escreventes; e para elle entrava-se por uma ante-sala, em que não havia mais trastes do que quatro velhas cadeiras. No escriptorio rodeado de estantes cheias de caixas de papelão, em que se arrecadavam os papeis dos clientes de Jacques Ferrand, havia cinco mancebos recostados sobre outras tantas mezas de madeira escura, os quaes riam, fallavam, e escrevinhavam ou rabiscavam constantemente. Uma sala em que os concorrentes esperavam,

Digitized by Google

rodeada igualmente de estantes com caixas de papelão, e em que estava sempre o regente, e outro gabinete, desoccupado, e sem cadeiras nem mezas, que separava a sala do regente do gabinete do tabellião; tal era o arranjo daquelle laboratorio de actos de toda a especie.

Acabavam de dar duas horas em um antigo relogio de parede, collocado entre as duas janellas do escritorio. Notava-se nos escreventes um ar de agitação, cujo motivo não será difficil de adivinhar pelos seguintes retalhos da sua conversação.

— Tenho dito! — exclamou um dos rapazes — se alguem me disser que Francisco Germano é ladrão, dir-lhe-hei que mente!

— E eu tambem!...

— E tambem eu!...

— Pois a mim causou-me tal barulho na machina o vel'-o ir no meio da escolta, que nem pude almoçar... Mas em paga disso tive a fortuna de poupar a áçorda á tia Serafina; porque como diz o cantor de Elvira:

> Quem do tabellião a sopa come,
> Até o pae comerá, morto de fome.

— Bravo! ahi começa Caramelo com as suas charadas.

— Viva o Caramelo!

— Está bom! deixemo-nos de graças; que o caso não é de brincadeira.

— Tres contos de reis não é qualquer cousa!

Digitized by Google

— Isso é que não tem duvida!

— Mas não ter faltado nem um misero real na casa do tabellião em todo o espaço de quinze mezes em que Germano foi thesoureiro...

— Eu estou convencido que o senhor Ferrand não teve razão para mandar prender Germano, porque o pobre rapaz jurava por quanto havia de mais sagrado, que só tinha tirado duzentos e quarenta mil reis em ouro.

— E esses duzentos e quarenta mil reis eram exactamente os que elle trazia esta manhãa para pôr na gaveta, quando o senhor Ferrand chamou a guarda para o prender...

— Ahi está o que traz comsigo uma probidade feroz, como a do nosso patrão; a gente assim é gente indomavel!

— Mas em todo o caso devêra pensar antes de deitar a perder um pobre moço como Germano, que tão bem se tinha comportado até então.

— Mas diz o senhor Ferrand, que é para dar um exemplo.

— Qual exemplo nem qual carapuça! De que serve isso para os que não são honrados? e os que o são, sabem muito bem, que se roubarem podem ser descobertos.

— Safa! que a tal caza vae dando bem que fazer ao commissario!

— Porque?

— Porque? esta manhãa a pobre Luiza... agora Germano...

Digitized by Google

— O caso de Germano não me parece muito claro...

— Mas elle confessou.

— Sim; confessou que tinha tirado da gaveta os dusentos e quarenta mil reis em ouro; mas affirma como um desesperado, que não tirou nem os dous contos e quatrocentos mil reis em notas, nem os outros cento e sessenta mil reis, que o nosso patrão diz que lhe faltam.

— E é verdade; pois se elle confessou uma cousa, porque motivo ha-de negar a outra?

— E muito mais que a pena é igual, ou o roubo seja de cem mil reis ou de tres contos.

— Mas com tres contos pode-se arranjar um negocio, ou um bom officio, quando se sahir da cadêa: porque, como diz o outro, por muito pão nunca vae mal ao anno.

— Matem-me esse maldito Caramelo!... esse saco de rifões!...

— Não se pode fallar um momento com formalidade.

— Ahi vem Javalote de um recado. Ha-de ficar assombrado quando souber o que ha.

— Que ha de novo, que ha, rapazes? Que noticias tendes da pobre Luiza?

— Se não tardasses tanto saberias o que vae.

— Sim; que daqui á rua Chaillot é muito perto!...

— Oh! máo!... má commissão!

— E o visconde?... e o famoso visconde de Saint-Remy?

Digitized by Google

— Ainda não voltou?

— Ainda não. Mas tinha o coche aparelhado, e disse-me o escudeiro, que não tardaria a estar de volta; e tambem me disse que lhe parecia que seu amo tinha cousa que lhe dava grande cuidado... Mas, se vós visseis, rapazes, que caza tão linda!... parece uma dessas cazas de outros tempos, como as que nos pintava a historia de Faublas... Oh! Faublas... o meu heroe! o meu modêlo! — disse o escrevente, pondo a um canto o guarda-chuva, e desafivelando as galochas.

— Tens razão, Javalote. Porque como diz Homero, o divino cego:

Esse Faublas, amante escandaloso
De duquezas e criadas... que goloso!

— Morra Caramelo!

— Mas fallemos do visconde de Saint-Remy. Segundo diz Javalote, tem um palacio magnifico.

— Piramidal!

— Então já me não admira que tenha dividas, e que haja ordens de prisão contra elle.

— E' uma lettra de sete contos acceite por elle, que cá trouxe o official encarregado da execução, porque o credor quer que ella seja paga no escriptorio do senhor Ferrand, sem que eu perceba o motivo de semelhante capricho.

— Agora não tem remedio senão pagar o bom do visconde, porque hontem á noite voltou da aldêa,

Digitized by Google

onde esteve retirado tres dias para se livrar dos officiaes do tribunal do commercio.

— Mas porque não fiseram penhora na caza?

— Não que o visconde não é nenhum papalvo! A caza não é delle, e a mobilia está em nome do escudeiro. Os cavallos e os coches são propriedade do cocheiro, que diz que alluga ao visconde carruagens magnificas por um tanto ao mez. E' muito ladino o tal visconde de Saint-Remy. Mas que ieis vós a dizer-me? que houve de novo?

— Haverá duas horas entrou aqui o tabellião, e vinha como uma braza: e perguntou em tom alto: — « Está cá Germano? » — « Não, senhor » respondemos-lhe nós. — « Pois esse miseravel roubou-me a noite passada tres contos de reis » replicou o tabellião.

— Germano furtar!... forte disparate!

— Já o vaes vêr. — Estaes, senhor, certo do que dizeis? isso não é possivel » respondemos-lhe todos. — « Digo-vos » tornou o patrão a replicar-nos; « digo-vos que ainda hontem tinha posto na gaveta da escrivaninha, em que elle trabalha, vinte notas de cem mil reis, com mais um conto em ouro; e tudo me desappareceu de lá. » — E quando estavamos nisto, entrou Marriton, o porteiro, dizendo: « Senhor, a guarda vem já ahi. »

— E Germano?

— Espera um pouco... O patrão disse para o porteiro: « Logo que chegar o senhor Germano, diz-lhe que venha direito ao escriptorio, e não lhe con-

Digitized by Google

tes nada do que se tem passado... Quero envergonhal'-o diante de todos. » Teria passado um quarto de hora quando chegou o pobre Germano, como se não fosse nada com elle; a tia Serafina acabava de nos trazer a açorda, elle cumprimentou o patrão, e deu-nos os bons dias com o maior socego do mundo, — « Não almoçaes, Germano? » disse o senhor Ferrand. — « Não, senhor; muito agradecido, não tenho vontade. » — Viestes hoje muito tarde. » — « E' verdade, senhor... Mas tive de ir a Belleville esta manhãa. » — « Naturalmente para esconder o dinheiro que me roubastes, não é assim? » exclamou o senhor Ferrand com voz terrivel.

— E Germano?

— O pobre rapaz fez-se pallido como um defuncto, respondeu balbuciando: — Senhor, pelo amor de Deus vos supplico que me não deiteis a perder...

— E elle de veras tinha roubado?

— Espera, que já o vaes vêr. — « Não me deiteis a perder, senhor! » replicou o patrão. — « Então confessaes, miseravel? » — Sim, senhor... mas aqui está o dinheiro que falta. Eu esperava repol'-o esta manhãa na gaveta antes que vos levantasseis; mas infelizmente a pessoa a quem eu tinha dado a guardar o meu dinheiro, que eu contava encontrar á noite em sua caza, estava ha dous dias em Belleville, e foi-me preciso lá ir esta manhãa. Tal foi a causa da minha tardança... Agora, senhor, rogo-vos que me não deiteis a perder, porque quando tirei este dinheiro sabia muito bem que o podia

Digitized by Google

restituir hoje de manhãa. Aqui estão os dusentos e quarenta mil reis em ouro. — « Como? os dusentos e quarenta mil reis! » exclamou o senhor Ferrand. « Mas vós tambem me roubastes da escrivaninha do quarto do primeiro andar, vinte notas de cem mil reis, e mais setecentos e sessenta mil reis em ouro. » — « Eu!... não, senhor!... » exclamou o pobre Germano espantado. « Não tirei nem um real mais do que os dusentos e quarenta mil reis em ouro. Eu não vi na gaveta nenhuma carteira; nem lá havia mais dinheiro que setecentos e sessenta mil reis em ouro n'uma caixita. » — « Impostor infame! » gritou o senhor Ferrand. « Quem rouba dusentos e quarenta mil reis, é capaz de roubar muito mais; a justiça vo-lo dirá... Eu pela minha parte hei-de ser inexoravel, e hei-de fazer um exemplo que sirva a todos de escarmento... — Por fim chegou a guarda com o escrivão do commissario para fazer o auto; prenderam o pobre Germano; e eis-ahi o que houve.

— Que noticia, meu Deus!... nem que me tivesse cahido em cima a torre de Nossa Senhora!... Quem me diria que Germano!... e parecia tão honrado... tão incapaz de se pegar ao alheio.

— E o mais é que parecia pressentir o que estava para lhe succeder.

— Porque?

— Porque ha tempos a esta parte andava o homem apaixonado.

— Talvez por Luiza.

— Por Luiza?

Digitized by Google

— Pelo menos é o que diz a tia Serafina.

— E então que diz? que diz ella?

— Que elle é o amante de Luiza ... e pae do pequenito ...

— Olhem o sonsinho!... quem diria!...

— Não pode ser.

— E' impossivel!

— E' uma mentira do tamanho desta caza.

— Ainda não ha quinze dias que Germano me confessou que estava namorado, louco, louco varrido por uma costureirita muito honrada, com quem tomara conhecimento em uma caza, onde tinha morado; e ao fallar-me della arrasaram-se-lhe os olhos de lagrimas.

— Que alma tão pura é a do tal Javalote!

— E ainda ha pouco nos disse que Faublas é o seu heroe, e tem a habilidade de não poder comprehender que qualquer pode estar muito apaixonado por uma, e fazer ao mesmo tempo a côrte a outra. Mas, como diz o terno Fenelon nas suas instrucções ao duque de Borgonha:

As trigueiras todas,
As loiras e as brancas
Eu levo nas ancas.

— Matem-me esse maldito Caramelo.

— Assim me Deus salve, como o pobre Germano me fallava serio.

A este tempo entrou o regente no escriptorio.

Digitized by Google

— Então, senhor Javalote, déstes conta da vossa commissão.

— Sim, senhor Dubois, fui a caza do senhor de Saint-Remy, que ficou de vir já pagar.

— E a casa da condessa Mac-Gregor?

— Tambem... aqui está a resposta.

— E a casa da senhora d'Orbigny?

— Disse-me que désse os seus agradecimentos ao senhor Jacques Ferrand. Ainda esta manhãa chegou da Normandia, e não esperava tão cedo a resposta: aqui tendes a sua carta. Tambem estive com o mordomo do marquez de Harville, conforme a recommendação delle, para pagar o importe da escriptura que o outro dia lhe levei a assignar.

— Mas naturalmente disseste-lhe que não havia pressa...

— Sim, disse: mas o mordomo pagou logo: aqui está o dinheiro... Ai! já me ia esquecendo; o senhor Badinot disse-me que tudo estava bom, e que o senhor Ferrand podia fazer o que lhe parecese.

— E não respondeu por escripto?

— Não, senhor: disse que não tinha tempo.

— Está bem.

— O senhor Carlos Roberto tambem hoje deve vir fallar com o patrão: parece que teve hontem um desafio com o duque de Lucenay.

— E ficaria ferido?

— Creio que não: porque em sua casa nada me disseram.

Digitized by Google

— Oh! ahi parou uma carruagem á porta.

— Caspité! que lindos cavallos! como são fogosos!

— Olha que cocheiro inglez tão gordo, com a sua cabelleira branca, e libré parda, agaloada de prata, e as suas duas dragonas como um coronel!

— Naturalmente é algum embaixador.

— E o escudeiro! olha que quantidade de prata que traz em cima de si!

— E que bigodes, santo Deus!

— Ah! — exclamou Javalote — é o coche do visconde de Saint-Remy.

— Caspité! que rico trem!

— Passados poucos momentos entrou no escriptorio o visconde.

Digitized by Google

Digitized by Google

XI.

O VISCONDE DE SAINT-REMY.

A DESCREVEMOS a cara seductora, a exquisita elegancia, e a bella figura de Saint-Remy, que na vespera tinha chegado da quinta de Arnouville, propriedade da duqueza de Lucenay, para onde se tinha refugiado para escapar á perseguição dos guardas do tribunal do commercio, Malicorne e Bourdin. O visconde entrou arrebatadamente no escriptorio com chapéo na cabeça, com ar soberano, imperioso e altivo, com os olhos meio-fechados, e perguntando sem olhar para ninguem:

Digitized by Google

— Onde está esse tabellião?

— O senhor Jacques Ferrand está no seu gabinete — respondeu o regente; — se quizerdes esperar um bocadinho, cavalheiro, elle não tardará a receber-vos.

— Esperar!...

— Mas, senhor...

— Não quero saber disso; ide dizer-lhe que está aqui o senhor de Saint-Remy... Havia de ter que ver se o tal tabellião me fazia agora estar de quarto na sala de espera!...

— Tende a bondade de ir para a sala immediata, que eu lhe vou dar parte — disse o regente.

O visconde encolheu os hombros, e seguio o regente. Passado um quarto de hora que lhe pareceu um seculo, e que converteu em ira a sua impaciencia, o visconde foi introduzido para o gabinete do tabellião.

Era singular o curioso o contraste destes dous homens, ambos physionomistas profundos, e acostumados a penetrar com o primeiro lançar d'olhos o interior das pessoas com quem tinham algum negocio. Era pela primeira vez que Saint-Remy via o tabellião Jacques Ferrand, e sentio-se admirado ao observar as feições daquella cara insulsa, rigida e impassivel, aquelles olhos escondidos atraz de uns oculos enormes, e aquella caveira meio-tapada com um barrete velho de seda preta. O tabellião estava sentado á sua mesa em uma cadeira de couro, junto a um fogão sem adornos, nem friso, todo cheio de

Digitized by Google

cinza, e em que apenas fumegavam dous tições meio apagados. Umas cortinas de panninho verde pendentes de uns ganchos de ferro, occultavam unicamente os vidros inferiores da janella, e davam ao gabinete um reflexo sombrio, livido e sinistro. Algumas estantes de madeira escura cheias de caixas de papellão com seus rotulos, algumas cadeiras de páo de cerejeira com assentos de velludo de Utrecht, um relogio de parede, um sobrado muito sujo, humido e regelado, e um tecto cheio de fendas, e adornado com grinaldas de teias de aranhas, tal era o *sancta sanctorum* do tabellião Jacques Ferrand.

Mal tinha entrado o visconde no gabinete sem ter ainda proferido uma só palavra, quando o tabellião que já conhecia a sua *reputação*, lhe declarou um odio profundo sem que o podesse remediar. Via nelle um rival das suas trapaças; e de mais a mais, por isso mesmo que Jacques Ferrand era homem de physionomia baixa e ignobil, detestava nos outros a elegancia, a graça e a juventude, sobre tudo quando certo ar de insolencia acompanhava estes dotes. O tabellião manifestava habitualmente uma especie de grosseria e rudeza com os seus clientes, que aos olhos delles realçavam a sua importancia e a sua virtude; e tinha deliberado augmentar a brutalidade das suas maneiras na entrevista com Saint-Remy. O visconde tambem não conhecia Jacques Ferrand senão de fama, e por isso esperava encontrar-se com um negociador de genio condescendente, ou mui ridiculo, porque

Digitized by Google

sempre tinha considerado como loucos os homens de probidade proverbial, dos quaes, segundo se dizia, era Ferrand um verdadeiro prototypo. Mas longe de assim succeder, a physionomia e attitude do *cartorario* inspiravam no visconde um sentimento indefinivel de temor e odio. Por isto, e por effeito do seu caracter determinado o visconde exagerou a sua insolencia e fatuidade habituaes. O tabellião não tirou o barrete, nem o visconde o chapéo, e este logo ao entrar a porta do gabinete exclamou em voz alta e mordaz:

— Em verdade, tabellião, que é preciso ser muito exquisito para me obrigar a vir trazer aqui, em lugar de o ir buscar a minha casa, o dinheiro das lettras que acceitei a esse Badinot, e pelas quaes semelhante mentecapto me perseguio judicialmente... E se com effeito vós tendes de me fazer alguma communicação importante, segundo dizeis, nesse caso não devieis deixar-me um quarto de hora á espera na sala de fóra: esse comportamento, tabellião, é muito improprio.

Jacques Ferrand terminou com a maior serenidade uma conta que estava a fazer, limpou methodicamente a penna na esponja embebida de agua que cercava o seu tinteiro de porcellana, ergueu para o visconde a sua cara glacial e cadaverica sem tirar os oculos. Parecia realmente a cara de um defuncto, tendo em lugar de olhos duas grandes orbitas fixas, apagadas e verdes. Depois de olhar um momento para o visconde, disse-lhe com tom breve e incisivo:

Digitized by Google

— E o dinheiro?

Esta insolente serenidade fez desesperar Saint-Remy.

Aquelle idolo das damas, inveja dos homens, personificação da melhor sociedade de Paris, aquelle duellista terrivel nenhuma impressão causou no animo de um miseravel tabellião.

— E as lettras? — replicou o visconde no mesmo tom.

O tabellião não deu resposta, mas com a ponta de um de seus dedos, duros como ferro, e cobertos de pêllos ruivos, tocou em uma grande carteira de couro ordinario, que tinha ao pé de si.... Resolvido a ser tão laconico como o tabellião, o visconde metteu a mão no bolso da sobrecasaca, tirou uma carteira de couro da Russia com fecho de ouro, pegou em desesseis notas de quinhentos mil reis, e mostrou-as ao tabellião.

— Que quantia é essa? — perguntou Jacques Ferrand.

— Oito contos de reis.

— Vamos a examinal'-os...

— Ahi estão, e acabemos com isto de uma vez; recebei, e entregae-me as lettras — disse o visconde atirando com impaciencia sobre a mesa com o embrulho das notas.

O tabellião pegou nas notas, levantou-se, foi para ao pé da janella, e começou a dar-lhes voltas e a examinal'-as uma por uma com minuciosidade tão insultante para o visconde de Saint-Remy, que este

Digitized by Google

começou a arder em raiva: e Jacques Ferrand adivinhando os pensamentos que agitavam o visconde, abanou com a cabeça, voltou-se de meio lado para elle, e disse-lhe com um accento singular.

— Estava visto....

Saint-Remy ficou por um pouco suspenso: e depois com mostras de máo modo, disse:

— O que?

— Notas de Banco falsas — replicou o tabellião, continuando com escrupuloso exame.

— Então para que é essa observação?

Jacques Ferrand parou um instante, fitou a vista no visconde através dos oculos, e fazendo depois com os hombros um movimento quasi imperceptivel, continuou com a inventariação das notas, sem proferir palavra.

— Não ouvis, tabellião? Pois ficae sabendo que quando pergunto quero que se me responda — disse em voz alta Saint-Remy, desesperado com a tranquillidade e com o silencio do tabellião.

— Estas notas são boas — replicou o tabellião dirigindo-se outra vez para a sua mesa, de sobre a qual tirou um masso de papeis sellados, em que estavam tambem algumas lettras; e pondo depois uma das notas de quinhentos mil reis, e tres rolos de duas moedas cada um sobre a capa dos documentos de credito, disse para o visconde apontando com o dedo para o dinheiro e para os documentos.

— Ahi tendes o que vos resta dos oito contos de

Digitized by Google

reis; a outra parte encarregou-me de receber o importe das custas.

Não custou pouco ao visconde conter-se em quanto o tabellião estava ajustando as contas; e em vez de lhe responder, e de pegar no dinheiro, disse com voz tremula de colera:

— Pergunto-vos, senhor tabellião, porque motivo me dissestes, ao examinar as notas que vos dei, que *havia notas falsas*?

— Porque?

— Sim.

— Porque vos mandei aqui vir por via de um caso de falsificação...

— Mas que tenho eu com esse caso de falsificação?

Guardou silencio o tabellião por um momento, e depois disse ao visconde com tom severo:

— Sabeis qual é o dever de um tabellião?

— Muito simples... Ainda agora eu possuia oito contos, e pouco mais de quinhentos mil reis me restam...

— Pareceis-me muito alegre... Pois ficae entendendo que um tabellião é nos negocios temporaes, o mesmo que um confessor nos espirituaes... A natureza do seu officio fal-o muitas vezes sabedor de segredos mui infames.

— E que mais?

— Tem de ter occasiões frequentes de tratar com velhacos.

— E que mais?

Digitized by Google

— Deve por todos os meios ao seu alcance impedir que se deshonre e avilte um homem honrado.

— Mas que me importa a mim isso?

— O nome de vosso pae, cavalheiro, é tão respeitavel como respeitado: e vós o deshonraes...

— Que ousadia é a vossa?

— Se não fôra o interesse que a todas as pessoas honradas inspira o homem respeitavel, de que vos fallo, eu em lugar de vos ter chamado a minha casa, ter-vos-ia feito comparecer perante um juiz.

— Não entendo o que quereis dizer.

— Ha dous mezes que negociastes por via de um corretor, uma lettra de vinte e quatro contos sacada pela casa de Meulaert e companhia, de Hamburgo, a favor de um tal William Smith, e pagavel a tres mezes vista na casa de M. Grimaldi, de Paris.

— E então?

— E' falsa essa lettra.

— Isso não é verdade....

— E' falsa!... tenho dito. A casa de Meulaert nunca teve contractos com esse tal William Smith, que nem sequer conhece.

— Será possivel! — exclamou o visconde com tanta surpresa como indignação; — pois nesse caso enganaram-me horrivelmente, senhor... porque eu recebi essa lettra em dinheiro de contado.

— E de quem?

— Do proprio Smith: a casa de Meulaert era-me bem conhecida, e eu tinha tão boa opinião de William Smith, que não duvidei receber a lettra em

Digitized by Google

pagamento de uma quantia que elle me devia...

— William Smith nunca existio... é uma pessoa imaginaria.

— Isso é insultar-me!

— A sua firma é falsa, como é tudo o mais.

— Affirmo-vos, senhor tabellião, que William Smith existe; mas é possivel que eu fosse victima de um terrivel abuso de confiança.

— Pobre moço!

— Mas explicae-vos...

— N'uma palavra, o actual possuidor da lettra está convencido de que commettestes uma falsificação.

— Senhor tabellião!

— Diz que tem as provas necessarias, e antes-d'hontem veio pedir-me que vos mandasse chamar á minha presença para vos propôr o resgate da lettra, por meio de uma transacção... Até aqui não havia nada de deshonroso; mas no resto me não metto eu, e só vos fallo para vos servir de governo... Elle quer quarenta contos... hoje mesmo; e senão ámanhãa ao meio-dia irá apresentar a lettra falsa ao procurador regio.

— Isso é uma indignidade!

— E demais a mais um absurdo... Eu disse ao possuidor da lettra, que vós estaveis agora em apuros por causa da quantia que acabaes de pagar-me, graças a certos recursos de certa naturesa... Mas elle respondeu-me, que certa dama muito rica não vos havia de deixar ficar mal...

— Basta, senhor tabellião!... Basta!

Digitized by Google

— Concedo que é outra indignidade, e outro absurdo.

— Mas por ultimo, que é o que se pretende?

— Tirar indignamente partido de uma acção indigna. Eu annui a fazer-vos esta proposta, condemnando-a com tudo, como cumpria a um homem de bem. O resto fica por vossa conta. Se estaes culpado, escolhei entre o tribunal criminal e o resgate que se vos impõe... Conheço que este passo é officioso, porém não tornarei a metter-me em negocio tão pouco airoso. O possuidor actual chama-se João Minimo, corretor de lettras, morador nas margens do Sena, caes de Billy, n.º 10. Arranjae-vos com elle como poderdes, porque sois dignos de tratar um com outro.... se é verdade que sois falsificador como elle affirma.

O visconde de Saint-Remy tinha entrado com ar insolente e cabeça levantada para casa do tabellião. Posto que tivesse commettido algumas acções infames, conservava com tudo certo orgulho de raça, e um valor natural nunca desmentido. No principio deste colloquio reputara o tabellião como adversario indigno de competir com elle; e tinha-se contentado em o escarnecer; mas quando Ferrand fallou da falsificação... o visconde ficou aterrado, e conheceu que passava a ser dominado pelo tabellião. E a não ser o imperio que tinha sobre si mesmo, não lhe seria possivel occultar a terrivel impressão que lhe causou uma revelação tão inesperada, e que para elle podia trazer consequencias incalculaveis... taes que

Digitized by Google

escapavam á penetração do tabellião. Depois de um momento de reflexivo silencio o visconde, tão orgulhoso, tão irritavel, tão cheio de si, resignou-se a implorar a benignidade daquelle homem grosseiro, que com tanta aspereza lhe tinha fallado a linguagem austera da probidade.

— Senhor tabellião, daes-me com effeito uma prova do interesse que vos mereço; sinto muito ter-vos fallado com tanta vivacidade... — disse Saint-Remy em tom cordeal.

— Eu não me interesso por vós — replicou o tabellião com modo brutal — Vosso pae é homem honrado; e não desejava que elle na solidão em que vive, pois me dizem que se retirou para Angers, viesse a saber da ignominia de seu filho... Não tenho outro motivo.

— Torno a repetir-vos que sou incapaz da infamia que se me attribue.

— Ide dizer isso a João Minimo.

— Confesso porém que a ausencia de Smith, que tão indignamente abusou da minha boa fé...

— E' um infame!

— A ausencia de Smith colloca-me em uma cruel posição: estou innocente. Se me accusarem, eu o provarei: mas uma accusação de semelhante naturesa é sempre injuriosa para uma pessoa de bem.

— E que mais?

— Tende vós a generosidade de contentar, com o dinheiro que acabo de vos dar, a pessoa que possue a lettra.

Digitized by Google

— Nada! que este dinheiro é de um cliente... é sagrado!

— Mas eu posso embolsar-vos dentro de dous ou tres dias.

— Não, não podereis.

— Conto com certos recursos.

— Nenhuns... pelo menos nenhum que possaes dizel'-o publicamente... A vossa mobilia e os cavallos dizeis que vos não pertencem... e isso parece-me uma fraude muito vil.

— Sêde mais benigno, senhor tabellião. Mas dado que isso fosse certo, não podia eu em caso desesperado reduzir tudo a dinheiro? Como porém é impossivel que eu obtenha quarenta contos para ámanhãa ao meio dia, rogo-vos que empregueis o dinheiro que agora vos dei em resgatar a lettra: ou então... pois que sois tão rico... suppri esse dinheiro, e não me deixeis em tão horrivel situação...

— Quem? eu?... pareceis-me louco!

— Imploro a vossa bondade senhor tabellião... em nome de meu pae... já que o nomeastes...

— Eu sou bom para os que o merecem — replicou com aspereza o tabellião. — Sou honrado, e por isso aborreço os caloteiros; e não me haviade condoer se visse um desses bonifrates sem Deus e sem lei, impios e relaxados, atado ao pelourinho para servir de escarmento aos outros... Mas se me não engano os vossos cavallos estão impacientes, senhor visconde — accrescentou o tabellião dando um surriso, e mostrando os dentes negros.

Digitized by Google

Naquelle momento chamaram á porta do gabinete.

— Quem é? — perguntou Jacques Ferrand.

— A senhora condessa de Orbigny — respondeu o regente.

— Dizei-lhe que tenha a bondade de esperar um instante.

— A sogra da marqueza de Harville! — exclamou o visconde.

— Sim, senhor... e tem que me dizer... Estou ás vossas ordens.

— Nem uma palavra do que se passou, senhor tabellião — disse Saint-Remy, em ar de ameaça.

— Já vos disse que um tabellião é tão discreto como um confessor.

Puxou Jacques Ferrand pelo cordão da campainha, e apresentou-se o regente.

— A senhora de Orbigny que entre. — E dirigindo-se logo ao visconde, accrescentou: — Aproveitae esse dinheiro que vos restou, que pode servir para a conta de João Minimo.

Madama de Orbigny (antigamente madama Roland) entrou no momento em que sahia Saint-Remy, zangado, e ao mesmo tempo envergonhado por se ter inutilmente humilhado a Jacques Ferrand.

— Olá! bons dias, senhor visconde — disse a senhora de Orbigny: — ha um seculo que vos não vejo!!...

— E' uma verdade, senhora, desde o casamento do senhor de Harville, em que servi de tes-

Digitized by Google

temunha, não tive mais a honra de vos tornar a encontrar — disse Saint-Remy fazendo a sua cortezia, e dando á physionomia uma expressão affavel e risonha. — E tendes desde então estado sempre na Normandia?

— Sempre.. O senhor de Orbigny gosta de viver no campo... e o seu gosto é tambem o meu... Já vêdes que estou uma perfeita aldeãa: não tornei a Paris depois do casamento da minha querida enteada com o amavel marquez de Harville... Encontraes-vos com elle muitas vezes?

— O marquez tem-se feito muito melancolico e rabugento. Apparece pouco nas sociedades — disse com impaciencia Saint-Remy, a quem já parecia insupportavel este colloquio, não só pela sua inopportunidade, como porque via que o tabellião se regosijava com elle. Mas a madrasta da marqueza de Harville não era mulher que facilmente deixasse perder tão bella occasião de se entreter com um *elegante*: e por isso continuou:

— E a minha querida filha? está-me a parecer que não será tão arisca como o seu marido?

— A marqueza! essa tem mais voga que a rainha nos salões de Paris: todos a admiram, como deve ser admirada uma mulher formosa. Porem, minha senhora, receio ser-vos importuno, e não quero abusar dos vossos momentos...

— Não, não abusaes por certo; antes pelo contrario, foi para mim uma grande fortuna encontrar aqui o elegante dos elegantes, o rei da moda: em

Digitized by Google

menos de dés minutos fico sciente de Paris, como se nunca tivera sahido da capital... E o vosso querido amigo, o duque de Lucenay, que tambem foi testemunha do casamento da senhora de Harville?

— Esse está cada vez mais original: sahio a viajar para o Oriente, e chegou muito a tempo de receber hontem de manhãa uma estocada, que felizmente não é de grande perigo.

— Pobre duque! E sua mulher, sempre encantadora?...

— Bem sabeis, senhora, que eu tenho a honra de ser um dos seus melhores amigos, e que por tanto o meu elogio seria suspeito. Quando voltardes para Aubiers tende a bondade de me fazer lembrado ao senhor d'Orbigny.

— Elle ha-de estimar muito as vossas amaveis lembranças, porque está sempre a fallar em vós... Diz que lhe fazeis lembrar o duque Lauzun.

— Essa comparação encerra um grande elogio; mas por desgraça tem muito menos de exacta do que de benevola. Adeus, minha senhora; faço já aqui as minhas despedidas, porque receio não poder visitar-vos antes da vossa partida.

— Pena teria se vos desseis ao incommodo de me procurar, porque estou aquartelada em uma simples hospedaria por poucos dias. Com tudo se no proximo verão ou no outono passardes pelos nossos sitios, de jornada para alguma dessas quintas da moda, onde as *maravilhosas* contendem pelo prazer de vos receber... concedei-nos tambem alguns dias da

Digitized by Google

vossa companhia, ao menos por curiosidade e por contraste, a fim de na companhia de uns pobres aldeões descançardes da agitação dessa vida elegante e desinquieta, que reina sempre nas quintas aonde ides... pois aonde quer que vós estaes, nunca falta movimento e alegria.

— Minha senhora..,

— Não careço de vos dizer quanto estimaremos, eu e o senhor d'Orbigny, de vos ter por hospede. Adeus, visconde; tenho medo que aquelle tristonho bemfeitor (e apontou para o tabellião) se impaciente, por nos ver fallar tanto.

— Pelo contrario, senhora, pelo contrario — replicou Jacques Ferrand, de um modo que fez redobrar a ira de Saint-Remy.

— Haveis de confessar que este senhor Ferrand é um homem terrivel... disse a senhora d'Orbigny com ar comico. — Porem cuidado com elle! já que tendes a fortuna de ser elle o encarregado dos vossos negocios, ha-de-vos estar sempre a ralhar como um desesperado, porque é implacavel. Mas que digo? pelo contrario: é um homem maravilhoso como vós. Ter o senhor Ferrand por tabellião, é o mesmo que ter um conselheiro de partido; porque é sabido que elle não consente que os seus clientes façam despropositos, pois ao que se desliza immediatamente lhe devolve a procuração... E na verdade elle não pode ser tabellião universal — E dirigindo-se logo para Jacques Ferrand, continuou: — Sabeis, senhor puritano, que fizestes uma conversão maravilhosa?...

Digitized by Google

fazer entrar no verdadeiro caminho o elegante por excellencia, o rei da moda!...

— Foi uma verdadeira conversão, senhora... O senhor visconde sahe do meu gabinete completamente transformado.

— Bem digo eu que fazeis milagres!... mas que ha-de ser, se sois um santo...

— Ah! senhora... isso é lisonja... — disse Jacques Ferrand com ar compungido.

Saint-Remy fez uma profunda cortezia á senhora de Orbigny; querendo porem tentear pela ultima vez o tabellião antes de sahir, disse-lhe com certo desembaraço, que ainda não occultava inteiramente a sua inquietação:

— Com que, senhor Ferrand, estaes decidido a negar-me o favor que vos peço?...

— Alguma travessura temos!... Sêde inexoravel, meu querido puritano — exclamou a senhora de Orbigny, rindo-se.

— Então que hei-de fazer, cavalheiro?... quereis que desobedeça a uma dama tão formosa?...

— Porem, senhor Ferrand, fallemos seriamente, porque o assumpto é serio... Recusaes absolutamente? — perguntou o visconde com mal dissimulada inquietação.

O tabellião teve a crueldade de vacillar um momento para inspirar confiança a Saint-Remy.

— Cedereis por fim, coração de bronze? — disse a rir a madrasta da marqueza de Harville — Com que deixaes-vos subjugar pelo irresistivel encanto de?...

Digitized by Google

— Minha senhora, estava mesmo quasi a ceder, como vós dizeis, mas fizestes-me envergonhar da minha propria fraqueza — tornou Jacques Ferrand; e dirigindo-se para o visconde, disse-lhe com certa expressão que este entendeu perfeitamente: — Fallo *seriamente* (e carregou nesta palavra); é impossivel.

— Eis-ahi! eis-ahi o puritano! — disse a senhora de Orbigny

— Em quanto ao mais podeis dirigir-vos a João Minimo: estou certo que pensará como eu; e como eu tambem vos dirá que... não!

O visconde de Saint-Remy sahio desesperado: e exclamou — « Não ha remedio! » — E accrescentou immediatamente dirigindo-se ao escudeiro, que tinha a portinhola do coche aberta:

— Para caza de Lucenay.

Em quanto Saint-Remy visita a duqueza, faremos com que o leitor assista á conversa de Jacques Ferrand e da madrasta da marqueza de Harville.

Digitized by Google

PECULIO EPISTOLAR.

Cartas de Joseph da Cunha Brochado.

(*Continuado da pag.* 154.)

— N.º 60. —

Eminentissimo Snr. Recebi a carta de 3 de Outubro, que V. Eminencia me fez honra de escrever. As nossas cousas vão em Utrecht como V. Eminencia terá visto pelas cartas do expresso.

A Rainha resolveu dar-nos ou celebrar comnosco um Tractado de garantia. Foram as ordens a Utrecht. Pareceo ao bispo que bastava que esta obrigação se fizesse por hum só acto, ou declaração. Com effeito a fez mettendo naquelle papel o que quiz, e como quiz. De tudo foram sabedores e conferentes os nossos ministros, os quaes não poderam vencer nem a fórma, nem a substancia da obrigação. Escreveram sómente algumas notas no original d'aquelle acto, e com ellas se contentaram, vendo o pouco que ganhavam contra a obstinação dos ministros Inglezes.

Chegando a copia deste acto, e vendo eu, que alem das ditas notas, vinham confundidas as duas pertenções para hum arbitrio, e o pouco de efficacia que continha a obrigação; repliquei com nova instancia, e obtive a declaração que a Rainha mandou fazer pela carta do seu Se-

Digitized by Google

cretario de Estado, que satisfaz a este inconveniente, e se conforma com as notas dos nossos ministros. Voltaram estas novas ordens a Utrecht, porém não tiveram effeito algum, e torno a dizer a V. Eminencia que eu não posso ser responsavel do seu máo successo, e da sua má execução.

Eu obro o que está em mim, e tomára mandar a nossa paz a Utrecht perfeita e acabada, para que os nossos ministros não tivessem mais trabalho que assignal-a, e remetel-a a el-rei nosso senhor.

Se esta garantia podia ser melhor, e mais forte, he cousa que se deve perguntar aos nossos ministros, pois se lavrou na sua presença, e com communicação sua; e se elles não podem reduzir os plenipotenciarios Inglezes fóra de Inglaterra, menos poderei eu reduzir os primeiros ministros da Rainha na sua corte em Londres. Digo isto a V. Eminencia, porque Diogo de Mendonça fazendo pouco caso desta garantia dá a entender, que nella não fiz grande serviço a Sua Magestade. Eu sempre tive esta garantia por hum cumprimento, porque a Rainha para a execução do seu projecto da paz, bastava-lhe a obrigação natural; porém não ha duvida que esta se reforça pela nova obrigação civil, e ao menos a segunda não deita a perder a primeira. Não ha morte sem achaque, e assim o pouco fructo da nossa negociação de paz ha-de attribuir-se, ou á pouca força da garantia, ou ao desejo, que dizem, que a nossa corte mostra em desejar a paz.

O certo he, que he necessario trabalho, industria, actividade, e soborno, porque de outra sorte a paz não ha-de entrar feita pela janella. — O patriarcha Noé para saber que estava acabado o diluvio não esperou que o ramo de oliveira lhe viesse á arca, mas mandou buscal-o pela pomba; porque se esperasse pelo ramo, ainda agora andaria a arca sobre as ondas. Não tenho mais que dizer.

Digitized by Google

a V. Eminencia sobre esta materia, pedindo-lhe que queira lêr a carta que hoje escrevo á Secretaria.

Consta-me que em França se repara de se não haver nomeado ministro para aquella corte, e a sua assistencia nella nos poderia ser util para a negociação de Utrecht.

Pela morte do conde de Vianna perden a casa de meu irmão Belchior da Cunha, huma justa protecção: esta peço eu agora a V. Eminencia, esperando da sua bondade queira recompensar aquella perda, tomando aquelles meus sobrinhos em titulo de creados seus. Para mim só peço a V. Eminencia a liberdade de ir morrer a Portugal; e se esta mercê tiver alguma dilação, temo que fique inutil, porque os meus achaques conspiram com os meus annos contra a minha vida. O abbade Pedro Paulo chegou a esta corte e o fui buscar logo, offerecendo-lhe a minha casa, e a minha carroça, de que senão aproveitou, mas aqui vem jantar algumas vezes; e não falto em servil-o em tudo o que he do seu gosto. Fico na obediencia de V. Eminencia como devo. Deus guarde a V. Eminencia muitos annos. Londres 31 d'Outubro de 1713. = Eminentissimo Snr. Cardeal da Cunha = Creado de V. Eminencia = *Joseph da Cunha Brochado.*

P. S. Autographo. Permitta V. Eminencia que eu lhe presente a medalha que a Rainha me mandou, sobre a paz.

— N.º 61. —

Eminentissimo Snr. Recebo a carta de 27 de Novembro, que V. Eminencia me fez a honra de escrever.

Justamente esperava V. Eminencia que eu lhe tivesse mandado as medalhas, porque já havia tempo para estarem feitas; porém estando V. Eminencia informado da razão que tive para esta dilação, entendo que não culpará, nem a minha negligencia, nem a minha desatenção.

Digitized by Google

Toda a medalha, como he huma especie de moeda, não pode ser aberta, nem cunhada por qualquer official sem licença da corte, e assim foi necessario pedil-a ao thesoureiro que a concedeu logo. Nestes termos devendo esta obra ser feita pelos officiaes da casa da moeda, que são os mais habeis nesta arte, entendi que deviamos esperar a conclusão da nossa paz, por ser a materia della a mais conveniente. Digo mais conveniente por ser mais proxima, e com causa mais apparente para aquelle monumento público, e á sombra della se poderiam abrir outras cujos assumptos são mais antigos, como por exemplo a coroação d'el-rei nosso senhor, a sua successão, o levantamento do sitio de Campo Maior, e algumas das muitas virtudes reaes de que o ceo ornou Sua Magestade.

Todos estes assumptos dignos de medalha deviam ser mettidos nestes monumentos logo que succederam, e não deixariam de fazer este reparo os que soubessem esta nova obra, cuja noticia eu não podia occultar; e este inconveniente cessava, se no mesmo tempo se batesse a medalha sobre a paz, que como a cuidei proxima, não me pareceu que esta obra teria tanta dilação. Na primeira posta mandarei a V. Eminencia pintadas as medalhas que tenho feito com seus reversos, e letras,

Como espero brevemente a D. Luiz da Cunha, não duvido que a nossa paz receba a ultima mão, se Deus lhe der mais graça com estes ministros, do que até agora foi servido dar-lhe com os de Utrecht, de cuja adversão parece que tem nascido o pouco que nos ajudam naquellas conferencias, em as quaes com animosidade, e mesmo com indecoro tractam e despresam as rasões dos nossos ministros, escrevendo a esta corte, que as dos Hespanhoes são mais justas, e mais fortes.

Por onde se vê claramente, que a vinda de D. Luiz da Cunha será de muita conveniencia para explicar, o

Digitized by Google

que eu não sei dizer, e persuadir com melhores doutrinas a nossa rasão, e a nossa justiça.

Nesta post. mando á Secretaria a resposta, que deram aos meus officios, com a replica que lhe fiz; e refiro o motivo pelo qual esta corte apressa a partida do novo enviado. Tudo mandei por expresso a Utrecht com a copia da carta inclusa, que V. Eminencia me fará mercê de apresentar a Sua Magestade, para que o dito senhor seja informado da minha conformidade ás suas ordens. Fico para servir a V. Eminencia como devo. Deus guarde a V. Eminencia muitos annos. Londres 28 de Novembro de 1713 = Eminentissimo Snr. Cardeal da Cunha = Creado de V. Eminencia = *Joseph da Cunha Brochado.*

— N.° 62. —

Eminentissimo Snr. Serve esta de cuberta á carta inclusa, que me pareceu mandar a V. Eminencia por esta via, para evitar a occasião de ser aberta, e lida na posta.

Fico para servir a V. Eminencia como devo. Deus guarde a V. Eminencia muitos annos. Londres 28 de Novembro de 1713 = Eminentissimo Snr. Cardeal da Cunha = Creado de V. Eminencia = *Joseph da Cunha Brochado.*

Copia.

« Meu Amigo e Senhor. — Recebi duas cartas de V. « Excellencia, de 10 e 14 do corrente, e estimo que es« teja livre dessa terrivel queixa.

« Vi e ponderei as duas copias que V. Excellencia « me fez mercê de mandar, a primeira da carta que El« Rei nosso senhor lhe escreveu ordenando-lhe, que vies« se a Londres solicitar os seus interesses; e a segunda

Digitized by Google

« da que V. Excellencia mandou ao Secretario de Esta-
« do. Confesso a V. Excellencia, que li a carta de Sua
« Magestade não só com o respeito que deve hum vassal-
« lo a seu soberano, mas com aquella approvação que hum
« varão prudente deve dar a huma acção de justiça, ainda
« que della possa receber algum damno; confesso porêm,
« que li com alguma pena a carta que V. Excellencia escre-
« veu a Diogo de Mendonça, porque está tão discreta, e tão
« politica, que o amor proprio não póde deixar de produ-
« zir em mim huma grande inveja, e tanto, que desejei
« arrancar-lhe a pena da mão.

« Tenha V. Excellencia por sincera esta minha con-
« fissão. El-Rei nosso senhor quer desenganar-se de hu-
« ma negociação que parece hum jogo de *amuser* meni-
« nos.

« Ganhe Sua Magestade a sua causa, e pague eu em-
« bora as custas do processo.

« Em quanto ao pensamento em que V. Excellencia
« está, de suspender a passagem até saber qual he a ulti-
« ma resolução da Rainha, não posso dizer cousa alguma,
« e sómente referirei o estado em que se acham aqui as
« nossas cousas. Eu em virtude da carta de Diogo de
« Mendonça de 3 do passado, dei por escripto os officios
« que Sua Magestade me mandou passar. E toda a res-
« posta que agora tenho he a que V. Excellencia verá na
« copia inclusa, e que não significa mais que a chicana
« com que nos entretem, sem responder especificamente
« os pontos, e difficuldades, que nos impedem a fazer a
« paz; e sem que estas estejam levantadas a não faremos
« nunca. Eu não entendo que a pertenção de hum par-
« ticular tenha tanta força, e assim estou persuadido, que
« isto he hum artificio dilatorio do thesoureiro, para que
« entretanto ganhe hum tractado de commercio, que man-
« da propôr pelo novo ministro á nossa corte, que deve

Digitized by Google

« partir logo em huma fragata da Rainha, como se vê da « carta de Bolingbrook, e assim dilata a nossa paz, para « nos fazer della hum torcador, e lucrando alguma gran- « de vantagem no commercio possa propôl-a no Parlamen- « to como hum alvitre de que já fallei a V. Excellencia, « e escrevi á nossa corte, mas a carta ainda está em Fal- « mouth. Nestes termos he necessario que V. Excellen- « cia informe logo por hum expresso á nossa corte, para « que esteja prevenida da resposta, que he bem facil, e « que está na mão, pois todas as vantagens que Sua Ma- « gestade quizesse fazer agora á Inglaterra seriam reque- « ridas com justiça pelas outras Potencias, em total ruina « nossa, e em prejuizo da mesma Inglaterra.

« V. Excellencia informando-se do Bispo sobre ter « alguma respecta a mais individual, pode tomar a reso- « lução que lhe parecer sobre a sua passagem a Londres. « — Eu dou novos officios, e peço audiencia á Rainha. = « Fico para servir a V. Excellencia etc. Londres 22 de « Novembro de 1713 = *Joseph da Cunha Brochado.*

Dirigida a D. Luiz da Cunha.

— N.° 63. —

Eminentissimo Snr. Serve esta de remetter a V. Eminencia a carta inclusa do abbade Marcolini, que ainda fica nesta corte instruindo-se dos negocios della.

Elle se não tem servido dos meus offerecimentos, que cada dia lhe repito. Mostra-se grande venerador de V. Eminencia, muito obrigado á nossa corte, e rende em todas as occasiões hum profundo respeito a El-Rei nosso senhor.

O primeiro passo que deu a nossa paz em Utrecht será seguido da sua conclusão, se as loucuras do duque de Ossuna não tornarem a encher de vento a miseravel politica da corte de Madrid.

Digitized by Google

A commissão do novo enviado, que vae a essa corte, merece ser tractada com muita manha e circumspecção. Eu tenho disposto este ministro como pude; mas posso tão pouco, e sei tão pouco, que não fio nada da minha diligencia.

Recolhi-me hontem do Windsor com hum tal quebrantamento de corpo, e com a cabeça tão pouco segura, que não tenho mais força, que para dizer a V. Eminencia, que fico na sua obediencia como devo. Deus guarde a V. Eminencia muitos annos. Londres 12 de Dezembro de 1713 = Eminentissimo Snr. Cardeal da Cunha = Creado de V. Eminencia = *Joseph da Cunha Brochado.*

Copia.

« Meu Amigo e Senhor. Recebi tres cartas de V. Senhoria de 3, 7, e 10 do corrente, que estimo como devo.

« Deixadas as reflexões sobre os factos e termos dessa infeliz geral negociação, que são inuteis, e não consolam; vamos ao que nos importa.

« Parece-me, que pelo que toca ao Maranhão, que não deve V. Senhoria entrar em materia com os Francezes, nem disputando sobre a propriedade, nem fazendo relaxação alguma. V. Senhoria bem vio a ultima carta que El-Rei nosso amo escreveu á Rainha, e tambem vio a que o dito senhor foi servido escrever-me. Por estas cartas, e pela minha conferencia com os extractos que dei dos nossos tractados do Maranhão e Sacramento, ficou esta negociação inteiramente remettida á Rainha, a qual, como informei a V. Senhoria, falla, e trata este negocio, e com grande empenho o do Maranhão, que he a unica parcella em que estes ministros se fazem fortes, declarando que lhes he necessario que os Francezes desistam absolutamente d'aquellas terras.

Digitized by Google

« Já eu mandei dizer isto a V. Senhoria, acrescen-
« tando huma circumstancia a respeito dos Francezes, que
« me pareceu propria de hum Principe, que temporisa e
« que tira a sardinha com a mão do gato, por me expli-
« car em termos baixos.

« Nestes termos, se estes ministros virem que V.
« Senhoria ouve proposições, entrando, como digo, na
« discussão principal e ouvindo condições de acomoda-
« mento, podem achar desculpa para dizer, que deita-
« mos a perder o negocio, e assim he necessario que V.
« Senhoria se remetta á Rainha; e eu apressarei a reso-
« lução, ou o desengano.

« Tambem me parece que a desistencia d'aquellas
« terras feita por ambas as coroas por hum Tractado de-
« finitivo, he mais util, ou de nenhum damno, porque
« assáz nos fica, e não bastamos a tudo o que temos.

« Eu tinha em França juntos os materiaes para mos-
« trar que os Francezes não tinham direito algum para
« esta pertenção, destruindo as pertendidas authoridades
« de dous livros de viagens feitos por dous miseraveis
« Capuchinhos, e tambem representei, que deviamos cha-
« mar por author a el-rei de Castella, porque a navega-
« ção das Amazonas podia levar os Francezes a Quito,
« assim como os Castelhanos temeram esta viagem quan-
« do descubrimos esta Ribeira, descendo por ella, como
« V. Senhoria verá do papel incluso, que eu então fiz
« tirar do livro do padre Acuña, que V. Senhoria fará
« copiar, porque em algum tempo nos poderá servir esta
« noticia: em que eu quiz fallar em Lisboa, mas não
« achei quem quizesse tomar a pena de ouvil-a.

« No mesmo tempo em que buscava estes materiaes
« representei á nossa corte, que mettessem este negocio
« em arbitro, que podia ser o Papa, ou el-rei Guilherme,
« porém os nossos ministros se davam tanta pressa, que

Digitized by Google

« que não esperaram por nada. Aquelles ciumes que os « Castelhanos tinham então de nós, devem agora os In- « glezes dos Francezes. Fico para servir a V. Senhoria. « Deus guarde a V. Senhoria muitos annos. Londres 14 de « Fevereiro de 1713 = *Joseph da Cunha Brochado.*

(*Dirigida a D. Luiz da Cunha.*)

Copia.

Meu Amigo e Senhor. — Hoje esperamos a posta de 4 do corrente, e nella boas novas da saude de V. Senhoria com as resoluções do que tiver trazido o correio de França, digo a nosso respeito, que nos mais me não metto, porque nós ficamos tão mal, que a minha dor não me dá logar a cuidar nos mais.

Tenho fallado repetidas vezes a estes ministros, principalmente a milord Bollingbrook, e me seguram o mesmo, e supposto que estas seguranças me fazem crêr que os navios não farão o encuberto equivalente, não deixo de temer que a sua discussão fique em aberto como preterida para resuscitar a seu tempo. Esta materia, meu amigo, e senhor, he delicada porque quanto mais mostramos cuidado e diligencia em obrigar os Castelhanos a desistir desta pertenção, mais mostramos que a nossa causa não he boa, e que tememos não poder justificar aquella preza, e assim quando os Castelhanos houverem agora de de fallar nella determino dizer a estes ministros como já lhe tenho dito, que não tememos a justiça da causa, mas a argucia dos litigantes de força maior; alem de que ha humas materias, que na justiça commutativa não tem tão bom lugar como em hum juizo politico, qual he hum congresso, em o qual o *bonum pacis* he a primeira lei. Por tudo me persuado, que este he o nosso ponto mais escabroso depois de huma tão desgraçada negociação.

Eu queria dar huma memoria sobre este ponto, que

Digitized by Google

conhecesse estas razões, mas espero que parta Monteleon por tirar a occasião a estes velhacos de consultarem a resposta com o Castelhano.

As razões que ha para julgar a preza por boa são mais politicas, que juridicas. As que V. Senhoria me ouvio para excluir Ginori, e a outros não respeitam á justiça da preza, mas dão huma excepção ao fisco para impedir a acção daquelles pertendentes particulares, porque não mostravam a identidade da cousa entrada nos cofres del-Rei, ou porque o seu commercio em Hespanha era prohibido, feito em nome de Castelhanos, e confiscado *ipso jure*; porém ainda que estas rasões são boas para illudir a acção de hum particular estrangeiro, não bastam para justificar a preza em geral se foi feita antes, ou depois da guerra, em que haverá outras causas, ou rasões, que a seu tempo estudaremos. Entre tanto veja V. Senhoria o que diz Grotius *de jure belli*; tambem ha hum author Hespanhol, que eu não tenho, e hum e outro se achará em Hollanda, porém torno a dizer ou a nossa justiça he clara, ou não; se o he podemos não temer a discussão em qualquer tempo que seja, mas se o não he julgo que seria melhor que os Castelhanos se demittissem da pretenção; e tambem entendo que não podendo alcançar esta demissão com manha, será necessario como tenho dito, não mostrar grande temor nesta sollicitação.

Acabo de lêr o Capitulo X da instrucção que V. Senhoria me mandou, e quizera lêr as rasões dos Theologos, e Letrados em que não ouvi fallar em Lisboa, porque então não se tratava de justificar a preza, mas de excluir as acções dos particulares que como vassallos de Principes neutros, ou amigos, pretendiam reclamar as suas carregações, e esta questão he diversa, e não pugna com a confiscação do principal. Tenho porém huma grande duvida na palvra represar, no dito Capitulo X, porque

aquelles Theologos facilmente poderiam achar rasão para a reprezalia de hum navio, que levava dinheiro, que he a primeira fazenda de contrabando, a hum Principe contra o qual estavamos ligados, e ao qual pouco depois haviamos de declarar a guerra. Nestes termos a represalia he justa; porêm eu não sei se nos termos referidos o direito de represar, ou a represalia importa huma adjudicação de dominio irrevogavel, ou huma detenção sómente, que acaba pela reconciliação da paz. Estas são as duvidas que me occorrem depois de vêr o curto desta instrucção remissiva a huns papeis, que não acho, e em que espero as luzes de V. Senhoria. Fico para servir a V. Senhoria com a maior vontade. Deus guarde a V. Senhoria muitos annos = *Joseph da Cunha Brochado.*

Dirigida a D. Luiz da Cunha em 7 de Abril de 1713.

— N.° 64. —

Eminentissimo Snr. Fico com huma fluxão na cabeça acompanhada de huma pouca de febre, que não tenho mais força que para pôr-me por estas breves regras aos pés de V. Eminencia, protestando-lhe que não haverá fraqueza, ou achaque que dimiuua em mim o desejo de servir a V. Eminencia, e o animo de render-lhe o mais profundo respeito.

O folheto incluso póde entreter a V. Eminencia sobre as cousas do mundo. Deus guarde a V. Eminencia muitos annos. Londres 23 de Janeiro de 1714 = Eminentissimo Snr. Cardeal da Cunha = Creado de V. Eminencia = *Joseph da Cunha Brochado.*

— N.° 65. —

Eminentissimo Senhor. Recebi a carta de 10 de Fevereiro que V. Eminencia me fez honra de escrever por

Digitized by Google

hum puro effecto da sua bondade. Nella espero eu, que achem os meus malles os melhores remedios de toda a medicina. Em obediencia das ordens d'El-Rei nosso senhor vim a esta corte para tratar nella os negocios da nossa paz. Prouvera a Deus que a minha obediencia tivesse sido tão util, e tão venturosa como ella foi fina e desinteressada.

Em varias postas por terra, e por mar dei conta do que havia obrado sobre as ultimas difficuldades, com que a corte de Madrid addicionou a minuta de que os seus ministros tinham convindo com os nossos em Utrecht.

Não posso julgar do successo porque ainda não tive cartas dos nossos ministros; e quando seja este, ou aquelle o acontecimento, eu não devo responder do que se obra em outra parte. Tudo o que está em mim he passar officios com efficacia, e com energia propôr a materia delles na sua maior luz com igual legalidade que decoro, e com igual força que modestia.

As respostas, que até agora tive são conformes aos mesmos officios, e se ellas não fazem o mesmo echo em Utrecht, será injusto que eu seja fiador da sua execução, ou delinquente do seu máo successo. Sobre esta materia tenho já cançado tanto a paciencia de V. Eminencia, que não quero abuzar della com huma leitura inutil e penosa.

Muitas vezes desejei que Sua Magestade tivesse tomado a resolução de concluir a sua paz pelo seu general com o de Castella á imitação de Rastadt, e mandar depois os pontos acordados a Utrecht para a assignatura e ratificação, e salvariamos os inconvenientes, que ha na dilação do Congresso, e nos rogos desta corte.

O juizo que eu fórmo da pouca ou muita importancia da colonia do Sacramento, situada no meio das terras dos Castelhanos: o que julgo do pouco ou muito prejuizo que ha em remetter a arbitros a aceitação do equivalente, que

Digitized by Google

he huma condição, que *inest ex natura rei*, explicada ou não explicada: o que entendo da questão sobre a justiça das prezas e da sua importancia, caso negado, que fosse contra o direito da guerra: o que me parece da liquidação da nossa divida do assento para servir de compensação, e de empate; questões todas, que podiam achar melhores tempos, e ter melhores astros; não me attrevo a referir a V. Eminencia porque nem são da minha capacidade, nem da minha obrigação.

Pelo novo enviado desta corte mandei hum extracto do Tratado que se nos propõem. O antigo he feito com Cromwel que nos faz pouca honra. O que se pertende mudar respeita aos vinhos. Parece que sobre esta materia devemos ir com toda a circumspecção. Não faltará quem aconselhe vingança; eu proponho sómente a moderação com exame mais maduro, que affectado. Será de grande influencia fazer honras, e agasalhos a este novo ministro, e fazer-lhe beber os vinhos de Portugal para que conheça a sua força, e esta fará maior a da nossa rasão.

Perdôe V. Eminencia a dilação desta carta, e lembre-se que me resigno todo na sua misericordia. Deus guarde a V. Eminencia muitos annos. Londres 6 de Março de 1714 = Creado de V. Eminencia = *Joseph da Cunha Brochado.*

— N.º 66. —

Eminentissimo Snr. Ponho-me aos pés de V. Eminencia pedindo-lhe que me continue a sua graciosa protecção, e que receba a pobre offerta de meus humildes respeitos.

A nossa paz anda de Madrid para Utrecht, e de Utrecht para Madrid, e ao mesmo tempo que vemos no duque de Ossuna huma obstinação irracional devemos admirar o zelo, a constancia, e a prudencia dos nossos

Digitized by Google

ministros em hum tempo em que tudo está contra nós, e nada por nós.

As negociações parlamentarias na abertura desta assembléa não contêm mais que o referido na minha carta, e para entreter a curiosidade, e a doutrina de V. Eminencia lhe mando os papeis inclusos, que fazem grande ruido, e desejo ter forças para servir a V. Eminencia em tudo o que me ordenar. Deus guarde a V. Eminencia muitos annos. Londres 20 de Março de 1714 = Eminentissimo Snr. Cardeal da Cunha = Creado de V. Eminencia = *Joseph da Cunha Brochado.*

— N.º 67. —

Eminentissimo Snr. Preçuro novas da saude de V. Eminencia, e rogo a Deos que ella seja tão perfeita, como eu desejo, e devo desejar. Eu tenho entrado em alguns remedios, mas o ar de Londres he tão pouco favoravel ás minhas queixas, que não espero grandes progressos na minha cura.

Pelas cartas, que hoje escrevo, e escrevi na posta precedente se vê que tudo o que aqui ha de novo he maior na intenção que na extenção. O cuidado que tudo isto me custa he hum novo achaque contra o qual não tem forças nem a medicina, nem a paciencia.

Pela posta de terra terei a honra de escrever a V. Eminencia com algum discurso, porque hoje me recolhi tão tarde da corte, que não tenho mais tempo, que para remetter a curiosidade de V. Eminencia ao folheto incluso, dedicando-lhe os meus respeitos, e as minhas submissões. Deus guarde a V. Eminencia muitos annos. Londres 3 de Abril de 1714 = Eminentissimo Snr. Cardeal da Cunha = Creado de V. Eminencia = *Joseph da Cunha Brochado.*

Digitized by Google

— N.° 68. —

Eminentissimo Snr. Este ministerio fica em grande agitação pelos profiosos debates com que os persegue o partido contrario nas duas casas do parlamento. Consideraram e criticaram a pratica da Rainha, e convenceram seus ministros de que não fizeram o que publicaram, ou ao menos que o fizeram mal, e vão continuando nesta guerra verbal, que ainda que incruenta não deixa a reputação sem ferida de que se seguem maiores divisões, que tendem a uma mudança senão de ministerio, de ministros, mas vem já tarde.

A maior contenda agora he contra o desgraçado principe de Galles, que pertendem pôr-lhe a cabeça em preço, sem mais culpa, nem mais processo que ser irmão da Rainha, e filho de seu pae. Não he o odio, nem o amor d'alguma religião nossa ou sua, que obriga a estes homens a sacrificar diante do altar da iniquidade a victima innocente do seu legitimo Soberano; he sim a ambição sem lei de governar, e huma cubiça sem limite de se enriquecerem.

O que nos convêm he ter muito cuidado com o nosso Brazil, que he hoje a dourada inveja de todos os Principes, e Republicas da Europa.

Eu tenho tomado algumas curas, mas sem esperança de achar remedio no norte. Torno a pedir a V. Eminencia de intercender com el-Rei nosso senhor para que seja servido mandar-me carta recredencial de despedida pelo expresso, que trouxer a ratificação do nosso tratado, e toda a obediencia que hoje posso offerecer ao serviço de V. Eminencia he rogar fervorosamente a Deus que conserve e guarde a saude de V. Eminencia por largos annos. Londres 17 de Abril de 1714 = Eminentissimo Snr. Cardeal da Cunha = Creado de V. Eminencia = *Joseph da Cunha Brochado.*

Digitized by Google

— N.º 69. —

Eminentissimo Snr. Recebo com toda a demonstração de respeito a carta de 4 de Abril que V. Eminencia por hum effeito da sua bondade me fez honra de escrever. Os agradecimentos desta repetida honra guardo eu para quando me vir aos pés de V. Eminencia, que lerá então nas minhas acções o affecto, que não cabe nas minhas palavras.

V. Eminencia terá visto pelo expresso de Utrecht os termos da nossa paz, porêm os nossos ministros não deixam de estar com grande desconfiança pelas difficeldades maliciosas do duque de Ossuna.

ElRei de França tomou fortemente a peito obrigar os Castelhanos a que fizessem a sua paz com os Hollandezes; e o mesmo faria com igual força a nosso respeito, se na sua corte houvesse algum ministro da nossa parte.

As cousas ficam nesta corte em terrivel agitação; mas estas tormentas parlamentarias são de pouca duração nesta Ilha. Pela manhãa tudo he Hanover, de tarde principe de Galles, e assim como pela variedade do clima são agora necessarios dous vestidos cada dia, assim se vestem tambem ora de huma successão, ora de outra.

O aspecto do mundo em quanto aos negocios políticos não exercita pouco a meditação dos que se prezam saber a sciencia dos interesses dos Principes, mas os que discorrem com huma pouca de penetração, e quizerem reconciliar as forças de cada hum, e a necessidade, em que todos estão, devem julgar que toda esta guerra presumida se ha-de desvanecer em uma negociação accomodativa, porque os 76 annos de Luiz 14, são 76 conselheiros, que lhe pregam ao ouvido continuamente paz, paz, contra morte.

Torno a tomar a liberdade de pedir a V. Eminencia

Digitized by Google

que me faça mercê de pedir a Sua Magestade que seja servido de mandar-me a carta recredencial pelo expresso, que trouxer a ratificação da paz, porque não estou capaz de continuar em seu real serviço, e cada dia me vejo diminuir de forças, de vista, e de memoria. Deus guarde a V. Eminencia muitos annos. Londres 1 de Maio de 1714 = Eminentissimo Snr. Cardeal da Cunha = Creado de V. Eminencia = *Joseph da Cunha Brochado.*

— N.º 70. —

Eminentissimo Snr. Desejo que V. Eminencia se haja recolhido a Lisboa, com o gosto de se haver divertido no passeio da Estremadura, cujo clima não tem segundo na Europa; hum ceo claro em todas as sazões, e huma terra obediente a todo o serviço, as fructas que aqui se cultivam com tanto artificio, lá se produzem sem nenhum cuidado; e as aguas que aqui mettem medo, lá são puras, e deliciosas.

Ainda não chegou este cançado correio de Madrid, e tudo parece que conspira contra mim, prolongando-me huma assistencia que me he mortal.

No papel incluso achará V. Eminencia as rasões, que esta corte mandou por escripto ao Parlamento para se justifinar sobre a nossa paz.

A duvida toda agora he sobre a vinda do principe Eleitoral, que huns querem, e outros não querem, mas todos se calam.

Esta corte deseja sustentar o duque de Saboia menos por interesse da nação, que por odio do Imperador; e como este procedimento he pessoal poderá a mudança do ministerio passar-se deste soccorro.

A morte do duque de Berri he prejudicial aos vizinhos de França, porque este Principe não era sanguinolento, nem ambicioso, cuidava na sua caça, e no seu

Digitized by Google

passeio. Se morrer o avô, ou o Delphim, e ainda sem esta ultima morte haverá em França discordias civís que não farão nenhum mal á Europa, porque o duque de Orleans com qualquer ajuda de seus vizinhos fará crescer o seu partido, e valer as suas pretenções. As minhas são de me pôr aos pés de V. Eminencia pedindo a Deus que guarde a pessoa de V. Eminencia por muitos annos. Londres 15 de Maio de 1714 = Eminentissimo Snr. Cardeal = Creado de V. Eminencia = *Joseph da Cunha Brochado.*

COPIA.

Do papel acima referido, que diz respeito à paz de Portugal.

Pelo que respeita á paz entre Hespanha e Portugal a Rainha a suppõe como concluida, pois que consta pelos ultimos avisos de Utrecht, que o projecto desta paz fôra reduzido em fórma, e enviado ás duas coroas para se approvar; e que as differenças que restavam a compôr eram pouco consideraveis para causar novas dilações. Com tudo Sua Magestade tomou em efficaz cuidado os interesses d'el-rei de Portugal, dando a este principe em 18 de Agosto de 1713, de seu proprio movimento, e sem ser requerida, huma nova garantia, pola qual a Rainha se obrigou de segurar, ainda que fosse pela força de suas armas, a restituição de tudo o que podesse ser tomado aos Portuguezes antes da conclusão da paz; de procurar a esta coroa a colonia do Sacramento, ou hum tal equivalente ao contentamento d'el-rei de Portugal: de alcançar satisfação aos Portuguezes sobre o que pertendem ser-lhes devido pelo assento, ou contracto dos negros com a coroa de Hespanha; e de introduzir depois da paz uma negociação amigavel para acommodar as differenças que sobre-

vieram sobre algumas terras, situadas em Portugal, e que eram pretendidas por alguns Portuguezes estabelecidos em Hespanha: como tambem para terminar a disputa sobre os navios Hespanhoes, que foram tomados pelos Portuguezes no principio desta guerra.

Sobre estes principios o conde de Strafford fez uma declaração solemne aos ministros de Hespanha no mez de Fevereiro passado, quando troccou com elles os instrumentos da ratificação dos tratados entre a rainha e el-rei catholico; a qual declaração continha, que a paz, que a rainha então ratificava, não a dispensava das obrigações, que ella devia a el-rei de Portugal pela nova garantia, como tambem pela sua alliança defensiva feita em 1703, e que Sua Magestade estava determinado de soccorrer, e defender este Principe sobre o theor das pretenções especificadas na dita garantia, e segundo a dita alliança defensiva.

— N.° 71. —

Eminentissimo Snr. Que V. Eminencia logre perfeita saude he toda a occupação do meu desejo, e o unico desempenho que pode sahir dos pobres esforços da minha obrigação.

Até hoje não sei que tenha chegado o expresso de Madrid, e V. Eminencia, que conhece aquella corte não deve crêr que estas dilações, e difficuldades nascem de huma refinada politica, e menos ainda que hajam de voltar contra nós as miseraveis tropas, que tem diante de Barcelona, das quaes os Catalães andam zombando.

O tratado de commercio com França ainda não tornou a apparecer no Parlamento, a opinião mais provavel he que não apparecerá nesta sessão porque os pontos que se devem regular com os commissarios de França ainda ficam pela maior parte em grande indecisão.

Digitized by Google

No que respeita aos nossos vinhos sobre a igualdade com os de França não tem havido emenda, e huns e outros commissarios com os *partisans* da corte fazem crer e esperar, que a nação não póde passar-se dos vinhos de Portugal. Sobre esta materia ha alguma cousa que dizer, porêm não he para escriptura, mas para conferencia, do que informarei a V. Eminencia quando me recolher.

A Rainha fica com muita fraqueza, e quasi entrevada. A grande duvida he esperar a resolução de Hanover sobre mandar, ou não mandar o principe eleitoral, de que sahiremos até á primeira posta, e este he por agora aqui o negocio dos negocios.

Desejo ter forças para servir e obedecer-lhe em tudo o que me mandar. Deus guarde a V. Eminencia muitos annos. Londres 31 de Maio de 1714 = Eminentissimo Snr. Cardeal da Cunha = Creado de V. Eminencia = *Joseph da Cunha Brochado.*

— N.° 72. —

Eminentissimo Snr. Não pude na posta passada pôr-me aos pés de V. Eminencia para lhe agradecer humildemente a mercê que me fez em querer procurar a licença para sahir deste reino: Deus pague a V. Eminencia este effeito do seu bom coração.

A minha saude cada vez he menor, e bastam para acabal-a as poeiras, que cada dia se levantam em Utrecht, de que algum dia farei relação a V. Eminencia.

Muito admirou a todos esta nova proposição da corte de Madrid pela desatenção contra nós, e contra a Rainha, de que espero a resolução como digo na minha carta.

Eu creio que o fim seria de propôr e offerecer logo a Sua Magestade, que Deus guarde, o equivalente sobre a colonia, e de caminho entabolar alguma negociação de casamento.

Digitized by Google

Nada desejo mais, que pôr-me aos pés de V. Eminencia para continuar a materia desta carta, e por agora não tenho mais forças, que para offerecer-me a V. Eminencia com a obediencia que devo. Deus guarde a V. Eminencia muitos annos. Londres 10 de Julho de 1714 = Eminentissimo Snr. Cardeal da Cunha = Creado de V. Eminencia = *Joseph da Cunha Brochado.*

— N.º 73. —

Eminentissimo Snr. Leio com toda a estimação a carta de 24 de Junho com que V. Eminencia foi servido honrar-me. A medida desta honra he immensa, e se ha alguma cousa que a iguale, he o gosto e acatamento com que a recebo.

Tudo que posso tirar deste Secretario de Estado he, que espera resposta das cartas que escreveu em nome da Rainha, e que tudo he necessario que acabe. Estes homens querem fazer alguma cousa, para mostrar que não erraram no que fizeram; mas não podem já fazer o que lá querem, nem acertam os meios de fazer o que podem.

O parlamento acabou a sessão, e se separou depois de mil debates tão inuteis no effeito como injuriosos em suas causas.

O tractado do commercio com França ficou outra vez sem approvação, e os deputados daquella coroa partem para suas casas, dizendo que não hão-de tornar mais, que se os Inglezes querem commercio com elles que hão-de ir a Paris.

O commercio com Castella foi examinado, e se venceu que se representasse á Rainha que as difficuldades que havia para se fazer aquelle trato com alguma utilidade eram invenciveis, e assim que pediam á Rainha que fizesse reformar aquelle tratado, e esta foi a ultima cousa que fez o Parlamento.

Digitized by Google

Por esta maneira se vê que os dous tratados de commercio, que fez este governo, e que era a unica cousa que tinha que fazer, foram desapprovados geralmente pelos dous partidos; porém tudo sem castigo, porque a corte tem o maior poder que jámais teve algum Rei depois do scisma, e da heresia.

Por ora sem parlamento fica a corte sem nenhuma opposição, veremos como dispõe as cousas para o principe de Galles.

Para que V. Eminencia veja em pouca pintura o que he esta gente que governa, considere que a Rainha não cessa em blasfemar contra o irmão, dizendo que todos a tem por huma mulher fingida, sendo ella a mais sincera, e que obra de boa fé; e ao mesmo tempo ella e todos os seus trabalham para introduzir aquelle Principe; porêm eu que estou aqui não posso formar juizo sobre a sua vinda, porque o partido contrario he mais forte e mais no espirito da nação. Não creio tambem que o Francez se empenhe, porque deve ter medo da agua fria.

A casa dos communs não quiz dar dinheiro para pagar as dividas dos subsidios, ainda que todos os Principes credores por seus ministros sollicitaram este pagamento, he necessario appellar para outra sessão, em que os animos venham menos da corte, e que tenham mais attenção com seus alliados. O verão vae correndo, e espero sempre que V. Eminencia me redima. Rogo a Deus que guarde a pessoa de V. Eminencia largos annos. Londres 24 de Julho de 1714 = Eminentissimo Snr. Cardeal da Cunha = Creado de V. Eminencia = *Joseph da Cunha Brochado.*

— N.º 74. —

Eminentissimo Snr. Pelas minhas cartas terá V. Eminencia visto, qual he a situação duvidosa das nossas cou-

Digitized by Google

sas. Esta corte desarmada de poder não se acha com authoridade para obrigar a el-rei Filippe a convir sobre aquelle mesmo plano, de que ella mesma foi authora, e recorre a França para que por sua mediação se conclua a nossa paz.

A dilação nos he injuriosa e prejudicial em todas as considerações, e quanto fôr maior a tardança será maior o damno, e a injuria. O tempo e o estado dos negocios publicos não permittem que busquemos os meios os mais graves e os mais activos, que são os da força pelo direito das armas, os meios mais seguros e mais aptos são agora os da negociação bem examinada, pezando as difficuldades que nos embaraçam, e os damnos que nos causam as disputas sobre o vencimento destas mesmas difficuldades.

A primeira difficuldade he sobre a justiça dos navios represados; a segunda consiste na liquidação da divida do assento, e a terceira se reduz em ficar em arbitros a decisão do equivalente pela colonia do Sacramento. Em quanto á primeira pertendemos que se compansem os navios com o illiquido do assento; em quanto á segunda que se nos pague o liquido com os seus interesses; e no que respeita á terceira que a acceitação do equivalente fique inteiramente livre na escolha a el-Rei nosso senhor. A corte de Madrid insiste em que a questão dos navios se termine pelo arbitro da rainha de Inglaterra, e que o equivalente, em caso que não seja acceitado, fique no mesmo arbitro.

Façamos agora hum juizo pratico sobre estas difficuldades a'respeito do que pretendemos, e a respeito das objecções, que nos fazem. Eu acho que tudo he a mesma cousa na pratica e na execução.

Supponhamos que a corte de Madrid não acceitando a compensação consente que a causa destas prezas se jul-

Digitized by Google

que nos tribunaes de Sua Magestade, como pertendiamos no principio da negociação. Vamos agora ao juizo pratico; julgada esta causa a nosso favor he certo que Madrid, e os interessados não serão contentes da sentença, e passarão fortes officios com ameaças de ruptura, ou represalia, e nestes termos seremos obrigados a recorrermos á França, ou á Inglaterra para tomar o nosso partido, e mediar nesta querella. Este recurso que outra cousa he senão pôr a causa em hum juiz arbitro? E isto he o que agora pertendem os Castelhanos.

Supponhamos que a liquidação do assento fica para se pleitear nos tribunaes de Castella. Quem duvidará que na pratica e na execução será eterna esta causa, e que para findal-a seremos obrigados a recorrer ou a ameaços de guerra, ou a hum juiz arbitro, que he tambem o que agora nos propõe Madrid?

Supponhamos ultimamente que aquella corte, segundo o plano da Raipha, deixa que a acceitação do equivalente fique na vontade de Sua Magestade. Feita a paz, e dentro de hum anno se offerece este equivalente, e Sua Magestade vendo que não he igual o desapprova; he certo que a corte de Madrid se servirá dos mesmos ameaços, e seremos obrigados a recorrer então a Inglaterra, cujo recurso não importa menos que hum juizo de arbitros: além do que a corte de Madrid não tem equivalente algum, que seja acceitavel, porque o não ha-de dar nem na America, nem no seu continente.

Por este modo bem consideradas as cousas na sua pratica, não podemos fugir a este arbitrio, e nestes termos julgo que he mais decoroso, e mais decente que estes arbitros se introduzam por huma convenção reciproca em hum tratado livre de paz, do que depois por necessidade á vista de hum ameaço. Este he, e foi sempre o meu sentimento, de que fiz parte a D. Luiz da Cunha,

Digitized by Google

olhando para as cousas não sómente em suas causas, e pelo que são, mas em seus effeitos, e pelo que podem produzir: o juizo pratico he o mais seguro em todas as emprezas, e deliberações.

Quizera continuar com outras materias, mas não tenho forças para escrever mais: perdóe V. Eminencia a liberdade com que me atrevo a dizer o meu sentimento, e se V. Eminencia entender que não mereço o perdão, comece o castigo rasgando, e pizando esta carta. Deus guarde a V. Eminencia muitos annos. Londres 7 de Agosto de 1714 = Eminentissimo Snr. Cardeal da Cunha = Creado de V. Eminencia = *Joseph da Cunha Brochado.*

— N.º 75. —

Eminentissimo Snr. Na primeira posta responderei ás cartas que V. Eminencia me fez honra de escrever. Agora precede a tudo a nova da morte da Rainha.

Esta princeza se achou mal em 8 de Agosto em que teve uns vomitos com grande emoção e abalio dos humores. Seguiram-se convulsões sem violencia, mas com grande lethargo. Tomou vomitivos para ajudar a natureza, de que recebeu algum alivio, e como as convulsões continuavam com desacordo, foi necessario recorrer a vesicatorios, que lhe restituiram os sentidos á medida que com grande tormento obraram alguma cousa, até que vencida a natureza com a ultima convulsão apopletica rendeu o espirito no paço Kinsington em 12 de Agosto pelas sete horas da manhãa, depois de quatro dias do doença.

Assim morreu a rainha Anna Stuard fazendo praça a huma varonia estrangeira na successão de Inglaterra. Esta morte se acontecesse ha quatro annos seria chorada no

Digitized by Google

seu reino com lagrimas de sangue, mas hoje nesta cidade não tirou de seus vassallos o mais leve sentimento. Incitou o desterro de seu pae para roubar-lhe a corôa, e veio a morrer entre dous estrangeiros, o principe de Orange, e o eleitor de Hanover. A ultima causa de sua morte foi a agitação que padeceu quando despedio de seu serviço o thesoureiro Oxfford, e por esta maneira foram aggressores da sua morte a sua maior valida, e a pessoa que destinava para seu primeiro ministro.

Logo que morreu a Rainha se ajuntou o grande Conselho de Estado no paço de S. James, abrio-se a nomeação para a regencia da parte do Eleitor, em presença do seu ministro na fórma literal do acto do Parlamento. Destes ministros, e dos sete nomeados ex-officio no mesmo acto se compôz legitimamente a Regencia deste reino.

Na mesma hora dispôz tudo o que era necessario para a defensa, e repouso interno; expediram ordens para equipar com diligencia todos os navios que houvesse, e que seriam governados pelo almirante Berkeley; para que as milicias em armas rondassem a cidade; para se exportarem de Flandres quatro regimentos inglezes; para que se chegassem a Londres alguns regimentos que se acham nas provincias, e para que o lord Strafford lembrasse aos Estados Geraes as obrigações da sua garantia sobre a successão. Expedidas estas ordens se decretou a proclamação nos logares publicos, e se fez pelas duas horas da tarde do mesmo dia em que morreu a Rainha, sendo proclamado por hum rei de armas o muito alto e poderoso principe George Rei da Grande Bretanha, de França e de Irlanda etc.

Esta funcção se executou com grande concurso de povo, como he costume; levava hum grande sequito de carroças, em que estava toda a nobreza de Inglaterra, com os ministros novos, e antigos. Não houve a mais peque-

Digitized by Google

na perturbação, mas hum contentamento geral em toda a sorte de gente: tanto pode a obstinação preoccupada de certos principios de religião e de liberdade.

Não se sabe ainda que effeito fará este grande successo em Escocia, e da outra parte do mar, mas não se entende que passe do coração á boca, e menos ás mãos.

O mal que o ministerio da Marinha fez á Europa está feito, mas ao menos não crescerá mais. O estado em que elle poz as cousas não podia ser peior, e assim a mudança nunca pode ser má.

Não entendo que a Regencia se occupe em algum negocio politico, e tudo deixará ao novo Rei; por ora o em que cuidam he a tranquillidade, e a segurança dentro da Ilha.

Fico na obediencia de V. Eminencia como devo. Deus guarde a V. Eminencia muitos annos. Londres 14 de Agosto de 1713. = Eminentissimo Snr. Cardeal da Cunha = Creado de V. Eminencia = *Joseph da Cunha Brochado.*

— N.º 76. —

Eminentissimo Snr. Devo agradecer a V. Eminencia a honra que me fez, multiplicada em tres cartas, que recebi nestes ultimos Paquebotes, mas aonde irei buscar agradecimentos para huma honra que não cabe na minha mesma vaidade?

Grandes novas terá V. Eminencia ouvido nestas duas postas. Hum thesoureiro primeiro ministro lançado fóra do seu cargo por incapaz. Huma Rainha morta pelas indiscretas sollicitações dos seus favorecidos. Hum Rei proclamado com differentes interesses. Hum ministro abatido que hontem estava sobre o throno, e finalmente o partido Whig outra vez triunfante. Tudo isto não he na-

Digitized by Google

da em Inglaterra, e não he mais, que huma continuação da sua historia.

Sem mentir, e sem escandalisar posso affirmar a V. Eminencia que os ministros, que até aqui governaram este reino, digo aquelles aos quaes a Rainha se confiava inteiramente eram os mais indignos do nome de homens, e não cabe na explicação a irregularidade das suas acções no que respeita aos negocios intestinos, e a inconsideravel conducta do manejo dos negocios estrangeiros. Perdoe V. Eminencia esta declamação, ou invectiva que servirá de verdadeiro epitafio na sepultura deste ministerio.

Remettendo-me ao que escrevi nas cartas da Secretaria he inutil repetir a V. Eminencia o mesmo.

Já supponho que el-Rei nosso senhor terá nomeado ministro para este reino, ainda que reconheço a difficuldade que ha presentemente para achar hum homem que tenha a lingua solta, e os olhos desabotoados.

A causa desta esterilidade nasceu no reinado antecedente, e pode ter remedio se quizermos considerar hum pouco na educação da mocidade.

D. Luiz da Cunha espera vir para este lugar, e não tardará muito. Elle me escreve que sobre a minha pessoa dissera alguma cousa a Sua Magestade, e sou obrigado a dizer a V. Eminencia o que entendo que he justo e necessario. Não convém que eu tenha agora maior caracter para cumprimentar o novo Rei, porque não he costume que na mesma corte, e na mesma casa hum ministro anoiteça Enviado e amanheça Embaixador: isto parece ou pobreza de sugeitos, ou pouca vontade de maior despeza. O novo Rei pode vir dentro de tres, ou quatro semanas, e lhe farei o cumprimento que Sua Magestade fôr servido, como lhe farão os mais ministros que aqui se acham. Será depois necessario que Sua Magestade mande hum ministro novo de maior caracter para mostrar

Digitized by Google

expressamente ao novo Rei a estimação que faz da sua pessoa, e da sua vizinhança, e esta funcção pode fazer D. Luiz da Cunha logo que a paz fôr assignada sem esperar a ratificação. Este he o meu parecer offerecido ao alto exame de V. Eminencia, a quem Nosso Senhor guarde muitos annos. Londres 21 de Agosto de 1714 = Eminentissimo Snr. Cardeal da Cunha = Creado de V. Eminencia = *Joseph da Cunha Brochado.*

— N.º 77. —

Eminentissimo Snr. Eu não posso dizer nesta carta a V. Eminencia mais do que escrevo á Secretaria, e assim recommendo a V. Eminencia a leitura daquella carta em que refiro o que tenho obrado, não me poupando a algum trabalho e algum estudo, apezar das debilidades do corpo e do entendimento.

Será conveniente, e creio da ultima importancia, que Sua Magestade mande hum Embaixador extraordinario titular a esta corte. Logo que Sua Magestade receber a carta de notificação do novo Rei, poderá fazer esta nomeação, e não he necessario que se detenha muitos mezes, depois dos quaes, e ainda no mesmo tempo pode vir D. Luiz da Cunha, que achará ministro da sua amisade.

O favor que V. Eminencia me faz me obriga ou me facilita a continuar esta liberdade, declarando-lhe que me parece muito a proposito, que se escolha para esta funcção o conde de Assumar, que falla francez, tem conhecimentos com cavalheiros, e generaes, que serviram em Barcelona, sabe os negocios do tempo, foi ministro junto de hum Principe, que he muito agradavel ao novo Rei, e á nova corte; tem boa presença, muita brandura, e muita docilidade. Esta he a pintura que delle aqui fa-

Digitized by Google

zem os Inglezes, e estrangeiros, que o conheceram em Barcellona.

Torno a pedir a V. Eminencia perdão desta liberdade. O estado em que me acho não he para mentir. Logre V. Eminencia a saude que lhe desejo, e Nosso Senhor lhe augmente a vida por largos annos. Londres 4 de Setembro de 1714 = Eminentissimo Snr. Cardeal = Creado de V. Eminencia = *Joseph da Cunha Brochado.*

— N.° 78. —

Eminentissimo Snr. Esperamos nesta semana o novo Rei, que fará a sua entrada com grande acclamação, e quasi todas as janellas das ruas por onde ha-de passar estão alugadas por grande preço, e a cidade se enche de estrangeiros, álem da muita gente que vem das provincias e da Escocia. A coroação se fará logo, o que he hum acto de grande pompa neste reino.

Os Inglezes começam a fallar alto á França, e se o Imperador se accordar com elles, farão o que quizerem. O novo Rei he hum principe rico e poderoso em Allemanha, e isto junto ao grande poder da Grande Bretanha fará que a alliança deste Principe seja muito desejada. Elle, o seu governo, e toda a nação estão dispostos a cultivar a nossa amisade na esperança da utilidade do commercio, e esta boa intelligencia nos pode servir de muito boa barreira.

O que estes ministros têem obrado a nosso respeito he tudo o que podiamos desejar, e não duvido que os seus effeitos correspondam ás intenções.

Eu obrei tudo o que devia na prompta informação, que dei aos Regentes por escripto, que continha huma collecção de documentos com as notas e allegações necessarias, e assim bastou ella para a sua maior instrucção.

Digitized by Google

Se eu tivera mais saude mandaria este papel a V. Eminencia traduzido em Portuguez, mas hoje o mando em Francez a Diogo de Mendonça.

Não sei quaes foram as duvidas do embaixador de França, porêm pelas cartas dos mercadores se diz que elle pertendia impedir a sahida a hum navio que suspeitava ser de Catalães. Perguntára eu a este ministro, quando isto fosse verdade, se tinhamos nós feito algum tratado em que fossemos obrigados a não soccorrermos os inimigos dos nossos inimigos, que he o que presentemente respondeu França a esta Regencia sobre não querer mandar retirar as suas tropas diante de Barcellona, que chama auxiliares.

O secretario Bolingbroke fica fóra do seu cargo, e he huma nova que será agradavel a todos os Principes, que tiverem negocio em Inglaterra.

A esperança de poder sahir daqui antes do Natal faz o meu maior alivio, principalmente vendo proxima a occasião de me vêr na presença de V. Eminencia, cuja saude conserve Deus por larguissimos annos. Londres 18 de Setembro de 1714 = Eminentissimo Snr. Cardeal da Cunha = Creado de V. Eminencia = *Joseph da Cunha Brochado.*

Digitized by Google

XII.

O TESTAMENTO.

Como pode succeder que o leitor já se não lembre do retrato da madrasta da marqueza de Harville; sempre repetiremos que ella era muito baixa, loira, magra, de sobrancelhas quasi brancas, e os olhos redondos e de um azul muito claro: a sua falla maviosa, e que o seu olhar perfido e falso indicavam um fundo de crueldade e velhacaria.

— Que mancebo tão encantador! — disse a senhora d'Orbigny para o tabellião, logo que o visconde sahio.

Digitized by Google

— Muito encantador... Fallemos porem nos vossos negocios... Escrevestes-me da Normandia dizendo que precisaveis consultar-me...

— E quando deixastes vós de ser o meu director, depois que o digno Polidori me deu relações comvosco?... Mas a proposito de Polidori, tendes noticias delle? — perguntou madama d'Orbigny com summa tranquillidade.

— Desde que sahio de Paris, nunca me escreveu — respondeu o tabellião com o mesmo tom de indifferença.

Advirta o leitor que ambos os interlocutores mentiam descaradamente. O tabellião tinha estado pouco antes com Polidori (um dos seus cumplices) e tinha-lhe proposto ir a caza da familia de Marcial, em Asneiros, para envenenar Luiza Morel, com o nome supposto de *doutor Vicente*. E a senhora de Orbigny veio a Paris para ter uma entrevista secreta com aquelle malvado, que, segundo já dissemos, vivia occulto debaixo do nome de Cezar Bradamanti.

— Deixemos em paz o bom do doutor — disse a madrasta da marqueza de Harville. — Estou com muito cuidado, porque meu marido acha-se doente, e vae definhando a olhos vistos.... E ainda que não seja grave o meu receio... com tudo o seu estado affligi-me... e a elle talvez ainda mais... — accrescentou madama de Orbigny enchugando os olhos.

— Vamos porem ao que importa; de que é que se trata?

Digitized by Google

— Elle está sempre a fallar na sua ultima disposição... no testamento.

— Triste resolução, na verdade — replicou o tabellião; — porem essa precaução nunca fez mal. E vós, senhora, sabeis quaes são as tenções de vosso marido?

— Como as posso eu saber? bem deveis imaginar que quando elle me falla neste assumpto, eu mudo logo de conversa.

— Então nunca vos disse nada, de um modo positivo?

— Parece-me — disse madama de Orbigny exhalando um profundo suspiro — parece-me que não só quer deixar-me tudo o que a lei lhe permitte, mas que até... Ai! peço-vos pelo amor de Deus que fallemos de outra cousa....

— E de que?

— Dizeis bem, homem desapiedado!... Que remedio terei senão fallar do unico objecto que me trouxe aqui... N'uma palavra, o senhor de Orbigny leva a sua bondade até ao ponto de deixar-me uma parte consideravel da sua fortuna.

— E a sua filha! — exclamou Jacques Ferrand com aspecto carregado. — Deveis saber que ha um anno a esta parte o marquez de Harville me deu poderes para tratar dos seus negocios. Mas pouco me importa que o marquez seja ou não meu cliente; o que eu defendo é a causa da justiça. Se o vosso marido chega a tomar uma determinação que me não pareça conveniente para sua filha, a marqueza de

Digitized by Google

Harville, desde já vos digo que não conteis com a minha cooperação... Sou franco; e não gosto de dizer uma cousa por outra...

— Tambem tenho o mesmo genio. Isso mesmo que agora me dissestes, estou eu sempre a repetir a meu marido; e digo-lho que ainda que tenha alguma razão de queixa contra sua filha, nem por isso a deve desherdar.

— Muito bem... não ha nada mais justo... E elle que responde?

— Responde: « Deixarei a minha filha doze mil crusados de renda. Ella herdou duzentos contos de sua mãe; e seu marido tem uma fortuna immensa; e então porque me não ha-de ser licito dar-vos o resto, a vós, que sois a minha terna amiga, a consolação unica dos meus dias, o meu amparo, o meu anjo tutelar? » Repito-vos estas palavras em extremo lisongeiras - continuou madama de Orbigny com ar de modestia — para vos manifestar quanto meu marido me estima; mas como eu não quiz nunca acceitar os seus offerecimentos, resolveu-se a pedir-me que viesse fallar comvosco.

— Mas eu não conheço o senhor de Orbigny?

— Porem conhece-vos elle pela fama da vossa excellente reputação.

— E porque motivo vos mandou elle vir ter comigo?

— Para acabar por uma vez com a minha negativa e com os meus escruplos, disse-me: « Não vos aconselho o meu tabellião porque podeis crêr

que seria parcial; entrego-vos porem á decisão de um homem, cuja severa probidade por muitas vezes vos tenho ouvido gabar... do senhor Jacques Ferrand. Se elle entender que o vosso consentimento compromette a vossa delicadeza, não fallarei mais nisto... mas senão, deveis resignar-vos.» Eu admitti a proposta do senhor de Orbigny, e aqui tendes o motivo porque viestes a ser meu arbitro. «Se o senhor Ferrand approvar a minha determinação» accrescentou meu marido, «mandar-lhe-hei plenos poderes para que conserve em deposito as minhas rendas e as minhas escrituras de creditos, e dest'arte podereis viver socegada, quando eu vier a faltar-vos.»

Nunca Jacques Ferrand conheceu tanto como nesta occasião a necessidade dos seus oculos: pois se elles não fossem, madama de Orbigny certamente teria reparado no olhar ardente do tabellião, cujos olhos se lhe inflammaram ao ouvir proferir a palavra *deposito*. Entretanto respondeu com ar um tanto perturbado:

— Venha de lá mais essa impertinencia... é a decima vez que me procuram para arbitro, e sempre com o pretexto da minha probidade... e sempre a minha probidade... e a darem-lhe com a minha probidade. Estou gordo com a tal fama... que não me traz senão incommodos e trabalho!

— Oh meu querido senhor Ferrand! não me trateis desse modo!... D'Orbigny espera a vossa annuencia para vos mandar a procuração, a fim de poderdes realisar essa somma.

Digitized by Google

— E quanto será, pouco mais ou menos?

— Parece que me fallou n'uns oitenta ou cem contos de reis.

— Ah! é menos do que eu suppunha; porque a final de contas vós vos sacrificastes pelo senhor de Orbigny... E como sua filha é rica, e vós não tendes cousa alguma, creio que posso dar a minha approvação, e que sem escrupulo de consciencia podeis acceitar.

— Então por fim concordaes?... — disse madama de Orbigny, acreditando, como todo o mundo, na probidade proverbial do tabellião, ácerca do qual a não tinha desenganado Polidori.

— Podeis acceitar... — repetio o tabellião.

— Pois nesse caso acceitarei — tornou-lhe madama de Orbigny, dando um suspiro.

Neste entretanto bateu á porta o regente.

— Quem temos lá? — perguntou o tabellião.

— A senhora condessa Mac-Gregor.

— Que espere um instante.

— Vou-me embora, meu querido senhor Ferrand — disse madama de Orbigny. — Conto que escrevereis a meu marido, pois que elle assim o deseja... e ámanhãa vos enviará a competente procuração...

— Pois bem, escreverei...

— Adeus, meu digno e honrado conselheiro...

— Ah! que mal sabeis vós, que viveis no grande mundo, os amargurados instantes que semelhantes depositos nos fazem passar!... e a responsabili-

Digitized by Google

dade que nos pezar. Digo e repito que não há nada mais detestavel que uma boa reputação, que não traz comsigo senão desgostos e cuidados.

— E a admiração das pessoas honradas!...

— Não está neste mundo a recompensa que ambiciono — disse Jacques Ferrand com tom e gesto de beato.

Sahio madama de Orbigny, e appareceu a condessa Mac-Gregor.

Digitized by Google

Digitized by Google

XIII.

A CONDESSA SARA MAC-GREGOR.

SARA entrou no gabinete do tabellião com a sua firmeza e serenidade habituaes. Jacques Ferrand não a conhecia; e como ignorasse o objecto da sua visita, observou-a com extraordinaria attenção, protestando fazel-a cahir no laço da sua hypocrisia. Não obstante a inalteravel impassibilidade do semblante desta mulher, notou elle em seus olhos uma ligeira inquietação que lhe revelou a falta de tranquillidade do interior. Ergueu-se o tabellião da sua cadeira, aproximou outra, e indicou-a com um gesto a Sara.

Digitized by Google

— Mandastes-me hontem pedir que vos designasse um momento para me fallar; estive porem tão occupado que me não foi possivel escrever-vos esta manhãa: espero que me desculpeis esta falta.

— Desejava fallar-vos, senhor tabellião sobre um assumpto da maior importancia... A vossa reputação de honrado, bondoso, e obsequiador induz-me a esperar que a minha pretenção não será desattendida.

O tabellião fez uma leve cortezia.

— Sei que sois a propria reserva e discripção em pessoa.

— E' esse o meu dever, senhora.

— Sois um homem rigido e incorruptivel.

— Sim, senhora.

— E com tudo, se vos dissessem que dependia de vós restituir a vida... ainda mais que a vida... o juizo a uma desditosa mãe... acaso terieis valor para recusar?...

— Explicae-vos, senhora, e depois responderei.

— Ha uns quatorze annos, em fins de Dezembro de 1824, veio fallar comvosco um mancebo vestido de luto, e propoz-vos que recebesseis trinta conto de reis, para constituirem um fundo de renda vitalicia a uma menina de tres annos, cujos paes queriam conservar-se incognitos.

— E depois, senhora? — interrompeu o tabellião, evitando por este modo dar uma resposta affirmativa.

Digitized by Google

— Consentistes em vos encarregar do dito deposito, segurando-se para a dita menina uma renda annual de um conto e quinhentos mil reis; devendo ametade desta renda ser capitalisada em seu proveito até chegar á maioridade, e a outra ametade devia ser paga por vós á pessoa que tinha tomado conta da menina.

— E que mais, senhora?

— No fim de dous annos — continuou Sara com uma ligeira emoção — no dia 28 de Novembro de 1827, aquella menina morreu...

— Antes de passar adiante, devo perguntar-vos, senhora, porque tomaes interesse neste negocio?

— Porque a mãe daquella menina era minha irmãa (1)... Para prova do que affirmo tenho a certidão do obito, as cartas da pessoa que a tinha a seu cuidado, e a escriptura de obrigação de um dos vossos clientes, onde depositastes os trinta contos de reis.

— Deixae-me vêr esses papeis, senhora.

Admirou-se Sara de que não bastasse o testemunho da sua palavra, e tirou da carteira alguns papeis, que o tabellião examinou com o maior escrupulo.

— E então que pretendeis, senhora? A certidão está legal, os trinta contos ficaram pertencendo a João

(1) A menina de que se falla, já o leitor ha-de saber que era Flor-de-Maria, filha de Rodolfo e de Sara, e que esta alludindo a uma supposta irmãa inventa uma impostura necessaria aos seus projectos, como se verá. Sara assim como Rodolfo estavam persuadidos da realidade da morte da menina.

Digitized by Google

Minimo, meu cliente, em consequencia da morte da menina; os depositos desta natureza estão sujeitos a este inconveniente; mas eu adverti-o á pessoa que tratou esse negocio. E em quanto á renda, paguei-a exactamente todo o tempo que a menina foi viva.

— Eu nada tenho a dizer contra o vosso comportamento neste negocio, antes pelo contrario muita satisfação tenho em a declarar recta e leal. A mulher a cujo cuidado ficou a menina tambem se tornou digna da nossa gratidão, pelo desvelo com que tratou de minha sobrinha.

— E' verdade, senhora: e tanto me penhorou a conducta dessa mulher, que vendo-a eu desarranjada, depois que a menina morreu, trouxe-a para minha casa, onde até ao presente se acha...

— Está em vossa casa a senhora Serafina?

— Ha doze annos que é minha ama de governo... e não tenho rasão de queixa della.

— Então, senhor, pode ella prestar-nos um grande serviço... se quizesseis admittir uma proposta que vos parecerá muito estranha, e... por ventura culpavel á primeira vista; ... mas logo que souberdes a intenção...

— Não me persuado, senhora, que sejaes capaz de me fazer uma proposta culpavel.

— Bem conheço a severidade dos vossos principios; ... porem toda a minha esperança... a minha unica esperança está posta na vossa piedade... Mas em todo o caso conto com o vosso segredo.

— Podeis estar descançada, senhora.

Digitized by Google

— Nesse caso vou fallar-vos francamente. A morte dessa pobre menina deixou sua mãe em tal desconsolação, que a sua dor actual ainda é tão viva como ha quatorze annos; e depois de termos receado pela sua vida, hoje receamos que perca o juizo:

— Pobre mãe! — disse Jacques Ferrand com ar compadecido.

— Oh! que na verdade é bem desgraçada! porque não podia deixar de se envergonhar do nascimento de sua filha no tempo em que a perdeu: e agora de tal sorte mudaram as circumstancias, que se ella ainda vivesse, não só minha irmãa a poderia legitimar, mas tel'-a-ia a seu lado, e chamar-lhe-ia sua filha... E eis-ahi porque tememos que esta dor incessante, unida a outros pesares, lhe faça por fim perder a rasão.

— E desgraçadamente não ha remedio para o seu mal!

— Ha sim, senhor...

— Qual é, senhora?

— Supponde que se chega agora á pobre mãe, e se lhe diz: « Deu-se, é verdade, por morta vossa filha, mas foi falso... ella ainda vive... a mulher que a teve a seu cuidado em pequena está prompta a jural'-o.

— Isso, senhora, seria uma mentira cruel.., com que fim se hão-de dar a essa desditosa mãe umas esperanças vãas?

— E se não fosse mentira? com por outra... se esta supposição se podesse vir a realisar?...

Digitized by Google

— Por algum milagre? se para isso só bastasse unir os meus aos vossos rogos, acreditae, senhora, que com a melhor vontade os uniria... Mas infelizmente a certidão do obito está indubitavel.

— Eu bem sei que a menina está morta, senhor tabellião; mas apesar disso, se vós quizesseis, a desgraça não seria irreparavel.

— E' algum enigma que me vindes propôr, senhora?

— Não: eu vos digo claramente a minha idéa... Se minha irmãa recuperar a sua filha, não só não perderá a vida, mas terá a cortesa de casar com o pae da menina, que hoje está livre para o fazer, assim como a mãe. Minha sobrinha morreu da idade de seis annos... Seus paes não podem conservar das suas feições a mais pequena memoria, porque desde mui tenra idade viveu separada delles... Supponhamos agora que se podia encontrar uma rapariga de desesete annos, que é a idade que minha sobrinha hoje teria... uma dessas raparigas abandonadas por seus paes; e depois que se dizia a minha irmãa: « Enganaram-vos; aqui tendes vossa filha: a historia da sua morte foi uma ficção que se tornou necessaria por muito fortes motivos. A mulher que a criou, e um tabellião muito respeitavel estão ahi para vos provar que ella é a mesma. »

Jacques Ferrand deixou fallar a condessa sem a interromper, mas levantou-se com repente, e disse com gesto indignado:

— Isso, senhora, é uma infamia!

Digitized by Google

— Mas, senhor tabellião!...

— Como ousaes vós propôr-me... a mim... uma supposição de filho... a annulação de uma certidão de obito... e finalmente, uma acção criminosa?... E' a primeira vez na minha vida que soffro tamanho ultrage... e Deus bem sabe... e vós tambem sabeis que o não mereço...

— Mas, senhor, reparae bem... daqui não resulta mal algum a terceiro! Minha irmãa, e a pessoa com quem deseja casar, estão viuvos, e sem filhos... e ambos choram amargamente a morte da filha que perderam. Isto não é enganal'-os... é restituir-lhes a felicidade e a vida... é fazer ditosa uma rapariga abandonada, é uma acção nobre e generosa, e não um crime.

— Na verdade, senhora, estou admirado de vêr as bellas apparencias de que os projectos mais execrandos se podem revestir!...

— Mas reflecti, senhor...

— Tenho dito, senhora, é uma infamia!... E é até uma vergonha que uma dama da vossa jerarchia se metta a urdir tramas tão machiavellicas e detestaveis, que vossa irmãa sem duvida ignora...

— Senhor tabellião!...

— Basta, senhora, basta!... Conheço que não sou muito *cortez*... A minha expressão pareceu-vos de certo muito tôsca...

Sara dirigio ao tabellião um desses olhares máos, profundos, e penetrantes, e disse-lhe friamente:

Digitized by Google

— Então recusaes?

— Não continueis a insultar-me, senhora.

— Tende cuidado!...

— Oh! ameaçaes-me?...

— Ameaço, sim... E para vos provar que não é vãa a ameaça, dir-vos-hei em primeiro lugar que não tenho irmãa...

— Pois que, senhora?...

— Sou a mãe da menina...

— Vós?...

— Sim, eu!... Fiz este rodeio para chegar ao que queria, inventando uma fabula para vos interessar a meu favor... Mas, pois que não cabe em vós compaixão... arrancó a mascara, e digo-vos... que se quereis guerra... teremos guerra...

— Guerra? porque não annuo a tomar parte em uma trama criminosa! que ousadia!...

— Ouvi-me, tabellião... a vossa reputação de homem honrado é grande, é immensa...

— Porque é merecida... E por isso ereio que é preciso ter perdido o juizo para se me fazerem propostas de semelhante natureza... e ainda em cima ameaçar-me porque as não acceito.

— Ninguem melhor que eu sabe, senhor tabellião, quanto se deve desconfiar dessas reputações de virtude rude e intractavel, que encobre muitas vezes a galantaria das mulheres, e a infame conducta dos homens.

— Senhora!...

— Desde o principio desta nossa entrevista, não

Digitized by Google

sei porque... mas pareceu-me logo, que não ereis digno da reputação que disfructaes.

— De véras, senhora?... essa duvida faz grande honra á vossa perspicacia.

— Não é assim?...dizeis isso porque esta duvida se funda em bagatelas... em um mero instincto, em um presentimento inexplicavel?... pois rara vez me tem falhado.

— Acabemos com isto, senhora.

— Sabei antes a minha resolução... Em primeiro lugar, e aqui para nós, digo-vos que estou convencida da morte de minha filha... Mas não importa... sustentarei que não morreu, porque não ha cousa que se não sustente por mais inverosimil que pareça. Vós estaes hoje senhor de uma posição, que vos deve ter grangeado muitos invejosos; e estes olharão como uma boa fortuna a occasião de vos accommetter... e eu lha proporcionarei...

— Vós?..,

— Sim, eu: accusando-vos por qualquer pretexto absurdo; qualquer irregularidade, por exemplo, na certidão do obito... E como tenho o maior interesse em fazer crer que ainda vive, posto que tenha morrido, a causa favorecerá os meus designios, dando ao assumpto uma voga immensa. Uma mãe que reclama a sua filha não pode deixar de excitar grande interesse; e terei a meu favor os vossos invejosos, os vossos inimigos, e todas as almas sensiveis, e amigas da novidade.

— Mas essa conducta é nescia e infame! Que

Digitized by Google

interesse podia eu ter em dar por morta vossa filha sem o estar?

— E' certo que não será facil de descobrir o motivo; mas felizmente ahi estão os advogados que acharão quantos quizerem... Um, por exemplo, me occorre a mim agora, e é excellente; querendo repartir com o vosso cliente a somma depositada pela vida desta infeliz criança... fizeste-la desapparecer...

O tabellião encolheu os hombros, e disse: — Se eu fosse capaz de commetter um tal crime, em lugar de a fazer desapparecer, matal-a-ia!

Sara estremeceu de espanto, guardou silencio um instante, e depois disse com amargura:

— Para um homem tão santo como vós, vejo nessas palavras um pensamento criminoso profundamente gravado... Por ventura, atirando ao acaso, acertaria eu o alvo?... Isto da-me em que pensar, e pensarei... Mais uma palavra, e seja a ultima... Já vêdes de que tempera eu sou... atropello e esmago tudo quanto faz obstaculo á execução dos meus projectos... Reflecti bem, e ámanhãa sem falta deveis ter tomado uma decisão... Podeis fazer impunemente o que vos peço; o jubilo do pae de minha filha será tal, que nem se lembre de discutir a possibilidade de semelhante resurreição, uma vez que haja habilidade na combinação da nossa impostura. Alem disso elle não tem outra prova da morte de nossa filha senão a noticia, que lhe dei ha doze annos; ser-me-ha facil persuadil'-o que o enganei, porque eu tinha então contra elle justos motivos de

Digitized by Google

queixa... Digo-lhe que no meio do meu resentimento quiz com aquella falsa noticia romper a seus olhos o ultimo laço que nos unia. Bem vêdes que nada disto vos pode comprometter: affirmae tão sómente, homem irreprehensivel... affirmae que tudo isto não foi mais que uma combinação feita em outro tempo por vós, por mim, e por Serafina; e forçosamente nos hão-de acreditar. E em quanto aos trinta contos, isso é só meu: ficam em poder do vosso cliente, que escusa de saber destes passos: finalmente vós mesmo direis qual deva ser a vossa recompensa...

Jacques Ferrand conservou-se tranquillo, apesar do que havia de singular e de estranho nesta situação, para elle tão perigosa. A condessa acreditando deveras na morte da sua filha, propunha ao tabellião que fizesse passar por viva a mesma ménina, que ella ha quatorze annos fizera passar por morta. Mas era muito sagaz, e conheceu bem os perigos da sua posição, para não prover os que das ameaças de Sara lhe podiam vir. O edificio da sua reputação, com quanto fosse admiravel e laboriosamente construido, tinha com tudo alicerces de areia: e elle bem sabia que o publico retira a sua admiração com a mesma facilidade com que a presta, pois acha um cruel prazer em calcar hoje aos pés a quem hontem elevava ás nuvens. E assim, como se poderiam prever as consequencias do primeiro ataque dirigido contra a reputação de Jacques Ferrand? Por mais insensato que fosse semelhante ataque, a simplès ousadia de o tentar bastaria para despertar mil sus-

Digitized by Google

peitas. Querendo por tanto o tabellião tomar as suas medidas para parar este golpe, disse friamente para Sara :

— Destes-me de prazo até ámanhãa ao meio-dia ; porem eu, senhora, dou-vos um prazo maior ; até depois de ámanhãa ; para terdes tempo de reflectir, e desistir ao depois de um projecto, de cuja gravidade não fazeis idéa. Se neste intervallo não receber carta vossa, em que me deis parte de terdes renunciado a tão estouvada empresa, sabereis então, e á vossa custa, que a justiça protege as pessoas honradas que se negam a ser cumplices dos authores de odiosas tramas.

— Isso quer dizer, senhor tabellião, que me pedis mais um dia para reflectir acerca das minhas propostas... Não é máo signal... concedo-vo-lo. Tornarei depois de ámanhãa a esta mesma hora, e de novo vos digo que se decidirá então a paz... ou a guerra... mas guerra cruenta, sem quartel e sem respiro.

E dito isto sahio Sara...

. . . . . .

— Tudo vae bem... — disse ella para si mesma — Aquella miseravel rapariga por quem Rodolfo teve o capricho de se interessar, mandando-a para a granja de Bouqueval, para depois talvez, a converter em dama dos seus pensamentos, já a não devo temer... graças á Torta que me livrou della... A destreza de Rodolfo salvou a marqueza de Harville do laço que lhe eu tinha armado ; mas não será possivel que se

Digitized by Google

salve da nova combinação que medito; e ficará então para sempre perdida para Rodolfo. E este, triste, descoroçoado, e falto de affectos, ficará em uma disposição de espirito tal, que naturalmente se deixará enganar por uma impostura, que eu saberei revestir de todas as apparencias da realidade com o auxilio do tabellião... E o tabellião me auxiliará, porque cheguei a atemorisal'-o. Não me será difficil encontrar uma rapariga orfãa, interessante e pobre, que instruida por mim representará o papel da nossa filha, cuja morte tantas amarguras tem causado a Rodolfo... Eu conheço bem a grandeza e generosidade do seu coração... Sim; para dar um nome e uma conveniente posição á que elle reputar sua filha, tornará a atar os laços, que eu supposera indissoluveis.... As predicções de minha ama serão em fim realisadas, e eu alcançarei o objecto constante da minha vida... Uma coroa!!!

.....

Apenas Sara havia sahido da casa do tabellião, entrou para lá Carlos Roberto, tendo-se apeado de um elegantissimo cabriolé: e dirigio-se logo para o gabinete de Jacques Ferrand, como freguez que frequentava a casa com assiduidade.

Digitized by Google

Digitized by Google

XIV.

CARLOS ROBERTO.

Commandante, como lhe chamava a porteira Pipelet, entrou sem ceremonia no gabinete do tabellião, que encontrou de máo humor, e que lhe disse com modo brutal:

— Tenho reservadas as tardes para os meus clientes; e por tanto quando quizerdes fallar-me, vinde antes de manhãa.

— Oh meu amado tabellião! — disse Carlos Roberto com pretenções de jocoso — trata-se de um negocio muito importante, em primeiro lugar... e depois tambem queria socegar-vos do susto que podesseis vir a ter por minha causa...

Digitized by Google

— Que susto ?

— Pois não sabeis ?...

— O que ?

— O meu desafio...

— O vosso desafio ?

— Com o duque de Lucenay. Pois não sabieis?...

— Não.

— E' possivel !

— E porque foi o desafio ?

— Por um caso muito grave que pedia sangue. Imaginae vós que em plena embaixada o duque de Lucenay teve a petulancia de me dizer na cara, que... eu tinha defluxo.

— Que tinheis que ?

— Defluxo, meu querido carturario ; uma enfermidade que deve de ser mui ridicula.

— E foi por isso o desafio ?

— Pois porque diabo quereis vós que um homem se desafie ? Naturalmente querieis que a gente com todo o sangue frio ouvisse dizer que tinha defluxo, e de mais a mais na presença de uma mulher encantadora... de uma marquesinha... que... Está bom, basta... o caso não podia assim ficar.

— De certo.

— Bem vêdes que cá nós os militares... estamos sempre com o pé no estribo. Os meus padrinhos tiveram ante-hontem uma conferencia com os do duque... eu tinha collocado a questão no seu terreno... ou um desafio, ou uma retractação.

— Uma retractação... mas de que ?

Digitized by Google

— De que? do defluxo, que elle teve a ousadia de me attribuir...

O tabellião encolheu os hombros.

— As testemunhas do duque diziam: « Nós fazemos justiça ao caracter honrado do senhor Carlos Roberto; porem o duque de Lucenay não pode, não deve, nem quer desdizer-se. » « Então, senhores, o duque teima em que o senhor Carlos Roberto tem defluxo? » « Sim, senhores; mas nem por isso entende que tal cousa prejudique a consideração de que o Snr. Carlos Roberto goza. » « Nesse caso que se desdiga. » « Isso por modo nenhum, cavalheiros; o duque reconhece que o senhor Carlos Roberto é um homem completo, insiste porem em que tem defluxo. » Por isto que acabo de vos dizer, já deveis conhecer que não havia meio de nos entendermos sobre tão grave negocio...

— Nenhum meio... insultaram-vos pelo lado mais respeitavel.

— Assim pensei. Assentado pois o dia, a hora, e as armas, hontem pela manhãa se decidio a questão em Vincennes na melhor ordem possivel: dei uma estocada no braço do duque de Lucenay, e os padrinhos declararam estar satisfeita a honra. Então o duque disse em alta voz: « Eu nunca me desdigo antes do duello; mas depois é outro caso. Julgo por tanto do meu dever e da minha honra proclamar que accusei falsamente o senhor Carlos Roberto de ter defluxo. E, senhores, não só reconheço que o meu leal adversario não tem defluxo, mas até

Digitized by Google

espero que jámais a venha a ter ... » E o duque me offereceu cordialmente a mão, dizendo: « Estaes contente? » E eu lhe tornei: « Amigos até á morte. » E na verdade merecia da minha parte esta declaração, porque o duque se tinha portado muito á minha satisfação . . . Podia não ter dito nada, ou declarar simplesmente que eu não tinha defluxo ... Mas desejar que nunca mais o tivesse.., é, na verdade, da sua parte um proceder muito delicado ...

— Ora ahi está o que se chama um valor bem empregado!... Mas que é o que me quereis?

— Meu querido cartorario, trata-se de uma cousa para mim muito importante. Haveis de estar bem sciente que, segundo as nossas convenções, quando vos adiantei os sessenta contos para acabar de pagar o vosso officio, avisando-vos com tres mezes de antecipação posso recolher esses fundos... de que me pagaes juros ...

— E que mais?

— Que mais? — repetio Carlos Roberto um tanto perturbado — eu por mim ... não queria ... mas...

— Acabae com isso ...

— Olhae; é um capricho... a idéa de me fazer senhor de terras, meu querido cartorario.

— Mas explicae-vos ... que já vou perdendo a paciencia ....

— Em uma palavra, offereceu-se-me uma porção de terras, e se o não levaes a mal... quisera, isto é, desejaria arrecadar esses fundos ... e venho prevenir-vos conforme o ajuste ...

Digitized by Google

— Ah

— Espero que o não leveis a mal!

— Pois que motivo teria eu para o levar a mal?

— Porque podereis suppôr...

— Suppôr o que?

— Que sou echo dos boatos...

— Quaes boatos?...

— Não vale nada, asneiras...

— Explicae-vos!

— Não é por o que por ahi se diz a vosso respeito...

— Pois que se diz?

— Naturalmente são tudo pêtas... mas as más linguas affirmam que vós estaes mettido em máos negocios... E' vontade de dizer mal... historias de que se não deve fazer caso... E' como quando se disse que nós ambos entravamos no jogo dos fundos... Boatos que logo se desvaneceram... porque seria mais facil sermos nós ambos uns monos, do que...

— Vamos ao caso... Então não julgaes seguro o vosso dinheiro nas minhas mãos?

— Acho-o seguro... mas creio que nas minhas tambem o estará...

— Esperae um pouco.

Jacques Ferrand fechou a gaveta do seu escriptorio, e levanton-se.

— Aonde ides, meu tabellião da minha alma?

— Buscar com que vos convença da verdade dos boatos que giram ácerca do estado dos meus negocios — disse ironicamente o tabellião.

Digitized by Google

E abrindo a porta da escada interior, que condusia para a outra parte da caza, sem passar pelo escriptorio, desappareceu.

Apenas elle tinha sahido, veio á porta o regente.

— Entrae — disse Carlos Roberto.

— Que é do senhor Jacques Ferrand?

— Sahio lá para cima, meu amiguinho.

— Está ahi uma senhora de véo, que deseja fallar immediatamente ao senhor Ferrand para um negocio de urgencia...

— Pois, meu amiguinho, o patrão não pode tardar, e eu lhe darei o recado. E a tal senhora é bonita?

— Devia de ter olhos de lynce quem o adivinhasse, porque com o véo não se lhe pode vêr a cara...

— Bem, bem: eu lhe deitarei a luneta quando sahir. Em vindo o senhor Ferrand eu lho direi.

Retirou-se o regente.

— Aonde diabo iria o cartorario? — perguntou a si mesmo Carlos Roberto; — naturalmente foi buscar-me a sua conta de caixa... Se o que se diz é falso, tanto melhor... São de certo más linguas que espalham essas vozes... as pessoas de inteireza como Jacques Ferrand tem sempre muitos invejosos... Mas não importa; antes quero ter os fundos em meu poder... Comprarei a grande quinta que me vieram offerecer... Tem torres e ameias gothicas do tempo de Luiz XIV, que é o verdadeiro gosto da renascença... Isto deve-me dar um ar senhoril; e depois

Digitized by Google

é pedir por boca... só isso terá mais força que o meu amor por essa estouvada marqueza de Harville... Quantas voltas que ella me fez dar!... Como me fez andar para traz e para diante!... Ah! que nem ao menos lucrei para as despezas... como disse a estupida porteira da rua do Templo com a sua maldita cabelleira... O peor é que me andou a graça por uns dusentos mil reis... Ao menos ficam-me os moveis, e um motivo para poder comprometter a marqueza... Mas ahi vem já o cartorario.

Jacques Ferrand entrou trazendo na mão um masso de papeis, que entregou a Carlos Roberto; dizendo-lhe:

— Ahi tendes oitenta contos em bonds do thesouro. Dentro de poucos dias ajustaremos as contas dos juros... Dae-me o recibo.

— Mas como!... — exclamou Carlos Roberto estupefacto. — Não vos persuadaes que...

— Eu não me persuado de nada.

— Mas...

— O recibo!...

— Mas, meu querido cartorario!...

— Escrevei o recibo... e dizei a essa gente que falla do mao estado dos meus negocios, que é assim que eu respondo aos seus ditos.

— O certo é que quando se souber deste rasgo, o vosso credito se deve restabelecer de uma maneira sólida. Ficae porem com o dinheiro, que não sei o que hei-de fazer delle neste momento: eu dizia-vos que daqui a tres mezes.

Digitized by Google

— De mim ninguem desconfia duas vezes.

— Estaes escandalisado?

— Venha o recibo!

— Apage! que cabeça de... ferro! — disse Carlos Roberto; e logo accrescentou, escrevendo o recibo:

— Está ahi uma senhora que quer fallar-vos immediatamente sobre um negocio de muita pressa... Estou morto por lhe fitar bem os olhos quando passar... Ahi tendes o recibo: está conforme?

— Está bom. Agora sahi por esta porta.

— E a senhora?

— Pois é mesmo para que a não vejaes.

O tabellião chamou o seu regente, e disse-lhe:

— Essa senhora que entre... Adeus senhor Carlos Roberto.

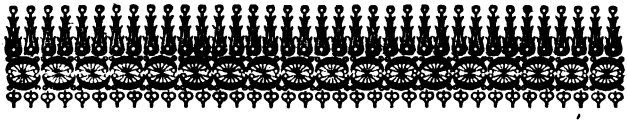
— Com que não tenho remedio senão passar sem a vêr! Amiguinhos como d'antes, meu querido cartorario... Não vos esqueça... que...

— Está bom; está bom! adeus...

E o tabellião fechou a porta por onde Carlos Roberto acabava de sahir.

Dahi a poucos instantes o regente introduzio a duqueza de Lucenay, vestida com trajo modesto, coberta com um grande chale, e com um denso veo de renda preta lançada sobre a cara, e um chapeo da mesma côr.

Digitized by Google



XV.

A DUQUEZA DE LUCENAY.

A duqueza de Lucenay, com passos vagarosos, e um pouco tremulos da agitação interior que a dominava, aproximou-se á escrivaninha do tabellião, que se levantou e deu alguns passos para a receeber.

— Quem sois, senhora ... e o que pretendeis? — disse, sem mais preambulo e secamente Jacques Ferrand, cujo animo, já muito inquieto pelas ameaças de Sara, ficara agora desesperado pelas injuriosas suspeitas de Carlos Roberto. Alem disso a duqueza de Lucenay ia tão simplesmente vestida, que o ta-

Digitized by Google

bellião nada encontrou que lhe reprimisse o seu mao modo e grosseria natural e artificial: e foi tambem por isso que vendo elle a incerteza e hesitação da duqueza, lhe disse ainda com tom aspero e imperioso:

— Então!... senhora! acabaes dahi?

— Senhor tabellião... — disse a duqueza com voz tremula e escondendo a cara por de traz das pregas do véo preto — poderei acaso confiar-vos um segredo da maior importancia?...

— Podeis confiar-me o que quizerdes, senhora; mas, primeiro que tudo, preciso saber com quem fallo.

— Talvez que não seja preciso... Sei que sois honrado e leal...

— Vamos ao caso, senhora... Acabemos com isto por uma vez, que está mais gente á minha espera. Quem sois vós?

— Pouco vos deve interessar o meu nome... Um dos meus amigos.., dos meus parentes... sahio daqui ha pouco, de vos fallar.

— Como se chamava?

— Florestan de Saint-Remy.

— Ah! — disse o tabellião; e lançando depois um olhar penetrante e prescrutador para a duqueza, accrescentou: — E depois, senhora?

— Contou-me o que passou comvosco.

— E então que vos disse?

— Tudo!...

— Fallae claro...

— Para que, se vós o sabeis?...

Digitized by Google

— Mas é que eu sei muitas cousas do senhor visconde de Saint-Remy...

— Ai! senhor, é um caso horrivel...

— Tambem sei delle muitas cousas horriveis...

— Ah! bem mo tinha elle dito!... que vós ereis um homem implacavel...

— Sim, senhora, sou implacavel com os tratantes e falsarios como elle. Esse Saint-Remy é vosso parente? Em vez de o declarar, devieis envergonhar-vos de tal. Cuidaes que me moveis com lagrimas?... perdeis o tempo... e alem disso lembrae-vos que fazeis um papel muito infame para mulher honrada...

Esta insolencia brutal inflammou o orgulho patricio do antigo sangue da duqueza. De curvada que até ali tinha estado, pôz-se de repente direita, deitou o véo para as costas, e com ar altivo, voz firme, e olhar dominador, disse:

— Sou a duqueza de Lucenay,... senhor tabellião...

O porte e a figura desta mulher tomaram naquelle momento um ar tão magestoso e soberano, que o tabellião retrocedeu atordoado e fascinado, tirou o barrete de seda preta com que cubria a calva, e saudou profundamente a duqueza.

Seria realmente difficultoso encontrar semblante e corpo mais engraçados e altivos que os da duqueza de Lucenay; e com tudo já então contava trinta annos feitos, e estava com o rosto pállido, e fatigado; mas em troco disso tinha uns gran-

Digitized by Google

des olhos pretos, cheios de fogo e de vida, um cabello magnifico da mesma côr dos olhos, o nariz delgado, e um pouco arqueado, labios muito vermelhos e desdenhosos, uma cutis delicada, os dentes brancos e brilhantes, o porte alto, esbelto e cheio de nobreza, e o seu andar como *um andar de deusa sobre as nuvens*, segundo se expressa o immortal Saint-Simon. Pozessem-lhe os polvilhos do seculo XVIII, e enfiassem-lhe um dos grandes vestidos da mesma épocha, a duqueza de Lucenay ficaria physica e moralmente uma dessas duquezas libertinas (a) do tempo da Regencia, que tanta audacia, e tanta viveza, e tão seductora *ingenuidade* ostentavam ao mesmo tempo em seus numerosos amores; e que com tanta franqueza e simplicidade se accusavam de tempos a tempos dos seus erros, que os maiores rigoristas não podiam deixar de dizer com o sorriso nos labios: « É certo que tem sido muito leviana, e culpada; mas é tão boa, tão encantadora; ama os seus amantes tão apaixonadamente, e com tanta fidelidade... em quanto os ama.... que quasi se lhe pode perdoar. E finalmente, ella só é má para si, e em paga faz felizes a muitos. » A' excepção pois dos polvilhos, e do altissimo penteado, tal era tambem a duqueza de Lucenay, quando algum sentimento triste lhe não perturbava o animo. Havia entrado com humilde timidez em casa do tabellião... e de repente se transformou em grande senhora, alta, irritada e arrogante. Nunca Jacques Fer-

(a) Naquelles tempos *libertinagem* queria dizer — independencia de caracter, e desprezo do *que diriam*.

Digitized by Google

rand vira em sua vida outra mulher de belleza tão insolente, e de aspecto tão nobre e altivo. O rosto da duqueza um pouco fatigado, os seus formosos olhos rodeados de uma aureola azul quasi imperceptivel, e as aberturas do nariz côr de rosa e mui dilatadas, indicavam uma dessas naturezas ardentes e impetuosas, que os platonicos céga e arrebatadamente adoram.

Ainda que velho, feio, ignobil e sordido, Jacques Ferrand era tão capaz como outro qualquer de apreciar o genero de belleza da duqueza de Lucenay. O odio e rancor do tabellião contra Saint-Remy subiram de ponto na proporção da admiração brutal que lhe inspirava a belleza da sua amante. Agitado por mil paixões contrarias, imaginava com furioso despeito que aquelle cavalheiro falsario, ao qual poucos momentos antes obrigára quasi a ajoelhar-se a seus pés, ameaçando-o com o tribunal do crime, tinha inspirado a uma dama tão elevada amor tal, que ella não receava dar a favor delle um passo, que a podia perder. Estes pensamentos reanimaram a audacia do tabellião, que por um momento se tinha paralysado. O odio, a inveja, uma especie de ressentimento selvagem, e o fogo das mais brutaes e vergonhosas paixões incendiaram seus olhos, cabeça e faces. Vendo que a duqueza se preparava para entabolar com elle uma discussão tão delicada, preparou-se logo para responder com rodeios e evasivas. Qual foi porem o seu pasmo ao vêr que ella lhe fallava com tanta firmeza e altivez, como se tratasse do mais simples negocio, e como se diante de um ho-

Digitized by Google

mem da sua classe entendesse que era escusada aquella reserva e circumspecção, que sempre se costumam guardar com pessoas de certa cathegoria! Porem a insolente grosseria do tabellião de tal sorte ferio a duqueza de Lúcenay, que ella immediatamente abandonou o tom de supplicante com que se havia apresentado; e foi dest'arte que ao ponto de recobrar a dignidade do seu caracter, conheceu logo como era inadequado e improprio guardar a menor reticencia para com aquelle ràbiscador de escripturas. Mulher de talento pouco commum, caritativa, generosa, dotada de bom coração apesar de todos os seus erros, filha porem de uma mãe, cuja escandalosa immoralidade havia até chegado a envilecer o nobre e santo infortunio da emigração, a duqueza de Lucenay olhava não obstante com tal desprezo para certas classes, que seria capaz de dizer como aquella imperatriz romana que entrava nua para o banho diante de um escravo: — *Aquillo não é um homem.*

— Senhor tabellião — disse por fim a duqueza com ar resoluto — Saint-Remy é um dos meus amigos, e confiou-me a arriscada situação em que o collocou uma cruel villania... Mas com dinheiro tudo se vence...: quanto é preciso para acabar-se d'uma vez com esse miseravel enredo?

Jacques Ferrand ficou aturdido ao ouvir este modo cavalheiro e decidido de entrar na questão.

— Pedem quarenta contos — respondeu elle por fim, depois de ter vencido a sua surpresa.

Digitized by Google

— Dar-se-vos-hão quarenta contos... Mandae já esses papeis ao senhor Saint-Remy.

— Mas aonde estão os quarenta contos, senhora duqueza?

— Não vos disse já, que se vos dariam, senhor tabellião?

— Mas é preciso que seja antes do meio-dia de ámanhãa; porque senão, a querella de falsario ha-de dar-se infallivelmente.

— Pois adiantae essa quantia, e eu vos recompensarei devidamente...

— Não me é possivel, senhora...

— Não sois capaz de me fazer acreditar que um tabellião não pode arranjar quarenta contos de hoje para ámanhãa.

— Mas com que garantias, senhora?

— Que quereis dizer? explicae-vos.

— Quem me ha-de responder por essa quantia?

— Eu...

— Com tudo... senhora...

— Será preciso que vos diga que tenho uma quinta ao pé de Paris, que me rende desesseis contos de reis? Creio que isto já é bastante para o que chamaes garantias.

— Sim, senhora, é bastante; mas depois de feita a escriptura de hypotheca.

— Que quer isso dizer? Mais alguma formalidade... Pois vá... fazei o que entenderdes, mas depressa...

— Mas é que esse acto não se pode concluir em

Digitized by Google

menos de quinze dias, e tambem é necessario o consentimento de vosso marido.

— Mas a quinta é minha, só minha — disse a duqueza já impaciente.

— Não importa, senhora; estaes em poder de vosso marido, e as escripturas de hypotheca são mui extensas e melindrosas.

— Torno a dizer-vos, senhor tabellião, que não conseguis fazer-me acreditar na difficuldade, e ainda menos na impossibilidade de arranjar quarenta contos em duas horas.

— Pois então, senhora, dirigi-vos ao vosso tabellião, ou ao vosso mordomo... A mim é impossivel.

— Tenho razões, senhor tabellião, para querer que isto seja um segredo — disse a duqueza com altivez. — Como conheceis os velhacos que intentam roubar a Saint-Remy, por isso me dirigi a vós.

— A vossa confiança honra-me infinito; mas não posso fazer o que me pedis.

— Então não tendes essa quantia?

— Tenho até muito mais que isso só em notas de banco, e em boas peças... aqui na gaveta.

— Mal empregadas tantas palavras!... quereis a minha assignatura?... eu vo-la dou, e acabemos daqui por uma vez...

— Mesmo suppondo que ereis a duqueza de Lucenay...

— Vinde a minha caza dentro de uma hora, e lá assignarei quanto seja preciso assignar.

— E o senhor duque tambem assignará?

Digitized by Google

— O duque ignora...

— Pois a vossa firma só não tem valor para mim, senhora.

Jacques Ferrand sentia um prazer cruel em vêr a dolorosa impaciencia da duqueza, que debaixo de uma apparencia de tranquillo desdem estava sentindo mortaes angustias.

Achava-se ella naquelle momento sem nenhum recurso. Na vespera tinha-lhe o seu joalheiro adiantado uma somma consideravel sobre os seus brilhantes, alguns dos quaes paravam em poder de Morel, o lapidario. Esta somma tinha servido para pagamento de algumas lettras de Saint-Remy, e para abafar a gritaria de alguns credores: Dubreuil, o cazeiro da quinta de Arnouville, tinha já adiantado a renda de um anno, e sobre tudo o praso agora era muito curto; e por desgraça dous amigos da duqueza, a quem ella podia recorrer em tal apuro, estavam ausentes. Em seu conceito o visconde de Saint-Remy estava innocente do crime de falsificação que o tabellião lhe attribuia; mas elle mesmo lhe tinha dito que fôra enganado por dous velhacos; de modo que nem por isso era menos terrivel a sua situação. Achava-se accusado e ameaçado de prisão... e ainda quando tomasse o partido de fugir, ficaria o seu nome deshonrado por uma suspeita de semelhante natureza. A duqueza de Lucenay estremecia de horror pensando em tudo isto... amava cegamente um homem tão miseravel, e tão dotado de profunda seducção; e o amor que lhe professava era

Digitized by Google

uma dessas paixões desordenadas, que sentem as mulheres do seu caracter e da sua organisação, quando chegam á idade madura.

Jacques Ferrand observava attentamente os menores movimentos da physionomia da duqueza de Lucenay, que cada vez mais formosa e encantadora lhe parecia... a sua admiração, e a propria situação constrangida em que elle se via, augmentavam o seu ardor, e sentia um agudo prazer em atormentar com a sua negativa uma mulher, a quem só podia inspirar tedio e desprezo. Só a idêa de dirigir uma supplica ao tabellião, era bastante para irritar a duqueza; e com tudo não se tinha dirigido a elle como meio unico de salvar Saint-Remy, senão depois de ter reconhecido a inutilidade das outras tentativas. Por ultimo disse, esforçando-se por dissimular a sua emoção:

— Se tendes a somma que vos peço, senhor tabellião, e se o meu penhor é sufficiente, porque motivo recusaes?

— Porque os homens, senhora, tambem tem seus caprichos como as mulheres.

— Mas qual é o vosso capricho? Quem vos obriga a proceder contra os vossos interesses? Pondo as condições, que eu as acceitarei, quaesquer que ellas sejam.

— E acceitareis, senhora, todas as minhas condições? — disse o tabellião com notavel e particular expressão.

— Todas!... já vo-lo disse: dusentos, tresentos,

Digitized by Google

quatrocentos mil reis, e mais ainda se quizerdes... porque francamente vos declaro — accrescentou a duqueza em tom quasi terno — que não tenho agora mais recurso que o vosso, só o vosso... Era-me impossivel encontrar para ámanhãa em outra parte o que agora vos peço... e não ha remedio, é necessario que o ache... é indispensavel... Repito-vos por tanto, que seja qual fôr a condição que por esse serviço me queiraes impôr, eu desde já a acceito... nada me custará a acceital'-a... nada...

O tabellião tinha já a respiração alta, batiam-lhe com agitação as fontes da cabeça, e a testa poz-se-lhe de côr escarlate; por fortuna os vidros dos oculos apagavam a chama impura dos seus olhos: uma nuvem de fogo cubrio-lhe a intelligencia, ordinariamente clara e sisuda, e o juizo em fim abandonou-o de todo. No meio da sua ignobil cegueira e carnal embriaguez interpretou de um modo indigno as ultimas palavras da duqueza de Lucenay, e através da sua razão offuscada pareceu-lhe vêr uma mulher atrevida, como eram muitas da antiga côrte, determinada a arrostar tudo, e a fazer um sacrificio abominavel para salvar o seu amante. Esta idéa era tão estupida como infame; mas já dissemos que Jacques Ferrand se convertia ás vezes em lobo e tigre, e então a natureza bruta vencia a racional.

Ergueu-se de repente, aproximou-se da duqueza, a qual se levantou tambem, e poz-se a olhar para elle espantada....

— Então nada vos custará?... a vós que sois

Digitized by Google

tão formosa! — exclamou com voz tremula e balbuciante, chegando-se mais para o pé da duqueza. — Pois bem, empresto-vôs essa quantia debaixo de uma condição... de uma só condição... e juro-vos que...

Não chegou a concluir a sua declaração...

Por uma dessas estranhas contradicções da natureza humana, a duqueza de Lucenay vendo as feições de Jacques Ferrand odiosamente inflammadas, adivinhou o pensamento grotesco e as amorosas pretenções do tabellião; e não obstante os cuidados e angustias que a amarguravam, desatou uma risada tão franca, tão louca e tão estrepitosa, que o tabellião retrocedeu atterrado, e sem lhe dar tempo para dizer mais uma palavra.

— Ora! na verdade, antes quero pedir esse serviço ao duque de Lucenay.

E sahio rindo-se com tanta força, que o tabellião a ouvia rir ainda ao longe, apezar de estar fechada a porta do escriptorio.

Logo que Jacques Ferrand tornou a si do assombro, maldisse amargamente a sua imprudencia. Porem logo socegou, lembrando-se que a duqueza a ninguem fallaria desta aventura sem se comprometter gravemente.

Não obstante, o dia tinha sido para elle nefasto. Achava-se opprimido e cercado de mil idêas tristes, quando se abrio a porta interior do seu gabinete, e entrou por ella Serafina espantada.

— Ai! Ferrand — bradou ella crusando os bra-

Digitized by Google

ços — com razão dizieis que talvez nos deitassemos a perder pela deixar viva.

— A quem?

— A'quella maldita pequena.

— Porque?

— Uma torta, minha conhecida, a quem o Lérias tinha entregado a rapariga para que nos livrasse della, ha quatorze annos... depois de a ter dado por morta... Quem tal imaginara!...

— Mas acaba com isso!...

— Essa torta acaba agora dè estar comigo... e disse-me que sabia que era eu quem tinha entregado a menina.

— Oh! que raiva!... mas como poude ella vir a sabel'-o?... O Lérias está no degredo...

— Eu neguei, e chamei embusteira e mentirosa á torta. Porem ella affirmou ter encontrado a pequena, que é agora mulher feita, e que sabia onde parava, e que está na sua mão descobrir tudo... e denunciar a historia...

— Sem duvida conspirou-se hoje contra mim o inferno em pezo! — exclamou o tabellião accezo em ira, o que lhe dava o mais odioso aspecto.

— Valha-me Deus! que diremos nós a essa mulher? que lhe diremos para que se calle?

— Tem ella geitos de ser rica?

— Quando lhe chamei pobretona fez tinir a algibeira para mostrar que tinha dinheiro...

— E ella sabe onde está a rapariga?

— Affirma que sabe...

Digitized by Google

— E é a filha da condessa Sara Mac-Gregor! — disse o tabellião estupefacto — E ainda ha um momento ella me offerecia tanto para dizer que sua filha não tinha morrido!... E essa filha vive, e posso devolver-lha!... Sim, mas a certidão falsa do obito... Se se entra em averiguações judiciaes... estou perdido! Este crime pode fazer descobrir outros muitos...

Guardou silencio por um pouco, e disse logo a Serafina:

— Sabe essa torta onde está a rapariga?

— Sim.

— E ella ficou de cá tornar?

— A'manhãa.

— Escreve a Polidori que me venha fallar esta noite ás nove horas!...

— Quereis por ventura dar cabo da rapariga e da torta?... Isso será muito para uma só vez!

— Já te disse que mandes vir Polidori ás nove horas!...

. . . . . .

Ao anoitecer deste mesmo dia disse Rodolfo para Murph:

— Dizei ao senhor de Graün que expessa um correio... é indispensavel que Cecília chegue a Paris antes de seis dias...

— Ainda outra vez essa infernal mulher! tão infame como formosa! esse execrando martyrio do pobre David!... Para que, principe?...

— Para que, sir Walter Murph?... Dentro de um mez perguntae-o ao tabellião Jacques Ferrand.

Digitized by Google

XVI.

A DENUNCIA.

No mesmo dia do rapto de Flor-de-Maria pela Coruja e pelo Mestre-Escola, chegou pelas dés da noite um homem a cavallo á granja de Bouqueval, e disse que vinha da parte de Rodolfo para assegurar a madama Georges, que a sua protegida lhe seria restituida de um momento para outro. Por muitos motivos importantes, disse o homem, quer o senhor Rodolfo que se madama Georges tem alguma cousa de que lhe dar parte, lhe não escreva para Paris, mas que lhe envie a carta por um proprio que se encarregará de a

Digitized by Google

entregar. Este emissario era mandado por Sara, que por meio deste ardil tranquillisava madama Georges, e impedia que chegasse á Rodolfo naquelles primeiros dias a noticia do rapto da Cantadeira. Nesse intervallo esperava Sara obrigar o tabellião a apoiar o indigno estratagema de que temos fallado (a supposição de filho). Alem disso a condessa queria livrar-se da marqueza de Harville, que lhe inspirava serios temores, e que já estivera a ponto de perder, se não fôra a presença de espirito de Rodolfo.

No dia seguinte áquelle em que o marquez tinha ido espreitar sua mulher á caza da rua do Templo, apresentou-se Thomaz Seyton na mesma caza, fez dar á lingua a porteira Pipelet, e della soube que uma dama ainda nova esteve quasi a ser apanhada em flagrante pelo marido, se a não salvasse a destreza de um inquilino da mesma caza, chamado Rodolfo.

Instruida Sara por esta circumstancia, apesar de não ter outra prova material das entrevistas que Clementina havia dado a Carlos Roberto, decidio-se a adoptar novo plano tanto, ou ainda mais odioso, que se redusia a enviar um bilhete anonymo ao marquez de Harville, com o intento de provocar um rompimento completo entre Rodolfo e o marquez, ou então para inspirar a este ultimo vehementes suspeitas, a fim de prohibir a sua mulher quaesquer relações com o principe.

Esta carta anonyma era concebida nos seguintes termos:

Digitized by Google

« Tem zombado indignamente de vós; o outro dia vossa mulher avisada a tempo inventou um pretexto de beneficencia; mas na realidade tinha ido a uma entrevista em que havia concordado com uma *pessoa mui augusta*, a qual debaixo do nome de *Rodolfo* alugou um quarto no ultimo andar da mesma caza da rua do Templo. Se duvidaes disto, por vos parecer cousa muito estranha, ide á rua do Templo n.° 17, informae-vos bem da *augusta pessoa* de que vos fallo, e facilmente vireis no conhecimento de que sois o marido mais credulo e mais simplorio de quantos tem sido *soberanamente* enganados. Não deiteis este aviso no rol do esquecimento... porque senão ficará a gente persuadida que sois... *demasiado amigo do principe.* »

Sara lançou este bilhete no correio ás cinco horas do mesmo dia da sua entrevista com o tabellião.

Nesse mesmo dia Rodolfo, depois de ter encarregado a Graün que apressasse quanto podesse a chegada de Cecilia a Paris, foi visitar á noite a embaixadora de***, e de caza della devia ir á da marqueza de Harville, para a avisar de que tinha descoberto uma *intriga caritativa* digna della.

Condusiremos o leitor á caza da marqueza de Harville. Pela seguinte pratica ver-se-ha que se esta senhora mostrava então uma generosa compaixão por seu marido, que até ali havia tratado com demasiada frieza, era já por effeito dos nobres conselhos de Rodolfo. O marquez e sua mulher levantavam-

Digitized by Google

se da meza, e a scéna teve lugar na pequena sala que já se descreveu. A expressão do gesto de Clementina era meiga e carinhosa, e o marquez parecia menos triste do que costumava estar.

Devemos advertir que o marquez ainda a este tempo não tinha recebido a infame carta anonyma de Sara.

— Que fazeis esta noite? — disse elle para sua mulher.

— Fico em caza ... E vós que fazeis?

— Nem sei ... — respondeu dando um suspiro — Aborrecem-me as companhias ... Passarei esta noite ... como tenho passado outras muitas ... sósinho.

— Só, porque?... eu não sáio.

O marquez olhou admirado para sua mulher.

— E' verdade ... porem ...

— Porem que?

— Parece-me que quando não sahis quereis antes estar só ...

— Não ha duvida, mas como sou tão caprichosa — disse Clementina sorrindo-se — quisera que participasseis hoje da minha soledade ... se vos não desgosta.

— Devéras! — exclamou o marquez commovido — como sois amavel por ter adivinhado um desejo, que eu não ousava manifestar!

— Sabeis que mais, marquez? essa vossa surpreza tem visos de uma reprehensão!

— Reprehensão!... oh! não, nunca; mas depois da minha injusta e cruel desconfiança do outro dia,

Digitized by Google

achar-vos agora tão condescendente, é para mim a mais agradavel das surpresas.

— Esqueçamos o passado — disse Clementina a seu marido com um sorriso angelico.

— E podereis vós esquecel'-o, Clementina?... — tornou o marquez com gesto de tristeza — Acaso não me atrevi eu a desconfiar de vós?... E quando penso nos excessos a que me podiam levar os meus injustos zelos!... Porem isto ainda não é nada depois de tantos e tão irreparaveis aggravos.

— Já vos disse que esqueçamos o passado — interrompeu Clementina reprimindo uma dolorosa emoção.

— Que ouço!... Pois seria possivel que tambem podesseis esquecer *esse passado*?

— Assim o espero.

— De véras, Clementina?... Não, não posso dar credito a tanta ventura, a tamanha generosidade; já a tinha renunciado para sempre.

— Pois já vedes que não tinheis rasão.

— Que mudança! grande Deus! estarei sonhando?.... ah! dizei que me não engano....

— Não, marquez, não vos enganaes.

— Sim, vejo que me olhaes com menos frieza... a vossa falla parece-me commovida... Oh! dizei-me que é verdade!... Ou serei eu acaso victima d'uma illusão?

— Não, porque tambem eu careço de perdão...

— Vós?

— Pois não fui tantas vezes aspera, e até cruel

Digitized by Google

para comvosco? Não devia eu pensar que necessitaveis de um valor sobre-humano, de uma virtude sobre-natural para ter obrado de outro modo?... Só e desgraçado.... Como poderieis resistir ao desejo de buscar algumas consolações em um matrimonio que vos agradava?... Ah! que quem padece facilmente acredita na bondade dos outros!... A vossa falta até ao presente tem sido uma demasiada confiança na minha generosidade... Pois eu daqui em diante farei por não desmentir a vossa confiança.

— Oh! fallae!... dizei mais!... — exclamou o marquez de Harville levantando as mãos em uma especie de extasis.

— A minha existencia está ligada á vossa... eu farei quanto puder por fazer-vos menos amargurada a vida.

— Oh meu Deus! meu Deus! Sois vós que fallaes, Clementina?

— Supplico-vos que não mostreis tão estranha admiração... Affligis-me sem o saber... porque isso é uma cruel censura da minha passada conducta... Quem senão eu poderia lamentar-vos, ou estender-vos amiga mão?... Tive uma inspiração feliz... reflecti sobre o passado e sobre o futuro... e conheci os meus erros, e creio ter achado o modo de os reparar...

— Erros, minha querida?

— Sim, no dia seguinte ao do nosso consorcio o meu dever era buscar recurso na vossa lealdade, e ter-vos pedido francamente que nos separassemos.

Digitized by Google

— Ah! Clementina!... tende piedade!... tende dó!...

— Mas logo que acceitei, a minha situação devia sujeitar-me á vossa sorte. Em lugar de estar de continuo a mortificar-vos com a minha cobarde e silenciosa altivez, devêra procurar-vos consolações á vossa espantosa enfermidade; e não me lembrar senão do vosso infortunio. Então, pouco a pouco iria ganhando affecto á minha obra de commiseração, e a vossa gratidão me recompensaria os cuidados, e por ventura os sacrificios que isso me tivesse custado; e então... Mas, meu Deus! que tendes?... estaes a chorar!...

— Sim, choro; choro lagrimas de delicias; mal sabeis os sentimentos que em minha alma despertam as vossas palavras... Oh! Clementina! deixae-me chorar... Nunca até este momento havia conhecido o crime que commetti em vos ligar á minha triste existencia.

— E eu nunca me senti mais inclinada a perdoar-vo-lo. Essas doces lagrimas que derramaes fazem-me sentir uma felicidade que eu não conhecia. Animo, meu amigo! animo! se não podermos viver vida brilhante e afortunada, vivamos ao menos satisfeitos cumprindo os graves deveres que a sorte nos impoz. Sejamos indulgentes um para o outro; e se em alguma fraqueza cahirmos, contemplemos o berço da nossa filha, concentremos nella todos os nossos affectos, e disfructaremos ainda alguns prazeres santos e melancolicos.

**

Digitized by Google

— E' um anjo!... é um anjo!... — bradou o marquez de Harville, erguendo as mãos para o ceo, e olhando extasiado para sua mulher. — Oh! Clementina! não sabeis o mal e o bem que me fazeis! As vossas mais duras e mais injuriosas palavras de outro tempo, a vossa mais acerba e merecida censura, nunca me venceram tanto como essa mansidão adoravel, como essa generosa resignação... E com tudo inspiraes-me confiança a meu pesar... Não fazeis idêa do futuro que me atrevo a imaginar!...

— Podeis crêr cegamente no que vos digo, Alberto... Jámais faltarei a esta firme resolução... e mais para o diante poderei dar-vos novos penhores da minha palavra...

— Penhores! — interrompeu d'Harville cada vez mais extasiado por uma felicidade que tão pouco esperava: — E que precisão tenho eu delles? O vosso olhar, o vosso fallar, essa divina expressão de bondade, as palpitações e arrebatamento do meu coração, não me prova tudo isto que vós dizeis a verdade? Mas bem sabeis, Clementina, que o coração do homem é insaciavel — accrescentou o marquez chegando-se mais para ao pé de sua mulher. — As vossas palavras calaram em meu coração, e infundiram-me valor para esperar... para esperar o ceo... sim, para esperar o que ainda hontem reputava um sonho insensato...

— Explicae-vos, pelo amor de Deus!... — disse Clementina sobresaltada com as expressões apaixonadas de seu marido.

Digitized by Google

— Sim ... eu me explico!... — exclamou o marquez pegando na mão de sua mulher — Sim, á força de vos amar ... espero que chegarei a merecer o vosso amor ... e que não será um affecto frouxo e desanimado, mas ardente e apaixonado como é o meu... Ah, Clementina, vós não sabeis o que é esta paixão!... Nunca ousei fallar-vos della ... porque sempre vos mostrastes tão fria, tão glacial para comigo ... nunca me havieis dito uma palavra de bondade ... uma dessas palavras, que ainda ha pouco me fizeram chorar ... e que me inebriaram de felicidade ... sim, d'uma felicidade que mereço, porque sempre vos amei!... E tenho soffrido tanto sem vos dizer as minhas penas!... E essa era a causa da dôr que me devorava!... E essa era a causa do horror com que olhava para todo o mundo ... e do meu genio melancolico e taciturno ... Imaginae, Clementina ... ter a gente em sua caza uma mulher adoravel e adorada, que lhe pertence ... uma mulher a quem se ama com toda a vehemencia de uma paixão reprimida ... e ver-se para sempre condemnado a uma vigilia frenetica e solitaria ... Oh! não, não sabeis as lagrimas de desesperação que me tendes feito derramar, e os insensatos furores de que tenho sido victima! Se o soubereis, tereis tido dó de mim!... Mas que digo! se já adivinhastes os meus tormentos, e tivestes compaixão delles e de mim!... A vossa belleza ineffavel, os vossos agradaveis encantos não serão agora para mim a minha felicidade e o meu supplicio quotidiano ... Sim, esse thesouro que me per-

Digitized by Google

tencia sem com tudo o possuir ... esse thesouro será meu daqui em diante!... O meu coração, o meu jubilo, o meu contentamento estão-mo a dizer... não é assim, minha amiga... minha terna amiga?

E dizendo isto o senhor de Harville cobrio de beijos a mão de sua espoza.

Clementina, afflicta por vêr o engano em que seu marido estava, não poude soster um gesto de repugnancia, e quasi de espanto, e retirou subitamente a mão.

Em seu semblante retratou-se tanto ao vivo a expressão destes sentimentos, que o marquez não poude equivocar-se.

Elle sentio toda a força deste golpe terrivel.

Suas feições tomaram logo o aspecto da mais aguda e profunda dôr; e sua espoza lhe estendeu vivamente a mão, e exclamou:

— Alberto! juro-vos que serei sempre para vós a mais affeiçoada das amigas, a mais terna e carinhosa das irmãas ... mas mais nada!... Perdoae, perdoae-me se as palavras que proferi vos fizeram conceber alguma esperança... que jámais poderei realisar!...

— Jámais!... — bradou o marquez de Harville lançando para sua mulher olhos supplicantes, e de desesperação.

— Jámais!... — tornou-lhe Clementina.

Esta simples palavra, e o accento com que foi proferida, revelaram uma determinação irrevogavel.

Clementina, a quem a influencia de Rodolfo

Digitized by Google

disposera a tomar resoluções nobres, tinha assentado firmemente em tratar o marquez com o mais carinhoso desvelo; julgava porem impossivel que viesse a sentir por elle amor. Uma impressão mais inexoravel ainda que o terror, que o desprezo, e que o odio, repellia para sempre Clementina de seu marido...

O que sentia era uma repugnancia... invencivel.

Depois de um momento de doloroso silencio, o senhor de Harville passou a mão por seus olhos lacrymosos; e disse com amargura para sua mulher:

— Perdão... se me enganei... perdoae-me se me entreguei a uma louca esperança.

E depois de outro momento de silencio, exclamou:

— Como sou desgraçado!

— Meu amigo — disse-lhe Clementina com ar meigo — não queria causar-vos mais penas; porem, dizei-me, não daes valor algum á minha promessa de ser para vós uma terna irmãa? Achareis na verdadeira amizade as consolações que do amor vos não podem vir... Esperae... esperae ainda melhores dias. Até hoje tenho olhado quasi com indifferença para os vossos soffrimentos; mas para o futuro ajudar-vos-hei a sentil'-os, e vos consolarei com o meu affecto e sympathia...

Nisto chegou um criado, e disse: « Sua alteza o grão-duque de Gerolstein. »

Levantou-se o marquez de Harville, forcejou por

Digitized by Google

se mostrar tranquillo, e dirigio-se a receber o principe.

— Tenho, senhora, o maior prazer em vos achar esta noite em caza — disse Rodolfo aproximando-se de Clementina: — e tambem a vós, querido Alberto — accrescentou voltando-se para o marquez, cuja mão cordialmente apertou.

— Na verdade, principe, já ha muito tempo que não tinha tido a honra de vos offerecer os meus respeitos.

— Aqui para nós, querido Alberto — acudio o principe a sorrir-se — sois um tanto platonico em amizade; estaes certo de que vos estimam, e pouco se vos dá de receber e retribuir provas de affeição.

Por uma falta de etiqueta, com que a marqueza pareceu um pouco inquieta, entrou um criado com uma carta para o marquez.

Era a denuncia anonyma de Sara, em que esta accusava Rodolfo de ser amante da marqueza de Harville.

O marquez por consideração para com o principe, affastou com a mão a salva em que o criado lhe trazia a carta, dizendo-lhe em voz baixa:

— Logo... ao depois...

— Meu caro Alberto — acudio Rodolfo com tom mais affectuoso — então fazeis ceremonia comigo?...

— Principe?...

— Com licensa da marqueza, supplico-vos que não deixeis de lêr essa carta.

— Estou certo, principe, que não é cousa de importancia, para merecer pressa...

Digitized by Google

— Repito, Alberto, lêde a carta...

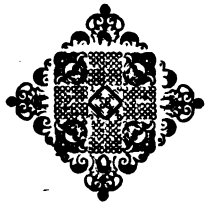
— Mas, principe ...

— Rogo-vo-lo, e quero...

— Uma vez que Vossa Alteza o exige ... — disse o marquez tirando a carta de sobre a salva.

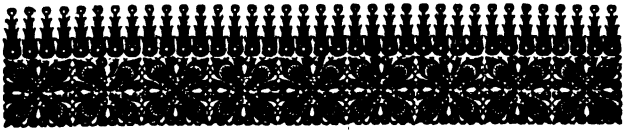
— Certamente, exijo que me trateis como amigo. — E voltando-se logo para a marqueza, em quanto Alberto de Harville abria a carta, cujo contheudo bem longe estava Rodolfo de imaginar, accrescentou sorrindo-se: — Que triunfo não ganhaes, senhora, em subjugar uma vontade tão obstinada!

Aproximou-se o marquez a um dos candelabros, que ardiam sobre o fogão, e leu a carta de Sara.



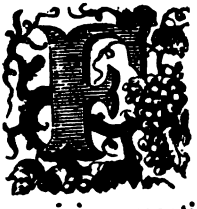
Digitized by Google

Digitized by Google



XVII.

CONSELHOS.



ALLAVAM um para o outro, Clementina e Rodolfo, em quanto o marquez lia pela segunda vez a mesma carta.

Permaneceu depois tranquillo por um pouco; mas um tremor nervoso quasi imperceptivel agitou-lhe logo a mão, e depois de alguma hesitação metteu a carta no bolso do colete.

— Apesar de parecer-vos descortez — disse para Rodolfo com ar de riso — rogo-vos, principe, que me deis licensa para ir responder a esta carta... mais importante do que suppunha...

— E não tornarei a vêr-vos esta noite?

Digitized by Google

— Creio que não terei essa honra, principe. Espero que Vossa Alteza me dispense.

— Que homem tão *incoercivel*! — disse Rodolfo em tom prasenteiro — Não conseguireis segural'-o, marqueza?

— Não me atreveria eu a emprehender o que V. A. em vão tentou.

— Agora fallando seriamente, meu caro Alberto, fazei por voltar logo que tenhaes respondido á carta ... ou senão dispensae-me alguns momentos pela manhãa, que tenho um sem numero de cousas para vos dizer.

— V. A. sempre me dá muita honra — disse o marquez fazendo uma profunda cortesia.

E retirou-se deixando Clementina com o principe.

— Vosso marido sahio agitado — disse Rodolfo á marqueza — o seu ar de riso pareceu-me constrangido.

— Quando V. A. chegou, elle estava muito commovido; e já lhe custou muito a occultar a sua agitação.

— De certo foi inopportuna a minha chegada.

— Não, principe; pelo contrario, com a vossa vinda me salvastes de um dialogo muito penoso...

— Porque?

— Disse ao senhor de Harville a conducta que tinha resolvido seguir em relação a elle ... promettendo-lhe auxilio e consolação.

— Como se havia-de crêr ditoso!

Digitized by Google

— Assim como eu a principio; porque suas lagrimas, e seu jubilo me causaram uma sensação, que até então não tinha conhecido. D'antes suppunha vingar-me dirigindo-lhe um sarcasmo, ou um vituperio... Triste vingança, na verdade!... porque não mitigava a amargura da minha dôr... Porem agora... que differença! Perguntei-lhe se ia sahir, e respondeu-me com tristeza que passaria a noite só, como costumava: e quando lhe disse que ficaria com elle... se visseis seu assombro, principe! se visseis seu semblante triste e abatido cobrir-se de expansiva alegria! Ah! tinheis razão... nada ha mais grato no mundo que estas surpresas de felicidade!...

— Mas como é que essas provas da vossa bondade poderam dar lugar ao doloroso dialogo de que em principio me fallastes?

— Ai, principe! — disse Clementina córando — A esperança que eu quiz inspirar, porque a podia realisar.. converteu-a elle em outra esperança mais terna... que eu fugi de provocar porque a não poderia satisfazer. A sua gratidão enterneceu ao principio o meu coração... mas ao passo que a sua linguagem se ia tornando mais apaixonada, gelou-se-me o sangue e enchi-me de espanto... e por ultimo, quando em um accesso de exaltação applicou os labios á minha mão, apoderou-se de mim um frio mortal, e não pude dissimular o meu terror... Conheço que dolorosamente o feri manifestando-lhe o invencivel desvio que seu amor me inspirava. Sinto-o no fundo da alma... mas ao menos ficou para

Digitized by Google

sempre convencido de que, apesar do meu novo affecto por elle, não deve esperar de mim mais que uma fraternal amizade...

— Compadeço-me delle... e com tudo não vos posso censurar... porque ha sentimentos tão sagrados... Pobre Alberto! tão bom, tão leal! de coração valoroso, de alma tão apaixonada! Mal sabeis quanto me inquietou a tristeza que o devorava, posto que não lhe conhecia a causa... Tudo deve esperar-se do tempo e da razão. Elle se irá pouco a pouco convencendo de quanto vale o affecto que lhe prometteis; e ha-de resignar-se, porque até aqui já sem esse affecto se tinha resignado...

— E juro-vos, principe, que jámais esse affecto lhe faltará.

— Fallemos agora de outros infortunios. Prometti-vos uma *boa obra*, que tivesse o attractivo de uma novella em acção... e venho cumprir a minha promessa.

— Já, principe? que felicidade!

— Que bella inspiração foi a que tive de alugar aquelle miseravel cubiculo da rua do Templo! Mal sabeis como são interessantes as descobertas que tenho feito naquella caza. Em primeiro lugar devo dizer-vos que os vossos protegidos já disfructam a felicidade, que a vossa vizita lhes havia offerecido: é verdade que ainda tem de passar por alguns desgostos, que não refiro para não vos entristecer... Algum dia sabereis os males que podem conspirar-se para affligir uma só familia.

Digitized by Google

— Como devem estar-vos agradecidos!

— Mas é o vosso nome que elles abençoam...

— Pois soccorreste-los em meu nome, principe?

— Sim; para que fosse mais suave a esmola... E alem disso eu não fiz mais do que realisar a vossa promessa.

— Ah! eu os irei desenganar... e dizer-lhes quanto vos devem.

— Não façaes semelhante cousa! bem sabeis que tenho um quarto na mesma caza, e deveis temer alguma nova e infame cobardia anonyma dos vossos inimigos... ou dos meus... Alem de que, a familia de Morel já tem tudo que lhe é preciso... Cuidemos agora de outros... pensemos na nossa *intriga*. Trata-se de umas pobres, mãe e filha, que tem vivido em abundancia, e que agora por causa de uma infame espoliação se vêem na mais horrorosa miseria.

— E onde vivem essas infelizes, principe?

— Não sei.

— Então como é que soubestes da sua miseria?

— Fui hontem ao Templo... Mas vós, marqueza, não sabeis que cousa é o Templo...

— Não, principe, não sei.

— E' um bazar muito curioso e divertido. Fui pois ao Templo para fazer algumas compras, acompanhado da minha visinhita do quarto andar...

— Da vossa visinha?

— Não vos lembraes que estou fallando do meu quarto da rua do Templo?

Digitized by Google

— Não me lembrava, principe....

— Esta visinha é uma costureirita encantadora: chama-se Rigoleta, está-se sempre a rir, e nunca teve um amante.

— Que virtude... para uma *griseta!*

— Não é por virtude que tem juizo, mas porque, segundo ella diz, não tem vagar para namorar; pois isso lhe faria gastar muito tempo, e tem de trabalhar doze ou quinze horas cada dia para ganhar um crusado, que é só do que vive...

— E pode passar com tão pouco?

— E tem de mais a mais, como artigo de luxo, dous canarios, que comem mais do que ella, e um pequeno quarto aceado como uma capella, e um vestido e aceios, que lhe ficam a matar.

— Mas viver com um crusado por dia... é um prodigio!

— Assim é; é um verdadeiro prodigio de ordem, de trabalho, de economia e de philosophia practica; e por tal vo-la recommendo, porque, segundo ella diz, é muito habil em costura... Isto porem não é dizer que sereis obrigada a trazer os vestidos que ella vos fizer.

— Já ámanhãa lhe mandarei que fazer... Pobre creatura!... viver com uma somma tão diminuta, e tão incrivel para nós, os ricos, a quem o mais insignificante capricho custa cem vezes esse dinheiro!...

— Bom: está visto que vos interessaes pela minha protegida... tratemos agora da nossa aventura... Fui pois ao Templo com Rigoleta para fazer certas

Digitized by Google

compras para os vossos pobres das aguas-furtadas, quando ao examinar por curiosidade as gavetas de uma papeleira antiga, deparei com o rascunho de uma carta escrita por uma mulher, a qual se queixava a outra pessoa de se vêr a si e a sua filha redusidas á ultima miseria por causa da infidelidade de um depositario. Perguntei á vendedeira donde é que lhe tinha vindo aquelle traste, e respondeu-me que lhe fôra vendido com outras cousas, por uma mulher ainda nova, e que parecia ter exhaustos todos os recursos. Disse mais a vendedeira que aquella mulher e sua filha lhe pareceram pessoas de boa criação, mas da provincia, e resignadas a soffrer com valor o pezo do seu infortunio.

— E então não sabeis onde vivem, principe?

— Por ora ainda não; mas recommendei ao senhor de Graün que se informasse, ainda que fosse mister dirigir-se á prefeitura de policia. E' provavel que a mãe e filha, vendo-se sem nada de seu, fossem alugar um quarto em alguma miseravel hospedaria; e sendo assim, devemos ter esperanças, porque os donos das hospedarias dão todas as noites parte á policia, dos hospedes que tem entrado naquelle dia.

— Que concurso de circumstancias tão singular!... — disse admirada a marqueza de Harville — Como isto faz nascer interesse...

— Ainda não disse tudo. A um dos cantos do rascunho que achei na tal papeleira antiga, liam-se estas palavras: *Escrever á senhora de Lucenay*,

Digitized by Google

— Que fortuna! talvez por via da duqueza possamos saber alguma cousa — disse com viveza a senhora de Harville! e logo dando um suspiro accrescentou: — mas como, sem lhe saber o nome, se ha-de designar essa mulher á duqueza de Lucenay?

— Deve-se-lhe perguntar se conhece uma mulher ainda nova e viuva, de boa presença, e cuja filha de deseseis ou desesete annos, se chama Clara...

— O nome da minha filha! é mais um motivo para me interessar por essas desgraçadas.

— Esquecia-me tambem dizer-vos que um irmão dessa mulher se suicidou ha poucos mezes.

— Se a duqueza conhecer essa familia — disse Clementina com ar reflexivo — não poderá deixar de se recordar della por todos esses signaes, porque sem duvida a havia-de contristar a morte daquelle infeliz. Oh meu Deus! estou morta por fallar com a Lucenay!... vou ainda esta noite escrever-lhe para ter a certeza de a encontrar ámanhãa... Pelos signaes que tendes dessas mulheres, é de crêr que pertençam a uma familia distincta... E verem-se agora redusidas a tamanha desgraça!... Ah! quanto lhes deve ser espantosa a miseria!

— E tudo por causa da ladroeira de um tabellião, velhaco, infame e detestavel, de quem já sei outras malfeitorias... Um tal Jacques Ferrand.

— E' o tabellião de meu marido! — exclamou Clementina — o tabellião de minha madrasta! Mas vós de certo vos enganaes; esse homem goza de uma reputação extraordinaria.

Digitized by Google

— Tenho provas do contrario ... Porem não deis a ninguem parte das minhas desconfianças, ou para melhor dizer, da minha certeza, ácerca desse miseravel: é tão astuto como criminoso; e para lhe arrancar a mascara preciso que elle por mais tempo ainda viva confiado na sua impunidade. Sim; foi elle que roubou essas infelizes, negando um deposito que, segundo parece, lhe tinha confiado o irmão da viuva.

— E essa quantia?...

— Era toda a sua fortuna!...

— Oh! eis-ahi crimes...

— Sim, crimes — exclamou Rodolfo interrompendo-a — que não acham desculpa nem na necessidade, nem na paixão... A fome induz com frequencia ao roubo, e a vingança ao hòmicidio... Porem o tabellião era rico... estava revestido de um caracter quasi sacerdotal, de um caracter que impõe respeito, e inspira confiança... e esse homem foi indusido ao crime por uma cubiça atroz e implacavel... O assassino mata por uma vez... e n'um momento, com o punhal... mas esses monstros matam lentamente, e fazem soffrer á sua victima todos os tormentos da desesperação e da miseria... Para um homem como Jacques Ferrand nada ha sagrado; nem o patrimonio dos orfãos, nem o dinheiro adquirido pelo suor do pobre... Se lhe confiaes dinheiro, tenta-o o dinheiro... e vo-lo rouba... e unicamente pela *vontade* desse homem, uma pessoa rica e feliz fica de repente pobre e desgraçada... Se á força de

Digitized by Google

privações e de trabalho conseguis ajuntar a subsistencia e amparo da vossa velhice ... a *vontade* desse homem tira-vos aquelle amparo e subsistencia da velhice. Mas vejamos agora as consequencias daquella infame espoliação. Se a viuva vem a morrer de dôr e de penuria; se sua filha, nova e formosa, sem apoio e sem recursos, acostumada a viver em abundancia, e inhabil pela educação que teve, para ganhar a vida, se vê na alternativa de escolher entre a deshonra e a fome ... se se perde, e succumbe, e e envilece ... a espoliação, o roubo feito por Jacques Ferrand serão causa da morte da mãe e da deshonra da filha ... Esse homem iniquo matou o corpo de uma e alma da outra; e não de um só golpe como os outros homicidas, mas lenta e cruelmente.

Clementina nunca tinha ouvido Rodolfo fallar com tanta indignação e amargura; e pela vehemencia das suas palavras, conheceu o odio vigoroso que se excitava no principe á vista de qualquer acto mau.

— Perdoae-me, senhora — disse-lhe Rodolfo depois de um momento de silencio — não me foi possivel conter a minha indignação lembrando-me da horrivel desgraça, a que podem chegar as vossas futuras protegidas ... Ficae certa, senhora, e nunca vos esqueça, que por mais carregadas que as côres sejam, nunca se pode pintar toda a extensão das terriveis consequencias da ruina e da miseria.

— Pelo contrario, principe; muito vos agradeço, por terdes augmentado, se é possivel, a terna

Digitized by Google

piedade que essa mãe desgraçada me inspira. Ah! que o que mais a deve angustiar é a sorte da sua filha ... e isso, principe, não é espantoso?!... Porem espero em Deus que as havemos-de salvar ... Graças ao ceo, sou rica, posto que não tanto como quisera, desde que sei como devo empregar a minha riqueza; mas se fosse preciso dirigir-me-hia ao marquez; e de tal modo o sedusiria, que de boa mente se prestaria aos meus novos *caprichos;* e na verdade, não terei poucos desta classe. Dissestes-me que as nossas protegidas são orgulhosas, e isso ainda mais dignas as faz da minha estimação, porque o orgulho na desgraça é proprio das almas elevadas. Eu acharei modo de as salvar, sem que saibam que o devem a um beneficio... Será empreza difficil... mas tanto melhor. Vereis, principe, vereis o meu projecto, e a astucia e subtileza com que o hei-de pôr em execução.

— Faço idêa das vossas machiavelicas combinações — disse Rodolfo com ar de riso.

— Mas antes de mais nada é indispensavel saber onde moram... Como me ha-de parecer longo o tempo até ámanhãa! Logo que sahir de caza da duqueza de Lucenay hei-de ir aonde moraram, perguntarei aos visinhos, verei pelos meus proprios olhos, pedirei noticias a todos... Eu só, e só por mim espero conseguir o resultado que desejo... Que aventura tão agradavel! Coitadinhas! a sua triste situação interessa-me ainda mais ao lembrar-me de minha filha...

Digitized by Google

Rodolfo sorrio-se com melancolia vendo a caritativa sollicitude daquella joven de vinte annos, tão formosa, tão amavel, e que procurava dissipar com tão nobres distracções os desgostos domesticos que a affligiam. Os olhos de Clementina scintilavam de exaltação, as faces cobriram-se-lhe de vivo rubor, e a expressão do rosto e da voz augmentaram o attractivo encantador da sua physionomia.

Digitized by Google

XVIII.

O ESTRATAGEMA.

Notou a marqueza de Harville que Rodolfo a contemplava em silencio; e abaixou por isso os olhos; mas logo os tornou a levantar cheia de grata confusão, e disse:

— Rides-vos, por ventura, da minha exaltação, principe? é a impaciencia com que desejo esses prazeres, que animarão a minha vida, tão inutil e tão triste até hoje. Não é por certo o que eu tinha imaginado... Ha outro sentimento, outra felicidade mais vehemente... que eu jámais disfructarei... Ainda que sou nova, tenho de renunciar a ella... — ac-

Digitized by Google

crescentou Clementina dando um suspiro reprimido, e depois continuou: — Mas finalmente vós proporcionastes-me outros prazeres; e a caridade fará as vezes do amor... As vossas palavras, principe, tem tal influencia sobre mim!... Quanto mais conheço e penetro as vossas idêas, mais justas me parecem, mais sublimes e mais fecundas. E quando me lembra que não só vós vos compadecestes do que devia ser-vos indifferente, mas que tambem me daes saudaveis conselhos, guiando-me pela nova senda que abristes a um coração amargurado e abatido ... oh! principe, que thesouro de bondade se encerra em vossa alma!... De que manancial hauristes vós tanta compaixão e tanta generosidade?

— Padeci muito, e ainda padeço; e é dahi que eu vim a conhecer os segredos da dôr...

— Vós, principe, desditoso!

— Sim; parece que a sorte quiz, para eu conhecer o infortunio, que soffresse todas as suas mais crueis variedades... Como amigo, atraiçoou-me o meu amigo; como amante, atraiçoou-me a primeira mulher a quem amei com a cega confiança da juventude; como espozo soffri a perda de minha mulher; como pae soffri a perda de minha filha...

— Eu cuidava, principe, que a grãa-duqueza vos não tinha deixado herdeiros.

— E' verdade; mas antes do meu cazamento tive uma filha que morreu ainda na infancia. Por estranho que isto vos pareça, o certo é que a perda dessa filha, que apenas conheci, encheu de tristeza

Digitized by Google

a minha vida, e quanto mais envelheço, mais se augmenta a minha saudade. A minha amargura cresce na proporção da idade que deveria ter minha filha .... Agora teria desesete annos ...

— E sua mãe ainda vive, principe? — perguntou Clementina depois de um instante de duvida.

— Oh! não me pergunteis por ella!... — exclamou Rodolfo, cujo semblante se obscureceu ao lembrar-se de Sara — Sua mãe é uma indigna creatura, uma alma de ferro, endurecida pelo egoismo e pela ambição. Algumas vezes chego a pensar que melhor foi para minha filha o ter morrido, do que viver em poder de semelhante mãe.

Clementina sentio uma especie da satisfação com estas palavras de Rodolfo.

— Por isso já eu vejo, principe, que haveis de sentir muito mais ainda a perda de vossa filha.

— Quanto a eu amaria!... Alem de que, parece-me que no nosso amor, no amor que os principes tem a seus filhos, ha um interesse de raça e de nome, e um pensamento politico!... Porem uma filha!... oh! uma filha ama-se só por ella. E por isso mesmo que a gente conhece os sinistros aspectos da humanidade, que delicia não é contemplar uma alma candida e pura, respirar a sua virginal candura, e observar com terna inquietação as suas innocentes sensações!... A mãe mais amorosa de sua filha nunca experimentará esta paixão deliciosa, e dará mais subido apreço ás qualidades varonis de um filho intrepido e valente. Porque, não vos parece

Digitized by Google

que o que faz mais interessante o amor de uma mãe para o filho, e o amor do pae para sua filha, é que neste amor ha ente debil que carece de protecção? O filho protege a mãe, e o pae protege a filha.

— Parece-me isso exacto, principe.

— Porem de que serve comprehender estes gozos ineffaveis quando jamais se hão-de disfructar? — disse Rodolfo.

Os olhos de Clementina arrasaram-se de lagrimas ao ouvir o accento profundo e melancolico de Rodolfo. Calaram-se ambos por um pouco; e o principe quasi envergonhado de se ter enternecido tanto, disse para a marqueza com triste sorriso:

— Perdoae, senhora; a minha dor e as minhas saudades commoveram-me a meu pezar.

— Ai! principe, podeis dar-me credito: eu participo da vossa dôr. E não sentistes tambem vós a minha? Desgraçadamente as consolações que eu poderia offerecer-vos são inuteis...

— Não, não... o interesse que por mim mostraes é terno e salutar; é um alivio na dor a sympathia da amizade... Animo, senhora! — accrescentou Rodolfo com melancolico sorriso. — Esta nossa conversação é seguro indicio do vosso futuro... Tereis de passar por provas perigosas para uma mulher, e sobretudo para uma mulher dotada das vossas qualidades... Será grande o vosso merito... tereis que lutar e padecer... porque ainda sois nova... mas o vosso valor se reanimará pensando no bem que tiverdes feito... e no que ainda vos resta para fazer...

Digitized by Google

A marqueza rompeu em copioso pranto, e disse:

— Ao menos nunca me faltarão o vosso apoio e os vosso conselhos, não é verdade, principe?

— Ou me ache perto, ou longe de vós, sempre estareis presente na minha lembrança... e contribuirei para a vossa felicidade, e para a do homem, a quem professo a mais constante amizade.

— Oh! quanto vos agradeço essa promessa, principe! — disse Clementina enchugando as lagrimas — Se não fôra o vosso generoso auxilio, as minhas forças de certo me teriam abandonado... acreditae porem... juro-vos que fielmente cumprirei o meu dever.

Abrio-se nisto de repente uma porta falsa, cujas juntas se não distinguiam da tapessaria.

Clementina lançou um grito, e Rodolfo estremeceu.

Appareceu o marquez de Harville, pallido, desfigurado profundamente commovido e com os olhos arrasados de lagrimas.

Passado este primeiro sobresalto, o marquez disse para Rodolfo, entregando-lhe a carta de Sara:

— Principe... eis-ahi a carta que ha pouco recebi á vossa vista... Tende a bondade de a queimar depois de terdes lido.

Clementina olhou com pasmo para o seu marido.

— Oh! que infamia! — gritou Rodolfo indignado.

— Porem, principe... o meu procedimento é mais infame ainda do que essa infamia anonyma...

Digitized by Google

— Que quereis dizer com isso?

— Em lugar de entregar-vos, ha bocado, franca e cavalheiramente essa carta, occultei-a a vós, e fingi-me tranquillo, em quanto os zelos, a raiva e a desesperação me dilaceravam as entranhas... Mas ainda isto não é tudo, principe... Quereis saber o que fiz? sahi, e fui-me ignominiosamente esconder atraz daquella porta... Sim, fui um miseravel, duvidei da vossa lealdade e da vossa honra... Ah! que o author desta carta bem sabe a quem as dirige... Depois do que acabo de ouvir, porque não me escapou nem uma palavra da vossa practica, porque sei os motivos que vos condusem á casa da rua do Templo... depois de ter commettido a baixeza de fazer-me cumplice desta horrível calumnia suppondo-a uma verdade... não deverei ajoelhar-me a vossos pes?

— Santo Deus! querido Alberto! o que vos hei-de eu perdoar? — disse Rodolfo estendendo ambas as mãos para o marquez com vehemente cordialidade — Agora já sabeis os meus *segredos* com a vossa esposa... e de todo o coração o estimo... porque vos posso fazer sermões sem inconveniente... Eis-me agora convertido á força em vosso confidente... e a vós em confidente de vossa esposa: isto é; daqui em diante sabereis o que daquelle nobre coração tendes a esperar.

— E vós, Clementina, tambem me perdoaes esta nova offensa? — disse com tristeza o marquez de Harville.

Digitized by Google

— Sim, perdôo; mas com a condição de que me haveis de ajudar a assegurar a vossa dita... — e estendeu a mão a seu marido, que a beijou com ternura.

— Na verdade, marquez! — disse Rodolfo — como são pouco habeis os nossos inimigos!... deveis porem agradecer-lhes o terem-vos feito conhecer o affecto que deveis a vossa esposa... Estamos vingados da sua inveja e da sua vileza... Consolemo-nos com isto por agora, em quanto não succede alguma cousa melhor... porque se não me engano, sei donde vem o golpe... e não costumo soffrer com paciencia o mal que se faz aos meus amigos... Isto porem sò me toca a mim. Adeus, Senhora; a vossa *intriga* está descoberta, e já não vos achareis só quando tratardes de soccorrer os vossos protegidos... Socegae, que não tardará que combinemos outra empreza mysteriosa... e mui destro tem de andar o marquez para a descobrir.

.....

O marquez, depois de ter acompanhado Rodolfo até ao coche para lhe repetir os seus agradecimentos, voltou para o seu quarto sem vêr Clementina.

Digitized by Google

Digitized by Google

XIX.

REFLEXÕES.

Difficil empreza seria pintar os contrarios e tumultuosos sentimentos, que agitaram o marquez de Harville, logo que ficou só. Via com prazer a falsidade da accusação dirigida contra Rodolfo e Clementina; mas tambem estava convencido de que devia perder a esperança de ser amado por ella. Clementina na sua pratica com Rodolfo mostrára-se determinada a proceder bem com valor e resignação, e isto augmentava a dôr com que o marquez se arrependia, de por um culpavel egoismo ter ligado á sua sorte a de sua mulher.

Digitized by Google

Não ha nada que possa dissipar o tedio da ociosidade dos ricos, nem acalmar a dôr dos seus remorsos; porque não tem necessidades a satisfazer, nem trabalhos diarios em que pensar; e no meio dessa ociosidade costumam succumbir ás grandes afflicções moraes. Senhores de tudo aquillo que podem comprar a pezo de ouro, sentem com amarga violencia o appetite que o ouro não pode satisfazer.

A dôr do marquez de Harville era desesperada, porque nada desejava que não fosse justo e *legal*...

A posse... quando já não fosse o amor de sua mulher.

Ora, á vista da repugnancia inexoravel de Clementina, perguntava, se para elle não eram uma amarga irrisão estas palavras da lei:

A mulher pertence a seu marido.

A que authoridade, ou a que intervenção haviade elle recorrer, para vencer uma frieza e uma repugnancia, que convertiam a sua vida em largo supplicio, pois não devia, não queria e não podia amar mais ninguem senão a sua mulher?

Reconheceu que não só nisto, como em muitos outros incidentes da vida conjugal, a simples vontade do homem ou da mulher se substitue imperiosamente, sem appellação nem possivel repressão, á vontade soberana da lei.

A estes vãos accessos de colera succedia ás vezes um sombrio abatimento de espirito. Via diante de si um futuro cheio de oppressão de tristeza e de impossibilidade; e presentia que a sua agitação faria

Digitized by Google

mais frequentes as crises da sua horrivel enfermidade.

— Oh! — exclamou elle enternecido e desanimado — eu, eu é que sou o culpado!... desgraçada mulher! enganei-a!... sim, enganei-a indignamente!... Pode e deve aborrecer-me, e com tudo acaba de mostrar-me um interesse tão apaixonado; e eu, em vez de me contentar com isso ... deixei-me vencer da minha louca paixão ... fallei do meu amor... e apenas meus labios tocaram a sua mão, quando logo ella estremeceu de espanto. Se eu duvidasse ainda da repugnancia que lhe inspiro, o que ella disse ao principe devia tirar-me toda a illusão ... Oh! que sorte espantosa!... E com que direito lhe confiou ella este horrivel segredo? é uma traição infame!... Com que direito? Ah! com o direito que as victimas tem para se queixarem de seus verdugos ... Pobre creatura! tão nova e tão amante, e tudo o que disse contra mim pela horrivel desgraça a que a arrastei, foi ... *que não era esta a sorte que tinha esperado* ... e que era muito nova para renunciar ao amor.. Conheço bem Clementina, e não duvido do cumprimento da palavra que deu ao principe e a mim, de ser para comigo uma irmãa extremosa. E então! não é assim mesmo bem digna de inveja a minha fortuna? O desapego e reserva que havia até aqui no nosso trato reciproco, converter-se-ha em relações ternas e affectuosas... porque finalmente podia tratar-me com um desvio glacial, sem que eu tivesse direito de me queixar.

— Consolar-me-hei com o que me promette...

Digitized by Google

que é muito bastante para me fazer ditoso... Mas, que debil que sou! como sou cobarde! Por ventura não é ella minha mulher? Não me pertence? Não me concede a lei um poder sobre ella? E se minha mulher me resiste... não tenho eu direito para?...

— O marquez interrompeu-se com uma risada sardonica — A violencia, sim, não é verdade? Pois vá a violencia! Mais outra infamia!... Porem a que outro meio hei-de recorrer?... se eu a amo!... se a amo como um louco... se não amo nem quero amar a mais ninguem senão a ella!... se eu quero o seu amor, e não um simples affecto de irmãa!... Oh! por ultimo terá dó de mim... porque é tão cheia de bondade, e ver-me-ha tão desgraçado!... Mas não! nunca! ha uma causa de *desamor*, que nenhuma mulher pode vencer. A repugnancia... sim... a repugnancia... entendes?... Convence-te, miseravel, que a tua horrenda enfermidade lhe causa uma aversão invencivel... entendes? para sempre invencivel!... — exclamou o senhor de Harville com dolorosa exaltação.

Guardou depois um agitado silencio, e logo continuou:

— Essa denuncia anonyma, que accusa o principe e minha mulher, vem de mão inimiga, e antes de ter ouvido o principe eu desconfiava da sua lealdade... e julguei-o capaz de tão iniqua traição!... e involvi minha mulher nesta desconfiança! Ah! que os zelos são um mal incuravel!... E com tudo não devo illudir-me... Se o principe, que me ama como

Digitized by Google

amigo terno e generoso, induz Clementina para que consagre seu coração á caridade, e se lhe promette conselhos e apoio, é porque Clementina necessita de apoio e conselhos... E não é tão possivel que ella cáia em erro sendo tão nova, tão formosa, tão invejada, sem amor no coração para a defender, e quasi desculpada das faltas que possa commetter, pela minha atroz conducta para com ella? Outro tormento, oh! meu Deus! Quanto tenho eu soffrido suppondo-a culpada! que horrivel agonia! Mas não; este temor é vão. Clementina jurou que não faltaria aos seus deveres, e cumprirá a sua promessa... Mas porque preço, Deus meu!... porque preço!... Que damno cruel me causaram o seu meigo sorriso, a sua tristeza, a sua resignação, quando me dirigio aquellas palavras affectuosas! Quanto lhe devia custar o fazer affagos ao seu verdugo! Pobre creatura! como estava formosa e interessante! Foi então a primeira vez que senti um verdadeiro arrependimento, porque até esse tempo bem a tinha vingado a sua fria altivez. Oh, que infeliz... que infeliz que sou!

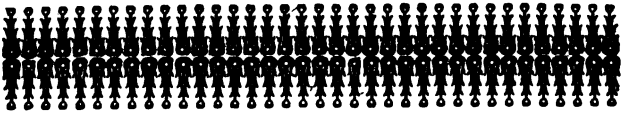
.....

Depois de uma comprida noite de insomnia, e de reflexões amargas, parou, como por encanto, a agitação do senhor de Harville... Havia tomado uma resolução immutavel.

Esperava com impaciencia que fosse dia...,

Digitized by Google

Digitized by Google



XX.

PROJECTOS FUTUROS.

Logo que amanhaceu chamou o marquez o seu criado particular.

Ao entrar no quarto o velho José, ouvio com grande admiração sua que seu amo trauteava uma cantiga de caça, signal tão raro como certo dos bons humores do marquez.

— Ai! senhor marquez — disse enternecido o fiel criado — que linda voz que tendes!... é pena que não canteis mais a miudo!

— Devéras? o senhor José gosta da minha voz? — replicou o marquez com ar de riso.

Digitized by Google

— Ainda que o senhor marquez miasse como um gato, ou grasnasse como as rãas, eu ainda assim acharia a voz excellente.

— Ora, calle-se, senhor adulador!

— Mas o caso é, que quando vós cantaes, senhor marquez, é signal de estardes contente... e então a vossa voz parece-me a melhor musica do mundo.

— Pois vae-te preparando, velho José, para abrir essas tuas compridas orelhas.

— Vós que dizeis?

— Que todos os dias gozarás desta musica, tanto do teu gosto.

— E estareis sempre contente, senhor marquez? — exclamou José crusando as mãos.

— Sempre, José, sempre estarei alegre. Sim, já lá vão os pesares e a tristeza. Digo-te isto porque és o confidente unico das minhas penas... Sou feliz, querido José! Minha mulher é um anjo de bondade... pedio-me perdão pela frieza com que me havia tratado, attribuindo-a, quem tal diria!... a zelos!...

— A zelos!

— Sim, a desconfianças absurdas excitadas por cartas anonymas...

— Que infamia!

— Bem sabes que as mulheres tem muito amor proprio, e foi isso o bastante para nos separarmos; porem hontem á noite fallou-me com toda a franqueza; e eu consegui desenganal'-a. Não é possivel

Digitized by Google

exprimir-te a alegria que ella sentio; porque em fim, ella tem-me amor! sim, tem! O desapego com que até agora me tinha tratado era-lhe tão sensive como a mim. N'uma palavra, a nossa cruel separação cessou de todo!

— Será possivel — exclamou José com os olhos arrasados de lagrimas — Será possivel, senhor marquez? Nesse caso, vivireis feliz, porque o que para isso só vos faltava era o amor da senhora marqueza... ou antes, porque o seu desapego causava toda a vossa desgraça... segundo me dizieis....

— E em quem me confiaria eu melhor do que no meu pobre José? Acaso não te revelei eu outro mais triste segredo? Não fallemos porem de tristeza em dia para mim tão alegre. Naturalmente pareço-te que tenho chorado... é verdade; mas foi tamanha a minha alegria, a minha felicidade, e apanhou-me tão de subito... Muito fraco sou! não é assim?

— Porque, senhor marquez? pois não podeis chorar de contentamento; já que tanto chorastes de dôr? E tambem eu... olhae, não vos imito?... estas lagrimas não as daria por dés annos de vida... A unica pena que tenho é de não poder lançar-me aos pés da senhora a primeira vez que vir...

— Anda, pateta! não tens mais juizo que teu amo... Porem agora tambem eu tenho um receio...

— Que receio é, senhor?

— Que isto dure pouco... sou ditoso em demasia... Nada me falta já...

Digitized by Google

— Agora de certo nada, nada, senhor marquez...

— Por isso é que temo; uma dita tão perfeita, tão completa, não deve durar.

— E porque não?... mas não, não me atrevo...

— Bem sei o que queres dizer... porem o teu temor não tem fundamento. A revolução que em mim produsio esta dita é tão grande, tão viva, que estou quasi certo de que ella me salvou!

— Como, senhor?

— Não me disse tantas vezes o medico que uma violenta commoção costumava bastar para causar ou para curar este mal funesto?...

— Tendes razão, senhor marquez... estaes curado... Que dia abençoado!... Ah! bem dizieis vós que a senhora marqueza era um anjo descido dos ceos! e eu começo tambem a recear, porque me parece felicidade de mais para um só dia. Porem se para vos tranquillisar necessitaes de um ligeiro pesar, posso dar-vo-lo, graças a Deus!

— Pois que?...

— Um de vossos amigos muito a tempo recebeu uma estocada... mui pouco grave, por certo; mas o bastante para que haja o pequeno mal que desejaes neste ditoso dia.

— Tu não te callarás!... E quem era esse amigo?

— O senhor duque de Lucenay.

— Então está ferido?

— Não passou de uma arranhadella n'um bra-

Digitized by Google

ço. Elle veio cá hontem para vos visitar, e disse que voltaria de manhãa para tomar uma chicara de chá...

— Pobre Lucenay! E porque não me dissestes nada?...

— Mas eu á noite não pude fallar-vos, senhor marquez.

Reflexionou um pouco o senhor de Harville, e disse logo:

— Tens razão, essa pequena desgraça frustrará a sentença do invejoso destino... Occorre-me uma idéa; quero esta manhãa improvisar um almoço de rapazes, todos amigos do duque de Lucenay, para celebrar o feliz resultado do desafio. Como o duque não espera esta reunião, ha-de estimal'-a muito.

— Assim é que deveis fazer, senhor marquez, desforrar o tempo perdido. Quantos talheres? para ir dar as ordens ao copeiro?

— Para seis pessoas, na sala de jantar de inverno.

— E os bilhetes de convite?

— Vou já escrevel'-os: e um criado que monte logo a cavallo para os entregar; é cedo, e achará todos ainda em caza.... Chama.

José chamou.

O marquez entrou para o gabinete, e escreveu os bilhetes na forma seguinte, sem mais variante que os nomes das pessoas.

« Meu caro ***: esta é uma circular para um proviso. Lucenay deve vir almoçar comigo está

Digitized by Google

manhãa, e conta que estaremos ambos sós; fazeime o favor de concorrer para que se lhe faça uma agradavel surpreza, vindo reunir-vos a mim e alguns outros amigos, a quem faço o mesmo avizo.

Ao meio dia sem falta. » « A. D'HARVILLE. »

Entrou um criado no gabinete.

— Já a cavallo para entregar immediatamente estas cartas — disse o marquez; e accrescentou dirigindo-se ao José: — Escreve tu os sobrescritos ..... *Senhor viscande de Saint-Remy* ... Lucenay não pode passar sem elle — disse o marquez; — *Senhor de Monville* ... um dos companheiros de viagem do duque; — *Lord Douglas*, seu parceiro ao Whist; — *Senhor barão de Sezannes*, seu amigo de infancia. Acabaste?

— Sim, senhor marquez.

— Então manda já os bilhetes. Filipe, diz ao senhor Doublet que me venha fallar.

Filipe sahio.

— Tu que tens — perguntou o marquez a José, que olhava para elle assombrado.

— Não sei, senhor, o que sinto... nunca vos vi tão contente e alegre... Andaveis sempre tão pallido, e hoje tendes uma côr brilhante ... e os olhos resplandecentes ...

— E' com o jubilo que sinto, amigo José... a felicidade... Ouve porem ... necessito que me ajudes a fazer uma surpresa ... Has-de ir saber de Juliêta, que me parece que é a criada que serve de guarda-joias da marqueza ...

Digitized by Google

— E' Julièta, sim, senhor marquez; porque ainda não ha oito dias que a ajudei a limpar-lhas.

— Pois bem; vae perguntar-lhe o nome e a caza do joalheiro de sua ama... mas que não diga nem uma só palavra á marqueza...

— Já sei o que quereis...

— Vae depressa. Ahi vem o senhor Doublet.

Com effeito era o mordomo, que entrou no instante que José sahia.

— Tenho a honra de apresentar-me ás ordens do senhor marquez.

— Meu caro Doublet, vou dar-vos um susto — disse a rir-se o marquez de Harville; — vou fazer-vos chorar de dôr e de magoa.

— A mim, senhor marquez?

— A vós, sim.

— Farei quanto possa por vos comprazer.

— Vou gastar muito dinheiro, senhor Doublet, uma somma enorme.

— Podeis gastal'-o, senhor marquez; graças a Deus podeis gastal'-o.

— Ha tempos que ando com o projecto de construir uma galeria sobre o jardim na ala direita da caza... Receei por algum tempo satisfazer este capricho, de que até agora vos não quiz fallar, mas por fim decidi-me. E' preciso mandar hoje mesmo recado ao meu architecto, para que venha fallar comigo ácerca da planta... Ora, fallae a verdade, senhor Doublet, esta despeza não vos faz doér o coração?

Digitized by Google

— Affirmo, e posso jurar que não...

— Esta galeria será destinada para convites e banquetes. Quero que se construa como por encanto: e como os encantos custam muito dinheiro, será preciso vender quarenta ou sessenta contos de rendas, para fazer face ás despezas, porque quero que a obra comece já.

— Nada mais justo; ferro quente malha-se de repente... Quantas vezes tenho eu dito: « O que falta ao senhor marquez é ter um gosto, uma inclinação qualquer. » O gosto de construir cazas, tem de bom, que as cazas sempre ficam... Em quanto a dinheiro, não tenha o senhor marquez cuidado, porque, graças a Deus, a galeria não o arruinará por ora.

José tornou a entrar, e disse para o amo:

— Eis-aqui, senhor marquez, o nome e morada do joalheiro: chama-se Baudoin.

— Agora, senhor Doublet, haveis-de me fazer o favor de ir a caza do joalheiro, e dizer-lhe que me traga um mar de brilhantes, porque quero empregar nelles uns oito contos de reis... A's damas nunca lhe parece que tem joias de mais; e sobre tudo agora, que guarnecem com ellas os vestidos... Para o pagamento lá vos arranjareis com o joalheiro.

— Não vos dê cuidado isso, senhor marquez, que eu comporei esse negocio. Os diamantes tambem ficam, como as cazas: alem de que esta surpresa vae dar muito regosijo á senhora marqueza; não fallando no que vós mesmo sentireis. Não ha

Digitized by Google

duvida; já o outro dia tive a honra de vos dizer que não havia no mundo uma existencia mais para invejar que a vossa, senhor marquez.

— As vossas felicitações, meu querido senhor Doublet, vem sempre muito a proposito — disse o marquez de Hatville.

— Não tem outro merito, senhor marquez; e se por ventura o tem é porque nascem do coração. Vou procurar o joalheiro: — disse Doublet, e sahio.

Logo que o marquez se vio só, começou a passear com os braços cruzados sobre o peito e a vista immovel.

Transformou-se de repente a sua physionomia; e em lugar do contentamento febril, em que haviam acreditado o mordomo, e o velho criado, pintou-se nella uma resolução fria, e sombria.

Depois de ter dado alguns passeios, sentou-se como opprimido pelas suas penas, encostou os cotovelos á escrivaninha, e cobrio o rosto com ambas as mãos. Mas depois de um instante endireitou-se de repente, enchugou uma lagrima que corria pelo seu rosto abrasado, e disse com impetuosidade:

— Ora vamos... animo!... valor!...

Escreveu depois a diversas pessoas sobre objectos insignificantes; mas em cada uma dellas tinha o cuidado de marcar certas cousas para dali a alguns dias. Ao ponto que o marquez acabou a sua correspondencia, entrou José tão fora de si de contente, que vinha trauteando uma cantiga.

Digitized by Google

— Que linda voz que tem o senhor José — disse-lhe o amo com ar de riso.

— Tanto me importa que seja boa a voz, como que seja má; eu não tenho culpa de cantar; é a procissão de alegria que anda cá por dentro, e então sahem-me pela boca as vozes dos musicos...

— Manda esses cartas ao correio.

— Sim, senhor marquez; mas dizei-me onde haveis-de receber esses senhores?

— Aqui no meu gabinete... Como naturalmente fumam depois de almoço, não incommodará o fumo a minha esposa.

Sentio-se naquelle momento uma sege no pateo.

— E' a senhora marqueza que vae sahir; mandou apromptar o coche esta manhãa muito cedo: — disse José.

— Vae a correr, e diz-lhe que tenha a bondade de vir por aqui antes de sahir.

— Vou n'um pulo, senhor marquez.

Apenas o criado sahio, aproximou-se logo o marquez a um espelho, e examinou com o maior escrupulo a sua figura.

— Muito bem!... assim — disse com voz rouca e abafada — é como se quer... as faces incendiadas... os olhos scintillantes... de prazer ou de febre, isso não importa, uma vez que se não conheça... Vamos, agora o sorriso nos labios... Ha tantos modos de sorrir!... Mas quem é que sabe distinguir o riso falso do verdadeiro? A pessoa que podesse penetrar através desta mascara mentirosa, veria que

Digitized by Google

este sorriso, que esta alegria desusada, encobre um pensamento de morte. E quem o poderá adivinhar? ninguem... felizmente ninguem!... Oh! mas o amor não se enganaria, não; o seu instincto descobriria a realidade. Porem ahi chega minha mulher... minha mulher!!! Vamos... faz o teu dever, histrião sinistro...

Clementina entrou no quarto do marquez.

— Bons dias, Alberto, meu querido irmão — disse ella com voz meiga e terna, estendendo-lhe a mão. E reparando logo para para a expressão risonha da physionomia de seu marido: — Porem que tendes, meu amigo? estaes com um ar que respira alegria!...

— Estava pensando em vós quando chegastes, querida irmãsinha... E alem disso pensava tambem em uma excellente resolução que tomei...

— Então já não admiro...

— O que hontem se passou; a vossa admiravel generosidade, o nobre comportamento do principe, tudo me deu muito em que pensar; e me converteu ás vossas idéas; mas é uma conversão completa.

— Que linguagem! que feliz transformação! — exclamou a senhora de Harville — Bem certa estava eu que me comprehenderieis, se me dirigisse ao vosso coração, ao vosso entendimento. Agora já me não mette medo o futuro.

— Nem a mim tão pouco, Clementina; eu vo-lo juro. Sim, desde que tomei esta minha resolução, esse porvir, que me parecia tão vago e obscuro, esclareceu-se, e simplificou-se de um modo singluar.

Digitized by Google

— Nada mais natural, meu amigo: agora caminhamos ambos para o mesmo fim, e auxiliamo-nos um ao outro; e no fim da nossa carreira encontrar-nos-hemos os mesmos que hoje, porque o nosso sentimento será invariavel. Em uma palavra; quero que sejaes ditoso, e sel'-o-heis, porque está aqui gravado — disse Clementina apontando com o dedo para a testa. Immediatamente com uma expressão encantadora abaixou a mão para a collocar sobre o coração, accrescentou: —Não, enganei-me... é aqui... que este salutar pensamento vivirá para vosso bem... e para o meu; e então vereis, senhor meu irmão o que é, o quanto pode a pertinacia de um coração extremoso.

— Querida Clementina! — respondeu o senhor de Harville com emoção reprimida.

E depois de um instante de silencio, disse com ar alegre:

— Mandei-vos pedir que viesseis aqui antes de sahirdes, para vos dizer que não podia esta manhãa tomar o chá comvosco. Convidei, uns poucos de amigos a almoçar: foi uma especie de improviso, para celebrar o feliz resultado do desafio de Lucenay, que ficou levemente ferido pelo seu adversario.

Córou Clementina recordando-se da causa do duello: um dito ridiculo dirigido na presença della pelo duque a Carlos Roberto. Esta recordação cruel tambem lhe suscitou a de um erro, que a fazia envergonhar: e para se livrar destas amargas idéas disse a seu marido:

Digitized by Google

— Que singular casualidade! O duque de Lucenay vem almoçar aqui, e eu vou sem convite almoçar esta manhãa com sua mulher, porque tenho de fallar muito com ella ácerca das minhas protegidas incognitas. De lá conto ir á prisão de S. Lazaro com a senhora Blinval; porque mal sabeis aonde chega a minha ambição... Agora *intrigo* nada menos que para ser admittida no hospicio das mulheres perdidas.

— Não ha duvida que sois insaciavel — disse o marquez sorrindo-se; e logo accrescentou com certa agitação que não poude dissimular inteiramente: — De sorte que não nos tornaremos mais a vêr... hoje! — accrescentou elle logo.

— Não levaes a bem que eu sáia tão cedo? — perguntou-lhe Clementina com viveza, admirada do tom da sua voz. — Se quereis, deixo para outra occasião a minha visita á duqueza de Lucenay.

O marquez tinha estado a ponto de descobrir a sua intenção; fez porém um esforço, e disse com tom affectuoso:

— Não ha duvida, querida irmãasinha, que sinto tanto o ver-vos sahir, como me alegrarei ao ver-vos entrar. São defeitos de que não espero vir a corrigir-me.

— E são defeitos, dos quaes, se vos corrigisseis, muito me pezaria n'alma.

Ouvio-se neste momento o toque da campainha, annunciando uma visita.

— Ahi tendes um dos vossos convidados — dis-

Digitized by Google

se a marqueza — Adeus... Mas dizei-me; que pretendeis fazer esta noite? Se ainda não tendes destino, *exijo* que me acompanheis ao theatro italiano; talvez que a musica vos agrade agora mais.

— Aqui me tendes á vossa disposição.

— Fazeis tenção de sahir cedo, meu amigo? Não nos veremos antes de jantar?

— Não tenho tenção de sahir... Encontrar-me-heis... aqui.

— Então apenas eu chegue, virei perguntar-vos o que houve de novo ao almoço.

— Adeus, Clementina.

— Adeus, meu amigo... até logo... deixo-vos o campo livre para fazerem mil diabruras... divertivos bastante!

E depois de ter apertado cordialmente a mão a seu marido, sahio Clementina por uma porta a tempo que Lucenay entrava por outra.

— Deseja que eu me divirta... e que faça mil diabruras! Nesse ultimo *adeus*, nesse grito da minha alma agonisante, nessa palavra de eterna separação, Clementina não vio mais que um... *até logo*... até á noite... e lá vae tranquilla e alegre... Ainda bem!... isto faz honra á minha dissimulação... Na verdade que me não suppunha tão bom comico... Mas ahi está o duque de Lucenay.

Digitized by Google

XXI.

ALMOÇO DE RAPAZES.

ENTROU o duque de Lucenay no quarto do marquez de Harville. A ferida tinha sido tão pouco grave, que nem já trazia o braço ao peito, e não se notava a mais ligeira mudança em seu semblante altivo e escarnecedor, nem na sua incessante agitação, nem na sua invencivel mania de contos e mentiras. Apesar das suas extravagancias, das suas graças pezadas, e do enorme nariz, que dava á sua cara um aspecto quasi grotesco, a presença do duque de Lucenay não era vulgar, como já dissemos, graças a

Digitized by Google

uma certa dignidade natural, e a uma obstinada impertinencia que jámais o abandonavam.

— Quão indifferente me haveis-de suppor para tudo o que vos toca, amigo Henrique! — disse Alberto de Harville estendendo a mão ao duque de Lucenay; porém só esta manhãa soube da vossa desagradavel aventura...

— Desagradavel, marquez!... porque?... Nunca em dias de minha vida me ri com tanta vontade!... O pobre Carlos Roberto parecia tão solemnemente resolvido a sustentar que não tinha defluxo... Mas não sabeis qual foi o motivo do desafio? Na noite do baile da embaixada de *** perguntei-lhe diante de vossa mulher e da condessa Mac-Gregor como ia do seu defluxo... *inde iræ*; porque, aqui para nós, o tal Carlos Roberto não padece semelhante incommodo... Mas é o mesmo... ver-se assim exposto a uma imputação de tal calibre diante de duas damas formosas, é para perder a tramontana.

— Que disparate!... E' mesmo das vossas cousas!... Mas quem é esse Carlos Roberto?

— Eu sei cá quem elle é, ou o que é! é uma especie d'homem que encontrei a banhos; passava por nós no jardim de inverno da embaixada, e chameio-o para lhe dizer esta semsaboria; e no outro dia respondeu-me com uma estocadita dada com toda a gentileza: e eis-ahi toda a historia das nossas relações. Deixemo-nos porém destas ninharias, porque a que vim, foi a beber uma chicara de chá.

E nisto deixou-se cahir sobre o sofá no qual

Digitized by Google

se estendeu; introduzio a ponta da bengala por entre a parede e o caixilho de um quadro que estava por cima da sua cabeça e começou a bamboleal'-o.

— Como já vos esperava, querido Henrique, tinha-vos por isso preparado uma surpresa.

— Que! qual! que surpresa? — gritou Lucenay, fazendo dar ao caixilho um perigoso balanço.

— Olhae que me deitaes esse quadro ao chão, e pode-vos cahir sobre a cabeça.

— C'os diabos! é verdade! tendes uma vista de lynce. Mas vamos ao caso, que surpresa?

— Convidei alguns amigos para vos fazerem companhia ao almoço.

— Caspite! marquez. Bravo! Bravissimo!... Archi-bravissimo! — gritou com toda a força de seus pulmões o duque de Lucenay, descarregando terriveis bengaladas sobre as almofadas do sofá — Mas quem é que vem? Saint-Remy?... Esse não, porque está no campo ha dias... Não sei que diabo tem elle agora que cheirar no campo no rigor do inverno.

— Estaes certo de que se não acha em Paris?

— Certissimo. Escrevi-lhe para que fosse meu padrinho; e como estivesse ausente, tive de recorrer a lord Douglas e a Sezanes...

— Então acertei; porque ambos virão almoçar.

— Bravo! bravo! bravo — começou a gritar de novo Lucenay. E depois entrou a revolver-se no sofá, acompanhando os seus gritos crueis com uma serie de saltos de tubarão, capazes de aterrar

Digitized by Google

a tripulação de um navio. As evoluções acrobaticas do duque de Lucenay foram interrompidas pela chegada de Saint-Remy; o qual disse em tom alegre:

— Era escusado perguntar se aqui estava Lucenay, porque já se ouvia á porta da rua.

— Ah! sois vós, formoso Sylvano, lobo cerval, camponez do diabo! — exclamou o duque assombrado, e erguendo-se de repente: — e diziam que andaveis a monte!...

— Cheguei hontem; recebi neste momento o convite de Harville, e venho disfructar tão grata surpreza. — O visconde deu primeiro a mão a Lucenay, e depois ao marquez.

— E eu vos agradeço essa promptidão. E' mui natural que os amigos de Lucenay celebrem o feliz resultado do seu desafio, que podia mui bem ter consequencias mais desagradaveis...

— Mas fallemos claro, Saint-Remy — insistio de novo o duque — que diabo tivestes vós que fazer no campo no meio do inverno?

— Como é curioso! — disse o visconde dirigindo-se a de Harville; e immediatamente respondeu ao duque: — Quero-me ir esquecendo pouco a pouco de Paris... já que tenho em breve de o deixar...

— Ah! sim, o capricho de vos fazer nomear addido á embaixada de França em Gerolstein... Deixae-vos dessas alicantinas diplomaticas, que por mais que vos canceis, nunca hei-de acreditar que lá chegueis a ir... minha mulher diz o mesmo; e todos assim pensam...

Digitized by Google

— Pois posso-vos affirmar que madama de Lucenay se engana com todos.

— E não vos disse ella diante de mim que era uma loucura?

— Não é a primeira, nem será a derradeira!

— Concedo: mas as loucuras, ou antes rapasiadas que tendes feito até aqui, são rapasiadas elegantes e de bom gosto, como, por exemplo, dar conta da vossa legitima com uma magnificencia de Sardanapalo; ora isso entendo eu: mas irvos enterrar n'uma corte como a de Gerolstein, que parece uma tóca de um grillo!... E' uma grande promoção!... Isto não se pode chamar rapasiada; é uma verdadeira loucura, uma asneira; e vós devieis ter mais juizo para não cahir em tal.

— Cuidado com a lingua, amigo Lucenay; se dizeis mal dessa corte de Allemanha, ides-vos indispor com d'Harville, amigo intimo do grão-duque reinante, que, diga-se de passagem, me fez bom acolhimento na noite do baile da embaixada de ***, onde lhe fui apresentado.

— Se o conhecesseis, Henrique, como o eu conheço — disse o marquez de Harville — havieis de pensar de outra maneira, e ficar convencido que Saint-Remy não deve achar nenhum inconveniente em passar algum tempo na corte de Gerolstein.

— Não duvido, Alberto, posto que por ahi se diga que o tal duque é bastante original; mas em todo o caso parece-me que um elegante como Saint-

Digitized by Google

Remy, lindo e formoso como o sol, não póde viver senão em Paris... porque em nenhuma outra parte se lhe dará o seu justo valor.

Acabavam de chegar os convidados do marquez de Harville, quando entrou José, e disse em voz baixa algumas palavras a seu amo.

— Com vossa licensa, senhores — disse o marquez. — Está ali o joalheiro de minha mulher, com brilhantes, que me traz para eu escolher... é uma surpreza que lhe quero fazer... Vós bem sabeis o que isto é, Lucenay... cá nós somos de tempera velha...

— Pelo amor de Deus não me falleis em surprezas — exclamou o duque — minha mulher ainda hontem me fez uma!... e oh! que surpreza!...

— Alguma bella prenda?

— Foram só quarenta contos; — que ella me... pedio...

— E como sois tão magnanimo...

— Emprestei-lhos... e deu por hypotheca a quinta de Arnouville; porque amigos, amigos, negocios á parte. Mas não importa... emprestar quarenta contos em duas horas a quem precisa delles, é cousa tanto de agradecer quanto tem de rara. Não é assim, meu gastador-mór, que tão versado sois em materia de emprestimos? — disse rindo-se o duque para Saint-Remy, sem conhecer bem todo o valor das suas palavras.

Corou um pouco o visconde, apesar de toda a sua audacia, e por fim disse com descaramento:

Digitized by Google

— Quarenta contos! é uma quantia enorme... E para que são precisos quarenta contos a uma mulher?... a um homem, ainda, ainda.

— Enforcado seja eu, se sei o que minha mulher quer fazer com esse dinheiro... E tambem não importa sabel-o... Naturalmente dividas da modista, e de outros que se cançaram de esperar; mas eu com isso nada tenho... E alem disso vós bem entendeis, Saint-Remy, que emprestando eu dinheiro a minha mulher, era preciso ser pouco delicado, se lhe perguntasse para que o queria.

— Entretanto, geralmente quem empresta quer saber para o que vae servir o seu dinheiro... — disse o visconde sorrindo-se.

— Ora, Saint-Remy, já que tendes um gosto excellente — disse o marquez — haveis de ajudar-me a escolher o adereço com que quero brindar a minha mulher: o vosso voto consagrará a minha eleição, porque em modas tendes jurisdicção soberana...

Entrou a este tempo o joalheiro com varias caixinhas dentro de uma bolsa de couro.

— Olá! o senhor Baudoin! — disse Lucenay.

— Um vosso criado, senhor duque.

— De certo sois vós que deitaes a perder minha mulher com essas tentações diabolicas — disse o duque de Lucenay.

— A senhora duqueza em todo este inverno não fez mais que desmontar os seus brilhantes — disse o joalheiro com algum acanhamento — E agora mesmo venho de lá, de lhos entregar.

Digitized by Google

Saint-Remy que sabia que a duqueza, para o tirar de apuros, tinha substituido com pedras falsas os seus brilhantes, affligio-se com este importuno encontro, e disse com certa ousadia:

— São bem curiosos estes maridos! não respondaes, senhor Baudoin.

— Curioso eu! ninguem o é menos — replicou o duque — minha mulher é quem paga, e pode fazer quantas vontades tiver, porque é muito mais rica do que eu....

Durante esta conversa, tinha Baudoin estendido sobre a mesa muitos collares elegantissimos, de rubis e de brilhantes.

— Que bellas aguas!... e como estão divinamente engastadas estas pedras! — disse lord Douglas.

— Ah! senhor — acudio o joalheiro — é obra de um dos melhores lapidarios de Paris, chamado Morel; quiz a desgraça que endoidecesse, e não tenho esperanças de encontrar outro lapidario como elle. Segundo me disse a minha corretora, foi a miseria quem fez perder o juizo áquelle infeliz.

— A miseria! E confiaes assim os vossos brilhantes a gente miseravel?

— Sim, senhor, e não ha exemplo de que um lapidario tenha jámais ficado com uma pedra, posto que o officio é pobre e trabalhoso.

— Quanto vale este collar? — perguntou o senhor de Harville.

— Bem vêdes, senhor marquez, que estas pe-

Digitized by Google

dras são todas de umas aguas, e de lapidado magnifico, e quasi todas do mesmo tamanho.

— De máo agouro para a vossa bolsa é esse preambulo oratorio — disse o visconde de Saint-Remy a rir-se; — preparae-vos d'Harville para uma somma de tremer.

— Vamos a ver, senhor Baudoin, o ultimo preço rasoavel — disse o marquez.

— Não quero estar a regatear com o senhor marquez... O ultimo preço são oito contos de reis.

— Senhores! — exclamou o duque de Lucenay — não ha marido mais admiravel que d'Harville... Fazer uma surpreza a sua mulher com uma joia de oito contos!... Com todos os diabos! não divulguemos isto, porque seria um pernicioso exemplo.

— Ride-vos de mim á vontade — disse com bom humor o marquez — Estou namorado de minha mulher; tenho muita satisfação em o dizer.

— Bem se deixa ver — replicou Saint-Remy — um presente desse calibre diz mais que toda a logica do mundo.

— Então fico com este collar, Saint-Remy — disse d'Harville — se é que achaes de bom gosto aquelle esmalte preto no engaste.

— Dá maior realce no brilho das pedras; e está maravilhosamente combinado.

— Então decido-me por o collar — tornou o marquez — Agora, senhor Baudoin, fallae com o meu mordomo Doublet.

— O senhor Doublet já me prevenio, senhor

Digitized by Google

marquez — disse o joalheiro; e sahio do quarto, depois de ter mettido na sacca, sem as contar, as diversas joias que tinha trazido, e que o visconde de Saint-Remy por tanto tempo tinha examinado e revolvido.

Quando o marquez deu o collar ao fiel José, que tinha esperado segundo a sua ordem, disse-lhe em voz baixa:

— E' preciso que Juliêta ponha com dissimulação estes brilhantes entre os de sua ama, de modo que ella não deixe de os ver, e ser assim completa a surpreza.

Nisto avisou o copeiro que o almoço estava prompto; e a esta voz passaram os convidados para a caza de meza, e tomaram os seus lugares.

— Quereis que vos diga, caro d'Harville — ponderou o duque de Lucenay — Esta caza é uma das mais elegantes e mais bem repartidas de todo o Paris!

— Tem na verdade muitas commodidades mas falta-lhe espaço... O meu projecto é de mandar accrescentar-lhe uma galeria com janellas para o jardim. A marqueza deseja dar alguns bailes, e as nossas tres salas não são sufficientes... pois tenho para mim que nada ha mais incommodo do que invadir com funções os aposentos que de ordinario occupamos, e de que forçosamente nos desterramos em dias de festa.

— Sou da opinião de d'Harville — acudio o visconde de Saint-Remy; — nada mais mesquinho e aca-

Digitized by Google

nhado do que esse trafego de moveis para bailes e concertos... Para dar funcções verdadeiramente bellas sem incommodo, é mister destinar-lhes salas proprias; e demais, as salas vastas e brilhantes, destinadas a esplendidos bailes, devem ter um aspecto inteiramente diverso do das salas ordinarias: ha entre umas e outras a mesma differença que existe entre a pintura a fresco monumental e os quadros de *cavalete*.

— Saint-Remy tem razão — disse o marquez de Harville — é pena que não tenha dés ou vinte milhões de renda!... que maravilhas nos faria então admirar!

— Já que temos a fortuna de viver em um governo representativo — atalhou o duque de Lucenay, — não devia o paiz votar dés milhões por anno a Saint-Remy, e incumbi-lo de representar em Paris o gosto e a elegancia franceza, que assim decidiriam do gosto e elegancia da Europa... e do mundo inteiro?

— Apoiado! — bradaram todos em côro.

— E esses dés milhões haviam de pezar exclusivamente sobre esses abominaveis usurarios, que, possuindo immensas fortunas, fossem accusados e convencidos de viver como miseraveis — accrescentou o duque.

— E como taes — tornou o marquez d'Harville — condemnados a contribuir para magnificencias, que deveram ser os proprios a sustentar.

— Já não quero fallar — tornou Lucenay, —

Digitized by Google

na prodigiosa influencia que, por imitação, exerceriam no gosto geral essas funcções de grão-sacerdote, ou, para melhor dizer, de grão-mestre dé elegancia, conferidas a Saint-Remy....

— Seria o typo que todos tomariam por modelo.

— E' claro.

— E procurando copia-lo purificar-se-hia o gosto.

— Nos tempos da renascença tornou-se o gosto apurado em todas as cousas, por modelar-se pelo da aristocracia, que era singular e delicado.

— Pelo ponto de gravidade a que chegou a questão — tornou alegremente o marquez — vejo que só se trata de dirigir uma petição ás camaras para crear-se o emprego de grão-mestre da elegancia franceza.

— E como os deputados passam, sem excepção, por ter idêas grandiosas, e mui artisticas e magnificas, será votado por acclamação.

— Em quanto não se sancciona a decisão que confere de direito a supremacia, que Saint-Remy de facto já exerce — disse o marquez — pedir-lhe-hei seus conselhos para a galeria que vou mandar construir, pois sobre-modo me agradaram as suas idéas ácerca do esplendor das funcções.

— As minhas fracas luzes estão ao vosso dispôr, d'Harville.

— E quando inauguraremos as vossas magnificencias, meu caro ?

Digitized by Google

— Creio que para o anno, pois vou mandar começar immediatamente as obras.

— Que homem de projectos!

— Ainda tenho muitos outros... Pretendo fazer uma transformação completa em *Val-Richer*.

— Na vossa quinta da Borgonha?

— Sim: tenho concebido um plano admiravel, que realisarei, se Deus me der vida...

— Pobre velho!....

— Mas não comprastes ultimamente uma granja ao pé de *Val-Richer*, para mais augmentar o territorio dessa quinta?

— É verdade, foi um excellente negocio que me aconselhou o meu tabellião.

— E quem é esse raro e precioso tabellião, que aconselha tão bons negocios?

— Jacques Ferrand.

Ao ouvir este nome, ligeiro estremecimento franzio a testa do visconde de Saint-Remy.

— E será com effeito esse homem tão honrado como o apregoam? — perguntou com mostras de indifferença o marquez, lembrando-se então do que Rodolfo havia contado a Clementina a respeito do tabellião.

— Jacques Ferrand? que pergunta! isso é um homem de illibada probidade — disse o duque de Lucenay.

— Tão respeitado como respeitavel.

— Mui devoto... o que não faz mal nenhum.

Digitized by Google

— E excessivamente avarento.... o que mais o abona para com os seus clientes.

— E em fim um desses tabelliães da tempera antiga, que, quando alguem lhe confia dinheiro e lhe falla em recibo, pergunta logo em que conta o tem.

— Só por isso hei-de confiar-lhe toda a minha fortuna.

— Mas onde diabo foi Saint-Remy desencavar duvidas a respeito deste digno homem de proverbial integridade.

— Sou apenas o echo de boatos vagos.... Em summa, nenhuma razão tenho para menoscabar esse phenix dos tabelliães... Porém tornando aos vossos projectos, d'Harville, então que construcções pertendeis fazer em *Val-Richer*? Dizem que o castello é magnifico....

— Socegae, que haveis de ser consultado, meu caro Saint-Remy, e talvez mais cedo do que suppondes, pois todas essas obras são para mim um prazer; assento que nada ha mais agradavel do que ter assim interesses successivos, que mutuamente se encadeiam, e proporcionam distracção e occupações para muitos annos.... Hoje este projecto.... daqui a um anno aquelle.... depois outra empreza.... Accrescentae a isto a posse de uma mulher encantadora que se adora, e que toma parte em todos os nossos gostos.... em todos os nossos projectos.... e haveis de confessar, que se deslisa a vida com a maior doçura.

Digitized by Google

Não ha duvida, é certamente um verdadeiro paraiso na terra...

— Agora, meus senhores — disse o marquez quando acabaram de almoçar — se quereis fumar no meu gabinete, poderei offerecer-vos excellentes charutos.

Levantaram-se todos da meza, e entraram no gabinete do marquez; a porta do quarto de dormir, que communicava com o gabinete, estava aberta. Já dissemos que o unico ornato desse aposento eram duas *panoplias* de excellentes armas.

O duque de Lucenay accendeu um charuto, e acompanhou o marquez para o seu quarto.

— Bem vêdes que ainda não perdi a mania de ter boas armas — lhe disse o marquez.

— Aqui tendes com effeito magnificas espingardas inglezas e francezas; á fé que não sei a qual dellas dê preferencia.... Douglas — clamou Lucenay — vinde ver se estas espingardas não podem rivalisar com as vossas melhores espingardas *Menton*....

Lord Douglas, Saint-Remy e os outros convidados entraram no quarto do marquez para examinarem as armas.

D'Harville pegou n'uma pistola de desafio, armou-a, e disse a rir-se:

— Aqui está, meus senhores, a panacêa universal para todos os males.... para o *spleen*.... para o desgosto....

E gracejando, chegou o cano da pistola á boca.

Digitized by Google

— Eu prefiro outro especifico — disse o visconde de Saint-Remy; — este só é bom para os casos desesperados.

— Sim; mas é tão prompto — disse o marquez. — Zás! e está tudo feito! o pensamento não é mais rapido....

— Cuidado, d'Harville! essas graças são sempre perigosas: facil succede uma desgraça — disse Lucenay vendo o marquez chegar ainda mais a pistola á boca.

— Não ha perigo, meu caro.... pois se estivesse carregada, julgaes que estaria assim brincando?

— Sem duvida; mas em todo o caso uma imprudencia....

— Olhae, senhores, eis-aqui como se faz: introduz-se com delicadeza o cano entre os dentes... e depois...

— Meu Deus! tendes cousas, d'Harville... quando vos pondes a brincar... — disse o duque encolhendo os hombros.

— Chega-se o dedo ao gatilho... — accrescentou d'Harville.

— Que lembrança!... que imprudencia!...

— Carrega-se um poucachinho na mola... — tornou o marquez — e vai-se direito... para o outro mundo...

A estas palavras, disparou-se o tiro...

O marquez de Harville tinha despedaçado o craneo.

.....

Digitized by Google

Não intentaremos pintar o pasmo e assombro dos convidados do marquez.

No dia seguinte, lia-se em um jornal:

« Um acontecimento tão imprevisto como la-
« mentavel pôz hontem em commoção todo o bairro
« de S. Germano. Uma dessas imprudencias, que tan-
« tas vezes tem sido causa de funestos desastres, oc-
« casionou uma cruel desgraça. Contaremos o facto
« com as circumstancias que nos foram communi-
« cadas, e cuja authenticidade podemos abonar.

« O marquez de Harville, senhor de immensa
« fortuna, apenas com vinte e seis annos de idade,
« notavel pela elevação de suas qualidades, e pela
« bondade de seu coração, casado ha poucos annos
« com uma mulher que idolatrava, tinha reunido al-
« guns amigos para almoçar. Ao levantarem-se
« da meza, passaram ao quarto de dormir do
« marquez, onde havia algumas armas de subido
« preço. Na occasião em que fazia examinar aos
« seus convidados algumas espingardas, o marquez
« de Harville pegou brincando em uma pistola, que
« não suppunha estar carregada, e chegou-a á bo-
« ca.... Nessa supposição, carregou no gatilho.... a
« pistola disparou-se!... e o infeliz mancebo cahio
« morto, com a cabeça despedaçada. Imagine-se
« a terrivel consternação dos amigos do marquez
« de Harville, a quem, pouco antes, cheio de satis-
« fação e alegria havia communicado diversos pro-
« jectos que o occupavam! Em fim, como se todas
« as circumstancias deste desastroso acontecimento

Digitized by Google

« se conspirassem para torna-lo ainda mais cruel « com dolorosos contrastes, nessa mesma manhãa, o « marquez de Harville, querendo fazer uma sur- « presa a sua mulher, havia para ella comprado « um adereço de grande preço... E é na occasião, « em que nunca talvez lhe tinha a vida parecido « mais bella e mais risonha, que elle succumbe vic- « tima de tão lastimoso desastre...

« Em presença de tamanha desgraça todas as « reflexões são inuteis, e só cumpre que nos pros- « tremos ante os decretos impenetraveis da Provi- « dencia. »

.....

Citamos o jornal, a fim de consagrar, por assim dizer, a crença geral que attribuio a morte do marido de Clementina a uma fatal e deploravel imprudencia...

Escusado é dizer, que o marquez de Harville levou comsigo para o sepulcro o segredo mysterioso de sua morte voluntaria. Voluntaria, sim, e calculada, e meditada com sangue frio e sublime generosidade... para que não podesse Clementina ter a mais leve suspeita da verdadeira causa desse suicidio.

Assim pois, os projectos que o marquez communicara aos seus amigos e ao mordomo, as confidencias de felicidade que havia feito ao seu velho criado, a surpresa que mesmo nessa manhãa pretendia fazer a sua mulher, tudo isso eram outras tantas ficções destinadas a illudir a credulidade publica.

Digitized by Google

Quem poderia imaginar, que um homem tão preoccupado do futuro, tão empenhado em agradar a sua mulher, se podesse lembrar de suicidar-se?...

E por isso não foi nem podia deixar de ser attribuida a sua morte senão a uma imprudencia.

Uma desesperação incuravel havia dictado esta resolução. Clementina, mostrando-se para com seu marido tão terna e amiga como outr'ora se mostrara altiva e fria, volvendo com sublime effusão ás affeições conjugaes, havia-lhe despertado pungentes remorsos.

Vendo-a acceitar resignada essa longa vida isenta d'amor, passada junto de um homem eivado de incuravel e assustadora enfermidade; certissimo pela solemnidade das palavras de Clementina, que impossivel lhe era vencer a repugnancia que elle lhe inspirava, começara o marquez de Harville a sentir profunda compaixão por sua mulher, e horrivel desgosto de si mesmo e da vida...

Nos transportes exasperados de sua dôr, dizia comsigo:

—Não amo, nem posso amar senão uma pessoa no mundo.... minha mulher.... Seu proceder nobre e sublime mais ainda augmentaria minha louca paixão, se possivel fosse subir ella de ponto....

E essa mulher, que é minha esposa, jámais me póde pertencer...

Tem o direito de me despresar e aborrecer...

Enganeia-a com infame cobardia, para encadea-la na flor dos annos á minha detestavel sorte...

Digitized by Google

Estou arrependido... Que me cumpre agora fazer por ella?

Liberta-la dos laços odiosos que lhe impôz o meu egoismo.

Esses laços só a minha morte os póde desatar... portanto é mister que eu me suicide... »

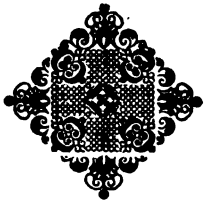
E eis o motivo porque o marquez de Harville tinha cumprido esse grande e doloroso sacrificio.

Se fosse o divorcio authorisado por lei, ter-se-hia suicidado esse infeliz?

Não!

Podia reparar em parte o mal que tinha feito, restituir a sua mulher a liberdade, permittir-lhe que encontrasse a ventura em outra união...

A inexoravel immutabilidade da lei torna pois muitas vezes certas faltas irremediaveis, ou, como neste caso, não deixa repara-las senão perpetrando um novo crime.



Digitized by Google

XXII.

S. LAZARO.

A prisão de S. Lazaro, especialmente destinada para ladras e prostitutas, é diariamente visitada por muitas mulheres caritativas, cujo nome e posição social merecem universal respeito. Estas mulheres que vivem no meio do esplendor das riquezas, e das melhores e mais distinctas sociedades, passam todas as semanas largas horas ao lado das miseraveis prezas de S. Lazaro; e espreitando nestas almas prevertidas a mais ligeira propensão para o bem, o menor remorso dos crimes passados, ellas animam as suas melhores tendencias, fazem aproveitar o arependi-

Digitized by Google

mento, e com a força magica das palavras *dever, honra, virtude;* salvam ás vezes do lodaçal do vicio alguma daquellas creaturas abandonadas, envilecidas e despresadas.

Essas mulheres corajosas, acostumadas ás delicadesas, e requintadas cortezias da melhor sociedade, deixam as paredes dos seus antigos palacios, imprimem doces beijos na fronte pura, angelica, e virginal de seus filhos, e vão para uma obscura prisão presencear a grosseira indifferença, e a criminosa conversação de ladras e prostitutas...

Fieis á sua missão de sublime moralidade descem animosas áquelle charco immundo, apalpam aquelles corações gangrenados, e se sentem alguma, ainda que tenue, palpitação de honra que lhes dê esperança de salvação, arrancam a uma perda irreparavel a alma enferma, de cuja salvação ainda não haviam desesperado.

Dito isto com referencia á nova peregrinação de que vamos dar conta, introduziremos o leitor em S. Lazaro, edificio immenso, de aspecto magestoso e lugubre, situado na rua do Faubourg-Saint-Diniz.

A marqueza de Harville, ignorando o terrivel drama, de que o seu palacio acabava de ser theatro, dirigio-se para a prisão depois de ter obtido da duqueza de Lucenay alguns esclarecimentos ácerca das duas mulheres, que a cubiça de Jacques Ferrand tinha reduzido á maior miseria. Clementina foi só ao hospicio, porque a não poude acompanhar a

Digitized by Google

senhora Blinval, uma das protectoras daquella instituição. Receberam-na com todas as mostras de attenção e obsequio o inspector e varias inspectoras, que se distinguiam pelo vestuario preto, e uma fita azul com medalha de prata que traziam em tiracollo, em ar de grão-cruz. Uma destas inspectoras, mulher de idade madura, e de agradavel semblante, ficou só com a marqueza de Harville, na sala immediata ao escriptorio.

Não é possivel imaginar a dedicação escondida, a intelligencia, commiseração e sagacidade de que quasi sempre são dotadas essas mulheres respeitaveis, que se consagram á obscura e modesta occupação de inspectoras da prisão. Nada ha mais prudente e praticavel que as idêas d'ordem, de trabalho, e de dever, que inculcam ás prezas, na esperança de que estes conselhos lhes não esqueçam quando sahirem. Ora condescendentes, ora rigidas, umas vezes pacientes, outras severas, mas sempre justas e imparciaes, estas mulheres adquirem ao cabo de muitos annos de contacto com as prezas, uma tal sciencia da physionomia d'aquellas desgraçadas, que quasi sempre as julgam com acerto ao primeiro golpe de vista, e immediatamente as classificam segundo o gráo da sua immoralidade.

Madama Armand, que foi quem tinha ficado só com a marqueza, possuia em sublime gráo essa presciencia quasi divinatoria do caracter das prezas; e as suas palavras, e opiniões tinham grande authoridade no estabelecimento.

Digitized by Google

Foi ella quem primeiro se dirigio para Clementina dizendo-lhe:

— Uma vez que a senhora marqueza me encarregou de a informar das recolhidas, que por sua melhor conducta, ou por um sincero arrependimento, mais dignas se tornem do seu interesse, parece-me que devo recommendar-lhe uma infeliz a quem reputo mais desgraçada do que culpavel... Se me não engano, essa pobre creatura, que terá deseseis ou desesete annos, está ainda a tempo de se salvar.

— E que fez ella para vir para aqui?

— Encontraram-na de noite nos Campos Elysios... E como é prohibido ás da sua classe, debaixo de penas muito severas, frequentar de dia ou de noite certos lugares publicos, em cujo numero entram os Campos Elysios, prenderam-na por esta simples falta.

— E então parece-vos que me devo interessar por ella?

— Eu por mim confesso-vos que nunca vi feições mais regulares, e que expremissem tanta candura; é o semblante de uma virgem, senhora marqueza. Mas o que dava á sua physionomia uma expressão mais modesta quando aqui chegou, era vir vestida como as aldeãas dos arredores de Paris.

— Então é rapariga do campo?....

— Não, senhora marqueza. Foi reconhecida pelos inspectores, e averiguou-se que tinha vivido algumas semanas em uma casa do bairro da Cida-

Digitized by Google

de, da qual se tinha ausentado havia dous ou tres mezes; porém como não tinha pedido que a riscassem do registo da policia, ficou sujeita ao poder excepcional que para aqui a enviou.

— Mas talvez tivesse sahido de Paris arrependida.

— Assim o creio, senhora; e por isso desde logo me interessei por ella. Fiz-lhe perguntas sobre a sua vida passada, e tratei de averiguar se vinha da aldêa, dizendo-lhe que tivesse confiança no futuro toda a vez que quisesse entrar no caminho da virtude.

— E ella que respondeu?

— Levantou os bellos olhos azues, melancolicos e arrasados de lagrimas, e disse-me com angelica doçura: « Agradeço, senhora, à vossa bondade; mas nada posso dizer do passado: prenderam-me porque o merecia, e não me queixo. » « Mas donde vindes? » — lhe repliquei. « E para onde fostes depois de sahir da Cidade? Se fostes para a aldêa com o fim de ganhar uma subsistencia honrosa, dizei-o e provae-o, que nesse caso se escreverá ao senhor prefeito para alcançar a vossa liberdade; sereis riscada do livro da policia, e proteger-se-ha a vossa boa resolução. » « Supplico-vos, senhora, que me não interrogueis, porque não posso responder-vos, » tornou ella. « Então quereis voltar para essa detestavel casa depois da vossa soltura? » « Oh! nunca... isso nunca! » respondeu ella. « E que fareis então? » « Só Deus o sabe! » respondeu ella de novo, abaixando a cabeça.

Digitized by Google

— Mysteriosa conducta, na verdade! E que tal se exprime?

— Muito bem, senhora: seu semblante é timido e humilde, mais sem baixeza; e até me atrevo a dizer, que apesar da extrema doçura da sua voz e do seu olhar, tem ás vezes no accento e no gesto uma especie de altiva tristeza, que me confunde. Se esta creatura não pertencesse á classe infeliz a que pertence, fôra eu capaz de affirmar que essa altivez revela uma alma que tem a consciencia da sua elevação.

— Jezus! é um perfeito romance! — exclamou Clementina, commovida ao ultimo ponto, e achando, como lhe tinha dito Rodolfo, que nada havia ás vezes mais *divertido* do que fazer o bem. — E como vive ella com as outras recolhidas? Sendo dotada da elevação d'alma que lhe suppondes, muito ha-de soffrer tão má companhia!

— Para mim, senhora marqueza, que por costume e por officio muito observo, tudo nesta rapariga é um motivo de admiração. Ha apenas tres dias que aqui está, e já exerce certa influencia sobre as outras.

— Em tão pouco tempo?

— Todas lhe tributam affeição, e até quasi respeito....

— Como assim! essas infelizes....

— Tem ás vezes um instincto de singular delicadeza para reconhecerem, e até adivinharem as nobres qualidades das outras.... O que ás vezes

Digitized by Google

succede é aborrecerem as pessoas, cuja superioridade se vêem obrigadas a reconhecer.

— E não aborrecem essa pobre rapariga?

— Bem pelo contrario, senhora marqueza: nenhuma dellas a conhecia antes de aqui chegar. Fez-lhes logo de principio summa impressão a sua belleza; mas como a rara perfeição e harmonia de suas feições se acha como coberta por uma pallidez morbida e interessante, o seu melancolico e doce semblante logo lhes inspirou mais affeição do que inveja. De mais, é mui silenciosa, outro motivo de reparo para estas creaturas, que quasi todas não fazem senão fallar, e fazer barulho. Em fim, apezar de certa reserva e dignidade, mostrou-se compassiva, o que fez com que as companheiras se não irritassem com a sua frieza. Ainda vos não digo tudo... Está aqui ha um mez uma creatura indomavel, de genio violento, audaz e brutal: é uma mulher de vinte annos, alta, varonil, de feições formosas, mas agrestes; muitas vezes nos vemos obrigadas a prendê-la para domar-lhe a turbulencia. Ainda ante-hontem sahia ella do cubiculo em que estivera presa, exasperada pelo castigo que tinha soffrido: era hora de refeição; a pobre rapariga de que vos fallo, não querendo comer, disse tristemente ás suas companheiras: — Quem quer a minha ração? — Eu, disse primeiro a *Loba*. — Eu! — disse em seguida uma creatura quasi disforme, chamada *Monte-de-S.-João*, que serve de riso, e ás vezes, máo grado nosso, de alvo de offensas ás ou-

Digitized by Google

tras recolhidas, apezar de ter já alguns mezes de gravidez.... A rapariga deu primeiro a sua ração a esta ultima, o que muito exasperou a Loba. — « Fui eu que primeiro pedi a tua ração! » — clamou furiosa. — « É verdade; mas esta pobre mulher está gravida, precisa mais do que vós » — respondeu a rapariga. » A Loba todavia arrancou o pão das mãos da Monte-de-S.-João, e começou a vociferar, brandindo a faca. Como é muito má e mui temida, ninguem se atreveu a tomar o partido da pobre Cantadeira, bem que no fundo da alma todas as recolhidas lhe dessem razão.

— Como dizeis vós que se chama essa rapariga, senhora?

— Cantadeira.... é o nome, ou antes o appellido com que foi assentada no registo a minha protegida, e que espero será em breve tambem vossa, senhora marqueza.... Quasi todas estas mulheres tem appellidos por que são conhecidas.

— Este é galante....

— É porque dizem que esta rapariga canta muito bem, o que creio facilmente, porque tem mui lindo metal de voz....

— E como escapou ella das mãos da Loba?

— Mais furiosa ainda por vêr o sangue frio da Cantadeira, a turbulenta mulher investio para ella, brandindo a faca, e vomitando injurias; todas as recolhidas soltaram um grito de terror.... Só a Cantadeira, olhando sem medo para essa temivel creatura, surrio-se com amargura, dizendo-lhe com

Digitized by Google

uma voz angelica: — « Oh! matae-me, desejo que me mateis.... mas não me façaes agonisar muito! » E com tão singello e lastimoso tom foram estas palavras proferidas, segundo me contaram, que quasi todas as recolhidas sentiram rebentar-lhe as lagrimas dos olhos.

— Não me admiro — disse a marqueza de Harville sobremodo commovida.

— As indoles mais perversas — tornou a inspectora — tem felizmente ás vezes intervallos lucidos. Ao ouvir essas palavras cheias de dolorosa resignação, a Loba commovida no fundo d'alma, como ao depois confessou, atirou a faca ao chão, calcou-a aos pés, e bradou: — « Fiz mal em ameaçar-te, Cantadeira, por ser mais forte do que tu; conheço que és valente porque não tiveste medo da minha faca. E eu gosto da gente valente; por isso agora, se alguem te quizer fazer mal, aqui estou eu para te defender...

— Que genio singular!

— Com o exemplo da Loba, mais subio de ponto a influencia da Cantadeira, e actualmente, caso em extremo raro, quasi nenhuma das prisioneiras a trata por tu; respeitam-na, e até lhe prestam todos os pequenos serviços que são possiveis entre prisioneiras. Tenho perguntado a algumas presas do seu dormitorio, porque a tratam com tanto respeito. — « E' cousa a que se não póde resistir » « bem se vê que ella *não é como nós.* » « Mas quem vos disse isso? — Ninguem no-lo disse, mas logo se vê. »

Digitized by Google

« Mas como? » « Por mil cousas. Primeiramente, hontem, antes de se deitar, ajoelhou, e fez a sua oração; e *ella que reza*, é porque, como diz a Loba, *com razão tem direito de o fazer*.

— Que singular observação!

— Estas desgraçadas não tem sentimento algum religioso, e entretanto jámais aqui proferem uma palavra impia ou sacrilega; se percorrerdes as salas desta prisão, senhora marqueza, haveis-de ver em todas uma especie de altar, onde está a imagem da Virgem rodeada de offertas e ornatos feitos por ellas. Todos os domingos offerecem *ex voto* grande numero de velas. As que vão á capella comportam-se com toda a reverencia, posto que em geral o aspecto dos lugares sagrados lhes cause desgosto e espanto. Tornando á Cantadeira; disseram-me tambem as suas companheiras: — Bem se vê *que ella não é como nós* pelo seu ar meigo, pela sua tristeza, e pelo modo com que falla... » « E além disso — acudio impetuosamente a Loba, que assistia a esta conversa — « não é possivel que seja da nossa igualha, porque esta manhãa, no dormitorio... sem saber porque... *tinhamos vergonha de nos vestirmos diante della*...

— Que notavel dilicadeza no meio de tanta degradação! — exclamou a marqueza d'Harville.

— Sim, senhora marqueza: diante dos homens, e diante umas das outras não teem sentimento algum de pudor; e entretanto muito as confunde serem vistas em trajes menores por nós, ou pelas pessoas ca-

Digitized by Google

ritativas que, como vós, senhora marqueza, visitam as prisões. E é por isso que esse profundo instincto de pudor que Deus depositou no coração do nosso sexo, é maior nessas creaturas na presença das unicas pessoas que lhes inspiram respeito.

— É ao menos uma consolação ver que alguns bons sentimentos naturaes tem maior força que a depravação.

— Sem duvida; porque estas mulheres, que nada respeitam e nada temem, são ás vezes capazes de affeições, que dariam muita honra a pessoas d'outra classe... Ha ainda um sentimento sagrado para ellas, que é o da maternidade; esse sentimento as enche de prazer e de ufania; não ha melhores mães, arrostam todos os sacrificios para terem os filhos ao pé de si, e as mais custosas privações para educa-los, porque, como ellas dizem, são seus filhinhos as unicas creaturas *que as não desprezam*.

— E levam até esse ponto o conhecimento da sua degradação?

— Ninguem as despreza tanto como ellas a si proprias.... Algumas cujo arrependimento é sincero, tem por indelevel essa nodoa original do vicio, ainda mesmo depois de se acharem em melhor condição; e em outras, é tão fixa e cruel a idéa da sua primeira abjecção, que acabam por endoudecer. Por isso, senhora marqueza, não me admira que o profundo desgosto da Cantadeira seja motivado por um remorso deste genero.

— Se assim é com effeito, que martyrios não

Digitized by Google

deve ter soffrido essa infeliz, que remorsos implacaveis!

— Felizmente, senhora marqueza, por honra do genero humano, esses remorsos são mais frequentes do que se pensa; a consciencia vingadora nunca adormece de todo; e, singular contraste! ás vezes dir-se-ia que a alma vela, em quanto o corpo jaz em lethargo; é uma observação que tive occasião de fazer ainda esta noite a respeito da minha protegida.

— Da Cantadeira?

— Sim, senhora marqueza.

— E como assim?

— Muitas vezes, quando as reclusas estão no primeiro somno, vou percorrer os dormitorios.... Não podeis imaginar, senhora, como mudam de aspecto as physionomias dessas mulheres, em quanto dormem. Muitas dellas, que de dia eu tinha visto alegres, descaradas, e atrevidas, pareciam-me inteiramente transformadas, quando o somno lhes despojava o semblante daquelle exagerado cynismo; porque infelizmente o vicio tambem tem o seu orgulho. Oh! senhora, que tristes revelações se veem naquelles semblantes então abatidos, melancolicos e carregados; que estremecer tão convulso! que verter de suspiros dolorosos, involuntariamente arrancados dos seios d'alma por algum sonho, que sem duvida lhes representa alguma inexoravel realidade!.... Ainda agora vos fallei nessa rapariga, por appellido a Loba, creatura indomavel e desabrida. Ha cousa de quinze dias, me dirigio ella as

Digitized by Google

mais brutaes injurias á vista de todas as presas, e como não fiz mais que encolher os hombros, a minha indifferença lhe exasperou a raiva.... então, para me magoar mais ao vivo, lembrou-se de dizer não sei que infames injurias a respeito de minha mãe.... que ella aqui tinha visto muitas vezes.

— Que horror!

— Confesso com franqueza, que apezar de estupida, semelhante invectiva incommodou-me... A Loba percebeu a minha alteração, e tomou um ar triunfante e victorioso. Nesse dia, pela volta da meia noite, sahi a fazer uma inspecção pelos dormitorios; e ao chegar-me para ao pé da cama da Loba, que só no outro dia de manhã é que devia ser encarcerada, fiquei admirada da expressão, direi quasi maviosa, de sua physionomia, comparada com a dureza e insolencia que lhe são habituaes; notava-se em suas feições um ar supplicante, e repassado de tristeza e contradicção; tinha os labios entre-abertos, e, cousa incrivel, e que mesmo depois de ver me parecia impossivel, duas lagrimas.... duas grossas lagrimas deslisavam-se pelas faces dessa mulher de ferrea indole!.... Puz-me a contemplal-a em silencio, quando, passados alguns minutos, ouvi-a proferir estas palavras: — *Perdão.... perdão.... sua mãe!....* Puz-me então a escutar com muita attenção; mas as unicas palavras que pude colher em meio de um murmurio quasi inintelligivel, foi o meu nome.... Senhora *Armand....* pronunciado com um suspiro.

**

Digitized by Google

— Arrependia-se em sonhos de ter injuriado vossa mãe....

— Assim o suppuz.... e por isso mostrei-me menos severa. Sem duvida, na presença das suas companheiras, havia querido, por deploravel vaidade, exagerar mais a natural grosseria; e, fazia, talvez o seu bom instincto, que se arrependesse em sonhos.

— E no dia seguinte, deu-vos algumas mostras de estar arrependida do que fizera?

— Nenhuma; mostrou-se, como sempre, grosseira, feroz e de máo genio; entretanto juro-vos, senhora marqueza, que nada ha que mais disponha o espirito á compaixão do que estas observações de que vos fallo. Estou persuadida (será talvez illusão) que, em quanto dormem, tornam-se estas infelizes melhores, ou, para melhor dizer convertem-se no que realmente são, com todos os seus defeitos, é verdade, mas tambem ás vezes com alguns instinctos salutares, e já não disfarçados pela abominavel vaidade e descaramento do vicio. De tudo isto conclui, que estas creaturas em geral são menos más do que affectam parecer; e procedendo segundo os dictames desta convicção, tenho muitas vezes obtido resultados, que de certo se não realisariam se eu perdesse toda a esperança de as converter.

A marqueza de Harville estava admirada de achar tanta discrição, juizo tão recto, e sentimentos de humanidade tão dignos e sublimes em uma obscura inspectora de mulheres perdidas.

Digitized by Google

— É porém necessario, senhora, que tenhaes grande cabedal de virtude, e grande valor, para não desistirdes de tarefa tão ardua, e que tão raras satisfações vos proporciona!

— A consciencia de que se cumpre o dever sustenta o valor; além de que, somos ás vezes recompensadas por felizes descobertas, que de sobejo nos pagam todas as tribulações, taes como o achar um sentimento honroso em corações, que a principio julgavamos degradados e endurecidos.

— Não obstante; pessoas como vós devem ser bem raras, senhora.

— Não, affirmo-vos que não; o que eu faço fazem-no tambem outras, e com melhor resultado e mais intelligencia.... Uma das inspectoras da outra divisão de S. Lazaro, destinada ás mulheres suspeitas de diversos crimes, devia-vos causar muito maior interesse.... Ainda esta manhãa me contou ella que havia entrado na prisão uma rapariga suspeita de infanticidio. Nunca ouvi caso mais doloroso.... O pai dessa infeliz, que é um lapidario, enlouqueceu de desgosto quando soube da deshonra da filha; não ha miseria que comparar se possa á de toda essa familia agasalhada n'uma miseravel agua-furtada da rua do Templo.

— Da rua do Templo! — exclamou a marqueza cheia de assombro. — Como se chama esse lapidario?

— Sua filha chama-se Luiza Morel....

— São os mesmos....

Digitized by Google

— Era criada em casa de um homem respeitavel, o tabellião Jacques Ferrand.

— Essa pobre familia havia-me sido recommendada — disse Clementina corando — porém bem longe estava de suppôr que se achasse agora em situação tão terrivel.... E Luiza Morel?

— Diz que é innocente; jura que o filho nascêra morto.... e parecem suas palavras ter o cunho da verdade. Já que vos interessaes por sua familia, senhora marqueza, se vos dignasseis querer ir vê-la, estou que esse signal de bondade acalmaria a sua perigosa desesperação.

— De certo que a hei-de ir ver: terei aqui duas protegidas em vez de uma... Luiza Morel e a Cantadeira.... porque, quanto ha pouco me dissestes desta pobre rapariga, me interessa no ultimo ponto... Porém o que é mister fazer para obter a sua liberdade? Dizei-mo, que depois hei-de pô-la em uma casa, e tomal'-a debaixo da minha protecção...

— Com as relações que deveis ter, senhora marqueza, ser-vos-ha mui facil fazê-la sahir desta prisão immediatamente; porque depende isso unicamente da vontade do prefeito de policia.... Mui valiosa e decisiva seria para elle a recommendação de pessoa tão distincta. Mas mui longe me levou a observação que vos fiz ácerca do sonho da Cantadeira. E a este respeito, devo confessar-vos que nada me admiraria se, além do sentimento doloroso da sua abjecção, outro desgosto a affligisse.... não menos cruel.

Digitized by Google

— Que quereis dizer, senhora?

— Talvez me tenha enganado.... porém nada me admiraria que essa rapariga, arrancada, não sei porque acaso, da degradação em que vivia, sentisse.... sentisse talvez um amor honesto.... que fosse ao mesmo tempo sua ventura e seu tormento...

— E que motivos tendes para tal suppôr?

— O silencio obstinado, que ella conserva ácerca do lugar em que passou os tres mezes depois que sahio da Cidade, faz-me suppôr que receia ser reclamada pelas pessoas, em cuja casa tinha encontrado asylo.

— E porque hão-de ser esses receios?

— Porque se ia ver obrigada a revelar a sua vida passada, que sem duvida essas pessoas ignoram.

— Em verdade o seu traje de camponeza....

— Outra circumstancia augmentou ainda as minhas suspeitas. Hontem á noite, indo fazer inspecção ao dormitorio, approximei-me do leito da Cantadeira, que dormia profunda e tranquillamente: tinha o rosto tranquillo e sereno; seus compridos cabellos louros, meio-soltos por baixo da touca, cahiam-lhe com profusão sobre o collo e sobre os hombros. Tinha as mãos postas e cruzadas no seio, como se houvesse adormecido a rezar.... Estive alguns momentos a contemplar-lhe o rosto, quando em voz baixa e com inflexão ao mesmo tempo respeitosa, triste e apaixonada, pronunciou um nome....

Digitized by Google

— Que nome?

Após breve silencio, a senhora Armand tornou com gravidade:

— Bem que considere sagrado o que se ouve dizer em sonhos, tão generoso é o interesse que mostraes por essa desgraçada, senhora, que vos posso confiar esse segredo.... Esse nome era *Rodolfo*.

— Rodolfo! — exclamou a marqueza d'Harville lembrando-se do principe. Depois, reflectindo que nenhuma relação poderia haver entre S. A. R. o grão-duque de Gerolstein, e o *Rodolfo* da pobre Cantadeira, disse á inspectora que parecia admirada da sua exclamação:

— Surprehendeu-me esse nome, senhora, porque, por singular acaso... é tambem o nome de um parente meu; porém o que me dizeis da pobre Cantadeira cada vez me interessa mais.... Não poderei vê-la hoje?.... agora mesmo?....

— Por certo, senhora; se fôr do vosso gosto, vou busca-la.... Poderei tambem informar-me de Luiza Morel, que está na outra parte da prisão.

— Ficar-vos-hei muito obrigada, senhora Armand — respondeu a marqueza d'Harville: e sahio logo a inspectora.

— É singular — disse Clementina — não posso comprehender a estranha impressão que me cansou aquelle nome de Rodolfo.... na verdade, eu perdi o juizo! que relações podem existir entre *elle*.... e semelhante creatura? — E depois de ligeira pau-

Digitized by Google

sa, proseguio a marqueza: — Elle tinha rasão!.... Como tudo isto me interessa! Como se engrandece o espirito e o coração quando se consagra a tão nobres occupações!... É como diz: parece que se participa um tanto do poder da Providencia, quando se prestam soccorros aos que os merecem.... E de mais, estas excursões em um mundo cuja existencia nem ao menos suspeitavamos, são tão attractivas.... tão *divertidas*, como elle diz! Que novella me causaria estas fortes emoções, e a tal ponto excitaria a minha curiosidade? Essa pobre Cantadeira, por exemplo, inspira-me a mais profunda compaixão depois do que ouvi; e cegamente me abandono a este piedoso sentimento, porque a inspectora tem muita experiencia, e não se ha-de enganar a respeito da nossa protegida.... E est'outra infeliz.... a filha do lapidario, que o principe tão generosamente soccorreu em meu nome! Coitados!.... sua horrivel miseria servio-lhe de pretexto para me salvar... Escapei á ignomínia, á morte talvez.... por uma mentira hypocrita: essa impostura peza-me na consciencia, mas hei-de expial'-a a poder de beneficios.... e ha-de-me ser tão facil!... é para mim tão grato pôr em pratica os nobres conselhos de Rodolfo!... obedecer não equivale a amar? Oh! eu o sinto com o mais suave transporte... só a sua inspiração é que anima e fecunda esta vida, que elle criou para consolação dos que soffrem.... experimento um delicioso prazer em o ter por guia das minhas acções, e em não ter outras

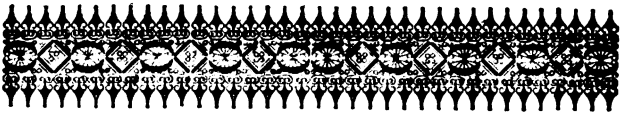
Digitized by Google

idêas senão as suas.... porque o amo.... oh! sim, amo-o! e elle ha-de ignorar para sempre esta paixão eterna da minha vida.....!

.....!

Em quanto a marqueza d'Harville está á espera da Cantadeira, conduziremos o leitor ao lugar em que se acham reunidas as reclusas.

Digitized by Google



XXIII.

A MONTE-DE-S.-JOÃO.

AVAM duas horas no relogio da prisão de S. Lazaro.

O frio que houvera por aquelles dias, tinha sido seguido de um tempo macio, e temperado, quasi como o da primavera. Os raios do sol reflectiam-se na agua de um grande tanque quadrado, todo feito de pedra, e situado no meio de um pateo plantado de arvores, e rodeado de paredes altas com janellas de grades: haviam bancos de madeira neste vasto recinto ladrilhado, que servia de passeio ás prezas. O toque de uma sineta annun-

Digitized by Google

ciou a hora do recreio, e as prisioneiras sahiram em tumulto por uma porta grossa e chapeada de ferro, que se lhes abrio. Todas iam vestidas de uniforme. Traziam toucas pretas, e compridas tunicas de estofo azul de lãa, apertadas com um cinto com fivella de ferro. Havia então ali duzentas prostitutas, condemnadas por infracção do regulamento especial, que as exceptua da lei commum. A' primeira vista nada de extraordinario se notava em seus semblantes; observando-se porém com attenção percebiam-se em seus rostos os indeleveis stygmas do vicio, e especialmente do embrutecimento, que é effeito da ignorancia e da miseria. Ao ver aquelles grupos de creaturas perdidas ninguem pode deixar de se lembrar com tristeza, que muitas de entre ellas já foram innocentes e honradas, ao menos por algum tempo: fazemos esta restricção, porque muitas se viciaram, corromperam e depravaram, não só na sua juventude, mas até na sua *mais tenra infancia*.... e até *ao nascer*, se assim se pode dizer, como mais adiante se conhecerá....

Ninguem deixará de perguntar com dolorosa curiosidade, que serie de causas fataes levaria a semelhante situação umas infelizes que chegaram a saber o que era pudor, e castidade?

Muitas são as causas que podem concorrer para tal degradação

Raras vezes se fazem dissolutas só pelo gosto de serem dissolutas: a ociosidade, os máos exem-

Digitized by Google

plos, a pessima educação, e sobre tudo a fome, são quasi sempre os motivos que reduzem á infamia estes seres desditosos, porque as classes pobres é que pagam á *civilisação* este tributo de alma e corpo.

. . . . . .

Quando as prezas entraram no pateo correndo e fazendo alarido, era facil de ver que o seu contentamento não provinha só do prazer de terem largado o seu trabalho ordinario. Verificada a invasão do pateo pela unica porta que para elle dava entrada, dividio a turba, e formou-se em circulo ao redor de uma creatura disforme, a quem as outras atordoavam com terriveis apupadas: era uma mulher muito baixa, de trinta e seis a quarenta annos, de meãa estatura, grossa do corpo, e de pescoço curto, enterrado entre os dous hombros, um dos quaes era mais alto que o outro. Tinham-lhe já arrancado a touca, de sorte que os cabellos, que eram de ruivo pallido e amarellado, erriçados, emmaranhados, e grisalhos, cahiam-lhe sobre a testa pequena e estupida. Estava de tunica como as outras prezas, tinha debaixo do braço direito uma pequena trouxa embrulhada em um lenço de quadrados cheio de buracos; e com o cotovelo esquerdo procurava conter as pancadas que sobre ella choviam. Era impossivel achar umas feições mais miseraveis e grotescas que as desta desgraçada; era uma cara ridicula e odiosa, prolongada em focinho, cheia de rugas, de pelle dura e grossa, sor-

Digitized by Google

dida, cor de barro, furada por dous grandes buracos do nariz, e por dous olhitos mui pequenos, e debruados de vermelho. Irritava-se, e pedia misericordia, ralhava e pedia perdão alternadamente; porém as outras riam-se tanto das suas queixas como das suas ameaças.

Esta mulher era o divertimento das companheiras; posto que a devesse livrar de máos tratos a circumstancia de se achar gravida. Mas a sua fealdade, a sua imbecillidade, e o habito em que se estava de a considerar como victima votada ao divertimento geral, faziam implacaveis as suas perseguidoras, não obstante o respeito que tinham pela maternidade.

Entre as mais encarniçadas inimigas da Monte-de-S.-João (que assim se chamava este arre-burrinho) distinguia-se a Loba.

A Loba era uma rapariga de vinte annos de idade, alta, agil, de formas viris, e de semblante regular: o seu grosso e aspero cabello preto fazia alguns reflexos ruivos; o ardor do sangue manifestava-se no encarnado do rosto, um buço preto cobria-lhe os labios um pouco grossos, e duas sobrancelhas côr de castanha, espessas e povoadas, tocavam-se e obscureciam seus olhos brilhantes e vulpinos. Havia na cara desta mulher certa expressão turbulenta e cerval; e finalmente uma especie de desdem habitual, que lhe contrahia o labio superior nos accessos de ira, deixando então ver os seus dentes brancos e pouco unidos, explicava a origem do appellido de *Loba*.

Digitized by Google

Entretanto o seu semblante indicava mais insolencia e audacia do que crueldade; e bem se via que esta mulher viciada mas não má por natureza, era ainda susceptivel de alguns sentimentos honrosos, como poucos momentos antes dissera a inspectora á marqueza de Harville.

— Mas, meu Deus! — gritava a Monte-de-S.-João lutando com as suas companheiras. — Que mal vos fiz eu? Porque me perseguis por esse modo?

— Porque nos divertes.

— Porque só serves para ser atormentada...

— Nem mais nem menos.

— Olha para ti... e verás que não tens direito para te queixares...

— Mas vós bem sabeis que eu só por fim é que me queixo... e que soffro em quanto posso...

— Pois está bem: deixar-te-hemos quando nos disseres porque te chamas Monte-de-S.-João.

— Está dito, valeu; conta-nos isso.

— Mas eu já vo-lo disse mais de um cento de vezes: foi um soldado de quem fui amiga em outro tempo, e que tinha este nome, por ter sido ferido na batalha do Monte-de-S.-João. Desde então ficou-me o mesmo nome... Estaes agora contentes?... Quantas vezes vos hei-de repetir isto?

— Se o tal soldado se parecia comtigo havia-de ser fresco!

— Naturalmente era algum pé-de-castello...

— Algum pedaço de homem.

— Quantos olhos de vidro tinha elle?

Digitized by Google

— E narizes postiços?

— Para gostar de ti, de certo havia-de ter de menos as duas pernas e os dous braços, e ser cego e surdo...

— Sou feia, bem o sei: pareço mesmo um mostrengo... Dizei-me quanto vos parecer; chamae-me os nomes que quizerdes... pouco se me dá; mas o que só vos peço é que me não deis pancadas.

— Que tens tu esse n farrapo desse lonço? — perguntou a Loba.

— É verdade; é verdade; que tem ella alli?

— Apresente-o já para ahi!

— Vamos a ver! vamos a ver!

— Oh! não, pelo amor de Deus, não! — exclamou a miseravel apertando entre as mãos com toda a força o pequeno embrulho.

— Vamos a tirar-lho...

— O' Loba! arrancae-lhe já a trouxa das mãos...

— Jesus! que mau coração que tendes!... deixae-me, por amor de Deus deixae-me!...

— Mas que levas tu ahi?

— São uns farrapinhos para dar principio ao enxoval de minha filha em alguns retalhitos de panno que vòu juntando. Que mal vos faço eu com isto?

— Bravo! viva o enxoval do morgadete da Monte-de-S.-João! ha-de ser cousa de gosto!...

— Vamos a ver, vamos a ver!

— Naturalmente tomou as medidas pela cadellita da inspectora...

Digitized by Google

NOBREZA DOS MEDICOS,

> . . . . a medir-se a nobreza das Sciencia pela grandeza do objecto ou pela utilidade da materia, em que se occupam . . . . . nenhuma excede á Medicina.
>
> FER. OLIV. NOBR. E FID. DE PORT. C. VIII.

I.

MUITAS são as excellencias ou vantajosas regalias, que a Sciencia liberaliza aos seus amadores: e tão reconhecidas são ellas, pelo *commum* sentir dos homens e pela recommendação e engrandecimento da Sciencia, exarados nas Sagràdas Paginas do Codigo Christão (1), que os sophismaticos discursos de muitos escriptores celebres (2), tão eloquentemente desenvolvidos por J. J. Rousseau no seu pequeno *Discurso sobre as Sciencias e as Artes*, premiado em 1750 pela Academia de Dijon, nunca poderão fazer accreditar, que o homem, que raciocina, seja um animal depravado e fóra do estado natural. Uma tal maneira de sentir não pode deixar de caracterizar-se como contradictoria declamação de misanthropos contra os proveitosos resultados da associação humana (3): e

(1) Ecclesiastes, C. 9. v. 15 até 18. — Sabedor. C. 6 até 6. — Ecclesiastic. C. 1. C. 39. C. 51. — Daniel, C. 12. v. 3.

(2) Henr. Corn. Agripp. De incertit. et vanit. scient. in vect. Antuerp. 1530 — Lil. Giraldi, Progym. adv. litter. et litteratos, Flor. 1551 — M. Montaign. L. 1. C. 24. L. 2. C. 12. L. 3. C. 12. — Charron, De la sagess. L. 3. C. 14.

(3) Ficht, Die Bestimmung des Gelehrten — Discours qui a remporté le prix à l'Àcadem. de Dijon en 1750, accomp. dè la Ré-

Digitized by Google

(*Barbarus hic ego sum, quia non intelligor illis* (1).)

Apesar, porêm, de todas as reconhecidas vantagens da Sciencia e das distinctas qualificações, que no Livro Sacrosanto se conferem aos seus amadores, nem por isso todas as Sciencias se tem sempre reputado igualmente nobres ou igualmente honrosas. Entre os antigos Gregos, cujos sentimentos e acções apresentavam um tal caracter de energia e mobilidade, que os fazia differençar dos outros povos do mundo, eram, sim, igualmente nobilitados todos os cultores dos variados ramos ou divisões scientificas (2): mas nem por isso todas as nações modernas adoptaram, para si proprias, esta honrosa maxima da Grecia: — ! maxima digna d'esse paiz classico, aonde se immortalizaram tantos amadores da sabedoria! A' nobreza do merito ou da jerarchia natural da organisação, nobreza pondonorosa e fundamental (3), *tornou-se a succeder a antiga nobreza de convenção* ou da jerarchia social (4): e esta invenção da nobreza ou distincção de sangue, assim como fizera dividir e classificar os homens em diversas jerarchias, cada uma d'ellas com desiguaes

fut. de rec Disc. paun Académic. de Dijon (*Le Cat*) qui lui a refusè son suffrage — Bords, Discours pron. en 1751 à l'Académ. de Lyon, 1752, 8.°

(1) Ovid. Trist. L. V. Eleg. 10. v. 37.

(2) La Comb. Espect. das Bellas-Art. P. 1. C. 6. S. 1.

(3) Thor. Dict. Phrén. verb. Hierarch. e Polit. — Juven.Sat. 8. Far. e Sous. Font. de Agan. P. 4. Eclog. 12 = Dominus deuno limo fecit et pauperes et divites « dizia o Psalmista: — Respice sepulcra, et vide quis dominus, quis servus, quis pauper, quis dives: Discerne, si potes, Regem à vincto, fortem à debili, pulchrum à deformi » dizia o grande Dr. da Igreja, Santo Agostinho: ..... eu faço caso da virtude in digente e detesto o vicio coroado.: respeito a Esopo e aborreço a Nero » dizia o Trad. da Art. de agrad. na convers. Max. 38.

(4) Tulique de tribubus vestris viros *sapientes et nobiles*, et constitui eos principes, tribunos, et centuriones, et quinquagenarios ac decanos, qui docerent vos singula « dizia já aos Israelitas o Legislador dos Hebreus, o mais antigo dos escriptores do mundo, Deuter. C. 1. v. 15: *mas já antes lhes havia dito igualmente*, Deut. C. 1. v. 13. » Date ex vobis viros *sapientes etgnares*, et quorum conversatio sit probata in tribubus vestris, ut ponam eos vobis principes.

Digitized by Google

prerogativas de illustração, assim déra igualmente motivo a graduar com desigualdade de distincção as Sciencias e os sabios. Por essa razão somente se houveram em qualificada illustração aquellas Sciencias, que mais uteis e mais necessarias eram, para a conservação e engrandecimento das nações (1) : mas nesta elevada discriminação de nobreza social não podia deixar de ser comprehendida a Medicina e os Medicos: que, depois da sublime funcção do sacerdòcio, nenhuma outra profissão ha hoje, que mais distincta e mais importante seja (2) : ! e tempos virão por certo ainda, que estas duas superiores funcções da humanidade se achem exclusivamente exercidas por um só individuo (3) ! — Mas estudemos o passado e o presente, sem raciocinarmos sobre o futuro.

II.

Jesus Christo, Rei dos Reis e Senhor dos Senhores, não se dedignou de chamar-se Medico, quando ensinára a Moysés a tornar potaveis as aguas amargosas de Mára (4) : e até por suas sagradas mãos se não recusára o Sêr dos Sêres de exercer, neste mundo, os mais relevantes actos de Medicina. Testemunhe-o Malco, cujas orelhas sarára (5) : diga-o aquel-

(1) Mor. de Execut. L. 4. C. 8. n. 19. — Carv. de Test. P. 1. n. 327. — Cic. Orat. pro Marc.

(2) La plus haute mission de l'homme, aprés celle du service des autels, est d'être prêtre du feu sacré de la vie, dispensateur des plus beaux dons de Dieu, et maître des forces occultes de la nature, c'est-à-dire d'être médecin : — dis o judicioso Hufeland, Man. de Méd. Prat. Aphor. 31.

(3) Le médecin instruit et philosophe, dépositaire des secrets qui touchent à la santé du *corps*, *diz Thoré*, *Dict. Phrén. verb. Médecine*, devra encore dans l'avenir cumuler les fonctions du *prêtre*. Il recevra aussi les secrets de *l'ame* et en guérira les plaies et les douleurs. Il sera le *confesseur* et le *directeur* de tous. Le médecin ainsi compris est une sorte de *grand-prêtre* et d'éducateur général. Il remplacera les hommes de loi, en ce qui concerne la responsabilité individuelle et la pénalité. Il dirigera les enfans, guèrira les malades, soutiendra les faibles, relevera les coupables; enfin, il veillera sur l'*homme*, et non plus seulement sur le *corps*.

(4) Exod. C. 15. v. 26.

(5) S. Luc.C.22. v. 51.

Digitized by Google

le cego, a cujos olhos applicára um admiravel collyrio (1): e digam-no, igualmente, os cegos, que viram, os paralyticos, que andaram, os leprosos, que sararam, os surdos, que ouviram, os mortos, que ressuscitaram (2), e todo o povo n'uma palavra, em que não havia doença ou molestia alguma, que este Divino Medico não debellasse (3). O Archanjo S. Miguel curou radicalmente um enfermo febricitante, que estava deitado no Templo (4): e S. Raphael, *Medicina de Deus* (5), mostrou a Tobias no fel d'um peixe o remedio certo da sua cegueira (6). E se dos Archanjos nos voltamos para os Sanctos ou Varões predilectos do Senhor, que egregiamente comprehenderam e exercitaram os superiores preceitos da Medicina, maravilhados ficamos do seu número e da sua qualidade: e infinitas paginas enchêramos, se os houveramos de nomear a todos. No Antigo Testamento apparecem-nos um Eliseu (7), um Isaias (8), um Esdras (9) e um Jesus, filho de Sirac (10): e na Lei da Graça apparecem-nos Apostolos, Martyres e Confessores. Testemunhe-o Antiochia do Evangelista S. Lucas, e Damasco e Timotheo do Apostolo S. Paulo (11): diga-o S. Cadrato, martyrizado em Corintho, Sancto Alexandre em Leão de França, S. Zenobio na Phenicia (12) e os Africanos Liberato e Emiliano, martyrizados pelo barbaro Hunerico (13): e diga-o, finalmente o Beato Columba-

(1) S. João. C. 9.
(2) S. Luc. C. 7. v. 22.
(3) S. Math. C. 4. v. 23.
(4) Hist. Tripart. L. 2. C. 19.
(5) S. Greg. Homil. 34 in Evang. — Orig. Hom. 14.
(6) Tob. C. 6. v. 9.
(7) Agysipp Hist. Jud. L. 4. C. 17.
(8) Isaias C. 38. v. 21.
(9) Paul. Æginet. L. 3. C. 32. L. 7. C. 11. — Ætius Tetrab. 2. Serm. 4. C. 18.
(10) Abr. Port. Med. P. 44.
(11) Feij. Th. Cr. T. 2. na Cart. Defens. de D. Mart. Martin. = Salutat vos Lucas Medicus charissimus « dizia S. Paulo escrevendo aos Colossenses. C. 4. v. 14.
(12) Euseb. L. 5. C. 1. L. 8. C. 34.
(13) Victor. Perrecut. Vandal. L. 3.

Digitized by Google

no, o egregio Theodoto, de Laodicéa na Syria (1), e o *Portuguez* S. Fr. Gil, famoso Medico dos *nossos* Reis D. Sancho 2.° e D. Affonso 3.° (2). Mas nem tanto seria preciso para encarecer e nobilitar a superior grandeza da Medicina; que só quem se attrever a recusar a irrefragavel verdade do Ecclesiastico, só esse poderá tambem arrojar-se a negar, *mas de balde*, a summa nobreza e a grande importancia desta Sciencia. Basta notar attentamente as muitas recommendações e o repetido engrandecimento, que della faz o seu proprio Creador (3), para que na multiplicidade dos encomios se reconheça a necessidade da veneração; pois, se nas Sagradas Lettras qualquer simples palavra representa um mysterio, uma expressão desveladamente repetida torna-se um verdadeiro prodigio.

E se das noticias sagradas descermos ás historias profanas, mil exemplos encontraremos igualmente, de que, n'essas idades aureas, muitos eram os Summos Pontifices, Imperadores, Reis, Principes, Bispos e Grandes, que assaz *se ufanavam* de ser Medicos; não obstante que poucos são hoje os Medicos, que *se ufanam* de o ser de similhantes personagens; ! e é o mais a que podem chegar!

(1) Lour. Beyerlinch, Theat. Vit. hum. verb. Medicin.

(2) Card. Agiol. Lusit. T. 3.

(3) Ecclesiastic. C. 38. v. 1. até 14. = E note-se, que até entre os mesmos Ethnicos, desconhecedores do verdadeiro Deus, sempre se reconheceu a invenção da Medicina por prodigioso parto de suas mentidas Divindades, como ensina Plinio, Hist. Nat. L. 29. in Proem. — Soran. Ephes. in L. Isagog. — Erasm. Comm Med. Gal. in L. introd. — e Petrarcha, Triunf. della Fam., C. 3. =; Tal era a alta importancia e a elevada consideração, em que entre elles era havida esta segunda *arvore da vida*, como lhe chama o veneravel P. Antonio Vieira, Serm. L. 11. no Serm. de S. Lucas! =; Tal é, em fim, a força e a harmonia da verdade, que a faz apparecer em todos os homens, em todos os tempos, e em todos os logares! — Desconheciam aquelles infelizes os sublimes preceitos do Senhor: = Honora medicum propter necessitatem: etenim illum creavit Altissimus — A Deo est enim omnis medela, et à rege accipiet donationem — Disciplina medici exaltavit caput illius, et in conspectu magnatorum collaudabitur — Altissimus creavit de terra *medicamenta*, et vir prudens non abhorrebit illa — .... Ad agnitionem hominum virtus *illorum*, et dedit hominibus scientiam Altis-

Digitized by Google

Os Summos Pontifices Paulo II (1), Nicolau V, João XXI, *natural de Lisboa*, e o Cardeal Luiz Patavino, do tempo de Eugenio IV (2), todos cultivaram a Medicina com grande reputação; o que muito deve admirar-se em Paulo II, tão pouco amador dos sabios e das lettras (3)! Os Imperadores Aurelio (4), Tiberio (5), Justino (6), e Adriano (7) tão amantes eram da Medicina, que alguns delles nos deixaram preparações pharmaceuticas de sua propria invenção. Evax, Rei dos Arabes (8), Mesne, Rei de Damasco, Mithridates, Rei de Ponto, e Alexandre, Monarcha de todo o mundo até então conhecido (9), não se dedignaram tambem de cultivar a Medicina, ao mesmo tempo, que se ufanavam de empunhar o sceptro: — tanto exerciam, n'uma palavra, a Medicina social como a Medicina indivi-

simus, honorari in mirabilibus suis — .... da locum medico: — etenim illum Dominus creavit: *et non discedat à te, quia opera ejus sunt necessaria.* = Mas se estes cegos descrentes desconheciam estas sublimes verdades pela ignorancia da revelação, não as desconheciam elles, na realidade, pela observação da natureza. Se a benefica Divindade, embora mentida para elles, havia enriquecido o instincto de cada animal, para que em cada uma de suas proprias enfermidades o Tôrdo, por exemplo, busque a Murta, a Poupa a Avêuca, o Côrvo o Dictamo, a Codorniz a Gramma, o Cisne a Urtiga, o Sapo a Serralha, e o Gato a Nêveda. = Abr. Portug. Med. P. 239: — se a repetida observação lhes fazia reconhecer estes constantes phenomenos: — a sua razão os levava a concluir, que seria indigno da mesma Divindade, o não ter ella adornado tambem, com os dogmas scientificos da Medicina, o mais nobre e o mais sublime de todos os sêres, — o mysterioso microcosmo, o qual debaixo da luz da consciencia e da liberdade reune em si todas as sete classes ou tres circulos primitivos da animalidade, bem á similhança da luz do espectro solar, reunida no foco d'uma lente; a qual, não tendo nem a natureza nem as qualidades de côr alguma especial, encerra todavia a possibilidade e a realização de todas as sete côres indecomponiveis, o dos tres raios primitivos da luz = Car. Anat. Comp. na Introd. do T. 1.

(1) Tiraquel. De Nobilit. C. 31.
(2) Feij. Th. Cr. T. 2 na Cart. Def. de D. Mart. Martin.
(3) D. Gon. e Silv. Hist. Chron. dos Pap., Imp. e Reis.
(4) Ætius Tetrab. 2. Serm. 3. C. 113.
(5) Galen. Compos. Med. L. 5.
(6) Nicol. Antidotar.
(7) Feij. Th. Cr. T. 2. na Cart. Def. de D. Mat. Martin.
(8) Plin. Hist. Nat. L. 25. C. 2.
(9) Feij. Th. Cr. T. 2. na C. Def. de D. Mart. Martin.

Digitized by Google

dual (1). E longas paginas encheramos, se nos quizeramos demorar em similhantes materias, profusamente desenvolvidas nos auctores indicados e outros muitos (2): basta porêm o pouco, que deixamos dito, para solidamente fazer ver a elevada nobreza e a summa importancia desta Sciencia, na qual até chegaram a ser eminentes algumas matronas da antiguidade (3).

(1) Non sum medicus, ... nolite constituere me principem populi « escrevia o Propheta Isaias C. 3. v. 7: — Quod medicamenta morbis, id gerunt jura negotiis » escrevia o discreto Imperador Justiniano, in pr. col. 8: — Agat Princeps curam, non tantum salutis. sed etiam honestæ cicatricis « escrevia o Philosopho Seneca, De Clem. L. 1. C. 17.

(2) Marsil Ficcis. Epist. L. 1. — Plin. Hist. Nat. L. 25. C. 2. 6 e 7. — Apoll. Rhod. Argon. L. 2.

(3) De Nicarêta, virgem de Constantinopla, lembra-se Sozom. L. 8. O. 23; de Sotera, Salpe, Laix, Olympias e Thebana falla Plin. Hist. Nat. L. 2.° C. 21. L 28. C. 7. L. 32. C. 6; das quatro filhas de Esculapio, *Hygia*, *Panacea*, *Aegle* e *Iaso*, lembra-se o mesmo Plinio no L. 35. C. 11; e d'outras se lembram Ætius Tetrab. 2. Serm 4. C. 6 e Lour. Beyerl. Th. Vit. hum. verb. Medicin.

Digitized by Google

II.

> Aunque la naturaleza no hizo distincion alguna entre los mortales, ... todavia los dejó camino, ... para que ellos mismos se labrassen la distincion, ...
>
> SAL. E CAST. GLOR. DE LA CAS. FARN. PAG. 1.

Tempos houve, é verdade, em que as Sciencias Medicas foram tidas, não obstante, em consideravel desprezo e certa abjecção. Os Babylonios, primeiros inventores da chymerica *Sciencia Astrologica* e grandes prescrutadores de ridiculas theorias sobre o influxo dos astros, desprezavam a Medicina e os Medicos (1): os Arcadios não lhes davam estimação alguma (2): e os Romanos, essa nação guerreira e illustrada, que tanto appreciára as Sciencias e as Lettras dos Gregos (3), — em tal aviltamento e baixeza tiveram as Sciencias Medicas, por longa serie d'annos, que não sómente mandaram expulsar os Medicos, com penas, da cidade de Roma e seus arrabaldes (4), mas reputavam ainda a Medicina como occupação indigna da elevada nobreza e alta gravidade de seus cidadãos (5). Os Medicos Romanos eram então numerados, por determinações reaes, entre as mais inferiores classes do povo (6): e os escravos dos dominadores de todo o mundo podiam applicar-se livremente á utilissima profissão da Medicina (7).

Parece, não obstante, dever notar-se, que sómente os Medicos *empyricos* e pouco prudentes é que foram naturalmente desterrados, com ignominia, da

(1) Herod. L. 1. — Strab. L. 16.
(2) Plin. Hist. Nat. L. 25. C. 8.
(3) Cic. De Offic. in Prœm. — Vit. T. Pomp, Att. C. 4.
(4) Plin. Hist. Nat. L. 29.
(5) Far. e Cast. Hist. de Port. T. 1. L. 3. C. 8.
(6) L. fin. ff. de Jur. immunitat.
(7) L. 41. §. 1. ff. de Fideicomm. Libert. — L. 16. §. 1. ff. de Alim. et Cibar. Legat. — L. 10. §. ult. ff. de Annus Legat. — L. 25 §. 2. ff. de Oper. Libert. — L. fin. C. Commun. de Legat. — L. 1. §. 5. C. de Comm. serv. manumiss. = Plin. Hist. Nat. L. 7. C. 3. — Senec. De Benef. L. 3. — Cic. Orat. pro Rege Dejotar. — Suet. Vit. Calig.

Digitized by Google

altiva capital do mundo (1): e que, se na antiga cidade dos sete montes houveram alguns *Medicos escravos*, mais o foram elles de certo pela força ou consequencia da guerra, que não pela sorte do nascimento; pois que os mesmos individuos, que sendo livres eram na Grecia *Medicos illustres*, passaram em Roma a ser *Medicos escravos*, depois da realisação do seu captiveiro (2).

E como jámais um contratempo da desgraça chega a tornar ludibriosa e vil a nobreza individual, embora proveniente do merito pessoal, quer das cathegorias ou distincções de sangue (3), nunca por isso se podiam chegar a envilecer ou aviltar os Professores da Medicina, nem tão pouco a Sciencia, que os contava por seus alumnos.

Os delirios therapeuticos de Archagatho, filho de Lysanias, que, no consulado de Lucio Emilio Paulo e Marco Livio Salinador, viera do Peloponneso, sua patria, para a cidade de Roma, aonde entrára por fim a levar os enfermos a ferro e a fogo, para adquirir, talvez, experiencias a troco da vida dos Romanos, foram os que originaram os primordiaes motivos da execração e desprezo desta nação para com a Medicina e os Medicos (4): e nelles se marca igualmente a primeira entrada desta Sciencia em Roma com o verdadeiro caracter scientifico (5). Como porêm do abusivo emprego dos prin-

(1) Millia gentium sine Medicis degant, non tamen sine Medicina » escrevia Plin. Hist. Nat. L. 29, depois de haver commemorado a ignominiosa expulsão dos Medicos da cidade de Roma.

(2) Abr. Port. Med. P. 273.

(3) Inst. §. 3. de Jur. person., ubi not. optime ex plurib. Pich. n. 1. in §. 2. ejusd. eodem — L. 4. §. 1. ff. de Statu homin. — Conan. L. 2. Comm. C. 2. — Ægid. ad L et hoc ju e P. 1. C. 1. n. 6.

(4) Plin. Hist. Nat. L. 29. C. 1. = E note-se, que inexactamente marca este escriptor o anno 535 da fundação de Roma pela entrada de Archagatho n'esta cidade. O consulado de Lucio Emilio Paulo e Marco Livio Salinador corresponde ao anno 533 A. U. C., como adverte Rollin, Hist. Romain. L. 12; não obstante cahir tambem na mesma inexactidão, Hist. Ancienn. L. 26, como todos os escriptores da historia da Medicina.

(5) Assim deve entender-se como Plin., Hist. Nat. L. 29. C. 1: nem se dá contradicção alguma entre o testemunho deste escri-

Digitized by Google

cipios da Medicina se não devesse concluir logicamente da sua insufficiencia ou malignidade; e como a providente natureza costuma ordinariamente dispôr as cousas de tal modo, que o merito offuscado e calumniado sempre possa, a final, tornar a conseguir a sua reputação e gravidade, tempos vieram depois, em que, apezar das eloquentes mordacidades de Catão e das objurgadoras detracções de Plinio, deixou com effeito a Medicina de ser tida, entre os Romanos, na indigna consideração e aviltada baixeza, em que por muitos annos jazêra collocada (1).

O Imperador Augusto Cezar cordialmente reconhecido da milagrosa cura, que, *em boa estrella*, com banhos d'agua fresca lhe fizera Antonio Musa na Andaluzia, no anno do mundo de 3979, não podia deixar de manifestar publicamente uma prova relevante da consideração e respeito, que lhe devia a Medicina: — não podia, n'uma palavra, deixar de se persuadir, com a mais intima convicção, de que = se os Imperadores Romanos eram senhores da vida e da morte de seus vassallos, da morte e da vida dos Imperadores só, neste mundo, eram senhores os Medicos ou Vice-Deuses da terra (2). Não só pois o Cezar Romano galardoou Antonio Musa com generosidade de Imperador, concedendo-lhe até o grande privilegio de trazer annel, *o que só era permittido usar aos cavalheiros e pessoas nobres*, mas decretou igualmente, por seu respeito, que todos os Medicos ficassem isentos do pagamento e satisfação dos tributos, e gozassem, d'ali por diante, dos direitos civicos, de que injustamente se achavam privados; e para maior gloria do triumpho scientifico

ptor e a auctoridade de Dion. de Halicarn., Antig. Rom. L. 10; porque não eram, certo, verdadeiros Medicos — *esses* — que nem eram bastantes para o tratamento dos muitos habitantes de Roma, accommettidos da mortifera peste do anno 301 de sua fundação.

(1) Far. e Cast. Hist. de Port. T. 1. L. 3, C. 8.

(2) Far. e Cast. Hist. de Port. T. 1. L. 3. C. 4 e 8. = Et una artium Imperatoribus quoque imperat « escrevia Plin. Hist. Nat.: — Homines ad Deos nulla re proprius accedunt quàm salutem hominibus dando « dizia Cicer. Orat. pro Manil.

Digitized by Google

de Antonio Musa, até os proprios particulares, em obsequio a Augusto Cesar, lhe fizeram erigir uma honrosa estatua, junto á de Esculapio, filho d'Apollo e Archiatro da Medicina (1). E tal foi a consideração e respeito, de que nesses tempos começava a gozar esta Sciencia, que, apezar de nas mãos d'Antonio Musa fallecer Marcello, sobrinho de Augusto Cesar por sua irmãa Octavia, o qual havia sido adoptado por seu tio para lhe succedor no Imperio, nem por isso, n'uma épocha tão critica, se desacreditou n'um só ponto a Medicina, nem ainda a supposta panacêa universal dos banhos d'agua fria; os quaes tanto eram então da moda, que até se applicavam no maior rigor do inverno (2). Mas, se esta triste consequencia da Medicina não fez perder-lhe, entre os Romanos, a sua estimação e dignidade, com maior razão não deve hoje fazer perder-lhas entre as nações do mundo, depois de haver experimentado um prodigioso aperfeiçoamento: pois, se a Medicina, infundida por Deus ao primeiro dos homens (3), ha sido communicada a todos elles, para a recuperação da saude d'uns e conservação da vida de todos os outros (4), tambem o mesmo Senhor ha de tal modo prescripto e limitado o termo improrogavel da vida do homem (5), que não pode a Medicina superar, por isso, os males e affecções, que Deus marcar como prodromos ou preludios da morte.

(1) Far. e Cast. Hist. de Port. T. 1. L. 3. C. 4.
(2) Far. e Cast. Hist. de Port. T. 1. L. 3. C. 4.
(3) Marsil. Fic. Epist. L. 4. — Sous. de Mac. Eva e Ave P. 1. C. 46. n. 32. — Orig. Homil. 1. sup. Ps. 37.
(4) S. Math. C. 9. v. 12. — S. Marc. C. 2. v. 17. — S. Luc. C. 5. v. 31. — Sancto Agost. De Civ. Dei, L. 3. C. 12 e 37. — Tiraquel. De Nobilit. C. 31.
(5) Job, C. 24. v. — Psalm. 38. v. = Stat quidem terminus nobis, ubi illum inexorabilis fatorum necessitas fixit « dizia Seneca, Epist. 102: — Unicuique vitæ terminus est statutus, quem nullo ingenio transgredi possumus, sed intra terminum mortem accelerare in promptu est omnibus: ideo à Medicina petendum remedium, quo corpus nostrum à putredine præservemus, et infirmum curemus, donec veniat is postremus dies à Deo præstitutus « dizia Raymund. Lull. De Secret. Naturalib.

Digitized by Google

Com o andar dos tempos de tal modo se foi augmentando o credito e a reputação da Medicina, que o Imperador Justiniano, a quem fizeram celebre as suas reformas legislativas, sobre que se bascaram posteriormente as leis da maior parte dos povos cultos, em tal estimação houve esta Sciencia, que chegou a decretar, que os Medicos ficassem eximidos do exercicio de todos os empregos ou encargos plebeus (1), e gozassem igualmente de todas as regalias e privilegios, que se achavam concedidos aos Professores de Direito (2). Assignaram-se pois aos Medicos estipendios honorarios dos bens communs, da mesma sorte que se haviam determinado aos Magistrados: eximiram-se dos tributos e encargos civis: e concederam-se-lhes isenções e regalias, que, até por outra determinação real (3), não sómente os nobilitava a si proprios, mas ainda a suas mulheres e a seus filhos. Eximiram-se igualmente dos encargos e penções das tutellas (4): permittiu-se, que

Non sit ut inferius, suppositum que Deo »
cantava já o Sulmonense Ovidio, Trist. L. 4. E. 8. v. 47 e 48: e quem d'est'arte poetava, já por aquelles tempos escrevia igualmente

Non est in Medico semper relevetur ut æger
Interdum docta plus valet Arte malum.

(1) L. 12 C. de Excusat. muner.

(2) L. 6. C. de Professor. et Medicis = Le médecin éclaire le *législateur* et le *juge*, force le prémier à suivre ses nomenclatures, ses divisions, ses méthodes, à profiter de ses progrès, et exige du second qu'il comprenne ses opinions et soit en état d'en apprécier les motifs. L'organisme est un terrain si mobile, si variable, dans ses phénomènes individuels, qu'il est rare d'arriver toujours à une évidence mathématique; et si des défenseurs plus zélés que consciencieux s'emparent de toutes les objections possibles, pour faire naître une obscurité favorable à leur cause, et jeter des doutes sur l'infaillibilité des jugements de l'*homme de l'art*, que fera le *juré* ignorant dans de telles circonstances; ¿ sa décision pourra-t-elle être motivée, ne pourra-t-il se laisser faussement entrainer? — Assim se exprime Sédillot, Man. de Méd. Lég. Préf. de la prém. édit., para fazer vêr a grande importancia da *Medicina Legal* e as suas estreitas relações com a *Jurisprudencia*.

(3) L. últim. §. 30. ff. de Mun. et honor.

(4) L. 6. §. 1. ff. de Excusat. tutor.

Digitized by Google

seus filhos-familias pudessem fazer testamento (1): e até se concedeu, para maior honra e glorificação da Medicina, que mais se attendessem e favorecessem, nas causas os Medicos ou conservadores da vida, do que os proprios Advogados ou conservadores dos bens (2).

E de tal modo se foram successivamente engrandecendo, em quantidade e natureza, as immunidades e privilegios dos Medicos, que houve mister coarctar o grande numero dos alumnos desta Sciencia, para que a maior parte dos homens se não entregasse ao estudo da Medicina, só com o fim de poder gozar das suas muitas honras e grandes regalias (3). Mas não era muito que tanto se honrasse esta Sciencia, quando leis havia, pelas quaes eram os Professores da Medicina equiparados em grandeza politica aos Condes, Duques e Vice-Reis: nem era de suppôr, que uma Sciencia, cujos Professores, logo no começo dos Imperadores Romanos, foram nobilitados por Julio Cetar com a dignidade equestre, deixasse de vir a gosar para o futuro das maiores honrarias e privilegios; que já então começava a gosar da mais nobre e distincta dignidade daquellas eras provectas.

(1) Inst. princ. quibus non est permiss. faceç. test.

(2) L. 1. §. 1. e seg. ff. de Var. et extraord. cognit. e apud Bald. in L. 1. Col. 2. Cap. Mandati.

(3) Narbon. in L. 7. ff. de Excusat. tutor. — L. 1 e 5. C. de Professor. et Medic.

Digitized by Google

III.

.... relevante nobreza ... obtem os alumnos da Faculdade Apollinea: nobres por força da Sciencia; nobres pelos privilegios; e pelos Graus, que se lhes conferem, tambem nobres; ....

ARR. PORT. MED. P. 256.

As determinações legislativas de nossos Augustos Monarchas são tambem uma prova relevante da consideração e merecimento, em que elles sempre houveram a Medicina e os Medicos. E bastaria examinar a disposição ou plano regulamentar dos estudos Medicos em nossa Universidade de Coimbra, — *jà nascida, nos fins do seculo XIII, d'um pensamento eminentemente nobre e patriotico*, para conhecer evidentemente a *distincta* nobreza dos alumnos d'uma Sciencia, cuja importancia a faz dominar sobre todos os Monarchas do mundo.

Os alumnos da Faculdade de Medicina, no quarto anno de suas laboriosas lucubrações Medicas e setimo de seus pesados estudos Academicos, são condecorados publicamente com a distincção ou Grau de Bacharel: e este honroso laurel Academico, que o Lente do quarto anno, da referida Faculdade, solemnemente lhes confere na Universidade de Coimbra; é neste nosso reino de tal estimação e valor, que nobilita e condecora os individuos, que o recebem; — embora se lhe tenha pertendido attribuir menor valor, do que a sua verdadeira estimação. A collação dos Graus Academicos é um testemunho authentico da aristocracia do merecimento, gravada pela mão de Deus no coração ou na intelligencia dos individuos, que a possuem: e esta aristocrácia ou nobreza de Sciencia, escripta em Diplomas ou pergaminhos do Eterno, *que não são corroidos pela traça, nem attacados pela humidade*, é

Digitized by Google

por certo a mais distincta e a mais honrosa qualificação do homem. Não é pois muito, que um Grau scientifico, instituido para coroar os talentos e premiar as fadigas litterarias dos candidatos, que o recebem, = *tenha a virtude de os nobilitar e engrandecer*, e de testificar os seus merecimentos com toda a honra e distincção, *que é privativa dos Graus Academicos*.

E se dos dictames ou provas de rasão pura quizesemos recorrer ás demonstrações da auctoridade, longa seria a especificação de todos os textos, allegações, codigos, leis, glosas e annotações, pelas quaes se comprova, que todas as Sciencias nobilitam e condecoram os individuos, que as possuem; e que os Medicos, por conseguinte, são nobilitados e engrandecidos pela utilissima Sciencia, que cultivam.

*

Ficam pois os nossos Medicos, pela distincção ou Grau de Bacharel, constituidos nervos do corpo da nobreza, e gozando por conseguinte de seus privilegios, isenções e regalias. E se pela Carta Constitucional da Monarchia Portugueza, de 29 d'Abril de 1826, se acham hoje expressa ou virtualmente abrogadas quasi todas essas immunidades e preeminencias da nobreza *historica*, não deixarão de ficar por isso os nossos Medicos nem menos nobres nem menos illustrados. O conhecimento historico das graças e distincções, em todos os tempos outorgadas aos Medicos por nossos Augustos Monarchas, são um testemunho authentico do merecimento e dignidade da sua profissão: — e se no meio d'uma multidão de leis, quasi sempre ridiculas e insensatas, mas tantas vezes vigoradas e ampliadas, lhes advinha então a nobreza pela importancia e pela grandeza de sua Sciencia, com a mesma ou maior rasão lhes advem ella ainda hoje pelos seus vastos conhecimentos.

E é pelo intrinseco valor da Sciencia, que as

Digitized by Google

nossas leis de tal modo honram a Medicina e os Medicos, que os equiparam em regalias com os Theologos e Juristas e com o corpo da nobreza hereditaria.

Permittiu-se-lhes pois, que ficassem eximidos do pagamento de fintas dos Concelhos, uma vez que ellas não fossem destinadas para defensão ou guarda da cidade, villa ou logar e seus termos, aonde elles vivessem, ou para obras de muros, pontes, fontes e calçadas (Ord. L. 1. T. 66. §. 42 e 43 — Frag. de Regim. Reip. P. 1. L. 3. D. 8. §. 5. n. 68); — nem fossem applicadas para se pagar a parte ou quota do que se desse a quem matasse lobo (Ord. L. 1, T. 65. §. 21. — Alv. 19 Ag. 1647. — Ord. L. 1. T. 65. col. 1. n. 1.) — Concedeu-se-lhes, que fossem isentos dos encargos e pensões das tutelas, posto se não quizessem eximir d'esse trabalho; sem que por isso ficassem privados de succeder na herança do orphão, se ao tempo de sua morte lhes pertencesse por direito (Ord. L. 4. T. 104. §. 5.): — e permittiu-se-lhes, por conseguinte, que igualmente ficassem isentos dos encargos e pensões das curadorias (Ord. L. 4. T. 104. §. 6). — Concedeu-se-lhes, que em todos os casos, que não fossem crimes de Lesa-Magestade, traição e aleivosia, falsidade, moeda falsa, testemunho falso, feiticeria, sodomia, alcovitaria (*lucrativa*), furto, contrabando e monopolio de trigo, ficassem eximidos da imposição de penas vis (Ord. L. 5. T. 6. §. 29. — T. 32. §. 4. — T. 37. §. 3. — T. 66. — T. 138. = Borg. Carn. Dir. Civ. de Port. T. 1. P. 148. ubi cit. Rep. das Ord. ed. de Coimb. T. 1. P. 26 e 27. verb. Açoutes. — P. 156 verb. Amor — Per. e Sous. Proc. Crim. not. 521 = Res. Cons. Des. 2 Set. 1682. — A. 13 Nov. 1756 — A. 26 Fev. 1771. — Reg. da Junt. do Tab. §. 16); e se lhes commutaram as ditas penas em degredos especiaes (Ord. L. 5. T. 188. §. unic. e §. 1. = Ass. 31 Maio 1710 — Res. 2 de Dez. 1716). — Permittiu-se-lhes igualmente, que não fossem mettidos a tormento ou sujeitos a tortura, excepto nos

Digitized by Google

ditos crimes de Lesa-Magestade, alcivosia, falsidade, moeda falsa, testemunho falso, feiticeria, sodomia, alcovitaria e furto, os quaes fazem perder e derogar o privilegio de nobreza (Ord. L. 5. T. 133. §. 3. = Rep. da Ord. ed. de C. T. 2. P. 456. verb. Fidalg. = T. 4. P. 267. verb. Privileg. — P. 844. verb. Term.); — e se lhes commutaram os ditos tormentos n'outra pena a arbitrio do Julgador (Ord, L. 5. T. 133. §. 3). — Concedeu-se-lhes, que não pudessem ser prezos por dividas, nem por casos crimes leves, senão em homenagem (Ord. L. 5. T. 120. §. unic. = Per. e Sous. Proc. crim. not. 184) — Permittiu-se-lhes, que vencessem custas pessoaes com igualdade ás que vencessem os cavalleiros e demais pessoas nobres (Ord. L. 1. T. 91. §. 2). — Concedeu-se-lhes, que os seus escriptos particulares, sendo contra elles e feitos ou assignados por elles, tivessem a força e valor de escripturas publicas (Ord. L. 3. T. 59. §. 15. = C. de Lei 6 Out. 1784. n. 1.) — Permittiu-se-lhes, que fossem cridos e attendidos nas declarações de suas ultimas vontades ácerca da paga dos serviços de seus criados (Ord. L. 4. T. 33. §. fin). — Concedeu-se-lhes, que pudessem fazer procurações por mão propria, para constituir procuradores nas suas causas e dependencias (Ord. L. 1. T. 48. §. 15. — L. 3. T. 29. §. inic. — Ass. 23 Nov. 1769). — E permittiu-se-lhes finalmente, que pudessem ensinar as doutrinas da sua profissão nas cadeiras da Universidade, em horas extraordinarias do tempo lectivo, habilitando-se para isso com licença do Reitor (Est. da Un. de C. L. 2. T. 13. §. 2. e §. 6. — L. 3. P. 1. T. 5. C. 4. §. fin.)

*

Estes privilegios, isenções e regalias dos Medicos, de que já se vai encontrar a primeira origem na legislação anterior á Ordenação Philippina, publicada em 11 de Janeiro de 1603, não ficam sómente privativos e limitados a suas pessoas, nem

Digitized by Google

durante a sua vida unicamente. Transmittem-se e communicam-se igualmente a suas mulheres, em quanto com elles casadas; e ainda depois de viuvas, se honrada e honestamente se comportarem. E até, finalmente, o Medico *moralmente* os transmitte e communica a seu pae e a seus proprios filhos, para maior honra e mais brilhante gloria d'uns e d'outros.

E se muitas destas leis ou determinações reaes litteralmente se referem aos Doutores feitos em Universidade por exame geral, cumpre advertir, que, por extensiva interpretação dos Juristas, ellas igualmente se applicam e accommodam aos Medicos, *como Bachareis feitos em nossa Universidade.* Bastava porêm a confirmação da nobreza dos Juristas, para d'ella rigorosamente se inferir a nobreza dos Medicos, cuja Sciencia é de tal importancia, que se torna digna de especial favorecimento.

*

Mas nem sómente os Medicos de Portugal deviam ter a nobreza da sua Sciencia como é a nobreza dos Theologos e Juristas. Os nossos Medicos tem grandes conhecimentos mathematicos e philosophicos; porque sabem de sobejo os peculiares ramos ou especiaes divisões das Mathematicas puras, e os vastos conhecimentos, que lhes subministra a Physica, a Chymica, a Zoologia e a Botanica ou Phytologia: e com estes conhecimentos philosophicos e mathematicos nada haverá na Mathematica e na Philosophia, que os nossos Medicos superabundantemente não comprehendam ou não possam comprehender. E assim muito se lhes não concedia, permittindo-se-lhes o goso dos privilegios e regalias, que legalmente se acham concedidos aos Mathematicos e aos Philosophos, cujos Graus Academicos de nenhum modo lhes conferem Sciencia, não obstante serem o mais relevante testemunho, ou demonstração da sua existencia.

Digitized by Google

*

Debatida fica pois a singular doutrina d'aquelles escriptores, os quaes *algumas vezes confusamente* dão a entender, que os Medicos não adquirem nobreza real, e positiva pelo seu Grau e profissão; e muito menos a não serem Bachareis d'alta Sciencia, como pertendiam Garcia e Azevedo: nem tão pouco se poderá sustentar philosophicamente a singular idéa d'aquelles auctores, que sómente concedem aos Medicos os privilegios, isenções e regalias dos nobres, sem lhes querer conceder a *qualidade* desta *elevada jerarchia da ordem social.*

*

Como pois os nossos Medicos são nobres e illustrados pela divina origem da vasta e profunda Sciencia, que cultivam; — pela elevada qualificação dos seus nobres Asseclas; — e pela propria natureza da Sciencia, cujas excellencias são tantas e de tal natureza, que mal podem enumerar-se; — e como os nossos Medicos, finalmente, são nobres e illustrados pelos seus Graus e privilegios; — pelas Sciencias, com que directamente são comparados; — e pelos grandiosos conhecimentos, que adquirem nos variados ramos ou divisões das Sciencias auxiliares da sua excelsa profissão, — bem se deixa ver com toda a evidencia, que os Medicos Portuguezes tem o multiplo da distincção na unidade da nobreza ou o multiplo da nobreza na unidade da distincção. E assim ninguem, por certo, melhor poderá, do que elles, blasonar da sua honra, jactar-se da sua gloria e presumir-se da sua nobreza, servindo-se para isso das proprias palavras do *celebre* cantor da segunda guerra Punica.

Mecum honor, et laudes, et læto gloria vultu,
Et decus, et niveis victoria concoior alis,
Me cinctus lauro perducit ad astra triumphus.

Coimbra, Agosto 1845.

J. J. da S. Pereira.

*

Digitized by Google

REVISTA LITTERARIA.

EPICOS BRASILEIROS.

Nova edição — 1845 — Lisboa na Imprensa Nacional — 1 volume.

Com este titulo acaba de publicar-se em nitida edição, exornada com muitas notas e noticias os dous poemas epicos brasileiros o Uraguay e Caramuru, que verdadeiramente formam a primeira era da poesia epica daquella nação. — A's diligencias e bem conhecida erudição do Snr. Varnhagem devem as lettras americanas o importante serviço de se tornarem populares dous poemas que, posto sejam de bastante merito, e trajem brilhantes galas de poesia, eram todavia pouco lidos, e até ignorados de muitos eruditos.

Que formoso espectaculo, e que scenas tão variadas não offerece a America á imaginação de um poeta? Que paiz haverá tão viçoso e cheio de vida que, mais do que ella, ministre brilhantes quadros á poesia sublime, que é a da natureza? — O maravilhoso tão necessario á poesia, como diz Ferdinand Diniz, fallando da America, achar-se-ha tanto nos antigos costumes dos povos brazileiros, como na força incomprehensivel de uma natureza, que varía constantemente os seus phenomenos n'aquelle sólo.

A America deve ser tão livre no seu governo como na sua poesia; e d'ahi vem a muita gloria que aos can-

Digitized by Google

tores de Lindoya e Paraguaçu cabe, por, sem se prenderem ás velhas tradições da Europa, irem buscar á historia, e ao seio do mato virgem do seu paiz natal a materia daquelles dous poemas.

O assumpto do Uraguay, de José Bazilio da Gama, é a guerra das missões, e a tendencia dos missionarios jezuitas para avassalarem o novo mundo, e consolidarem ahi o seu poder. O tragico fim de Cacambo e de Lindoya são mui poetica e sensivelmente descriptos; e não menos feliz é o poeta quando canta o triumpho dos portuguezes sobre os jezuitas, e nos pinta as bellezas naturaes da sua patria.

O Caramuru, de Fr. José de Santa Rita Durão, celebra as aventuras do mancebo europeo civilisador da Bahia, que as vagas arrojaram áquellas praias, com seis infelizes companheiros. Tem versos que enlevam, e episodios que prendem a attenção, como o da

Paraguaçu gentil.....
Bem diversa de geração tão nojosa,
De côr tão alva como a branca neve,
E d'onde não era neve era de rosa.

O episodio de Moema, e a descripção das terras, animaes, e plantas do Brazil feita pelo heroe do poema, Diogo Alvares Corrêa, ao rei de França quando aportára a este reino, são dignos dos melhores poetas.

O Snr. Varnhagen, que tão notorios serviços tem prestado ás lettras brazileiras, em muitas e valiosas investigações historicas e scientificas, não grangeou por certo agora menos direito ao louvor e gratidão do seu paiz natal, com esta nova e nitida edição dos epicos brasileiros, acompanhada de importantes notas e noticias, obra cuja leitura muito recommendâmos.

M. G. M. Torres.

Digitized by Google

PECULIO EPISTOLAR.

Cartas de Joseph da Cunha Brochado.

(*Continuado da pag.* 194.)

— N.º 79. —

Eminentissimo Snr. Chegou este Paquebot em tempo de grande confusão e embaraço pela chegada e entrada d'el-rei, que são dias aqui, como os de touros em Lisboa, e assim não tenho materia com que entreter a V. Eminencia, em cousa que diga relação a negocios, e hoje me recolhi da corte tão cançado, que apenas posso expedir esta posta.

No papel incluso achará V. Eminencia a ordem da entrada d'elrei, que na verdade he mais brilhante na vista, do que parece no referimento. Esperam-se algumas mudanças, a que tem havido he ficar feito o duque de Marlborough capitão general. Em quanto ao mais utdo são conjecturas, de que he inutil e fastidiosa a relação. Rendo a V. Eminencia os meus respeitos, e rogo a Deus que guarde por muitos annos a pessoa de V. Eminencia. Londres 2 de Outubro de 1714 = Eminentissimo Snr. Cardeal da Cunha = Creado de V. Eminencia = *Joseph da Cunha Brochado.*

Digitized by Google

— N.º 80. —

Eminentissimo Snr. Estes dias depois da vinda d'el-rei tem sido, e vão sendo de tantos trabalhos pela necessidade de assistir na corte e visitar os novos ministros, qne apenas posso respirar, e me sinto com grande desfallecimento, mas na esperança de que este penoso exercicio deve acabar brevemente, tiro forças d'uma fraqueza animada de zelo pelo serviço d'el-rei nosso senhor.

A materia da carta de hoje merece toda a attenção, e peço a V. Eminencia que a leia e a considere, e desejára ouvir o sentimento de V. Eminencia sobre o que nella refiro, e me serviria de grande luz. Offereço a V. Eminencia os meus respeitos, e rogo a Deus guarde a pessoa de V. Eminencia largos annos. Londres 30 de Outubro de 1714 = Eminentissimo Snr Cardeal da Cunha = Creado de V. Eminencia = *Joseph da Cunha Brochado.*

— N.º 81. —

Eminentissimo Snr. Recebo neste paquebote a carta de 9 de Novembro, que V. Eminencia me faz honra de escrever, e em que refere as justas razões que temos para abonar a defeza dos navios para esperar o fim da sua conclusão.

V. Eminencia saberá já que el rei Filippe commetteu o exame do nosso tractado a el-rei seu avó, e como se o fizera seu plenipotenciario lhe deu todos os poderes necessarios para tratar definitivamente esta materia.

Ao conde da Ribeira mandei todos os papeis convenientes para se instruir e poder fallar nestas cousas, sustentando a nossa justiça sem por tanto tratar nem convir de novo, remettendo-se sempre ao tratado feito em Utrecht, e communicando aos nossos ministros tudo o que lhe dissessem naquella corte. A materia é delicada para se

Digitized by Google

tratar em Paris, porque póde parecer que renunciamos a mediação ingleza, e assim os nossos ministros, e eu, temos neste ponto bastantemente instruido o conde embaixador.

Esta corte trabalha nos seus negocios que são disposições para o novo parlamento, em que os Torys se lisonjeam da superioridade na casa baixa, fazendo crêr ao povo nas provincias, que a igreja alta está em perigo com um principe Lusitano, e um governo Whig. Esta divisão anima grandemente a França; porêm se a corte de Vienna se unir a el-rei de Inglaterra, e com os Estados Geraes mantiver uma boa intelligencia poderão estas tres potencias dar absolutamente a lei, e então se comporão sem disputa todos os prejuizos que subsistem nos tratados do commercio.

Não ha por ora nenhuma pratica de guerra, nem as cousas estão na concordia e ajuste, que são necessarios para tamanha empreza, a menos que da parte de França não haja uma transgressão insoffrivel, o que póde bem succeder depois da morte d'el-rei christianissimo el-rei Filippe, ou a tutoria do Delphim, ou succeder-lhe por sua morte.

A grande prevenção d'el-rei nosso senhor não deixará de pôr em boa ordem as suas fronteiras, e conservar nellas um corpo de tropas, em que a disciplina supra ao numero.

Queira Deus Nosso Senhor reparar a morte do principe D. Pedro, dando-nos outros imitadores das virtudes de seus paes.

O inverno tem entrado, e cada dia me assusta, e me faz tremer. Acceite V. Eminencia os meus respeitos. Deus guarde a V. Eminencia muitos annos. Londres 27 de Novembro de 1714 = Eminentissimo Snr. Cardeal da Cunha = Creado de V. Eminencia = *Joseph da Cunha Brochado.*

Digitized by Google

— N.º 82. —

Eminentissimo Snr. Recebo a carta de 30 de Novembro que V. Eminencia me fez honra de escrever. Ella é tão cheia de justas reflexões, que sendo, como espero, approvadas por Sua Magestade, darão grande vantagem a seus interesses, e a maior segurança a seus estados. Eu tomei a liberdade de escrever a V. Eminencia uma carta pouco antes da morte da Rainha, em que por um juizo pratico mostrava com bastante probabilidade, que as pretenções que faziam os Castelhanos, ou de que queriam satisfação eram mais terriveis na apparencia que na sua realidade, e que á vista dos prejuisos que nos faziam dilação ficára em maior credito para nós a condescendencia, do que a disputa. A morte da Rainha nos deu melhores esperanças, mas a conjunctura em que se acha o novo rei de Inglaterra dependendo do proximo Parlamento, a guerra do Norte por um Rei louco, a que a França sugere a continuação com grossas remessas de dinheiro, a politica irregular da corte de Vienna, a divisão, e fallencia da Republica de Hollanda, e a dissonancia dos principes do Imperio são meios fataes de que el-rei Christianissimo se prevalle para fallar alto a toda a Europa; e assim temo que caiamos nas mesmas difficuldades, e que por uma compensação mais ou menos ampla vejamos a paz dilatada, e o decóro real offendido, e para que diga tudo tenho por sem duvida como dizem os nossos velhos, que um máo concerto vale mais que a boa demanda.

Os nossos ministros em Utrecht parece que tiveram novas ordens como disse o conde de Tarouca ao duque de Ossuna na ultima conferencia. No mesmo tempo o marquez de Torcy faz uma resposta geral aos officios desta corte, e diz o que quer ao conde da Ribeira, que se-

Digitized by Google

gundo parece inclina-se a que estas cousas se ajustem em Paris. Eu tomára já vêr feito este milagre, mas que fosse como diz o rifão hespanhol. Estas cousas, Eminentissimo Senhor, não podem escrever-se com liberdade, e assim padecem suas difficuldades na intelligencia. E' necessario tomar uma resolução, se não fôr a melhor, seja a menos má que poder ser, e não andemos com um furão morto á caça, nem póde ser util se fallarmos por differentes maneiras em Utrecht, em Paris, e em Londres.

O marquez de Monteleon fica nesta corte, o duque de Ossuna sahirá de Hollanda, e nestes termos parece que D. Luiz da Cunha deve ir para Londres, e o conde de Tarouca para Haya, porque se as nossas cousas se ajustarem em Inglaterra serão D. Luiz, e Monteleon os conferentes, e se se tratarem em Haya, como creio, serão conferentes o Conde, e Chateauneuf. Mais quizera escrever a V. Eminencia, mas não posso mais, e lhe peço com as mãos levantadas, que me mande recolher. Deus guarde a V. Eminencia muitos annos. Londres 25 de Dezembro de 1714 = Eminentissimo Snr. Cardeal da Cunha = Creado de V. Eminencia = *Joseph da Cunha Brochado.*

— N.º 83. —

Eminentissimo Snr. Tomo a liberdade de dar a V. Eminencia os parabens de vêr concluida esta grande obra, em que a prudencia dos nossos ministros dirigida pelas justas resoluções d'el-rei nosso senhor venceu as difficuldades que tanto a embaraçaram, e a detiveram.

Chegou o tempo, Eminentissimo Senhor, de poder sair d'Inglaterra, e assim por unica graça peço a V. Eminencia sollicite que Sua Magestade me mande por este expresso a ordem para despedir-me, e entretanto que chega a pessoa, que se destinar para este logar póde Ma-

Digitized by Google

noel ne Sequeira assistir nelle. Assim o espero da mercê que V. Eminencia me faz, que será no meu agradecimento tão eterna como a minha vida.

Na obediencia de V. Eminencia estarei sempre. Deus guarde a V. Eminencia muitos annos. Londres 11 de Fevereiro de 1715 = Eminentissimo Snr. Cardeal da Cunha = Creado de V. Eminencia = *Joseph da Cunha Brochado.*

— N.° 84. —

Eminentissimo Snr. O desejo de procurar as boas novas da saude de V. Eminencia, rendendo-lhe os meus respeitos me leva á sua presença nesta carta.

Por França escrevi a V. Eminencia dando-lhe parabens da nossa paz, pela qual sahimos da incerteza de que V. Eminencia judiciosamente se queixava tantas vezes. Agora é necessario praticar um novo systema para a nossa conservação; mudar algumas cousas, alterar outras, que pertencem ao governo publico, á educação dos vassallos, ao entertenimento, e sustentação das familias pobres segundo o exemplo, e leis de nossos vizinhos — Esta materia que não é difficultosa de executar é da ultima importancia, e assim fique reservada para quando tiver a qonra de me vêr aos pés de V. Eminencia, que será dentro de poucos mezes, ou não será nunca.

Eu tive audiencia d'el-rei, e lhe dei conta da assignatura da nossa paz, e parto para o campo, porque não posso viver no ar de Londres.

Peço a V. Eminencia que leia particularmente a carta que hoje escrevi ao Secretario de Estado, e espero que não façamos alguma cousa de que nos arrependamos sem remedio.

Torno a lembrar a V. Eminencia que em quanto não chegar o ministro, que Sua Magestade destinar para este

Digitized by Google

lugar póde Manoel de Sequeira assistir nelle para que eu possa sahir no mez d'Abril.

Não estranhe V. Eminencia a repetição destes rogos, porque a minha vida se interessa neste favor de V. Eminencia a que poderá chamar justiça, porque Sua Magestade não costuma servir-se de ninguem contra sua vontade, e menos aonde ha o risco da vida em uma idade tão adiantada como a minha.

Na obediencia de V. Eminencia estarei sempre. Deus guarde a V. Eminencia. Londres 5 de Março de 1715 = Eminentissimo Snr. Cardeal da Cunha = Creado de V. Eminencia = *Joseph da Cunha Brochado.*

— N.º 85. —

Eminentissimo Snr. Recebi a carta de 7 do corrente que V. Eminencia me fez honra de escrever, dando-me a nova de poder sahir desta terra em breves dias, assim o espero da justiça de Sua Magestade, e da intercessão de V. Eminencia, em cujos interesses, como de fé humana, pertendo viver, e morrer.

O estado das cousas d'Inglaterra escrevo em duas palavras na carta da Secretaria, e assim não molestarei o Conselho de Estado com longa leitura de exornações pomposas.

Os Hollandezes tiveram uma grande causa na corte imperial sobre a barreira de que ainda não chegou a ultima resolução. Sempre entendi que el-rei nosso senhor mandasse passar officios em favor dos Hollandezes seus alliados, esta sollicitação nos faria honra, e seria hum fructo da estreita alliança que temos com Sua Magestade Imperial. Concluo, senhor, que na Haya basta por ora hum residente debaixo da conducta do nosso ministro que estiver em Inglaterra, porém em Vienna é necessario hum bom e esperto enviado nos termos em que aquella corte

Digitized by Google

se acha com a de França, havendo algum rumor de que se acomoda com a de Hespanha, e na existencia deste caso seria bom que Sua Magestade Imperial conjunctamente com França se declarasse fiador da nossa paz. Fico na obediencia de V. Eminencia a quem Deus guarde muitos annos. Londres 19 de Março de 1715 = Eminentissimo Snr. Cardeal da Cunha = Creado de V. Eminencia = *Joseph da Cunha Brochado.*

RESUMO DAS NOTICIAS.

Haya 29 *de Janeiro de* 1709.

A rigorosa estação do inverno que é a mais inclemente que se vio ha muitos annos, como mostram os extraordinarios effeitos dos quaes se fazem relações de todas as partes, de que os homens se achavam mortos nos caminhos, e os animaes nas campinas, e que até ao insensivel das arvores tinha chegado o rigor do frio, quebrando muitas sem tempestade faz tambem, que as milicias não tenham saido dos seus quarteis, e assim tudo está em tranquillidade, procurando sómente todos preencher os seus regimentos, e fazer novas levas para se augmentarem consideravelmente as suas forças, e poderem pôr no campo hum formidavel exercito na primavera proxima, mas conforme todas as apparencias não se executará empreza memoravel que não seja no paiz baixo, porque todas as prevenções se encaminham para aquelle theatro da guerra sem se fazer reflexão que por Portugal e Catalunha é o mais curto caminho para occupar o throno da monarchia de Hespanha; mas muitas vezes os interesses particulares fazem mudar o systema que se devia observar para se lograrem com menos obstaculos as conveniencias publicas.

Digitized by Google

As duvidas que ha entre S. Santidade e o Imperador ainda não têem tomado termo a respeito d'algumas condições, que são duras á corte de Roma, porêm como o Pontifice não tem milicias que se possam oppôr á marcha dos Imperiaes sempre se está na esperança que se acabe esta dependencia por huma composição amigavel, não obstante todas as diligencias contrarias, que interpõe os ministros das duas coroas; mas como Sua Santidade nesta conjunctura se não póde pagar sómente de rasões sem tropa que as acompanhem ficam, sem força todas persuasões, e ameaços de França.

Haya 26 *de Fevereiro de* 1709.

A inclemencia do tempo que tornou a vir mais vigoroso novamente, fechou todos os rios que se tinham posto já navegaveis depois do primeiro gêlo, e agora servem de caminhos, passando-se sobre elles em toda a sorte de carruagens, e até o mar nestas vizinhanças se gelou perto de huma hora de longo, do que aqui se não lembram os homens.

Esta extraordinaria estação impedio provisionar a praça de Lilla, e encher os armazens para a subsistencia do exercito em caso de necessidade, o que dará mais esperanças aos Francezes de poderem emprehender aquelle sitio sendo que a vigilancia do duque de Marlborough, e do principe Eugenio nos promettem, não só o segurar-se o conquistado, mas o executarem-se maiores empresas.

O duque de Vendome, que se entendia tornaria a vir governar o exercito de França nesta futura campanha, o despediram deste emprego pela má intelligencia, que havia tido com o duque de Borgonha, e assim parece se tem tomado resolução de mandar o Delfim, e o duque de Baviera ás suas ordens; e como esta campanha se entende será decisiva de hum e outro partido se farão todos

Digitized by Google

s exforços neste theatro da guerra porque no do Alto oRhin se param na defensiva os colligados.

O duque de Saboia procura pôr-se em estado de atacar offensivamente os inimigos, cuja diversão será em grande beneficio de Sua Magestade Catholica, e tambem terá mais forças para se oppôr aos Francezes, e como o duque de Orleans não tenha partido para aquella parte por não estar satisfeito das disposições que se fazem para ella, póde esperar que a mudança seja favoravel á causa commum, principalmente depois que o Pontifice se accommodou amigavelmente com Sua Magestade Imperial, resultando tambem deste tratado julgarem os Hespanhoes mais legitima a causa d'el-rei Carlos.

Aqui veio o duque de Marlborough por quatro dias para apressar as disposições para a campanha proxima, e hoje tornou a voltar a Bruxellas onde estará até á noticia de haver partido de Vienna para certas provincias o principe Eugenio, para que sempre com presença d'um destes generaes se faça mais vigorosa opposição aos intentos dos inimigos.

Haya 7 de Maio de 1709.

Por varias noticias chegou a esta corte haverem os Moscovitas ganhado huma victoria contra os Suecos, e que nesta haviam perdido estes quatro para cinco mil homens; porêm se verificam tão pouco as novas que vem daquella parte, que se lhe não póde dar credito sem minuta confirmação, sendo que el-rei de Suecia esteve todo este inverno em um tão máo posto, e perdeu tanta gente nelle, que os Moscovitas pela sua grande superioridade poderiam alcançar este triumpho.

O duque de Saboia tem tudo prestes para entrar em campanha, porêm a estação não convida ainda a se poder

Digitized by Google

pôr em marcha, porque o campo não póde dar subsistencia ás suas tropas antes de entrar o mez de Junho, e os inimigos estão com grande temor da diversão que se lhe quer fazer por aquella parte, onde a miseria é tanta, que em muitas daquellas villas e lugares tem havido grandes tumultos, por falta de pão e de viveres, esta mesma necessidade em todos os estados de França, e como o remedio se não póde achar naquelle reino, e os alliados lhe impidão soccorrerem-se d'outras partes lhes faz justamente temer huma fome.

A chegada de quatro navios das Indias, que trouxeram vinte e cinco milhões de libras lhe deram meios para pôr a sua cavallaria em bom estado, e assim se acham já com seu exercito em Douay, e nas suas praças vizinhas, e com um corpo de milicias foram occupar alguns postos para impedir o comboy, que deve passar de Menin a Lilla, e assim em quanto o exercito da Liga se não puder pôr em campanha não será aquella praça soccorrida, faltando-lhe ao presente tudo.

As tropas da Liga começaram a marchar a 15 do corrente, e a 21 estavam em Bruxellas, e de lá passavam a Elchem para d'ali darem principio ás suas operações, sendo as primeiras ir buscar os inimigos, que se tem por certo recusarão o combate por não arriscar em huma hora toda aquella monarchia.

O presidente Rouille se acha ainda nestas provincias, sendo que não tem avançado muito as suas negociações; porém se espera que as acções do exercito de Flandres facilitem aos inimigos darem-nos avantajosas condições.

O duque de Marlborough passou ha oito dias a Inglaterra, e se espera aqui dentro de quatro ou seis para ir logo para o Paiz Baixo, onde se acha o principe Eugenio, e a maior parte dos generaes têem sahido desta corte para se hirem juntar ao exercito.

Ainda o duque d'Orleans não partio para Hespanha, nem o Delfim veio ao Paiz Baixo, e tambem se não sabe se o duque de Borgonha irá ao Rhin, mas é provavel que estes Principes não saiam da corte, não podendo intentar grandes acções.

(*Continuar-se-ha.*)

Digitized by Google

estes foram julgados por sentença a um Reguengo que a senhora rainha tem nesta villa em seu Patrimonio.

CAPITULO 49.º

Em que se dá noticia da entrada de Muma Dona no convento, e da trasladação da Imagem de Nossa Senhora, e doações que lhe foram feitas

Tanto que a condessa Muma Dona teve acabado seu mosteiro de todas as officinas e agazalhos para os Monges e Monjas, se recolheu a elle com sua filha D. Onéca, que perseverou pouco tempo na vida religiosa por lhe parecer melhor a de casada a que passou: e comsigo levaram a elle a imagem da Virgem Maria, que estava no templo de S. Thiago, que antigamente tinha sido da deosa Ceres, aonde a continuação de seus milagres fez grande concurrencia de gente, que de terras e lugares mui remotos era visitada, tanto gente popular, como reis e senhores, que lhe fizeram muitas doações de bens para enriquecerem seu santo mosteiro, como fez el-rei D. Ramiro 2.º de Leão, como dissemos, e depois seu filho D. Ordonho 3.º lhe fez doação da quinta d'Amorcira, e de muitos privilegios. E D. Bermudo filho 2.º de D. Ordonho, vindo ali de romaria lhe confirmou tudo. E el-rei D. Affonso, e a rainha D. Geloira sua mãe, vindo então ali de romaria, estando na cidade de S. Miguel das Caldas, da qual ha hoje bem poucos, ou nenhuns vestigios, e ficava uma legoa distante da villa de Guimarães para o sul, sendo-lhe ali levadas todas as escripturas, e privilegios do mosteiro, elle os confirmou em 1014.

El-rei D. Fernando de Leão, e a rainha D. Sancha sua mulher, que foram os primeiros de Castella, tendo noticia dos muitos milagres que a Senhora obrava neste

Digitized by Google

seu mosteiro, a vieram vizitar, e lhe confirmaram suas escripturas, e de novo concederam ao abbade Pedro, que ali era prelado, que o seu vigario tivesse toda a jurisdicção civel e crime em toda a terra do Rio Ave até o de Vizella, e em toda a terra de S. Torquato, concedido em 1049. D. Famula, sobrinha da condessa Muma Dona, estando na sua terra de Lalemil (aonde hoje chamam Landim) muito enferma, se mandou conduzir ao mosteiro de Guimarães, aonde melhorada da enfermidade se metteu religiosa, e fazendo seu testamento lhe deixou as villas do Conde, e Fão, e este testamento está no archivo da real collegiada de Guimarães.

Estas villas do Conde, e Fão foram depois trocadas pelo prior, e conegos da real collegiada, com as freiras de villa do Conde, e lhe deram por ellas a sua igreja de Murça com todas as annexas, que são treze vigairarias, simultaneas com os priores e cabido, que lhe rendem tres mil e quinhentos cruzados, de que os priores são meeiros: e trazendo-as por sua conta, rendem muito mais.

Como os religiosos e religiosas do mosteiro de Muma Dona viviam em santidade, foram causa de muitas pessoas largarem o mundo, e seguirem aquelle caminho virtuoso, como fizeram Pedro Oneco, e sua mulher Fafa, que se recolheram nelle, dividindo seus bens com o mosteiro a quem doaram certas terras, cuja doação está em um pergaminho no real archivo da Collegiada, que diz: *lexo meas herdades* etc. *Creixomil fratribus, et mulieribus Sam Bieite in honra Santæ Mariæ, quia dixit meus abunculus Santa Maria aparuit in suo tempore etc. Pedro Oneco, e Fafa. Era de CCCCXIIII.* A qual doação pela firma do pergaminho mostrava ser feita dous annos depois da fundação do mosteiro. Este Creixomil não era a quinta em que a condessa Muma Dona fundou, senão um lugar perto della, que tem o mesmo nome, e está situado na

Digitized by Google

freguezia de S. Vicente de Mascodellas, meio quarto de legoa para a parte do vendaval.

CAPITULO 50.°

Em que se dá noticia da nova villa de Guimarães.

Com a grande concurrencia de romeiros que vinham vizitar a imagem de Nossa Senhora a seu santo mosteiro de Muma Dona, se edificaram perto delle casas, assim para agazalho das pessoas que vinham, como para morada de alguns seus devotos, que com ella queriam vizinhar, e como eram fundadas juntas umas ás outras lhe chamaram Burgo, e a seus moradores Burguezes.

Este foi o primeiro fundamento da nova villa de Guimarães, o qual foi muitos annos depois da villa velha de Araduca, como já mostrei; e abona esta verdade, que antes da villa Araduca experimentar suas ruinas, tinha jurisdicção separada da nova villa de Guimarães: tanto assim que ainda em uma procissão que a Camara costuma fazer todos os annos na 3.ª Dominga de Julho ao Anjo Custodio, que sahe da real collegiada, acompanhada da Collegiada, Camara, e Ministros, e Povo, e entram na villa Araduca, e na sua igreja de S. Miguel do Castello reza o Cabido certas orações, e quando sahe da collegiada leva o juiz de fóra um pendão de côr vermelha, e nelle um painel com a imagem do Santo Anjo, e chegando ao districto da villa Araduca para mostrar que ali senão estende a sua jurisdicção, o entrega ao vereador mais velho.

A' vista destas apparentes rasões tão justificadas para merecerem credito de verdadeiras se me offerece uma queixa contra Estaço, em dizer no C. 6.° das Antiguidades de Portugal, que esta nova villa de Guimarães não tivera seu principio no alto do castello, senão no Burgo,

Digitized by Google

e que delle fôra continuando para cima. E' certo que o Burgo deu principio á nova villa: mas a velha (em que elle não falla) havia muitos seculos que permanecia; como saberia, se se aproveitára dos AA. citados: e se víra o mappa geral achára Araduca na mesma altura de Lisboa, e outras muitas circumstancias que podia testemunhar pela assistencia que muitos annos teve nesta villa, em que podederia vêr muitos alicerces arruinados da villa velha.

E' tradição abonada, que dá credito para authorisar as cousas antigas, que por falta de escripturas fique a memoria dos homens, para que communicada de paes a filhos, não percam de todo o sêr, e quando não seja com todas as circumstancias e fundamentos do que foi, não se escureça de todo o que tem sido. E assim ficou por tradição, que a villa velha Araduca teve causa para se despovoar, e hirem seus moradores para a villa nova de Guimarães, porque na villa velha não havia fontes, nem em lugar vizinho, donde se conduzissem as agoas, e só usavam de fundos poços, o que é bastante motivo para desampararem os lugares.

Couservou-se o mosteiro de Muma Dona até o tempo do conde D. Henrique, com seus Monges, o qual conde quando tomou posse do reino de Portugal, que lhe foi dado em dote com sua mulher a senhora D. Thereza, por seu pae el-rei D. Affonso 6.° de Castella, na villa velha Araduca fez seu primeiro assento no palacio que dissemos dentro do castello de S. Mamede, e já nesse tempo achou a villa nova principiada, e lhe deu foral, com o nome de Guimarães, que está na Torre do Tombo no L. 2.° d'entre Douro e Minho a fl. 70, e diz: — *Nullo cavalario non habeat pousadam in Vimaranensi per amorem Domini sui, et nulum Sagionem non sit ausus intrare in casa de Burges por mala voluntate etc.*: querem dizer — ne-

Digitized by Google

nhum cavalleiro tenha entrada em Guimarães senão por vontade de seu dono, e nenhum Sagião seja ousado a entrar em casa de Burguez contra sua vontade. Neste foral mostra o conde separada a villa do Burgo, ou que o Burgo tinha nome da villa de Guimarães, pois é certo que o conde neste foral sempre fallou de uma só povoação, porque supposto diga em uma parte Burgo, e em outra Guimarães, sempre fica sendo a mesma cousa, e dando-lhe estes dous nomes o fez com muito fundamento, porque o de Burgo se lhe deu em seu principio, e o de Guimarães herdou da quinta dada a esta povoação.

O que bem se mostra, porque este Burgo foi depois de fundado o mosteiro de Muma Dona, e como este foi na quinta de Guimarães, e no tempo do conde D. Henrique continuou a fundação da nova villa, não se pode duvidar lhe désse o nome de Guimarães do sitio, como se vê na doação seguinte: — *In Dei nomine. Ego comes D. Enrico una pariter cum uxore mea Infanta D. Teræsia placuit nobis pro bona pace, et pro bona voluntate, quod facimus cartam de bonos foros ad vos homines, qui venistis populare Vimaranis, et ad illos quos ibi habitare voluerint.* Isto é. «Eu o conde D. Henrique, juntamente com minha mulher a infanta D. Thereza, nos pareceu por boa paz, e boa vontade fazermos carta de bons fóros a vós homens, que viestes povoar Guimarães, e áquelles que ahi quizerem viver, para que este Burgo novamente introduzido possa augmentar-se.» Esta doação é o principio do foral de que acima fica feita menção, que está na Torre do Tombo no L. 2.° de que tratamos.

Alem de que, a villa de Guimarães não sustentou o nome de Burgo senão até ao tempo d'el-rei D. Affonso 2.° de Portugal, e ainda nesse tempo não era vulgar porque ora lhe chamavam Guimarães, ora a seus moradores Burgueses, como se vê em uma composição antiga, que está

Digitized by Google

no real archivo da Collegiada, feita no tempo do dito rei entre o prior, conegos, e pensionarios, e o arcebispo de Braga, a qual diz: — *In Ecclesis autem aliis extra Burgum in quibus Viminarenses Ecclesiæ jus obtinent Patronatus.* Isto é: «Nas outras igrejas fóra de Burgo, nas quaes a igreja de Guimarães tem direito de padroado:» e assim lhe chama Burguezes, e Guimarães, e continúa. — *Præterea actum fuit, ut si Burgenses, Vimaranenses in quæstione, quam dicunt se habere contra Archiepiscopum Bracarensem non potuerint per se, vel per comunes amicos concordare: Prior et canonici Vimaranenses sine offensa Archiepiscopi juventeos*, isto é «Alem disto tratou-se, que se os Burguezes de Guimarães, na duvida que dizem ter contra o arcebispo de Braga, não poderem por si, ou por amigos communs concordar-se: o prior, e conegos de Guimarães os ajudem sem offensa do arcebispo.» Foi feita esta composição em Benavente a 23 de Outubro de 1216, e nella se vê Guimarães, e Burguezes de Guimarães. Neste tempo se perdeu o nome de Burgo, e conservou só o de Guimarães.

CAPITULO 51.°

Em que se dá noticia da divisão dos Monges, e Monjas de Muma Dona.

Quando o conde D. Henrique tomou posse de Portugal pelos annos de 1090, logo mandou convocar de todas as cidades, villas, e lugares, que lhe obedeciam, as mais nobres e authorisadas pessoas para fazer cortes na villa de Guimarães, em que tinha seu assento. Ali esteve S. Giraldo arcebispo de Braga, que nellas assignou, como consta da sua lenda a 5 do mez de Dezembro, e já então não havia Monjas no mosteiro de Muma Dona, se não frades, e clerigos: porque só a primitiva igreja tinha soffrido que houvesse mosteiro, em que juntamente moras-

Digitized by Google

sem frades, e freiras, ainda que com divisão. Com tudo S. Gregorio papa, considerando os perigos que deste ajuntamento podia haver, os prohibio dizendo: — *Jam nullo loco Monachos et Monachas permitimus in uno Monasterio habitare, sed nec ea, quae duplicia sunt: et si quid tale est religiosus Episcopus mulieres in suo loco manere studeat, Monachos autem aliud Monasterium edificare.* Isto é, « Em nenhum lugar permittimos morarem frades e freiras em um mosteiro, e nem ainda permittimos mosteiros dobrados, e se tal houver o bispo religioso faça fiquem as mulheres em seu lugar, e que os frades edifiquem outro convento.» Santo Antonino hist. parte 2.ª T. 12. C. 13. Conc. Nic. can. 2.°

Não esperaram as Monjas deste convento neste anno de 1089 outra admoestação para se apartarem de seus religiosos, com quem haviam vivido desde o anno de 929, a qual depois veio do papa Paschoal 2.° ao bispo de S. Thiago Diogo Gil Martins, na qual dizia. « Aquillo que em todo o ponto é indecente em vossa terra, segundo somos informados, que morem juntamente Monges e Monjas, deve estorvar tua experiencia: porque os que estão juntos, sejam separados em moradas mui diversas, conforme o juizo de pessoas religiosas: e para diante se não uze de semelhante liberdade. Dado em Latrão no anno da Encarnação do Senhor de 1103.

CAPITULO 52.°

Em que se dá noticia como Portugal foi dado em dote ao conde D. Henrique com o titulo de reino.

Engano foi de alguns que manifestaram em seus escriptos, que Portugal foi dado ao conde D. Henrique, com o titulo de condado, porque partindo el-rei D. Fer-

Digitized by Google

nando seus reinos entre seus filhos, vendo-se nos ultimos dias de sua vida como pae que muito lhe desejava deixar, e que tivessem entre si fraternal amisade, e não houvesse depois de sua morte dissenções entre a divisão de seus estados, a quiz fazer em sua vida, e deu ao mais velho D. Sancho o reino de Castella, com parte de Leão até ao rio Ebro. A D. Affonso que foi o segundo deu o reino de Leão, e a D. Garcia que foi o terceiro deu Portugal e Galliza: a sua filha D. Urraca fez senhora da cidade de Çamora, com metade do infantado do reino de Leão: e a D. Elvira outra metade do infantado, e a cidade de Toro.

Mas como todos os principes herdeiros de Castella tenham por natureza serem ambiciosos, e aspirar a unir a si todos os mais reinos, e com ambicioso animo trabalhem para adquirir o vinculo da Lusitania para a sua coroa; assim o effectuou D. Sancho filho 1.° sabindo a campear as terras que seu pae havia repartido por seus irmãos, e despojando D. Sancho das que lhe cabiam na repartição o fez violentamente metter em religião em 1071, no mosteiro de Sahagum, e se apoderou do reino de Leão, e Asturias.

Com seu irmão D. Garcia rompeu igualmente D. Sancho em crueis guerras fazendo entrada com possante exercito no reino de Portugal, aonde em um lugar a que chamam Agoa de Maias, junto a Coimbra o estava esperando por parte do rei Portuguez o valoroso capitão D. Rodrigo Forjaz, que o fez retirar desbaratado a Santarem.

Neste reino de Portugal entraram dous reis Castelhanos, alem de outros com mão armada para o sugeitarem por armas, e se fazerem delle senhores absolutos, que para aqui nos servem suas memorias, e ambos foram desbaratados por dous capitães Portuguezes da familia dos Pereiras, tão illustre como seus progenitores gloriosos, e tão zelosos de seu credito, e conservação, como que pre-

Digitized by Google

viam a escolha que Deus tinha feito de seu descendente el-rei D. João o 4.° para ser acclamado rei quando o reino estava mais opprimido em poder dos Castelhanos, que vio lentamente se metteram neste reino de posse por morte do cardeal Henrique. Que estando tão enfraquecido na destruição em que o deixou el-rei D. Sebastião pela infeliz batalha de Alcacere, por não poder defender sessenta annos o direito de seus reis, andou sessenta annos nos dominios de Filippe 2.°, 3.° e 4.° de Castella, até que do poder do ultimo quiz Nosso Senhor alivial-o do jugo em que seus naturaes viviam tão opprimidos de tributos, pelo que se animaram a acclamar o Snr. D. João o 4.° a quem por direito pertencia o dominio delles, e assim hoje estão constantes na fidelidade a seu rei, que lhe é dado por Deus para não haver de ser separada a coroa de Portugal de tal linhagem.

Entrou neste reino de Portugal, como dissemos, el-rei D. Sancho com seu exercito para o tirar a seu irmão D. Garcia, a quem seu pae o havia dado, e foi desbaratado por D. Rodrigo Forjaz, e dahi a 314 annos fez outra entrada com exercito não menos pujante el-rei D. João o 1.° de Castella para o tirar das mãos de seu rei, e natural defensor o Snr. D. João o 1.° cognominado de boa memoria por suas excellencias: mas foi seu intento mal favorecido da fortuna: porque nos campos de Aljubarrota foi desbaratado, e vencido pelo invencivel D. Nuno Alves Pereira 8.° neto de D. Rodrigo Forjaz, por ser filho do prior do Crato D. Alvaro Gonçalves Pereira, neto de Gonçalo Pereira arcebispo de Braga, bisneto do conde D. Gonçalo Pereira, 3.° neto de D. Pedro Rodrigues da Pereira, 4.° neto de D. Ruy Gonçalves da Pereira, 5.° neto de D. Gonçalo Rodrigues da Palmeira, 6.° neto de D. Rodrigo Forjaz o 2.°, 7.° neto de D. Forjaz, e 8.° neto de D. Rodrigo Forjaz, e de sua mulher D. Minhana Gonçalves da Maya.

Digitized by Google

Ambos estes dous reis Castelhanos, depois de rendidos e desbaratados pelos dous capitães Portuguezes, seguiram o caminho de Santarem, mas com diversa fortuna, porque el-rei D. João o 1.° de Castella, chegando áquella villa, sem se deter nella, fugio logo para o seu reino, sem que lhe servisse de estorvo o achaque das maleitas de que hia offendido, por lhe parecer que tinha mais certa a morte na espera, que no rigor do mal. El-rei D. Sancho fizera o mesmo se não esperára pelo Cid Rui Dias, que lhe acudio: mas os Portuguezes seguindo-lhe o passo com elle tiveram segunda batalha primeiro que chegasse o soccorro do Cid. Nella foi preso el-rei D. Sancho pelo valoroso D. Rodrigo Forjaz, e dando a certos Portuguezes para boa guarda, estes o deixaram fugir, porque a ambição vence muitas vezes o que as armas não podem, e por esta perdem valorosos sugeitos a fidelidade ao rei, e se sujeitam ao abominavel titulo de traidores, como se queixa o nosso principe dos Poetas, Camões no Canto 4. 8.ª 33.ª dizendo:

O' tu Sertorio, e nobre Coriolano
Catilina, e vós outros dos antigos
Que contra vossas patrias com profano
Coração vos fizestes inimigos:
Se lá no reino escuro deshumano
Recebestes grandissimos castigos,
Dizei-lhe que tambem dos Portuguezes,
Alguns traidores houve algumas vezes.

Tanto que el-rei D. Sancho de Castella se vio em sua liberdade, se foi ajuntar com o Cid, e pondo suas gentes em boa peleja voltaram sobre os Portuguezes, que cançados acharam da primeira batalha, e prenderam a seu rei D. Garcia, que levado ao castello de Luna em Galliza, nelle morreu, e foi sepultado em Santo Izidoro de Leão, e tem em sua sepultura uma figura de meio ta-

Digitized by Google

lho com grilhões, e um letreiro que mostra ser feita por traição sua prisão pois diz: — *H. R. Dominus Garcia Rex Portugaliae et Galatiae, filius Regis Magni Ferdinandi, ingenio captus a fratre suo, in vinculis obiit era MCXXVIII*, a 11 dias das calendas de Abril. «Quer dizer: aqui descança D. Garcia rei de Portugal e Galliza, filho do grande rei D. Fernando, o qual sendo preso por engano de seu irmão, morreu na prisão no anno de 1128, que vem a ser 22 de Abril do anno de Christo de 1090.

Não vio o valoroso D. Rodrigo Forjaz a prisão de seu rei D. Garcia, porque assim que lhe entregou preso seu irmão D. Sancho, morreu á sua vista das feridas que na batalha tinha recebido, cuja morte foi principio da desgraça de seu rei, pois com ella faltaram as forças dos seus, e cresceram as de seus inimigos, e por isso bem se pode dizer, que faltando Pereiras a Portugal padecêra desgraças, e sendo seus reis Pereiras terá fortunas, como nossos olhos estão vendo. Porque D. Rodrigo Forjaz prendeu el-rei D. Sancho nesta batalha, e em quanto elle foi vivo continuou a victoria da parte dos Portuguezes, e logo que foi morto veio a desgraça a Portugal, até pôr seu rei nas mãos de seus inimigos, e seu 8.° neto D. Nuno Alves Pereira foi um açoute cruel dos Castelhanos, como testemunham as chronicas, e delle foi 7.° neto o Snr. D. João o 4.° de Portugal, 8.os o Snr. D. Affonso 6.°, e D. Pedro 2.°, a quem a fortuna por Pereiras sempre favoreceu para acclamarem victorias de seus inimigos, ficando vencedores, e nunca vencidos.

Não aquietou el-rei D. Sancho seu animo com se chamar rei de Castella, Leão, Portugal, e Galliza, porque quiz mostrar que as victorias, que por traça alcançou, sabia adquirir por armas, e estas moveu contra suas irmãas, a quem faltava tirar os estados, para se vêr absoluto senhor de todos os reinos de seu pae: e foi pôr cêr-

Digitized by Google

co a D. Urraca, que estava na cidade de Çamora, com deliberação de lhe dar o mesmo fim, que havia dado aos irmãos, mas enganou-se na pertenção, porque quando se julgava vencedor de uma mulher se vio rendido, e prostrado aos pés de um traidor, pois estando elle apertando o cêrco da ponte de Çamora, que queria vêr brevemente rendida, de dentro della sahio Velhido Delphos, e o matou á traição, por ser a unica defensa que tinha para tão grande poder, e assim quiz antes expôr-se a perder a vida, do que a praça que tinha pela infanta D. Urraca.

Não custou a Velhido Delphos a deliberação tão barata, que não fosse atado a quatro forçosos cavallos, que foram os verdugos da vida do pobre traidor, que em pedaços o arrastavam pela campanha de Çamora em satisfação de seu atrevimento: pois não costuma Deus dilatar o castigo a traidores, como foi visto, em que D. Sancho tirando a seus irmãos as vidas e patrimonios, deu occasião a Velhido para lhe tirar a vida, e continuando em a querer tirar a suas irmãas foi morto Velhido como premio de seu merecimento.

Com a morte d'el-rei D. Sancho favoreceu Deus a causa de seu segundo irmão D. Affonso, porque tanto que soube de sua morte, logo sahio da religião em que este rigorosamente o fez entrar por força, tirando-lhe o reino de Leão que seu pae lhe havia dado, e logo tomou posse do reino de Castella, e se apoderou do de Navarra, e Leão, Portugal, e Galliza, por cuja causa foi chamado Imperador, como seu pae. Ainda que muitos querem que elle adquirisse este titulo por ganhar aos Mouros a imperial cidade de Toledo, e outros lho dão por ser principe muito liberal.

Foi este principe escolhido por Deus para illustre progenie de todos os reis da christandade, foi cazado muitas vezes, e entre as mulheres que teve, segundo Brandão

Digitized by Google

no L. 8. p. 3.ª C. 12, foi uma dellas D. Ximena Nunes de Gusmão, appellido fatal, que o ceo tinha destinado para as rainhas de Portugal, não só para mãe da primeira quando se principiava a Monarchia, mas tambem da presente em que mostra dar principio a um imperio nos descendentes de outra D. Luiza Francisca de Gusmão, filha do Ex.mo Snr. D. João Manoel Peres de Gusmão, 3.° duque de Medina Sidonia, mulher do serenissimo snr. rei D. João o 4.°

Muitos querem que a rainha D. Ximena Nunes de Gusmão não fosse legitima mulher do imperador D. Affonso, se não sua manceba. Um Rodrigo Mendes da Silva, que perseguido da inquisição de Portugal se passou a Castella, sendo ali chronista d'el-rei D. Filippe 4.° como queixoso, no catalogo real que escreveu de Castella disse, que D. Ximena Nunes de Gusmão, filha de D. Alvaro Dias de Gusmão, rico homem, e sexto senhor da casa de Gusmão, fôra manceba d'el-rei D. Affonso 6.° de Castella, e que della tivera D. Thereza, mulher do conde D. Henrique, e o segue Brito no elogio dos reis de Portugal, dizendo, que muitos AA. assim o escreveram, e que não importava que fosse, ou não fosse legitima, porque pouco hia nisso, quando depois tivemos outra que foi mulher d'el-rei D. Affonso 3.°, filha bastarda d'el-rei D. Affonso 10.° de Castella, e não deixou por isso de ser mãe d'el-rei D. Diniz de Portugal, que foi um dos famosos reis da christandade. E assim um como outro tinham obrigação de examinar, e escrever a verdade.

Examinando esta o padre Brandão diz no L. 8. de sua hist. p. 3. C. 12, que D. Ximena Nunes de Gusmão fôra legitima mulher d'el-rei D. Affonso 6.° de Castella, chamado imperador, e que para assim o affirmar tem fundamentos no breve do papa Gregorio 7.°, que diz estas palavras: — *Vires resume, illicitum connubium, quod cum*

Digitized by Google

uxoris tuae consanguinea fecisti penitus respue. Isto é, «Animai-vos, e tornai-vos a apartar do matrimonio illicito que celebrastes com a parenta de vossa mulher:» com que claro consta desta bulla annullar o papa o casamento d'el-rei D. Affonso 6.° com D. Ximena, por causa do parentesco que tinha com uma das mulheres do dito rei. Porque naquelle tempo era tão difficultoso aos Summos Pontifices dissimularem com os reis ajuntarem-se com parentas, como passarem dispensas em tal materia; e assim annullado o matrimonio tomaram fundamento para dizer que era illegitima a rainha D. Thereza, mulher do conde D. Henrique.

Muitos fundamentos temos sobre a legitimidade da dita rainha D. Thereza, alem do acima dito: é o segundo, que o conde D. Henrique seu marido depois da morte d'el-rei D. Affonso 6.°, seu sogro, fez opposição aos reinos de Castella e Leão, adquirindo nelles por armas muitas terras, e no de Galliza, que perseveram no dominio de Portugal depois de sua morte, e delle diz o conde D. Pedro no seu Nobiliario, Tit. 7.°, que morrera em Astorga estando de accordo com a villa de Leão se haver de entregar, se o imperador a não soccorresse em quatro mezes, como diz Brandão p. 3ª L. 8. C. 14.

E' o terceiro fundamento ser a nossa rainha D. Thereza sempre nomeada por esse titulo, que naquelle tempo se dava ás filhas legitimas dos reis, e pelo contrario nem com o titulo de Donas se appellidavam as bastardas, o que todos admittem. E' o quarto fundamento, que tendo el-rei D. Affonso 6.° de sua terceira mulher D. Constança, tia do nosso conde D. Henrique, irmãa de seu pae uma filha chamada D. Urraca, e de sua quarta mulher duas, D. Constança e D. Elvira, filhas de madama Brita, a nenhuma destas, sendo de legitimos matrimonios, deu o reino de Portugal. Porque se á primeira por não ter

Digitized by Google

filho, pertencia o reino de Castella, bem podia o rei seu pae dar o reino de Portugal e Galliza a D. Sancha e a D. Elvira, filhas legitimas, e não buscar D. Thereza a quem querem fazer bastarda: e dado caso que o fôra, e seu pae lhe désse o reino por amor, e não de justiça, as que eram legitimas e seus maridos, por força de armas lho haviam querer tirar, o que não ha historia alguma que o manifeste: antes nos consta que o conde D. Henrique fez guerra ao reino de Castella e Leão: com que é força que digamos de duas uma, ou que a rainha D. Thereza era legitima, ou que entre as familias legitimas, e bastardas dos reis daquelle tempo não havia differença.

Mais se argúe contra a legitimidade da rainha D. Thereza, que sua mãe a rainha D. Ximena Nunes de Gusmão fôra primeiro cazada com D. Moninho da Maya, de quem tivera D. Gontarda Nunis, mãe de D. Soeyro, o bom da Maya, e que não sendo viuva de reis, ou principe, não havia el-rei D. Affonso 6.° casar com ella. Ao que se responde que a rainha D. Mecia Lopes de Haro sendo viuva sem ser de reis ou principe, cazou com el-rei D. Sancho de Portugal, e el-rei D. Fernando casou com a rainha D. Leonor Telles de Menezes, sendo mulher de Lourenço da Cunha, porque os appetites dos reis se não podem quartar.

CAPITULO 54.°

Em que se dá noticia da causa que teve o conde D. Henrique para vir á Hespanha, e de suá nobreza, e patria.

Ha muitas opiniões sobre a causa que teve o conde D. Henrique para com outros principes, e mais gente sua aggregada vírem á corte d'el-rei D. Affonso 6.° de Castella chamado o imperador. Dizem alguns fôra a do cazamento deste rei com sua terceira mulher M.° Constan-

Digitized by Google

ça, tbia do mesmo conde, irmãa de seu pae, e que elle com outros camaradas a vieram acompanhar a seu recebimento. Outros dizem, que vieram ajudar o dito rei nas guerras que trazia contra os Mouros, na occasião que lhes tinha sitiada a cidade de Toledo, que foi das maiores cousas daquelle tempo; e esta opinião é a que podemos ter por mais certa, como diz o arcipreste de Santa Justa, quando trata do tempo que este principe veio á Hespanha. — *Comes Raymundus, et Henricus consanguineis postea generi Affonso Imperatori, venerunt ad obsidionem Toleti, illico interfuerunt.* Isto é: «O conde D. Raymundo, e D. Henrique, parentes, e depois genros do imperador, vieram ao cêrco de Toledo, e nelle se acharam presentes:» pelo que devemos averiguar por certo, que a causa de vir o conde D. Henrique á Hespanha, e seus companheiros, foi o cêrco de Toledo, por ser cousa tão grande, que ainda nas terras mais remotas teve muito nome: e como esta guerra era tão santa por ser contra Mouros, todos os principes christãos se queriam achar nella.

Não faltou quem dissesse que o conde D. Henrique era um soldado de fortuna, que por ganhar honra, e fama se sujeitára ao risco da guerra, e a buscára em Hespanha aonde naquelle tempo as havia mais crueis contra os Mouros, e que esta fôra a causa de elle sahir de sua terra. Não se enganou quem lhe chamou soldado, porque o foi elle tão grande como esclarecido principe, e em toda a sua chronica se manifesta assim seu valor, como sua nobreza. Outros variam assim em sua progenie, como na patria; mas todos conformam em sua nobreza dizendo, que era de sangue real: de França, Inglaterra, Allemanha, Borgonha, e Aragão; todos dizem bem, porque de todas estas partes tinha o illustre do sangue.

A patria verdadeira do conde D. Henrique foi Borgonha, porque era filho de Henrique, duque de Borgo-

Digitized by Google

nha, e de sua mulher Ellia de Semier, neto de Roberto, e de sua segunda, Margarida de Samury, que teve a investidura nos estados de Borgonha, bisneta d'el-rei Henrique de França, e de sua mulher Anna, 3.° neto de Roberto, e de sua mulher a rainha D. Constança, a candida, reis de França, 4.° neto de Hugo Capeto rei de França, e de sua mulher D. Branca, com que supposto que o conde D. Henrique tenha tanta parte do sangue real de França, com tudo sua patria é Borgonha, estado de seus paes, e avos.

Foi o nosso conde D. Henrique filho posthumo de seus paes, porque o primeiro a quem pertenciam seus estados se metteu Monge, e largou a seu irmão chamado Odo, fundador do insigne mosteiro de Cister, e o conde D. Henrique com fervoroso zelo de servir a Deus na santa guerra que el-rei D. Affonso 6.° de Castella fazia aos Mouros em Hespanha, o veio ajudar com seus companheiros, e todos com honrados desejos de vencer inimigos da fé de Christo se houveram tão valorosamente no descêrco da cidade de Toledo, que el-rei com sua ajuda alcançou dos Mouros gloriosas victorias. Entre todas foi a tomada da cidade de Lisboa, que depois os Mouros recobraram, com a qual ficou tão temido, e poderoso, que muitos dos infieis desampararam as terras que possuiam, sem serem ainda constrangidos, e outros se metteram debaixo de seu jugo, e obediencia.

CAPITULO 55.°

Em que se dá noticia do casamento do conde D. Henrique com a rainha D. Thereza.

Não era o conde D. Henrique entre os três principes companheiros o que tinha o menor lugar na nobreza, e esforço, nem no galardão de suas obras ficou inferior a

Digitized by Google

nenhum delles. Porque supposto que ao conde D. Reimão, filho de Guilherme 2.° conde de Borgonha, désse el-rei D. Affonso a sua filha primeira D. Urraca senhora dos reinos de Castella em casamento, seria por ella ser prima do conde D. Henrique, filha de Madama Constança, irmãa de seu pae, e o parentesco impedia o matrimonio, para cuja dispensação os pontifices naquelle tempo não queriam passar bullas.

Mas o conde D. Henrique não ficou menos avantajado com D. Thereza filha do mesmo rei D. Affonso 6.°, e de sua mulher a rainha D. Ximena, com quem lhe deu em dote o reino de Portugal, com todas as terras possuidas de christãos, como foram as cidades de Coimbra, Porto, Vizeu, Lamego com todas as mais da comarca da Beira, e Traz-os-Montes, e toda a mais terra que está desde Guimarães até ao castello da Lobeira, duas legoas alem de Ponte-Vedra em Galliza. Concedendo-lhe mais, que toda a mais terra que elle em Hespanha conquistasse aos Mouros de Coimbra até ao rio Guadiana (que divide Alemtéjo de Castella), a pudesse senhorear como sua, o qual foi um grande e glorioso patrimonio para seus descendentes.

E como a terra de Portugal estava mais que outra qualquer sujeita ao impeto das armadas e exercitos dos infieis por mar, e terra, só o valor do conde D. Henrique podia rebatêl-os, e por isto lhas entregou, e não se enganou, pois elle e seus descendentes as souberam defender mui bem.

Quando o conde D. Henrique sahio de Borgonha para ajudar el-rei D. Affonso 6.°, já se intitulava conde, pois era costume dos principes da casa de Borgonha chamarem-se condes os segundos, assim como em algumas casas de Allemanha chamarem-se duques, como em Baviera e Austria, aonde ainda as mesmas filhas se intitu-

Digitized by Google

lam igualmente duquezas, e archiduquezas. E que elle se chamasse conde antes de seu casamento se prova de Juliano arcipreste de Toledo já referido — *Comites Raimundus, et Henricus.* Manoel de Faria na plan. ao conde D. Pedro diz: — Y por estas rasones juntas, y nom porque el de Castilla le nombrasse assim al dar-le aquellas terras en dote con su biga se llamo conde de Portugal D. Henrique tronco de sus reis. — Isto mesmo prova Brandão, 3.ª p. L. 8. C. 10. Fôra cousa indecente a el-rei D. Affonso de Castella, quando deu em dote ao conde D. Henrique o reino de Portugal com sua filha D. Thereza, mudar-lhe o nome de reino em condado, que elle havia retido tantos seculos antes: porque já el-rei D. Garcia seu irmão se intitulava rei de Portugal: e com este titulo lho deu el-rei D. Fernando seu pae. E de tempo mais antigo consta ser a cidade de Braga assento e corte dos reis de Hespanha, e Portugal. O conde D. Pedro chama a el-rei D. Affonso o catholico, D. Affonso de Braga, por elle ter ali sua corte. E de um privilegio concedido á Sé de Braga em Fevereiro de 909 se diz: — *Regnante in Galetia, et in extremis Minii et in extrema Dorii Ordonicus Rex Aldefons filius.* E Arg. de Mol. na Nobr. de And. L. 20. C. 85 diz, que levou em dote o reino de Portugal, com que fica sem duvida ter sempre Portugal o nome de reino, e não o de condado, e por esta razão a senhora D. Thereza sempre se intitulou rainha.

CAPITULO 56.º

Como o conde D. Henrique se partio para a villa de Guimarães, e ali fez sua corte.

Cazado o conde D. Henrique com a rainha D. Thereza em 1090, logo se partio para a villa de Guimarães, que ainda era a antiga Araduca, lugar que lhe foi desti-

Digitized by Google

nadò por el-rei D. Affonso seu sogro, que como ali tinha estado de romagem á Virgem Nossa Senhora, lhe pareceu acommodado para o intento de continuar delle as guerras aos Mouros, e lançal-os fóra dos lugares que senhoreavam em Portugal. Aonde com zelo, e fervor de servir a Deus, tanto que teve composta sua casa fez taes obras contra os infieis, que deu mostras de seu sangue e valor, merecedores de maior estado E como principe valoroso começou logo de o accrescentar, assim nas cousas temporaes, como ecclesiasticas, e como catholico restaurou e reedificou suas igrejas cathedraes, restituindo-as a seus antigos bispados, que no tempo dos Godos haviam tido, as quaes foram Braga, Coimbra, Porto, Vizeu, e Lamego, dando com esta obra catholico principio ao senhorio de Portugal, cuja cabeça no espiritual era Braga, e no temporal Coimbra, que por muito tempo foi morada, e assento dos antigos reis: como Toledo é o verdadeiro assento dos reis de Hespanha, Paris de França, Londres de Inglaterra, Edimburgo de Escocia, Compenhague de Dinamarca, Stocholmo de Suecia, Viena de Alemanha, Constantinopla de Turquia, Tauris da Persia, Marrocos da Mauritania, Pechim da China, Odia de Syão, Moaco do Japão, Camballo do Grão Cão do Catayo, Sarma da Tartaria, Mexico da Nova Hespanha, Cuseo do Peru. O primeiro bispo de Braga nesta sua restauração foi S Giraldo, e de Coimbra Mauricio, ambos Francezes.

CAPITULO 57.°

Como o conde D. Henrique foi com os mais principes a Oriente ajudar a guerra santa, e vizitar os lugares santos de Jeruzalem.

Concluidas todas as obras virtuosas que o conde D. Henrique em Guimarães estava ordenando em seu reino,

Digitized by Google

e não se contentando com a guerra que aos Mouros seus vizinhos fazendo estava, determinou de os hir buscar ao Oriente, e ajudar aos principes christãos nas conquistas ultramarinas, e vizitar os lugares sagrados da santa cidade de Jeruzalem, com o que no anno do Senhor de 1105, acompanhado de muita gente do seu reino, e de tudo o mais que para viagem tão comprida lhe era preciso, e convinha a authoridade de sua pessoa, e dos principes seus parentes, que na mesma guerra militavam, partio de Guimarães em companhia de Hugo de Luzignãa, irmão de D. Reimão seu cunhado, e se juntaram com muitos principes Francezes e Allemães, e outra muita gente, que com o mesmo intento queriam servir a Deus. Os quaes chegando a Constantinopla, aonde reinava o tyranno imperador Alcixo Comeno, foram delle bem recebidos, no que no exterior parecia, mas internamente vendidos, porque passando de Constantinopla para a Azia Menor se dividiram os principes christãos por conselho do imperador dizendo-lhes, que não convinha passar tanta gente junta á Azia, porque seria a perdição de todos.

Nesta traição que o tyranno imperador teceu, foram dos christãos presos e mortos mais de cincoenta mil, e os que ficaram livres, entre os quaes foi o conde D. Henrique, se recolheram com muito trabalho em Farsis, e dahi á cidade de Antioquia: e sendo nella melhor hospedados do que em Constantinopla passaram ávante, aonde o nosso conde achou seu cunhado D. Reimão de Toloza, e unidos ambos com suas gentes tomaram uma cidade maritima chamada Tortoza, que por consentimento de todos foi dada a D. Reimão, pelo muito que na conquista della arriscou sua pessoa e vida. Em quanto o conde compunha a sua cidade de Tortosa partio o conde D. Henrique a vizitar a santa cidade de Jeruzalem, aonde se occupou em outras guerras, e depois de ter visitado os lugares sa-

Digitized by Google

grados daquella provincia se partio para seu reino trazendo comsigo muitas reliquias, entre ellas um braço do evangelista sagrado S. Lucas, que lhe deu o imperador Aleixo Comeno quando tornou por Constantinopla, que elle collocou na Sé de Braga aonde se venera.

Adoeceu o conde D. Henrique na cidade de Astorga em Galliza, e conhecendo ser de morte sua doença, mandou a Guimarães chamar seu filho D. Affonso Henriques, e como pae lhe lembrou naquella ultima hora de sua vida as cousas que devia fazer para servir a Nosso Senhor, a quem entregou sua alma no anno de Christo de 1112, havendo 21 que governava seu reino, mandou enterrar seu corpo na Sé de Braga, em uma capella pequena com toda a humildade. Donde depois foi trasladado para a dita mesma Sé pelo arcebispo D. Diogo de Souza, em monumento da parte do Evangelho.

CAPITULO 58.°

Em que se da conta do nascimento d'el-rei D. Affonso Henriques.

Nasceu el-rei D. Affonso Henriques na villa velha de Araduca em 1094, e na parrochia de S. Miguel foi baptizado pelo arcebispo de Braga S. Giraldo, na pia que depois se trasladou para a real collegiada, aonde se venera. Trouxe este principe em seu nascimento as pernas pegadas por detraz uma na outra, aleijão que deu tanto sentimento a seus paes, que o não queriam dar a criar a D. Egas Moniz, a quem o tinham promettido antes do parto, pela grande diformidade com que Deus lho quiz mostrar, mas movidos de seus rogos, e instancias lho entregaram, a quem o bom vassallo criou com tanto resguardo, como se fôra em saude perfeita. Mas a Virgem Nossa Senhora apiedando-se de quem sabia que na vida lhe

Digitized by Google

havia fazer grandes serviços, e depois de sua morte lhos haviam continuar seus successores, de tal maneira que não se contentando em fazer venerar seu santo nome na Hespanha, o levaram á veneração das terras orientaes; Inflammada no amor que já então tinha para com os reis de Portugal, Ouvindo as orações dos lastimosos paes do menino, appareceu a D. Egas Moniz em sonhos, e lhe disse, fosse a um lugar junto da cidade de Lamego chamado Carqueres, e que mandando cavar achariam ali uma igreja, que se havia em outro tempo começado em seu nome, e uma sua imagem, que concertando tudo, e fazendo ahi vigilia pozesse o menino sobre o altar, e que logo sararia.

Dizem os chronistas que a Gloriosa Virgem encommendára a D. Egas Moniz, que dahi em diante criasse o menino com o mesmo resguardo com que até ali o fazia: porque seu amado filho tinha determinado por elle, e seus descendentes destruir muitos inimigos de seu nome, e como não faltava poder em quem isto promettia para o effectuar, se cumprio sua palavra: porque em todos os reis descendentes d'el-rei D. Affonso Henriques se experimentou entranhavel desejo de destruir os inimigos de Jesu Christo: e contra elles fizeram muitas guerras por mar, e terra. Tudo o que em sonhos foi mandado fazer D. Egas Moniz, elle o cumprio como se podia esperar, e o principe menino ficou de todo são.

Por este milagre, e pela grande devoção que o conde D. Henrique teve sempre á Virgem Senhora Nossa, mandou no lugar de Carquere edificar um mosteiro dedicado a seu santo nome, aonde depois estiveram conegos regrantes de Santo Agostinho, e agora religiosos da Companhia, foi esta mercê de Nossa Senhora feita ao principe D. Affonso em 1099, destinando-o Deus para favorecer a christandade, como fez aos principes christãos oc-

Digitized by Google

cidentaes, que ganharam a santa cidade de Jeruzalem, levantando por rei o famoso Godfredo de Bulhon, duque de Lotaringia, parente chegado do conde D. Henrique, por ser o primeiro que na investida á cidade subio seus muros, lançando por terra apezar dos Mouros, a insignia do falso propheta, arvorado em seu lugar o estandarte de nossa redempção.

Com a milagrosa saude do principe D. Affonso Henriques, ficaram seus paes tão contentes, e seus vassallos tão animados com a promessa da Virgem Maria de que por elle o reino seria livre do terrivel jugo da gente Mauritana. E como a promessa da Senhora era Escriptura Sagrada, logo o principe nos tenros annos de sua idade começou a dar principio á escola militar. Offerecendo-lhe a primeira inquietação da guerra (sendo ainda viva sua mãe) el-rei D. Affonso de Castella seu primo: aonde este perdeu a batalha de Valdevez em 1117, na qual ficou a gente do principe vencedora, e desbaratados os Castelhanos. Estaço C. 23, diz, que entre 9 annos de 1128. — Galv. C. 8.

Depois no anno de 1130 sendo já fallecida a rainha D. Thereza, estando el-rei desapercebido não esperando a guerra, sentindo a saudade da rainha sua mulher o veio cercar á villa de Araduca, onde tinha seu palacio o mesmo rei D. Affonso de Castella, dando por causa que o principe seu primo lhe não queria dar obediencia, aonde a industria do ayo D. Egas Moniz, supprindo a falta de gente fez levantar o campo com promessa de que o principe seu senhor lhe obedeceria: e depois de faltar o promettido sahio de Guimarães com mulher, e filhos vestidos todos de linho com baraços ao pescoço, e entrando desta maneira em Toledo se apresentaram a el-rei D. Affonso 7.º, offerecendo a vida de tantos pela culpa de um só. Compadecido o rei do espectaculo lhe louvou a acção, e perdoou o castigo. Est. C 23. Galv. C 10.

Digitized by Google

Sabendo o principe D. Affonso Henriques, que Echa Martins, rei mouro de Lamego, fiado de seu poder, sahíra de suas terras destruindo tudo quanto se lhe punha diante, o principe mandou de Araduca D. Egas Moniz seu ayo, que juntasse toda a gente que podesse d'entre Douro e Minho. e junta ella não reparando o principe em seus poucos annos sahio a buscar os Mouros sem dilação, pois a brevidade com que se atalham os males é remedio delles, e os achou em um valle junto do mosteiro de Arouca, e porque os Mouros hiam muito carregados de captivos, e despojos, mandou o rei sua mulher Axa Azures com outras mulheres nobres do exercito, bagagem, captivos, e fazenda que tinham roubado para uma serra alta, a que chamam Serra Sêcca; e tanto que nella estiveram ordenou o Mouro seu esquadrão na fralda della, tendo as costas seguras com o monte. Chegando o principe á vista dos Mouros, e vendo sua boa ordem, mandou a Egas Moniz, que com duas companhias fosse rodeando a costa da serra no maior silencio da noite, o qual o fez de tal sorte, que de manhãa se pôz de emboscada junto da rainha, e bagagem, e avisou o principe, que sendo manhãa acommettesse os Mouros com toda a força, e os assaltasse com grande estrondo, e gritaria dos soldados, para que este estrondo não deixasse ouvir aos Mouros a grita das mulheres na serra, e o alvoroço dos captivos vendo sua liberdade, e para que tambem não tivessem tempo de se retirar. O principe o fez assim, e a batalha foi a mais sanguinolenta, que houve em Portugal até áquelle tempo: porque os Mouros pelejavam pela reputação de vencedores: os catholicos investiam por livrarem os seus na emboscada, e pelo desejo de vingarem as afrontas que lhe tinham feitas em suas terras, e darem liberdade aos captivos. Estando a peleja no maior conflito se ouviram no alto da serra os gritos

Digitized by Google

das mulheres que morreram á espada, e entre suas tristes vozes, as alegres dos captivos que se viam em liberdade, e senhores dos despojos. E Egas Moniz se retirou para o exercito trazendo prizioneira a rainha Axa Anzures, e outras.

Quando o rei mouro Axa Martins soube o desbarate da serra, e que a rainha estava em prisão começou a desmaiar, e como quem já se lhe não dava de perder a vida, carregou sobre os christãos com grande impeto, mas os catholicos, que já estavam animados com a victoria da serra, e soccorridos por D. Egas Moniz, e sua gente lhe receberam o combate tão valorosamente, que nelle foi preso o rei Mouro, e com sua prisão se acabou a batalha. Vencido este, logo o principe D. Affonso caminhou para Lamego, a tomar posse daquella cidade, levando presos o rei e a rainha, que no caminho trataram com o principe que os deixasse em liberdade, porque se queriam fazer christãos, e lhe queriam pagar tributo, e reconhecer por seu rei. Concedeo-lhe o principe o que pediam, e elles se baptisaram com grande contentamento do principe, que lhe fez mercê da cidade com sua jurisdicção, e com esta doação se tornou Echa Martins a seu reino, e os Portuguezes para suas casas, ricos com os grandes despojos que ganharam.

Fez o principe mercê a seu ayo Egas Moniz por premio desta victoria das terras d'entre rio Balsemão, e Baresa, e outras até o rio Tavora, que elle desoccupou de Mouros, e povoou de gente d'entre Douro e Minho, e fez uma grande quinta no lugar em que está o mosteiro de Salzedas, o que elle depois edificou á sua custa no anno de 1104.

Digitized by Google

CAPITULO 50.

Como o principe D. Affonso assistindo em Araduca fez o mosteiro de Muma Dona sua capella real, com collegiada, e se partio a lançar os Mouros fóra do reino.

Continuou o principe D. Affonso Henriques a sua corte em Araduca, e augmentando o mosteiro de Muma Dona, e sua capella real, como já o tinha principiado o conde seu pae, e a rainha sua mulher, e pôz o mosteiro em fórma de collegiada; e o concurso de pessoas que vinham á sua corte foram augmentando o Burgo, e vendo-se o principe em 18 annos de idade, mais acommodado para folguedos, do que para o exercicio das armas, offereceu a estas seus tenros hombros, e se partio de sua villa com muitos de seus moradores, a dilatar o senhorio de Portugal entre Douro e Minho, e Traz-os-Montes, e algumas de Galliza.

Primeiro que o principe sahisse de sua corte ouviu uma missa na collegiada no altar de Nossa Senhora, em que mandou pôr suas armas: acabada a missa, as pedio á Senhora, dizendo: — «Senhora, com aquestas armas, que vós ora daes, as quaes eu hei por tomadas de vossas mãos, confio eu, e espero em vossa mercê e virtude ganhar nome de rei, e reino em nome e louvor de Nosso Senhor Jesus Christo, vosso bento filho.» Estác. C. 24. Com estas esperanças se partio o principe desta sua villa, e fez seu primeiro assento na cidade de Coimbra, donde conquistou aos Mouros toda a terra que vae desta cidade até Cintra, e tambem o Alemtejo, e sujeitou o Algarve, e algumas terras de Andaluzia, as quaes depois rebelaram por não ser o numero dos Portuguezes bastante para as prezidiarem, como diz a historia dos Go-

Digitized by Google

dos — *Dilatavit Dominus per confines christianorum, et auxit terminos fidelium populorum a flumine Mondego qui discurrit juxta muros Colimsriæ usque ad fluvium de Alquivir, qui vadit per Hispalim civitatem etc.*

Se a corte do principe ficou chorando sua ausencia, não padeceu o santo mosteiro de Muma Dona a diminuição de seus devotos, antes foi mais frequentado, e favorecido, porque como o principe hia despojando de seu reino os infieis, ficaram as terras livres para os catholicos fazerem suas romagens á Santa Virgem, por cuja causa o Burgo cresceu em tal maneira, que em poucos tempos se vio grande povoação com capacidade para ter nome de villa: e para daf noticia de sua grandeza, o quero primeiro fazer da sagrada imagem de Nossa Senhora.

CAPITULO 60.°

Como o apostolo S. Thiago entrou nas Hespanhas, e prégou entre Douro e Minho.

Opinião provavel é que o bemaventurado apostolo S. Thiago entrou nas Hespanhas, e como sol desterrou dellas a obscuridade da idolatria, e em Galliza, e entre Douro e Minho entrou no anno de 36, segundo a conta de Flaviano Dextro. Faria T. 1. p. 3.ª C. 1. Assim o tem as igrejas Bracarense, Eborense, Cezar augustana, Granatence, Acitania, Abulense que nas suas rezas a confirmam: com Santo Izidoro, S. Braulio, Lopomano, e outros AA. o affirmam; e diz o papa Calixto 2.°, que vindo no anno de 36 o sagrado apostolo S. Thiago á provincia d'entre Douro e Minho, ajuntára nove discipulos, e que era maior parte de naturaes della, e delles foram dous os mais celebrados, e mais mimosos do santo, S. Pedro de Rates, de cujas excellencias tratámos, e a quem o sagrado apostolo resuscitou para o collocar primeiro bispo

Digitized by Google

Bracarense, como diz Santo Athanazio bispo de Saragoça, quasi no tempo dos apostolos. — *Ego novi sanctum Petrum 1.um Bracharensem Episcopum, quem antiquum Prophetam suscitavit Jacobus Zebedæi filius Magister meus.* — Isto é: « Eu conheci a S Pedro 1.° bispo Bracarense, a quem antigo propheta S. Thiago meu mestre resuscitou: e com quanto se conforma o catologo dos bispos de Tui a fl. 11. O 2.° foi o glorioso S. Torquato a quem o sagrado apostolo resuscitou da culpa da idolatria, baptizando em Guimarães, e o fez 1.° bispo da cidade Acitania, situada junto ao Rio Ave, legoa e meia de Guimarães para o norte, de que não ha mais que alguns alicerces de suas ruinas. Faria T. 1. p. 3.ª

Repartio o sagrado apostolo seus discipulos por diversas partes para converter a gentilidade, e se foi a Saragoça, aonde levantou o primeiro altar á Virgem Nossa Senhora na Hespanha, que hoje se chama a Senhora do Pilar, e tornando a Braga collocou outra em uma gruta junto ao templo da deusa Isis, que está em Guimarães, e com o titulo de Senhora de Oliveira, no simulacro de Ceres. Faria T. 1. p. 3.ª faz menção das duas primeiras imagens, e da Senhora da Oliveira, temos a tradição dos religiosos Bentos, primeiros capellães da Senhora, noticias dos antigos archivos: os padres Fr. Bernardo de Braga, Fr. João do Apocalypse, fazem menção de uma epistola gothica que estava no templo de Ceres, de que fallaremos.

Depois que o sagrado apostolo collocou duas imagens de Nossa Senhora em Braga, e Guimarães, se partio para Jeruzalem, donde no mesmo dia em que o Senhor consumou a redemppão do genero humano com a morte da Cruz, padeceu martyrio pelos judeus, e depois seus discipulos embarcando em Jope com as reliquias de seu sagrado corpo navegaram com bonança até chegarem em

Digitized by Google

Portugal a um lugar chamado Bouças. Succedeu que um rico homem, que havia na terra de Gaya, cazava então sua filha com outro rico homem da outra parte do Douro na terra da Maya, como diz D. Mauro Cast. na vida do santo apostolo. «Veniendo por el mar oceano de España, por aquella parte que corresponde a la ciudad del Puerto, y sus comarcas, honrou Dios a su Apostolo:» e com a vista da embarcação, onde vinham as sagradas reliquias, foram as bodas tão venturosas que lhe não importou menos que a salvação de suas almas, e as dos convidados, que eram em grande numero, pois eram os espozados principaes pessoas de suas terras.

Entre as familias mais illustres que achamos em Hespanha depois de Christo Senhor Nosso, é uma a dos Lopes, ou Lobos, enobrecida por Caio Sevio Lobo, que edificou o castello velho de Corunha, dedicado a Marte, imperando Augusto Cezar, como consta do letreiro que ali está.

Marti, August. Sacro
C. Sevius Lupus.

Por onde se collige que erá principe, ou regulo, pois seu nome foi esculpido na Torre, quando os Romanos já tinham feito leis para que se não puzesse nos edificios palacios se não o nome da republica, ou do principe que os mandava fazer, a qual lei guardou mui bem o mestre da obra Aulo de Chaves nosso Portuguez, aproveitando-se de umas pissarras junto da mesma Torre, nas quaes pôz seu nome desta maneira.

Architetus Aul. Flaviensis
Lusitanus exuo.

Desta illustrissima familia de Lopos, ou Lobos se derivou a antiga familia de Lopes, de que descenderam tres mulheres mui celebres em Hespanha, quando nella se começou a prégar o sagrado Evangelho pelo glorioso S.

Digitized by Google

Thiago, e seus discipulos. Foi a primeira Caya Loba, que se chama D. Loba na historia do dito Santo, aonde se lê, que se não converteu á fé de Christo senão depois de muitos milagres que fizeram as reliquias do santo apostolo diante della. A segunda foi D. Loba de Gadis, da qual está escripto na historia de S. Torquato, que por elle baptisada sendo já bispo em Andaluzia. Foi a terceira, e a que nos serve é a nossa Claudia Lobo, Portugueza, a qual se converteu quando as reliquias do Santo vieram sobre o mar Oceano á vista do lugar de Bouças.

Era esta a espozada que celebrava suas bodas naquella praia de Bouças quando passou o navio com as reliquias do santo apostolo, ella se chamava Claudia Loba Calense, por ser do Porto, e o esposo se chamava Cayo Carpo Paleniano, isto é da Maya, ou Mayo como se vê no livro dos letreiros antigos. Vinha a nobreza da esposa de familia Claudiana, originada de Claudio Sabino, que com cinco mil soldados veio a Roma depois qne esta cidade não teve rei, como se vê em Tito Livio,

Foi esta Claudia, como dissemos, cazada com Cayo illustrissimo varão ajudador de Claudio Athenadoro, Perfeito dos mantimentos que cada anno haviam render as terras d'entre Douro e Minho, o qual vivia na Maya, terra bem conhecida, e das que mais vizinham com a cidade do Porto, a que os antigos chamaram Palancia. Estes ambos receberam o baptismo no dia de seus despozorios, á vista dos milagres que contaremos depois qne dérmos noticia de um epitafio que este Nobilissimo pôz no sepulchro, que fez para si, e para sua mulher Claudia Loba, o qual está no theatro dos letreiros antigos a fl. 98.

C. Carpus Aug. Lib. — Palancianus — Adjutor Claudii. Athenodori Pref — Anonæ fecit — Sibi et Claudiæ. Lupæ Callensi — Conjugi Piissimæ — Tito Claudio Quir. — Antonio et lib. — Claudio Romano — Vernæ et libertis. — Libertatus que Posteris que eorum.

Digitized by Google

Quer dizer; — Cayo Carpo do Maya Liberto de Augusto Cezar, Ajudador de Claudio Athenodoro, Perfeito da renda dos mantimentos, fez este monumento para si, e para Claudia Loba Calense sua mulher, mui pia, e para Tito Claudio Quirino, para Antonio filho, Liberio Claudio Romano Servo, que lhe nasceu em casa, para os que haviam sido seus servos, e estavam livres, assim homens, como mulheres, e para seus descendentes.

Temos mostrado o que pertence a Cayo Carpo da Maya, e Claudia Loba do Porto, espozos que celebraram as bodas quando as reliquias do santo apostolo passavam á vista da praia de Bouças para Galliza: como se lê na historia do mesmo Santo, que está no *Flos Sanctorum*, manuscripto no mosteiro de Alcobaça.

Refere D. Mauro Castella no L. 2. C. 2.° da vida do Santo as maravilhas que estão no dito *Flos Sanctorum* por esta maneira. «O noivo *befordando* o cavallo em que hia, tirou pelo freio, e metteu-se com elle em la mar, e sonegou por só leagua até o direito da nave, hu andava o corpo de Santiago, e ali saltou o cavalleiro a par da nave, e calou-se, e vio o cavallo, e a sella, e o peitoral, e as estribeiras, e alamia, e os panos todos cheios de vieiras, e que viera de sob agoa sem damno nenhum, que houvesse, e que estava sobre o mar, bem como em terra chãa, maravilhosamente estando assim maravilhado vio a par de si a nave.»

Tres cousas ha neste caso notaveis, uma entrar este cavalleiro pelo mar sem se afogar, nem o cavallo: outra não se molhar, e vêr-se cheio de conchas, e vieiras, como pondéra a igreja de Oviedo.

Cunctis mare cernentibus — Natur Regis submergitur,
Sed a profundis ducitur — Totus plenus conchilibus.

Quando o cavalleiro se vio diante da náo, e dos discipulos do apostolo, lhe pedio lhe declarassem quem eram,

Digitized by Google

e porque razão estava cercado de tantas maravilhas, e o que significavam aquellas conchas e vieiras de que se via coberto? Elles fizeram logo seu rogo, e feita oração disse uma voz: «Nosso Senhor Jesus Christo quiz mostrar por ti aos que agora são, e hão-de vir, que a este seu vassallo quizerem amar, e servir, e que o vierem buscar ali hu elle fôr soterrado, que levem ende taes conchas como essas, de que és conchado, em maneira d'outras taes por signal, e por sêlo de privilegio que são seus, e por seus serão ende, e que depois no dia do grão juizo serão de Deus conhecidos por seus; e que Deus por amor da honra, que fizeram a este seu vassallo, e seu amigo em o buscar, os receberá comsigo na sua gloria do Paraizo.» Esta a causa porque os Romeiros a S. Thiago trazem as conchas nos chapéos.

Pedio logo o cavalleiro aos discipulos do sagrado apostolo que lhe dessem o baptismo que prégavam; e nota a historia, que não só foi logo bom discipulo, mas mestre da doutrina christãa, e que a persuadio á gente com que havia estado jogando as canas: depois de lhe contar tudo o succedido, não foi homem naquellas bodas nem mulher que o não crêsse, e que não prendesse o baptismo; e o noivo fez que o tomasse sua esposa, antes que elle a houvesse, e assim casou com ella, e foram aquellas duas terras de Gaya, e de Maya tornadas á fé de Jesus Christo, prégando-a aquelle cavalleiro que o fez muito bem até á sua morte.

Até aqui é o *Flos Sanctorum* citado, dando a entender que uma das primeiras mulheres gentias que receberam o baptismo em Portugal, foi esta, da qual advertimos, que pela muita devoção que tinha ao culto divino, é no epitafio chamada Piissima. Nota o licenciado Molina no livro das cousas notaveis de Galliza, que destes illustrissimos casados que faziam suas bodas em Bauças,

Digitized by Google

descendem os Pimenteis de Portugal, que ainda permanecem entre Douro e Minho, dos quaes se passou para Castella João Affonso Pimentel, senhor de Bragança, que foi naquelle reino conde de Benavente. Assim o denotam as cinco Vieiras que trazem por armas, as quaes estão esculpidas na torre alta do castello dè Bragança, e são as primeiras insignias que sabemos deste signal em familia alguma, sem duvida alguma mui digno de estimação, pois foi dado pelo ceo milagrosamente. E tambem ficaram estas divisas pertencendo ao nosso S. Thiago como nota o mesmo Molina.

Agora en el cabo por gusto, e sazon
Pongo el escudo del nosso glorioso,
Y de su cavallero nel mal venturoso,
No quedem sus armas sin declaracion,
Que fue de un milagre de un noble varon
El qual proseguiendo en el mar sus carreras
Del golfo tan lleno salio de veneras,
Que aora al Apostol'as dan por blason.

Foi feito este milagre das Vieiras no anno do Senhor de 44, em que, segundo os annaes de Baronio, succedeu a morte do glorioso Santo, e por conseguinte sua trasladação, da qual dizem as notas do dito A. que era celebrada em Hespanha a 30 de Dezembro como ordenou o papa Calixto 2.° por suas bullas. 3.° *Kalendas Januarii celebratur ejus translatio Hierosolimis facta Galætiam, itemque electio.* Tambem no mesmo dia se mandou festejar a eleição do mesmo Santo, e com razão porque foi escolhido para apostolo de nossa Hespanha, na qual assim como prégou sendo vivo, assim depois de morto a quiz honrar com suas reliquias.

O epitafio gothico que estava no templo de Ceres de que fizeram menção os AA. já citados neste capitulo, se deduz das formaes palavras de Fr. Bernardo de Braga. —

Digitized by Google

«No rocio, ou praça de Guimarães está um templo que foi da Gentilidade: é de obra Mosaica majestosa, e antiquissima, e as noticias que tenho é que foi dedicado a Ceres, o qual destruio S. Thiago prégando naquella terra, e nelle baptizou S. Torquato, e tendo lançado por terra os falsos idolos que nelle estavam, collocou no altar a Virgem Senhora Nossa, que ainda hoje se chama a Senhora da Oliveira, o que bem se prova de um letreiro que vi, e se achou junto á torre quando esta se começou de arruinar pelos annos do Senhor de 1559: em que depois de partida a pedra, tornando-se a ajuntar para se lerem as lettras, diziam assim. *In hoc simulacro Cæres Jacobus filius Zebedæi, germanus Joanis Imaginem Santæ Mariæ III Sæcis X.* Era o letreiro gothico, e em breves, mas a substancia é o que está dito. Tambem se acharam medalhas por onde alguns escriptores tomaram motivo para dizerem, que o templo fôra de Minerva.» Diz mais o A. «No cartorio do cabido daquella cidade achei claras noticias donde se infere esta verdade. Foi esta igreja dedicada a Nossa Senhora, depois sendo sua imagem collocada no mosteiro de Muma Dona, o povo a dedicou a S. Thiago, por ser o primeiro que nella levantou altar, e hoje se chama S. Thiago da Praça.»

Teve esta igreja Raçoeiros, como consta do pleito que teve com a real collegiada: cujos papeis estão no seu cartorio. Não se acha noticia do tempo em que se desannexaram, só sei que o mestre escola se intitula abbade de S. Thiago, e recolhe os fóros que se pagam a esta igreja. A imagem de Nossa Senhora se conservou neste templo até o anno de 417, em que entraram os Alanos, e Suevos em Galliza, e outras nações que queimavam os corpos, e imagens dos santos que achavam: e por essa razão o arcebispo de Braga, Pancracio, mandou esconder a imagem que o apostolo collocou neste templo. Con-

Digitized by Google

forme a memoria confusa, que achei no archivo Bracharense, em um pequeno monte chamado Latito, poucos passos fóra de Guimarães.» Até aqui são palavras formaes de Fr. Bernardo de Braga. Este monte Latito está hoje dividido em dous nomes, monte de Santa Maria, por esta parte ser o thesouro desta sagrada imagem, aonde foi escondida da furia dos idolatras, que é hoje a mais vizinha parte de sua igreja. A outra parte se chama Monte Largo; derivado de Latito: estão um e outro contiguos entre norte e nascente servindo de corôa a esta villa. E o nome de Monte de Santa Maria lhe deixou a Senhora quando delle foi desenterrada, e como o lugar onde foi enterrada se chamava rua das Oliveiras, por serem trazeiras das casas desta rua, daqui se derivou o nome de Oliveira, e não da que está defronte da porta da igreja como alguns dizem.

O arcebispo Pancracio convocou alguns bispos que andavam ausentes de suas igrejas para fazer em Braga Concilio Provincial em que se ordenou, que quando alguem em suas dioceses fizesse occultar as imagens sagradas fosse em lugar que uns e outros tivessem noticia para que ficasse até o tempo que serenado o ceo tivesse melhor fortuna a christandade; e é de crer que pertencendo Guimarães á diocese de Braga, seu arcebispo occultasse esta sagrada imagem por ser mui prodigiosa em todos os tempos. Faria T. 1. p. 3.

No mosteiro de Pombeiro, do patriarcha S. Bento, se guarda um pergaminho gothico, que leu Fr. Bernardo de Braga, sendo nelle abbade pelos annos de 1390, que faz menção de um monge chamado Martins Peres, que falleceu em 1380, o qual havia muitos annos que vivia enfermo, e entrevado, e assim se fez levar á Virgem Senhora de Guimarães, que ouvindo suas deprecações o restituio á sua antiga saude, em cuja memoria fez escre-

Digitized by Google

ver o dito pergaminho. «*Aos 16 de Outubro de 1330, antes da pestelença me cataram a Guimarães para vêr Santa Maria, e por tal me endireitou o braço, e houve saude, que estava encolheito, e com grão falta, e assignei com elle. Logo o chantre, conegos, e clerigos fizo procção a S. Thiago donde me disgo que vino Santa Maria la antiga, que fizo Santiago: foram testemunhas Martins Rodrigues o Alvim, Martim Nogueira, o arcebispo D. Gonçalo Pereira, e Affonso Peres, tabellião, escrevi este milagre etc.*» O padre João do Apocalypse faz menção deste nos seus manuscriptos. Deste manuscripto se prova que a Senhora que hoje veneramos da Oliveira, é a mesma que o santo apostolo collocou no templo de Ceres.

O padre Fr. Gil de S. Bento, um dos grandes chronistas, depois de ter dado á luz a sua apologetica, no Tomo Coroa de Portugal, manuscripto, diz que revolvendo o cartorio do mosteiro de Santa Maria da Costa, dos religiosos Jeronymos junto a Guimarães, aonde elle jaz, tratando da villa de Guimarães, como patria d'el-rei D. Affonso Henriques, de S. Damaso, e do cardeal Albano governador da Guerra Sacra, e thesoureiro mór que havia sido da real collegiada de Guimarães, depois de ser religioso Agostinho, como diremos quando delle tratarmos, que a sagrada imagem de Nossa Senhora da Oliveira é a mesma que o apostolo collocára no templo de Ceres, e para isto allega com o licenciado Jeronymo Coelho, vigario de S. Torquato, bem conhecido por suas obras.

Permaneceu este templo por muitos seculos, e se não teve sempre o nome de Ceres, teve por muitos annos o nome de S. Thiago, até que em 1607 experimentou de todo suas ruinas. E na pequena igreja que se levantou no seu lugar na praça do peixe, com o nome de S. Thiago se escreveu em uma pedra da porta principal este epitafio.

Digitized by Google

Magna Domus quondam penitus
Submersa ruinis,
Dum jacet in brevius denuo surgit.

« Este *Opus.* quer dizer grande templo que antigamente foi destruido com as ruinas do tempo, de novo foi levantado do modo em que está » Cujo epitafio serve de authorisar a antiguidade do templo, que a antiga Gentilidade tinha dedicado a Ceres, e depois o apostolo dedicou á Virgem Nossa Senhora, donde depois foi trasladada para o mosteiro da condeça Muma Dona, que terá um do outro a distancia de oitenta passos, ficando o de S. Thiago para a parte de ponente, e o de Muma Dona para o nascente, e sendo morada da Senhora acquirio o novo titulo de mosteiro do Salvador, em mosteiro de Santa Maria, e em quanto foi mosteiro do Salvador, foi mosteiro de Monges, e Monjas, e sendo morada de Nossa Senhora foi collegiada de clerigos, e beneficiados, e capella da real collegiada.

Durou este mosteiro com Monges e Monjas de S. Bento quasi duzentos annos, porque sendo edificado em 929, durou assim até ao tempo do conde D. Henrique, que lhe deu principio á mudança quando pelo seu matrimonio com a rainha D. Thereza, na villa de Araduca assentou sua corte, extinguindo-lhe os Monges, e constituindo nelle clerigos em fórma de capella real, dizendo nella a primeira missa (a que assistiram o conde D. Henrique, a rainha sua mulher, e os grandes do reino) o arcebispo de Braga. O que consta das lições do Santo: e apresentou em primeiro prior o abbade dos Monges D. Pedro, que ainda ali existia, e assim ficaram os reis com a regalia de apresentarem os priores desta real collegiada de Nossa Senhora da Oliveira.

Quando o principe D. Affonso Henriques, filho do conde D. Henrique, e da rainha sua mulher passou com

Digitized by Google

seu exercito a Alemtejo, donde veio feito rei em 1139, sendo papa Innocencio 2.°, e imperador Conrado 3.° como diz Galvão C. 13.°, e Duarte Nunes a fl 31, acabou de aperfeiçoar na igreja de Santa Maria a fórma da collegiada real, dando-lhe prior, conegos, e dignidades, tanto pela mercê recebida, da Senhora e seu filho lhe pôrem a coroa real na cabeça na milagrosa batalha que lhe alcançaram, como por engrandecer sua patria a que tanto devia.

Quem não consagra seu cuidado na honra, e serviço de Deus, não pode assegurar perpetuidade a seu estado, o que se vio em muitos principes, reis, e senhores de grandes monarchias, e imperios, que despresando seu santo nome e fé, se viram destituidos delles, tirados, e aniquillados, e feitos escravos de outros, que amantes do nome christão alcançaram contra seus offensores grandes victorias, accrescentando por meio dellas seus senhorios; tal foi o rei D. Affonso Henriques, que com entranhavel zelo empregou suas armas no augmento da santa fé. Sendo acerrimo perseguidor dos infieis inimigos de Jesus Christo, lançando-os fóra de suas terras, e ficando senhor absoluto dellas, dilatando seu reino para si, e para seus descendentes, segurando-lhe o mesmo Jesus Christo a permanencia delle com o sello de suas chagas, em signal de seu desempenho, e de sua Santissima Mãe, a quem a devoção do piissimo rei se não descuidava em fazer honras, augmentando seu santo mosteiro de Guimarães, deixando-a tão introduzida no coração dos reis seus successores, que ainda estão continuando nella, andando o juizado da nobre confraria de Nossa Senhora nas pessoas reaes, dando-lhe muitas dadivas, e fazendo ali continuas romarias em quanto lhes foi possivel.

Por isto permittio Nosso Senhor fazer em todos os seculos ao reino grandes mercês, pois alem de lhe con-

Digitized by Google

ceder tantas victorias contra seus inimigos, o tem ornado de tantas excellencias, como temos visto, elevando-o a uma monarchia das mais ricas, e mais dilatada, de tal modo que podemos dizer com o propheta rei, *Non fecit taliter omni nationi.*

Até na perda d'el-rei D. Sebastião, que por ocultos juizos do ceo succedeu, quiz Deus mostrar quanto estimava a monarchia Portugueza, porque a comparou á de Hespanha d'el-rei D. Rodrigo, que foi a mais lamentavel que teve toda a christandade, e assim as comparou em tudo uma á outra, porque se houve profecias que muito antes annunciaram a de Hespanha, como diz Castilho L. 2. Discll. na d'el-rei D. Sebastião, deixadas outras profecias, que tambem se podem applicar, foi a feita a el-rei D. Affonso Henriques por Deus, quando lhe prometteu que seu reino de Portugal continuaria em grande augmento até á 16.ª geração, que ali se abateria, e depois tornaria a alevantar-se, e assim succedeu na desgraça d'el-rei D. Sebastião 16.º rei deste reino, conforme Brito na Mon. Luz. L. 7. C. 2. E é de notar que não só quiz Deus que a perda de uma batalha dos Portuguezes não sómente fosse prognosticada, como a de Hespanha, se não que elle mesmo fosse o profeta della, dizendo o que havia succeder para que estivessem prevenidos, para melhor a poderem soffrer, ou para a evitarem com orações e lagrimas offerecidas á Deus, porque se foi prognostico triste da batalha d'el-rei D. Rodrigo, que levando o alferes do campo christão a bandeira, montado em seu cavallo, cahir morto de seu gínete, e fazer-se a lança da bandeira em muitos pedaços como affirma a Mon. Luz. L. 7. C. 2.: da mesma maneira succedeu a el-rei D. Sebastião, porque querendo o duque de Aveiro cometter aos Mouros se lhe metteu a lança pela terra de modo, que a não poude tirar senão quebrada, como diz Jeronymo

Digitized by Google

de Mendonça na jornada do dito rei. Luiz Cabreira hist. de Filippe 2.° L. 2. C. 8. Assim como a Eneas pelejando com Turno se lhe metteu a lança em uma arvore em que ficou preza. Virg. L. 12. E o consul Flaminio na batalha contra Annibal, em que seu alferes no lago Trazimeno não poude tirar a bandeira da terra, por mais que forcejou. E assim como el-rei Rodrigo em Toledo abrio aquella torre, e vio dentro pintados muitos Mouros, prognostico da destruição de Hespanha como Licio Dec. 3. L. 2. Val. Max. L. 1. C. 6. quasi da mesma sorte estando a princeza D. Joanna em uma janella do palacio com suas damas, viram todas sahir de um corredor, e lançar-se no Téjo muitos homens vestidos de Mouros com tochas acezas nas mãos, e com muitos alaridos: e estando prenhada do dito rei vio uma noite muitos Mouros em sua camera.

Se isto foi sonho, e não visão verdadeira, se pode comparar ao que teve Hecuba rainha de Troya, a qual estando prenhada de Páris, sonhou que o estava de uma chamma de fogo, como diz Cabrer. hist. de Filippe 2.° Faria Ep. p. 3.ª C. 16: pois assim como Páris foi causa das chammas de fogo que abrazaram Troya, e Hecuba sonhando que tinha chammas no ventre sonhou a verdade. Assim a princeza D. Joanna sonhando que via Mouros que já dali começavam a perseguir o menino que tinha no ventre, sonhou sua desgraça. E se Virgilio faz menção dos signaes que se viram no paço d'el-rei Latino, que significavam as guerras que por Eneas haviam succeder, não faltaram signaes no ceo que significaram as d'el-rei D. Sebastião, de modo que em tudo fez Deus semelhante a perda da batalha de Portugal á de Hespanha, e á memoravel destruição de Troya, e ás celebradas guerras entre Eneas e o Latino, para mostrar que estimava o reino de Portugal, como affirma Fr. Antonio de S. Romão na jornada d'el-rei D. Sebastião §. 6. Ilhecas hist. Port. p. 2.ª

Digitized by Google

Alem do que quando os reis Portuguezes se acabaram mostrou Deus o muito caso que deste reino fazia, comparando-o ás mais famosas monarchias, que tem havido: porque assim como o imperio Romano começou em Augusto, e acabou em outro Augusto. O imperio de Constantinopla começou em um Constantino, filho de Santa Helena, e acabou em outro Constantino filho de outra Helena, e o imperio dos Latinos em Constantinopla principiou em Balduino, e teve fim em outro Balduino. O reino de Granada foi fundado por Mafoma em tempo d'el-rei D. Fernando, o santo de Castella, e perdido por outro Mafoma, reinando Fernando catholico em Castella. Da mesma sorte o reino de Portugal principiou no conde D. Henrique, e veio a concluir no cardeal rei D. Henrique acabando os reis de Portugal com os maiores do mundo.

O insigne Camões a quem nada ficou por dizer, tocou na Luz. Cant. 1.° Strof. 7.ª o amor que Deus sempre teve aos Portuguezes, e diz:

Vós tenro, e novo ramo florente,
De uma arvore de Christo mais amada
Que nenhuma nascida no Oriente,
Cesarea, ou christianissima chamada.

E Vasco Mouzinho de Quevedo em Affonso Africano Cant. 1.° fallando em modo prophetico, finge que vio Deus tanta religião em os Portuguezes, que ficou mui alegre de ser Deus de tal nação, e diz:

Pôz Deus os olhos no fervor ardente
De um christão zelo em lagrimas desfeito,
E de ser Deus de tão devota gente,
Ficou comsigo alegre, e satisfeito.

Mais abaixo diz o author, que prometteu Deus ser sempre muito amigo de Portugal, e têl-o em sua protecção.

Digitized by Google

Eu te asseguro, Antonio, que este seja
O povo meu, que eu seu Deus me chame,
Em quanto neste puro estado o veja,
Que por mim se honre, e por mim se afame.

E assim se viò cumprida a palavra de Deus, que como sua nunca faltou, nem pode faltar; porque acabando os reis em Portugal por morte do cardeal Henrique, se introduzio na posse do reino D. Filippe 2.° de Castella, intitulando-se o primeiro deste reino, e nella se conservaram o terceiro, e quarto por sessenta annos até o 1.° de Dezembro de 1640, em que Deus Nosso Senhor apiedando-se de sua escravidão lhe deu rei natural, e legitimo successor milagrosamente, acclamando el-rei D. João o 4.°, oitavo duque da serenissima casa de Bragança, para que se veja em seu filho D. Pedro 2.° que hoje reina, e em seus descendentes a prosperidade que Deus lhe promette como a soberanos seus escolhidos, como decanta o insigne Camões Cant. 1.ª Estrof. 10, dizendo:

E julgareis qual é mais excellente
Se ser do mundo rei, se de tal gente!

Ao que dizemos que é melhor ser rei de Portugal sómente, porque como ao homem chamam Microscosmon, que significa mundo pequeno, por ter em si encerrado das pedras o sêr, das plantas o viver, dos animaes o sentir, dos Anjos o entender, e tudo o bom que ha: assim podemos dizer, que Portugal é outro Microscomo, ou mundo pequeno, pois todas as excellencias que estão espalhadas pelas outras provincias, estão nelle abreviadas.

Digitized by Google

CAPITOUL 61.°

Em que se dá conta com el-rei D. João o 1.° mandou reedificar o mosteiro de Muma Dona, e de sua grandeza.

Permaneceo o mosteiro de Santa Maria de Guimarães no mesmo estado em que a condessa Muma Dona o deixou até o tempo d'el-rei D. João o 1.° que o mandou reedificar em 1429, encommendando ao mestre assim o vistoso da architectura, como a grandeza da obra, e magestade da igreja, para que tudo correspondesse á vontade que tinha de o ennobrecer; e porque lhe desobedeceu pagou com a vida o diminuto da obra, que lhe havia mandado fazer igual em tudo á do seu real mosteiro da Batalha, e assim com razão se deu por mal servido do mestre, porque a fez muito ao contrario de seu desejo como vemos.

E' a igreja da real collegiada de Santa Maria de Guimarães de tres naves, e não tem de comprido do adro e porta principal até o arco que divide a capella mór, mais de quarenta e nove passos, e a capella ficou mui limitada, e assim o esteve até o anno de 1610, em que o principe D. Pedro a mandou fazer de novo toda de abobeda de pedra apainelada, e no painel do meio estão esculpipidas suas armas.

Muito trabalharam o mestre da obra, e conegos da collegiada para que a capella ficasse com magestade, e grandeza: mas como da parte da cabeceira, é de nascente tem a alpendrada do antigo claustro, e das ilhargas duas capellas de abobeda de pedra, não poude crescer nem alargar-se o risco sem deformidade e ruina, o que ficou satisfeito na alegria, e compostura.

No retabolo da capella mór está em uma tribuna a imagem de Nossa Senhora em uma pianha bem fabricada,

Digitized by Google

sobem para esta tribuna por dentro da parede duas escadas de pedra para subirem, e descérem os que vão venerar a Senhora, e juntamente para se conduzir o Sacramento nas occasiões em que se expõe na mesma tribuna.

Junto ao altar mór ha um patim, a que se sobe por degráos de pedra bem lavrados, e da parte do Evangelho está nelle em um arco o sitial dos priores, e defronte na parte da Epistola outro arco em que se põe os padres da missa: e de uma e outra parte junto ás paredes da capella estão as cadeiras dos conegos que ali fazem côro no Advento, e Quaresma, e todas as cadeiras são de páo preto com seus encostos, e com os embutidos de páo amarello, feitas de esmola que o snr. rei D. Pedro 2.º deu a Nossa Senhora em 1687; fecha-se a capella com grades de ferro torneadas, pintadas, e douradas.

Tem esta igreja de largura vinte e nove passos, e é toda azulejada, e pintada: na nave do meio junto ao tecto tem paineis da vida de Nossa Senhora, por todas as paredes, de uma e outra parte, tem frestas com vidraças, e em cada uma dellas as armas de seu reformador, el-rei D. João o 1.º, e a rainha sua mulher D. Filippa de Alencastre.

Sobre a porta principal para a parte do poente está o côro chamado de cima, com uma grande janella que dá luz para nelle se rezar o officio divino: é serventia para elle por uma escada de pedra da parte do evangelho, que igualmente dá serventia para a torre dos sinos, que fica ao entrar da igreja á mão esquerda da porta principal, a qual tem cento e trinta palmos de altura, coroada de ameias com um zimborio muito alto, e por remate um anjo de ferro armado, mostrador dos ventos. Entre as ameias da parte de poente está um campanario de pedra lavrada em que está o relogio, cuja fabrica corre por conta da camara.

Digitized by Google

Não foi esta torre a que se fez por mandado d'el-rei D. João o 1.°, porque essa se derribou no anno de 1515, e deu principio á que existe o doutor Pedro Esteves Cogominho, ouvidor das terras do duque de Bragança, e sua mulher Izabel Pinheira, de que procedem os illustres Pinheiros, e no fundamento della construiram uma capella de abobeda de pedra, e no meio do pavimento destes dous monumentos levantados de pedra ançã, com suas efigies de meio relevado, e em cada uma o nome do que ali jaz, e são os monumentos cercados de grades de ferro, e na cabeceira das effigies para a parte do poente um altar com a imagem de Christo crucificado, no monte calvario, aonde aos domingos e dias santos se diz missa pelas almas dos instituidores, e seus descendentes: esta capella é fechada pela parte do norte e do sul com grades de ferro, é a capella annexada a um morgado que instituiram na villa de Barcellos, de que é administrador Luiz Pinheiro de Lacerda filho bastardo de Rui Pinheiro de Lacerda.

Não fizeram estes instituidores mais que o terço da torre, e os dous terços acabou seu filho o doutor Diogo Pinheiro, commendatario do mosteiro de Carvoeiro, do de S. Simão da Junqueira, e do de Castro de Avelãs, prelado de Thomar, e D. Prior de Guimarães, e ultimamente bispo do Funchal, primaz das Indias, que jaz na villa de Thomar em Santa Maria dos Olivaes, e acabou esta obra no tempo do snr. rei D. Manoel, e lhe pôz suas armas que são um Pinheiro com um Leão ao pé, chapéo com cordões por timbre.

Junto á torre para poente está um tanque com tres bicas de excellente agoa, e a bica do meio serve de frontispicio á porta da capella dos Pinheiros, a bica da parte esquerda tem o frontispicio de pedra mais fina, e no meio uma imagem de Nossa Senhora encostada a uma Oliveira, que são as armas da villa. E na terceira bica da parte

Digitized by Google

direita, e do sul tem o escudo das armas do reino douradas e pintadas. A este tanque está encostada a torre por tal modo, que parece nasce a agoa da mesma torre, a qual vem por canos de mais de meia legoa.

A' mão direita da porta da igreja da banda de fóra está um escudo das armas que usava el-rei D. João o 1.° douradas e pintadas entre dous anjos, por timbre um serafim, com as mãos sustentando a coroa, por baixo está o letreiro, — Era de 1415 annos 6 dias do mez de Março foi começada esta obra por mandado d'el-rei D. João o 1.°, dado pela graça de Deus a este reino de Portugal. Este rei D. João houve batalha real com el-rei D. João 1.° de Castella nos campos de Aljubarrota, e foi della vencedor, e á honra da victoria, que lhe deu Santa Maria, mandou fazer esta obra por João Garcia, mestre de pedraria. — Está esculpida em outra pedra mais abaixo em melhor lettra.

Tem a igreja duas portas travessas, uma para norte a outra para sul. No cruzeiro tem outras duas, a da parte do norte dá serventia para a sachristia dos conegos, claustro, e casa dos priores, a da parte do sul dá serventia para a sachristia da confraria do Sacramento: por detraz da capella mór está um claustro com uma alpendrada que corre pela parte do nascente de norte a sul, aonde se costumam fazer procissões ordinarias: no terreno que cerca a alpendrada se enterram os pobres que morrem no hospital da Misericordia, e no hospital do Anjo, na rua da Sapateira.

Pela volta deste claustro estão situadas muitas capellas, das quaes é a primeira de Nossa Senhora da Pombinha, junto da porta que vae para a sachristia, a ella se segue a de S. Roque junto á porta da casa dos priores; ali perto as dos Santos Cosme e Damião, aonde rezam os conegos as especiosas pelo mestre João Leigão. A do apos-

Digitized by Google

tolo S. Pedro aonde os clerigos tem situada a sua confraria, que fica por baixo da casa dos priores. A capella de S. Luiz, que é annexa ao morgado que instituio Manoel de Valladares, que tem junto um monumento levantado em que jaz com figura de meio relevado mettido em um portal, e no meio o escudo de suas armas. Abaixo para a parte do sul está a porta do cabido, e cartorio da real collegiada.

Junto á porta do cartorio está uma capella de abobeda de pedra da invocação de S. Braz, que é annexa ao morgado que instituio Alvaro Gonçalo de Freitas, e hoje possúe Dionizio do Amaral Freitas e Barbosa, e nesta esteve antigamente a irmandade da Misericordia, e lhe chamam a Misericordia velha. Junto á parede desta capella está o altar de Santo André, aonde os conegos costumam a rezar as Especiosas de Gonçalo Romeu, desde o dia de Paschoa da Ressurreição até o dia da Trindade, e junto ao altar está uma porta que sahe para a rua do Postigo, donde tambem se entra para a igreja pela porta travessa da parte do sul.

E' a sachristia dos conegos muito formosa, e bem ornada, e a faz mais magestosa uma capella que se fez de Santa Veronica no anno de 1686. E' esta Santa Veronica da Virgem Nossa Senhora de pincel, que no tempo d'el-rei D. Diniz foi trazida a esta igreja, e nella se manifesta uma vez no anno, pela maneira seguinte. No dia de Paschoa da Ressurreição entra o cabido, acabadas vesperas na sachristia, e fazendo procissão pelo claustro com sagrados canticos, trazem a Santa Veronica para a igreja, aonde está preparado um altar com muitas flores, aonde vão os conegos, clerigos e povo venerar a Senhora. Ali fica a santa imagem toda a oitava, e dali se recolhe no domingo da Paschoella á mesma hora, e com a mesma solemnidade. Da tradição desta Santa Veronica

Digitized by Google

trata um pergaminho que se guarda no archivo da real collegiada em que consta, que um Payo Rodrigues, prior della, e deão de Evora a trouxera de Roma, e a puzera nesta igreja, e mandára ao seu procurador no temporal, que a todo o conego que dia da Paschoa da Ressurreição ante vespera fosse á igreja de sobrepliz, tangido o sino pela Sé, a cantar a *Regina Cœli*, e a Salve á santa imagem se lhe désse quatro soldos, e a todo o sacerdote de fóra dous soldos, e a todo o diacono e sub-diacono um soldo, e a todo o mechanico seis dinheiros; isto foi em 14 de Março de 1295.

Não se deve duvidar que sendo a Santa Veronica trazida de Roma, e mandada assim venerar será retrato da que pintou S. Lucas, que está em Roma; muito mais mandando se cante a antiphona *Regina Cœli*; porque no anno de 590, sendo Roma e Italia offendida de uma grande peste, da qual tambem morreu o papa Pelagio 2., determinando Gregorio 1.° seu successor de a atalhar, e tendo ouvido aos antigos que a Virgem Mãe de Deus tinha sido favorecedora do povo Romano em todos seus trabalhos por meio de uma imagem pintada pela mão de S. Lucas que estava na igreja de Santa Maria Maior; ordenou logo o papa Gregorio 1.° procissões de Ladainhas pelo clero, e povo, levando o mesmo santo padre a imagem da Senhora pela cidade com canticos e orações. E por onde hia passando cessava o mal, ouvindo-se vozes angelicas que cantavam á Virgem Mãe de Deus a antiphona *Regina Cœli* etc. ao que o papa respondia *Ora pro nobis Deum*. — *Tered. in M.ª Aug.* L. 7. C. 7., *et* L. 1. C. 1.° *in Greg.* E chegando ao sepulchro do santo papa Adriano, hoje castello de Santo Angelo, foi visto no alto delle um anjo mettendo na bainha a espada ensanguentada, indicio de ser applacada a ira de Deus: *Durand, in Ration.* L. 6. C. 89, Santo Antonino p. 2.ª t.

Digitized by Google

12. C. 18: pelo que ha razões para ser esta imagem retratada da de S. Lucas, alem de se parecer com ella em tudo. Bar. in Ep. anno 590.

CAPITULO 62.°

De uma cabeça santa que se venera na sachristia da real collegiada.

Na mesma capella da Santa Veronica se venera tambem com grande veneração uma cabeça santa, por cuja causa aquella igreja é muito visitada de gentes mordidas de cães damnados, trazendo a benzer pão e mantimento para os seus gados, e não se sabe que alguma pessoa tendo ali vindo perigasse em tão terrivel mal; e tendo disto noticia o snr. rei D. João o 1.° logo que da cadella damnada foi mordido no curral do gado, logo a veio vizitar a Santa Maria de Guimarães; promettendo de se pezar a prata, como cumprio.

O conego Pedro de Mesquita, prebendado da real collegiada, no seu livro manuscripto, fallando desta santa cabeça diz: — Houve um homem virtuoso que viveu em Villa Cova, junto a Lina, concelho de Felgueiras, comarca de Guimarães, o qual falleceu pelos annos de 1480, por cujas orações o Senhor dava saude a homens, e animaes mordidos de cães damnados, e depois de elle morto e enterrado, os devotos do lugar abriram sua sepultura, e tirando della a cabeça deste virtuoso homem a trouveram a Guimarães a casa de um ourives chamado Pedro Alves, que morava na rua Sapateira nas casas da esquina da travessa que vae para a cadêa da correição, o qual foi avô do conego Manoel da Silva, e este tirou da cabeça os queixos debaixo, e encastoados em prata á sua custa os deu aos que a trouxeram, por lhe deixarem o resto da cabeça, o qual guardou em sua casa, aonde os do-

Digitized by Google

entes a hiam toear, e recebiam saude; e por sua morte a mandou collocar na igreja de Nossa Senhora da Oliveira, aonde, como dissemos, está: no dito cartorio está tambem o inventario feito em 1527, que diz: — Item, outra arca de marfim chapeada de arame dourado, aonde está a cabeça de um Santo, que presta para mordeduras de cães damnados.

CAPITULO 63.

De um retabulo de prata que deu el-rei D. João o 1.° de Castella à Virgem Nossa Senhora, e se guarda na sachristia.

Igualmente ennobrece esta sachristia um retabulo de prata dourada, e esmaltado do presepio de Nosso Senhor Jesus Christo, que el-rei D. João o 1.° deu de esmola a Nossa Senhora em gratificação da batalha que lhe venceu em Aljubarrota contra el-rei D. João o 1.° de Castella, a quem nella foi tomado com mais doze anjos de prata de sua capella real, e outras peças de sua recamera: dos doze anjos se desfizeram onze em peças necessarias para o culto da mesma Senhora, e o que ficou serve para hir debaixo do palio na procissão que o cabido, camara e povo fazem na 3.ª dominga de Julho á igreja de S. Miguel do castello. Todos estes anjos tinham um letreiro que dizia: — « Esta obra mandou hazer el noble snr. rei D. Juan, ijo del noble snr. rei D. Henrique » Todos eran do mesmo feitio, dourados e esmaltados das imagens que se vêem no retabulo. Este retabulo se põe todos os annos no altar mór da igreja em vespera da Natividade de Nossa Senhora, e se tira no dia oitavo da Epiphania, e tem de pezo sete arrobas e meia e sete arrateis.

Fallando Estaço deste retabulo no C. 48 das anti-

Digitized by Google

guidades de Portugal, diz, que elle se fizera da prata em que se pezou o snr. rei D. João o 1.°, e o dera de esmola a Nossa Senhora da Oliveira, quando lhe veio dar graças pela victoria que lhe deu contra o de Castella nos campos de Aljubarrota; no que recebeu notavel engano, que devia nascer de vêr nelle esmaltadas as armas do dito rei, que os conegos mandaram nelle illuminar, para testemunho da grande offerta, no que andaram mal aconselhados, porque se nisso mostraram a mercê do dito rei, escureceram a gloria do modo com que foi ali trazido: e se este author conferira o anjo de que trata no mesmo capitulo, e que diz fôra tomado na dita batalha, ser em tudo semelhante ao retabulo, não manifestaria ao mundo o seu engano, e muito mais quando confessa que o anjo era da real capella de Castella, porque el-rei não havia trazer os anjos que serviam de ornato, e ceriaes sem trazer o retabulo, no que se vê o engano de Estaço.

CAPITULO 64.°

Das reliquias que se veneram no sanctuario da real Collegiada.

Com grandissima devoção se conservam no santuario da real Collegiada da Senhora da Oliveira as reliquias seguintes. O santo lenho da cruz em um relicario de prata dourado com seu resplandor, e pé, que vae em algumas procissões. O relicario mandou fazer D. João Lobo de Faro, irmão do conde de Odemira, sendo D. Prior da Collegiada. Uma ambula de cristal com o leite de Nossa Senhora, uma massaroca da mesma Senhora. Um tornozello do pé de S. Torquato. As reliquias de S. Sebastião, e de S. Celestina martyr. As de Santa Theodora e S. Deziderio martyres. As de Santa Clemencia, e Santa Benedicta martyres. A de S. Pedro martyr, que trouxe de

Digitized by Google

Roma D. Pedro de Souza, sumilher da cortina de Sua Magestade, e a collocou na real Collegiada, sendo prior della, fazendo-lhe uma solemne procissão a 21 de Julho de 1688. E' toda a ossada do Santo martyr mettida em um bahú de vidraças caixilhadas em prata.

CAPITULO 65.°

Das peças que actualmente se acham no thesouro da Collegiada.

Depois da noticia que Estaço deu no seu livro das cousas pertencentes a esta igreja de Nossa Senhora da Oliveira, tem crescido em seu thesouro um grande numero de cousas, e peças preciosas, com que os devotos da Senhora o tem enriquecido. Luiz Alves de Tavora, que servio muitos annos de juiz da Senhora, sendo conde de S. João da Pesqueira, e primeiro marquez de Tavora mandou fazer das esmolas que havia, as peças seguintes.

Oito tocheiras de prata com as armas dos Tavoras, que pesam 247 marcos.

Seis piveteiros grandes bem obrados, que pesam 16 marcos e 5 onças.

Seis castiçaes de prata lizos com as ditas armas, que pesam 18 marcos e 2 onças.

Uma estante com as armas abertas, que pesam 16 marcos.

D. João da Silva e Salzedo, natural da freguezia de S. Claudio, termo de Guimarães, que por seu valor mereceu ser um dos famosos capitães no tempo de Filippe 4.°, sendo governador do porto de Santa Maria em Castella, mandou a Nossa Senhora da Oliveira uma cadêa de ouro com uma cruz toda aberta, e com esmeraldas finissimas, o que tudo se avaliou em 600 mil reis, e instituio na Collegiada uma missa quotidiana, com esmola de

Digitized by Google

600 reis, para o que mandou dinheiro sufficiente para se fazer o fundo, nomeando capellão primeiro a um clerigo da villa seu parente, chamado Jeronymo Fernandes, e por morte deste outro que vive, e se chama João Baptista Gião, e por morte destes fica a capella na administração da Collegiada, pela esmola ordinaria.

Ha no thesouro um calix grande de prata dourada, com seis campainhas, e com patena tambem dourada, que o deu Fernão Alves, chantre da Collegiada, e pesa 8 marcos.

Tem outro calix dourado para as missas da Terça, com patena dourada, e quatro serafins no pé, que deu Antonio Martins Penteado, natural da villa de Guimarães, que pesa 3 marcos e 2 onças.

Tem um calix de prata dourado, com seus esmaltes no pé, e um no meio da patena, figurando a Santissima Trindade, com o qual dizia missa o bemaventurado S. Torquato, que pesa 5 marcos e meio, e se não diz missa com elle senão no dia do Santo.

Um gomil com suas carrancas, e boca dourada, e o prato dourado pelas molduras, que pesa tudo 7 marcos e meio que deu Jeronymo Martins, conego da Collegiada.

Outro gomil de prata lizo, que pesa 2 marcos e 4 onças e meia.

Seis castiçaes de prata lavrados, com a imagem de Nossa Senhora, que pesam 123 marcos, e se fizeram da prata dos onze anjos, da batalha de Aljubarrota.

Oito castiçaes de prata lizos, que pesam 10 marcos e 6 onças.

Seis castiçaes pequenos lizos, que pesam 4 marcos e 3 onças.

Uma coroa de Nossa Senhora, aberta e lavrada, que peza 3 marcos.

Umas galhetas grandes com seu prato, que pesam 4 marcos e 6 onças.

Digitized by Google

Quatro galhetas pequenas, que pesam 3 marcos e 2 onças.

Quatro sceptros de prata, que pesam 53 marcos.

Uma vara de prata, que pesa 3 marcos e 6 onças.

Seis calix da serventia da igreja, que pesam 21 marco e 4 onças.

Mais cinco calices dourados, e suas patenas, que pesam 11 marcos e 5 onças.

Um bordão que a Senhora leva na procissão, que pesa 1 marco e 2 onças.

Quatro varas da charola em que sahe a Senhora, que pesam 23 marcos e 4 onças.

Uma gargantilha de ouro de Nossa Senhora, avaliada 100$300 reis, tem vinte e sete peças, deseseis botões de ouro esmaltados, guarnecidos de aljofar, pesa cada um 1$780 reis.

Uma joia de ouro, que pesa 5 oitavas e 4 grãos.

Uma cruz grande toda aberta, e bem lavrada, que deu o conego Gonçalo Mendes, e pesa 71 marcos.

Outra cruz de prata dourada, que serve no cabido, e tem no meio a prisão de Christo, e com haste de prata, pesa 36 marcos

Outra cruz de prata liza, que está no altar mór, pesa 13 marcos e 24 onças.

Outra cruz de prata dourada com um cristal no meio, e dentro o Santo Lenho antigo, e o que trouxe de Roma D. Fr. Agostinho de Jesus, sendo arcebispo de Braga; o qual se não expõe senão em Março, e em Sexta feira da Paixão.

Uma arca de prata liza com as armas dos Cunhas, que deu o D. Prior.... da Cunha, que tem muitas reliquias que trouxe o arcebispo Fernão Gonçalves de Roma, e vae nas procissões.

Um Agnus Dei que trouxe de Roma o dito arcebis-

Digitized by Google

po, encastoado em páo de Achilla, e se expõe na Paschoa da Ressurreição.

Uns corporaes lavrados com fio d'ouro, que foram d'el-rei de Castella em que está sua effigie, e a da rainha com coroas, e foram tomados na batalha de Aljubarrota.

Uma imagem de Nossa Senhora com seu bento filho nos braços, sobre uma pianha, que serve nas procissões do Padrão, tudo de prata dourada e esmaltada, com as armas dos Pereiras, pesa 17 marcos e 3 onças.

Uma custodia de prata dourada, grande, e com suas figuras, que deu o conego Gonçalo Anes, que pesa 25 marcos e meio e 2 oitavas.

Outra custodia dourada que serve aos enfermos, que pesa 9 marcos.

Um thuribulo que deu el-rei D. Manoel, que pesa 7 marcos e 3 onças.

Uma naveta que deu o mesmo rei, que pesa 4 marcos e 6 onças.

Um thuribulo de obra Romana, que pesa 9 marcos.

Um lampadario que arde diante da Senhora, dado pelo snr. D. João o 1.°, que pesa 73 marcos e 2 onças e meia oitava.

Outro lampadario, que pesa 5 marcos e meio e 2 oitavas, que deu o conego Luiz Mendes, e tambem arde diante da Senhora.

Outro lampadario que pertence ao morgado do bispo D. Gomes da Guerra, que pesa 101 marcos e 3 oitavas, e tambem arde etc.

E esta é a prata que pertence a Nossa Senhora, que os conegos, e seus confrades administram, e se acha no seu thesouro.

Digitized by Google

CAPITULO 66.º

Das capellas instituidas na igreja de Nossa Senhora, e de seus administradores.

Tendo dado noticia das cousas que pertencem ao culto da Senhora de Oliveira, é justo a demos tambem das capellas que estão na sua igreja, de seus instituidores, e dos administradores que actualmente as estão possuindo. A capella mór aonde se venera a Santissima Virgem, tem de cada lado uma de abobeda de pedra com as armas d'el-rei D. João 1.º seu fundador, ambas do mesmo tamanho, e architectura, com os corpos para o claustro, como o tem tambem a capella mór, com portas arcadas para a igreja, com grades de ferro, ambas pintadas, douradas, e azulejadas. A da parte da epistola e dó sul, é do Sacramento, do conego Gonçalves Anes Pinheiro, que ornou, e compôz á sua custa de todo o necessario, e a annexou a um vinculo que fez em seu sobrinho das suas herdades de Lagade, e o sobrinho se chamava João Affonso de Quintos, e hoje a possúe Filippe de Souza de Carvalho, alcaide mór de Villa Pouca de Aguiar, fidalgo e cavalleiro de Christo.

Encostada á parede desta capella está outra de Santa Anna, com as costas para o nascente, de que cuidam seus confrades, foi antigamente de S. Braz, que instituio João Lopes da Ramada, e annexou ao morgado que instituio com a obrigação de certas missas, de que são hoje administradores Diogo Lopes de Carvalho, e seu irmão Manoel Peixoto da Roza, moradores em Villa Viçosa.

Na parede da igreja da mesma parte da epistola se abrio um nicho para onde foi trasladada a pia em que foi baptisado el-rei D. Affonso Henriques, e se acha fechado com grades de ferro, e letreiro que diz: — «Nesta pia foi baptisado el-rei D. Affonso Henriques pelo arcebispo

Digitized by Google

de Braga S. Giraldo, por cima tem outro letreiro que diz: — «Esta obra mandou fazer D. Diogo Lobo da Silveira, indigno prior desta igreja no anno de 1664.

Para baixo da pia se segue uma capella de Nossa Senhora da Conceição, com porta de arco de pedra para a igreja, e o corpo para o claustro é toda de abobeda, e fechada com grades de ferro, e no alto dellas o escudo de armas dos Cardozos, porque foi instituida por Pedro Cardoso o velho, que a annexou a seu morgado, que chamam de Nespereira, e hoje a possue seu parente Antonio Cardozo de Menezes. Tem altar previlegiado para certas missas, e nobre jazigo para seus possuidores.

A capella fronteira á do Sacramento, e que está da parte do Evangelho da capella mór, tem a imagem de Christo crucificado: foi dada pelo duque da casa de Bragança D. Duarte, ao conego Francisco de Mesquita, prebendado desta igreja, que annexou ao morgado instituido nesta villa de Guimarães, ao qual tambem annexou os seus bens Brites Mendes de Carvalho, mulher do doutor Fernão de Mesquita, com obrigação de quatro missas cada semana: tem nas grades o escudo das armas dos Mesquitas. E' hoje possuidor della Francisco de Sousa da Silva moço fidalgo, e familiar do Santo Officio, e tem seu jazigo.

Encostado á parede desta capella, junto á porta que vae para a sachristia dos conegos, está o altar do Espirito Santo, feito pela sua confraria, de que são sempre juizes os ministros da justiça de Guimarães.

Na parede da igreja desta parte do Evangelho se abrio um arco para a capella de S. Nicolau bispo, instituida pelos estudantes desta villa, toda de abobeda de pedra apainelada, e azulejada: sobre o arco tem o epitafio que diz: — «Esta capella mandaram fazer á sua custa os estudantes desta villa no anno do Senhor de 1663, é administrada pela sua confraria.

Digitized by Google

Entre esta capella, e a escada que vae para o côro de cima está a porta travessa da igreja que tem serventia para a rua de Santa Maria, e corresponde á que fica para a parte do norte.

CAPITULO 67.°

Em que se da noticia da congregação da Collegiada de Guimarães.

A capella mór antiga desta igreja, que se arruinou para se fazer a que existe, foi consagrada por D. João, bispo de Coimbra, por mandado d'el-rei D. João o 1.° com licença de D. Martinho de Miranda, arcebispo de Braga, a que assistio D. João Manrique, arcebispo de S. Thiago, e D. Rodrigo, bispo da cidade de Rodrigo. Assistiram tambem el-rei e a rainha D. Filippa sua mulher, e seus filhos D. Duarte, D. Pedro, D. Henrique e D. Affonso no dia 23 de Janeiro de 1400. A carta da sagração está no archivo.

Não foi então o corpo da igreja sagrado, e o foi dahi a um anno completo no dia 23 de Janeiro de 1401, por mandado do mesmo rei e de sua mulher fez a sagração o bispo do Porto D. João d'Azambuja, o qual foi o segundo arcebispo de Lisboa, e cardeal da igreja Romana, com o titulo de S. Pedro *ad vincula*, o qual vindo de Roma morreu em Bruges do condado de Flandres, em 23 de Janeiro de 1415, donde vieram seus ossos para Lisboa, e jaz no côro de cima do convento do Salvador de Dominicas, de que foi fundador.

Digitized by Google

CAPITULO 68.º

De como a Collegiada de Guimarães foi immediata ao Papa.

Em todos os seculos teve a villa de Guimarães grandes isempções, e a sua igreja especialmente. Pois assim como a igreja de S. Miguel martyr, da villa velha de Araduca, era immediata ao papa, da mesma sorte o ficou sendo o mosteiro de Santa Maria de sua primeira fundação pela condessa Muma Dona, tanto quando era de Monges, como depois que o conde D. Henrique assentou na villa sua corte, e o instituio sua capella real, apresentando nella priores, e nesta posse o conservou sempre a rainha D. Thereza depois de sua morte, e o principe D. Affonso seu filho assim antes de ser coroado rei, como depois que o foi, como tambem el-rei D. Sancho seu filho, conservando até hoje o nome de real capella, sem nunca ter sujeição aos arcebispos de Braga, por ser sempre immediata ao papa. Porque no tempo dos Monges os abbades visitavam sua igreja, e depois que passou a priores, e no tempo d'el-rei D. Sancho 1.º, que a villa teve mais a parrochia de S. Paio ficaram elles usando da mesma jurisdicção como prelados ordinarios dos conegos, pensionarios, e clerigos, de seus freguezes, e annexas; sem se nellas intrometterem os arcebispos de Braga. O que bem notou o arcebispo S. Giraldo administrando os prelados desta igreja independente da sua, e nada obrou contra ella.

O mesmo executou seu successor D. Mauricio, sendo ambicioso de jurisdicção, e tanto que foi o anti-papa Burdioso, de que diz o bispo de Tui que fôra frade Bento, e que morreu preso no mosteiro de Cabes, o qual sendo arcebispo de Braga em 1112 nunca ousou perturbar os priores de Guimarães de sua igreja e annexas.

Digitized by Google

A este succedeu D. Paio 2.° em 1137, sem embaraçar aos priores de Guimarães sua jurisdicção, e D. João o 1.° que lhe succedeu em 1139, e morreu em 73, e foi legado apostolico como diz Mar. L. 10. C. 14, e contemporaneo d'el-rei D. Affonso Henriques, e com elle assignou a doação feita ás religiosas de Santo Agostinho do mosteiro de S. Torquato, como diz Estaço C. 25.

Seguio-se o beato Godinho em 1175, e morreu em 78, a quem se seguio Martinho 2.° no mesmo anno, e morreu em 1219, de quem se faz menção na doação que el-rei D. Sancho fez do cazal de Moucos na freguezia de S. Miguel de Creixomil termo de Guimarães, a Gonçalo Pires, seu falcoeiro, e está no livro dos privilegios de Nossa Senhora a fl. 16. Entrou por sua morte em 1219 D. Pedro 3.° até 1227, sem haver entre todos elles e os priores da real Collegiada dissenções sobre a jurisdicção, fosse qualquer que fosse o motivo

Como el-rei D. Affonso Henriques para melhor conquistar as terras da Estremadura e Alemtéjo, occupadas pelos Mouros, julgasse necessario mudar sua corte para a cidade de Coimbra, levando comsigo os Vimaranenses de que muito se confiava, assim pelo seu valor, como pela sua fidelidade, com sua ausencia e de seus descendentes ficou esta igreja desamparada de seu favor, e os arcebispos de Braga ganhando ouzadia para a conquistarem por armas para serem prelados della, como fez D. Estevão Soares, que sendo arcebispo de Braga por fallecimento de D. Pedro 3.° em 1223, com mão armada acometteu a igreja com muita gente, reinando el-rei D. Affonso 2.°; e o prior, conegos, e clerigos se defenderam com armas, havendo de parte a parte mortes, e destruições, e damnos de fazendas. Moderava a cadeira pontificia Innocencio 3.°, que interpondo sua authoridade cometteu a causa a dous arcediagos para a decidirem, que foram o de Çamora, e o de Astorga, os quaes fizeram

Digitized by Google

entre as partes a concordia seguinte, que assignou o papa Honorio.

— Que os prelados desta real collegiada de Guimarães fossem prelados ordinarios de sua igreja, e tivessem jurisdição nos beneficiados, e clerigos della, como tem os bispos, e sómente reconhecessem o arcebispo de Braga como metropolitano. Mas que não podessem os priores conhecer dos casos, que por direito merecessem deposição, ou suspenção perpetua: e que em tudo mais fossem como os bispos sufraganeos, tendo nos seus conegos e pensionarios aquella jurisdição que qualquer bispo tem nos seus, e na sua diocese: a qual concordia foi celebrada no anno do Senhor de 1216, e confirmada pela Sé Apostolica. —

Continuando nesta fórma a jurisdição desta igreja em 1229, mandou o Santo Padre a João bispo Sabiense, e legado *a latere* á Hespanha a tratar negocios grandes, e de muita consideração: (Marian. p. 1.ª L. 12. C. 14) o qual por mandado do papa veio tambem a Guimarães, e vizitou apostolicamente a Collegiada, prior, dignidades, conegos, clerigos, e todas as annexas. E entre as mais cousas que ordenou com authoridade apostolica foi, que os conegos, e mais beneficiados daquella igreja tivessem por seus ordinarios aos priores della, e lhe obedecessem em tudo, confirmando a concordia feita, da qual faz menção em sua visitação que está no archivo da igreja, e na Torre do Tombo. Com o que ficaram os priores da igreja prelados della, sendo papa Gregorio 9.º, e rei em Portugal D. Sancho 2.º

Lograram os priores esta paz por muitos annos, reconhecendo tão sómente aos arcebispos como metropolitanos, em casos de appellação, como os mais sufraganeos, e se alguma hora os arcebispos de Braga visitaram esta villa era como metropolitanos como visitavam a sua pro-

Digitized by Google

vincia, e sufraganeos do Porto, Coimbra etc. tendo visitado todo o arcebispado conforme o Decr. de C. 1.° de Cens. L 6. Passados depois alguns tempos quizeram alguns arcebispos de Braga vizitar esta igreja como prelados ordinarios, assentando que por estar só tres legoas distante de Braqa era defraudada de sua jurisdição, e o não poderam acabar nunca por ser contra a posse immemorial, e privilegios concedidos pela Sé Apostolica. Succedeu ser arcebispo de Braga o infante cardeal D. Henrique, o qual com poder real entrou nesta igreja, e vizitou esta Collegiada appellando os conegos, e beneficiados, e sua appellação ficou devoluta á Sé Apostolica, da qual alcançaram rescriptos para juizes que conhecessem da causa.

Renunciou o snr. infante o arcebispado em 1540, que possuira oito annos, e lhe succedeu nelle D. Diogo da Silva até 1543, e se lhe seguio o snr. D. Duarte, filho do snr. rei D. João 3.° que falleceu em 1553, do qual passou a mitra archiepiscopal a D. Manoel de Souza no mesmo anno, e nenhum delles intentou perturbar a appellação para o juizo apostolico.

Succedeu no arcebispado D. Bartholomeu Limpo em 1550, que sendo muito valido d'el-rei, e do cardeal D. Henrique entrou em Braga com mão armada, e o prior e Collegiada fecharam as portas da igreja, e o arcebispo lhe mandou quebrar as portas tanto da igreja, como de todas as officinas: a que acudio o procurador do prior com novas appellações, e finalmente o cardeal infante D. Henrique fez entre elles composição que se conserva no cartorio da dita igreja, na qual se assentou o seguinte.

«Que os arcebispos de Braga podessem pessoalmente, e não por outrem vizitar a igreja da real Collegiada, e as quatro igrejas filiaes no temporal, e espiritual, da mesma maneira que podem vizitar as do seu arcebispado, que

Digitized by Google

podesse despachar as culpas dos conegos, e beneficiados, que na vizitação achasse quando se podessem despachar summariamente *sine judiciali indigine*, porque então seriam remettidas ao prior, como prelado ordinario, que as determinaria conforme a direito dando aggravo, e appellação para o dito arcebispo metropolitano. E sendo caso que os arcebispos não fossem vizitar esta villa nos tempos instituidos por direito, não poderiam mandar vizitadores, nem seus vizitadores podessem entender em cousa alguma que tocasse á dita igreja.»

Foi esta concordia celebrada na cidade de Lisboa em 1553, aos tres dias de Julho, e por ella ficaram os arcebispos de Braga vizitadores ordinarios da real Collegiada, quando venham a esta villa pessoalmente a vizital-a; e as suas quatro filiaes igrejas, e os priores ficarão perdendo a ordinaria vizitação que d'antes tinham.

Assentou-se mais que não fazendo o arcebispo pessoalmente a vizitação nas ditas igrejas nos tempos determinados, a vizitação da Collegiada, e suas filiaes assim no espiritual como no temporal ficasse devoluta aos priores para a vizitarem da mesma sorte que os arcebispos se a ellas fossem.

Por este assento ficam os priores, em falta das pessoas dos arcebispos, reasumindo o direito que sempre tiveram de vizitar a dita igreja *in solidum* privativamente como prelados della, não ficando sua jurisdição dependente, nem derivada do arcebispo de Braga, e assim pela concordia velha confirmada pela Sé Apostolica, e pela posse immemorial que sempre conservaram, dando sómente appellação e aggravo ás partes.

Do relatado se mostra não serem os arcebispos de Braga prelados ordinarios desta igreja de Guimarães. Mas que sómente a podem vizitar pessoalmente como vizitadores, e não como ordinarios, e que quando a não vizitem

Digitized by Google

— Ahi vai o enxoval — gritou a Loba arrancando a trouxa das mãos da Monte-de-S.-João.

Abrio-se o lenço, que já estava todo feito em farrapos, e espalhou-se pelo meio do chão uma multidão de trapos de toda a casta de côres e de fazenda, com os quaes começaram as prezas a brincar lançando-os ao ar com os pés, e acompanhando esta brincadeira com grandes risadas e alaridos.

— Olha que farrapada!

— Parece o fundo do sacco de um gandaieiro.

— Ahi estão amostras de toda a casta de ourelos!

— Que trapalhada!...

— E para cozer tudo isso!...

— E' preciso mais linha que pano...

— Fica assim um bordado a retalho!

— Anda, apanha-os agora, apanha os trapos... Monte-de-S.-João!

— E Jesus! Deus meu! é preciso ser muito más — exclamou a pobre creatura correndo de uma para outra parte á procura dos farrapos dispersos, não obstante os empurrões que lhe davam. — Nunca fiz mal a ninguem — accrescentou já a chorar — e para que se não mettessem comigo offereci-me a servil'-as em tudo quanto pudesse, e a dar-lhes ametade da minha ração, apezar de ter ás vezes muita fome; mas de nada vale tudo isto; e não sei já o que faça para que me deixem viver em paz... Nem sequer tem dó d'uma pobre mulher pejada!... isto já passa de maldade! e tanto trabalho que eu

Digitized by Google

tinha tido para juntar estes retalhinhos, porque não tinha com que comprar o enxoval para o meu filho!... A quem faço eu mal em aproveitar o que todos deitam fóra?... — Deixou repentinamente de fallar a Monte-de-S.-João, e exclamou logo com accento de confiança: — Bem vinda sejaes, Cantadeira... estou salva... Fallae-lhes, dizei-lhes que me deixem em paz; estou certa de que vos obedecerão, porque vos amam tanto a vós, como a mim me aborrecem.

A Cantadeira acabava de entrar no pateo.

Flor-de-Maria trazia a tunica azul e a touca preta, como as outras prezas, mas a sua belleza não desmerecia debaixo deste modesto disfarce. Entretanto desde o seu rapto da granja de Boqueval (cujo resultado mais adiante explicaremos) tinham as suas feições experimentado mui notavel alteração; a sua pallidez, que d'antes era um pouco rosada, via-se agora uniforme e apagada como a brancura do marmore. Tambem se tinha mudado a expressão da sua physionomia, que manifestava uma especie de dignidade melancolica. Tinha chegado a convencer-se de que o acceitar com valor os dolorosos sacrificios da expiação é quasi chegar á altura da rehabilitação moral.

— Pedi-lhes por mim, Cantadeira — tornou a dizer a Monte-de-S.-João — vêde como deitam a perder pelo meio do pateo o que eu com tanto trabalho havia juntado para começar o enxoval do meu filho. Que prazer poderão ellas achar nisto?

Flor-de-Maria não respondeu; pôz-se porém a

Digitized by Google

apanhar um por um os trapos semeados pelo chão. Uma das prezas tinha por maldade debaixo dos tamancos uma especie de coletinho de pano cru : Flor-de-Maria quando chegou ao pé desta mulher, ergueu a cabeça, olhou para ella com mansidão, e disse-lhe com voz terna e encantadora:

— Quereis deixar-me apanhar isso ? olhae para a pobresita como chora...

A preza retirou o pé.

A Cantadeira apanhou desta sorte o coletinho, e todos os mais farrapos ; e não lhe faltando já senão uma touca de criança, que duas prezas disputavam rindo-se, disse-lhes Flor-de-Maria :

— Então ! tende dó... dae-lhe a touca.

— Olhem que traste !... parece uma carapuça de arlequim ! é um pedaço de pano cru com pontas de fustão verde e preto, e o forro de estopa.

As outras presas apenas ouviram esta exacta descripção soltaram umas poucas de gargalhadas ao mesmo tempo.

— Zombae quanto quizerdes, mas dae-me a touca — disse a Monte-de-S.-João — e sobre tudo vos peço que não a deiteis á agua, como já fizestes a outras cousas... Perdoae, pelo amor de Deus, Cantadeira ; tendes sujado as mãos por minha causa — accrescentou a Monte-de-S.-João com tom humilde e agradecido.

— Vamos a ver a carapuça d'arlequim ! — disse a Loba, apoderando-se da touca, que agitou no ar á maneira de troféo.

Digitized by Google

— Dae-mo, pelo amor de Deus — disse a Cantadeira.

— Não dou, porque o vaes dar á Monte-de S.-João.

— Vou, de certo.

— E para que quer ella este farrapo?... nada, não lho dou.

— Por isso mesmo que a pobre, coitada! não tem senão farrapos para vestir seu filho, é que devieis ter compaixão della — disse com modestia á Loba Flor-de-Maria, estendendo a mão para pegar na touca.

— Não a levaes! — disse brutalmente a Loba. — Era o que faltava, que sempre fosseis com a vossa por diante por serdes mais fraca!... Isso é abusar!...

— E que merito haveria em ter contemplação comigo, se eu fosse mais forte?... — replicou a Cantadeira com engraçado sorriso.

— Nada, nada... quereis abrandar-me outra vez com essa vozinha adocicada... pois não levareis desta vez a touca!

— Loba, pelo amor de Deus, não sejaes tão dura de coração...

— Deixae-me; não me inquieteis... que já me ides aborrecendo.

— Peço-vos eu!...

— Já disse que não.

— Por Deus vo-lo peço!

— Olha que já te não vejo!... Disse que não, está dito. — Exclamou a Loba enfurecida.

Digitized by Google

— Tende dó della... olhae como chora!

— E que me importa que ella chore!... Peor para ella!... ella é o nosso arre-burrinho.

— E' assim, é verdade... não se lhe deviam ter restituido os seus farrapos — disseram todas ao mesmo tempo, induzidas pelo exemplo da Loba — Tanto peor para a Monte-de-S.-João!

— Dizeis bem, tanto peor para ella! — repetio Flor-de-Maria com amargura — ella é a vossa victima... deve resignar-se. Os seus gemidos divertem-vos... as suas lagrimas fazem-vos rir... e em alguma cousa haveis-de passar o tempo!... Ainda que a matasseis, ella não devia queixar-se... E' assim, Loba... tendes toda a razão!... Essa pobre mulher não faz mal a ninguem, não pode defender-se, é só contra todas... isso é mui valente, mui generoso!

— Com que então assim nos chamaes cobardes! — gritou a Loba, cujo genio violento lhe não permittia soffrer, sem se irritar, a menor contradicção — Responde?... Somos umas cobardes, heim?... — replicou ella cada vez mais irritada.

Ouvio-se logo após isto um rumor de ameaça por todos os lados. As presas considerando-se offendidas, aproximaram-se á Cantadeira, e cercaram-na, revoltando-se contra o ascendente que tinha até então exercido sobre ellas.

— Chama-nos cobardes!

— Que direito terá ella para nos ralhar?

— Será ella por ventura mais do que nós?

Digitized by Google

— E' porque nós temos sido boas de mais para ella.

— E agora quer campar de senhora... comnosco.

— E que lhe importa a ella que nós joguemos a pella com a Monte-de-S.-João?

— Por isso mesmo havemos-de d'aqui em diante apoquentar-te ainda mais... ouves cara de mono?

— Toma, leva já para teu tabaco!... isto é a amostra do pano — disse uma dando-lhe um pontapé.

— E tambem tu, Cantadeira, se vieres metter o nariz onde não és chamada, has-de levar o pago.

— E' bem feito... é bem feito!

— Alto lá! — gritou a Loba — ainda é preciso mais alguma cousa... A Cantadeira ha-de-nos pedir perdão por nos chamar cobardes. Não ha outro remedio... porque se assim não fôr, daqui a pouco põe-nos o pé no pescoço... Bem basta o que basta... já temos sido tolas de mais, pelas contemplações que temos tido com ella!

— Vá! vá! Que nos peça já perdão!

— De joelhos!

— E depressa! joelhos em terra!

— Senão faz-se-lhe o mesmo que á sua protegida!

— De joelhos!... de joelhos!

— Com que então somos cobardes? heim?

— Torna a dizel-o, se és capaz!

Flor-de-Maria não mostrou o mais pequeno susto ao ouvir estes gritos furiosos: deixou passar a

Digitized by Google

tormenta, e logo que poude ser ouvida, lançou para as prezas um olhar tranquillo e melancolico, e respondeu á Loba que dizia com voz de trovão: Atreve-te a repetir que somos cobardes!

— Vós? por certo que não... cobarde é essa pobre mulher, cujo vestido rasgastes, e arrastastes pela lama depois de lhe terdes batido... Não vedes como chora, e como está a tremer só de olhar para vós? Torno a dizer, cobarde é ella... porque vos tem medo!

O instincto de Flor-de-Maria era felicissimo. Se ella invocasse a justiça, ou o dever para desarmar a raiva estupida e brutal das prisioneiras contra a Monte-de-S.-João, nem se quer lhe dariam ouvidos. Assim andou melhor: commoveu-as levando-as por aquelle sentimento innato de generosidade que nunca se extingue absolutamente, nem mesmo nas classes mais eivadas de corrupção. A Loba e as outras companheiras, ainda murmuraram, mas conheciam realmente que eram ellas as cobardes.

Flor-de-Maria não quiz prevalecer-se deste primeiro triumpho, e continuou:

— O vosso arre-burinho não merece compaixão, segundo dizeis: assim será; mas o seu filhinho! Não lhe doerão por ventura as pancadas que vós daes em sua mãe? Quando ella vos pede misericordia, não é para si, mas para o seu filhinho! Quando vos pede um pouco de pão, que vos sobra, porque tem mais fome do que o costume, não é para ella, mas para o filhinho! Quando vos supplica que lhe não es-

Digitized by Google

tragueis os farrapinhos que tanto lhe custaram a ajuntar, não é por amor della, mas por amor do seu filhinho! Essa toucasinha feita de retalhos, e forrada de estopa, que tanto vos tem feito rir, será na verdade... digna de riso: entretanto, a mim, só de olhar para ella dá-me vontade de chorar... Agora zombae de mim e da Monte-de-S.-João, se assim o quereis.

As prezas não se riram.

A Loba olhou até com ar triste para a pequena touca, que ainda não tinha largado da mão.

— Valha-me Deus — continuou Flor-de-Maria enchugando os olhos com as costas da sua nivea mão — eu bem conheço que vós não sois más... e que se martyrisaes a Monte-de-S.-João, é por não terdes que fazer, e não por crueldade... Mas não vos lembraes que são duas creaturas... ella e o seu filho. Se ella o tivesse já ao collo, elle então a protegeria contra vós: não só lhe não baterieis com medo de fazer mal ao innocentinho... mas até se elle tivesse frio, darieis a sua mãe tudo o que podesseis para o agazalhar; não é verdade, Loba?

— Assim é... pois quem se não ha-de condoer d'uma criancinha?...

— Não ha cousa mais natural.

— Se elle tivesse fome, até chegarieis a tirar o pão da boca para lho dar; pois não é assim, Loba?

— Sim; e com todo o gosto... eu tenho tão bom coração como qualquer outra.

Digitized by Google

— E todas nós faziamos o mesmo.

— Coitadinho do innocentinho!

— Quem teria animo de lhe fazer mal?

— Era preciso que fossem monstros!

— Ou creaturas desalmadas!

— Ou feras bravas!

— Bem dizia eu — continuou Flor-de-Maria — que não tinheis máo coração; antes pelo contrario sois boas, e a vossa unica falta é não reflectir que em lugar de ter a Monte-de-S.-João nos braços o seu filhinho para vos compadecerdes, tem-no no ventre... e eis ahi.

— Não — acudio a Loba com exaltação — não é essa a nossa unica falta. Vós, Cantadeira, tendes razão em dizer que somos umas cobardes... e vós é que sois valorosa em terdes ousado dizer-no-lo; e tambem o sois em não ter tremido depois de o dizer. Não ha remedio senão confessar, por mais que façamos e digamos, que vós *não sois uma creatura como nós outras*... E ainda que isto me não agrade muito, nem por isso é menos certo. Toda a razão está da vossa parte, e sois mais valente do que nós.

— E' verdade, é preciso ter muito valor para nos dizer assim verdades cara á cara...

— Mas que!... em vindo para nós com aquelles olhinhos ternos e meigos, estamos logo rendidas...

— São mesmo uns leões pequeninos.

— Pobre Monte-de-S.-João! de boa te livrou

Digitized by Google

a Cantadeira! bem lhe podes dar um pino de ouro!

— Mas verdade, verdade... o certo é que quando nós batiamos na Monte-de-S.-João tambem batiamos no filho.

— E eu nunca de tal me lembrei!

— Nem eu.

— Mas ahi está a Cantadeira que nada lhe escapa.

— E bater n'uma criancinha é uma acção detestavel!

— Nenhuma de nós tinha coração que tal fizesse.

Nada ha mais voluvel que as paixões populares, nem mais rapido e momentaneo que a sua transição do mal para o bem, e do bem para o mal. Umas poucas de palavras de Flor-de-Maria tinham produzido subita reacção a favor da Monte-de-S.-João, que chorava de ternura. Aquellas palavras tinham abalado todos os corações, porque, como já dissemos, as infelizes mulheres de que fallamos são singularmente accessiveis aos sentimentos da maternidade. A Loba, violenta e exaltada em tudo, de repente converteu a touca em sacca, metteu a mão na algibeira, tirou uma moeda de doze vintens, e lançou-a na touca, e mostrando-a ás suas companheiras, disse:

— Ahi vão doze vintens para ajuda do enxoval do filhito que tiver a Monte-de-S.-João. Nós mesmas é que havemos de talhar e cozer pelas nossas

Digitized by Google

mãos tudo o que fôr preciso para lhe não custar a ella nada...

— Está dito!... está dito!...

— Valeu!... dêmos todas alguma cousa!...

— Eu cá por mim estou prompta!

— Optima lembrança!

— Pobre mulher, coitada!

— Ella é feia como um monstro; mas é mãe como qualquer outra!

— A Cantadeira tinha razão: quem não chorará a bom chorar olhando para este enxoval de farrapos?

— Eu cá dou oito vintens.

— E eu um cruzado.

— E eu tres tostões.

— E eu seis vintens.... que não tenho mais.

— E eu que não tenho nada... vendo a minha ração de amanhãa, e entro para o monte com o que ella render... quem ma compra?

— Eu — acudio a Loba — e dou já oito vintens por ti... mas ficarás com a tua ração, e a Monte-de-S.-João terá um enxoval, que nem uma princeza.

Seria impossivel pintar a surpresa e o jubilo da Monte-de-S.-João: o seu rosto feio e grotesco, innundado de lagrimas, quasi parecia interessante. A felicidade e a gratidão resplandeciam em seu semblante.

Não era menor a satisfação de Flor-de-Maria, posto que teve de dizer á Loba, quando esta lhe apresentou a touca em que fazia a collecta:

Digitized by Google

— Não tenho dinheiro... mas trabalharei quanto poder...

— Oh! meu anjinho do paraizo! — exclamou a Monte-de-S.-João, cahindo de joelhos aos pés da Cantadeira, e pegando-lhe na mão para a beijar — que vos fiz eu para merecer que usasseis comigo de tanta caridade?... e tambem estas *senhoras*? Será possivel! Deus do céo!... um enxoval para o meu filhinho, um bom enxoval, um verdadeiro enxoval... com tudo o que é necessario! Quem poderia crer semelhante cousa?... eu enlouqueço, de certo... E ainda ha pouco era o batedouro de todo o mundo... e de um instante para outro... só com duas palavras que dissestes... com essa voz de serafim... converteram-se em umas santas, e já me querem bem. E eu tambem sou sua amiga... agora vejo que tem bom coração, e que me enfadava sem motivo.... Tenho sido uma tonta!... injusta!... e ingrata!... tudo o que faziam era só por se divertirem.... pois não me queriam mal... queriam-me bem... e senão, vejam; aqui está a prova. Ah! que ainda que agora me esfollassem víva eu não diria chús nem bús... Agora vejo que era muito pouco soffredora!...

— Temos tres moedas e um quartinho — disse a Loba logo que acabou de contar o dinheiro do peditorio, que tornou a deitar dentro da touca — Quem ha-de ser a thesoureira em quanto se não emprega o dinheiro? A' Monte-de-S.-João será asneira entregar-se, porque é uma pateta.

Digitized by Google

— Pois dae-o á Cantadeira que o guarde! — gritaram todas a uma voz.

— Se quizerdes seguir o meu conselho — disse Flor-de-Maria — deveis pedir á nossa inspectora, madama Armand, que se encarregue desse dinheiro para comprar o enxoval. E além disso, quem sabe? talvez que movida pela boa acção que acabaes de praticar... ella peça que se abatam alguns dias de prizão ás que tem boa nota... Porém dizei-me, Loba — accrescentou Flor-de-Maria agarrando no braço desta sua companheira — não estaes agora mais satisfeita do que quando ha bocado lançaveis ao ar os farrapitos da Monte-de-S.-João?

A Loba não respondeu immediatamente.

A exaltação generosa, que por um momento tinha animado seu rosto, converteu-se em uma especie de desconfiança feroz.

Flor-de-Maria olhou para ella com espanto sem comprehender o motivo de tão repentina mudança.

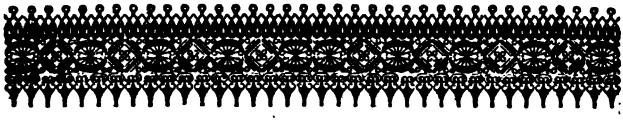
— Anda comigo, Cantadeira, temos que fallar nós ambas... — disse a Loba com ar sombrio.

E separando-se do grupo das prezas, affastou-se com Flor-de-Maria para perto do parapeito da cisterna que havia no meio do pateo: ao pé do parapeito havia um banco.

Sentaram-se nelle a Loba e a Cantadeira, e acharam-se deste modo sósinhas apartadas do bullicio das companheiras.

Digitized by Google

Digitized by Google



XXIV.

A LOBA E A CANTADEIRA.

Acreditamos firmemente na influencia que certos caracteres dominantes exercem sobre as massas do povo para adquirir a sua sympathia, e para as conduzir ao bem ou ao mal. Os mais ousados, indomitos e irritaveis dirigem-se ás paixões más, e sublevam-nas da mesma sorte que o furacão levanta a espuma do mar; porém estas tempestades são como todas as outras, tão ruidosas como ephemeras, e deixam após si um surdo rumor de tristeza e inquietação.

Esta funesta influencia estava, por assim dizer, personalisada na Loba.

Digitized by Google

Outras organisações que são mais raras, porque é preciso que a intelligencia fecunde as suas generosas inclinações, e que o seu espirito viva em harmonia com o seu coração; outras organisações, iamos dizendo, propendem para o bem, assim como as primeiras propendem para o mal. Sua acção salutar influirá suavemente no espirito, da mesma sorte que os raios temperados do sol vivificam os corpos da natureza... e que o fresco orvalho de uma noite de verão humedece a terra arida e abrazada.

Flor-de-Maria representava esta influencia benefica.

A reacção para o bem não é subita e violenta como a reacção para o mal. É uma reacção sobrehumana, ineffavel, que dilata e suavisa os corações mais endurecidos, e lhes inspira uma sensação de indiziivel serenidade. Este encanto chega desgraçadamente a cessar.

Os perversos chegam ás vezes a vislumbrar a luz da graça celestial, mas cahem logo nas trevas da sua vida ordinaria; e pouco a pouco se vão desvanecendo da sua memoria as suaves emoções, que por instantes os commoveram... Assim mesmo ainda ás vezes procuram recordar-se dellas vagamente, da mesma fórma que procuramos entoar as cantigas com que na ditosa infancia nos embalavam.

As companheiras da Cantadeira, por effeito da boa acção que esta lhes havia inspirado, acabavam de experimentar a doçura momentanea destes sentimentos, dos quaes tambem havia participado a Lo-

Digitized by Google

ba... Mas esta, por motivos que mais tarde diremos, devia por menos tempo que as suas companheiras estar sujeita áquella benefica impressão. Não pareça estranho que Flor-de-Maria tão passiva e dolorosamente resignada em outro tempo, obre agora e falle com tanto valor e authoridade, pois que as nobres lições, que recebêra durante a sua residencia na granja de Bonqueval, tinham desenvolvido rapidamente os raros dotes do seu excellente caracter. Havia chegado a persuadir-se de que não bastava chorar as faltas irremediaveis do tempo passado, e de que só fazendo boas obras, e inspirando-as, é que se consegue a rehabilitação moral.

. . . . . .

Já dissemos que a Loba se tinha assentado em um banco de madeira ao lado da Cantadeira. A reunião destas duas raparigas offerecia notavel contraste.

Os raios amortecidos do sol de inverno allumiavam este quadro debaixo de um céo puro e sereno semeado de pequenas nuvens brancas e vaporosas: alguns passarinhos attrahidos pela doce e suave temperatura gorgeavam seus melodiosos trinados nos obscuros ramos dos alamos do pateo; dous ou tres pardaes mais ousados que os outros vinham beber e banhar-se no pequeno arroio formado pela agua que corria do tanque cheio; um musgo verde cobria as pedras do parapeito, por cujas fendas sahiam em varios sitios algumas hervas e plantas parasitas, que a geada não tinha queimado. Talvez se

Digitized by Google

julgue pueril esta descripção do tanque da prisão, mas Flor-de-Maria tinha feito reparo em todas estas bagatellas: com os olhos fitos neste pequeno grupo de verdura, e na corrente bulliçosa e cristallina, em que se reflectia a vaporosa e inconstante alvura das nuvens que marchetavam o azul do céo... em que se refrangiam com luminosa irradiação os dourados raios do sol... pensava suspirando na magnanificencia da natureza que a encantava, que lhe inspirava tanto amor, tão poetica admiração, e da qual se via então privada.

— Que me querieis dizer? — perguntou a Cantadeira á sua companheira, que assentada junto della, se conservava triste e silenciosa.

— É preciso que nos expliquemos — disse a Loba com aspereza — isto não pode assim durar.

— Não sei o que com isso quereis dizer, Loba.

— Ainda ha bocado, alli no pateo, quando se andava ás voltas com a Monte-de-S.-João, tinha eu dito cá para mim: Não estou com disposições de ceder á Cantadeira... e com tudo fui, e cedi...

— Mas...

— Mas, torno a dizer, que isto não pode durar...

— Tendes de mim alguma razão de queixa, Loba?

— Sim, tenho que... não sou já a mesma depois que para aqui entrastes... não... nem em animo... nem em força... nem em valor...

Não quiz a Loba continuar, e arregaçou a

Digitized by Google

manga da tunica até ao hombro, e mostrando á Cantadeira um braço branco, nervudo, e coberto de cabellos pretos, fez-lhe observar na parte anterior uma pintura indelevel, que representava um coração rôxo atravessado por um punhal; e ao pé deste emblema liam-se as seguintes palavras:

MORRAM OS COBARDES! MARCIAL.
A. A M. (até á morte).

— Vês isto? — exclamou a Loba.

— Sim...; que horror, oh meu Deus! faz-me medo — replicou a Cantadeira desviando dali os olhos.

— Quando o meu amante Marcial me escreveu no braço com uma agulha em braza estas palavras: « *Morram os cobardes!* » foi porque me julgava valorosa; mas se soubesse o que tenho feito nestes tres ultimos dias, por certo que me cravaria um punhal no corpo, como o que atravessa este coração... e tinha razão, porque aqui está o que elle escreveu... *Morram os cobardes!* e eu sou uma cobarde.

— Mas que tendes vós feito de cobardia?

— Tudo...

— Peza-vos do bom pensamento que ha pouco tivestes?

— Sim.

— Oh! não suppunha eu que fosseis capaz...

**
—

Digitized by Google

— Digo-vos que me peza, porque é mais uma prova de que podeis mais do que ninguem. Parece-vos que me escaparam as palavras que vos disse a Monte-de-S.-João quando de joelhos vos agradecia?...

— Pois que disse?

— Disse que vós *nos convertieis* do mal para o bem... não sei como a não esganei quando disse semelhante cousa... porque quanto mais penso nisso, mais me capacito de que é a pura verdade. Sim, n'um abrir e fechar d'olhos vós nos fazeis de pretas brancas... e deixámo-nos ir atraz dos vossos ditos... e deixámo-nos enganar...

— Eu enganar-vos!... por fazer com que soccorresseis uma pobre mulher?

— Não é por isso — bradou a Loba accesa em ira — até ao presente ainda ninguem me fez abaixar a cabeça... Chamo-me Loba, e este nome quadra-me bem.... porque estas mãos já tem assignalado mais de uma mulher... e tambem mais de um homem... e não se ha-de dizer que uma fraca figura como vós sois, me pôz o sal na moleira...

— Eu!... como?

— Eu sei cá?... O que posso dizer é que no mesmo momento que aqui chegastes não fizestes caso algum de mim.

— Não fiz caso de vós?

— Já vos não lembra?.... Perguntastes quem queria o vosso pão, respondi primeiro que ninguem... a Monte-de-S.-João pedio-vo-lo depois de mim, e vós

Digitized by Google

preferistel-a... Enfureci-me com isto de maneira, que corri sobre vós, ergui a faca...

— E eu disse-vos: Matae-me se quereis... mas não me façaes soffrer muito... e eis-ahi o que se passou — replicou a Cantadeira.

— Foi tudo o que se passou?... é verdade que foi; não houve mais nada... e com tudo isso, só essas palavras foram bastantes para me fazer cahir a faca da mão... e pedi-vos perdão... apezar de me terdes offendido... E será isto uma cousa muito natural? O caso é que quando entro em contas comigo mesma, anda-me o juizo á roda! E porque razão disse eu na noite em que chegastes, quando vos pozestes de joelhos a fazer oração... porque razão, sim, disse eu, em vez de me rir, e de alvorotar o dormitorio em pezo: Deixal'-a; se ella reza, é porque tem direito para o fazer? E porque razão tambem tivemos vergonha de no dia seguinte nos vestirmos diante de vós?

— Eu não sei, Loba.

— De veras?! — replicou com ironia á violenta rapariga; — com que então não o sabeis? Ou por ventura julgaes que não sois feita da mesma massa que nós outras, porque a brincar vo-lo dizemos alguma vez?

— Nunca vos disse que acreditava tal.

— E' verdade que nunca o dissestes... mas procedieis como se o acreditasseis.

— Escutae-me, Loba, e...

— Não quero! bem basta o pezar que tenho

Digitized by Google

de vos ter dado ouvidos... e até de ter olhado para vós. Até ao presente a ninguem tinha inveja... e por duas ou tres vezes... forte cegueira! forte cobardia!... tive-vos inveja por essa cara de anjo, e por essa voz meiga e triste... Sim, até vos invejei pelos cabellos loiros e pelos olhos azues, quando eu sempre detestei o cabello loiro por o meu ser preto. E ter eu inveja, eu que sou a Loba... eu!... Ha oito dias tivera eu *assentado as minhas mãos* em quem me dissesse: « Não é muito para invejar a vossa sorte; andaes pezarosa como uma Magdalena.» Agora dizei, é isto por obra natural?

— Como podia eu saber as impressões que vos causo?

— Oh! vós bem sabeis o que fazeis... com esse ar de santinha.

— E que intenção posso eu ter?

— Eu sei cá? mas por isso mesmo que não sei é que desconfio de vós. Mas ainda aqui não *fica*: até agora sempre eu andava alegre ou enfadada... mas nunca *pensativa* e vós me tendes feito *pensativa*. E' certo; tendes dito algumas palavras que me chegaram ao coração a meu pezar, e que me tem feito pensar em mil cousas tristes.

— Muito sinto ter-vos causado tristeza... mas não me recordo de vos ter dito...

— Ora essa! — gritou a Loba colerica interrompendo a sua companheira — o que fazeis dá-me ás vezes tanto em que pensar como o que dizeis!... Sois tão maliciosa!...

Digitized by Google

— Não vos enfadeis, Loba... e fallae claro...

— Hontem reparei o que vos succedeu na casa de trabalho... tinheis a cabeça baixa, e os olhos fitos na costura, e vi cahir uma lagrima na vossa mão... Olhastes para ella por alguns momentos, e depois levastes a mão aos labios para beijar a lagrima, e para a enchugar: dizei que não!

— E' verdade — disse a Cantadeira fazendo-se corada.

— Isto parece uma bagatella... mas ao ponto em que vos vi tão afflicta e callada, deu-me volta o sangue, e não sei o que se passou no meu interior. E' caso para rir! Era o que faltava! que uma mulher como eu, tão dura como eu, que ninguem se gabará de me ter visto chorar... se pozesse agora a fazer lamurias só por vêr afflicta essa insignificante figura. Sim, é uma cobardia da minha parte, e a prova é que ha tres dias não escrevo ao meu amante Marcial, e não sei como anda a minha consciencia. Está decidido, a vossa companhia deitou-me a perder, e é preciso mudar de vida... isto assim não pode acabar bem... o dito dito, mais vale só que mal acompanhada... E sobre tudo não quero ser mais do que sou, para que ninguem zombe de mim.

— Estaes agastada comigo, Loba?

— Podéra não! e não me faz conta a vossa companhia! porque se isto assim continuasse, em lugar de me chamar Loba, deveriam chamar-me... *Ovelha*... Não sou mulher para assim me deixar ir;

Digitized by Google

e de mais a mais, Martial me despediria com vento fresco. Em uma palavra não quero ter mais trato nem contracto comvosco, e para isso vou já pedir que me mudem para outra sala. Se me não concedem, farei de modo que me mettam no calabouço; e lá me deixarei ficar até sahir daqui... Eis o que tinha a dizer-vos, Cantadeira.

Flor-de-Maria pegou com timidez na mão da nova companheira, que a olhava de revez, e disse:

— Acreditae-me, Loba... se vos interessaes por mim não é porque sois debil ou cobarde, mas sim porque sois generosa... Só os corações grandes e valorosos sabem e podem enternecer-se com a desgraça dos outros.

— Isto não é generosidade nem valor — replicou brutalmente a Loba — é pura cobardia... Alem disso eu não quero que digaes que eu me enterneci... porque não é verdade...

— Pois bem, não o tornarei a dizer;... mas já que me manifestastes esse interesse, haveis-de ao menos dar licença que eu viva agradecida.

— Que me importa a mim isso!... Esta noite já fico em outra sala... ou sosinha no calabouço, e não tardarei a sahir daqui.

— E para onde ireis então?

— Para minha casa... para o meu quarto na rua de *Pierre-Lescot*.

— E Marcial? — disse a Cantadeira, que desejava prolongar a conversa fallando á Loba de um

Digitized by Google

objecto que a interessasse; — Quanto vos alegrareis de o tornar ver!...

— Oh! de certo... — replicou a Loba com vehemencia. — Quando me prenderam entrava elle em convalescença de uma febre que o havia acommettido, porque anda sempre sobre o rio... Desesete dias e desesete noites não sahi d'ao pé delle nem um instante, e vendi ametade das minhas cousas para pagar ao medico e ao boticario... Não o digo por me gabar, mas se elle está vivo, a mim o deve. Ainda hontem accendi por amor delle uma vela benta, tolices!... porque não ha Deus nem diabo... mas não importa, ás vezes as velas da Semana-Santa tem provado bem nas convalescenças...

— E onde está agora Marcial? em que se occupa?

— Vive proximo á ponte de Asneiros... em uma ilha.

— Em uma ilha?

— Sim, vive alli com a sua familia, em uma casa no meio de um ermo. Anda sempre em guerra com os guardas do pescado, e quando vae no seu barco com uma espingarda de dous canos, não fico por quem se lhe chegar ao pé! — disse a Loba com ar de orgulho.

— E qual é o seu officio?

— *Pescar* de noite o que acha: e como é valente como um leão, se algum cobarde quer quebrar os queixos a outro, elle toma o partido do agredido, e...

Digitized by Google

— E onde é que tomastes conhecimento com Marcial?

— Em Paris. Elle quiz aprender o officio de serralheiro... bello officio, na verdade, e que lhe quadrava ás mil maravilhas... porque está sempre a gente rodeada de fogo, de ferro em braza, e de mil perigos; mas tinha má cabeça, assim como eu que o digo, e não podia viver em paz com os patrões: e além disso estavam sempre a lançar-lhe em rosto, que seu pae, e mais um irmão... mas isto não vem agora ao caso. Por fim de tudo, elle voltou para casa da mãe, que é mais má que as cobras, e entretem-se a foubar quem passa pelo rio. Vem-me ver a Paris, e eu vou vêl-o de dia á ilha do *Ravageur*, perto de Asneiros; e se fosse longe tambem lá iria, ainda que tivesse de ir de joelhos, ou de gatinhas, ou a nado, porque sei nadar como uma truta.

— Como sois feliz em ir para o campo! — disse a Cantadeira a suspirar — principalmente se como eu sois amiga de arvoredos e de prados.

— O meu maior gosto seria andar sempre com o meu rapaz pelo meio de matas... e quanto mais extensas melhor.

— Pelas matas!... e não tendes medo?

— Medo! forte disparate! pois de que ha-de ter mêdo uma loba? e quanto mais cerrada e deserta fosse a mata, tanto mais me agradaria. Uma choupana isolada em que eu podesse viver com Marcial, que se entreteria a caçar; ir com elle de noite

Digitized by Google

armar as rêdes para colher a caça... e depois se viessem os guardas para nos prender, recebel-os a tiro, por detraz de alguma ribanceira... Oh! que essa é que seria para mim a melhor vida!...

— Já vivestes em alguma mata?

— Nunca.

— Então quem vos metteu essas idêas na cabeça?

— Foi Marcial.

— E de que modo?

— Ia elle caçar á mata de Rambouillet, e accusaram-no de ter atirado a um guarda, que primeiro lhe havia atirado a elle: e não obstante não haver provas, Marcial teve de fugir. Foi então que veio para Paris aprender a serralheiro, e dahi é que tomei amizade com elle. Como era muito estouvado, não aturou, e voltou para Asneiros, para casa de seus paes, e deu-se á vida do rio, que é mais livre, e tem menos inconvenientes. Mas ainda agora tem saudades da vida do monte, e algum dia para lá tornará. E á força de me fallar nos matos e na caça, encheu-me a cabeça destas idêas, de sorte que já me parece que não nasci parà outra cousa. E digam lá o que disserem, mas a vontade dos nossos amantes deve ser a nossa... e se Marcial fosse ladrão, tambem eu seria ladra... porque dous amantes não são mais que uma alma em dous corpos.

— E vossos paes, Loba, onde vivem?

— Não sei delles...

— Ha muito que os não vistes?

Digitized by Google

— Não sei se vivem ainda, ou se já morreram.

— Foram talvez máos para vós?

— Nem bons, nem máos. Parece-me que teria eu onze annos, quando minha mãe se ausentou com um soldado. Meu pae, que era jornaleiro trouxe para casa uma amiga com dous filhitos que tinha, um de seis annos, e outro da minha idade. Ella vendia fructa pelas portas, e nos primeiros tempos viviamos todos bem; mas depois começou meu pae a tomar novos amores com uma regateira de ostras, e a outra amiga veio a sabel-o. Desde então havia todas as noites em nossa casa um barulho infernal; que nos enchia de mêdo, a mim e aos rapazes com quem dormia; porque só havia uma cama para os tres; e como a nossa casa só tinha um departamento, dormia tambem ao pé de nós meu pae com a amiga. No dia em que ella fazia annos ralhou muito com meu pae, porque lhe não deu nenhum presente: e de palavras passaram ás obras, de fórma que meu pae lhe rachou a cabeça com o páo da vassoura. Pareceu-me que seria aquella a ultima hora da tia Magdalena, que assim se chamava ella, porque cahio redondamente no meio do chão sem sentidos; mas tinha sete folegos como os gatos. Ella tambem desforrava-se grandemente das pancadas, que meu pae lhe batia; e de uma vez mordeu-lhe com tanta raiva, que lhe ficou um pedaço de carne nos dentes. Entretanto devo confessar que estas tragedias succediam poucas vezes no anno, eram como os *jogos d'agua* de Ver-

Digitized by Google

salhes; por quanto os dias de semana eram apenas celebrados com simples arranhadellas e contusões, sem chegar a haver sangue...

— E essa mulher tratava-vos mal?

— Qual historia! muito bem: tinha genio fogoso, e máos repentes; mas de resto era um anjo. Meu pae por fim enfastiou-se della, deixou-lhe os poucos moveis que tinhamos, e não voltou mais a casa. Elle era da Borgonha, e provavelmente foi para a sua terra. Nesse tempo teria eu quinze ou deseseis annos.

— E vós continuastes a morar com a amiga do vosso pae?

— Pois para onde havia-de eu ir? Ella tomou logo amizade com um pedreiro, que veio morar para nossa casa: e dos dous filhos da tia Magdalena, o mais velho morreu affogado na ilha dos Cysnes, e o outro foi aprender o officio de carpinteiro.

— E vós que fazieis em casa dessa mulher?

— Ajudava-a a conduzir a fructa que ella vendia pelas portas: fazia a comida, e levava o jantar ao seu amigo: e quando elle vinha borracho, o que acontecia quasi todos os dias, ajudava eu a tia Magdalena a dar-lhe pancadas, para nos deixar em paz, porque como já disse, viviamos todos no mesmo cubiculo. Quando estava bebedo era muito perigoso, porque queria então matar todo o mundo; de sorte que de uma vez, se lhe não tiramos um machado que tinha na mão, matava-nos a ambas.

Digitized by Google

A tia Magdalena ainda levou um golpe n'um hombro, que deitava sangue que nem uma fonte.

— E como é que chegastes a ser... o que somos? — disse Flor-de-Maria com certo acanhamento.

— Carlos, o filho mais velho de Magdalena, que morreu affogado, foi o meu primeiro amante, e quasi desde o momento em que sua mãe e seu irmão vieram para nossa casa: eramos então duas crianças. Depois delle foi o pedreiro, que me obrigou á força, ameaçando-me de me pôr fora de casa. Por outra parte eu receava que a tia Magdalena tambem me pozesse fora se chegasse a descobrir alguma cousa, como não tardou a succeder; mas como ella tinha bom coração, disse-me: « Visto que tens tão má cabeça, e já fizeste deseseis annos, e não serves para cousa alguma, nem tens juizo para ser criada de servir, nem para aprender um officio, anda comigo, e vem-te matricular na policia; como não tens paes eu ficarei por ti, e desta sorte terás um modo de vida authorisado pelo governo, que não te dará mais que fazer senão passear e divertir-te. Desta sorte não careço de ter cuidados comtigo, nem de te sustentar: que te parece? » — « Que me ha-de parecer? muito bem! nunca me tinha lembrado de tão bom expediente. » — Fomos logo ambas á secretaria da *moral* (1); e dahi foi-me recommendar a uma casa de *tolerancia*, e desde então fui uma das matriculadas da cidade. Ha cousa

(1) *Bureau des mœurs*, diz o texto.

Digitized by Google

de um anno vi a tia Magdalena em occasião que eu estava a beber um quartilho com um homem; offereci-lhe uma pinga, e disse-me que o pedreiro andava na calceta. Depois não a tornei mais a ver; mas ha pouco tempo, fallando eu não sei com quem, disseram-me que a tinham levado para a Morgue (1) haverá cousa de tres mezes. Tenho pena della, porque na verdade era boa mulher, muito sincera, e uma pomba sem fel.

Posto que Flor-de-Maria tivesse vivido em uma atmosfera de corrupção, como depois respirasse um ar mais puro, sentia uma dolorosa oppressão em quanto ouvia a historia horrorosa da Loba.

E nós, se tivemos o triste valor de fazer esta narração, foi só para que se saiba que por mais horrenda que pareça, ainda está muito abaixo de innumeraveis realidades.

Sim; a ignorancia e a miseria conduzem com demasiada frequencia as classes pobres a esta degradação humana e social.

Sim; ha um sem numero de covis em que dormem juntos sobre a mesma enxerga, como as feras nas suas covas, crianças e adultos, raparigas e rapazes, filhos legitimos e bastardos; e todos tem constantemente diante dos olhos exemplos de embriaguez de prostituição, de violencia e de morte.

(1) A *Morgue* é uma caza de deposito de mortos, para onde são levados os cadaveres que se encontram em Paris. Estão ali expostos tres dias em mezas de marmore, e são constantemente aspergidos com agua fria para evitar a corrupção.

Digitized by Google

E o INCESTO!!! o incesto commettido na propria infancia ou puericia augmenta o horror destes horrores.

Os ricos podem com véo mysterioso encubrir seus vicios, e respeitar a santidade do lar domestico.

Mas os artistas! ainda que honrados sejam, vivem quasi sempre em um só aposento com toda a familia, e como não tem camas nem espaço, deixam dormir juntos seus filhos, *irmãos com irmãas*... a poucos passos do *leito matrimonial*.

E se só com pensar nas consequencias fataes desta necessidade que os artistas pobres mas honrados não podem evitar, chegamos a estremecer, que succederá se pensarmos no que ha-de ter lugar com os artistas depravados pela ignorancia e relaxação?

Como não será espantoso o exemplo que derem a seus filhos abandonados, ou antes induzidos desde a mais tenra mocidade a ceder aos instinctos e paixões brutaes! Poderão taes creaturas ter a mais leve idéa do dever, da honra ou do pudor? e não serão tão estranhos ás leis sociaes como os selvagens do Novo Mundo?

Pobres creaturas corrompidas ao nascer, que nos carceres, aonde infallivelmente vão parar pela sua desoccupação e vadiisse, merecem esta grosseira e terrivel metaphora:

RATOS DE GALÉS!...

E esta metaphora é justa.

Digitized by Google

Quasi sempre se cumpre esta sinistra predicção: cada sexo tem o seu futuro, as galés, ou o lupanar...

Não é nossa tenção justificar agora as faltas de nenhuma classe.

Comparemos porém a degradação voluntaria de uma mulher, criada piedosamente no seio de uma familia rica, onde so vê exemplos nobres: comparemos essa degradação com a da Loba, creatura nascida e criada, para bem dizer, no vicio, por o vicio, e para o vicio, e que é mimoseada com a prostituição como modo de vida protegido pelo governo.

E isto é verdade.

E ha uma repartição publica em que isto se regista, e se certifica.

Uma repartição, na qual a mãe tem direito para authorisar a prostituição da sua filha, e o marido a prostituição da sua mulher...

E este lugar chama-se SECRETARIA DE MORAL!!!

— Não deve haver na sociedade um vicio de organisação, profundo e incuravel nas leis que regulam o matrimonio, para que o PODER... essa abstracção grave e moral, se veja obrigado, não só a tolerar, senão tambem a regularisar e proteger, para as fazer ainda mais perigosas, essas vendas do corpo e da alma, que pelos appetites desenfreados de uma população immensa, cada dia se fazem mais innumeraveis?

.....

FIM DO TOMO QUARTO.

Digitized by Google

Digitized by Google

INDICE

DOS CAPITULOS DO 4.° TOMO.

Capitulo	I	*O Templo*	5
	II	*A Descoberta*	21
	III	*A Apparição*	31
	IV	*A Prisão*	39
	V	*A Confissão*	55
	VI	*O Crime*	75
	VII	*A Conversação*	89
	VIII	*A Loucura*	103
	IX	*Jacques Ferrand*	119
	X	*O Escriptorio*	131
	XI	*O Visconde de Saint-Remy*	143
	XII	*O Testamento*	161
	XIII	*A Condessa Sara Mac-Gregor*	169
	XIV	*Carlos Roberto*	183
	XV	*A Duqueza de Lucenay*	191
	XVI	*A Denuncia*	205
	XVII	*Conselhos*	219
	XVIII	*O Estratagema*	231
	XIX	*Reflexões*	239
	XX	*Projectos futuros*	245
	XXI	*Almoço de Rapazes*	259
	XXII	*S. Lazaro*	279
	XXIII	*A Monte-de-S.-João*	299
	XXVI	*A Loba e a Cantadeira*	319

Digitized by Google

CORRECÇÕES.

Pag.	*Linhas.*	*Erros.*	*Emendas.*
12	12	sua curiosidade	sua curiosidade,
15	8	o tabellião ».	o tabellião. «
24	27	Clara	Clara,
40	2	disse —	— disse
63	12	contra o seu costume, sahio.	sahio, contra o seu costume,
80	1	Tenda	Tende
110	29	vosso irmãos,	vossos irmãos,
112	26	rombam.	roubam.
147	25	sobre a meza com o	sobre a meza o
161	7	a sua falla maviosa, e que o seu	e que a sua falla maviosa, e o seu
170	25	trinta conto	trinta contos
172	8	em a declarar recta	em o declarar recto
211	3	acceitei, a minha situação.	acceitei a minha situação,
216	26	Principe?	Principe!
228	11	e envilece	se envilece
249	18	ao copeiro?	ao copeiro.
»	30	proviso	improviso
253	26	em cada uma dellas	em cada uma das cartas
255	10	para para	para
»	30	singluar.	singular.
284	18	tão má companhia	em tão má companhia

Digitized by Google

OS MYSTERIOS DE PARIS.

Digitized by Google

Digitized by Google

OS MYSTERIOS DE PARIS.

Romance composto em francez

POR

M. Eugène Sue,

Vertido em Linguagem.

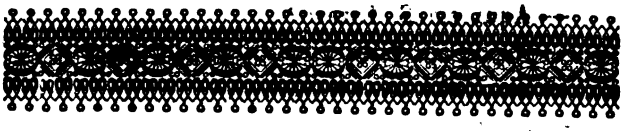
TOMO QUINTO.

PORTO:
TYPOGRAPHIA DA REVISTA,
Rua dos Ferradores n.° 31.

1845.

Digitized by Google

Digitized by Google



I

CASTELLOS NO AR.

Veneu por ultimo á Cantadeira a sensação que lhe tinha causado a triste confissão da Loba, e disse para ella com timidez:

— Vou fazer-vos uma pergunta, se vos não enfadaes.

— Veremos... já não tenho dado pouco á lingua, mas como é pela ultima vez que fallamos, não se me dá.

— Considerães-vos feliz, Loba?

— Que quereis dizer com isso?

— Se sois ditosa com a vida que tendes?

Digitized by Google

— Aqui em S. Lazaro?

— Não... em vossa casa... quando estaes livre.

— Sim, não me vae mal.

— Sempre?

— Sempre.

— E não gostarieis de trocar a vossa sorte por outra?

— Mas por qual, se não vejo no mundo outra a que eu possa aspirar?

— Ora, dizei-me, Loba — replicou Flor-de-Maria depois de um momento de silencio — não gostaes ás vezes ds fazer castellos no ar?... olhae que não ha nada melhor para passar um pouco de tempo na cadêa...

— Mas sobre que hei-de eu fazer castellos no ar.

— A respeito de Marcial.

— Do meu amante?

— Sim...

— Nunca me entretive com isso.

— Pois deixae-me imaginar um para vós e para Marcial.

— E de que me servirá isso?

— Para passar o tempo.

— Pois bem, vamos a ver o vosso castello no ar!

— Fazei de conta, por exemplo, que o acaso vos depara, como succede muitas vezes, uma pessoa, que vos diz: Abandonada de vossos paes, achastes-vos desde a infancia rodeada de tão máos exemplos, que me pareceis mais digna de lastima, do que culpada por terdes chegado a ser...

Digitized by Google

— A ser o que?

— O que somos... nós ambas — replicou a Cantadeira com voz meiga; e logo continuou: — Supponde que essa pessoa tambem vos diz: Uma vez que amaes Marcial... e que elle igualmente vos ama... deixae a má vida em que andaes.... e em vez de serdes sua amante, sede sua mulher.

A Loba encolheu os hombros.

— Eu creio que á excepção de ir caçar na tapada privilegiada, elle não tem commettido outra acção criminosa, não é assim?

— Não... porque se elle pesca no rio assim como caçava no monte, tem toda a razão. Não são por ventura os peixes de quem os apanha, assim como a caça? Acaso tem elles o sobrescripto do seu dono?

— Pois bem; supponhamos que tendo elle desistido do seu perigoso officio de pirata d'agua doce, quer converter-se em homem honrado: supponhamos mais que pela sua franqueza e resolução inspirava confiança bastante a um bemfeitor desconhecido, a ponto de este lhe dar um emprego... Vejamos agora; ainda que isto não passe de castello no ar; o lugar que lhe dá, é, por exemplo, de guarda-floresta... lugar que deve ser muito do seu gosto, porque é o mesmo officio, ainda que *para bem*...

— Por certo que sim; tudo seria viver na mata...

— Mas reparae, que só lhe dariam esse emprego com a obrigação de cazar comvosco, e de vos levar comsigo.

Digitized by Google

— De me levar comsigo, Marcial?

— Sim; pois não me dissestes já que serieis feliz vivendo com elle no meio dos bosques? E não acharieis melhor que uma má choupana de um caçador de taquara privilegiada, na qual viviricis como dous criminosos, uma casinha, de que serieis dona activa e cuidadosa?

— Estaes zombando... como seria isso possivel?

— Quem sabe? acontecem cousas ás vezes.... Porém isto não passa de castello no ar.

— É verdade; já me não lembrava: nesse caso vamos adiante.

— Parece-me que vos estou já vendo na casita da mata com vosso marido e vossos filhos... Como serieis ditosa! não é assim?

— Os filhos do meu amante?... gritou a Loba com exaltação — De certo que os havia de amar de todo o coração!...

— E haviam-de vos fazer companhia na vossa solidão; e quando já fossem crescidos começariam a fazer-vos alguns serviços, os mais pequenos ajuntando ramos seccos para vos aquecerdes, e os mais velhos levariam a pastar pela mata uma vacca ou duas, que vos dariam com que recompensar a actividade do vosso marido; porque tendo sido caçador criminoso, devia-de ser um excellente guarda-matas.

De certo.... Bravo! estou gostando!.... estou achando graça aos taes castellos no ar! Andae, ide dizendo, Cantadeira!

— Vosso amo estarja muito satisfeito de vosso

Digitized by Google

marido, e para prova disso dar-vos-ia um curral para criar gado, e uma horta; mas tomae conta, que havieis-de trabalhar a pé firme desde pela manhãa até a noite.

— Oh! se não é mais que isso, estando eu ao lado do meu amante nenhum trabalho me parecerá pesado... tenho bons braços...

— E não vos faltaria em que os empregar.... Ha tanto... tanto que fazer! Tem de se cuidar no gado, de se fazer a comida, de tomar os pontos á roupa; um dia é para lavar, outro dia para cozer o pão, outro para lavar a casa, para que os outros guardas digam: « Não ha mulher mais aceada que a de Marcial: a sua casa, desde a porta da rua até ás telhas do telhado está tão limpa que se pode lamber o mel nella... e os filhos!... andam sempre tão lavadinhos e tão bem vestidos!... Na verdade que não se encontra por estas redondezas outra mulher mais trabalhadeira do que *madama* Marcial... »

— E dizeis bem, Cantadeira, hão-de me chamar *madama* Marcial... — replicou a Loba com uma especie de orgulho; — *madama* Marcial!

— Que sempre vale mais do que o nome de Loba, não é verdade?

— E' claro que antes queria me chamassem o nome do meu querido, do que o de um animal... Mas por fim... tudo isto é uma loucura!... nasci *loba*... *loba* morrerei...

— Quem sabe?... quem sabe?... Já é meio caminho andado o não temerdes uma vida trabalhosa,

Digitized by Google

posto que honrada... Com que então parecer-vos-ia leve o trabalho?

— Oh! sim por certo: juro-vos que me não dariam muito que fazer o meu marido, e quatro tarecos pequenitos!

— Mas nem sempre havieis-de estar a trabalhar, porque tambem ha horas de descanço: nos sabbados á noite, em quanto vosso marido estiver fumando no seu cachimbo, ao mesmo tempo que limpa as armas e affaga os cães, podeis vós folgar alguns momentos.

— Folgar eu!... estar com as mãos debaixo do braço! Isso nunca! antes quero guardar para a noite os pontos na roupa da familia, ao pé da fogueira, porque assim não incommodo ninguem. São tão pequenos os dias de inverno!

A Loba escutando aquellas palavras da Cantadeira esquecia-se do presente, e entregava-se ao seu imaginario futuro com tão vivo interesse, como o que a Cantadeira tinha mostrado quando Rodolfo lhe descreveu a vida campestre da granja de Bouqueval. A Loba não occultava as inclinações selvagens que lhe tinha inspirado o seu amante, o que Flor-de-Maria não considerou; e recordando-se das risonhas pinturas que Rodolfo lhe havia feito da vida dos campos, e da impressão que isso lhe causara, quiz experimentar com a Loba o mesmo meio, julgando com razão, que se o quadro de uma vida laboriosa, pobre e solitaria movia o coração da sua compapanheira até ao ponto de a fazer desejar uma tal

Digitized by Google

vida, seria aquella mulher digna do seu interesse e da sua compaixão.

E cheia de satisfação, porque a escutava attenta a sua companheira, disse-lhe com ar de riso:

— E por tanto já vêdes, *madama Marcial*.... deixae-me chamar-vos assim. Que mal vos faço eu com isto?...

— Nenhum; antes me daes muito gosto... — A Loba tambem se sorrio quando disse isto, encolheu os hombros, e continuou: — Que tolices... andar *fazendo de senhoras*... como ss fôrámos umas criancinhas! Mas não tem duvida... seja como fôr, o caso é que me diverte isto. Dizieis vôs, que....

— Dizia, madama Marcial, que fallando nós da vida que passarieis de inverno no meio dos bosques, logo tivemos a infelicidade de começar pela peor estação.

— Qual historia! não o entendo eu assim.... Ouvir de noite assobiar o vento por entre os ramos nas arvores, e de quando em quando o uivar dos lobos, lá ao longe... ao longe... isso não me desagradaria, com tanto que estivesse junto da minha fogueira com o meu homem, e os pequenos, ou mesmo sósinha, quando meu marido sahisse de ronda... Nem tambem me mette mêdo uma espingarda quando se tratasse de defender os meus filhos... Oh! que para isso não me queria senão só; e então se veria se a Loba sabia ou não defender os seus lobinhos!...

— Para mim não é preciso, porque sei que

Digitized by Google

sois valorosa... mas eu que sou timorata, prefiro a primavera ao inverno. Ah! madama Marçial, não ha nada mais alegre do que a primavera, quando tudo reverdece, quando florecem as lindas flores dos bosques que exhalam tão suaves cheiros, e embalsamam o ar... vossos filhos deitar-se-hão a brincar sobre a relva nova, e a mata estará tão espessa, que difficultosamente se descubrirá por entre as ramas a vossa casa. Parece-me que daqui mesmo a estou vendo... diante da porta ha uma videira, plantada por vosso marido para dar sombra ao banco de relva onde dorme a sésta no verão, ao passo que recommendaes aos meninos que não façam barulho em quanto seu pae descança... Não sei se tendes reparado, que no verão ao meio-dia reina nos bosques o mesmo silencio que de noite, e não se ouve nem o ruido das folhas nem o cantar dos passarinhos.

— Isso tambem é verdade — replicou a Loba, que esquecendo cada vez mais a realidade, julgava ver ante seus olhos o quadro risonho que lhe apresentava a imaginação de Flor-de-Maria, em quem as formosuras da natureza produziam um amor instinctivo.

Animada a Cantadeira pela profunda attenção, com que sua companheira a escutava, tambem se deixou enlevar pelo encanto dos pensamentos que lhe occorriam, e disse:

— Ha uma cousa de que eu gosto tanto como do silencio dos bosques; é do susurro que fazem as

Digitized by Google

gotas da chuva no verão a cahir sobre as folhas; e vós tambem gostaes?

— Oh! se gosto!... é um dos meus maiores prazeres ouvir a chuva no verão.

— Quando as arvores, o musgo, a herva e tudo está bem molhado; que aroma tão fresco que exhalam! e depois quando vem o sol, e dá nas arvores, e faz scintillar as pequenas gotas d'agua que estão pendentes das folhas!... tendes reparado?

— Sim... e recordo-me porque mo lembrastes agora... Com effeito! vós pintaes as cousas tanto ao vivo, que parece mesmo que está a gente a vel-as... E depois explicaes-vos por tal arte, que isso que dizeis... parece que recende... e refresca... como a propria chuva de que estamos fallando.

— E não somos só nós que gostamos da chuva no verão. E os passarinhos? como andam alegres, como sacodem as pennas, e como cantam de contentes!... mas não terão mais jubilo que vossos filhos, que tambem andam livres, e saltam como elles. Não vêdes como ao pôr do sol os mais pequenitos correm a ir esperar o mais velho que chega com as vacas que voltam do pasto? olhae como elles pulam alegres apenas ouvem o tinir da campainha que a vitella traz ao pescoço!...

— Parece-me já que estou a vêr o mais novito escarranchado sobre uma vaca, e que o mais velho vem ao lado delle a segural'-o para não cahir.

— E o pobre animal caminha tão de manso como se conhecesse a mimosa carga que conduz...

Digitized by Google

Agora vamos á cêa: o vosso filho mais velho em quanto apascentava a manada colheu um cestinho de morangos que vos trouxe coberto de violetas do monte.

— Morangos e violetas... que linda cousa!... Mas donde diabo tiraes vós essas idêas, Cantadeira?

— Dos mesmos bosques, em que se criam os morangos, e florecem as violetas... e onde não ha se não vêr e apanhar... Mas fallemos agora da caza: começa já a anoitecer, e é necessario mugir as vacas; e preparar a ceia debaixo da ramada da porta; porque já se ouvem ladrar os cães do vosso marido, e logo depois a voz do dono, que apezar de fatigado vem cantando... E quem é que não cantaria quando na volta para caza, em uma bella noite de estio, traz o pensamento na sua querida mulher, e nos filhos que o esperam? não é isto verdade, madama Marcial?

— E' verdade, é; quem não ha-de cantar? — respondeu a Loba, ficando pensativa.

— Ou chorar de ternura... — continuou logo a Cantadeira commovida — E as lagrimas não seriam menos suaves que as cantigas. E quando a noite de todo se fechou, que prazer é estar debaixo da ramada, ao sereno... respirar o perfume das arvores... ouvir tagarelar as crianças... olhar para as estrellas do ceo!... Alarga-se então tanto, tanto o coração... que só rezando se desafoga... E como poderiamos deixar de dar graças ao que nos regala com a frescura da noite, com o aroma dos bosques, e com a suave claridade do ceo estrellado? Depois

Digitized by Google

desta oração vae a gente dormir socegada até ao outro dia; e novamente dá graças ao Creador... porque esta vida pobre e laboriosa, mas tranquilla e honrada, é a vida de todos os dias...

— Dizeis bem... de todos os dias!... — repetio a Loba, com a cabeça inclinada, os olhos pregados no chão, e o peito ágitado e opprimido, — Sim, devem-se dar graças a Deus por nos deixar ser tão ditosos com tão poucos meios...

— Ora agora, Loba, dizei-me — replicou Flor-de-Maria com ternura — não bemdiricis como a Deus aquelle que vos proporcionasse essa vida tranquilla e laboriosa, em lugar da vida miseravel que passaes pelas ruas de Paris?

A' palavra Paris dissipou-se repentinamente a illusão da Loba.

Na alma desta creatura tinha havido um fenomeno estranho.

Aquella pintura singella d'uma vida humilde e campestre, aquella simples descripção, illuminada ás vezes pelo suave resplandor da felicidade domestica, dourada pelos alegres raios do sol, refrescada pelo ambiente dos bosques, e perfumada com o aroma das flores silvestres, essa pintura tinha produzido no animo da Loba uma impressão mais profunda e duradoura, do que a melhor exhortação de moral abstracta.

Sim, ao passo que fallava Flor-de-Maria ia-se a Loba transformando em mulher trabalhadora, em em espoza fiel, e em mãe carinhosa e infatigavel.

Digitized by Google

Que triunfo para Flor-de-Maria! ter inspirado, ainda que não fosse por mais de um instante, a uma mulher violenta, immoral e aviltada, o respeito aos seus deveres, o gosto para o trabalho e uma profunda gratidão para o Creador, e isto só com lhe prometter o que Deus concede a todos, o sol do céo, e a sombra das arvores... e o que a sociedade deve ao trabalho, uma choupana, e o pão quotidiano!

Acaso o moralista mais severo, ou o mais vehemente prégador teriam alcançado um triunfo tão completo, fazendo resoar em monotonos sermões todas as vinganças do poder humano, e todos os raios do poder divino?

A ira dolorosa que se apoderou da Loba quando se desvaneceu a primeira illusão a que Flor-de-Maria a conduzio, mostrava a influencia das palavras desta sobre a sua desgraçada companheira; e quanto mais amargo e penoso era o pesar da Loba na transição desta consoladora illusão para os horrores da sua verdadeira condição, tanto mais claro e evidente era o triunfo de Flor-de-Maria. Depois de algum tempo de reflexivo silencio a Loba ergueu repentinamente a cabeça, passou a mão pela testa, levantou-se colerica e ameaçadora, e disse:

— Ahi está... tinha ou não tinha eu razão para desconfiar de ti, e para te não dar ouvidos?... eu bem adivinhava o que havia-de succeder... Porque fallastes desse modo? para zombares de mim? para me atormentares? Arrependida estou eu de te

ter dito que estimava viver nas matas com o meu amante!... Mas quem és tu... que assim me fazes dar volta ao juizo? Mal sabes o que fizeste, desgraçada... daqui em diante não pensarei n'outra cousa senão nessa mata, nessa casa, nesses filhos, e em toda essa felicidade que nunca virei a ter... nunca!... e se não posso esquecer-me do que me disseste, toda a minha vida será um supplicio, um inferno... e tudo por tua causa... por tua culpa...

— Deus o queira! tanto melhor! — replicou Flor-de-Maria.

— E ainda dizes que Deus o queira! — exclamou a Loba com gesto irado.

— Sim, Deus o queira! porque se a vida miseravel que agora tendes vos parece um inferno, haveis-de preferir a outra em que vos fallei.

— E para que me havias-de fallar nella, se não está talhada para mim? de que serve arrepender-me de ser miseravel, se miseravel tenho de morrer? — gritou a Loba cada vez mais irritada, agarrando com a sua robusta mão o delicado pulso de Flor-de-Maria — Responde... responde-me!... Para que me fizeste desejar o que eu não quero ter?

— Mas eu já vos disse que desejar uma vida honrada e laboriosa é tanto como merecel-a — respondeu Flor-de-Maria sem retirar a mão.

— Mas dado mesmo que eu me fizesse digna della, de que me serviria? que adiantava eu com isso?

— Ver realisado aquillo que reputaes um so-

Digitized by Google

nho — disse Flor-de-Maria com voz tão seria e convincente, que a Loba dominada outra vez por ella, soltou a mão da Cantadeira, e ficou petrificada.

— Ouvi-me Loba — disse Flor-de-Maria com modo compadecido — julgaes-me capaz de vos inspirar esses pensamentos e esperanças, a ponto de vos fazer envergonhar da vossa situação actual, se não contasse com meios para vos fazer sahir della?

— Vós? pois serieis capaz?...

— Eu... não... mas uma boa alma, grande e poderosa, como Deus.

— Poderosa como Deus!...

— Ha tres mezes, Loba, era eu uma creatura perdida e abandonada como vós. Um dia, esse de quem vos fallo com lagrimas de gratidão — e Flor-de-Maria enxugou os olhos — um dia encontrou-me, e sem se importar que eu fosse uma miseravel envilecida, dirigio-me palavras de consolação... as primeiras que em minha vida ouvi! Contei-lhe as minhas penas, a minha afflicção e a minha vergonha sem lhe occultar cousa alguma, assim como vós me contastes a vossa vida... E depois de me ter escutado, em vez de me reprehender teve compaixão de mim; em lugar de me lançar em rosto a minha degradação, apontou-me para a vida pura e tranquilla do campo.

— Assim vós agora me fizestes...

— E então pareceu-me tão espantosa esta degradação, como me parecia grato o futuro que me descrevia.

Digitized by Google

— Tal e qual a mim me parece!

— Sim, e tambem eu dizia como vós: «De que serve, oh meu Deus! fazer-me antever um paraizo, se estou condemnada a não sahir deste inferno?» Não tinha porém motivo de desesperar... porque esse, de quem vos fallo, é como Deus, soberanamente justo, soberanamente bom, e incapaz de fazer entrever uma esperança falsa a uma pobre creatura que a ninguem pede compaixão, felicidade ou esperança.

— E então que fez elle por vós?...

— Tratou-me como uma criança perdida, e enferma; estava, como vós, mettida em um charco immundo, e mandou-me respirar um ar salutifero e reparador: vivia no meio de gente odiosa e cheia de crimes, e entregou-me a creaturas feitas á imagem delle, que purificaram a minha alma e elevaram o meu espirito... porque, á semelhança de Deus, elle communica a todos os que o amam e respeitam uma inspiração da sua celeste intelligencia. Sim, Loba, se as minhas palavras vos commovem, se as minhas lagrimas fazem correr as vossas lagrimas, é porque o seu espirito me anima! se vos fallo de um futuro mais feliz que obtereis por via do arrependimento, é porque em seu nome vo-lo posso offerecer, posto que elle ignore a obrigação em que para comvosco me constituo! Finalmente, se vos aconselho que espereis, é porque elle nunca deixa de attender aos que querem melhorar de vida... porque Deus enviou-o a este mundo para manifestar a sua Providencia.

Digitized by Google

Via-se radiante e inspirado o rosto de Flor-de-Maria em quanto assim fallava; ás suas faces naturalmente pallidas subio uma ligeira côr de roza, e seus olhos azues despediam um dulcissimo fogo. A sua formosura era assim tão angelica e tão nobre, que a Loba commovida já pela pratica interior, olhou para ella com respeitosa admiração, e exclamou:

— Onde estou eu? estarei sonhando? eu nunca vi nem ouvi tal... isto não póde ser!... Mas vós quem sois? Ah! bem dizia eu que vós não ereis como nós outras!... Mas pois que sabeis fallar por tal modo... e uma vez que tendes tanto podér... e conheceis gente de tanta aquella... como é que succedeu estardes aqui preza comnosco?... Sim... sim... já sei... viestes aqui para nos tentar! Mas nesse caso quereis tentar-nos para o bem... como o inimigo máo nos tenta para o mal!

Ia Flor-de-Maria a responder, quando entrou a senhora Armand, que vinha para a conduzir á presença da marqueza de Harville.

A Loba ficou com visivel embaraço, e a inspectora disse-lhe:

— Gosto de ver que a presença da Cantadeira vos tem sido proveitosa, a vós e ás vossas companheiras... Já me chegou á noticia de que fizestes uma subscripção para a pobre Monte-de-S.-João: fizestes bem, Loba... fizestes uma obra de caridade, que vos ha-de ser levada em conta. Bem me parecia a mim que ereis melhor do que parecieis ser... A'

Digitized by Google

vista da boa obra que fizestes, parece-me que vos posso prometter que ficará reduzido a muito menos dias o tempo da vossa prisão.

A senhora Armand sahio com Flor-de-Maria.

. . . . . .

Ninguem estranhará a linguagem quasi eloquente de Flor-de-Maria, considerando que aquella natureza maravilhosamente dotada de raras faculdades se havia desenvolvido e aperfeiçoado com o ensino e educação da granja de Bouqueval.

Além disso Flor-de-Maria tambem tinha tido a escola da *experiencia*.

Os sentimentos que ella despertou no coração da Loba, tinha-lhos já inspirado Rodolfo em circumstancias quasi identicas.

Como ella julgasse ter descoberto uma boa inclinação natural em sua companheira, tratou de dar alento á sua honradez, provando-lhe, segundo a theoria de Rodolfo applicada á granja de Bouqueval, que era *conveniente* fazer-se honrada, e apresentando-lhe a sua rehabilitação moral debaixo de risonho aspecto...

E por esta occasião repetiremos, que nos parece insufficiente e pouco efficaz o methodo, porque ás classes pobres e ignorantes se inspira o horror ao mal e o amor ao bem.

Para as desviar do caminho do mal, ameaçam-nas com a vingança divina e humana, fazendo resoar incessantemente a seus ouvidos ruidos sinistros, taes como as chaves da prisão, o tinir dos ferros,

Digitized by Google

as algemas, e os grilhões da calceteria; e por ultimo, lá entre sombras espantosas, no remoto horisonte do crime, apresenta-se-lhes o algoz e a morte rodeada de chammas eternas...

Os meios de terror são constantes, formidaveis, horrendos...

Para o que faz mal... captiveiro, infamia, supplicio...

É justo que assim seja; mas por ventura confere a sociedade premios ou distinctivos honrosos a quem pratica virtudes?

Não.

Convida acaso a sociedade por via de remunerações beneficas, a serem pacificos e probos esses milhares de artistas, constantemente opprimidos debaixo do pozo do trabalho, das privações, e, quasi sempre, de uma profunda miseria?

Não.

Haverá ao lado do patibulo, a que sobe o criminoso, algum estrado a que suba o homem honrado?

Não.

É na verdade estranho o fatal o symbolo da justiça! representam-na cega com a espada em uma das mãos para castigar, e na outra a balança para pezar a accusação e a defeza.

Mas tal não é a imagem da justiça.

É a imagem da lei, ou antes a do homem, que conforme a sua consciencia condemna ou absolve.

A JUSTIÇA devia ter espada em uma mão, e na

Digitized by Google

outra uma corôa; aquella para castigar os maos e esta para recompensar os bons.

Então conhecoria o povo, que se havia castigo para o mal, tambem haveria premios gloriosos para o bem; em quanto que por ora busca em vão o *contrapezo* dos tribunaes, dos carceres, do degredo e do cadafalso.

O povo vê uma *justiça criminal*, composta de homens firmes, integerrimos, illustrados, occupados sempre em buscar, descubrir e castigar os delinquentes.

Não vê porem uma *justiça virtuosa* (1), composta de homens firmes, integerrimos, illustrados, e sempre dispostos a buscar e recompensar as pessoas honradas.

Tudo lhes diz: Temei!...

Nada lhes diz: Tende esperanças!...

Tudo os ameaça...

Nada os consola....

(1) Pouco depois de ter escrito estas linhas lêmos de novo o *Memorial de Santa Helena*, livro immortal, que, a nosso vêr, é um tratado sublime de philosophia prática; e nelle achamos a seguinte passagem, em que na primeira leitura não haviamos feito reparo. « Era com effeito um dos meus sonhos (falla o imperador) para logo que a guerra terminasse, e eu podesse prestar toda a attenção tranquilla e repousada aos negocios do Estado, arranjar uma Junta de homens verdadeiramente philantropos, daquelles que só servem para fazer acções boas. O meu plano era disseminal'-os por todo o imperio para que visitassem, e directamente me dessem conta do resultado das suas observações: estes homens seriam os meus espiões da virtude, os meus confessores, os meus directores espirituaes: e as decisões, que depois de os ouvir eu viesse a tomar; seriam as minhas boas obras occultas. A minha grande occupação, quando eu chegasse a estar tranquillo, seria melhorar a sociedade quanto fosse possivel; teria descido até aos gozos individuaes. » (T. V., pag. 100, edição de 1824).

Digitized by Google

O Estado gasta annualmente muitos milhões no esteril castigo dos crimes; e com esta somma enorme sustenta degradados, calcetas, cadafalsos e algozes.

Embora.

Mas quanto dispende o Estado na salutar e fecunda remuneração das pessoas virtuosas?

Nada...

Ainda falta outra consideração.

Quando no decurso desta narração chegarmos aos carceres de homens, faremos ver quantos artistas de irreprehensivel conducta se dariam por muito felizes, se chegassem a disfructar a situação material dos prezos, a quem nunca falta boa caza e bom sustento.

E apesar da sua dignidade de homens honrados, tão dolorosamente provada em uma larga vida de perigos e de trabalhos, não tem direito a aspirar ao bem-estar e aos gozos dos criminosos esses artistas, que á semelhança de Jeronimo Morel passaram toda a sua vida no meio do trabalho, da probidade, da resignação, da miseria e das tentações?

Não merecem estes que a sociedade se dê aó incommodo de os procurar, e quando os não recompense em honra da humanidade, que os sustente ao menos na vida laboriosa e difficil, em que com tanta coragem se empenharam?

E' por ventura mais difficil de encontrar o homem de bem, por mais modesto que seja, do que

Digitized by Google

o ladrão e o assassino... que a *justiça criminal* sempre descobre?

Digam embora que isto é uma utopia, mas é uma utopia consoladora.

Supponhamos por um momento uma sociedade, em que ao mesmo tempo houvesse *jurados para a virtude*, *e jurados para o crime*.

E um ministerio publico que desse a conhecer as acções nobres e as recommendasse á gratidão geral, do mesmo modo que hoje se denunciam os crimes á vindicta das leis.

Eis-aqui dous exemplos, *duas justiças*: digamnos-nos agora qual será mais fertil em consequencias e em resultados positivos.

Um homem matou outro para o roubar.

Ao romper do dia ergue-se a forca em sitio remoto, e corta-se o pescoço ao assassino na presença de uma populaça, que se ri do juiz, do reo, e do algoz.

Tal é a ultima despedida da sociedade.

Tal é o castigo que impõe ao maior crime que contra ella se pode commetter... tal é o maior exemplo, o maior desengano que pode offerecer aos olhos do povo.

O unico... porque nada serve de contrapezo a esse odioso espectaculo de sangue.

Nada... porque a sociedade não tem contraste algum benefico que opponha a esse funebre espectaculo.

Continuemos porem com a nossa utopia....

Digitized by Google

Não seria mais vantajoso, que o povo tivesse quasi quotidianamente diante dos olhos o exemplo de grandes virtudes altamente glorificadas, e MATERIALMENTE remuneradas pelo ESTADO?

Não seria elle constantemente indusido para o bem, se visse com frequencia, que um tribunal augusto, magestoso e venerando fazia comparecer ante si, á vista de uma multidão immensa, um artista pobre e honrado, de cuja larga vida, intelligente, laboriosa e cheia de honra se faria narração publica, dizendo-lhe:

« Trabalhastes, padecestes e lutastes mais que outro qualquer por espaço de vinte annos contra o infortunio... educastes a vossa familia nos principios da rectidão e da honra... tendes-vos *distinguido* por superiores virtudes, agora sereis glorificado e recompensado... A sociedade é vigilante, justa e poderosa, e jámais deixa em esquecimento o bem ou o mal, recompensando cada qual segundo as suas obras... O Estado confere-vos uma pensão para attender ás vossas necessidades. Cercado da estima e consideração publica vivireis vida tranquilla e commoda, que sirva aos outros de exemplo; e assim são e serão exaltados todos aquelles, que como vós, justificarem uma admiravel perseverança no bem, e derem evidentes provas de excellentes qualidades moraes. O vosso exemplo instigará muitos a imitar-vos; e a esperança fará mais suave o pezado jugo que a sorte lhes impõe na sua longa e ardua carreira. Animados por uma salutar emu-

Digitized by Google

lação, elles lutarão energicamente para cumprir os deveres mais penosos, a fim de que um dia mereçam a distincção e a recompensa que já se vos concedeu.»

Agora tornaremos a perguntar: qual destes espectaculos, o do assassino enforcado, ou o do homem de bem recompensado, obrará no animo do povo de um modo mais salutar e fecundo?

Muitas pessoas *delicadas* por certo se indignarão só com a idéa ignobil de conceder estas *remunerações materiaes* ao que no mundo ha de mais espiritual e ethereo; A VIRTUDE!

Combaterão uma tal idéa com toda a casta de razões mais ou menos filosoficas, platonicas e theologicas, e sobre tudo com as *economicas*, como, por exemplo, estas:

« O bem tem em si mesmo a recompensa....

« A virtude não tem preço...

« A satisfação da consciencia é a mais nobre das recompensas... »

E finalmente com esta objecção triumphante que não admitte replica:

« A FELICIDADE ETERNA QUE TOCA AOS JUSTOS NA OUTRA VIDA, DEVE SÓ POR SI BASTAR PARA OS RETER NO CAMINHO DO BEM. »

A isto responderemos, que a sociedade para intimidar e castigar os culpados não se fiou exclusivamente na vingança divina, que na outra vida lhes está reservada.

A sociedade antecipa o juizo final com juizos humanos...

Digitized by Google

Em quanto não chega a hora formidavel e inexoravel dos archanjos com armaduras diamantinas, das trombetas horrisonas, e das espadas de fogo, vae-se contentando modestamente... com os guardas de policia.

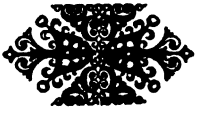
Tornaremos a repetir: Para aterrar os malvados, materialisa-se, ou para melhor dizer, reduz-se a proporções humanas, palpaveis e visiveis o effeito antecipado da colera celeste...

E porque não se antecipará tambem do mesmo modo a remuneração divina a respeito das creaturas virtuosas e honradas?

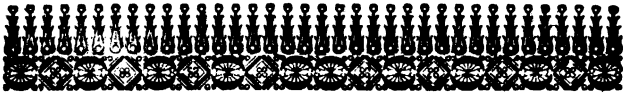
.....

Deixemos porém estas utopias inuteis, absurdas e impraticaveis, como verdadeiras utopias que são.

A sociedade vae assim tão bem!!! E senão perguntae-o a esses barrigudos que sahem do banquete com o andar incerto, o rosto affogueado, e o riso nos labios...



Digitized by Google



II

A PROTECTORA.

NTROU a inspectora com Flor-de-Maria na sala em que estava Clementina: a pallidez da rapariga tinha-se córado um pouco em virtude da conversação com a Loba.

— A senhora marqueza, movida pelas boas informações que de vós lhe dei — disse a senhora Armand para a Cantadeira — deseja fallar-vos; e talvez se digne interceder para que possaes sahir daqui antes do tempo prescripto.

— Agradeço-vos, senhora — respondeu timidamente Flor-de-Maria á inspectora, que a deixou só com a marqueza.

Digitized by Google

Vendo esta a candida expressão das feições da sua protegida, e o seu aspecto engraçado e modesto, lembrou-se logo que a Cantadeira tinha proferido em sonhos o nome de Rodolfo, e que a inspectora a suppunha apossada de um amor profundo e occulto. E ainda que Clementina não podia crer, que fosse o grão-duque Rodolfo o objecto deste amor, parecia-lhe com tudo que a Cantadeira era digna do amor de um principe...

A' vista da sua protectora, em cuja physionomia estava pintada uma incomparavel bondade, sentio a Cantadeira uma sympathia invencivel.

— Minha filha — disse-lhe Clementina — a senhora Armand gabou-me a doçura do vosso caracter e a exemplar prudencia da vossa conducta, queixa-se porém de serdes reservada para com ella.

Flor-de-Maria abaixou a cabeça sem responder.

— O vestido de aldeãa, que trazieis quando viestes prêza, e o silencio que guardaes ácerca do lugar em que vivieis, dão a entender que nos occultaes algumas circumstancias, que deveriamos saber...

— Senhora...

— Bem sei que nenhum direito me assiste para aspirar á vossa confiança, minha filha, nem pretendo fazer-vos perguntas importunas: affirmaram-me porém, que se eu sollicitasse o vosso livramento, não me seria difficultoso obter esta graça. Mas antes de levar isto a effeito desejava conversar comvosco a respeito dos vossos futuros projectos, e dos vossos

Digitized by Google

recursos. Quando vos vires livre.... que fareis?.... Se, como eu penso, estaes determinada a seguir a estrada da virtude, em que já entrastes, confiae em mim, e não duvideis que vos hei-de proporcionar meios honrosos de ganhar a vida...

Os olhos da Cantadeira arrasaram-se de lagrimas por ver o interesse que por ella tomava a marqueza de Harville.

Depois de um momento de hesitação respondeu-lhe:

— Dignaes-vos, senhora, mostrar-vos tão benevola e generosa para comigo, que devo talvez romper o silencio que guardava sobre o passado, apezar de um juramento que fiz!

— Um juramento!

Sim, senhora; jurei não revelar á justiça, nem ás pessoas empregadas na prisão, os motivos que aqui me conduziram; se vós porém me prometterdes...

— O que?

— Guardar segredo, podia eu então por meio de vós, e sem faltar ao meu juramento, tranquillisar umas pessoas respeitaveis, que de certo hão-de estar bem afflictas por minha causa.

— Podeis ficar certa de que nada mais direi, do que o que me authorisardes a dizer.

— Beijo-vos as mãos, senhora; eu estava tão receosa de que o meu silencio parecesse ingratidão!...

A doçura de expressão de Flor-de-Maria, e a sua linguagem quasi distincta, foram cousa de nova admiração para a marqueza.

Digitized by Google

— Confesso-vos, minha filha, que a vossa presença e as vossas palavras me enchem de assombro. Como é possivel que bem educada, como pareceis ter sido, chegasseis a?...

— A cahir em tanta degradação, não é isto que quereis dizer? — replicou a Cantadeira com amargura — Mas esta educação ainda ha pouco a recebi. É um beneficio que devo ao generoso protector, que à semelhança de vós, senhora... sem me conhecer... sem mesmo ter de mim as boas informações que vós já tendes, se compadeceu da minha desgraça...

— E quem é, esse protector?

— Não sei, senhora.

— Pois não o conheceis?

— Elle não se dá a conhecer senão pela sua bondade infinita: e dou graças a Deus por mo ter feito encontrar.

— E onde foi que pela primeira vez o vistes?

— Uma noite... na Cidade... senhora — respondeu a Cantadeira pondo os olhos no chão; — ao tempo que um homem me ia a fazer mal, este bemfeitor incognito defendeu-me valorosamente... Tal foi o nosso primeiro encontro.

— Era algum homem... do povo?

— Da primeira vez que o vi, assim parecia pelo trage e pela linguagem... mas depois...

— Depois, que?

— O modo porque me fallou, o profundo respeito que lhe tinham as pessoas a quem me con-

Digitized by Google

fiou, tudo me deu a entender, que elle tinha tomado o disfarce exterior desses homens que frequentam o bairro da Cidade.

— Mas com que fim?

— Isso não sei eu.

— E sabeis o nome desse protector mysterioso?

— Oh! sim, senhora — disse com exaltação Flor-de-Maria — louvado Deus não me canço nunca de bem-dizer e adorar esse nome... O meu bemfeitor chama-se Rodolfo, senhora...

O rosto de Clementina córou de repente; e perguntou logo com viveza:

— E não tem outro nome?

— Não sei, senhora... Na granja, para onde me levaram, só o conheciam pelo nome de Rodolfo.

— Que idade tem?

— É novo ainda, senhora...

— E é formoso?

— Oh! sim... formoso e nobre... como o seu coração.

O tom agradecido e apaixonado de Flor-de-Maria ao pronunciar estas palavras, produzio dolorosa impressão na marqueza de Harville.

Um inexplicavel presentimento lhe dizia que era o proprio príncipe.

Tinha por certas as observações da inspectora. A Cantadeira amava Rodolfo... e o nome delle é que ella a sonhar tinha proferido...

Em que extraordinarias circumstancias se teriam encontrado o principe e aquella desgraçada?

Digitized by Google

Para que teria ido Rodolfo a Cidade com disfarce?

Não era possivel á marqueza resolver estas questões. Recordava-se porém de ter ouvido Sara contar-lhe, maliciosa e falsamente, de algumas excentricidades de Rodolfo e da extravagancia de seus amores... E não era por ventura bem extravagante ter elle tirado do pó esta formosa rapariga, que á sua rara belleza unia uma intelligencia fóra do commum?

Clementina tinha qualidades nobres, mas era mulher, e amava profundamente Rodolfo, posto que estivesse decidida a levar para a sepultura este segredo no mais recondito do seu coração...

Sem se lembrar que isto podia muito bem ser uma das muitas acções generosas, que Rodolfo costumava fazer em segredo; sem pensar em que naturalmente confundia o amor com um sentimento de exaltada gratidão; sem reflectir, finalmente, que ainda quando este sentimento fosse mais terno, Rodolfo naturalmente o ignoraria, a marqueza comtudo no primeiro momento de amargura não poude deixar de olhar para a Cantadeira como para uma rival. Irritou-se o seu orgulho considerando que tão baixa e miseravel rivalidade a fazia padecer; e foi por isso que com semblante carregado e palavras seccas, que faziam cruel contraste com a affabilidade com que ao principio a acolheu, disse para Flor-de-Maria.

— Porque motivo porem o seu protector aban-

Digitized by Google

dona assim a menina, e a deixa aqui estar na prisão? Porque se acha ainda aqui?

— E Jezus!... senhora! — disse Flor-de-Maria com ar timido, assombrada desta mudança — em que vos offenderia eu?

— E em que me poderia a menina offender? — replicou a marqueza com modo altivo.

— Parecia-me que... ao principio... não vos mostraveis tão enfadad a, senhora....

— Então quer a menina que eu me cance a pezar as palavras, que lhe hei-de dirigir?... E já que tive a condescendencia de a tomar debaixo da minha protecção, julgo ter algum direito para lhe fazer certas perguntas...

Ainda bem não tinha Clementina acabado de dizer estas palavras, quando já estava arrependida da dureza dellas; e isto por mais de um motivo: em primeiro lugar pelos sentimentos generosos que eram do seu natural; e alem disso porque se lembrou que tratando com aspereza e mao modo a sua *rival*, podia talvez não chegar a saber della o que pretendia. E realmente no semblante da Cantadeira, até ali franco e expansivo, viam-se agora pintadas a timidez e reserva.

E assim como a sensitiva ao mais ligeiro toque fecha as suas folhas, e se contrahe toda... assim a dôr e a amargura comprimiram o coração de Flor-de-Maria.

A marqueza então para não inspirar suspeitas á sua protegida com mudança tão repentina, dirigio-se-lhe com voz mais carinhosa:

Digitized by Google

— Na verdade que me custa a perceber como estaes aqui preza, gabando vós tanto a bondade do vosso protector... Como é que, depois da vossa conversão, vós exposestes a ser preza de noite em um passeio publico?... Confesso-vos que acho isto muito estranho ... e depois... esse juramento que fizestes, e em virtude do qual tendes até ao presente guardado silencio ...

— O que eu disse, senhora, tudo é verdade...

— Creio isso ... basta só vêr-vos e ouvir-vos para conhecer que não sois capaz de mentir; mas por isso mesmo que a vossa situação é incomprehensivel, é que a minha curiosidade é maior, e até chega a ser impaciente; e a isto só, e a nada mais é que deveis attribuir a vivacidade das palavras que ainda agora vos dirigi. Ora pois!... confesso que não tive razão em me exceder; pois apesar de não ter direito algum á vossa confiança, a não ser o desejo que me anima de vos ser util, assim mesmo vós promettestes de me contar o que ainda a ninguem revelastes: e acreditae minha filha, que sinto a mais viva satisfação por esta prova da vossa fé no interesse que vos manifesto. Pela minha parte nada mais posso do que offerecer-me a guardar escrupulosamente o segredo, se consentirdes em mo confiar... e farei quanto em mim couber para que alcanceis o vosso intento.

Ao bem deitado deste *remendo* (perdoem a trivialidade), deveu a senhora de Harville a sua rehabilitação no animo da Cantadeira. E a ingenua

Digitized by Google

e candida Flor-de-Maria chegou até a arrepender-se de ter dado um sentido máo ás palavras, que a tinham offendido.

— Perdoae-me, senhora — disse ella a Clementina — eu bem vejo que não fiz o que devia em não vos contar immediatamente o que desejaveis saber; perguntastes-me porém o nome do meu salvador... e então não pude esquivar-me ao prazer que sinto em fallar delle...

— Não ha nada mais justo... isso prova a vossa gratidão... Dizei-me agora o motivo porque deixastes a companhia das pessoas honradas a quem esse senhor Rodolfo provavelmente vos entregou. Referir-se-ha por ventura a esse facto o juramento que fizestes?

— Sim, senhora; mas felizmente a vossa bondade permitte-me que sem faltar á fé jurada, eu informe agora da minha desapparição os meus bemfeitores, e os tire assim dos cuidados que ella lhes ha-de ter causado.

— Dizei então, minha filha; que eu vos escuto.

— Haverá tres mezes, pouco mais ou menos, que o senhor Rodolfo me collocou em uma granja, distante daqui quatro ou cinco legoas...

— E foi elle mesmo que para lá vos condusio?

— Sim, senhora... e entregou-me aos cuidados de uma dama cheia de bondade, e muito respeitavel, a quem eu amava como se fosse minha mãe... Ella e o cura da aldêa, a pedido do senhor Rodolfo, é que cuidaram da minha educação...

Digitized by Google

— E ésse... senhor Rodolfo ia muitas vezes á granja?

— Não, senhora... só lá foi tres vezes em quanto eu lá estive.

Clementina estremeceu de gozo.

— Mas dessas vezes que elle lá foi visitar-vos, ficastes muito alegre e contente... não é assim?

— Sim, senhora... quando o via eu sentia alguma cousa mais do que felicidade... era um mixto de gratidão, de respeito, de admiração, e até algum tanto de temor...

— De temor?

— Pois que! se a distancia delle a mim... e delle aos outros é tamanha!...

— A que classe pertence então esse homem?

— Não sei, senhora.

— Então porque fallaes na distancia que ha entre elle e os mais?

— Ah! senhora... o que o faz superior a todo o mundo é a elevação do seu espirito... é a sua inexgotavel generosidade para com os que soffrem... é o enthusiasmo que elle a todos inspira... Até os máos tremem ao ouvir o seu nome... e respeitam-no tanto como o temem... Mas, senhora, perdoae-me por vos tornar a fallar nelle... conheço que me devo callar... pois só vos posso dar uma idêa incompleta daquelle que só deve ser adorado em silencio... Séria querer exprimir com palavras a grandeza de Deus!

— Essa comparação...

Digitized by Google

— E' por ventura sacrilega, senhora.... Mas acaso será offender a Deus comparar-lhe aquelle que me inspirou a consciencia do bem e do mal; aquelle que me-arrancou do abismo... aquelle, finalmente, a quem eu dévo uma vida nova?

— Eu não vos levo isso a mal, minha filha; sei dar apreço a todas essas nobres exagerações. Mas dizei-me: como é que abandonastes essa granja, em que vos devieis considerar como muito ditosa?

— Ah! senhora, que não foi por minha vontade!

— Pois quem vos obrigou?

— Uma tarde, ainda não ha muitos dias — disse Flor-de-Maria estremecendo com esta recordação — ia eu para a caza da residencia do cura, quando uma má mulher, que na minha infancia me havia atormentado... e um homem cumplice della... embuscados ambos em uma quelha, lançam-se a mim, e depois de me terem entrouxado, deitaram-me para dentro de uma carruagem.

— E com que tenções?

— Isso não sei eu, senhora. Más parece-me que os que me arrebataram obedeciam a pessoas poderosas.

— Então que vos succedeu depois do rapto?

— Apenas a carruagem se pôz a caminho, a tal mulher infame, a quem chamam *Coruja*, começou a gritar: « Ainda bem que trouxe o meu vitriolo, vou deita-lo á cara da Cantadeira para a desfigurar. »

**

Digitized by Google

— Oh! que horror!... pobre pequena!... e quem é que vos salvou de tão imminente perigo?

— O cumplice da mesma mulher... um cego chamado *Mestre-Escola*.

— E elle tomou a vossa defeza?

— Dessa vez, por certo; e ainda outra ao depois... Travou-se então uma luta entre os dous, até que por fim o Mestre-Escola obrigou a Coruja a deitar fóra pela portinhola o frasquito do vitriolo. Este foi o primeiro serviço que me elle prestou, não obstante ter contribuido para o meu rapto... A noite era muito escura, e ao cabo de hora e meia parou a carruagem, e se me não engano, foi na estrada que atravessa a planicie de S. Dionisio, no qual sitio a estava esperando um homem a cavallo... que lhes disse: — E então! cahio o passaro no alçapão? — « Cá a trazemos » respondeu a Coruja ainda enfurecida por não ter podido desfigurar-me. — « Se quizerdes livrar-nos deste mostrengo, mãos á obra, ahi vo-la deito ao meio do chão, e farei que por cima da cabeça lhe passem as rodas da carruagem; cuidarão depois que morreu de desastre. »

— Que abominavel mulher!

— Ai, senhora! A Coruja era capaz disso, e de muito mais ainda. Felizmente o homem a cavallo respondeu-lhe que não queria que se me fizesse mal; e apenas pretendia ter-me encerrada dous mezes em sitio donde não podesse sahir nem escrever a ninguem. A Coruja então propoz que eu fosse levada para caza de um homem chamado *Braço-*

Digitized by Google

Forte, dono de uma taberna nos Campos Elysios, onde ha uns quartos subterraneos que me podiam servir de carcere, segundo ella disse. O homem a cavallo acceitou o alvitre, e por fim disse-me, que depois de ter permanecido por espaço de dous mezes em caza de Braço-Forte, tomaria a seu cuidado estabelecer-me de maneira, que não tivesse mais saudades da granja de Bouqueval.

— Que estranho mysterio!...

— O tal homem deu dinheiro á Coruja; e prometteu de lhe dar mais quando me tirassem de caza de Braço-Forte; e depois partio a galope. A nossa carruagem foi seguindo para Paris, e pouco antes de chegar á barreira disse o Mestre-Escola para a Coruja — Tu queres encarcerar a Cantadeira em um dos subterraneos de Braço-Forte; bem sabes que elles estando á beira do rio quasi sempre agora de inverno se acham cheios de agua... Pelo que entendo queres affoga-la — « E' como dizes » — respondeu a Coruja.

— Santo Deus! que mal tinheis vós feito a essa malvada mulher?

— Nenhum, senhora; e comtudo sempre desde a minha infancia me tratou com igual crueldade... Mas o Mestre-Escola replicou-lhe — « Não consinto que affogues a Cantadeira; não ha-de ir para caza de Braço-Forte. » — A Coruja ficou tão assombrada como eu por esta determinação daquelle homem; e cheia de horrivel colera jurou e tornou a jurar que me havia-de levar a caza de Braço-

Digitized by Google

Forte apesar do Mestre-Escola. — « Pois não ha-de ir — disse-lhe elle — porque a tenho aqui segura pelos braços e não a largo; e se para cá te chegas, esgano-te — Então que diabo pretendes tu fazer com ella? — gritou a Coruja — não vês que deve estar escondida dous mezes sem que ninguem saiba della? — Eu cá me entendo — replicou o Mestre-Escola; — vamos aos Campos Elysios, faremos parar a carruagem a pouca distancia de algum corpo-de-guarda; tu vaes procurar o Braço-Forte, e como já é meia-noite, de certo o encontras na taberna: traze-lo comtigo; elle então leva a Cantadeira, e apresenta-a á guarda, declarando que é uma rapariga do bairro da Cidade que elle encontrou junto da sua taberna. E como as matriculadas são condemnadas a tres mezes de reclusão quando se encontram fora de horas nos Campos Elysios, e a Cantadeira ainda está inscripta no registo da policia, prendem-na e levam-na para S. Lazaro, onde ella ficará tão bem guardada e tão escondida como nos subterraneos de Braço-Forte. — Mas — tornou a Coruja — a Cantadeira não se deixará prender; e logo que se vir no corpo-da-guarda vae dizer que nós a arrebatamos, e denuncia-nos. E suppondo mesmo que se deixa ir preza, escreve depois aos seus protectores, e descobre-se tudo. — Nada, não; ella ha-de-se deixar prender de boa-mente — acudio o Mestre-Escola — e até vae jurar que nos não denunciará a ninguem em quanto estiver em S. Lazaro, nem mesmo depois que de lá sahir; e estou

Digitized by Google

certo que ella não se ha-de negar a prestar o juramento que lhe exijo: tem obrigação para isso porque fiz com que tu lhe não queimasses a cara com o vitriolo, nem a levasses para caza de Braço-Forte para morrer affogada; mas se depois de ter jurado guardar segredo, commetter a imprudencia de fallar, iremos deitar o fogo á granja de Bouqueval, e matar quantas pessoas lá estiverem — E voltando-se depois para mim, accrescentou: — Então! que dizes? faz o juramento que te peço, e fica-te a cousa só em dous mezes de cadêa; senão entrego-te á Coruja, que te levará para os subterraneos do Braço-Forte, onde morrerás affogada; e ainda por cima iremos fazer das nossas á granja de Bouqueval... Anda... decide-te. Se fazes o juramento, estou certo que não faltas a elle.

— E vós, na verdade, jurastes?

— Pois que havia-de eu fazer?... tinha tanto receio de que fossem maltratar os meus protectores da granja! e alem disso estava possuida de medo de morrer affogada no subterraneo pela Coruja... isto horrorisava-me... Outra qualquer morte parecer-me-ia menos espantosa... e pode muito bem ser que não a tentasse evitar...

— Oh! que idêa tão sinistra, na vossa idade!... — disse a senhora de Harville olhando com assombro para a Cantadeira — Pois não vos considerareis bem feliz sahindo desta caza, e voltando para a granja, para a companhia dos vossos bemfeitores? O arrependimento não expiou já de todo as passadas culpas?

Digitized by Google

— Acaso pode o passado destruir-se? Poderá o passado ser esquecido? O arrependimento anniquilla por ventura a memoria? — exclamou Flor-de-Maria com tão doloroso accento, e tão desesperado, que fez estremecer Clementina.

— Olhae, infeliz menina, que todas as culpas podem ser remidas!

— E a memoria da infamia, senhora... não irá sendo cada vez mais terrivel ao passo que a alma se purifica, ao passo que o espirito se eleva? Ah, senhora! quanto mais se sobe, mais profundo parece o abysmo de que a gente sahio.

— Por esse modo parece que renunciaes a toda a esperança de rehabilitação e de perdão!

— Da parte dos outros... não, senhora: *e ahi* tenho eu a vossa bondade a provar-me que ha indulgencia para o remorso.

— Visto isso sereis a unica pessoa que deixará de vos perdoar?

— Os outros podem ignorar, perdoar e esquecer o que eu fui... mas eu, senhora, jámais o esquecerei.

— E tendes tido alguma vez desejos de morrer?

— Algumas vezes! — tornou a Cantadeira com um sorriso repassado de amargura. E depois de pequeno silencio accrescentou: — Sim, senhora... algumas vezes.

— Mas vós que temieis ser desfigurada por aquella má mulher, é porque daveis algum valor á vossa formosura: e então sempre fazeis da vida

Digitized by Google

algum apreço. Animo! minha filha, não desespereis!...

— Não duvido que isto seja em mim uma fraqueza: mas se acaso sou formosa, como dizeis, senhora, quizera morrer formoza pronunciando o nome do meu bemfeitor...

Os olhos da marqueza de Harville arrasaram-se de lagrimas.

Flor-de-Maria proferira estas palavras com tamanha singelleza; suas feições angelicas, e pallidas, o seu semblante abatido e o seu doloroso sorriso estavam tanto de acordo com as suas palavras, que não era possivel duvidar-se da ingenuidade de tão funesto desejo. A senhora de Harville era bem delicada para conhecer quanto tinha de inexoravel e de fatal este sentimento da Cantadeira:

Jàmais me esquecerei do que fui.

Idêa fixa, incessante, que devia dominar e amargurar a vida de Flor-de-Maria. Clementina, envergonhada de se ter um momento esquecido da generosidade sempre desinteressada do principe, arrependia-se de ter cedido ao impulso de uns zelos absurdos contra a Cantadeira, que tão ardentemente exprimia a gratidão que devia ao seu protector. Estranho parecerá, mas a admiração com que a infeliz preza fallava de Rodolfo, augmentava por ventura ainda mais o amor profundo, que Clementina não podia nem devia revelar-lhe.

Para fugir a estes pensamentos, dirigio-se á Cantadeira, dizendo-lhe:

Digitized by Google

— Espero que depois sejaes menos severa para comvosco. Vamos porém fallar do juramento: agora já explico o vosso silencio... Então não quizestes denunciar aquelles miseraveis?

— Não obstante ter o Mestre-Escola tomado parte no meu rapto, tinha comtudo sido por duas vezes o meu defensor... e então não queria mostrar-me ingrata.

— E annuistes ao plano de taes monstros?

— Sim, senhora... se eu estava tão atemorisada!... A Coruja foi em busca de Braço-Forte, o qual me levou ao corpo-da-guarda, dizendo que me tinha encontrado a rondar por ao pé da sua taberna, e como não neguei o facto, prenderam-me e trouxeram-me para aqui...

— Os vossos amigos da granja devem estar em grande inquietação!

— Ai! senhora, no meu primeiro atordoamento não reflecti que o juramento me impedia de os desenganar. Agora sinto-o de todo o coração... creio porém que sem faltar á minha palavra posso supplicar-vos que escrevaes a madama Georges, na granja de Bouqueval, para lhe dizer que não esteja com cuidado em mim, sem com tudo lhe declarardes onde estou, porque prometti de o occultar...

— Essa precaução será inutil, minha filha, dando-vos, como eu espero, a liberdade, que vou sollicitar. A'manhãa voltareis para a granja, sem que por isso tenhaes faltado ao vosso juramento: e depois consultareis com as pessoas vossas amigas,

Digitized by Google

para saber até que ponto vos compromette uma promessa extorquida com violencia...

— E julgaes, senhora, que pelo vosso empenho... poderei daqui sahir com brevidade?

— Sois tão digna de interesse, que estou certa de conseguir a vossa immediata soltura; e não devo duvidar que passado ámanhãa, quando muito, possaes ir em pessoa consolar os vossos bemfeitores...

— Ah! senhora! como vos posso eu merecer tantas bondades? e como vo-las poderei agradecer?

— Comportando-vos assim... A minha pena é não ficar á minha conta o vosso futuro estabelecimento, porque essa dita pertence de direito aos vossos bemfeitores...

Neste ponto entrou a senhora Armand com ar consternado, e com voz mal segura disse para Clementina:

— Senhora marqueza, sinto no fundo d'alma dar-vos a noticia de que sou portadora.

— Que dizeis, senhora?...

— O senhor duque de Lucenay está lá em baixo... vem da vossa casa...

— Oh meu Deus! fazeis-me assustar, senhora! Que é que succedeu?

— Não sei, mas o senhor duque diz que tem a dar-vos uma noticia... triste e imprevista...

— Uma triste noticia!...— repetio a senhora de Harville. E de repente accrescentou com accento desconsolado: — Minha filha!... minha filha... filha da minha alma... talvez!... Ah! senhora! dizei, fallae...

Digitized by Google

— Eu não sei nada...

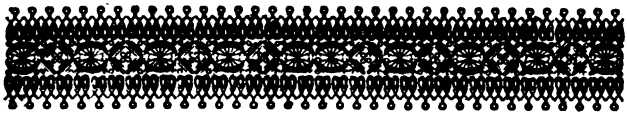
— Oh! por piedade, guiae-me aonde está o duque! — exclamou a marqueza sahindo do aposento, sem saber de si, e seguida da inspectora.

— Pobre mãe! que dor! que pena lhe dá a sua filha! — disse a Cantadeira, acompanhando Clementina com os olhos. — Ah! não... não é possivel! um golpe assim, um golpe tão fatal quando acaba de mostrar-se comigo tão nobre e tão benefica! Nada! não, não é possivel!

.....

.....

Digitized by Google



III

UMA INTIMIDADE POR FORÇA.

Levaremos agora o leitor á casa da rua do Templo, no mesmo dia do suicidio do marquez de Harville, pelas tres horas da tarde. O porteiro Pipelet, consciencioso e infatigavel trabalhador, estava sosinho no seu portal, todo entretido a restaurar a *bota*, que por mais de uma vez lhe tinha *cahido das mãos* quando foi a ultima atrevida rapaziada de Cabrion. Via-se abatido o semblante do casto porteiro, e muito mais melancolico do que o seu costume.

Ouvio-se de repente uma voz penetrante, que

Digitized by Google

partia de um dos ultimos andares da casa, e que fez resoar no caracol da escada estas palavras:

— Senhor Pipelet, acuda cá depressa, que está com uma dor madama Pipelet!...

— Anastacia!... — exclamou Alfredo erguendo-se da tripeça; mas logo se tornou a sentar, dizendo lá para si: — Forte criança sou eu!... não pode ser, a minha esposa haverá uma hora que sahio! Isso é verdade; mas tambem não podia ella ter já entrado sem eu reparar? Não é natural, mas é possivel.

— Senhor Pipelet, acudi depressa! que tenho a vossa esposa nos meus braços.

— Tem a minha esposa nos braços! — disse Pipelet levantando-se de repente.

— Não posso desapertar sosinho madama Pipelet — continuou a mesma voz.

Estas ultimas palavras produziram em Alfredo um effeito magico: horrorisou-se o castissimo porteiro, e poz-se-lhe no mesmo instante o rosto como uma romãa.

— O' lá!... gritou elle com voz de Stentor, sahindo logo do portal — em nome da honra vos conjuro que não desaperteis nada, que deixeis intacta a minha esposa!... Eu já cá vou. — E Alfredo correu para a escuridão da escada, deixando aberta a porta do seu quarto.

Ainda bem não tinha sahido do portal, quando entrou de repente um homem, pegou no martello do officio, saltou sobre a cama, e com quatro tachas

Digitized by Google

postas antecipadamente nas quatro pontas de um grosso cartão que trazia, pregou este na parede da alcova do porteiro, e sahio immediatamente. Isto foi feito com ligeireza tal, que apezar de Pipelet se lembrar logo que tinha deixado aberta a porta do quarto, e tornar por isso immediatamente atraz para a fechar e levar a chave, elle voltou e subio a escada, sem lhe passar pela idêa que tivesse alguem entrado no seu aposento. Tomada pois aquella medida de precaução, correu Alfredo a soccorrer Anastacia, gritando a bom gritar:

— Cá vou! cá vou!... Confio a minha esposa á salva-guarda da vossa delicadeza!

Tinha apenas subido alguns degráos, quando o pobre Pipelet ouve de novo a voz de Anastacia, mas não nos andares superiores, como esperava, mas sim no portal. Anastacia gritava com uma voz mais aguda e penetrante do que nunca:

— Alfredo! alma damnada! onde estás?... O portal sem ninguem!... abandonado!...

Alfredo estava já a pôr o pé no ultimo degráo do primeiro andar, e ficou petrificado, com a cara voltada para baixo, a boca aberta, os olhos espantados, e o pé no ar.

— Alfredo! — gritou de novo madama Pipelet.

— Se a minha Anastacia cá está em baixo... é porque não está lá em cima, nem está doente!... — disse comsigo o bom Pipelet, de accordo com a sua argumentação logica rigorosa. — Mas então... de quem seria o orgão varonil desconhecido que

Digitized by Google

me ameaçava de a desapertar?... é de certo algum impostor... que se quer divertir á custa da minha inquietação.... Mas que quererá elle com isto?.... Aqui ha cousa... Pois vou apparecer á minha esposa, e depois irei lá acima para esclarecer o mysterio e descobrir o tal orgão.

Pipelet desceu muito inquieto, e topou com sua mulher cara-a-cara.

— És tu com effeito? — lhe disse elle.

— É bem claro que sou eu; pois quem querias tu que fosse?

— Sim, és tu: os meus olhos não me enganam!

— Mas que é o que tu tens para arregalar assim os olhos, que parecem dous bogalhos? Parece que queres comer a gente com a vista!...

— É porque a tua presença me revela que se passam aqui cousas... que...

— Que cousas? Ora anda! dá-me a chave do nosso quarto: porque motivo sahiste tu, e deixaste o portal sem ninguem? Eu venho do escriptorio das diligencias da Normandia, aonde fui de carruagem levar a malla do senhor Bradamanti, que não quer que se saiba que parte esta noite, e que não se fia naquelle maldito garoto de Manquitó... e o mais é que tem razão!

E dizendo isto madama Pipelet tirou a chave das mãos de seu marido, abrio a porta do quarto e entrou adiante delle. Apenas o ditoso par se tinha recolhido ao seu cubiculo do portal, desceu um

Digitized by Google

individuo a escada com toda a ligeireza, e passou rapidamente pelo portal sem que o vissem. Era Cabrion que tanta inquietação tinha causado a Alfredo.

Deixou-se cahir na sua tripeça o mestre Pipelet, e disse para sua mulher com voz commovida:

— Anastacia... eu não sei que tenho que trago este meu corpo em continuo desasocego... aqui anda mão occulta... porque se passam cousas...

— Forte visionario!... então que tem?... passam-se aqui cousas como nas outras partes! Ora, deixa-te de asneiras... Mas que?... E Jesus! estás alagado... estás a suar ás bagadas!.... coitado de ti!... fizeste algum grande esforço?

— Sim, suo ás bagadas... e tenho direito a suar... — e o mestre Pipelet passou a mão pelo rosto banhado em suor — porque, em fim, succedem aqui cousas capazes de fazer suar um defuncto.... por um lado chamas-me lá de cima... por outro chamas-me cá de baixo... Sempre has-de confessar que isto é incomprehensivel.

— Diabos me levem se eu entendo alguma cousa dessa geringonça! Vamos ao caso; por fim de contas perdeste a tramontana, não é assim?.... a final hei-de-me convencer que tens teus descuidos... e tudo por causa daquelle maldito Cabrion, que má peste o mate!... Desde aquella ultima diabrura pareces-me outro; andas assim a modo de pasmado... Está visto que aquelle demonio ha-de ser sempre o teu pezadêlo!

Digitized by Google

Mal tinha Anastacia proferido estas palavras, quando occorreu uma cousa estranha.

Alfredo estava sentado com o rosto voltado para a cama.

O quarto estava allumiado pela pallida luz de um dia de inverno, e por uma lamparina. Ao clarão pois destas luzes duvidosas, o mestre Pipelet no momento em que sua mulher proferio o nome de Cabrion, pareceu-lhe ver na sombra da alcova a immovel e sardonica figura do pintor.

Era o mesmo, com o chapéo aguçado, as melenas compridas, o rosto magro, o riso satanico, a barba piramidal e o olhar fascinador... Pipelet ainda quiz suppor por um instante que seria sonho, e passou a mão pelos olhos para dissipar a *illusão*... Mas não era illusão, era uma real e verdadeira apparição... e para ser maior o espanto, não se via mais parte alguma do corpo senão a cabeça no meio da obscuridade da alcova.

Na presença desta visão, inclinou-se para traz o mestre Pipelet, estendeu os braços para o leito, e apontou para a terrivel apparição com um gesto cheio de tal espanto, que madama Pipelet voltou a cabeça para o mesmo lado, e participou do mesmo assombro, não obstante a sua habitual presença de espirito.

Retrocedeu dous passos, agarrou violentamente a mão de Alfredo, e exclamou:

— Cabrion!!!

— Sim!!!... — replicou Pipelet com voz suffocada e cavernosa, fechando os olhos.

Digitized by Google

O pasmo dos dous esposos fazia honra ao talento do artista, que tão admiravelmente havia retratado Cabrion. Anastacia porém, livre do primeiro sobresalto e já senhora de si, avançou como um leão, saltando acima da cama; e com quanto possuida ainda de certo terror, arrancou da parede o cartão que lá estava pregado.

A amazona coroou esta arrojada façanha lançando o grito de guerra, expressão sua favorita:

— Irra!...

Alfredo com os olhos sempre fechados, as mãos estendidas para diante, permanecia immovel, como sempre lhe acontecia em circumstancias criticas. A convulsiva oscillação do seu enorme chapéo era o unico movimento que revelava a violencia da agitação interna.

— Abre os olhos, meu querido velhinho — disse madama Pipelet com ar triumphante — olha que não é nada... é uma pintura... o retrato do malvado Cabrion!.... Queres tu ver como eu o pizo?!... — e Anastacia cheia de indignação arremessou a pintura ao meio do chão, e calcou-a aos pés, exclamando: — Assim! assim é que eu o queria calcar em corpo e alma... áquelle patife: — depois pegando no retrato: — Vê lá, olha como já o assignalei!...

Alfredo meneou a cabeça sem dizer palavra, mas dando claras mostras de querer que sua mulher lhe levasse para bem longe aquella detestada imagem.

**

Digitized by Google

— Ja viram um desavergonhado desta laia!... Ainda faltava mais esta... escreveu por baixo com letras vermelhas estas insolentes palavras: *Cabrion ao seu caro amigo Pipelet até à morte* — disse a porteira examinando o cartão com uma luz.

— Tem razão... *até à morte*... — replicou Alfredo — porque o que elle deseja é acabar com a minha vida... e consegue-o. Agora vivirei sempre em continuo susto; e sempre me estará a parecer que esse ente infernal está aqui... aqui ao pé de mim... na parede, no meio da casa, no tecto... de noite a ver-me dormir nos braços da minha esposa... e de dia em pé atraz de mim com aquelle seu riso satanico... E quem me diz que elle agora mesmo não está aqui... escondido e agachado a algum canto como bicho peçonhento? Falla! responde, monstro horrendo! estás aqui?... — exclamou o misero Pipelet, acompanhando esta furibunda imprecação com um movimento circular de cabeça, como de quem queria interrogar com os olhos todos os recantos do seu quarto.

— Cá estou, caro amigo! — respondeu em tom affectado a bem conhecida voz de Cabrion.

Esta voz pareceu sahir do fundo da alcova, em virtude da habilidade ventriloqua do pintor; por quanto este alma damnada estava da parte de fóra da porta do quarto disfructando todas as particularidades desta scena. Logo porém que disse aquellas ultimas palavras, teve a prudencia de se retirar, deixando comtudo, como logo se verá, um novo

Digitized by Google

motivo de ira, de pasmo e de meditação para a sua victima.

Madama Pipelet, que nas occasiões sabia ser valorosa e sceptica, foi logo procurar debaixo da cama, e por todos os cantos da casa, sem descobrir cousa alguma; sahio depois a ver o portal, e não foi ahi mais feliz na sua pesquisa. E em quanto ella andava nestas diligencias o nosso bom Pipelet, a quem este ultimo golpe fez inteiramente succumbir, deixou-se cahir na sua tripeça completamente anniquillado, e em estado de perfeita desesperação.

— Não está cá ninguem, Alfredo — disse Anastacia, continuando sempre a fazer de *espirito-forte*: — o patife tinha-se escondido ao pé da porta, e em quanto nós o procuravamos por um lado, escapou-se elle pelo outro. Paciencia! para outra vez o apanharei, e então... mais lhe valêra não ter nascido! hei-de-lhe metter a vassoura pela bôca abaixo!

Abrio-se a este tempo a porta do quarto, e entrou Serafina, ama de governo do tabellião Jacques Ferrand.

— Bons dias, senhora Serafina — disse Anastacia, que para encubrir os pezares domesticos a uma pessoa de fóra, tomou de repente um ar alegre e prasenteiro — Que ordena que lhe façamos?

— Antes de mais nada, dizei-me o que significa a nova taboleta?

— A nova taboleta?

— Sim, o pequeno rotulo...

— O pequeno rotulo?

Digitized by Google

— Valha-me Deus! aquelle cartaz preto com lettras encarnadas, que está dependurado á porta da casa.

— Vós que dizeis? na rua?...

— Sim, na rua, por cima da porta.

— Oh, filha da minha alma! que me comam os lobos se eu entendo palavra do que me dizeis; e tu, meu homem?

Alfredo não respondeu.

— Em uma palavra, o senhor Pipelet é a pessoa interessada, e a elle toca o explicar-me esta novidade — continuou Serafina.

Alfredo deu um gemido profundo, sem articular especie alguma de som, e abanou com o seu chapéo zabumba

Esta pantomima queria dizer, que Alfredo se reconhecia incapaz de dar uma explicação, porque a sua mente estava toda absorta na solução de um sem numero de problemas a qual mais intrincado.

— Não façaes caso, senhora Serafina — acudio Anastacia — este pobre Alfredo está com o seu flato; e quando assim está não serve para maldita cousa. Que cartaz porém é esse de que fallaes?... será o do botiquineiro que mora pegado?

— Nada, nada; não é isso; já vos disse que é um cartaz pregado mesmo por cima da vossa porta.

— Parece-me que estaes zombando...

— Não zombo: agora mesmo o vi quando entrei; e tem escripto em lettras gordas: PIPELET E

Digitized by Google

CABRION FAZEM COMMERCIO DE AMIZADE E OUTROS. QUEM PRETENDER, FALLE AO PORTEIRO.

— Santo Deus!... e isso está escripto... sobre a nossa porta?... tu ouves, Alfredo?

O desgraçado olhou estupefacto para Serafina: elle não comprehendia, nem queria comprehender cousa alguma.

— Com que então, está isso escripto... na rua... em um cartaz? — repetio madama Pipelet abysmada com este novo atrevimento.

— Tal e qual: agora mesmo acabo de o lêr, e disse com os meus botões: Caso raro! o senhor Pipelet, mestre sapateiro, e diz em cartazes a quem passa, *que faz commercio de amizade* com um fulano Cabrion... Aqui ha maniversia... e cousa occulta. Mas como tambem está escripto, que se *falle com o porteiro*, madama Pipelet me explicará o negocio, disse eu... Mas que tem vosso marido? — interrompeu Serafina — deu-lhe alguma cousa, de certo: acudi! se não, cahe da tripeça!

Madama Pipelet recebeu Alfredo em seus braços meio desmaiado.

Este ultimo golpe era tão violento que o mestre Pipelet perdeu quasi de todo os sentidos, e murmurou estas palavras:

— Infame! pôr-me em cartazes!!!

— Era o que vos eu dizia, senhora Serafina, que Alfredo estava com o seu flato... e para mais ajuda ha ahi um vadio devasso e dissoluto, que lhe vae minando a existencia a picadas de alfinete...

Digitized by Google

Este querido velhinho não lhe pode resistir! Felizmente ainda ali tenho uma pinga de agua-ardente de funcho, que o fará tornar a si...

E de véras, graças ao infallivel remedio de madama Pipelet, Alfredo recuperou os sentidos; mas apenas o desditoso voltou a si, uma nova e cruel provança o veio saltear.

Um sujeito de idade madura, bem vestido, e de parecer simples, ou para melhor dizer, tão papalvo, que não revelava pensamento algum ironico, como succede a esse typo parisiense conhecido pelo nome de *papa-moscas*, abrio a parte movel e envidraçada da porta, e disse com ar de visivel embaraço:

— Acabo de vêr escripto em um cartaz por cimada porta desta casa: *Pipelet e Cabrion fazem commercio de amisade e outros. Quem pretender, falle com o porteiro.* Fazeis vós o favor e a honra de me ensinar o que isto quer dizer, visto que sois o porteiro da casa?

— O que isso quer dizer!... — exclamou Pipelet com voz de trovão, dando finalmente largas ao seu comprimido ressentimento — quer dizer que Cabrion é um infame impostor... um infame!...

O papa-moscas retrocedeu um passo ao ouvir esta subita e furiosa explosão.

Alfredo exasperado, com os olhos chamejantes, e o rosto inflammado, estava encostado com as mãos á parte inferior da porta, e ametade do corpo fóra do quarto, ao passo que se divisavam vagamente no meio da obscuridade da casa as caras de Serafina e Anastacia.

Digitized by Google

— Ficae sabendo, meu senhor... — exclamou novamente Pipelet — que eu não tenho nenhum genero de commercio com esse brejeiro Cabrion, e o de amisade ainda menos!...

— Ora não está má!... Olhem o diabo do velhote com o que agora havia de cá vir! — disse da banda madama Pipelet, estendendo a sua cara de fuinha por cima do hombro do esposo.

— Madama — replicou o papa-moscas com ar cathegorico, e dando mais um passo á retaguarda — os cartazes são para se lerem; se os pondes á porta leio-os; *estou no meu direito*, e não me consta que vós tenhaes algum para me dizer uma grosseria.

— Grosseiro será vócê, *su* mandrião! — replicou Anastacia arreganhando os dentes.

— E vós sois uma villãa-ruim!...

— Alfredo! onde está o tirapé? deixa-me medir-lhe aquelles focinhos... para o ensinar a fazer troça, daquella idade!... Lapuz sem vergonha!

— Com que assim me insultaes, depois de vir guiado aqui pelo vosso cartaz! Ora deixae estar que a cousa não ha-de assim ficar.

— Mas, senhor!... — gritou o infeliz porteiro.

— Mas, senhor — interrompeu o papa-moscas fingindo-se zangado — commerciae quanto quizerdes em amizade com o vosso Cabrion; mas não o publiqueis em lettras garrafaes para chamar os que passam. Pelo que, me vejo obrigado a prevenir-vos de que sois um grande bruto, e que vou queixar-me ao commissario do bairro.

Digitized by Google

E o papa-moscas sahio todo irado.

— Anastacia — disse Pipelet com voz lastimosa — conheço que não posso resistir... estou ferido mortalmente... não tenho esperanças de escapar á sua teimosa perseguição. Bem vês que o meu nome anda associado ao daquelle malvado nos annuncios publicos... Atreve-se a publicar pelas esquinas que eu faço com elle commercio de amizade, e o publico dá-lhe credito, falla nisso, e espalha a noticia... é uma monstruosidade, uma enormidade, uma idêa infernal... Isto porém deve acabar... eu já não posso mais... ou elle ou eu havemos de succumbir na luta!... não ha outro remedio, um dos dous!

E vencendo a sua habitual apathia, Pipelet tomou uma resolução vigorosa; agarrou no retrato de Cabrion, e sahio pela porta fóra.

— Onde vaes tu, Alfredo?

— A casa do commissario... e de caminho levarei tambem o infame cartaz; e com elle n'uma mão, e o retrato na outra, clamarei perante o magistrado: Defendei-me! vingae-me! livrae-me de Cabrion!

— Assim, meu velho! assim é que eu gosto de te vêr: sacode-te, menêa-te; e se não chegas ao cartaz para o arrancares, diz ao visinho botiquineiro que te empreste uma escada. Ah! patife de Cabrion! que se eu te pilhasse, havia-de-te fritar na minha certãa: e com que gosto eu te veria prolongar a agonia!... Quanta gente não vae parar á forca com menos culpas do que elle! Brejeiro! quem mo déra vêr na praça de Greve! (1)

(1) Praça em Paris onde se arma o patibulo para os condemnados.

Digitized by Google

Alfredo deu nesta occasião solemne documento de sublime longanimidade. Não obstante os terriveis agravos que tinha de Cabrion, teve com tudo a generosidade de mostrar-se compassivo para com o seu verdugo.

— Não — disse elle — isso não; ainda que eu podesse, não pediria a sua cabeça.

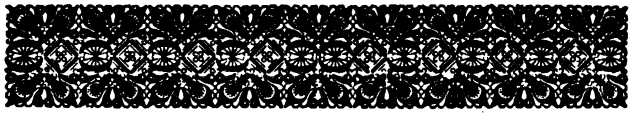
— Pois eu sim... sim... e muito que sim... árre! com o brejeiro!... — exclamou a feroz Anastacia.

— Não — tornou Alfredo — eu não sou sanguinario; mas tenho direito de reclamar a prisão perpetua desse ente malefico: o meu repouso e a minha saude assim o exigem... a lei deve-me conceder esta reparação... se não, sáio de França... da minha bella França. E eis-ahi o que se ganharia com a impunidade daquelle malvado.

E abysmado na sua dor, sahio magestosamente do cubiculo o interessante porteiro, como uma daquellas respeitaveis victimas da antiga fatalidade.

Digitized by Google

Digitized by Google



IV.

CECILIA.

ntes de referirmos ao leitor o colloquio de Serafina com a porteira, dir-lhe-hemos que Anastacia, que não tinha a mais leve noticia da virtude e devoção do tabellião, criticava com toda a energia a severidade com que elle tratára Luiza Morel e Germano. Ella naturalmente incluia Serafina na mesma reprovação; porém, como habil diplomatica, e por motivos que deixaremos para outra occasião, madama Pipelet disfarçava com apparente cordialidade a profunda aversão que nutria contra a ama do tabellião.

Digitized by Google

Depois que esta desapprovou seriamente o proceder insultante de Cabrion, disse:

— Vamos ao que importa; que é feito do senhor Bradamanti? Escrevo-lhe hontem uma carta, e não me responde; venho esta manhãa procural'-o, e não o encontro... mas agora espero ser mais feliz.

A porteira fingio-se admirada ao ouvir isto; e exclamou:

— Ui! parece que foi para o outro mundo!

— Que dizeis!

— Que o senhor Bradamanti ainda não voltou.

— Isto não se atura!

— E na verdade, que é para fazer a gente douda, senhora Serafina.

— E então, que tinha tanto que lhe dizer!

— Sinto de véras o desarranjo que vos faz.

— E muito mais porque tenho de excogitar algum pretexto para aqui vir; porque se o senhor Ferrand chegasse a desconfiar que eu fallava com um charlatão, mal sabeis o que por lá não iria, por que meu amo é muito escrupuloso e devoto!

— É como o meu Alfredo: nunca vi ninguem mais innocente.

— E não sabeis quando estará de volta o senhor Bradamanti?

— Creio que elle ficou de vir até ás sete horas; porque quando sahio deixou-me dito que se viesse procural'-o por essa hora uma pessoa, a quem cá mandou vir, a fizesse esperar, pois que não tardaria. Vinde por tanto á noitinha, que de certo o achareis em casa.

Digitized by Google

E Anastacia, disse logo com os seus botões: « Estás servida! daqui a uma hora, vae elle marchando para a Normandia. »

— Pois então virei á noite — disse Serafina com mostras de enfado; e logo accrescentou: — Mais tinha que vos dizer, senhora Anastacia... não sabeis o que vae a respeito daquella velhaca de Luiza, que todos suppunham muito honrada?

— Oh! não me falleis nisso — lhe tornou madama Pipelet muito compungida — porque só a lembrança de tal me faz arripiar os cabellos.

— Trouxe isto á collação só para vos dizer que estamos sem criada, e que se souberdes de alguma rapariga honesta e trabalhadeira, no-la mandeis sem falta... Isto de criadas está uma desgraça.

— Farei toda a diligencia por vos servir; e se tiver noticia de alguma, logo vo-la enviarei... Mas tambem deveis saber, senhora Serafina, que os bons amos custam igualmente a apparecer!...

E logo accrescentou Anastacia por entre dentes: « Fazes bem em esperar que eu te vá metter em casa uma desgraçada para a matares de fome, e lhe dares tratos de polé! Teu amo é um avarento sem alma nem consciencia, porque senão, não teria denunciado Luiza e o pobre Germano.

— Escuso de vos dizer — respondeu Serafina — que qualquer rapariga deve dar-se por muito feliz em ir servir para nossa casa; e só uma alma damnada como Luiza, é que se poderia depravar, depois do santo exemplo e dos conselhos que lhe dava o senhor Ferrand.

Digitized by Google

— Tendes razão... Ide descançada, que se eu soùber de alguma rapariga que vos convenha, *logo* vo-la enviarei...

— Tambem vos advirto — accrescentou Serafina — que o senhor Ferrand deseja que a nova criada não tenha familia, porque bem sabeis que não a tendo, escusa ella sempre de procurar pretextos para sahir de casa, e corre assim menos perigo; de sorte que meu amo preferiria uma rapariga orfãa; em primeiro lugar, porque seria uma obra de caridade recolhel'-a, e alem disso, como já vos disse, não tendo parentes nem familia, teria menos motivos para sahir... Essa desastrada Luiza deu ao senhor Ferrand uma lição que tarde lhe ha-de esquecer; e posso-vos certificar, madama Pipelet, que isso foi o motivo de ser agora *tão* escrupuloso a respeito de criadas... Nem se deve estranhar, porque, a fallar a verdade, semelhante escandalo em uma casa tão religiosa como a nossa!... Está bom; até á noite: quando fôr acima ao senhor Bradamanti, hei-de fazer de caminho uma visita á tia Galheta.

— Até á noite, senhora Serafina; e achareis sem falta o senhor Bradamanti.

Feitas as despedidas, retirou-se a ama do governo do tabellião.

— Forte empenho de querer fallar ao senhor Bradamanti! — disse madama Pipelet: — que terá ella que lhe dizer? E elle não está menos empenhado em a não vêr antes de partír para a Normandia. E o caso é que já estava com mêdo que a tal tia Serafina

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google